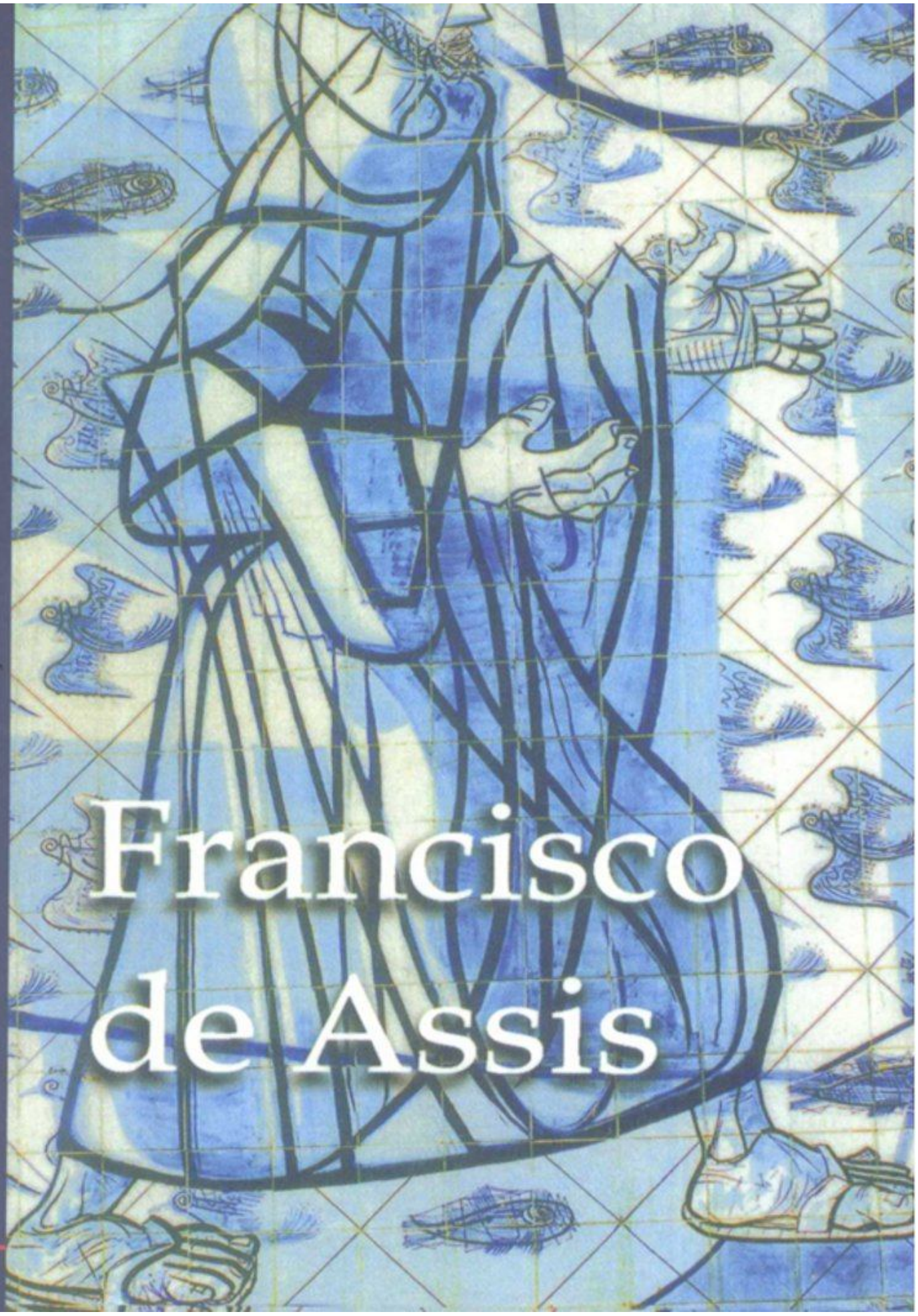
João Nunes Maia

Francisco de Assis



26ª edição

Miramez

FRANCISCO DE ASSIS
JOÃO NUNES MAIA (MIRAMEZ)

Dentre os fatos interessantes que aconteceram durante os períodos em que este livro foi recebido, achamos válido relatar o último, pela ilação evidenciada em várias passagens do personagem com os sofredores.

No exato momento em que o médium João Nunes Maia colocava o ponto final no último capítulo do livro, para à porta de sua residência um ônibus que transportava 40 hansenianos, provenientes de uma das diversas colônias existentes no Brasil que, percorrendo enormes distâncias, tinham vindo a Belo Horizonte para agradecer a cura e o alívio proporcionado por medicamento* que lhes fora enviado.

No interior da residência do médium, foram informados do ocorrido e grandes foram os momentos de emoção e alegria, proporcionados pela leitura de vários trechos em que o Amor era o agente da Esperança, nos caminhos de Dor.

Irmanados pelos eflúvios suaves que se formavam com a simples menção do Poverello, choraram médium e visitantes!... Nesse ambiente de paz e de luz, onde não faltou a presença dos benfeitores espirituais, foi feita a prece de agradecimento pela conclusão do livro e pelas graças recebidas.

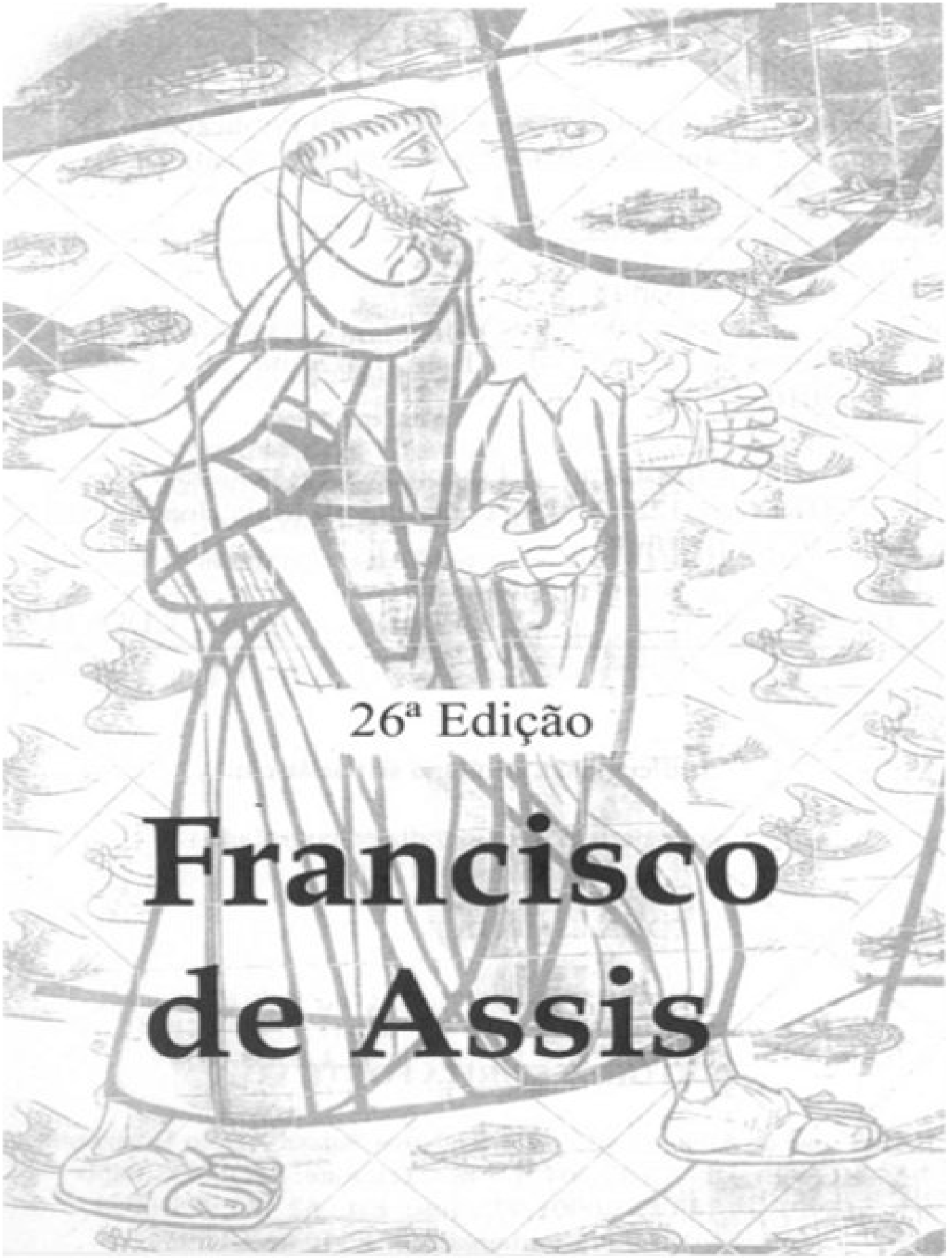
* Hoje identificado como sendo a Pomada Vovô Pedro.

A Editora

* * *

O livro Francisco de Assis é como um rasgo divino do véu que encobria acontecimentos a serem acrescentados a outros já conhecidos e registrados na história, que vieram ajudar na reforma de muitas almas, que aguardavam exemplos de luz para prosseguirem sua jornada pelo caminho da verdade.

Amigo e seguidor de Francisco de Assis na personalidade de Shaolin-irmão Luiz, Miramez, além de descrever lances desconhecidos da vida e da obra do Francisco de Assis, enfoca, com felicidade rara, dentro da filosofia reencarnacionista, a ação inestimável dos Espíritos enobrecidos pelas conquistas morais, na obra infinita do Criador, em colaboração direta com Jesus, na sublime direção deste planeta, que dotado de todos os recursos necessários, oferece estágio redentor aos recalcitrantes do equívoco, no cumprimento das Leis Divinas.



26ª Edição

Francisco de Assis

Agradecimento

A publicação deste livro somente se tornou possível mediante a colaboração inestimável de pessoas de boa vontade, nas várias fases de sua confecção.
Àqueles que tornaram possível esta edição especial, expressamos, também de forma especial, a nossa gratidão:

Associação Cultural Candido Portinari - Rio de Janeiro
João Candido Portinari
Center Foto - Belo Horizonte
Eduardo Rodrigues de Moraes - Belo Horizonte

Pelo esforço de todos em favor da divulgação dos postulados doutrinários e evangélicos o nosso reconhecimento.

A Editora.

Sumário

Prefácio
O Apóstolo João
Uma Cidade Diferente
Lembrar Cristo
A Estrela da Idade Média
Os Duzentos e Um
João Evangelista em Roma
A Família Bernardone
Simbiose Divina
Unidos para o Bem
Nasce Francisco
Despertar
Começa a Luta
Experiência Diferente

Pai e Filho
Cristo Fala
Os Primeiros Passos
O Papa e Francisco
A Comunidade Franciscana
O Servo Querido
O Encontro Sublime
Cura Divina
Francisco e o Papa
Sempre Convosco
Do Oriente ao Infinito
Pai Francisco no Monte Alverne
A Importância da Dor
O Triunfo do Amor

Prefácio

Para se falar sobre um Anjo toma-se necessário ser um Anjo também condição da qual estamos muito longe. Vamos dar leves traços sobre este livro que retrata a personalidade de Francisco de Assis, há oito séculos atrás.

O nosso companheiro Miramez escolheu alguns acontecimentos ocorridos com o *Poverello de Assis,* em uma sequência de quarenta e quatro anos e que foram quarenta e quatro anos de caridade, vividos no seio da humanidade, esta humanidade que ignorou a grandeza desta alma de esferas distantes, Espírito destinado a deixar um traço de união entre todos os seres que vivem e todas as organizações políticas e religiosas. O nosso amigo espiritual nos diz que este livro é uma simples anotação sobre a vida desse grande santo, que faz parte do colégio apostolar de Jesus Cristo.

Francisco de Assis viveu a mensagem do Evangelho de modo a consolidar a palavra *Amor,* fazendo-a sair da teoria e avançar para a prática do dia-a-dia. Não há jeito na Terra de se pensar e escrever sobre a Caridade, sem se lembrar do *Homem da Úmbria:* todos os caminhos por onde passou falam dele. Deixou impregnado no tempo e no espaço, nas coisas e na própria natureza, algo de divino, que somente o tempo poderá revelar no futuro, para a grandeza da fé. Não se pode lembrar dos hansenianos sem encontrar a

figura extraordinária de Francisco; não se pode falar da assistência social, sem que ele esteja no meio; não se pode referir ao amor, sem a sua benfeitora irradiação.
O Cristo operava no mundo pelas mãos desse *Anjo de Deus,* confortando os doentes, curando os enfermos, instruindo os ignorantes, fartando os famintos e vestindo os nus.

Dava sem receber e recebia distribuindo.
Amava sem exigências e, quando ofendido, amava o ofensor.
Abençoava a todos, e, quando apedrejado, servia mais.
Falava sem ferir, e, quando ferido, compreendia o revoltado.
Nunca se indignava e, quando em meio à revolta, orava em favor de todos.
Trabalhava e amava o trabalho.
Defrontando-se com a inércia, estimulava o labor.
Tinha como base da felicidade, a alegria.
Quando encontrava a tristeza, alegrava-se mais.
Não falava em doenças.

Quando encontrava enfermos, enfatizava a saúde, sem esquecer a fé. Ouvia em silêncio os que sofriam e falava quando a sua palavra fosse consolo ou paz.
Desejava o bem de todos, sem cogitar de onde procediam, para onde iam, a qual escola ou partido político pertenciam.
Não era dado a examinar procedências para servir, pois via a todos como filhos de Deus.

Este livro é uma bandeira de simplicidade, é um conjunto de regras fundamentadas nos preceitos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele abre uma compreensão mais vasta nos cambiantes da fraternidade pura, colocando os dois mundos em completa sintonia, para que a Caridade se saliente em todos os contornos da harmonia celestial. Mostra a natureza, enfocando o Criador em variadas operações, fazendo-0 expressar-se nos inúmeros reinos, nos quais tudo vive e busca o Belo, em demanda à perfeição.
Francisco de Assis mostra o quanto vale o Amor e faz a humanidade conhecer aquele Cristo de há dois mil anos, fundindo e refundindo todas as virtudes, na expressão que a Sua vida nos oferta. Francisco venceu a morte porque venceu as imperfeições, lutou contra os instintos inferiores e alcançou a vitória sobre os inimigos internos, consolidou os dons espirituais no coração e irradiou o Bem em todas as direções.

Foi bom, foi justo e honesto.
Foi feliz, trabalhador e irmão.
Foi perdão.
Foi manso, enérgico e compreensivo.

Foi caridoso, foi carinhoso e foi pai.
Foi tolerante, humilde e pastor.
Foi santo.
Foi místico e foi homem.
Foi Anjo,

porque cultivou um jardim de virtudes dentro do coração, na presença do Cristo e na lavoura de Deus.
Este livro ser-te-á alimento para o espírito e saúde para todos os corpos que o Senhor te emprestou.

Bezerra

Belo Horizonte, 19 de julho de 1982.

1
O Apóstolo João

João Evangelista, dentre os discípulos do Senhor, foi considerado o que mais se dedicou ao Mestre, pela força do Amor. Era bem moço quando assistira, juntamente com alguns familiares, às Bodas de Cana. O destino fê-lo acompanhar o Cristo nos seus mais difíceis testemunhos, assim como nas suas grandes alegrias. Presenciou várias curas fantásticas do Senhor, fez parte dos três no Monte Tabor; na agonia do Getsêmani, estava no Jardim das Oliveiras; assistiu às pregações mais profundas do Mestre, presenciou à Entrada Triunfal, subiu ao Calvário para se despedir do seu preceptor e, no topo mais dramático do mundo, recebeu como nova mãe, Maria, indicada pelo Divino Messias. O Evangelista não deixava de ser um predestinado. Espírito escolhido dentre muitos, chamado para a consolidação do Amor na face da Terra. Viveu junto dos homens quase um século, dedicando-se à vida cristã; foram mais de oitenta anos na pura exemplificação dos conceitos da Boa Nova do Reino. Surpreendeu a muitos outros grandes pela humildade e pela fé, e ao lado de toda a vivência das virtudes preceituadas por Jesus, carregava consigo como patrimônio sagrado, lúcida inteligência, que aplicava com os devidos cuidados, a serviço da coletividade.

Quando nasceu, Salomé foi tomada por uma chama de luz, presenciada por Zebedeu em estado de vigília, e se fez um clarão tão grande, que foi igualmente visto por muitos pastores, na madrugada da delivrance. A moradia ficou inundada de perfume nunca antes sentido por alguém da família, e um coro de anjos orquestrou sons, que os familiares puderam ouvir, como se fora o Céu descendo à Terra por misericórdia do Deus de bondade e de amor. Nasceu o menino que tomou o nome de João e que trouxe a primazia de ser cognominado o Evangelista - o profeta mais difícil de ser compreendido pelos homens, o apóstolo que teve a felicidade de

fechar o pergaminho de luz com o Apocalipse.

Sua mãe, certa vez, aproximou-se do Mestre Jesus e narrou para Ele os fenômenos que o acompanhavam desde o berço. Notara, sem medo de estar errada, que seu filho tinha uma tarefa em algo semelhante à do Cristo, e pediu com humildade, para que Ele o abençoasse, escolhendo também Tiago, para que pudessem assentar, cada um ao Seu lado, no reino de Deus. Tiago e João aproximam-se do Mestre, decididos, ficando cada um de cada lado, concretizando o pedido da mãe. Cristo, fixando os Seus grandes olhos nos de Salomé, respondeu serenamente:

- "Não compete a mim decidir, deixar ou não que os teus filhos se assentem ao meu lado, na marcha que se propuserem caminhar na Terra e no Céu. Eis que cada um de nós haveremos de testemunhar diante de Deus e de nossa consciência o que aprendemos. No entanto, se eles suportarem tomar comigo o cálice amargo, preparado para mim há milênios, rogaremos ao Nosso Pai Celestial que os mantenha em minha companhia, para que a felicidade aumente em meu coração, e a tua vontade será satisfeita, se for esta a vontade de Deus".

Antes de compreender seu apostolado junto de Nosso Senhor Jesus Cristo, João parecia um moço impetuoso, deixando extravasar uma cachoeira de energias, num cinetismo dificilmente compreendido pelos homens, pois era o impulso esquematizado, desde sua gênese, para que no futuro o Evangelho fosse sustentado pela sua conduta grandiosa. Teve a oportunidade de conhecer todos os discípulos na conjuntura doutrinária e conviver com eles nas suas mais difíceis reações. Acompanhou Paulo em várias viagens, testemunhando na própria came as dificuldades de se fazer conhecido o Cristo, entre as feras humanas. Depois da ida do Mestre para as esferas resplandecentes, mediu, pesou e sentiu que, de fato, assentar-se ao Seu lado não dependia de um sim ou de um não do Divino Amigo, mas sim da vivência do Amor os que buscam esse reino. Várias vezes esteve às portas da morte, chegando até a perceber alguns ângulos da outra vida e ouvir conselhos do outro plano, no tocante à resistência, à paciência, à humildade e ao amor para com aqueles que ainda desconheciam a Verdade. Cada vez que sofria o aguilhão de

dor por Sua causa, restabelecia-se com mais ânimo e enfrentava as dificuldades com mais esperança, tendo sempre Deus como a única divisa de salvação para todos os ideais e o Cristo como o Pastor Inconfundível que libera as consciências para a vivência na luz.
João Evangelista cresceu em sabedoria e virtude. Experimentou a fome muitas vezes, sem se amedrontar. Sentiu na pele chagas de várias procedências, sem que elas o esmorecessem na difusão do Evangelho. Não fez distinção de vestes para o seu apostolado sublime. Teve em mente somente o Amor.
Quando soube que Tiago havia sido morto de maneira drástica pelos opositores da Boa Nova, ao invés de se abater, incorporou-se aos ideais do seu irmão, e sentiu dentro do peito um grito no coração mandando que avançasse, porquanto seus ombros pesavam dois compromissos. Quando foi participado da ida de Pedro a Roma e, posteriormente, da sua crucificação pelos romanos que ainda queimaram o seu corpo, ao invés de temer a fúria dos inimigos, incorporou-se à fé do apóstolo pescador em novas frentes de trabalho. E quando Paulo, a sua maior esperança, terminou seus dias também em Roma, João, que se encontrava num sítio, arregimentando forças para novas pregações, prostrou o rosto em terra chorando, e em súplica buscou a Jesus, para que não desamparasse a família cristã, que crescia em número, dia-a-dia, carecendo de um pastor visível no mundo; desce do céu uma luz sobre sua cabeça e ele ouviu nitidamente uma voz, já bem sua conhecida:

- "Continua incorporado às forças e às virtudes, aos dons e ao amor dos que se sacrificaram em meu nome. Nenhuma criatura ficará só, porque Deus é Justiça, e acima da Justiça, Ele é Amor". Assim, desse dia em diante, João tornou-se uma imantação energética. Quando um dos seus companheiros de apostolado sucumbia, aumentava o seu vigor, por saber que era a vontade de Deus e que seria uma semente enterrada em solo fértil, e que daquela vida poderiam nascer milhares de outras por lei da Divindade, e que o Evangelho se tomaria mais conhecido pelo fenômeno da fé.
Depois que Maria, mãe de Jesus, foi levada para a pátria espiritual, João se transformou definitivamente num andarilho do Cristo, propondo maneiras grandiosas às almas sofredoras e tristes. Alimentava uma alegria íntima, como se tivesse um sol ergastulado no coração. Ao falar, representava a voz de outras esferas, aproveitando na oportunidade, os canais do seu verbo, lógico e clássico, simples e divino ao mesmo tempo. Em torno de si avolumava-se em profusão, magnetismo superior. Na dinâmica do Amor, distribuía a verdadeira felicidade em todas as dimensões. Dormia em plena natureza e sentia-se como se estivesse em mansão espiritual.
Roma, que se sentira feliz e vitoriosa pela morte de alguns discípulos de Jesus, mandou várias missões ao encalço de João, não para exterminá-lo visivelmente, mas por algum respeito ao profeta e por sutileza política. Muitos, em secreto, o acompanhavam habilmente como presa, para, na hora certa, dar o golpe mortal e libertar Roma do jugo

incômodo, pois ele era a Verdade que se expandia por amor às criaturas. Os seus principais discípulos foram Policarpo, Papias, Inácio e Pátius, dos quais falamos, porquanto herdaram do Mestre de Efeso o amor mais acentuado. Mas, na verdade, foram milhares de seguidores que testemunharam o aprendizado pelo exemplo dignificante do Evangelista, que venceu a morte em todos os seus mais duros testemunhos.

* * *

Além dos fatos já conhecidos sobre os fenômenos da natureza que reagiram contra os perseguidores dos cristãos, ocorreram muitos outros que a história não relatou, por negligência dos homens.

No ano 60 da era cristã, reuniram-se nas adjacências de Roma procedentes de várias localidades, os discípulos mais destacados de Jesus, dado ao interesse de Paulo em divulgar, em Roma, o ideal da Boa Nova. Certa noite, numa encosta rochosa na qual a natureza formara espécie de amplo salão, falava, sob a luz das estrelas, um tribuno de sangue romano de nome Gamerino, que se convertera pelas mãos abençoadas do apóstolo Pedro, que curara seu filho às portas da morte. Dissertava ele sobre as curas efetuadas pelos homens santos, sob a influência do Cristo e sobre as possibilidades de paz no mundo inteiro, pela extensão do Evangelho por toda a Terra e a todas as criaturas. E, para tal empreendimento - dizia - nós somos instrumentos. Centenas de pessoas ali reunidas ouviam, magnetizadas pela fé, a palavra de Deus, da boca daquele homem, tocado pela luz.

O exército romano, já de sobreaviso, aguardava o momento exato de aprisionar todos de um só golpe. A Águia voava para o bote mortal. No entanto, os centuriões que comandavam as tropas encarregadas de matar e prender, não repararam que, acima da Águia de Roma, os pássaros do céu vigiavam os missionários do Cristo. Nem bem bradaram a ordem de ataque, relâmpagos cruzaram-se em todas as direções do campo, atingindo os perseguidores. Como se fossem atacados por fios de alta tensão, quase quinhentos soldados do Império caíram ao chão, inconscientes. Os poucos que permaneceram de pé, assombrados, voltaram com a notícia de que o poder maior de Roma tinha de se abalar e ter os cristãos como magos negros, pois que a própria natureza os defendia. Terminado o culto, os cristãos passaram por eles, que ainda dormiam profundamente.

Eis porque eles temiam João, remanescente dos primeiros discípulos do Mestre, e porque o seu nome era uma viga mestra da doutrina do Nazareno.

* * *

Certa feita, tendo caído João prisioneiro, com muito cuidado, foi levado à Ilha de Patmos, pelos agentes de Roma. O ancião, simples e alegre, obedeceu aos algozes, como cordeiro

à voz do pastor. Sem maltratá-lo fisicamente, impuseram-lhe ordens severas, procedentes do Império. Ora, Patmos era uma ilha pequena, formada de secreções de antigos vulcões, de mais ou menos trinta quilômetros de circunferência, lugar terrivelmente desprovido de vida vegetal e animal - havia escassez de tudo. Era um mundo desconhecido, todavia, o amor é pedra filosofal que tudo transforma, e João começou a viver na ilha como se estivesse num paraíso.

Os guardas de Roma, de vez em quando, eram substituídos por outros, e João crescia cada vez mais no Amor. Quase todos os soldados com os quais conviveu nesta pequena região cercada de águas, castigada pelo sol abrasador, se convertiam ao Cristianismo e passavam a ouvi-lo com grande admiração e respeito. Participavam até altas horas da noite da conversações do profeta, que não demonstrava cansaço. Apoderava-se dele um vigor inexplicável nas argumentações evangélicas, historiava a vida do Cristo como se O estivesse vendo, e, de quando em vez, um leve perfume se fazia presente no ambiente, com as estrelas se tornando mais vivas e o céu mais lindo.

Certa feita, o vidente de Patmos passeava pelas encostas da ilha, sentindo a natureza responder a todas as suas interrogações. Conversava animadamente com alguém, esquecendo-se de que estava acompanhado por dois agentes de Roma, que vigiavam seus passos, por ordem do Império. Já que não podiam matar o agente da luz - antena mais apropriada para captar as mensagens do mundo espiritual - que ficasse, pelo menos, isolado do resto do mundo. Os soldados ficavam sobressaltados, pois João era constantemente visitado pelos velhos companheiros de sacrifícios em todo o movimento cristão. Falava com Pedro, Tiago, Barnabé, Maria, Filipe e tantos outros que o precederam na jornada para o além. Ajudavam-no a melhor compreender os desígnios do Senhor e, por vezes, o próprio Mestre o visitava, travando com ele conversações acerca da vida e do seu apostolado junto aos homens.

Mas não era somente isso. João, no exílio, aprendera uma ciência mais profunda - que somente daqui a algum tempo os portadores de conhecimento espiritual compreenderão - a interpretação da linguagem dos outros reinos. As próprias pedras, descobrira ele, têm vida e respondem ao carinho e ao amor, quando estes se intercalam em sua faixa, por hábeis pensamentos e sentimentos cuja tônica dominante é o Amor. As árvores sentiam com João, alegria e tristeza, dependendo do estado em que o apóstolo se encontrasse, e com elas ele fazia experiência no ambiente solitário que a vida lhe emprestava para viver. Falava para os peixes sobre a vida de Cristo, com mais entusiasmo do que quando discursava para os homens, e eles o ouviam como se tivessem entendimento. Dialogava com o vento e pedia com humildade que levasse sua fala, e a de todos os mensageiros do Cristo, para os lugares que dela carecessem, para os enfermos e para os aflitos. O vento tinha a felicidade de penetrar lugares em que o homem jamais pensava ser ouvido. E João arrematava deste modo:

- Vento amigo, inspira as almas de bem e tranquiliza as feras humanas: tu és agente de vida como bênção de Deus.

E, muitas vezes, era soprado ruidosamente pelos ventos que, certamente, davam a entender que ouviam seu pedido, pois uma inteligência superior os dirigia na renovação dos ambientes da Terra, purificando o magnetismo que se expande por todo o globo. Os dois homens que nunca o deixavam só, e que ouviam quase todas as confabulações do apóstolo com a natureza e com o Espíritos, começavam a entender o motivo da vida no seio do mundo.

O velho João, passado a ser chamado na ilha de Pai João, atendia afavelmente a todos os pedidos de esclarecimento, por parte dos soldados romanos. Um deles, após ouví-lo atentamente nos relatos das curas feitas pelo Divino Mestre, principalmente o da filha de Jairo, fenômeno a que o próprio apóstolo assistira, interrogou-o respeitosamente:

- Pai João, por que esse Mestre que tanto fez para as criaturas sofredoras, salvando multidões, conforme dizeis, vos deixa abandonado nesta ilha, como pessoas indignas da sociedade? E esse Evangelho do qual falais, não tem urgência de ser conhecido por todos os povos? A que atribuís o silêncio dos Céus neste ambiente solitário e indigno de viverem seres humanos, do qual nós também sofremos as consequências, tanto quanto vós, além das saudades dos nossos familiares que castigam sobremodo os nossos corações? Sentimos profundamente a ausência dos nossos; não temos certas regalias e o conforto que somente lá em Roma poderíamos ter, desfrutando de companhia amiga e de pessoas elevadas nos conceitos da própria vida. Será que o destino reservou para nós, que reconhecemos ser um homem bom, com ressalvas de alguns delírios, o isolamento da humanidade? E o que nós fizemos para estar aqui convosco?

O Apóstolo ouviu atentamente Apolium falar, como se fosse um verdadeiro pai diante de seu filho. Apolium era um grego cambiado para Roma com seus pais e que, mais tarde, se fez cidadão romano, alistando-se no esquadrão da Águia, por amor às armas. O vidente de Patmos, como que inspirado, falou, respondendo ao soldado brandamente:

- Meu filho, os desígnios de Deus são diversos, variam de criatura para criatura, de nação para nação. Nada, ao contrário do que ocorre no mundo, se faz sem a Sua magnânima vontade: da gota d'água que desaparece sob o calor do sol, ao astro que foge das nossas vistas no esplendor do infinito, tudo obedece às Suas leis sábias e justas. Se estou aqui, é pela graça e misericórdia deste próprio Deus e por bondade de Jesus Cristo. Vós, que fazeis parte da milícia romana, adestrados na mais alta técnica de luta, de domínio de terras e mais terras, de aprisionamento de coisas e povos, que caracterizam o Império Romano como o maior do mundo, deveis saber que, em meio às lutas, principalmente nas grandes batalhas, é lógico e inteligente ocorrerem tréguas, não é mesmo? O Cristo, para

nós, se afigura como o maior Comandante da Terra, que veio atear fogo na iniquidade do mundo e o atiça para que ele se alastre, cada vez mais. Nós outros, somos Seus simples soldados, como vós o sois de Roma. A luta já começou e não foram poucos os que perderam a vida física para sustentar o grande ideal que é a paz com Deus.
Aqui estou, conscientizado do que mereço: não do descanso que a vida me está proporcionando e na felicidade de desfrutar de companhias das quais não sou digno, mas de uma trégua, recolhendo energias do Suprimento Maior, a fim de continuar a lutar com o Mestre. E vos enganais, quando afirmais que estou isolado da sociedade e dos povos. O Cristo nos ensinou como vivermos unidos, mesmo nos encontrando distante uns dos outros, ligados pela ciência magna do Amor, pois quem ama não vive isoladamente. E, quanto a vós, eu lamento por terem de me suportar por muito tempo; no entanto, em minhas orações peço a Deus que vos faça livres, como entendeis a liberdade. E às vossas famílias, eu desejo muita paz e felicidade; que Deus as atenda no de que mais necessitarem. E acima de tudo isso, meus filhos, no amanhã, havereis de dar graças a Deus, por serdes os escolhidos, pois no silêncio desta ilha se forma em vossos corações ambiente para que o Cristo possa visitá-los frequentemente, deixando as vossas inteligências imantadas da luz da Verdade. Eis que chegou a hora de ouvirdes a palavra de Deus, que fala aos corações por meios que desconheceis.

O grupo, aureolado por cambiantes diamantinos, que perdiam e recuperavam as cores ao impulso do verbo de João, se tomava ofuscado pela claridade gerada. O vento soprava com suavidade, como que respeitando as conversações espirituais daqueles seres, exilados para o mundo, mas livres para Cristo, no valioso aprendizado das verdades espirituais. O apóstolo silenciou um pouco,dando tempo à assimilação dos conceitos que expusera, e retomou a palavra com mais brandura:

- Se quereis, irmãos, vamos juntos dar graças a Deus, como se fossemos verdadeiramente felizes - como eu me sinto - pois, esta é a vontade de Deus para com todos nós; e não desdenheis de nada do que aqui ocorre.

O soldado, meio atônito, falou com receio:

- Pai João, ultimamente tenho sentido até sede neste lugar; a água pesa em meu organismo e parece ele rejeita esse líquido salobre. Como posso suportar toda essa tragédia dentro de mim, enquanto milhares de outros camaradas, em Roma, estão fartos de boa água e certamente de vinho de primeira qualidade, e de bons descansos?

O Mestre de Patmos pôs-se de pé, levantou os olhos para o céu - onde já se faziam visíveis as estrelas - pensou no Cristo, em Maria, em Pedro e Tiago, Paulo e Barnabé, Salomé e Zedebeu, demorou-se na lembrança do velho testamento em que Moisés, no deserto, tocara uma rocha e dela fluíra água pura para os sedentos que com ela se saciaram com abundância, e rogou ao Mestre de Nazaré, em nome do Pai Celestial, com todo o amor que possuía no coração:

- Senhor, compadecei-vos deste irmão que tem sede, dai-lhe de beber, mas que se faça a vossa vontade e não a nossa!

No mundo espiritual, moveu-se uma caravana, a cuja frente estava o Cristo com o dedo em riste, apontado para João, que ainda se encontrava com os olhos semicerrados. E do Seu indicador brilhava uma luz diferente. Partiu dele um raio, tendo o apóstolo como fio-terra, que como broca divina penetrou o solo, sem que os homens de Roma pudessem notar e, como por encanto, as pernas do discípulo começaram a afundar na terra e ele sentiu um líquido refrescante beijar os seus calejados pés. Os dois homens, assustados, e com os corações acelerados, constataram o fenômeno e o poder da fé. Ao ver o líquido cristalino escorrendo em várias direções, o primeiro impulso dos soldados foi o de prová-lo. Desconheciam outro líquido igual, mesmo o das famosas termas do país a que pertenciam. Além de saciar a sede, a água também alimentava, como se fosse um bom repasto à romana. Ajudaram Pai João a sair da fonte surgida, sem palavras e aturdidos pelos acontecimentos.

Parecia ao apóstolo, que aprendera a sentir felicidade onde quer que estivesse, que o tempo passava celeremente. Para os soldados, porém, transcorria lentamente. A solidão lhes trazia um tédio indescritível; não fora a presença do Evangelista naquele excremento vulcânico da Ásia, não suportariam os conflitos íntimos e os gerados pela natureza ambiente. O Espírito, em determinada faixa evolutiva, mal resiste a esses impactos, enquanto a outros mais evoluídos, se apresentam como a caridade divina visitando-os através dos problemas, no cumprimento da lei. Os homens do Império, sem o perceberem, estavam sendo chamados por Deus para o despertamento. A revolta nascia da vida condicionada, como ocorre a todos os seres, a muitas existências em estradas largas. Soara a hora para eles, como sói acontecer para todos, pois esta é a lei. Não existe o acaso na profundidade das coisas e sim, a vontade do Pai Celestial, que se faz expressar em todas as direções do Seu reino. Os homens de Roma, destinados a vigiar o mensageiro do Cristo na ilha de Patmos, sairiam dali como se saíssem de uma universidade. Os que davam menos ouvidos à fala do vidente, não podiam impedir a ação das leis sutis da

natureza, a gravar nas suas consciências algo de divino, que se irradiava por toda a extensão da ilha.

Naquela pequena faixa de terra cercada de água, havia, para Pai João, uma trégua das grandes lutas que empreendera em favor da difusão da Boa Nova de Jesus Cristo. Ele empunhava a bandeira, sobremodo excelente, que fora hasteada nos fesbos de uma boda em Caná e sublimada nos cimos do Calvário. Essa estrada divina - do festim à cruz - foi por ele palmilhada, e a sua consciência computara todas as experiências, dignificando todas as atitudes.

O Evangelista fora preparado, durante sua vida, para que seu nome se perpetuasse, como o maior profeta de todos os tempos, o mais arrojado vidente de todas as épocas. Em êxtase, no exílio, o tempo para ele desaparecera, como igualmente o espaço. Ele via todas as coisas como se estivessem no presente -Albert Einstein, cientista dos mais famosos dos tempos modernos, quase chegou a essa equação pelas vias da matemática, diferenciada noutras ciências. O Evangelista falava constantemente: "Eu não estou só; como se enganam os homens que comigo convivem nesta terra de Deus!". De fato, ele era visitado pelos mais elevados Espíritos, que têm sobre seus ombros a responsabilidade de dirigir a Terra. Frequentemente confabulava com as almas livres da matéria corporal, das quais recebia as instruções acerca da difusão da Verdade e de como se estava processando o crescimento do reino de Deus no mundo, pelas luminosas páginas do Evangelho - herança divina legada pelo Cristo aos homens.

João era levado, em espírito, a todas as Igrejas nascentes e ajudava na limpeza do ambiente, na inspiração dos pregadores, na cura dos enfermos e na sustentação da fé nos corações vacilantes.

Cristo colocou João numa ilha pequena, como se fosse um barco no Mediterrâneo, para que Ele pudesse falar, por intermédio desse medianeiro, das coisas que haveriam de vir. E eis o Apocalipse!

Nem o Céu, nem a Terra poderão modificar esse roteiro, porque está fundamentado na Lei Maior. Faz parte da evolução das criaturas e o mundo não vai acabar, como instigam os falsos profetas. Nada se acaba, como a própria ciência confirma; porém, se transforma sempre para melhor, alcançando valores mais dignos. O temor é próprio da inferioridade, e é por essas e outras falhas humanas que o Cristo nos ensina a exercitar a fé, a confiança em Deus e a nos apoderarmos de toda a certeza de que Ele é todo Amor e Sabedoria. A Sua onisciência nos garante a eterna confiança nos Seus desígnios e a Sua Justiça nos sustenta na maior alegria de viver.

Guerras, pestes, fomes e calamidades de toda ordem são meios usados por Deus para educação dos Espíritos - essa é a marcha do progresso desde o vírus até as constelações. O homem da Terra está próximo de se libertar dos meios grosseiros que a evolução tem usado para disciplinar os ignorantes. Eis que os fins destes correspondem ao último

vestibular para os seres de boa vontade, para as almas amadurecidas nas hostes do bem. E depois, o terceiro milênio abrirá outras portas para os que ficarem na Terra, vivendo em outra dimensão, em termos de justiça, onde haverá leite e mel com abundância, no qual o Amor corresponderá ao centro de todos os sentimentos da humanidade.

* * *

Chegaram, então, ordens expressas de Roma para que o velho cristão fosse consumido, e o preparo não se fez esperar: seria sucumbido no azeite em ebulição. A confiança que os milicianos tinham em Pai João era demasiada - deixavam-no, agora, dentro da ilha, andar a sós por onde pretendesse e era o que fazia frequentemente. Neste dia, saíram os homens tilintando peças de suas vestes em busca do velho que, em uma encosta, se encontrava assentado numa pedra, pregando a Boa Nova do Reino para um enorme cardume, cujos peixes se comprimiam como se fossem pessoas em comício. O Apóstolo, sorrindo, relanceava os olhos brilhantes por toda extensão que vislumbrava falando com entusiasmo, nestes termos:

- Meus filhos, conheço a vida aqui na Terra com os seus perigos eminentes. Carecemos de vigilância e suponho que, no seio das águas, ela se apresente com maiores dificuldades; todavia, é bom que conheçamos, acima de tudo, o poder de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, que fizeram esta casa maravilhosa em que todos vivemos por amor d'Eles. Homens e peixes, aves e animais, tudo o que vive, está no livro da vida sob a vista do Criador. Sintamos alegria onde estamos vivendo e obedeçamos às leis que o ambiente nos apresenta e, se aí, no mundo marinho, alguns são chamados para o sacrifício, no meio dos homens acontece a mesma coisa. A liberdade é relativa e o destino, em muitos casos, nos procura sem errar nosso endereço, para darmos testemunho, sendo exigida a vida física.

Nesse ínterim, os soldados depararam com aquele espetáculo nunca antes imaginado, pois nem as histórias fantásticas que costumavam ouvir do Velho Oriente se comparavam ao que presenciavam, pela força do amor daquele velho de roupagem rota, pés feridos, cabelos brancos, tez bastante enrugada pelo escaldante sol que lhe causticava as células da epiderme. Já um pouco abalados pelos fenômenos sobrenaturais naquele sítio flutuante, caíram de joelhos, não por força dos sentimentos de gratidão pelo que presenciavam, mas por imposição do ambiente de Amor que ali reinava. Descrever o que se passava no mundo invisível seria fantástico demais para os sentidos dos homens, e seria falta de caridade de nossa parte mostrar a distância que os separa das verdades espirituais dimensionadas no mundo extra físico, pelas Entidades que já se libertaram das fraquezas da carne.

Os soldados não choraram, como faria um espiritualista; entretanto, ensaiaram uma humildade quase sem perceberem, diante do espetáculo incomum na face da Terra. Com a chegada dos homens da lei, os peixes quiseram se dispersar, porque os mesmos

desprendiam magnetismo destoante em ondas que atingiam imediatamente os viventes do mar, produzindo espanto e medo, acelerando a mente do cardume para a inquietação coletiva no mundo líquido das águas.
O *Apóstolo do Amor* levantou a destra, isolando os raios magnéticos oriundos dos soldados, e pediu aos peixes com humildade que se acomodassem, pois não havia perigo algum. A debanda em massa não se processou, serenándose os ânimos. Os peixes se ajuntaram novamente, a fim de beberem alguma coisa mais de divino do *divino doador.* Pai João, ignorando a presença dos soldados, continuou o seu sermão:

- O Cristo nos prometeu um novo Céu e uma nova Terra, nos quais haverá justiça e abundância de tudo, onde a segurança será uma lei visível para todos os viventes, e a paz, um clima para todos os Seus filhos do coração. Este que vos fala, está marcado para o sacrifício e não merece prêmio melhor, pois já confia na Providência Divina e sabe, por experiência, que ninguém morre, como nada se acaba na criação de Deus. O modo pelo qual nos transformaremos, deve ser dos melhores, porquanto Deus, que tudo sabe, o escolheu, como Pai amoroso e bom, justo e misericordioso. Vós, os habitantes das águas, sois peças importantes na engrenagem da vida que se estende em todo o mundo. Sem esse líquido de Deus, que mantendes em perfeita conservação, onde estariam o equilíbrio e as bênçãos da saúde? Para mim, todos vós sois meus filhos, e para Deus sois muito mais que isso: sois partes d'Ele, onde Ele habita em Seu grande esplendor. Confiai, esperai e trabalhai, que dia chegará em que todos nós, sem exceção, nos encontraremos no Reino da Luz, para gozarmos a felicidade daqueles que fazem parte, por direito divino, do grande rebanho do Mestre de todos nós - o Cristo!
João se mostrava com uma serenidade imperturbável. Restabelecera seu mundo interno, tesouro sem preço no mercado do espírito, capacidade que não cede às ordens de transferências, valor insubstituível. A equidade de uma alma não se dá, não se vende, não se toma - é conquistada através do tempo e do espaço, sob as bênçãos de Deus.

A mansuetude do apóstolo do Cristo provinha do centro energético do espírito, pelos condutos só transitáveis pelo Amor, que, quando se sublima, como no seu caso, tudo transforma para o bem eterno. O seu carinho expandia-se em ondas luminosas, tanto para os peixes como para os pássaros, tanto para as pedras como para as árvores; não fazia distinção para amar. Eis a sua vitória nas hostes de Jesus, pela redenção dos homens. Era uma peça divina, de utilidade onde quer que estivesse. Quando os ventos o acariciavam, beijando-lhe as enrugadas faces e brincando com os seus cabelos em neve, carregando escórias da própria natureza, as suas lágrimas eram de gratidão e o seu sorriso o sinal que havia compreendido o afeto da vida para consigo.

* * *

Conversar com os videntes dos reinos da natureza é fenômeno comum aos santos e aos místicos, iniciados quanto às verdades celestes.

São fatos milenares que a história espiritualista não esqueceu de narrar para os futuros estudiosos da Verdade. Falar aos peixes, aos pássaros, aos animais e as árvores são realmente fenômenos comuns entre os homens iluminados de todos os tempos, porque eles deram mais um passo. Isso constitui segredo para os homens ainda em direção à Verdade. O santo, através do amor universal, liga o seu aparelho receptor na faixa das ondas emitidas pelos peixes e os entende, respondendo-lhes na devida frequência. E, com poderes maiores, os interliga através do seu magnetismo benfeitor, tomando esses viventes das águas felizes com esse calor amenizante, que flui em abundância do coração de quem ama, e ali ficam, como que ouvindo o que esse pretende falar.

Além disso, há o espírito-grupo, que comanda divisões de cardumes com suas espécies variadas que, igualmente, é atraído pelo mestre da Palavra e do Amor, e a qualquer vontade desse *homem santo,* o Espírito encarregado de assistir os viventes das águas, transmite com rigorosa precisão, como um comandante de aviões transmite pelo rádio as ordens para os pilotos. Para que pudéssemos falar tudo acerca dessa ciência ainda oculta dos homens, seria necessário escrever um livro o que, por enquanto, é cedo. O fato acontece com os animais, com as árvores, com os pássaros e com os próprios homens, quando ocorre uma hipnose coletiva, estando ou não consciente o hipnotizador. A conveniência de se falar com os peixes, como no caso de João Evangelista, está ligada à necessidade de se exercitar a prática do Amor. Depois surgem outros necessidades promissoras. Tanto as águas, como os peixes, estão carregados de elementos imponderáveis à ciência dos homens, que são indispensáveis aos fenômenos produzidos pelos místicos e pelos santos. Familiarizando-se estes benfeitores com esses reinos, tomam-se mais fáceis os seus trabalhos, cuja ação é imprescindível, pois, quanto mais amizade tiverem com esses companheiros da retaguarda, mais assistência terão deles para as suas realizações no campo próprio da Vida. E assim se processa, sucessivamente. Esta é a chave.

* * *

Os peixes já tinham desaparecido nas águas do oceano e o filho de Zebedeu sentia-se transportado para regiões indizíveis, e somente o corpo ali estava no mundo, como presença.

Os homens de Roma não perceberam que o tempo se esvaía. Estavam respirando o ar puro das encostas marítimas e um magnetismo mais puro ainda, atraído por aquela alma de escol, em estágio na Terra, por misericórdia do Céu. Levaram um leve susto, como se

acordassem de um sono angélico. Silenciosos, ainda permaneciam de joelhos. Levantaram-se e, com respeito, tocaram de leve o ombro do pastor de cardumes, dizendo-lhe:

- Pai João, o senhor nos perdoe por interrompermos os seus exercícios espirituais, mas é uma ordem de Roma. Queremos que o senhor obedeça, para não nos colocar em dificuldades.
E, desenrolando um grosso volume de papéis, um dos soldados fez a leitura. De vez em quando sua voz se esquivava da clareza, em sinal de humildade diante de tanta grandeza.
Cientificado de tudo, o apóstolo levantou-se, pronto para o sacrifício, sem mudar sua serenidade ou desfazer a alegria. Terminada a leitura, disse:

- Seja feita a vontade de Deus. Se é preciso que eu pereça para que o Cristo cresça nos corações dos homens, encontrarei a paz nesse ato e levarei comigo por onde for, a alegria de ser útil.

Os carrascos tremiam emocionados. Levaram o profeta para onde já se encontrava uma tacha de proporções enormes, cheia de azeite em ebulição. Quando abaixava o nível estabelecido, alguém acrescentava mais, de sorte a estar sempre pronto para o sacrifício do temível Leão da Verdade.
O velho, calado, caminhava junto aos soldados, mas ouvindo o assunto por eles entabulado. Chegando perto do "calvário" de Pai João, sentenciou o responsável:

- "Pai João, é a contragosto que faremos isso com o senhor; no entanto, somos obrigados a agir assim por ordem procedente de Roma e o senhor mesmo deve saber que uma decisão do Império não aceita vacilação, pondo em jogo, se isto acontecer, as nossas próprias vidas e as de nossas famílias. Que Deus nos perdoe e que o Pai nos livre do inferno, porque a ideia não é nossa. Temos, todavia, de jogá-lo dentro desta tacha, em nome do seu Mestre, como reza a escritura que nos foi enviada. Desejam os chefes romanos, que o senhor desapareça para a eternidade. Com isso, provarão nada existir depois do túmulo, que o Céu é a mesma Terra e que o Cristo - vosso Mestre - foi vencido pelo esquadrão da Águia".

O grande vidente, tranquilo, ouvia sem nada dizer. Depois de tudo pronto, desmanchou em seus lábios feridos pelo tempo, mas bafejados pela Verdade, um encantador sorriso, falando em seguida:

- E em nome de Jesus que eles querem me mandar para a eternidade? Que o Cristo os abençoe, por se lembrarem do nome sagrado do Mestre dos mestres, que veio erguer a humanidade para as regiões de luz.

E deu as suas bênçãos aos homens, que choravam copiosamente, enquanto ele permanecia sorrindo com serenidade.
O filho de Salomé pediu licença à força de Roma, ajoelhou-se diante da tacha em ebulição e explodiu numa rogativa sublimada. Perpassou os olhos pelo céu, procurando as estrelas que tanto admirava, mas não conseguiu contemplá-las. Dir-se-ia que a natureza escondera os olhos estelares para não presenciar um estúpido ato de covardia e ciúme dos filhos das trevas. Naquele instante, projeções de luzes riscavam o céu em todas as direções. A policromia deslumbrava e assustava a quem não tivesse costume de presenciar o grande espetáculo do Céu para a Terra. E João, como inflamável divino, incendiou-se de fluidos luminosos. E uma voz falou aos seus ouvidos:

- João, tem bom ânimo, meu filho, porque a porta pela qual passarás para junto de mim, é estreita.
E o apóstolo nada mais viu. Com uma semana de fervura infernal no tacho das trevas, pelas mãos dos homens que sofriam por fazerem o que os seus corações não pediam, terminava a provação. Foi retirado o fogo e o azeite começava a esfriar. Os soldados, respeitosamente, cavaram uma sepultura, nas proximidades do evento nefasto, como gratidão ao velho cristão. Quando começaram a entornar o caldo maldito, como se fosse o corpo do apóstolo, o velho companheiro de Jesus ergueu-se do fundo do vasilhão negro, para espanto de todos, abençoando-os novamente... Parecia chegar de uma longa excursão. Estampou-se em sua feição um sorriso sobremaneira encantador, saudando todos em nome do Cristo, sem qualquer queimadura na pele!... *

* Muito se tem questionado a respeito desta passagem. Também nós, ao recebermos o livro para análise e publicação, a questionamos e procuramos o médium João Nunes Maia.
Lembramo-nos com nitidez do seu olhar profundo, olhos rasos d'água, respondendo-nos com humildade: "Mas eu vi! Miramez projetou um quadro à minha frente, como numa tela de televisão, e eu vi quando dois Espíritos vestiram uma roupa fluídica nele, como se fosse uma roupa de astronauta, como se fosse um escafandro!" Naquele momento, dada a sua reação humilde, mas convicta, paramos para refletir. E entendendo a profundidade da ação da espiritualidade superior, lhe solicitamos permissão para esclarecer o leitor. E ele, mais uma vez, nos solicitou paciência, e confiança. Mostrou-nos que os Espíritos preparados para entender, não careciam de explicação e os demais, que não entendessem, careciam de tempo, e não de explicações. Assim, deixamos o tempo passar, pois a ciência se encarregaria de esclarecer fatos considerados "milagres". A imponderabilidade de átomos e moléculas, sob a ação da energia vital que atua sobre a matéria, interpenetrando-a em todos os sentidos e dimensões, é responsável pelos efeitos que, durante milênios, foram considerados sobrenaturais. A partir de agora deverão surgir outras informações científicas que corroborarão tudo o que a Doutrina Espírita vem antecipando à guisa de explicações sobre efeitos do Espírito sobre a matéria. (N.E.)

Os homens ajoelharam-se, sem se darem conta do que faziam, oscularam as mãos e os pés do antigo companheiro da Mãe de Jesus. Nesse momento, torrentes de lágrimas molharam o ancião, vertidas das profundezas do ser, que somente o coração sabe explicar. Estarrecidos, quiseram os soldados ser batizados, em nome do Cristo. Prontamente lhes foi feita a vontade.

Pai João estava vestido de luz, como se fosse um astro deslizando no infinito, e sentiu mãos invisíveis removerem do seu corpo, o resto do óleo, ainda momo. A palavra naquele dia nenhuma função teve.

Reinou completo silêncio na ilha de Patmos. Vindo de longe, semelhante a uma nuvem, um bando de pássaros se dirigiu ao grande exilado da história, aproximando-se do sítio cercado de águas. Voaram e revoaram em tomo do Apóstolo do Amor e cantaram em uníssono uma canção que o mestre das profecias entendeu como a mensagem de glorificação a Deus, pela vitória do Bem. Os soldados respiravam de emoção. Nunca pensaram antes que presenciariam a tantos fenômenos sobrenaturais por causa de um só homem, e o pensamento deles se identificou: "Será que este venerado senhor não é um dos deuses da nossa pátria, expurgado nesta região, pelo maldito ciúme do Império?".

Se pudéssemos, na época, responder a esse pensamento, diríamos: Ele é muito mais do que todos os deuses de Roma reunidos. Sim, porque foi quem herdou o Amor mais puro de Jesus - O Cristo de Deus.

Pai João pediu silêncio para que pudesse falar àquelas criaturas de Deus, os pássaros, que ali postados esperavam a fala do velho, a resposta à mensagem que haviam trazido, em nome da própria Vida... O bando se constituía de milhares de aves. E, transbordando de paz espiritual, começou a falar:

- Queridos filhos do coração, parece que deixarei este sítio de amor, mas talvez ainda volte aqui por muitas vezes, para cumprir a vontade de Deus e poder sentir as bênçãos do nosso Pai celestial através de tudo o que aqui existe. Levo saudades e deixo amor, levo carinho e deixo gratidão, levo alegria e deixo paz. Eu, em nome de Jesus Cristo, vos abençoo a todos, desejando-vos muitas felicidades. O mundo em que viveis, parece-nos muito ingrato, por faltar-vos lugares mais seguros, onde possais confiar mais no homem; porém, não deveis vos importar com a segurança. Desfrutai-a no Senhor de todas as coisas e lembremo-nos de Cristo quando asseverou: "Os pássaros não plantam nem colhem, mas vivem fartos". E acrescentamos: Não têm teto, como é dado ao ser humano, mas nem por isso deixam de dormir serenamente. E ainda vos afirmo, que Deus é justo e bom e vos ama como a nós outros, seres racionais da Terra. Não precisais temer, que tudo vos será dado conforme a lei de justiça, em consonância com a evolução de cada um. Preparai-vos para luta, que sereis abençoados. Este que vos fala não tem igualmente pouso certo. Não tem celeiro reservado, e se vós tendes o perigo de serdes apanhados

pelos caçadores inescrupulosos que, por vezes, nem têm fome, eu também poderei ser caçado pelos sanguinários da Terra. Todos nós, meus filhos, passamos por disciplinas dolorosas. O aprendizado é árduo, mas excelente, quando lhe suportamos os impactos com esperança nas promessas do Divino Amigo, que assim se expressou: "Aquele que perseverar até o fim, será salvo." Eu vos abençoo em nome de Deus e do Cristo, e peço-vos que partais cantando novamente a glória da vida.

A ordem de voo não se fez esperar; pairaram nos ares, orquestrando canções, cuja compreensão seria dada somente aos que tivessem ouvidos para ouvir: era a resposta das aves às palavras de amor que receberam do grande santo.

A notícia correu como um raio, principalmente em direção do Império, cujos desígnios, nessa época, eram comandados pelo Imperador Nerva, que liberou imediatamente o Apóstolo de Cristo, para que ele tivesse acesso a todo o território romano. Mas, os soldados, temendo a vida de Pai João, que para eles era uma preciosidade, e porque conheciam bastante a política manhosa, perceberam que isso poderia ser outro tipo mais nefasto de cilada contra aquele que era todo Amor e Paz para as criaturas. Propuseram, então, ao homem santo, que vestisse uma farda velha de um dos soldados, raspasse o cabelo e trocasse seu nome, transferindo-se para Efeso, onde poderia permanecer como um desconhecido. Eles lhe sugeriram 0 nome de Francisco, que o Evangelista, sorrindo, aceitou:

João Evangelista partiu para Éfeso de modo a não ser reconhecido. Ao separar-se dos soldados romanos, estes, comovidos, imploraram a Pai Francisco uma regra para viver, nos moldes que ele achasse melhor. Este meditou um pouco e falou comovido:

- Meus filhos, dar-vos-ei um conselho, uma regra de viver: amai a Deus, sobre todas as coisas, de todo o coração, e ao próximo como a vós mesmos. Aí estão a lei, os profetas, a vida, o céu e o próprio Jesus.

Pai Francisco foi logo amado por todo o povo de Éfeso, por sua humildade, pelo seu amor a todas as criaturas e pelo prazer de servir a quem precisasse dos seus préstimos. Frequentemente voltava à Ilha de Patmos. Foi ali, naquele solo agreste, que João Evangelista entrou em êxtase e escreveu o Apocalipse, profecias famosas, no mundo inteiro.

Soube-se, mais tarde, em Éfeso, grande cidade da Ásia Menor, que aqueles soldados que haviam vigiado e ouvido o apóstolo na Ilha de Patmos, foram apanhados nas catacumbas, nas adjacências de Roma, assistindo pregações dos seareiros da verdade evangélica, e crucificados sem piedade pelos agentes da Águia.

Éfeso era o centro, naquela época, de grande movimento de mercadores, conhecido no mundo inteiro pela sua história e muitas realizações nas artes, teatro, literatura, etc. Situava-se entre as grandes cidades do mundo naquele turbilhão de gente de variadas

raças, se encontrava João Evangelista, a antena de Jesus na Terra, para um não muito menor realização no mundo, falando acerca das coisas que haveriam de acontecer. Já bastante velho, mas com lucidez impressionante, sua mente parecia um sol, o seu raciocínio era de uma agilidade incomparável e o seu coração, uma chama de Amor.

Por que o apóstolo não ficara de uma vez em Patmos, quando da retirada dos soldados romanos? Porque o Cristo não quisera. Inspirou os milicianos a mudarem o nome do Seu amado discípulo e a transformarem sua aparência, enviando-o para Éfeso, de onde Ele, o Mestre dos mestres, o chamaria para o final de sua grandiosa missão, na ilha solitária.

Pai Francisco dormia pouco. Era constantemente requisitado nas grandes mansões dos abastados comerciantes e políticos, nas quais ensinava a retórica aos seus descendentes. Aprimorou um método com a fusão doutrinária de Jesus, que causava inveja aos doutos. Conhecia profundamente a história do Velho Continente. Tinha dados concretos da geografia do mundo. A astronomia o fascinava e descrevia com encanto as belezas do céu. Falava corretamente quatro línguas e vários dialetos. E, acima de tudo isso, o mais interessante para os homens de negócios, era a sua educação humana engrandecida com o amor mais requintado que Efeso poderia conhecer.

Pai Francisco era adorado, pois sua pessoa trazia para o ambiente a presença do Cristo. Nesse novo período de sua vida, não fez pregações públicas, como aconteceu com os outros apóstolos. No entanto, procurava viver, integralmente, os preceitos do Mestre.

Certa feita, presenciou um drama em uma família, a quem servia com seus préstimos de instruir, de um mercador que vivera em Jope em outras épocas, e que fixara residência definitiva em Éfeso, onde a riqueza o bafejou. Era proprietário de várias embarcações que cruzavam o mediterrâneo em demanda do ouro, levando tecidos de todas as espécies e trazendo turistas de vários pontos da Ásia Menor. A família estava em alvoroço com a chegada do filho mais velho, que regressava de Roma, onde estudava. Grave doença interrompera seus estudos, cobrindo de sombra todos os familiares, acostumados à festiva alegria provinda da posição social e do dinheiro em abundância. Via-se nas mãos e no rosto do rapaz manchas esquisitas que arrebentavam-se em feridas. A ciência impunha o disfarce com medicamentos de pouca valia para a progressiva enfermidade, temida pelos homens há milhares de anos. Era a *lepra.*

O lar enlutou-se. O rapaz seria mandado para o Vale dos Imundos, para a podridão viva de corpos deformados. Sair de Éfeso e ir para Roma, onde fora beber a cultura que os gregos ofertavam, foi, na verdade, uma separação que trazia esperanças para o futuro do filho do coração. Todavia, uma separação do lar para impureza que a doença caracterizava, abria-lhe as portas da universidade da dor, que muitos homens desconhecem. Eis a vida e a lei de causa e efeito, que muitas vezes nos aguardam com surpresas que nos abalam até o centro d'alma, mudando a direção de todo o curso da

nossa existência. Foi o que aconteceu com Pátius, filho do casal Renuns, mandatário respeitado e dos mais conhecidos comerciantes de Éfeso.
Pai Francisco chegara pontualmente, com a sua habitual alegria, ao raiar do sol, para as aulas costumeiras, das quais, muitas vezes, até os adultos participavam, dado o clima de paz que o velho trazia com a sua encantadora presença. E encontrou a dor desabotoando energias novas em corações antigos. Acostumado com isso, sabia o que fazer. Foi solicitado imediatamente para o consolo de alguns em desespero, principalmente a mãe do rapaz, que se via em estado de apreensão. O velho apóstolo abeirou-se da grande enfermaria coletiva - era o que mais parecia o solar famoso - dispensou interesse ao rapaz que se recostava num catre luxuoso, tomou a sua mão já deformada e beijou-a com alegria dizendo:

- Que a paz seja convosco, meu filho.

Os olhos do apóstolo brilharam qual duas chamas espirituais. Em sua lúcida mente não se desenharam emoções de medo da enfermidade ou de tristeza. O meio não afetou seu ambiente íntimo, que é somente Amor. Pensou no Cristo fortemente. Recordou-se de Tiago e de Pedro. Passaram-se nos escaninhos da sua memória, lembranças afáveis do Mestre curando os enfermos, dando vista aos cegos e levantando até os que se encontravam mortos. Em seguida, rememorou o Divino Mestre curando muitos leprosos de uma vez, quando somente um voltara para agradecer. O fenômeno da filha de Jairo surgiu vivo em sua mente, com esperança, pois ele a assistira levantar-se pela presença do Seu Senhor. E buscou a Deus do modo pelo qual seu coração indicava. Impôs as mãos na cabeça de Pátius e, como por encanto, jorrou do alto uma luz, cuja policromia era a Sua feição distinta, inundando o quarto de um perfume encantador e desconhecido na Terra.
O espanto foi geral. O silêncio dava autoridade a Pai Francisco para fazer o que bem entendesse, sob a inspiração do Céu. O filho de Salomé, no meio da súplica, notou que uma mão de luz sobrepôs-se à sua, na cabeça do rapaz, e uma voz que conhecia ser a do Cristo - que o rapaz também percebeu - se fez ouvir claramente:

- Quero que sejas limpo desta tão temível enfermidade e não te esqueças de compreendê-la, para que não caias em novos infortúnios. Sê um caminho, para que eu possa falar com João.

Estas palavras ficaram vivas na mente do apóstolo e do estudante. As luzes pareciam milhões de pequenos operários ativos, trabalhando na recuperação de grande cidade desmoronada por catástrofe. A pele do moço foi se recompondo aos olhos de todos, sem

que a razão participasse do fenômeno. Pai Francisco parecia revestido da mesma luz e, notando o fato, chorou de emoção. A sua fé refartou o ambiente de glória e de alegria para todos que participavam do milagre da cura, desde os últimos servos até os progenitores.
O rapaz, daí a instantes, ergueu-se do leito completamente refeito, sem qualquer sinal de enfermidade no rosto ou nas mãos rugosas de Pai Francisco e perguntou com a voz entrecortada de emoção.

- Quem é esse ancião, mamãe? Quem é, papai, esse venerando senhor, que me fez voltar ao que eu era? Nem os melhores e mais abalizados médicos de Roma e da Grécia puderam algo fazer, pois desconhecem os meios de curar tão terrível enfermidade! Será que sonho? Será que morri? Ou estou morrendo?... Quem é este profeta que me visita a essa hora?

E caiu novamente no leito em profundo sono reparador.

O silêncio foi quebrado pelos familiares, em tomo de Pai Francisco, que os chamava para uma sala contígua, para que o moço dormisse em paz, não aceitando reverências que dizia não merecer, nem promessas de coisas materiais que não se acostumara a receber. Ainda se sentia na mansão o perfume encantador, cuja procedência os moradores desconheciam. Daí a meses as paredes e as roupas que por este fato não foram lavadas, recendiam com a mesma intensidade. O velho companheiro do Cristo, quando falava, desprendia esse mesmo aroma divino da força do seu verbo, ficando esse sinal como registro da presença do profeta do Apocalipse.

Pátius passou a servir de instrumento para que o Cristo falasse a João Evangelista na Ilha de Patmos. Pela confiança que o Apóstolo depositava nele, como a um filho, passou a saber da sua missão na íntegra, de vez em quando passavam temporadas na ilha, quando o Mestre chamava João para revelar a difícil engrenagem espiritual que restava para o fim do livro santo: o Apocalipse do Fim dos Tempos.
Cristo enviou, por intermédio de João, mensagens às sete igrejas da Ásia: Éfeso, Smirna, Pérgamo, Tiatira, Sardo, Filadélfia e Laodiceia. A mensagem foi universal.
Não poderia ficar circunscrita a mensagem divina a restrito ambiente, sem uma certa expressão para o futuro. Ela correspondia a um ditado cósmico, como que dividindo o mundo em sete continentes. O Apocalipse seria o fecho do Evangelho, não assombrando os povos com acontecimentos fantásticos e violentos de um Deus vingativo, mas mostrando com serenidade, o fim de uma era e o alvorecer de um novo estágio de vida, pois essa é uma lei em todos os quadrantes da criação: tudo se renova para melhor, tudo

se modifica para engrandecer. Os preceitos que herdamos do Divino Doador, foram e serão para nos fortalecer, a fim de passarmos as provações anunciadas, com serenidade, convictos de que somos filhos de um Pai de infinito Amor.

* * *

O Apocalipse representa a janela pela qual a humanidade restante poderá passar para o terceiro milênio e sentir a vida nos moldes preceituados pelo Evangelho do Cristo. A felicidade para os eleitos na Terra é hoje mesclada de grandes tormentos, pois as provações coletivas induzem as criaturas a afogadilhas intenções, ao desespero, à vingança e ao ódio. Fugiu do mundo a serenidade, assim como dificilmente nele se encontra o amor; o período é de transição. Que Deus nos abençoe, pois ele é temporário... mas desnorteia aqueles que ainda são fracos na fé.

Nos últimos acontecimentos do orbe terrestre, que finalizarão os dois mil anos, nas grandes catástrofes físicas e morais, quem não tiver fé, dificilmente se salvará. A salvação a que nos referimos é a estabilidade de consciência, é a paz interna no meio das tormentas que se aproximam. Parece, para os cépticos, que a fé é sinônimo de fanatismo, e esse engano é que vai levá-los ao caos do terrorismo e da depressão. A vida alegre é a que se consubstancia na luz da Fé, porque ela eleva o espírito até a plenitude do Amor. Queira Deus que despertemos cada vez mais para o Cristo, no resto de tempo que nos é dado, que também representa resto de imprudência. O Apocalipse é um aviso com dois mil anos de antecedência; todavia, o Evangelho, na sua retaguarda, nos fala do clima que poderemos formar em nós, a fim de que soframos os desastres coletivos.

Quem se apegar ao Amor, aquele que universaliza todos os sentimentos, se livrará da rede selecionadora, que retirará uma grande cota do rebanho para mundos inferiores, onde haverá prantos e ranger de dentes. Quem não acreditar, e cruzar os braços diante do Cristo, dará sinal de que pertence às sombras, e para elas será entregue, pela sintonia do coração. Não vai, neste sentido, haver opressão nem oprimidos, nem tampouco divisões por qualidade, pois cada um receberá o que realmente merecer; essa é a lei da justiça.

* * *

Pátius foi discípulo de João Evangelista, dos mais integrados em sua missão divina. Aprendeu com o grande vidente o que nunca sonhara existir: as leis mais sutis da natureza, e, acima de tudo, aprendeu a amar. Foi quem mais assimilou a fala do mestre. Poderia ter falado muito da vida e obra do Apóstolo do Amor, mas, se assim não o fez, foi por não ser esse o seu compromisso.

Pai Francisco, quando era conduzido pelo discípulo à Ilha de Patmos, encontrava nas sutilezas espirituais, o ambiente de êxtase, e avançava para a plenitude do Amor. Ficava como se fosse um sol, e a sua claridade ofuscava qualquer mortal. Patmos parecia outro

sítio, uma cidade espiritual. Falanges de Espíritos superiores percorriam todo o ambiente do agreste sítio preparando-o para o grande evento dos Céus com a Terra. Quem presenciasse o espetáculo como aconteceu com Pátius, diria que o velho apóstolo perdera o corpo físico, apanhando outro sobremodo excelente. Dir-se-ia que os engenheiros siderais estendiam uma gama de fluidos naquela pequena rocha cercada de águas, em defesa de determinados ataques das trevas. Sabe-se que qualquer magnetismo inferior que se aproximasse de Patmos, era imediatamente desintegrado pelos poderes da luz. E o lugar escolhido para a grande revelação oferecia sensibilidade maior às conversações dos dois, discípulo e mestre, em nome de Deus. Pai Francisco escrevia tudo o que presenciava naquele pedaço de vulcão extinto; os fenômenos exteriores eram revelados por Pátius, mas nem tudo ficou registrado no Novo Testamento; havia impedimentos, como há até nos dias de hoje, talvez necessários a uma ordem divina, no divino concerto da vida.

Seres translúcidos iam e vinham, visivelmente, como se estivessem passando de uma dimensão a outra, com a facilidade de grandes mágicos que fazem aparecer e desaparecer as coisas. Nos sete anos vividos na ilha sagrada -que se tomou palco dos mais sensacionais acontecimentos entre o Céu e a Terra - Pai Francisco ficava sabendo o que se passava no mundo cristão e enviava seus recursos para todas as igrejas nascentes e pessoas em dificuldade. O barco do resgatado da lepra corria o Mediterrâneo como um raio, pela força de dois escravos corpulentos e prestativos, que tinham Pai Francisco como um santo, senão como um deus. E o velho apóstolo, na hora das suas conversações com o companheiro, fazia questão de que os escravos ouvissem. Mesmo que pouco entendessem das coisas espirituais, o ouvido não deixaria de acionar a máquina mental, para que essa gravasse o que via e ouvia a fim de que, no futuro, fossem aproveitadas e não perdidas as belezas da vida.

Certa ocasião, alta madrugada em Patmos, o vidente ouviu Cristo falar-lhe com todo o empenho: "João, vai para Éfeso e depois vem ter comigo. Que a paz seja contigo". O apóstolo desembaraçou-se do transe mediúnico, pensou bastante no que ouvira e sentiu que se aproximava do fim das suas atividades, na borbulhante cidade da Ásia Menor. Sentiu, por um momento, apego àquela região. Sentiu saudades do povo que o amava, das igrejas que sustentava e com as quais difundia o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Todavia, no mesmo instante, reconheceu que nada se acaba e que tudo é de todos, nas bênçãos do Divino Doador do universo. Olhou para as estrelas que já se despediam da visão humana, e deu o último sorriso em Patmos, agradecendo por tudo que recebera por misericórdia de Deus e por intermédio do Cristo. Entrou no barco sem tirar os olhos da ilha que, cada vez mais, ficava distante. Lágrimas deslizavam em suas faces queimadas e quase sem sensibilidade pelo estirão dos anos. Os escravos remavam o barco com habilidade e presteza. Tinham prazer em obedecer àquele que se consumia ao peso dos evos.

Pátius, muito sensível, principalmente quando se tratava de Pai Francisco, não suportou mais o disfarce. DestampouOse em pranto ao ver o seu grande mestre mudo e pensativo. No entanto, a educação fez com que tudo ocorresse em silêncio. Riscos enormes se faziam nas águas de um lado e de outro, e foram aumentando, como por encanto. Dir-se-ia uma corrida olímpica ante a flor marítima. O sinais se faziam mais visíveis, para que o mundo soubesse da participação de outro reino da vida, que não o dos homens, mostrando a gratidão *pela flor* do Cristo, que se chamava João, filho de Salomé e Zebedeu, integrado no Cristo pelos vínculos do Amor: era um cardume, no maior cortejo de todas as eras da história. Levavam os peixes o manancial de Amor à margens do grande mar para as últimas despedidas. Alguns deles faziam evoluções sobre as águas, mostrando-se como flechas deslizando no mundo líquido, dando o que tinham em favor daquele que lhes dera muito mais.

De súbito, os componentes do barco notaram uma nuvem cobrir a embarcação com uma sombra amiga, despejando um hino, como se fosse uma orquestra clássica executando árias de compositores famosos. Os homens ergueram os olhos e contemplaram estáticos, um bando de aves que não se esquecera de proteger, como a aviação moderna, o Grande comandante da Caridade e do Amor, da Humildade e da Paz. A ilha desaparecera da visão humana, ficando somente as lembranças. Os fatos ficaram gravados nas consciências para nunca mais serem esquecidos e para que algum dia o mundo pudesse conhecê-los pelas bênçãos do mesmo Cristianismo restabelecido no regime do progresso.

A vida é igual ao Sol que nasce e se põe, obediente a determinado espaço de tempo, para tomar a renascer. Nada morre, eis a nossa alegria. Tudo viveu, vive e viverá sempre. Deus é a realidade cósmica, sem disfarces, e o espírito é o cinetismo divino que nunca para. O sofrimento anda de braços dados com a ignorância, que é uma roupagem que o tempo troca por outra, empenhando-se cada vez mais, com a Verdade.

A Igreja de Éfeso era uma das sete mencionadas no Apocalipse e pela qual João tinha especial carinho. Principalmente, porque Paulo, com quem muito aprendera, endereçava muitas cartas a essa casa de Deus, por ordem do Cristo. Em Éfeso, certa noite, pediu a Pátius que o levasse ao templo cristão, como que se despedindo dos companheiros frente a frente. Pai Francisco era muito conhecido pelos frequentadores da igreja, para os quais a sua orientação era uma segurança em toda ordem de problemas. Abençoava as águas e impunha as mãos, sem que os fenômenos de cura se processassem por seu intermédio, para não tumultuar a sua vida, que fora escolhida para outra missão. Em se findando aquela, no entanto, explodiriam em João todas as faculdades, para a glória do Evangelho e a paz de todos os corações. Embora muito procurado, não falava em público, e quando solicitado para isso, somente orientava na estrutura doutrinária. Mas, naquela noite, queria falar, falar para recuperar o quanto ficara calado, por ordem da Divina Providência.

Naquela noite memorável, a igreja estava cheia como nunca estivera antes. Sobravam pessoas, de maneira a encher um grande pátio que se estendia em frente ao templo. Parecia uma comemoração das mais dignas, e, na realidade era, pois seria o último dia em que Pai Francisco viria em presença física à igreja de Éfeso. O guia espiritual de Éfeso, Estóbulo, fez com que chegasse aos guias espirituais de cada cristão, um anúncio que registraram intuitivamente: a necessidade de ir à igreja de Deus naquele dia. E se avolumou tanto o número de encarnados como de desencarnados, para ouvir e sentir a presença iluminada do grande astro do Cristianismo - a última estrela apostólica a desaparecer dos céus dos cristãos...

Éfeso foi escolhida para o fechamento do Evangelho da vida. João iria escrever as últimas palavras da Boa Nova, em uma das sete igrejas da Ásia, entregando ao povo, não só aos frequentadores das sete casas de Deus, mas ao mundo inteiro, o testamento de Jesus Cristo, a herança de luz a todas as criaturas visíveis e invisíveis.

Deixaram-no sozinho na mesa, por respeito à sua veneranda figura e por impulso do coração, que desconheciam. Vinte e uma mulheres cantaram o hino "Vinde Senhor", quebrando o silêncio reinante. A massa de cristãos permanecia na expectativa, porquanto nunca vira Pai Francisco se assentar àquela mesa. Sempre se esquivava das comemorações... Por que naquele dia estava sozinho na tábua sagrada? Para dizer o quê? E o velho Apóstolo do Cristo, com quase cem anos de idade, irradiava a pura paz. De vez em quando, perpassavam os olhos na massa comprida de almas. E parecer-nos-ia que de dentro do seu peito, partindo do centro do coração, saíam duas mãos de luz, abençoando todas as criaturas ali postadas em posição de respeito e ansiosas para ouvi-lo. Pai Francisco achava-se envolvido num jogo de claridades que se desfaziam no espaço, deixando a impressão de que envolvia toda a Terra, senão a humanidade inteira.

A lucidez do homem de Deus era incomparável. A alegria em seu íntimo começou a desabrochar como uma barragem que não suporta o peso das águas e avança em todas as direções e ele falou compassadamente:

- A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, meus filhos, esteja com todos, e que as bênçãos de Deus se façam em todos os corações, para sempre.

Mudando a entonação da voz, prosseguiu:

- O verbo divino se fez presente na figura inesquecível de Jesus, nosso amado Mestre, na Palestina, quando se derramaram em toda a Terra, claridades imorredouras. Presenciamos o maior espetáculo da face do planeta, por bondade do Seareiro de Luz de todas as épocas. Em Jesus Cristo se fundiram todos os profetas, todos os videntes, todos os místicos, todos os santos, todos os filósofos, senão todas as leis. E, desta fusão celestial nasceu a maior das realidades sustentadoras da vida: o *Amor.* Ele é o Amor de Deus

presente na Terra, é o canal da Vida, é a Verdade se dividindo de acordo com as nossas necessidades. Eis que é nosso dever segui-Lo com fé, com coragem e com a dinâmica apropriada ao crescimento de todos os sentimentos que condizem com os preceitos mencionados pela Boa Nova do Reino de Deus. Alguns mencionam-me como sendo uma árvore, da qual muitos aproveitam a sombra e retemperam as suas energias. Acho que todos nós somos árvores de Deus, em crescimento no solo terreno. Quanto a mim, sou um arbusto de quem a natureza requer mudanças e a quem já expediu aviso de desapropriação do lugar que ocupa, para que outros, com mais fulgor, nasçam, para maior riqueza da vida, produzindo sementes mais valiosas do Evangelho, enriquecendo conceitos que ainda não podemos ouvir, repartindo dádivas que ainda não podemos receber.

Parava de vez em quando e, no silêncio, a voz de Pai Francisco parecia percorrer os espaços em cadeia, repetindo-se milhões de vezes para não ser esquecida e para que o registro cósmico se apoderasse dela com maior nitidez, e recomeçou:

- Filhos meus, hoje nós vamos conversar sobre a fala de Paulo, o grande apóstolo de Jesus, que fez conhecido o Evangelho na Terra e nas culminâncias dos Céus. Paulo, com o seu dinamismo, não se esqueceu da Igreja de Éfeso e certamente de seu povo amável. Vamos reviver o campeão da Boa Nova do Cristo, para que o Cristo resplandeça em nós, por graça do Senhor.

A mente do apóstolo foi ficando como que do tamanho de uma tela cinematográfica. Notava-se, como num filme, o desfile das maiores personalidades do Livro Sagrado, começando pelos profetas de renome, num cortejo esplendoroso.

Apareceu nessa projeção até Gamaliel, o preceptor de Paulo, o neto amado de Hilel, grande sábio do Oriente. Desfilaram no seu mundo mental todas as personagens do Novo Testamento; luzes intercambiaram-se em todas as direções, focalizando cada personagem em particular, causando prazer ao último dos apóstolos, na cidade de Éfeso, na igreja famosa daquela localidade.

João Evangelista, Pai Francisco para aquele povo humilde e para nós outros do mundo espiritual, representava a última estrela da constelação cristã que estava fora do conjunto, prestes a subir para a comunhão espiritual dos Anjos...

A penúltima criatura a entrar no vasto salão da igreja nascente, em trajes deslumbrantes, foi Maria, mãe de Jesus. A princípio, surgiu como se fosse a Mãe Santíssima, a quem os anos impuseram dificuldade no andar; depois, começou a se transformar numa linda jovem. Apareceu como uma estrela de primeira grandeza, com outras estrelas menores a embelezar o cortejo divino. Antes que ela pisasse no solo material do templo, estendeu-se, pela força de alguma mente adestrada em criações espirituais, um tapete de luz, de um verde-seda com estrias de azul encantador, com franjas douradas e raios de sol

nascente, bafejando a casa de Deus com um perfume desconhecido dos mortais. Ao tocar seus lindos pés no tapete, uma música de colocar qualquer Espírito em êxtase se fez ouvir, vasculhando o infinito, em busca de Deus e da própria vida.

Alguns instantes depois, se notava no crânio do *Gigante do Evangelho,* uma força descomunal. Buscava alguém mais, para o coroamento da festa mas, este não apareceu!... As faces do velho discípulo inundavam-se de lágrimas, como nunca acontecera em sua vida. Seu cansado coração parecia um astro de luz própria, pela alegria que irradiava. Seu córtex cerebral era uma chama em profusão. As células nervosas cadenciadas pareciam pratos de luz e intercambiavam energias, elevando a lucidez do discípulo do Mestre ao ápice que uma consciência terrena pode captar e conceber.
O silêncio era o clima de grande expectativa e respeito. Pai Francisco, num gesto gracioso, tirou de uma bolsa de couro um pergaminho já meio gasto pelo tempo, mas que ainda conservava as letras vivas. Era uma carta escrita por Paulo aos companheiros da Igreja de Éfeso, que o velho guardava como relíquia e trazia ao lado do coração. Naquela noite inesquecível, ia entregá-la aos cuidados de uma das sete igrejas da Ásia, como sendo uma bênção de luz para todas as orientações. E começou a ler, com emoção...
Depois de lida a epístola de Paulo aos efésios, comentou:

- Paulo, a apóstolo do Cristo, em nome de Deus nos saúda, desejando a verdadeira paz. E mostra-nos de maneira compreensiva e justa, o quanto o Pai Celestial nos cerca de bênçãos, as quais nos fazem compreender os meios de nos libertarmos dos inimigos, não somente daqueles que por nossa fraqueza, julgamos que o sejam. Diz Paulo, com toda a sua irrepreensível autoridade espiritual, que o pannos criou, entregando-nos a Jesus Cristo, para sermos santos, para nos tomarmos Espíritos superiores, como cidadãos universais, dignificando a própria vida pelo Amor e pela Graça. Eis que sem o combate a certos inimigos existentes dentro de nós, toma-se impossível alcançarmos essa misericórdia, essa felicidade. E tais demônios se chamam ódio, vingança, inveja, ciúme, malquerença, estupidez, maledicência, orgulho! O nosso esforço deve ser no sentido de não fazermos aos outros o que não aceitamos para nós. Seremos redimidos, isto é próprio da justiça divina; contudo, essa redenção tem um preço bastante alto no câmbio da lei: o esforço próprio. Fora disso, como nos libertar da ignorância? Deus derrama todo o Bem sobre as criaturas da Terra. No entanto, cada um assimila de acordo com a sua capacidade. Ele daria a uns menos do que a outros? Não!... Nós é que não suportamos bênçãos maiores do que as que recebemos das mãos do Divino Doador.
É comum ouvirmos que Deus tem privilegiados, aos quais Se revela. Como se enganam! Todas as qualidades estão dentro de nós. As portas para o infinito se abrem dentro do coração, pelas mãos da lucidez racional. A faculdade de ver não constitui a ideal e, sim, a

que nos mostra o céu e que nos toma Anjos. A verdadeira esperança é a certeza absoluta que sentimos dentro d'alma. Esta é a maior vidência de todos os tempos. A herança a que somos predestinados, pela misericórdia do Senhor, é a herança divina, que a traça não corrói, nem o tempo consome, nem a ferrugem desfaz. E a herança da tranquilidade de consciência, é a riqueza da alegria, é a abundância de felicidade. Todos nós que aqui nos reunimos nesta noite memorável, se soubermos alimentar a fé, a confiança nas promessas do Evangelho e lutarmos contra a nossa natureza inferior, vencendo as dificuldades que ela nos impõe, alcançaremos a paz no coração. Esse é o penhor da nossa herança em Cristo. E a maior realidade que podemos atingir no mundo: conhecer a nós mesmos conhecendo o Cristo, que mora dentro e fora de cada um. O Apóstolo dos Gentios, como é chamado Paulo, ainda para nos cercar de cuidados especiais, ora por todos nós, nos ensinando igualmente a orar. "em tudo, daí graças a Deus, por ser a Sua vontade soberana". E nos concita à oração, que nos proporciona um bem-estar indizível, pela força da Fé, em comunhão com o Amor. O Senhor intercala nas bênçãos, respondendo às súplicas, uma energia que dá ao coração olhos secretos, para que veja tudo e sentimentos inexplicáveis para tudo compreender com a rapidez de um raio.

Deus não sustentou Jesus, Seu filho amado, em todas as dificuldades?

Não deu poderes celestiais para que Ele curasse e desse vida a quem quer que fosse escolhido para isso? Esse mesmo Cristo, Andarilho do Infinito, na graça do Pai Celestial, nos deu vida, quando estávamos mortos na ignorância e no erro. Veio, por misericórdia de todas as instâncias dos céus, para nos mostrar os caminhos que deveríamos trilhar e, acima de tudo, para nos ensinar com habilidade e mansidão, Preceitos libertadores, como segurança para a nossa jornada evolutiva. Éramos tentados por companheiros, que tínhamos como demônios. Neles despejávamos todas as culpas, esquecendo que, por lei, unimo-nos somente àqueles que pensam da maneira que pensamos, que sentem o mesmo que sentimos e falam no mesmo estilo que falamos. As culpas são divididas. Façamos, pois, a nossa parte. Ergamos a nossa moral, ajudando assim, o soerguimento da conduta alheia que se encontre vinculada à nossa, por sintonia que o nosso coração plasmou e a chuva mental irrigou no passar dos tempos.

Meus irmãos, se nos unirmos ao Cristo, começando por este templo sagrado, e entendermos o ideal de Nosso Senhor para conosco, é certo que seremos todos salvos por essa avalanche doutrinária, disseminada por Aquele que *era desde o princípio,* e acelerada pelos santos apóstolos do Nazareno... A presença do Cristo em nós é realmente motivo de glória, pois fora do amor não haverá solução para o mundo, nem para a humanidade. O Evangelho é Deus se manifestando na Terra, como força divina; ninguém o destruirá. O próprio tempo e o progresso são meios grandiosos para conservá-lo e engrandecê-lo para a eternidade, porque ele é a concentração de todas as leis e de todos os profetas. E a

síntese enfeixada por Amor, na expressão de um testamento que todo rebanho, todas as gerações herdarão. Foi feito por Deus, pela mãos do Cristo.
Lembremos sempre o que éramos antes, na condição de gentios distantes do nosso Salvador. Hoje, pela presença do Seu Amor, por Sua incomparável Bondade, através do empenho gigantesco de Paulo e de outras mãos amigas, novamente despertamos no Senhor e a nossa visão se alegra porque estamos vendo os Céus se abrirem pelas promessas. E Jesus a nos convidar a todos para o grande festim das Bodas Celestiais! Estamos unidos pela cruz - não aquele madeiro que o nosso Mestre carregou no Calvário, do qual fui testemunha, mas, a cruz dos testemunhos e da luta empenhada na vitória. A persistência no Bem nos dará a ventura plena do Amado Cordeiro na obediência a Deus e na Fé sem limites, na suprema segurança com o Amor. Foi derrubado o muro que separava os Céus da Terra e, depois da vinda do Messias, anunciada pelos antigos profetas, foi liberado o intercâmbio entre um plano e outro - entre os homens e Espíritos. Foi desatada a fé na vida futura e as criaturas são conscientizadas de que ninguém morre: a vida se encontra estuante em toda parte. A Boa Nova do Reino iniciou a destruição da inimizade, fez surgir o perdão e a fraternidade começou a invadir os corações.

Pai Francisco silenciou um pouco. Estava como que uma estopa inflamada, acesa na luz espiritual. Não se mostrava cansado; era incrível a resistência do *Ancião do Amor.* Contemplava com alegria indizível as duas plateias, confirmando o que falava Paulo na carta aos efésios, da assistência do Senhor aos que se unissem à Verdade. Ali estava a comprovação. Sorveu um gole de água e respirou profundamente. Os assistentes estavam todos alertas. Ninguém dormia, atentos a palestra do apóstolo, que nunca falara na igreja, mas que, naquela noite, mostrava quanto conhecia a doutrina do Cristo na mais profunda essência.
Doentes de todas as espécies amontoavam-se nos corredores do casarão. Homens, mulheres e crianças suspiravam, tomados de fé. Esperavam, por intuição,
e Pai Francisco, ao terminar sua pregação, lhes desse a bênção e, quem sabe?... nunca morrem as esperanças e Deus poderia operar algum milagre, por intermédio daquele pastor de almas.
- Meus filhos - continuou - Já me encontro no fim da estrada, que, por assim dizer é a vida. No entanto, mesmo sendo poucos os instantes, alegra-me viver esta festa espiritual que nos foi dada por misericórdia de Deus. Pode ser a minha despedida deste mundo, que me foi uma escola valiosa e, tenho a certeza, o será para todos. Tudo, meus queridos, na Terra, constitui peça valiosa na engrenagem da evolução. A nada poderemos amaldiçoar, por não entendermos a função das coisas no aprimoramento das criaturas. Ninguém é culpado de nossa ignorância, nem mesmo nós. Esta é a lei em todos os espaços do infinito, tendo Deus como seu feitor sábio e justo. Paulo nos envia orações, a

fim de que desperte em nós o homem interior, que sejam liberadas as forças internas e confia em que a aceitação do Evangelho pelos efésios, seja como um toque de despertamento nas qualidades que dormem em cada criatura, anunciando que o Cristo chama a todos para a operação urgente nos campos do aperfeiçoamento.

Eis que Ele bate às portas de cada um, que tem nas mãos o segredo de como abri-las, desejando que a Igreja seja sustentada pela fé divina e humana. Que andemos unidos pela fé e que pela graça do Senhor nos compenetremos dos nossos deveres perante Deus, a família e os semelhantes, respeitando os direitos do próximo, repartindo com alegria aquilo que temos para dar. Deveremos nos tomar um só corpo e um só espírito num vínculo de paz. E confirma com veemência, o que fora anunciado por Moisés:

- Há um só Deus sobre todas as coisas, ao qual devemos amar com todas as nossas forças e o nosso interesse.

Passou, em seguida, a discorrer sobre os serviços dos filhos integrados no ministério do Mestre. Apontou as regiões inferiores para os que não têm responsabilidade e preferem a inércia ao trabalho. Propôs uma regra saudável, a fim de que a vaidade não desfigure as belezas das atitudes evangelizadas. Deu firmeza ao tom da voz e continuou com delicadeza:

-Amados, a santidade cristã é contrária à corrupção, cuja ignorância segrega e abafa os poderes do espírito, desnorteando, igualmente, os sentimentos mais elevados. Foi nesse sentido que o Cristo veio atear fogo e tem pressa que ele se alastre. Aproxima-se o tempo da queima do joio no meio do trigal de Deus. Nós somos plantas nascentes na lavoura do Mestre e Ele, o Jardineiro da Criação.

E necessário que nós nos despojemos do homem velho, para que a n ude nos revista de ânimo nos serviços do bem; que a beleza contorne toda nossa forma, mormente no que tange à moral e às atitudes, e que nunca sejamos

insensíveis às necessidades dos outros, à dor alheia e aos infortúnios ocultos. Busquemos, pois, a santidade; ela é a pureza que nos comove até a alma, porque é o Amor nos convidando à serenidade constante. Trabalhar em beneficio dos outros é, certamente, ajudar a nós mesmos, porque estamos ligados uns aos outros por laços indestrutíveis, e o Amor de Deus para conosco corre por esses fios vitais que fazem da humanidade uma constelação; o cúmulo de estrelas humanas se interliga por lei de justiça e necessidade de uns para com os outros.

Conclama-nos o homem de Tarso, que aquele que rouba não deve fazê-lo mais; o que despreza o trabalho honesto, que se revista de honestidade; aquele que se ira por qualquer motivo, que se esforce para perdoar, e quem cultiva a melancolia já ao amanhecer do dia, que aja como o sol, despejando raios de alegria ao terminar da madrugada.

Não deixemos que os pensamentos se desprenda, dos lábios, sem que antes tenham sido analisados, para que o escândalo não se processe por nós e perturbe os outros. E indispensável que imitemos os santos, que imitaram o Cristo, que imitou a Deus. A cobiça nos engana e a transitoriedade da falsa virtude nos esmorece diante da vida. Toda aquisição duradoura requer tempo e o tempo busca espaço e este apura as coisas para que elas sejam permanentes.
Meus filhos, abandonemos as trevas que escurecem os nossos sentimentos, que esmorecem a razão, que incentivam a tristeza. Basta pensarmos na máxima divina - "Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e cristo te iluminará!" - para sermos ajudados a entender a nossa missão. Não é preciso que tudo abandonemos para seguir o Cristo; isto seria sairmos de um extremo para o outro e ficarmos do mesmo modo que antes. Sensato é que usemos tudo com nobreza de sentimentos, tendo o Mestre como filtro, a fim de que tudo nos chegue com pureza e dignidade. Quantos maridos nos ouvem e quantas damas nos assistem, filhos, servos e senhores? A todos aconselhamos que amem uns aos outros como Jesus nos amou, ou que, pelo menos, tentem, sem interrupção, fazer isso em nome da Paz. Esta é a maior armadura que nos protege contra qualquer investida da ignorância. Ou de inimigos que queiram se apossar de nós, procedentes do exterior, ou oriundos do coração.

Pai Francisco, todo iluminado e sorridente, levantou a destra, abençoando a todos no mais profundo gesto de amor. Relanceou os olhos úmidos, e num rápido manejo do olhar, percebeu quantos irmãos ali estavam bebendo as suas palavras, guardando-as como relíquias de um novo círculo de grandezas espirituais, sob a égide do Príncipe da Paz. Pôs as suas mãos enrugadas, mas ágeis, no tosco banco, para levantar-se, e, com grande espanto, percebeu que o Mestre lhe ofertava ajuda, como acontecera com Ele na subida ao Calvário. De fato, Pai Francisco carregava pesada cruz, fardo já bastante incômodo, que era o seu corpo. Cresceu a sua alegria e, caminhando, sentiu o Cristo tomando-lhe as mãos e ocupando a sua mente. Desconhecia nda a vontade de Deus naquela noite, mas esta logo se fez entender.
A figura respeitável do venerando senhor de Patmos passou pela multidão foi em busca dos enfermos que se comprimiam em tomo do templo de Éfeso. Seus discípulos o acompanhavam sem coragem de tocá-lo. Queriam expressar suas esenças, mas sem querer, se misturaram a todos os efésios e beberam a água divina que fluía naquela noite. Leve perfume se fazia sentir na grande extensão por onde Pai Francisco passava. Falanges de Espíritos puros operavam entre a multidão pelo comando do Senhor, restabelecendo corpos, aliviando mentes desequilibradas e afastando Espíritos imundos das criaturas sofredoras. Ouviam-se vozes abafadas agradecendo a Deus pelas curas... Outros largavam de repente, as suas muletas. Crianças eram suspensas no ar, em

agradecimento. Pai Francisco, compassadamente, tomado pelo Divino Amigo, tocava pelas pontas dos dedos os enfermos e os curava instantaneamente.

A noite correu sem que ninguém percebesse. O canto dos pássaros anunciava o amanhecer de novo dia. Os discípulos do apóstolo avançaram para protegê-lo e suspenderam-no diante da multidão, carregando-o sem qualquer reação sua. O povo aumentava na igreja de Éfeso e a notícia corria como a luz...

Pai Francisco, já em casa, foi cercado de todos os cuidados possíveis. Levaram-lhe todos os tipos de alimentos e sucos, mas a tudo ele recusava. Os discípulos conheciam a grandeza do seu mestre, pela vida que levava e pelo Amor que vivenciava. No entanto, nunca pensaram que poderia chegar a tanto a sua grandeza. A igreja de Éfeso foi visitada por toda a população, que ainda respirava as fragrâncias celestiais, impregnadas no ambiente pelos benfeitores da eternidade e pela presença do maior Espírito que aquela terra conheceu, lhe servindo de berço, por misericórdia de Deus.

O último dos doze não precisava fazer recomendações de sentido doutrinário, pois aqueles homens guardavam no coração o tesouro que ele ofertara, com amor e carinho.

A caravana celestial ainda não subira aos Céus. Acompanhara o vidente de Patmos aos seus aposentos, observando as evoluções da vida na dimensão que lhe competia permanecer. Recostado num velho leito, sentiu Pai Francisco forte estalo dentro da cabeça. E eis que se encontrava de pé ao lado do velho corpo que começava a afrouxar os nervos. A sua lucidez se dilatou, ganhando imensurável amplitude. Nenhum dos Espíritos presentes operou em favor do apóstolo, uma vez que ele mesmo se recompôs. Respirou em ritmo encantador, por ação de sua fabulosamente, acumulou em tomo de si recursos espirituais, restabelecendo todas suas energias-forças e, em segundos de operação ágil, com as forças renovadas, se libertou do fardo físico.

Palmas de luz se faziam ouvir... Era a entrada triunfal de João Evangelista no mundo espiritual. Ouvia-se deslumbrante hino anunciando o regresso de mais um soldado da refrega humana, que deixara na terra o testemunho de que somente o Amor vence todas as dificuldades, curando enfermos e distribuindo paz às criaturas.

João é abraçado por toda a corte celestial. Primeiramente, por aqueles que foram seus pais na Terra: Salomé e Zebedeu. Depois, surgiu Maria no esplendor de sua beleza e graça divina. O profeta da ilha agreste, ao vê-la, caiu de joelhos, beijando-lhe as mãos de luz e ela osculou os seus ondulados cabelos de neve. O apóstolo regressou ao passado e ouviu novamente com todos os contornos os sons, que antes registrara:

- Mulher, eis aí o teu filho". "Eis aí tua mãe".

E ao sair daquela efusão de amor de mãe e filho espirituais, deparou com Paulo e Jesus, jubilosos pela vitória do apóstolo. Quando quis ajoelhar-se novamente, não o conseguiu -

Paulo tomou-o em seus braços e seguiu Jesus, que parecia um sol com um cortejo de estrelas, ramo ao infinito. Era, de fato, a constelação espiritual em busca do seu pouso cósmico... João Evangelista retomava ao colégio apostolar de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

* * *

Logo que o Pai Francisco foi chamado para a pátria espiritual, contando quase um século de idade, o filho do comerciante de Éfeso, sem que ninguém percebesse, sentiu-se abalado nas fibras mais íntimas do coração. Pouco depois de ser curado pelo velho apóstolo, passara a morar com ele, tendo-o como professor permanente. Assimilara a Boa Nova do Reino com espontânea facilidade, que o mestre admirava. Pátius havia renunciado ao reino da abundância de seu pai, para acompanhar Pai Francisco em suas andanças de caridade. Vivia na mais pura simplicidade e rigorosa higiene, maneira que herdara da escola de Roma. Era admirador da escola de Sócrates e Platão, conhecia detalhadamente a vida desses dois homens. E pela influência de Pai Francisco, aceitara Cristo como um verdadeiro Deus, que viera à Terra, por misericórdia. Pátius não demoraria muito tempo na Terra depois da ida do mestre. Numa queda, fraturou o crânio e quando o socorro se fez presente, eleja se encontrava junto ao apóstolo, sorrindo e abençoando a todos os da família de Éfeso.

Antes, quando o velho apóstolo curou o estudante recém-vindo de Roma, pedira aos familiares que desejava receber algo em troca do que fizera, já que eles insistiam tanto. Os genitores, atenciosos, interrogaram:

- Fala, Pai Francisco, que te daremos o que pedires aqui ou além: terras, ouro, sítio ou casas para fazeres o que bem entenderes.

O ancião sorriu satisfeito e disse com brandura:

- Eu quero, em nome de Jesus Cristo, que todos vós, homens, mulheres, crianças escravos e senhores, que vos caleis diante da cura que presenciastes. [6] - deis anúncio desse fenômeno a que, por permissão de Deus e bondade do Cristo vós assististes, pois a minha missão, por enquanto, não é curar, mas outra haverá de vir. Ninguém precisa ficar sabendo, pois o povo de Efeso sabe que pátius está em Roma, estudando e desconhece a sua enfermidade. Agora vós podeis anunciar a chegada de Pátius, apresentando-o são, como era. E a maior dádiva que posso receber de todos vós.

Juraram guardar segredo, em nome de todos os deuses, pois se tratava da vontade de Pai Francisco.

* * *

Esta é uma fração da história do grande vidente do Apocalipse. Os escritores antigos e modernos perderam o fio dos fatos que com ele ocorreram. Quem poderia ter escrito muito sobre ele seria Pátius, mas, logo que pôde tomar essa atitude, foi chamado para o além, por lei irremovível do destino. Seu nome não se encontra no Evangelho de João, porque ele o escreveu antes de conhecê-lo e não se encontra no Apocalipse porque este foi ditado pelo Cristo. João, com certeza, não achou conveniente falar de seu discípulo, ou dos seus discípulos, que foram inúmeros. Após desencarnar, Pátius o acompanhou, pela afinidade do coração.

Temos depois, já no século XII, voltaram juntos, reencarnando-se na velha Itália, como mestre e discípulo, por se encontrarem naquelas plagas, campos de trabalho que requeriam maior urgência. Pátius, junto de Francisco de Assis, nas Ordens criadas pelo mestre, foi-lhe muito útil, escrevendo tudo o que o iluminado da Umbria falava como médium do Cristo. E as mensagens eram enviadas às igrejas de maior expressão que, por sua vez, as transmitiam às demais. Era o seu maior amigo, eternizado pela gratidão, tendo, como Pátius, recebido duas curas por intermédio de Pai Francisco: a alma e a do corpo.

Frei Leão foi o mesmo Pátius, que depois voltou sozinho, ainda na Itália, contando agora com Pai Francisco como guia espiritual. E dessa vez na personalidade do Professor Pietro Ubaldi, quando aproveitou sua educação milenária, e hicida inteligência, servindo com médium. Plasmou no papel o que Francisco desejava, em nome de Cristo. E o Brasil foi, para ele, a nova ilha de Patmos, bem mais confortável do que a do seu inesquecível mestre. Reencarnado, reviu toda a história da humanidade, sentiu a aproximação dos tempos anunciados as profecias, e reconheceu o verdadeiro lugar, no concerto das nações, desta Patria soberana, pelo seu exemplo.

2

Uma Cidade Diferente

"Então vi descer do céu um Anjo, tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos. "

Apocalipse, 20:1 e 2.

João Evangelista, o grande vidente de Patmos, regredindo no tempo, teve a visão dos acontecimentos ocorridos no mundo espiritual, antes mesmo que ele nascesse, pois, para que o Cristo descesse à Terra, era necessário que engenheiros siderais limpassem a atmosfera do planeta, para que os atentados contra a Boa Nova do Reino de Deus não viessem a gerar alterações.

Uma falange de Anjos assomou à Terra, tirando dela dois bilhões de Espíritos inferiores, cuja animalização atingia até as raias do impossível. Se fôssemos contar os fatos ocorridos na comunidade que denominavam *de A Cruzada.* Assim a chamavam porque sua planta era em forma de cruz, que se quebrava nas suas quatro hastes, sendo que, em cada uma delas foi criado um reino, cada qual comandado por um príncipe e um imediato. Eles mesmos se organizaram, por haver no meio daquela multidão seres de alta envergadura intelectual, grandes magos, desenhistas habilidosos, artistas consagrados, muitos deles dados à lavoura, à pecuária e a outras atividades. Não faltavam, na grande metrópole das sombras, especialistas em todas as áreas do conhecimento.

Esses Espíritos não foram cambiados para essa região de uma só vez; foram divididos em muitas levas, para maior segurança do trabalho. A cidade das trevas foi edificada na linha do Equador, para que o Sol cooperasse com eles, desintegrando parte dos seus pensamentos inferiores e para que, de certo modo, os maltratasse, pelo calor abrasador dos seus raios diretos, em fusão com as suas próprias vibrações. A egrégora* formada por essas almas servia de filtros para os raios ósmicos, de modo a não lesar nem lhes crestar a estrutura espiritual, abrindo-a em chagas, principalmente a daqueles que trabalhavam em serviços mais posseiros. A escravidão, ali, era bem pior do que todas as conhecidas na Terra. Assim o Satanás descrito por João Evangelista, evidencia-se como o símbolo desses dois bilhões de Espíritos.

Relativamente a esses expatriados, os perseguidores da época do Mestre eram bem mais brandos, pois conheciam o motivo de sua estadia ali, e alimentavam o ódio e o prazer da vingança. Quando pudessem sair da prisão milenar, a ideia era voltar à Terra e incendiá-la - tinham exércitos bem adestrados, esperando o dia de transformá-los em cinzas.

Engenheiros siderais planejaram com habilidade indescritível a planta de um local que pudesse alojar esses seres, acumulando material adequado para que eles mesmos o edificassem, sem notarem que estavam sendo ajudados. Correntes de fluidos de certa estrutura cruzavam os espaços em altas voltagens, carregando segredos que os habitantes não poderiam descobrir, para não anularem os curtos-circuitos lesivos, provocados ao contato com a forma perispiritual. Nas tentativas de evasão verificadas, constatou-se,

* Égregora – do grego 'roi; Elifas Levy os denomina "os princípios das almas, que são os espíritos de energia e ação"; qualquer coisa pode significar. Fonte Glossário Teosófico – Helena Petrovina Blavatsly (N. E.)

pelas graves consequências para os fugitivos, que isso não compensaria. Os habitantes de *A Cruzada* esperavam, no passar dos séculos, o cumprimento da profecia de que, após mil anos, seriam soltos. Não desconheciam eles o futuro que lhes estava reservado e para isso se encontravam naquele preparo coletivo, assim como a Terra estava sendo preparada para suportar-lhes a maléfica ação. Deus, em Sua misericórdia, se serviria deles em benefício deles mesmos, em algumas etapas educativas, pois que, como filhos do Todo Poderoso, não se encontravam perdidos e condenados eternamente. O tempo e a dor os fariam amadurecer sob o calor das provações. A Terra seria, por muitas vezes, berço para essas almas, no sentido de torná-las boas e mansas, a fim de obterem ingresso no grande rebanho de Jesus Cristo.

O solo da cidade era de matéria viscosa, o que lhes dificultava os movimentos, porém, com o passar do tempo, desenvolveram, como sói acontecer na Terra, recursos e, com a manipulação de elementos, solidificaram as ruas e deram uma expressão mais confortável às mesmas. A pouca água de que dispunham tinha em sua composição substâncias eletroquímicas, que os mantinham alimentados, renovando-lhes as energias. Os vícios ali desenvolvidos foram incontáveis. A falta de Pudor, sem limites. O sexo em desalinho tomava proporções assustadoras, envolvendo todos os habitantes; a sofisticação da brutalidade e da prepotência era a condição maior dos dragões que tinham nas mãos o domínio e o comando dqueles Espíritos. Movidos por reminiscências que traziam da Terra, criavam ações idênticas; por vezes festejavam inventos em praça pública, esbravejando o nome do rei dos reis, desdenhavam o mundo dos homens,
alegando faltar nestes a inteligência que lhes sobrava, afirmando que a meta era a liberdade, com a saída daquela jaula astral. Ali permaneceram verdadeiramente por mil anos. Depois, eles mesmos, para que se cumprissem as profecias, descobriram meios de escapulir pelo cinturão energético que os mantinham presos, começavam a perder os sentidos, a fim de serem levados para colônias apropriadas e lá preparadas para novas reencarnações no plano físico.

Colocar-nos-emos diante das profecias do Apocalipse, revivendo o que o profeta e evangelista disse, ouvindo do mundo espiritual e vendo os acontecimentos, tanto do assado quanto do grande futuro. A vista disso, acrescentaremos algo mais para que a realidade possa se apresentar e para que possamos sentir o drama que se passou na Idade Média, estendendo-se até quase o descobrimento do Brasil. Somente as Cruzadas, contando do grito estentórico de Pedro, o Eremita, e o Papa na realidade, no governo de Sérgio IV, no ano de 1009. para que analisemos melhor as profecias, eis o que diz o Apocalipse, capítulo vinte, versículos sete e oito:

"Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão. E sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da Terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número desses é como a areia do mar".

Na sequência, vejamos o fim do versículo três do mesmo capítulo:

"Depois disto é necessário que ele seja solto por pouco íempo' \ se referindo que, depois dos mil anos, seria Satanás solto por menor espaço de tempo e, na verdade, assim aconteceu. Quando eles desencarnavam - quase todos por meios violentos - permaneciam na erraticidade por pouco tempo, pois os agentes da luz os traziam imediatamente para novas prisões, acorrentavam-nos em corpos físicos de todos os tipos, em todas as nações do mundo-escola educativa da dor, onde se investiam uns contra os outros e de onde saíam a seduzir todas as nações da Terra, estimulando guerras, ateando fogo onde conquistassem ou perdessem as batalhas, gerando a peste e a fome. Por aí se nota a enorme justiça de Deus, a bondade imensurável do Criador, organizando esse trabalho indescritível para educar essas almas desviadas da Paz e do Bem, na sua feição de Amor, pois esse é o roteiro, pelo qual não se poderá um til que seja, em todos os fatos, nas nações e reações de todos os seres.

Depois das Cruzadas, explodiu a Inquisição, plano dos mesmos Espíritos já melhorados. Se alguém se sente mal quando passa a saber de alguns acontecimentos ocorridos nas masmorras das casas inquisitoriais, sofreria mais se soubesse alguns detalhes dos acontecimentos das Cruzadas, oito investidas envernizadas no puro ódio e na vingança. Sob o pretexto de preservar o túmulo do Cristo, invadiam e conquistavam, provocando carnificinas. Sob a justificativa de que Deus ordenava e de que o Cristo surgia os incentivando às lutas de conquista, os fanáticos egressos da grande cidade negra reuniam-se em exércitos. É certo que nem todos aderiram quando se encontraram na carne, mas, em compensação, dos que não estavam presos - almas já melhoradas em comparação com os cruzados do astral inferior - muitos a eles se uniram por junção magnética, por hipnotização ou por afinidade com os sentimentos inferiores do alto comando das trevas.

Hitler, um dos últimos príncipes que ajudaram a governar a grande cidade nos céus do Equador, foi uma das feras enjauladas por mil anos que, ao assumir o controle do Estado Germânico, tinha uma tarefa odienta com a sua consciência e os seus comandados preguiçosos, reencamados como judeus, objetivando eliminar toda a raça. Entretanto, pôde somente atingir àqueles que, na contabilidade divina tinham registradas dívidas remontadas. Ele, prepotente em demasia e os outros, auto-hipnotizados, dizendo-se seres superiores, ainda desconheciam que eram a escória do mundo que os milênios e a dor iriam transmutar em pedras preciosas - todo o joio toma-se trigo, pela força do progresso.

Os comandados do Füehrer eram em tomo de quinhentos milhões que se dividiam entre os dois planos da existência, lutando e ouvindo a antiga voz do pastor negro, e obedecendo à risca o comando, sem darem valor à própria vida. E ele, como símbolo, traz a grande cruz aberta nas hastes, planta da cidade das sombras, chamada *A Cruzada,* cuja quarta parte comandara com rigidez e orgulho, nunca saindo do poder durante todo o tempo, a não ser para voltar à Terra, com a grande pretensão de dominá-la, de colocar os pés no globo e dizer: "Esta é a minha casa", ou então, transformá-la em pó. E se envaidece com a cruz suástica. Ao olhá-la, pareciam aumentar-lhe o poder e a coragem. Falanges e mais falanges de Espíritos estavam sob suas ordens, pois logo se afinizaram com o seu modo de ser.
Desta forma, teve início a guerra de 1939 a 1945, com suas calamitosas consequências...

* * *

Francisco de Assis desceu à Terra em meio de enorme e terrível carnificina. A Idade Média fazia do mundo um palco nefando de ódio e de vingança. Depois de mil anos de cristianismo, foram abertas as portas das trevas, e ela foi tumultuada pelos agentes das sombras; contudo, Deus, em Sua divina programação, não esquecera das devidas proteções. Ao armar a escola do planeta com meios apropriados para educar almas, cuja ignorância em seu verdadeiro clima, fez com que encontrando-se sombras com sombras, nascesse a luz desse impacto.
Uma mancha negra acumulava-se na Europa, com tendência a estender-se no mundo inteiro, apoiada e estimulada por alguns príncipes da Igreja, que, embora chamada do Cristo, d'Ele se distanciava. Na condição de sacerdotes, oriundos das trevas, vieram reunir seu rebanho para incendiar o mundo de atrocidades, banhá-lo com sangue e fazer com que os corações se esquecessem do Amor. Enganaram-se eles nas suas pretensões, pois serviram de instrumentos de corrigenda para os seus próprios companheiros. Aqui nos referimos às Cruzadas e, principalmente, àquelas em que sucumbiram mais de quatrocentas mil crianças, Espíritos esses que, mesmos em corpos de inocentes, eram velhos devedores perante as leis divinas e que, levados pelas trevas, foram passados a fio de espada. Essas almas eram todas procedentes do astral inferior, unidas umas às outras pela força dos sentimentos. Quando ouviram a voz do chefe para a luta, largaram, como num ato de fé, irmãos, amigos e pátria, com a ilusória sentença de vários hipnotizadores das trevas, na influenciação coletiva, que diziam:

- O Cristo, meus filhos, em forma do Menino Jesus, está na frente. Vamos! E mais nada perguntem, que vamos libertar a Terra Santa onde pisaram os profetas de Deus e que o Cristo abençoou.

E levas de crianças de todas as idades acompanharam vários psicopatas vampiros, cujo prazer era ver e sentir o cheiro de sangue. Caíram nas armadilhas dos lobos os que, por lei dos afins, não deixavam de ser lobos também. Era a própria lei educando os refratários e fazendo com que despertasse, pelo guante da dor, o Cristo interno nos corações.

As Cruzadas eram comandadas por homens nefarios, isentos de todo e qualquer sentimento de fraternidade. Os grandes missionários, dos quais Francisco de Assis era o mais lúcido, contrabalançavam o mundo doutrinário, não deixando desaparecer a fé em Deus e os exércitos espirituais em busca dos sentimentos altruísticos. Os grandes místicos são como alto-falantes ligados no amplificador divino, em cujos microfones fala o Cristo, em nome de Deus, procurando despertar nos homens de boa vontade, a esperança. Foram as Cruzadas o embalo execrável das trevas, como advento da Inquisição, e João Evangelista, como vigilante da Espiritualidade Maior, regressou como Francisco de Assis, com a missão sagrada de aliviar, por misericórdia, o fardo pesado que estava sendo imposto pelas Cruzadas aos ombros dos homens. A sabedoria do Pai Celestial curava a obstinação das almas envenenadas na vingança e no ódio, usando Espíritos da mesma faixa evolutiva, dos mesmos sentimentos em decadência e, pelos impactos, ambos despertaram com o tempo, pela terapia milagrosa da dor. O espaço é usado como medicamento na garantia da verdade de que ninguém se perde, porque todos somos filhos de Deus, com os mesmos direitos e deveres compatíveis. O que chamamos de Mal é, no fundo, um Bem a nascer.

* * *

A França foi o berço onde se fermentaram as ideias mais nefastas da Terra. Foi lá que as trevas acharam ambiente para se estabelecerem, usando como médium um homem que não deveria ser esse instrumento, por se intitular Pastor de Almas. Diante da multidão, em outubro de 1095, no Concílio de Clermont, o

Papa Urbano II, inspirado pelos agentes das trevas, deu o grito de guerra contra os turcos: deveriam matar os muçulmanos, em defesa do Santo Sepulcro. Quando viu o ambiente favorável às suas invectivas inferiores, arrematou com entusiasmo, frente à multidão sempre inconsciente, uma das maiores blasfêmias de todos os tempos, no tom de voz conhecido das sombras: "É Deus que o quer". E terminou sua nefanda prosa em meio de gritarias: "Ide sob a égide de Cristo".

Nesse dia foi fundada a primeira Cruzada, o movimento que tomou corpo, como sempre acontece com as coisas inferiores, e foi palco de morte e sacrifício para quase um milhão de pessoas. E as trevas, temendo que as cruzadas acabassem, organizaram no século seguinte, movimento semelhante, disfarçado com outro nome, porém, movimentado pela

mesma falange de Espíritos sanguinários, verdadeiros vampiros da Idade Média. As trevas intentaram apagar o sol da Terra.

Foi na Itália, no papado de Lúcio III, que se lançaram as bases da Inquisição, no Concílio de Verona, em 1184, para depois se criarem na França os tribunais do Santo Ofício, no ano de 1233, sob a influência de Gregório IX. Esse movimento ceifou vidas e mais vidas no mundo inteiro, sem piedade, fazendo desaparecer o amor na própria religião. Carrascos se assentaram, como afirmam, na "cadeira de amor de Pedro Apóstolo", que deu a vida por amor ao Cristo, abençoando e curando enfermos, que não tinha uma pedra sequer para reclinar a cabeça, e não aceitava companheiros para o apostolado que não renunciassem aos bens terrenos, chegando ao ponto de Ananias e sua esposa morrerem aos pés do homem de fé, por mentirem no que tange à renúncia das coisas materiais. Esses homens que sucederam a Pedro convocavam inocentes, homens, mulheres, animais e coisas que poderiam estar trabalhando em prol da vida, para dar esperança e surgimento da fraternidade na Terra, incentivavam a guerra e instituíram tribunais para sacrificar e tirar vidas.

Esses movimentos foram estimulados pelas forças das trevas, que ficaram anuladas por mil anos, como se refere o Apocalipse, mostrando Satanás, simbolizado com uma legião de Espíritos que, soltos, desceram à Terra pelo processo da reencarnação, tomando os pontos estratégicos de comando, nos palácios e na religião, e mostrando o que realmente eram, em se falando dos sentimentos mais lúgubres que a Terra pôde conhecer. Todavia, Deus, na Sua bondade infinita, não Se esquece de Seus filhos, e sempre os atende com Amor. Envia milhares e milhares de Anjos à Terra, para aliviar o carma coletivo, dentre os quais destacamos duas falanges que desceram ao planeta: uma sob a direção de Francisco de Assis, no sentido de tomar conhecido pelo exemplo, o Amor e a Humildade, o Perdão e a Simplicidade, influenciando igualmente o alto escalão do clero romano, para o retomo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; a outra, sob a direção de Domingos de Gusmão que, pela sua eloquência e por dominar vários idiomas inclusive o Languedoc * -, recebeu a incumbência do Papa Inocêncio III de combater os hereges. Todavia, não o fez como queria Sua Santidade, pois era um homem de paz. Conversava com os revoltados, exortando-os a esperarem com paciência em Deus e em Jesus, que jamais deixariam os Seus filhos e seguidores sem proteção. Era, por excelência, um pregador do Evangelho, e corria muitos lugares para fazê-lo conhecido.

Certa feita, encontram-se em Roma, Francisco e Domingos, que vararam a noite conversando sobre a reforma da Igreja de Deus, desejando que eles cumpririam os deve-

* Languedoc-dialeto românico, com pronúncia peculiar, que se falava na região do OC, pertencente à Proença.

res que a consciência traçou, sob a inspiração do Mestre, e que o resto seria ou já estava entregue a Deus e que somente Ele, o Todo Poderoso, saberia com Paciência e com Amor, sem tirar a oportunidade dos sofredores, de fazerem a sua parte.

* * *

Inúmeros fatos e personagens influíram sobremaneira nos acontecimentos que culminaram com as Cruzadas e, na sequência da ação das trevas, a Inquisição.
A ação de Espíritos cujos compromissos com o Mal desencadearam situações as mais variadas, redundaram, para milhares de outros Espíritos, em situações dolorosas, como cumprimento das Leis Divinas.
Assim, para facilitar entendimentos e associação dos quadros nas diversas épocas, serão mencionados nomes de pessoas que foram protagonistas em diversos quadros de dor, e de lugares que lhes serviram de palco, onde a Sabedoria Divina fica evidenciada em sua ação de Amor em favor das criaturas.

Pedro, o Eremita

Esse cruzado das primeiras horas, pregador comum em vários países, fez-se porta voz de Urbano II. Homem de uma têmpera incomum, tribuno sem boas maneiras ou destaque intelectual, mas de uma atração na voz que arrebanhava multidões de todas as classes, fazia com que homens e mulheres abandonassem todas as atividades e marchassem em direção à Cidade Santa para libertá-la dos muçulmanos, inimigos ferrenhos do cristianismo. Os turcos, igualmente, quando ouviam o nome de Cristo, cuspiam de lado, desdenhando o Mestre dos mestres; todavia, os que se armavam como defensores dos lugares santos, onde acreditavam estarem depositados os restos mortais do Divino Mestre, eram iguais aos inimigos e pertenciam à mesma falange dos renegados da luz. Eram também Espíritos que vieram da grande *Cruzada* astral, cidade negra aprumada na linha do Equador.
Para termos ideia dos destroços praticados pelas Cruzadas, basta analisarmos a primeira, numa sequência de mais sete, cada vez piores. Arregimentaram mais ou menos um milhão de cruzados, de todas as idades, raças e posições diversas. A primeira guerra foi uma calamidade sem precedentes e o sangue derramado em nome dos nomes mais agrados do mundo. Famílias lutadas sentiam-se honradas com essa situação e escravizavam-se pessoas de todas as classes. Era exagerado o preço da liberdade em cada pedaço de terra, e contar os sacrifícios. A tomada de Jerusalém servia de pretexto para atrair e magnetizar as massas, reunindo os fanáticos para a luta; no entanto, atrás de tudo

isso ocorria o impacto das trevas com as trevas, de carma com carma, de processos evolutivos para os Espíritos ainda ignorantes acerca das leis de Deus.

Pedro, o Eremita, era um dos imediatos de um dos reinos da cidade do Mal Quando nasceu, a sua figura assombrou os próprios pais, que quiseram de imediato livrar-se dele, pois era de uma feiura assustadora. Casou-se e adquiriu filhos, os quais entregou a caridosa família para criar, porque ele iria servir ao Senhor, na libertação de Jerusalém das mãos turcas e muçulmanas. O fanatismo fê-lo instigar milhares de pessoas a fazerem o mesmo, desarticulando famílias inúmeras, saqueando fazendas indefesas, matando sem piedade quem encontrasse com ideias diferentes das suas. Todo inimigo era contra Deus e por isso não merecia viver, e, em muitos casos, quando se sentia derrotado, acovardava-se, dizendo sempre aos seus comandados que ouvia a voz de Deus e de Cristo, ordenando-lhe que o exército marchasse e que fosse à frente. Eram os mesmos obsessores do mundo espiritual, a ele ligados por ideias afins, que lhe falavam e o guiavam, estimulando-o na sangrenta tarefa.

A consciência de Pedro era um verdadeiro inferno e entendia que se libertasse a Cidade Santa das mãos inimigas, estaria livre de todos os pecados cometidos. O próprio Urbano II perdoava todas as faltas, por mais graves que fossem, do voluntário que morresse nos campos de luta, e, os que recuassem, ficariam condenados eternamente ao fogo do inferno. Príncipes, reis, condes e todo o alto escalão da nobreza marcharam para a frente, sem pensar nas consequências, sem medir os sacrifícios. Todas as cidades por que Pedro passava, pregando a necessidade do alistamento nas fileiras da "Guerra Santa", ficavam quase desertas. A sua feiura assombrava as pessoas; no entanto, o seu verbo as arrebanhava e unia para a maior das chacinas até então verificadas no mundo. Ele simbolizava o Satanás Gogue, que João Evangelista identificou nas visões em Patmos.

A Terra foi assolada pelas sombras. A Idade Média marcou na história as maiores perversidades até então praticadas - o homem desceu abaixo do animal selvagem, com todos os tipos de atrocidades. O movimento foi tão grande, que chegou ao ponto de atrair os grandes guerreiros da época: Frederico, o Barba Roxa, da Alemanha, Felipe da França e Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra. Três grandes nomes mundialmente conhecidos, pesaram na balança dos inimigos. Se fossemos numerá-los, estas páginas não comportariam os nomes dos grandes personagens que enlutaram as próprias famílias para defender a honra do Santo Sepulcro. Espíritos conhecidos há milhares de anos, alimentavam todos a ideia de atear fogo à Terra, sob qualquer pretexto.

Do outro lado havia o mesmo número de guerreiros com as mesmas ideias e, dentre eles, Saladino, sultão impetuoso, que os comandava - diante de quem esteve Francisco de Assis pregando a paz. Seu escuro coração inundou-se de luz e tudo aceitou por um momento, mas quando Francisco se retirou, as suas intenções maléficas voltaram todas e ele reassumiu seu padrão habitual.

Estamos descrevendo apenas alguns detalhes, somente para mostrar, por prismas mais leves, o que foram as Cruzadas, e como nasceram os oito gritos infernais que abalaram o mundo. Foram duzentos anos de lutas terríveis, e quase cem de fermentação de ódio e vingança, cuja sequência foi a Inquisição com os mesmos Espíritos já mais brandos, porque pela lei de Deus não há regressão.

Gengis Khan

Este terrível conquistador ateou fogo na Ásia Central e na Ásia Menor. Onde as patas dos seus cavalos deixassem rastros, a máxima era essa: que ali nada mais nascesse. Quando conquistava uma aldeia ou cidade, rapinava tudo, fazia prisioneiros e estuprava as meninas-moças. Quando derrotado em algumas poucas batalhas, incendiava tudo por onde passasse: essa era a ordem do grande guerreiro.

Gengis Khan, um dos chefes da cidade *A Cruzada,* no astral inferior, na Idade Média foi um cidadão livre na Terra. Essa liberdade custou bastante caro aos seus semelhantes, que não o eram somente na forma física, porém se agregavam a ele pelos sentimentos - a lei dos afins nos une com os nossos velhos companheiros de jornadas infinitas.

Como já dissemos alhures. Deus educa as almas por intermédio das próprias almas. Os dois bilhões de Espíritos da cidade negra baixaram à Terra em uma grande oportunidade de recomeço na pauta da disciplina, e, o mundo espiritual não iria, certamente, sacrificar santos, para que servissem de pais a tais monstros, nem tampouco companheiros, mas, sim, Espíritos da mesma estirpe. Reuniam-se seres da mesma índole psicológica e psicofísica, monstros para devorarem monstros, cães para devorarem cães, lobos para caírem nas armadilhas dos mesmos lobos. Todas essas atrocidades, cuja herança se faz mostrar até hoje, parecem-nos incompatíveis com a bondade do Criador. Ser-nos-á pesado para a consciência, se a razão der o seu resultado desfavorável à consciência divina; é por isso que muitos procuram não entrar no mérito da questão, nem julgar os homens por suas ações. Coitados! Foram eles criados simples e ignorantes; sua simplicidade é muito nobre e se reveste de muita beleza quando se encontra com a sabedoria, mas antes disso, ela favorece os maiores absurdos da vida, como os que aconteceram na Idade do Meio. Devemos estudar esses processos usados pelo progresso, com serenidade e com mais amor às criaturas, fazendo a nossa parte com caridade, se já pudermos fazê-la, para ajudar a educá-los. São crianças junto aos velhos que gritam por apoio, por liberdade e por amor. E, no fundo de tudo, eles estão se instruindo cada vez mais; os seus feitos são cópias da própria natureza, em todo o reino da Terra.

Gengis Khan foi guerreiro forte, mestre em comando por largas experiências e na hora da luta, o seu objetivo era lutar somente, na máxima expressão. Quando em acampamento,

era generoso para com seus comandados. Fazia-se um deles, e, em muitos casos, se entregava até a simples serviços, para que seus guerreiros se divertissem e descansassem. Esse gesto os cativava até a morte: era a gratidão nos caminhos do fanatismo. Qualquer de seus soldados que caísse prisioneiro ou ficasse ferido, tinha certeza de que em altas madrugadas viria socorro. Ele somente descansava em acampamento, quando nada mais havia para fazer, principalmente em benefício dos seus comandados. Com esses gestos de humanidade, sabia que ganhava a unidade dos seus homens. Em qualquer eventualidade bastava *um grito, uma* ordem de comando, para que todos se entregassem a qualquer combate, com fúria jamais presenciada em outro esquadrão. Era, se pudéssemos dizer, o fanatismo em quarta dimensão... Os místicos não usam, por onde transitam, maneiras idênticas? Só que a atenção que dispensam, a caridade que fazem e a gratidão que têm, universalizam-nos: não tem partidos, não escolhem a quem beneficiar, amam a todos dando tudo o que possuem. Vivem na fraternidade em busca do Amor, sem escândalos, sem guerras, sem ódios, sem ciúmes e sem conhecimento da inveja. São homens livres, por trabalharem constantemente pela liberdade dos outros.

Grandes extensões de terras foram pisadas e massacrados os seus habitantes. Foram trucidadas criaturas de todas as idades e o fogo era o sinal mais vivo de que por ali passou Gengis Khan...

No Egito e na Síria

Saladino, o Sultão que dominava o Egito e a Síria, empedernido conquistador, deixou sua marca na civilização da Idade Média, contribuindo para o aumento da calamidade universal, das catástrofes impostas pelas Cruzadas. Foi de grande expressão seu comando nefasto na terceira Cruzada, pois resistiu com fúria a outro grande guerreiro da Inglaterra, Ricardo Coração de Leão que, desta feita, foi vencido pela audácia dos muçulmanos, que consideravam de mal agouro o dia que sucedesse àquele em que não vissem correr o sangue do inimigo.

Não é nossa pretensão historiar as Cruzadas, mas para que seja possível compreender melhor a missão de Francisco de Assis e de Antônio de Pádua, i necessário que busquemos alguns acontecimentos na história da Idade Média, e 'guemos as coisas, a fim de deduzirmos o valor da vinda destes grandes missionários [e] Jesus, para amenizarem as provações da coletividade. Eis que foram dois astros 'ançados dos Céus em favor da Terra.

Mais adiante apresentaremos dados mais concretos do encontro de Francisco de Assis com o Sultão, e a proposta feita pelo *Santo de Assis,* em busca da paz.

A Inquisição na França

Os Céus se abrem, quando ouvem os clamores da Terra, haja vista o histórico caso dos judeus que estavam nas mãos dos egípcios, na Casa de Servidão. Eis que desceu de uma abertura divina a Justiça, na personalidade de Moisés, para que os homens não ficassem órfãos, e, foi neste aconchego da lei, foi nas torrentes de lágrimas vertidas pelos escravos no êxodo com o legislador, que o mundo entrou em preparo para a vinda do Messias, Aquele que é a esperança do mundo, Aquele que foi, é, e será sempre o nosso Guia Espiritual na grande casa de Deus. Os Céus se abrem quando se faz necessário, quantas vezes a lei exigir, para que nenhuma das criaturas carregue peso maior do que suas forças.

Um nefasto príncipe negro, com o nome de Torquemada, surge na história da Espanha, patrocinado pelas cruzadas do astral inferior, compactuado com milhares de outros da sua estirpe, para dar sequência às Cruzadas na Terra. Foi ele um curto-circuito nos fios da vida, principalmente dos espanhóis. O sangue, para ele, era como um bom vinho na hora da ceia ou nos festejos das suas crueldades. Era insensível aos apelos de mães e filhos, parentes e amigos dos condenados, e até mesmo de reis, que tremiam ante o seu poder. A crueldade petrificou-se nesse ser de modo indescritível. No ano de 1420, abre os olhos nas terras de Espanha esse agente das trevas, para presidir os tribunais das sombras e julgar os hereges, que eram os seus próprios companheiros da antiga cidade *A Cruzada.*

Em contraposição, em 1412, na cidade francesa de Domremy, para que o sofrimento não pesasse demasiadamente nos ombros dos sofredores, os Céus se abriram e desceu uma estrela em forma de *mulher, com o nome de Joana D 'Are.* Foi ela vítima de todos os tipos de sofrimento, nas asquerosas mãos dos inquisidores inescrupulosos: foi vilipendiada, cuspida, maltratada e encarcerada. Submeteram-na à fome, à nudez, à convivência com insetos, répteis e batráquios. Foi retalhada como se fosse um animal no açougue, foi vendida por cem francos, como acontecera ao Cristo pelas mãos de Judas. Foi interrogada pelos mais brutos representantes das sombras, e em todos os diálogos os vencia com a maior simplicidade, nunca negando seu ideal, dizendo que era enviada de Deus e que conversava com Anjos e Santos, que ouvia vozes da parte do Cristo, que ensinava a doutrina da Serenidade, da Moral, da Verdade e da Paz. A ignorância sempre apela para a violência, quando se encontra perdida nas evidências dos fatos. Foi julgada como feiticeira, herege de primeira linha, prostituta das mais baixas e escória das mais imundas mulheres que pisaram a Terra. Foi abandonada pelos seus maiores amigos, dentre os quais aquele a quem ela tão bem serviu - o rei de França. Enfim, o seu destino foi a fogueira.

Em Rouen, jamais perdera o ânimo, pois sabia que estava lutando por um ideal dignificante, que a sua morte seria - como foi - uma injeção de luz nas veias dos

esclerosados sacerdotes que dirigiam os tribunais da Santa Inquisição, em todo o mundo. A Donzela de Orleãs foi queimada; no entanto, as suas ideias não sofreram com isso alteração alguma. Antes, foram multiplicadas através dos próprios algozes. Objetivando submeter cada vez mais as populações, os escreventes da época fizeram relatório que enviaram para meio mundo, onde suas ideias prevaleciam, para que fosse lido nas praças públicas, principalmente nos dias de festas. Em vez do povo se assustar com as atrocidades, muitos cresceram em ânimo, ao lado da vítima, marcando-a como heroína, e a fé enraizou-se em muitos corações.

Joana fez tremer os alicerces da escuridão consciencial dos inquisidores, o que aliviou um pouco a severidade nos tribunais. Os que mofavam nos cárceres, nas masmorras e nos porões do Santo Ofício, cresceram em coragem e em disposição de ânimo, pois a esperança transforma a alma, como a anestesia favorece o corpo que vai sofrer os cortes do bisturi.

Nenhum dos Espíritos de alta categoria vem ao mundo para tirar todo o sofrimento da humanidade. Como a água que tomamos hoje, sabendo que amanhã teremos sede novamente, surgem como alívio, orientando-nos no sentido de encontrarmos a verdadeira fonte, dentro de nós mesmos. Eis que devemos lembrar Jesus ao lado da samaritana, no velho poço de Jacó: *Dá-me desta água que te darei uma, que tomando-a, nunca mais terás sede* " - água da sabedoria, da pureza espiritual, água da verdade!

O Tribunal da Inquisição, os homens de poder que faziam prevalecer as bulas papais, e os hereges eram almas vinculadas ao mesmo carma coletivo, vivendo o mesmo drama consciencial e sujeitos às mesmas dores. Quem pode afirmar que o carrasco não venha a sofrer as mesmas agonias dos condenados? Elas podem até ser bem piores. O ódio, a vingança e a crueldade enchem o cálice da mente, que transborda na consciência e o líquido corrosivo queima as fibras mais íntimas da alma, tornando-a sensível ao apelo da vítima. O arrependimento corta-lhe a satisfação externa que, por ignorância, se esforçou para ter, e borda, na feição desse Espírito, o emblema da sua própria inferioridade, forma animalesca que se afiniza com os seus sentimentos mais sensíveis.

Quando João Huss foi queimado, em 1415, por divulgar ideologia diferente da que imperava na época, acendeu no coração de Joana, então com três anos de idade, o mesmo ideal; e ela passou a ter visões de fatos e coisas que ainda não compreendia. No entanto, seu destino seria o mesmo; fortalecer a fé nos corações dos sofredores, mostrar a presença de Deus em tudo, e demonstrar que somos constantemente observados e amparados pelos Anjos de Luz em nome de Cristo.

Foi queimada em praça pública na velha França, como semente valiosa [a].ue iria germinar e se multiplicar até o infinito, sem com isso sofrer as consequências desastrosas das labaredas. Na hora do sacrifício, estava revestida do mais puro ideal, da fé mais concretizada no Bem, da luz do Amor, e logo foi envolvida por fluidos imponderáveis,

como agentes anuladores de todo e qualquer sofrimento. Via, no entanto, rasgarem-se os céus, e os antigos mártires desfilarem em sua presença, animando-a e mostrando o que a aguardava depois da tormenta. João Huss quis ser o primeiro a abraçá-la na presença do Cristo, que abençoou seu gesto gigantesco de firmeza e decisão, ao entregar-se como mecha divina e aumentar o clarão da fé nos corações humanos. Se a Idade Média, pelas suas grandes rebeldias, escureceu os céus da Terra, não faltaram fulgurantes estrelas que brilharam entremeio às nuvens negras, desfazendo-as pela força do tempo.

Acham alguns que há demora do plantio da luz, por desconhecerem que os fatores tempo e espaço são muito relativos na esteira interminável da eternidade. Com as palavras do Evangelho, no simbolismo que lhe é peculiar, assim o podemos definir:

"Mil anos na Terra, é como um só dia no céu. " (Pedro 2, 3:8)

A Louca de Paris

Para elucidar o nosso interesse nas coisas espirituais, vejamos o que de mais interessante sucedeu com Joana, bem como o fenômeno mais admirável que com ela ocorreu.

Pelas mas de Paris perambulava uma mulher de certa presença, que viera de antigos mandatários, a quem o destino fez cair na mais dramática situação, como resgate cármico, para que pudesse destilar pelos canais da dor, o fel da consciência, acomodado por atos que invertem o ser humano, levando-o ao reino da bestialidade, confundindo-o com os próprios animais. Essa criatura tomou-se conhecida como a *Louca de Paris,* e era comum os estudantes rodearem-na em certos momentos, quando parecia que cessava a loucura, e a lucidez causava admiração nos que a ouviam. Roupas imundas, cabelos encrespados, olhos esgazeados, pés no chão; saíam de seus lábios, quando atacada, palavrões que o próprio ar se negava a conduzir aos ouvidos humanos. Na sua lucidez, asserenavam-se as suas feições, brilhavam os olhos e a filosofia fluía, articulada por palavras que os próprios filhos de Sócrates teriam dificuldade de assimilar. E quando algum caridoso tentava ampará-la, a fúria voltava de maneira a não dar mais lugar ao altruísmo do ouvinte.

Foi piorando muito, e já era incômoda sua presença nas mas da Cidade Luz. Certa vez, por maltratar alguns inquisidores na sua fúria, expediu-se uma ordem para encarcerá-la na masmorra, onde se juntavam muitos condenados à forca e às fogueiras. Joana D'Arc, nesta época, estava presa em frente à cela da louca. Certa feita, a Virgem de Domremy é retirada para mais alguns dos intermináveis interrogatórios. A mulher, em um dos momentos de consciência, ao ver aquele quadro de desumanidade, enfureceu-se avançando nas grades, e explodindo em nomes de baixo calão, querendo defender a

guerreira francesa. Os soldados, por ordem dos Inquisidores, abriram as grades da louca e empurraram Joana para dentro, dizendo:

"Pede a ela que te cure, pois não cansa de dizer que fala com os Anjos!" A mulher enfurecida acalmou-se, ajoelhou-se nos pés da heroína e pediu alívio, como mãe relegada aos entulhos da própria natureza, chorando como criança. Joana passou os olhos como raios em tomo da mulher e viu vultos negros que avançavam como vampiros, sugando tudo que fosse divino, nos divinos centros de força daquela criatura. Ordenou-lhes, então, em nome do Cristo e dos Santos que sua memória alcançou na hora, falando com energia. Acariciou a louca como se esta fosse uma criança em braços de mãe extremosa. Beijou a fronte da companheira de angústias e dela se despediu, caminhando para o dever frente aos carrascos do poder temporal. A mulher caiu em profundo êxtase, como se Morfeu a levasse para o paraíso. Os soldados caíram em gargalhadas, tirando Joana, aos empurrões, da cela que acolhia a mulher marcada pelo destino.

Malgrado a zombaria deles, a louca nunca mais sofreu tais acessos, curada pela presença da Pastora de Domremy, e daí a alguns dias foi colocada em liberdade. Voltou a andar nas mas, calada e triste, procurando sua protetora. Quando falava, era somente o necessário, e nessa altura, sua linguagem causava admiração nos que a ouviam, que logo perguntavam: - "Essa não é a louca? Ela foi curada? Por quem?" E alguém respondia do meio da turba: - "Foi Joana D'Arc quem expulsou os demônios que estavam com ela".

A melancolia invadira seu ser. Andava sem parar, mansa e lúcida. Queria encontrar sua protetora e, como gratidão, oferecer-lhe a vida, pois não tinha outro meio de pagar-lhe o que fizera por ela. Descuidada, é colhida de sopetão por uma carruagem que dobrava a esquina e jogada de encontro a outra que vinha em direção oposta. A mulher morreu sem alcançar seu desejo de, pelo menos, servir de escrava fiel à sua benfeitora.

No entanto, como ninguém morre - apenas passa de uma dimensão para outra - ela continuou no mundo dos Espíritos procurando Joana D'Arc. Em uma manhã, viu um ajuntamento de gente em Rouen, uma fogueira lastreando suas línguas de fogo e uma mulher suspensa, olhos fitos nos céus e algumas lágrimas escorrendo em suas faces. A turba inconsciente, em gritos estentóricos, reclamava: "Queimem a feiticeira!... Queimem a baixa!" A ex-louca, ao deparar com aquele quadro, quis avançar, fazendo grande esforço para salvar aquele Anjo; no entanto, algo a prendia, como chumbo atado aos seus pés. Em prantos, suplicou a Deus amparo ou forças para que pudesse mostrar sua gratidão a quem lhe devolvera a consciência e a própria vida. Uma luz fulgurante desceu dos céus em sua direção, libertando-a e esplendendo sobre Joana como jato luminoso. Uma voz ressoou em sua mente inquieta: "Vá, seja grata àquele coração que pulsa para o Bem da humanidade".

Quando a mulher tomou a olhar a mártir já sumida nas largas labaredas, viu seu coração como um sol e abraçando-o, beijou com todo amor o centro de vida de oana D'Arc, e se

entregou ao fogo inquisitorial como se doasse a vida para salvar 0 coração daquela mulher, que se propôs a salvar a França, que plantou a esperança em todos os que sofriam nas masmorras, preparando muitos com o seu exemplo de dignidade para o sacrifício, em todos os atos de fé, da podridão inquisitorial.

Quando os carrascos foram recolher as cinzas da *maior das hereges* da França, encontraram o seu coração intacto; parecia que fora extraído do peito da Princesa de Domremy, a dizer: "O corpo é da Terra e nela fica; entretanto, o coração pertence ao céu, por ser ele a forma do Amor que herdamos de Deus pela intervenção de Jesus Cristo".

Os carrascos inconscientes, assustados com o achado, correram espavoridos para comunicar o acontecimento aos inquisidores, que festejavam mais uma vitória na teórica limpeza do sarro da Pátria, e principalmente, do seio da Igreja. O coração de Joana, que não se queimou, contrariando as leis da Física, foi ponto alto nas reuniões dos chefes inquisitoriais.

Joana, quando atada ao lenho, poderia ter saído do corpo, mas assim não quis; preferiu, enquanto a queimavam, entrar em prece, pedindo a Deus por seus opositores. Terminada a rogativa, desprendeu-se do fardo físico e viu sua protegida enroscada nas labaredas, protegendo seu coração. Estendeu os braços e recolheu-a no regaço de Amor, e com um beijo, colocou-a refratária ao sofrimento que a torturava, causado pelas chamas, e, ao lado de um cortejo de estrelas volantes, demandou ao infinito.

A Inquisição em Portugal

A Santa Inquisição invadira as terras lusas em 1536, cobrindo-as de luto, disseminando o vento da hipocrisia, matando e destruindo famílias, sem que estas, pelo menos, tivessem o direito de se defender. Quem denunciasse qualquer movimento suspeito aos tribunais, obtinha grande recompensa, e ainda mais, tinha absolvidos todos os seus pecados, mesmo que fossem os "mortais".

Portugal era atacada pelos agentes das Cruzadas, agora vestindo a sotaina negra da inquisição. Eram os mesmos Espíritos retomando à Terra, para novos planos de educação. Uma cruz coletiva era o emblema do povo lusitano e Portugal recebia, por misericórdia, falanges e mais falanges de judeus e sírios, e, certamente, muitos grupos de todo o Oriente, como sendo a escória da sociedade, para novas etapas de soerguimento, através da perseguição pelos tribunais inquisitoriais, nas pessoas de crianças, velhos indefesos e mulheres. O destino fez com que fossem perseguidos sem complacência pelos homens que se intitulavam Santos Inquisidores. Na verdade, não havia injustiça, pois tanto perseguidos como perseguidores eram do mesmo naipe, pertencendo aos mesmos assalariados do pecado. De tempos em tempos os inquisidores desencarnavam e

voltavam à carne novamente, para serem perseguidos e, com o mesmo ferro que feriram fossem feridos, pois esta é a lei, que não perde nem um til.
Torquemada, o tentáculo negro do Santo Ofício, estende sua nefasta influência também a Portugal, e cria tribunais nas mais eminentes cidades da nação. E os reis, temendo o ódio do clero, mancomunaram-se com ele, favorecendo a ação dos sacerdotes. Em todos os departamentos do Estado era feito levantamento completo, cadastrando todos os filhos da Nação, para saber onde se escondiam os hereges, as pessoas de ideologias diferentes da que apresentava a religião oficial. Todas as fichas eram estudadas pelos tribunais da inquisição; os julgamentos eram independentes dos tribunais do Governo, que ajudava em algumas informações. Quase trinta mil pessoas eram queimadas em fogueiras; mulheres, torturadas em praça pública ou mortas nos porões infectos, outros, enforcados, a maior parte, refugiada e inúmeros que se achavam soltos, nada mais poderiam fazer na vida, pois lhes faltavam os órgãos mais indispensáveis. Tanto na Espanha, quanto em Portugal, as orelhas e línguas cortadas diariamente enchiam balaios e eram atirados aos cães, já viciados nesse alimento incomum.
Em compensação, no decorrer de três séculos a nação lusa teve instantes de alívio quando, pela fé de seu povo, a crença em Antônio de Pádua aumentava cada vez mais, principalmente na capital, a ponto de ter ele passado a ser chamado de Antônio de Lisboa. A crença nesse místico fazia com que aumentasse a esperança dos prisioneiros e permitia que seus débitos fossem resgatados com mais suavidade. A fé, mesmo cega, proporciona bons momentos às criaturas.
A condição de domínio do clero atacou a nobreza de Portugal, e o Marquês de Pombal, quando foi aprisionada e torturada pessoa de sua família, revoltou-se e, reagindo, abalou as colunas da Inquisição. Arregimentou forças e destruiu grande parte dos homens sem sentimentos; no entanto, eles eram muitos e reorganizaram-se, agora, mais cautelosos nas suas investidas.
Os autos de fé eram uma calamidade sem precedentes, e as tachas de azeite efervescente faziam tremer os homens mais corajosos. Enquanto a política voltava seus olhos usurários para o Brasil recém-descoberto, os inquisidores tomavam conta da nação lusa, tendo como instrumento D. João III, em quem o medo atrofiou os sentimentos, levando a razão a concluir que tudo aquilo era um bem para a coletividade, permitindo assim que essa praga grassasse por todo o país. Os hereges eram ervas daninhas na lavoura da Pátria e havia necessidade de arrancá-las pela raiz. Ao ser sustado o funcionamento dos tribunais inquisitoriais na Espanha, por algum tempo, aliviou-se também a situação em Portugal; porém, a lei de ação e reação não deixou que se estabelecesse a paz. Ainda existia um resto de cobrança nos bancos das consciências, e alguns passos ainda deveriam ser dados pelas criaturas, nos caminhos cruciantes da dor. A Inquisição avançou mais, e o

Santo Oficio, já agonizante, entrou no século dezenove, quando foi suspenso por lei, não obstante permanecer ainda atuante, pela força dos sacerdotes.

A secular manutenção de poderes em Roma provocou inevitável explosão, gerando poderes menores. Eram países e mais países se libertando do jugo da Águia, estados e mais estados que faziam parte da Unidade Romana se libertando, buscando a independência. Fracionou-se o Gigante em frágeis partes, porque esqueceu-se que não pode existir unidade sem Amor. A violência e a força, com o espaço e o tempo se dividem, desunindo-se como verdadeiros inimigos. O Amor, somente ele, força poderosa que o Cristo nos legou, ensinando-nos como adquiri-lo, se revigora cada vez mais, avolumando-se no tempo e no próprio espaço. Foi essa ciência divina que o apóstolo querido, como João e como Francisco, veio ensinar aos homens, dando exemplos com a própria vida, renunciando a tudo que possuía em bens materiais, a fim de que estes pudessem circular em favor de todos, unindo as nações, aliviando os povos e permitindo que a felicidade beijasse os corações sofredores. Eis que isso era o Cristo de novo na Terra.

Do início das Cruzadas até a Santa Inquisição, desta à escravidão, e até os nossos dias, são igualmente mil anos em que Satanás há de ficar solto, numa refrega de que fazem parte bilhões de Espíritos. E dessa jornada extravagante, quantos entenderam que o melhor caminho é o do Amor? Muitos, no entanto, milhares deles, ou talvez a maior parte, terão que desocupar a casa como inquilinos que não pagaram o aluguel. Serão despejados para casas piores; como negociantes que não recolheram tributo ao governo, terão seladas as suas portas. Mas as experiências valeram; as lições imprimidas em suas mentes pela estratégia da lei de ação e reação, pelo ódio que alimentaram e a vingança que exercitaram por muitos anos, provaram, pelas experiências, que não compensa o Mal. E no raiar do terceiro milênio, os arrependidos ficarão para herdar a Terra, onde vai haver paz, tranquilidade e trabalho suavemente feliz. Aqueles a quem as bênçãos da evolução garantirem a posse do solo da Terra, pagarão ceitil por ceitil o fogo que acenderam e os distúrbios que causaram; todavia, a paz íntima conquistada pelos reveses da vida, tributar-lhes-á forças, no afã de resistirem a todos os tipos de problemas, com ânimo e alegria, por estarem conscientizados do dever maior: amar a seus semelhantes em todas as direções da existência.

Enquanto o homem medieval corria atrás do ouro como ponto único de obsessão, enquanto as nações matavam sem pensar nas consequências para acumular os bens terrenos, enquanto todos os povos amontoavam rações e mais rações para que a fome não os visitasse, Francisco de Assis trazia para eles uma mensagem diferente, sem carregar ouro ou prata, sem ter duas vestes, sem possuir uma pedra na qual pudesse reclinar a cabeça. O alimento que adquiria durante o dia, distribuía à noite para os famintos, e

mostrava a excelência dos melhores tesouros e a concentração de todos eles, que era o Amor. Quem quisesse ser o mais afortunado, que amasse mais dentre todos.

Nada há o que se temer das profecias; elas estão se cumprindo e se cumprirão sem que falte um pingo na urdidura da frase, sem que falte um tom no som das palavras; entrementes, ninguém se perderá, pois nada se acabará - Jesus Cristo é o nosso Caminho, é a nossa Verdade e a nossa Vida. Haveremos de passar por Ele para alcançar a vida em profusão de felicidade. A hora é de começar, na distribuição do Bem em todos os caminhos, do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul, e do Leste ao

Oeste. A vida se encarregará de distribuir luzes nos pontos cardeais da coletividade humana, quando essa ficar livre da eira pegajosa que as almas compraram nas lides da ignorância. E, então, surgirão novas Terras e novos Céus, onde haverá justiça e paz, tendo o Amor como base da felicidade.

A Inquisição no Brasil

Essa grande nação, marcada pelo Cruzeiro do Sul, simbolizando a redenção de um povo na sua feição de sensibilidade cristã, ouvirá o grito dc Rei dos reis em seu berço esplêndido, como argumenta seu hino, para explodir em luzes na hora decisiva do concerto das nações. Categorizada pelo Cristo para ser a remanescente das nações e como a primeira em dar exemplo de fraternidade, abrirá seus vigorosos braços para acolher pessoas de todas as procedências - será a mãe e o pai a abrirem as portas para os filhos pródigos. A derradeira catástrofe de feição coletiva através de mudança de clima, de deslocamento das águas e de reforma dos homens respeitará, de certa forma, este país que nada tem a ver com as dívidas do velho mundo e que servirá de hospital para recolher aqueles enfermos que poderão se recuperar, pela altura de suas aspirações, pelo amadurecimento de suas qualidades. O Brasil vai amparar os que sobrarem das contorções geológicas, do difícil parto da Terra, do qual nascerá um sol que dissipará todas as trevas. O Brasil vai refletir a sua luz em todo o globo, porque aos outros deve todas as experiências que acumulou através dos séculos. Francisco de Assis e os seus colaboradores trabalham ativamente nos céus do Brasil, para que este cumpra o seu dever. Recorda o que o Mestre disse a João no Seu apostolado:

Importa que você fique até que eu volte.

O Cristo voltará para liberar as consciências ativamente preparadas para herdar o reino da Terra e viverem na plenitude do Amor.

A escravidão, no Brasil, foi a Inquisição já aliviada, que sobrou para a vigilância dessa nação, para que ela desse o exemplo de que todos têm o direito de liberdade, mostrando que todos somos filhos da mesma massa e herdeiros do mesmo Pai Celestial. O exemplo foi fecundo, pois muitos escravos, em cujo sangue e epiderme vinha a marca de sua procedência africana, uma vez livres, continuavam querendo ser escravos, por gostarem dos donos de engenho, porque mesmo nas senzalas eram bem tratados, o que dificilmente acontecia nos outros países. Muitos se sentiam felizes, mesmo quando experimentavam nos lombos ressequidos pelo sol, a tala de couro cm. Dentre eles havia muitos Espíritos que vieram do alto escalão terreno e que logo aprenderam [a] lição de humildade, no corpo de um preto velho ou de uma ama de leite.

Os homens falam muito em Deus. Habituaram-se a repetir o Seu nome em vão, sem, todavia, crerem verdadeiramente n'Ele. O Senhor, em Sua onisciência. não esquematizaria a Terra, planejaria os fatos e estruturaria a evolução dos homens e das coisas, sem um objetivo maior. O cumprimento das profecias, em relação a Deus, é ilusão passageira, fogo fátuo de pouca importância. Todavia, para nós outros, o fim dos tempos nos perturba e comove, por termos de passar por provas que deverão atingir as últimas fibras do nosso equilíbrio. As palavras do Livro Santo assim se expressam: "Os justos viverão pela fé". Justos são aqueles que incrementam todos os dias os trabalhos de disciplina íntima, que estimulam a caridade e que exercitam o Amor, procurando universalizar os seus sentimentos. Nesse clima, a criatura sairá da opressão dos acontecimentos e, mesmo na Terra, respirará o ambiente do céu.

Bombas de hidrogênio e outros engenhos de guerra nada significam em se falando da lei e da vontade do Criador. O planeta continuará na sua órbita após os acontecimentos, mais serenado e evoluído, mais arejado e pacífico. O Brasil foi escolhido como terapia divina para os que sobreviverem à borrasca. O vendaval irá limpar as escórias humanas, para que o verdadeiro Amor encontre guarida nos *corações que* herdarem o mundo. Porém, a premissa de que nada se perderá, tudo se transformará para melhor, é infalível. O medo que avassala os homens é oriundo da ignorância da bondade e misericórdia da Suprema Inteligência.

Quando os desbravadores dos mares chegaram à Terra hoje conhecida como Brasil, Francisco de Assis já tinha vindo à frente, em companhia do Divino Mestre, o que foi constatado por certos índios dotados de vidência, que tiveram a graça de observar na primeira missa celebrada nas Terras de Santa Cruz, a presença de ambos. Certamente não viram somente os dois. Mestre e discípulo, mas uma falange de obreiros dirigidos por Jesus de Nazaré.

Estas terras estão marcadas para uma grande dinâmica espiritual, que vem se preparando pelos processos do tempo, e pelas mãos dos próprios homens, sob inspiração dos céus. Ninguém tira do destino deste país o que lhe foi dado pela vontade de Deus.

Estamos para chegar ao fechamento de um ciclo espiritual, onde se processará uma seleção rigorosa de almas, pela lei de justiça, senão de Amor, para que o Amor puro se converta em felicidade para os homens, que souberam viver e amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Há, na pátria brasileira, regiões já em preparo, sem que os próprios dirigentes saibam da sua verdadeira finalidade. Essa vastidão de terras desabitadas recolherá, mercê de Deus, os desprovidos de pátria, remanescentes da revolução geológica e dos impositivos cármicos. O medo será o combustível para que eles se refugiem neste grande lar, que eles ajudarão a elevar no esplendor do concerto das nações. As suas experiências se confundirão com as já catalogadas na consciência deste povo ordeiro e benevolente.

As convulsões geológicas, as eclosões atômicas de águas e a transferência em massa dos homens, tudo, em comparação com a grandeza de Deus, é menor do que o despejar de um copo d'água sobre um viras.

Se pudesses observar, com nossa ótica, bilhões de vidas em plena batalha num pingo d'água... São processos evolutivos que obedecem a determinadas leis universais, feitas pela Inteligência Maior, soberana do Universo.

Brasil, és tu o esplendor de todas as esperanças! Que Deus te abençoe hoje e eternamente!

Confiemos, que ninguém se perderá no grande rebanho entregue ao Cristo. Ele está no leme dos nossos destinos!

3

Lembrar Cristo

Urbano III, que sucedera a Lúcio, encontrou desorganizado o comando dos príncipes do cristianismo, em função das Cruzadas, que arrasaram a moral da religião, no esquecimento do Cristo. Parecia-lhe que o sacrifício dos apóstolos e dos convertidos ao Evangelho, no cristianismo nascente, de nada valeram, porque a vida humana estava exposta à covardia e à ganância, servindo como alimento da vaidade, da prepotência e da usura. O Vaticano estava como um gigante a quem a cegueira fizera esquecer a nobreza espiritual, e se encontrava abatido no seu próprio domínio. Tinha pés, mas não podia andar; tinha cabeça, mas não lhe eram dados bons pensamentos; tinha boca, no entanto a carência de harmonia no coração não o deixava falar acerca da vida, onde todos têm os

mesmos direitos e deveres. Tinha mãos, sem conseguir estendê-las ao infinito pedindo paz, porque a consciência era sufocada pelos impulsos de ódio, de vingança e de domínio. Que fazer ante essa situação, por acreditá-la insuportável, com as chamas do implacável fogo da guerra ateadas no mundo inteiro e quando quem possuía recursos para apagá-lo jogara mais lenha nas labaredas sufocantes?...

Eis que encontramos Urbano III passeando em um belo jardim florido, meditando. Dir-se-ia que o perfume das flores lhe dava inspiração divina, na divina harmonia dos seus pensamentos. Naquela hora, ao seu lado aparecia um ser translúcido, de aprumo magistral, dominando quase que completamente seus pensamentos, fazendo-lhe perguntas mentais, acerca da posição que ocupava na casa de Deus. Foi neste diálogo, de encarnado e desencarnado, que Urbano III começava, por ele mesmo, a deduzir, sentindo a sua posição de paz em favor da humanidade. Qualquer pessoa poderia servir de instrumento de guerra na Itália e fora dela, menos ele e seu colegiado apostólico. Se porventura alguém quisesse odiar, que não fossem eles. Se surgissem vítimas em decorrência das incompreensões humanas, era compreensível; todavia, estas não poderiam nascer de quem tinha o dever de pacificar e abençoar. Quando pensava nas Cruzadas, fato aparentemente sem solução, fogo sem esperança de se apagar, seus pensamentos se turvavam e ideias confusas desorientavam seus mais belos raciocínios. E andando de um lado para o outro, balançava a cabeça que pensava para milhões de criaturas, sentindo vergonha de estar no comando da Igreja do Cristo, apoiando ideias favoráveis à destruição, à carnificina, ao assalto, à corrupção.

A grande figura de Pedro decepando a orelha de Malcus aparecia e fugia momentaneamente da sua visão interna, como que dizendo: "Estás fazendo o mesmo". E, se as faculdades não lhe enganavam, registrava esta frase: "Urbano, embainha a tua espada!" Não via ninguém a lhe inspirar aqueles pensamentos dignificantes; no entanto, um sentido interno garantia-lhe que aquelas ideias favoráveis ao Evangelho eram de Deus e que sua estrutura espiritual, bastante acostumada àquele ambiente, não lhe permitia dúvidas.

Enfiou a mão nos complicados bolsos, buscando alguma coisa preciosa e encontrou o maior tesouro de todos os tempos. Descansou o corpo em um banco de mármore, que se achava à sombra de frondosa árvore e seu rosto desanuviou-se em um largo sorriso... Imprimiu os dedos no pequeno volume que alguém lhe ajudou a abrir com facilidade, em Lucas, capítulo seis, versículos de vinte e sete a trinta e oito. Fechou os olhos para que a Divina Providência pudesse agir, orientando-o sobre o que ele deveria fazer, diante de tantas investidas do Mal e de tantas indecisões na vida, começando a leitura em voz alta, em latim, sentindo que a paz o envolvia. Comparava sua voz à palavra de Deus, dando ordens a serem cumpridas:

Digo-vos porém, a vós outros que me ouvis:
Amai os vossos inimigos, fazei o Bem aos que vos odeiam.
Bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam.
Ao que vos bater numa face, oferecei também a outra, e ao que tirar a vossa capa, deixai levar também a túnica.
Dai a todos que vos pedem, e se alguém levar o que é vosso, não entreis em demanda.
Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.
Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os ímpios amam aos que os amam.
Se fizerdes o Bem aos que vos fazem o bem, qual é a vossa ^compensa? Até os ímpios fazem isso.
Ese emprestais àqueles de quem esperais receber, qual é a vossa recompensa? Também os ímpios emprestam aos ímpios, para receberem outro tanto.
Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar Walquer paga; será grande o vosso galardão. E sereis filhos do Altíssimo, pois ele e benigno até para os ingratos e maus.

Urbano III parecia desligado do mundo, hipnotizado pela fala do Evangelho.
Sentia um silêncio profundo, dentro e fora de si. Respirou em longos haustos, passou a destra delicada nos cabelos e no rosto, já com sinais de decadência física, e deu continuidade à leitura, pausadamente, com redobrada atenção:

Sede misericordiosos, como também é misericordioso o vosso Pai. Não julgueis, e não sereis julgados, não condeneis, e não sereis condenados, perdoai, e sereis perdoados.
Dai, e dar-se-vos-á, boa medida recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão, porque com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

Uma mão espalmada na base do seu crânio comparar-se-ia com um pequeno sol a desfazer, com seus raios benfeitores, todo o enfado de seu organismo. Estava, depois da leitura e meditação do texto, sem querer abrir os olhos que fechara para melhor degustar o alimento espiritual. Com certa vergonha de ver a luz do dia, não queria pensar no que poderiam estar fazendo os cruzados, naquela hora, no Oriente. Como analisar tudo aquilo frente ao Cristo? Como se lembrar d'Ele naquele momento de guerra? Os papas que o precederam teriam sido invigilantes? Mas como, se suas decisões eram infalíveis? Como, se o que ligamos aqui está ligado no céu?... Precisava de tempo para pensar e corrigir os erros; deveria abraçar Jesus Cristo custasse o que custasse, em toda a Sua pureza e Verdade, e não como a conveniência dos homens O via.
Urbano III saiu do transe e começou a pensar:

"Meu Deus!... Recomendaste-nos por intermédio do Vosso Incomparável Filho, que amássemos os nossos inimigos e fizéssemos o bem aos que nos odeiam. E nós, que participamos de Seu colégio apostolar, estamos querendo aniquilar nossos inimigos e inutilizar os que nos odeiam, desprezando os que não pensam como nós. Por que a nossa tendência é sempre a de contrariar as Vossas normas? Jamais o Evangelho do Senhor esteve tão vivo em minha mente, despertando tanto interesse no coração, como hoje. E como se caíssem as escamas dos meus olhos espirituais, como acontecera a Paulo a caminho de Damasco!... Agora vejo com mais nitidez as letras sagradas, e as maneiras pelas quais elas atuam no entendimento com a verdade.

E preciso com urgência bendizer aos que maldizem as verdades que abraçamos e orar por aqueles que caluniam nossa Igreja de maneira irreverente, pois eles certamente não sabem o que fazem, e se nós outros, do convívio do Cristo, revidarmos, seremos mais condenados pela consciência. Nossos propósitos, já identificados, fazem com que apanhemos no rosto moral da doutrina. Alguém nos está tirando a capa - como os muçulmanos, no caso do túmulo sagrado do Cristo - que está sendo usada como capa exterior da doutrina Cristã, sem que ofertemos igualmente a túnica, que poderia ser a aquiescência, em favor da paz. Pelo muito respeito que haveremos de ter pelo túmulo sagrado, ele não pode constituir a essência doutrinária e sim, revestimento exterior. E em seu nome os corvos brigam, lutam, jogam a sorte, achando que ali está a verdadeira felicidade!

Qual o dever de quem já conhece a Verdade? E tomar-se livre, em favor, também, da liberdade alheia. E a nossa ignorância, meu Deus, é que o Evangelho nos pede, principalmente nos textos lidos neste momento, para darmos a todos os que porventura nos pedirem, e se alguém levar o que é nosso, que não entremos em demanda. Os turcos, por acaso não estão nos pedindo aquele pedacinho de terra, que pertence a eles mesmos? E a demanda que travamos é sem precedentes... Quantas vidas já sucumbiram, e quantas ainda prometem desaparecer, pela nossa invigilância!?

Estamos fazendo aos nossos adversários o que queremos que eles nos façam? Certamente que não! Nós não desejamos que eles nos façam o que estamos fazendo a eles: derramando sangue, desapropriando terras, e deixando um saldo imensurável de órfãos e viúvas. Por onde passamos, a fome e a peste são o resultado, verdadeiramente contrário ao que fez o Cristo de Deus, a quem diariamente pedimos inspiração e dizemos que amamos.

Estamos dispensando algum amor - mesmo assim envernizado na ambição - somente àqueles sofredores inconscientes, a quem estimulamos para as guerras, para a rapina, para a depravação... Isso também fazem os ímpios. Somos, pois, piores do que eles. Fazemos algum bem aos que estão sustentando as nossas ideias de domínio, de saque, de superioridade temporária. Isso, diz o Cristo, os ímpios também o fazem. Qual a diferença

entre nós e eles? E se emprestamos apoio aos políticos e aos reis, é para recebermos em troca o apoio dobrado das suas armas, em garantia das nossas pretensões, que arriscam vidas, que desnorteiam as emoções mais nobres. Não é o que fazem os comerciantes, na barganha de mercadorias? Esses, por felicidade, não fazem trocas com os valores da alma, e nós estamos queimando as mãos em permutas vergonhosas - somos os Judas da Idade Média, muito piores que o Judas que vendera o Senhor, pois este em seguida arrependeu-se, e nós continuamos ainda com o comércio...

Qual será a nossa recompensa? Deverá ser a mesma dos ladrões, dos assassinos, dos contraventores, dos ímpios... senão pior, porque nos apressamos em dizer que somos herdeiros dos valores dos Céus. Se a lei do Amor nos cerca de novos preceitos e se aceitamos Cristo como o Messias prometido pelos grandes profetas, por que O negamos com tamanha displicência? E se a lei desta virtude incomparável nos convida a amarmos os nossos inimigos, por que intentamos a sua destruição por mera fragilidade, que o tempo desfaz com rapidez? Se quisermos nos sentir como filhos de Deus, temos de Lhe obedecer, no convite do Seu filho maior, Jesus Cristo".

O coração do Príncipe da Igreja já estava pendendo para nobres ideais. e vez em quando ideias condicionadas avassalavam sua mente, querendo retomar sua posição, antes extravagantes, porém, não o conseguiam, enfraquecidas pelos

dotes despertados nas vias do coração. Os sentimentos de Urbano III começavam a amadurecer, trajando vestes nupciais. Acordara o Cristo interno dentro d'alma, para nunca mais calar, usando a consciência como instrumento espiritual, de modo que a razão compreendesse o seu grandioso trabalho, juntamente com a moderação dos impulsos sentimentais.

Não existe alguém mim eternamente e o que pensamos ser erro são processos evolutivos de todas as criaturas. Eis porque o *não julgueis* existe no Evangelho. Como julgarmos, se vamos passar pelos mesmos processos, ou se já passamos? Criatura nenhuma tem o direito de odiar o seu irmão, achando que certa é a sua vida. Cada uma tem tarefa diferente da outra, na vastidão infinita do universo, mas que no fundo corresponde ao mesmo objetivo, ao mesmo Amor, por sermos da mesma essência.

O papa, que comandara por pouco tempo as Cruzadas, e que por vezes sentia a influência do Bem na defesa dos pertences da Igreja Católica Apostólica Romana, ao acordar para a verdade mais acentuada, muda de direção o seu barco doutrinário, pelo menos aquele que velejava nas águas do seu mundo íntimo. Quem dera pudesse fazer retomar os soldados em batalha contra as forças do Sultão! Se tudo estivesse somente nas suas mãos, e se aquele modo de pensar perdurasse na sua cansada cabeça, ordenaria a paz, mesmo em detrimento da honra da sua religião. Suspenderia todas as lutas e traçaria um perdão coletivo aos inimigos, lançando suas bênçãos aos adversários, devolvendo tudo o que fora tomado, e não exigindo de volta o que lhe fora tirado por agressão.

O Sumo Pontífice estava mudado e o colégio cardinalício cismava com a sua conduta. Supunham que a decadência abeirara-se do Santo Padre, pois a conturbação do mundo dava-lhe desgosto infindável. Contudo, a lucidez do varão religioso suprira, por demais, as deficiências, chegando ao ponto de não deixar transparecer suas opiniões aos comandados, por saber, por experiência, da sorte dos que tentavam mudar a direção traçada pelo "destino", no grosso da comunidade católica. Submeteu-se a esticados dias de jejum e oração, meditando sobre sua vida; nascera de novo, para entrar no reino dos céus, como Jesus falara a Nicodemos. Era, graças a Deus, um novo homem diante de Cristo e da própria consciência, chegando a extremos sacrifícios.

No clímax de suas meditações, recebeu notícias provindas do Oriente, de que Saladino tinha tomado o Santo Sepulcro e invadido no dia três de outubro de 1187, a Cidade Santa, alagando-a de sangue cristão. E Urbano III caiu deprimido pelo fato. Como conciliar as atitudes tomadas pela Igreja, com as descritas pelo Evangelho? E a honra da Casa de Deus? E se ele mandasse baixar as armas, o que aconteceria? Mudaria verdadeiramente a situação, ou somente ele mudaria de posto? A sua cabeça girava e seus sentidos falhavam, sem atender ao comando da alma. Começou então a falar o que tinha guardado na mente, e que estava registrado na impressão da verdade. Tudo o que lera antes e comentara consigo mesmo, tudo o que condenara quanto à crueldade dos cruzados, da usura e da prepotência dos cristãos começou a fluir da inconsciência, e isso serviu para que fosse taxado de louco, porém um louco passivo, cuja mansidão era devida à sua posição.

E alguém o abençoou na extrema hora, fazendo com que de um riquíssimo anel saísse por secreta abertura o veneno fulminante, que colocava do outro lado da vida o velho guerreiro, para que não servisse de empecilho ao bom andamento das Cruzadas que, por intermédio de Urbano II, Deus elegera como *Guerra Santa,* no dizer dos agentes mais categorizados da Igreja Romana.

Gregório VIII assumiu a direção da Igreja e o comando da terceira Cruzada, com euforia nunca vista nos bastidores das guerras. Vários reis e príncipes aderiram às suas nefandas tramas, como os reis Filipe da França, Frederico Barba Roxa, da Germânia, bem como Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra, que ingressaram nas Cruzadas. E eis que caiu sobre o mundo tempestade de sangue, de ódio e de luta. Gregório fechou os sentimentos para toda e qualquer inspiração elevada, brutalizando seu coração e desembainhando a espada. Matou a sua própria mãe, por afastar-se totalmente dos preceitos do Senhor. Os seus nervos pareciam cabos de aço, que o coração desconhece. Dir-se-ia que molhou grande extensão de terra com lágrimas e sangue, somente por causa de poucos metros de chão, que o sol castigava impiedosamente.

Quando Urbano III desceu da nave da morte, que o conduziu até o mundo espiritual, sentiu-se o mesmo homem, com as mesmas tendências, virtudes e defeitos, pois é o

mesmo espírito que tomou, de certo modo, demorado banho, livrando-se de um peso maior, como num convite para novos ideais, que partissem da sua própria vontade, renovação que poderia ter sido iniciada na Terra, mesmo quando investido na carne. Encontrou muitos companheiros de infância e de sacerdócio muitos inimigos gratuitos e provocados, com os mesmos direitos de viver, de pensar de pertencer às seitas que lhes interessassem, de serem igualmente filhos de Deus. Ainda sentindo-se revestido do poder, custava a aceitar a ideia de igualdade e de liberdade de consciência. Lutava com todas as suas forças internas, mas sofria amargamente.

A roupagem do comando, que antes vestira, estava mais difícil de ser retirada do que o próprio corpo físico, que largara com certa facilidade. Ser uma alma nova, para novos eventos com Jesus, requeria entendimento, maturidade, e uma virtude sobremodo difícil no cristão: *humildade, E* humildade para um soberano cheio de preceitos, inundado de virtudes fabricadas por leis humanas, seria quase impossível; era pedir demais para si mesmo.

Queria ser grande, e confessava isso até publicamente, se fosse necessário; porem, possuía uma grandeza diferente das grandezas transitórias do mundo, uma grandeza com Cristo resplendente no coração, como um sol anunciando novo dia, que ficasse na consciência para a eternidade. E se lembrava fortemente do quadro dos discípulos em viagem para Cafamaum, onde se encontrava o Mestre, quando travaram forte discussão entre si pela posição de maior destaque, que Jesus percebera, mesmo se encontrando distante deles. Folheou um livrinho bastante amassado. Procurou com interesse, e conseguiu, na anotação de Marcos, capítulo nove, versículos trinta e quatro e trinta e cinco, o tão procurado tópico, que assim nos informa:

> *Mas eles guardaram silêncio, porque pelo caminho*
> *haviam discutido entre si qual era o maior. E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.*

Suspirou aliviado, deixando o pensamento divagar no mundo da consciência, sem encontrar a solução desejada para os que ficaram no comando da Igreja Católica Apostólica Romana. E questionava mentalmente: "Como pode um pontífice ser o menor de todos, para ser o maior no reino de Deus? A diminuição é incompatível com a posição que ocupa. Como perdoar os inimigos da comunidade, deixando que eles invadam e deturpem os sagrados princípios da religião? Como abençoar esses sanguinários maometanos, e orar por eles, se desta forma estaremos fortalecendo os adversários para nos destruir? Como é que se pode ser o menor, sendo grande?" E nesta exigência da alma para subir de entendimento, sentiu um estalo no centro da consciência e começou a ouvir

uma voz suave, mas firme, a arrebatar-lhe todos os sentimentos, e convergindo para eles todo o seu raciocínio, na liberdade ofertada ao ser espiritual, de aceitar ou recusar:

- Meu filho, há pouco chegaste de viagem, e a Terra foi o teu desterro. Lá assumiste posição ambicionada nos trilhos da provação. Construíste os teus castelos, envernizados pela prepotência. Coroaste homens para matar, e aceitaste a destruição para o brilho e honra do poder temporal, esquecendo as consequências que adviriam disso. Dificilmente pensavas na paz dos outros. E a consciência travou contigo a maior das batalhas, uma guerra santa, que a lei do Amor aprova, para alertar-te no momento exato, mostrando-te os caminhos da benevolência e do perdão, da amizade e da concórdia, da felicidade e do trabalho.

Agora que perdeste a posição de mando, por imposição da natureza, não deves julgar os que lá ficaram, envolvidos no lodaçal de investimentos naturais, para a propulsão do progresso. A inferioridade nos inspira para julgarmos os inferiores. O preço da evolução é muito grande e é justo que te arrependas, pois este é um sinal do despertar espiritual. E grandioso que procures selecionar ideias e fatos, no sentido de te estribares em alicerces seguros para a vida de Amor. Mas, na verdade te dizemos, que quando planejavas fazer o que o destino não aprovaria, foste retirado da posição que ocupavas no mundo; tanto o Bem quanto o Mal ocorrem de acordo com as necessidades que convém aos carmas, individual e coletivo.

A engrenagem da lei é perfeitíssima, sem que se perca um til, e sem que sobre uma vírgula que seja. Os processos evolutivos das almas a caminho da felicidade ainda são desconhecidos pela teologia humana, e, alguns de que se fala, aproximando-se da verdade, não são entendidos, por faltar-lhes a própria evolução. Ser ignorante não é ser culpado, como também a ninguém isenta dos reveses da própria vida. É desta forma que a dor os prepara para o grande festim das bodas: novos casamentos com novas verdades. A luta em todas as direções nos prepara para o conhecimento de verdades maiores, que nos tomará livres.

Deu uma pausa, colocando o ex-sacerdote em meditação, e continuou com sabedoria:

- Filho, na verdade, o testemunho de nosso Senhor Jesus Cristo foi colocado sob os cuidados da Igreja, para que com o tempo essa herança fosse entregue a cada um, de acordo com a sua própria necessidade, o que está sendo feito com extrema precisão. Como poderia o cristianismo nascente continuar na sua pureza lirial, se os homens não tinham elevação correspondente para vivê-lo? O Cristo veio à Terra, porque na Terra não existe paz; se fosse moradia de Anjos, Sua descida não teria sentido.

Um professor se dispõe a instruir os alunos porque os alunos não são professores ainda. Os pais têm todo o cuidado com os filhos, enquanto eles são crianças e, quando se tomam

adultos, cada um segue o seu próprio caminho, por já terem as experiências necessárias. Pode parecer que o Evangelho foi deturpado pelas mãos dos sacerdotes; no entanto, assim não ocorreu. Se porventura houve deturpação, a culpa foi de todas as criaturas. O que houve foi um resguardo da comunidade a que nos referimos, para que esse tesouro divino pudesse atravessar o tempo, varar o espaço e chegar ao seu destino, entregando aos homens, encarnados e desencarnados, a mesma Boa Nova primitiva sem perda de nada, e, neste percurso, cada um recebeu o que merecia pelo seu próprio entendimento. Nada se perdeu durante a caminhada... As guerras, as pestes, a fome, a viuvez, a orfandade, enfim, toda ordem de calamidades individuais e coletivas, já estavam previstas pela Onisciência Divina. E destes fatos, sobremodo mais impressionantes, até os profetas já falavam com antecedência de mais de mil anos. Sem as guerras, como o ignorante entenderia a necessidade da paz? A violência é matéria indispensável aos violentos e a própria natureza primitiva do planeta era agressiva, selvagem. Só com o tempo, a evolução a colocou mais mansa, mais amena, mais favorável. O ar, em épocas recuadas, era mortífero para a humanidade atual. Tudo caminha, tudo evolui, tudo cede à perfeição.

Não precisamos escolher se queremos ou não progredir, isso é a lei. A boa vontade é, por assim dizer, alavanca da mesma evolução. O esquema de Deus já *está pronto desde o* princípio, e compete a nós outros a ele obedecermos, pela força em Primeiro lugar, depois por sabedoria. Se tu começas a enxergar os erros praticados que a tua consciência hoje condena, *não* condenes os outros na retaguarda, que copiam o que fizeste. No amanhã eles também abrirão os olhos à luz. Toda alma que procura lentes para criticar os defeitos dos outros está começando a ter necessidade de deixar os seus. E nesse ataque sistemático, a tua consciência encontrará brechas para mostrar-te a tua imprudência irreverente. Deus a ninguém condena à eternidade de penas. Como Pai perfeito, todo Amor, ajuda com todas as mãos possíveis na igualdade de escalas, que compõem o grande rebanho de Espíritos. E bom que despertemos a confiança, porque sem a fé na Inteligência Divina e nas nossas próprias forças, tomar-nos-emos vidas valentes, sem direção e estabilidade, pois nos foge o poder de raciocinar bem, por nos faltar Amor no coração e discernimento no centro da vida.

Não condenes os muçulmanos! São nossos irmãos em Cristo, e filhos do mesmo Deus. Eles têm os mesmos direitos de serem ignorantes, como os católicos têm direito de se defender, de matar e de agredir, pois estão igualmente contraindo dívidas, para que elas se tomem, com o tempo, em acúmulos de experiências, que se revelarão como tesouros, que a ferrugem não destrói, nem a traça corrói. Quando o Cristo pede para que oremos por nossos ofensores, está nos colocando em posição de paciência para com eles, de sorte que o ódio não nos atinja pela ignorância exterior.

O silêncio se fez novamente... A mente do Príncipe da Igreja, desfolhada pelos impactos da lei, nadava no mar de Sabedoria despejada pela Misericórdia de Deus. E ele começou a sentir piedade, amor e caridade por toda a humanidade, sem as barreiras de seitas, nações ou línguas. Deixou os joelhos caírem em lugar firme, curvou a cerviz, e chorou como se fosse uma criança. E a voz acentuou com brandura:

- Deixa, Urbano, as lágrimas correrem, pois elas têm o poder dinâmico de abrir caminhos para a drenagem dos corrosivos, impregnados pelos milênios, e que estão dispostos a avançar, deixando-te livre para sempre. Agradece a Deus pelos sentimentos e confia no Pai Celestial, que nunca erra. Não percas tempo em orações prolongadas; antes, movimenta as mãos em favor dos que ficaram, e idealiza meios para o alívio dos que sofrem. Labora em direção à paz, que assim estarás envolvido na extrema súplica, que vale mais que o poder e o ouro.
Alguém se aproxima do candidato, toca-o, e o convida para partirem, no que este atende com humildade, desaparecendo nos confins dos espaços.

4

A Estrela da Idade Média

"Caíste do céu, ó estrela da manhã ".

Isaías, 14:12.

Silvestre II, ao som de milhares de sinos, recebia a coroa pontifícia no ano de 999 Com o poder que possuía nas mãos, planejava transformar os bastidores da grande comunidade cristã, estando empenhado consigo mesmo em liberar gradualmente as consciências, na medida em que a inteligência assim o permitisse, acompanhando o progresso em algumas direções, sob a atenta vigilância da Igreja, e com censuras, quando houvesse necessidade.
O Papa cultivava a arte literária e possuía grande tendência para a política. Tinha em primeiro plano os conceitos do Cristo, que o fascinavam, porque o faziam sentir aberturas infinitas na Teologia, no modo de compreender o que o Mestre ensinara aos Seus discípulos e à humanidade.

Fora preceptor de vários reis, como o Imperador Otto, preparando-o, nas sequências das lutas da Igreja, para uma emergência. Sabia, e a opressão isso fazia crer, que os maiores inimigos do presente e do futuro da Igreja eram os muçulmanos. Jerusalém era a Terra Santa, carecendo de ser protegida e totalmente integrada no seio da Igreja Católica Apostólica Romana. Todavia, o destino não lhe permitiu demorar-se muito com o cetro do poder. Foi nesta época que o mundo espiritual, sob a regência do Cristo, se movimentou em grande preparo, para que a Terra recebesse um dos Seus discípulos, aquele que na Ilha de Patmos selara o Evangelho, escriturando o último capítulo da Boa Nova - o Apocalipse. João Evangelista renasceria na cidade de Assis, com uma corte de companheiros sobremodo grandiosa, para dar cumprimento a vontade do Senhor, pelo seu amor à humanidade, e se chamaria Francisco - estrela de primeira grandeza, a deslocar-se dos céus do Cristo para o mundo terreno. Era o amor mais vivo de Jesus a beijar novamente o solo da Terra.

O fenômeno de Assis abalou, por assim dizer, os conceitos impostos pelos dirigentes do clero romano. Viria ele reviver o cristianismo primitivo, pelo Amor que seu coração concentrara em milênios de vivência, como a maior mensagem à humanidade. A disciplina a que se submetia, no correr do tempo, era a segurança indispensável para essa enorme tarefa de abrir os olhos dos guerreiros e sacerdotes, de reis e imperadores, sendo a esperança viva e a paz em progresso.

João Evangelista reuniu-se com os seus discípulos no mundo espiritual, em uma estância que acomodava muito bem a pequena falange de Espíritos altamente conscientes dos deveres a cumprir, eternizada nos conceitos do Cristo, decidida a acompanhar o Mestre onde quer que fosse, e afínizada com os poderes do Amor. No entanto, a missão a eles legada era por demais difícil. O testemunho, em certas horas, abala as convicções mais profundas, por ser a came frágil, e era necessário que eles dela se revestisse, obedecendo a leis promulgadas desde o princípio, pelo Grande Arquiteto do Universo. Ali se congregavam almas escolhidas para o evento da luz. O Evangelho já fora estendido a quase todo o mundo, e, principalmente no seio da Igreja, constituía leitura obrigatória. Os príncipes, os reis, os imperadores, os homens de ciência, os grandes filósofos e parte da massa sofredora conheciam, uns mais, outros menos, os escritos do Livro Santo.

O imprescindível naquele momento era a sua vivência; e aqueles Espíritos unidos em tomo do mestre tinham de assumir, com a própria vida, uma posição na face da Terra, no reflexo da Boa Nova de Jesus, o Evangelho sem divisões, sem perda do conteúdo. Para tanto, se fazia necessário grande preparo espiritual para o planejado avanço da luz. Já estavam escolhidos os lugares apropriados para os renascimentos de todos eles, de acordo com a técnica espiritual. A resistência de cada um, tanto na área física, como na espiritual, era relativa à individualidade, que o tempo, liderado por Deus, concedeu a cada Espírito.

Quando a sintonia é o móvel da união de muitos corações, o ambiente se purifica, e os que o vivenciam transformam-no em céu, pelas faculdades afloradas na gama dos sentimentos. Daí aqueles velhos companheiros de lutas permanecerem em prolongada concentração, onde não havia preocupação que o tempo passasse. Nada se faz bem feito sem preparo antecipado. Se, no mundo, os homens já conhecem essa verdade, reunindo mestres em escolas bem aparelhadas, para que os alunos enriqueçam seus conhecimentos e se transformem igualmente em mestres, dando continuidade e valorizando as ciências, quanto mais no mundo dos Espíritos!

Qualquer coisa, por menor que seja, tem grande importância. A Terra é olhada como um curso mais ou menos longo, onde os professores são as próprias almas, sob a interferência da lei, filtrada na mente do Mestre Maior, Nosso Senhor Jesus Cristo, o fundamento da Vida neste planeta. E o Filho a quem Deus confiou a direção da casa. A imagem, o trabalho e a vontade de Jesus haveriam de ser o ponto central de todas as cogitações daquele grupo de paz, quando plantado no reino da Terra, para que a semente da verdade crescesse, no terreno sublimado dos sentimentos em preparo.

Enquanto os discípulos de João se distraíam em conversações edificantes no rneio da comunidade, seus olhos buscavam no infinito, as estrelas mais distantes: era o telescópio interno, acionado pela vontade e sem interferência do mundo exterior, a lhe mostrar as belezas da criação. Observava a atmosfera espiritual da Terra e a acompanhava no seu giro habitual em tomo do grande astro, como, e certamente, em vários bailados incontáveis, para que o equilíbrio fosse a confiança da vida. As estrelas no infinito pareciam, como disse um grande poeta francês, "os bailarinos do espaço", balançando-se no ritmo da vida, pois que as leis não perdem um til, em todos os movimentos. A sequência transmuta em harmonia e esta vivifica como sendo a própria felicidade. O evangelista procurava Deus no Seu corpo ciclópico universal, para depois senti-Lo, na mesma totalidade, no microcosmo do seu mundo íntimo. O Espírito divaga em meditações, ganhando recursos, quando ele é necessário na solidificação de grandes lutas. João acalmava seu fogoso raciocínio que, em pouco tempo, devastava constelações, familiarizava-se com galáxias inteiras, penetrava o universo com a intimidade do seu próprio ser...

5

Os Duzentos e Um

O profeta do Apocalipse parecia em êxtase, pois um clima de serenidade vibrava tão profundo em seu íntimo como que emitindo luz própria e alguns discípulos fitavam seu rosto, admirados pela sua transfiguração. Partia do seu coração uma chama azulínea indescritível, que, como por encanto, se dividia com sábia precisão, acomodando-se em seus fieis companheiros, constituindo laços dos mais seguros e vigorosos, para que, mais tarde, quando na Terra, obedecessem à voz daquele preposto dos Céus. E dentre os mais destacados irmãos, estava o que iria chamar-se Antônio de Pádua.

Eram duzentos discípulos escolhidos e testados para a grande tarefa de difícil cumprimento, pois a renúncia, o desprendimento, a humildade e o amor seriam a tônica de todo o seu ideal. As demais virtudes a serem cultivadas eram sequência ou evolução da própria base.

Serviam-lhes de templo naquela estância, quatro árvores gigantescas, cujas folhas brincavam aos sopros brandos dos ventos. Seus galhos estalavam uns nos outros, pelo reino a que pertenciam, como que a aclamar e louvar com palmas vegetais a presença de tantos Anjos em conjunto, traçando planos, os mais difíceis, para que a Terra pudesse ter mais paz e conhecer mais de perto o Amor. As estrelas eram como olhos de Deus iluminando o infinito, em seguro testemunho dos compromissos daquela pequena constelação espiritual, firmando no céu as palavras que deveriam ser ditas na Terra.

João desligou seus pensamentos da viagem cósmica, reintegrou sua grandiosa personalidade, deitou seu olhar magnânimo em todos os seus companheiros, deu tempo para que eles preparassem a atenção e se apartassem das conversações travadas em duplas, e foi ao concreto, à finalidade que os prendera ali.

Enquanto, na Terra, milhões de pessoas buscavam soluções para seus intrincados problemas, havia nos céus outro tanto, como aquele grupo de almas iluminadas que se congregavam, com o objetivo sublimado de ajudar sem ser conhecido, dentro dos padrões que a evolução concedesse.

O filho de Salomé, referindo-se à conduta dos seus discípulos, era quase onisciente. A empreitada era dura, no entanto, nobres por excelência eram os propósitos. Conversara com o Cristo em esfera resplandecente sobre a sua vinda ao planeta. O calendário da Terra marcava o século XII, e a Idade Média pegava fogo pelas incompreensões humanas. A ignorância fazia adormecer a lavoura dos sentimentos altruístas. Satanás já se encontrava solto nas hostes do mundo, simbolizando os dois bilhões de Espíritos ignorantes e endurecidos. Aquelas duzentas estrelas que giravam em tomo de um Sol

deveriam descer às sombras do planeta, pela força do Amor... E o verbo, de fácil fluência dos lábios de João Evangelista, se fez ouvir:

- Filhos do meu coração, que a paz de Jesus Cristo reine em nossos espíritos em nome de Deus, nosso Pai Celestial. E de alta valia o fato de termos aportado nesta estância do Senhor para esta reunião que constitui para nós outros uma festa, na qual firmamos compromissos com a lei que nos garante a própria vida. Já estamos mais ou menos conscientes dos nossos deveres; o que nos resta é testar a nossa coragem, examinar nossa estrutura espiritual, rebuscar o nosso passado, e ver se aguentamos a cruz que devemos carregar no calvário da carne. Vamos todos fazer uma curta viagem ao solo terreno, pertencer, por algum tempo, ao mundo que nos parece um cárcere, mas que no fundo é uma bênção de Deus em nosso favor. Tudo depende da disposição de cada um, pois seremos injuriados, maltratados, esquecidos, lapidados, encarcerados, enviados a guerras! Experimentaremos a fome, a sede, a nudez, e, em muitos casos, a vergonha, pois a mensagem que levamos para os homens é tão elevada, que, os que estão posicionados mais abaixo, investirão contra nós.
Não estamos aqui falando para leigos, basta um toque para que entendais toda a nossa intenção. Não é necessário mais que um gesto para que possais compreender o que se acha escrito em todo um livro. A mente, quando preparada, dispensa o tempo, pois aprende em síntese, o que uma alma sem experiência levaria anos para entender. Não estaremos em convívio com crianças, pelo menos em relação aos homens com quem vamos encontrar brevemente. Vejamos bem que Jesus, como emérito professor, conversou, por três anos, com um punhado de homens livres; estes, no entanto, levando-se em conta a humanidade, em três milênios, talvez ainda nao assimilem Suas lições. Nossa conversa é diferente, deve ser rápida e lúcida para assimilação, na íntegra, de todo o ideal. Não temos tempo a perder; os clarins da eternidade, parece-nos, já tocam, convidando-nos à grande descida.

Nos intervalos que João Evangelista fazia para que a música pudesse apreciada, rajadas de vento sopravam em várias direções, enriquecendo o ar e
beijando as faces tranquilas daqueles seres que ali firmavam uma só decisão: lutar na Terra para que a humanidade se lembrasse vivamente do Cristo nos seus primórdios, fazendo com que o Evangelho renascesse dos escombros da indiferença humana, e fosse sentido, ao menos no palpitar dos corações dos *doutores da lei* de todos os tempos, e que, se restasse alguma coisa para a massa de almas sofredoras na came, que a elas chegasse, por misericórdia de Deus, na forma de fé. Que o amor de uns para com os outros se fizesse notar em alguma parte.
Depois de acomodados os pensamentos, tomou a falar o discípulo maior:

- Filhos meus, já é do conhecimento de todos que vamos lutar contra feras humanas e com Espíritos bestializados, almas endurecidas que irão nos atacar de maneira inteligente. Cuidemos, pois, de renunciar às facilidades no meio delas, pois nelas se escondem as víboras que nos picarão com veneno perigoso. O mundo ainda é o seu reino e, se lá vivem, é certo que as suas experiências no Mal são grandes. Compete a nós outros nos lembrar novamente de Jesus quando proclama, firmado no Evangelho:

> *Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.*
>
> *(Mateus, 26:41)*

As armadilhas nos nossos caminhos serão muitas e variadas; no entanto, a lei nos garante que quem nelas cair se deixou seduzir pela isca enganadora. Não podemos nos esquecer de, ao raiar do Sol com o convite ao labor diário, buscar a Deus e a Jesus, pelos meios que nos convém. A oração deve ser o nosso ato primeiro, para depois transformá-la em trabalho, em busca do pão de cada dia. Não falamos aqui, somente da vigilância exterior; essa talvez seja a menos perigosa.

E bom lembrar, mais uma vez, que a nossa tarefa será no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, que merece o nosso maior respeito, pelo que fez em favor da herança do Cristo para a humanidade. No entanto, agora carece ela de ajuda maior para que todo esse seu esforço não se perca nas tempestades das iniquidades. Não somos salvadores de ninguém - é justo que salientemos este aviso - todavia, vamos levar um recado do Cristo ao povo escolhido, no resguardo do Evangelho, para que não se exponham muito à dureza dos corações, e não se prendam em demasia à força do ouro, nem dêem muita atenção à prepotência, pois o mando, em muitos casos, coleciona infortúnios. Para dar ao mundo esse pequeno recado do céu, não basta assumir uma tribuna; é certo que teremos de falar, no entanto, antes do anúncio, teremos de viver o que pregarmos. Muitos irão nos censurar por não compreenderem o motivo da nossa conduta, mas o tempo há de provar-lhes que não existe outro caminho, além do que está esquematizado para a nossa função nos liames da carne. Aqui estamos em repouso, lá estaremos na luta. Aqui estamos derramando lágrimas de alegria, lá, a nossa missão irá requerer, muitas vezes, que derramemos nosso sangue. Aqui estamos somente recebendo do Grande Suprimento da Vida, lá daremos a última gota de energia na solidificação do Amor.

É oportuno que ouçamos o versículo trinta e três do capítulo catorze, de Lucas, que assim expressa:

Assim, pois, todo aquele que dentre vós, não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo.

A missão exige essa renúncia que abrange totalmente a vida nos campos da Terra: renunciar à família, renunciar ao ouro, renunciar ao mando, renunciar ao luxo, renunciar aos banquetes e, ainda mais, combater insistentemente dentro de nós, a vaidade, a mentira, o egoísmo, o orgulho. Toma-se necessário dispensar os convites fáceis, não perder um segundo que seja na inércia e não deixar que as mãos descansem enquanto a mente estiver ativa.

Nossas ideias serão repelidas, refutadas pelos irmãos de crença, pois em tomo de nós se reunirão milhares, procurando refúgio, achando que a comunidade que haveremos de organizar é um covil de malandros, de refugiados do trabalho. Os de dentro de casa serão os mais difíceis de serem convencidos. Porém, teremos ao lado destes, outros que nos trarão grandes alegrias, que não fazem parte conosco deste colégio, mas que estão prestes a saldarem as dívidas mais pesadas com o mundo da consciência. Como é bom servirmos de instrumentos para esta conversação de almas maduras, de espíritos decididos ao trabalho de Jesus Cristo!

Terminada a fala, fez uma pausa, enquanto os discípulos degustavam o grande manjar espiritual. Na mente de cada um ainda se ouvia a voz do pai João de Patmos, ecoando harmoniosamente, fazendo eco nas paredes invisíveis da consciência, gravando e regravando a palavra *compromisso,* para que, quando estivessem na carne, viesse à tona na forma dos pensamentos mais responsáveis. A qualquer toque nesta sintonia, as ideias aflorar-se-iam como por encanto e a alma começaria a recordar, na sequência do tempo, o que viera fazer na Terra. E os discípulos se enlevavam na afável presença do antigo profeta, por ser ele a bondade personificada e o exemplo vivo de todas as qualidades que enriquecem a vida, levando a dimensões mais elevadas.

João, no silêncio, sentiu o fogo divino visitar seu mundo interno, e continuou:

- Caríssimos companheiros! Somos soldados do Grande Comandante, daquele testemunhado pelos profetas, o Cristo anunciado por Moisés e Malaquias, "nado desde Mateus às visões da ilha de Patmos, o Mestre inconfundível que exemplificou o que dissera. Sua filosofia de conceitos elevados não ficou no ar, qual a dos pseudo-sábios. Ele as testificou, curando leprosos, levantando caídos, dando visão a cegos e ressuscitando mortos. Tivemos a felicidade de acompanhá-Lo desde as Bodas de Caná ao topo do Calvário, e, por assim dizer, sentir por muitas dezenas de anos o pulsar da Sua doutrina, nos centros mais populosos do mundo...

E grande o interesse pela paz. Não obstante, pequeno é o preparo para que a humanidade receba o Amor. E no tocante a essa grande virtude que vamos pisar o chão

duro do planeta, sentir suas consequências, viver com os homens mais frios da Terra, e ajudá-los no preparo da lavoura interna. Por sermos nós sementes do trigo celestial, por lei divina que rege as almas e as coisas, não poderemos ser mantidos em um só celeiro, para que um não prejudique o outro. E imprescindível que sejamos espalhados por toda a Mansão Terrena - não importa que um vá para o Oriente enquanto o outro aporte no Ocidente, que um siga para o Sul e o outro se aloje no Norte, que algum renasça no Leste e o outro se faça presente no Oeste. Importa, sim, que todos os pontos cardeais sejam tomados pela nossa vigilância, e é inteligente que nos lembremos disso antes de tudo. Busquemos as palavras do próprio Cristo, quando desenha para nós um roteiro mais apropriado, afirmando, o que foi anotado por Mateus, no capítulo dez, versículo vinte e dois:

> *Sereis odiados de todos por causa de meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.*

A perseverança no Bem e a persistência no ideal serão a pedra angular da nossa vitória. Não poderemos dar outra direção ao barco, que não seja a do caminho seguido pelo Cristo. Haveremos de desconhecer o medo e fazer-nos ausentes na luxúria. Não haveremos de nos ambientarmos com determinados hábitos, porque eles são caminhos para os vícios, e deveremos nos postar em sentinela diante das extravagâncias. O resguardo maior haverá de ser com nós mesmos, nas intenções, na formação dos pensamentos e na liberação das ideias nos atos diários. É bom que saibamos que a eterna vigilância é o sopro da felicidade. Melhor ainda será que reforcemos este assunto. Vós sois duas centenas de sementes lançadas na Terra, que alguém vai ter o cuidado de plantar, em nome do Cristo. Ele é o Jardineiro dos Céus, que não Se esquece dos jardins do mundo, para que no amanhã o Reino da Luz floresça e se confunda nos corações dos homens.

Vamos encontrar nas batalhas terrenas homens cuja convivência não suportaríamos, se não fosse a fé, dada a sua prepotência e crueldade, pois sentem desprezo pelos simples e humildes e consideram escravos os que nada possuem. Para falarmos a eles, será necessário ter muita fé, muita humildade e, acima de tudo, o perdão vibrando como sol em nossos corações. Em nosso caso, quem não perdoar, nada realizará. Seremos considerados por eles desocupados, maltrapilhos, fora da lei; criarão uma tortura mental para nós outros, porque, em matéria de maledicência, eles são versáteis e na crítica, hábeis mestres. Vigiemos, para que não entremos em comunhão com eles. Por sermos considerados indignos de atuar junto à juventude, como escola de aprisionamento de consciências, que usa a magia negra para fazer prodígios, seremos jogados contra as famílias.

Iremos atender ao pedido de Jesus quando fala a Seus discípulos:

> *Não julgueis, e não sereis julgados. Não condeneis, e não sereis condenados. Perdoai, e sereis perdoados.*
>
> *(Lucas, 6:37)*

É digno esquecermos todas as ofensas para não perdermos tempo no emaranhado das iniquidades, para que a nossa mente vibre sempre positivamente, no ideal do Cristo. Quem se ofende com calúnias, está, de certa forma, ligado ao ofensor, às suas proezas. É de interesse primordial do nosso colégio, zelarmos por isso. A sombra que passa sobre as águas não se molha, por estar em outra frequência de vida, e, os companheiros do Cristo não poderão se macular no lodo das incompreensões da Terra, por estarem em outra dimensão da vida, colocados pelo Amor, onde o perdão os defende e a oração os protege.
Alguém no mundo ateia fogo à Terra, desinquietando seus moradores, e nós teremos que abrandar esse fogo, aliviar sofrimentos e elevar a fé às condições de salvar a esperança em Deus e em Jesus Cristo... As Cruzadas são o nosso alvo, e delas nascerá a Inquisição, como planta daninha a intercruzar os campos do mundo. A ação destes Espíritos malfeitores vai além do que podeis imaginar. Eles irão se organizar de forma espetacular; no entanto, a *Luz já é organizada para qualquer emergência.* Deus é onipotente, mas usa as nossas possibilidades para disseminar a Sabedoria, a Paz e o Amor. Se porventura falharmos, serão chamados outros que nos superarão pelo muito que amam e pelo perdão que sobra em seus corações. A oportunidade é para nós, e não para Deus. Temos valioso recurso a ser observado na nossa comunidade: a obediência. Ei-la, na palavra de Paulo:

> *Pois a vossa obediência é conhecida por todos, por isso me alegro a vosso respeito, e quero que sejais sábios para o Bem e simples para o Mal.*
>
> (Romanos, 16:19)

A obediência é estrutura maravilhosa para as nossas realizações, todavia, e Perigosa se cedermos a fontes enganosas. Não é por outro motivo que nos reunimos sempre, nesse esforço de entender a vontade de Deus, por intermédio do Cristo, Que nos clareia a consciência, dignifica a razão, tomando-a em bom senso ampliada, de sorte a saber o que deveremos aceitar ou não. Não será porque foi dito por papas imperadores, por magistrados e sacerdotes, e pelos que se colocam como sábios no mundo, que iremos aceitar tudo sem examinar em primeiro lugar. Poderemos ouvir, para depois selecionar com os cuidados que o coração e a inteligência que com Jesus nos dotou.
É ainda Paulo que propõe, na primeira carta aos Tessalonicenses:

Não apagueis o Espírito, não desprezeis profecias. Julgai todas as cousas, retende o que é bom. Abstende-vos de toda forma de mal.

Não apagar o espírito é deixar a alma se comunicar pela forma que ela entende a vida, pois todos temos o direito de conversar, de expor as ideias, de escrever sobre todos os assuntos que nos aprouverem; porém, quem está falando ou escrevendo, também não nos pode forçar a aceitar tudo que apresenta como teoria, como seu ideal; isso para todos nós sem exceção, é matéria de meditação.

Não desprezar as profecias, ou as escrituras é estar ciente de tudo, por examinar todos os assuntos, ler todas as mensagens, tirando delas o suficiente para nós. Em todas elas existe o trigo, mesmo que tenha, com abundância, o joio. E o que vamos fazer nos caminhos do mundo: reter todo o bem possível das experiências dos homens é evitar o mal que, porventura, eles ainda continuem fazendo.

Vamos ser obedientes aos nossos superiores, sem conivência com as suas possíveis maldades. Obedecer é o nosso roteiro, sem que com isso alimentemos a vingança, o ódio e o orgulho. Muitas ordens serão dadas ao nosso pequeno rebanho... Eis que a seleção deverá ser feita nos escrínios de mente, com a participação do coração. O amor nos indicará os meios de não acatá-las, quando equivocadas, para que o exaltado não fique ferido, o vaidoso não se sinta rebaixado, e a prepotência não se encontre com menos força. O Cristo nos ensinou isso, ao silenciar-se diante de Pilatos, quando este lhe perguntou o que era a Verdade. O Mestre colocou na consciência daquele governador o ambiente da resposta, sem que ele se sentisse diminuído em sua posição, ou nos seus direitos em relação à sua posição, diante da Terra. E o que pretendemos fazer. Silenciar, quando as ordens corresponderem ao mal para os outros, e ter completa obediência no bem quando em favor da coletividade, fazendo frutificar suas sementes em todos os corações que se achegarem ao nosso. Com estas atitudes, o respeito entre nós deverá aumentar. E disso que precisamos, para que possamos realizar nossos ideais de Fraternidade, de Perdão e de Amor, para com todas as criaturas.

Todos vós sois, para mim, filhos do coração e tudo faço para vos manter unidos pelos vínculos do Amor. Não será preciso falar mais, pois estais conscientes dos deveres a cumprir diante das responsabilidades assumidas. Jesus Cristo é o nosso Guia Invisível, que nos vê e nos ouve, onde quer que estejamos. Espero e confio em todos, pois somos parte do corpo que nos sustenta a vida, como seremos em Cristo, o mesmo instrumento. Escutai o que o Mestre disse, anotado por Lucas, no capítulo dez, versículo três:

Ide. Eis que eu vos envio como cordeiros, para o meio de lobos.

A missão dos duzentos não é outra, senão à que se refere o Cristo: lutar com lobos nos caminhos da Terra. Sereis devorados pelo ódio, estraçalhados pela vingança, amordaçados pela usura; mas nunca vos esqueçais da Fé e do Amor, nestas horas, que sereis libertados pela Luz. Confiemos e prossigamos, que estaremos com Cristo, e Cristo conosco.

Estamos em um banquete de despedida, onde repartimos o pão dos compromissos e o vinho das responsabilidades. Cada um de vós receberá, nesta hora, um esquema, com todos os detalhes traçados para as futuras vidas. Renascereis na Terra com o programa delineado de cada vida, nos lugares respectivos e nos ambientes em que devereis desempenhar os vossos papéis. Bem-aventurados serão aqueles que não falharem na tarefa; serão recompensados por Deus e abençoados por Jesus. Sois bastante adestrados para que aneleis, por vós mesmos, os encaixes na carne e é necessário que partais, agora, para vossos devidos lugares, onde sereis recebidos como filhos da Terra e passareis a visitar, em espírito, as localidades em que havereis de renascer, familiarizando-vos, igualmente, com aqueles que se apresentarem para vos servir de pais terrenos. Estamos no décimo primeiro século do calendário do mundo e já podeis partir, mas antes que vos dividais em direções variadas, nos anima o coração entregarmo-nos à súplica de despedida.

Silêncio total no grande templo da natureza... Muitos dos discípulos não suportavam as lágrimas que lhes visitavam os olhos, já sentindo saudades indescritíveis!... João se apresentava com os seus inundados de pranto, por ser preciso apartar-se dos filhos espirituais, por algum tempo. O velho colocou-se de pé, caíram-lhe dos olhos as últimas gotas lacrimais e orou com segurança:

Grande Luz de todas as esperanças!...

Eis que estamos partindo como cordeiros para o sacrifício, sem julgar os que porventura nos ofenderem, que por acaso nos venham a maltratar, ou que, por ignorância, nos expulsarem da vida física. Permiti-nos entendê-los na maneira como vivem no mundo, pois a natureza não dá saltos, nem o destino faz curvas, e eles, os homens do mundo, precisam de tempo para Vos entenderem e nós temos tempo para perdoá-los. Se eles atentarem para a destruição, é justo que possamos ensiná-los a reconstruir, por amor a Deus e às coisas, ao Cristo e aos semelhantes.

Deus de infinita Sabedoria!...

Chega o momento de partirmos para os campos de batalha. Cada um rumando por um caminho, cada qual com uma missão diferente em aspecto, porém, todas iguais em unidade. Não permitais que fraquejemos, nem que se esgotem as nossas energias nas lutas. Os homens na Terra se dividem em ideologias diferentes.

As religiões estão deixando escapar a essência da Verdade e a Moral Evangélica toma destino ignorado. A honra desaparece com a posição assumida pelo ouro e pelo mando. Pedimos, Jesus, que nos ajudeis nesta partida, neste adeus temporário, mas difícil de ser suportado em paz. Queremos ser dignos do Vosso Amor e da Vossa visita misericordiosa, quando no fardo biológico. Mandai, neste momento, os Vossos Anjos para abençoar os que partimos, infundindo-nos esperanças, para que possamos voltar com a palma da vitória. Jesus!...

Fazei com que a nossa súplica chegue até os ouvidos de Vossa Excelsa Mãe, e que a corte espiritual que ela comanda nos abençoe e nos olhe sempre. Revigorai as nossas forças, e ajudai-nos, Senhor, na arte de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos!

Que a Vossa paz seja a nossa paz!

Terminada a oração, parecia que as árvores que lhes serviam como teto natural choravam através das folhas, mas, ao invés de lágrimas, caíam flores de variada e suave coloração, embelezando o espaço e saturando o ambiente de perfumes incomparáveis.

Foi dado o tempo suficiente para as despedidas e, eles, já de posse do cronograma que lhes indicava seus roteiros na face da Terra, parlamentaram horas e horas para saber uns dos outros, os caminhos a seguir, e quais os meios que deveriam usar para se comunicarem. Depois de abrandarem as conversações, fizeram duas filas, para as despedidas do Mestre.

João Evangelista, irradiando a olhos vistos uma grande luz azul celeste, acompanhado de um dourado preponderante de ouro velho, chorava. Chorava!... Porém, chorava de alegria por dividir as sementes do coração, a serem enterradas no solo terreno, e só ao tempo caberia o resultado. Essa emoção agigantava-o diante de seus filhos que, de um a um, abraçavam-no como a um pai, recebendo dele palavras de ânimo e de carinho, envolvidas em pura confiança. Nenhum dos presentes mostrava desespero no semblante.

Finalizando as despedidas, João falou com sabedoria:

- Companheiros, eis que devo vos falar um pouco mais! Não percais a esperança em tempo algum, pois ela é a tocha inflamável que podeis acender, aumentando o lume da Fé.

Sem a Fé e o Amor, não poderá haver vitória ou solução para nada. Vejo que vos preocupais bastante com notícias de uns para os outros. Não vejo razão para isso, pois podereis comunicar-vos pelos recursos do espírito; além disso, quando estivermos reencarnados, o sono nos favorecerá uma porta pela qual poderemos entrar no grande salão universal e nos encontrarmos com aqueles de mesma sintonia.

Agora, é bom que nos concentremos em nossos deveres, e o prazer maior para nós outros deve ser o encontro urgente com o trabalho na Terra. Teremos tempo bastante no fim das nossas jornadas, se soubermos competir com as sombras. Cada qual deve partir para o

lugar em que deverá reencarnar, sem esperdiçar minutos e nem alimentar ideias de voltar antes do tempo programado. Cada um tem suficiente habilidade para manter-se em posição firme, pelo bem da humanidade. É justo termos as nossas sensibilidades, alimentarmos esperanças pessoais, e que a saudade não passe despercebida em nossos corações; no entanto, o Cristo está, para nós, acima de tudo isso. O trabalho com Ele tem mais urgência.

Finalizando, o mestre abençoou a todos e fracionou a caravana em todas as direções do planeta. Uma música divina ressoou no ambiente como se quisesse falar com toda a microconstelação espiritual: *Avante, companheiros!*

Pai João, encontrando-se a sós, perpassou os olhos pelo céu estrelado e tomou também a sua direção. Em fração de segundos, desceu na Itália, na antiga Roma, em pequena cidade que mais tarde emprestar-lhe-ia seu nome, para glória de Deus e vontade do Cristo.

6

João Evangelista em Roma

O vidente de Patmos paira nos céus de Roma. Contempla o palco da história dos primeiros cristãos, ali sacrificados pela causa do Evangelho. Sente o pulsar dos pensamentos da massa, no vai-e-vem apressado das mas, com as criaturas envoltas em inúmeros problemas a turvar-lhes as ideias... Roma estava, de certa maneira, agitada, pois cinco anos antes o papa, em Concilio na França, havia dado o grito de guerra contra os muçulmanos, que certamente haveriam de responder na mesma tonalidade: Violência... Violência...

O grande discípulo do Cristo, em espírito, visita todos os bairros da metrópole. Desce mais um pouco, e pisa no chão qual os encamados, andando nas mas, respirando a pesada atmosfera da Cidade Eterna. Mais parecia ser o Sol visitando a Terra em dia brumoso, mal refletindo seus lindos raios dourados. Entra no Senado de Roma. Sente todos os ideais dos homens da lei, escuta a fala de alguns, incluindo em seus inflamados discursos a mais jovem de todas as guerras, fabricada pela cúpula clerical: as Cruzadas. Nelas estava sua maior missão, a de abrandar o fogo que começara a devastar o mundo. Sai do Senado e mistura-se ao povo, dele registrando as opiniões acerca da política, da

religião oficial, da vida e dos prazeres. Avança mais um pouco e, num momento, se encontra na "Casa de São Pedro", onde vê o papa dormindo em acolchoados riquíssimos. Cortinas de fina seda e franjas de um brocado encantador davam entrada ao ar puro que penetrava por quatro grandes janelas. Guardas tilintando armas de lado a lado guardavam o Príncipe da Igreja no seu profundo sono, enquanto outros, espirituais, impediam entradas estranhas aos interesses da "Casa do Pescador".

João olha para o Sumo Pontífice, que dorme tranquilamente, e nota uma sombra inquieta plasmando algumas imagens, para que ele, quando acordasse, as tivesse como seus próprios pensamentos, inspirados na justiça e na honra do seu grande império cristão. Cardeais do corpo de assessoria espiritual andavam de um lado para outro, folheando algumas páginas, e se esforçando para decorá-las, sem perceberem o que se passava com o Sumo Pontífice no mundo dos Espíritos.

João aproxima-se serenamente do Sacerdote Maior, imprime em sua mente desequilibrada uma porção de fluidos espirituais, notando que a armadilha não era tão fácil de ser desarmada. Fluidos sutis eram manejados por entidades das trevas, fora da nave do leito do Príncipe da Igreja e alimentados por vias de difícil visão. A telepatia era perfeita, permitindo aos ângulos do cérebro do patriarca ajustarem-se aos pensamentos, como se estes fossem seus. Entretanto, João, pela percepção altamente evoluída, nada deixara escapar, e os vigilantes da "Casa de São Pedro" não perceberam a sua presença, por estar ele em outra faixa vibratória. Somente ficaria visível se isto lhe aprouvesse e bastaria sua forte vontade, para ser visto por todos os ali postados de vigia. Porém, assim não lhe convinha.

Dá umas voltas em tomo do leito luxuoso, toca com as pontas dos dedos na região craniana de Urbano II, e percebe que as entidades das sombras se escondem num velho castelo, às margens do golfo de Taranto, e dali, como magos negros do plano invisível, emitem forças negativas com requintado preparo, para a mente do "representante" do Cristo, que ateara fogo no mundo, através das Cruzadas nefastas. Deseja estar presente no castelo negro, e para lá se transporta imediatamente.

Era uma grande mansão, que sofrera avarias no seu aprumo elegante, construída por patrício romano, na época das conquistas, e que desaparecera em alto mar com toda a família, em consequência de forte tempestade, ficando seus bens abandonados. Assim, o castelo serviu adredemente para acolher uma falange de Espíritos deslocados do mundo terreno por perseguição dos mandatários da Igreja, e que ali se reuniam para tratar das devidas vinganças. Já tinham provocado muitos dissabores, inclusive entre muitos dos familiares do Tirano das Cruzadas.

Todos os dias a operação-vingança era renovada. O ambiente sufocaria qualquer Entidade que não fosse bem adestrada na técnica de desfazer tramas espirituais.

João desceu suavemente ao chão do antigo castelo e notou que dezesseis entidades ali reunidas cruzavam os pensamentos de um para o outro, e depois de fortalecidos, despejavam energias na mente de um velho técnico na arte de influenciar pessoas, o qual temperava a corrente mental com ideias próprias de suas maldades já bem estruturadas, e as emitia em direção ao papa, usando da sua própria vidência. O evangelista conservava-se tranquilo e imperturbável. Não pretendia esmanchar a reunião; não desejou suprimir, nem assustar as sombras. Ergueu-se guns metros por sobre o teto da mansão negra e concentrou os pensamentos. Um turbilhão de fluidos circulava em tomo de sua cabeça respeitável, alguns deles se unindo e outros se dispersando, até que ficou preparada a química fluídico-magnética desejada. Pegou aquela massa uniforme que obedecia à sua vontade, e despejou em torno do palácio, cobrindo toda a área. Sobrara uma gota que deslizava, irrequieta, no espaço; João estendeu a destra e segurou a gota luminosa entre os delicados dedos. Olhou para o interior da cabeça do responsável por aquele ambiente de vingança e deixou que ela atingisse seu volumoso cérebro, que, como por encanto, escondia suas malignas tendências na própria mente.

João retirou-se, deixando-os às gargalhadas, e partiu novamente para a residência do Sumo Pontífice.

Aproxima-se do tálamo papal e nota que as sombras, que antes estavam vivas na cabeça do sacerdote, perdiam a expressão e que, com uns toques de limpeza psíquica, desapareciam por completo. Aproveita a oportunidade e inspira os guardas encarnados a saírem do ambiente, ao que logo obedeceram. Em poucos segundos, se notava o espírito Urbano II voltar ao próprio quarto, onde seu corpo ressonava profundamente.

Ele vivia as suas ideias, como se estivesse no paraíso, mas não via os Anjos. Onde estaria o Cristo? Maria, mãe de Jesus? E os profetas? E onde seria o trono de Deus?...

Cansado, estica-se em uma banqueta rente à cama em que o fardo físico descansava. Daí a pouco, observa uma estrela em formação na penumbra do quarto. Assusta-se e cai de joelhos, rezando sem cessar, esforçando-se para voltar ao corpo, sem o conseguir. A estrela, em estado crescente, avoluma-se, tomando forma de homem todo inundado de luz. O papa, tomando João por Cristo, beija o tapete chorando e pede sua proteção; sente que está na graça de Deus pela presença do Cristo no "Lar de Pedro". Quer beijar, pelo menos, as orlas das vestes celestiais, todavia, o Apóstolo do Amor não o consente, dizendo mansamente:

- Levanta-te! Também eu sou da Terra e vim ao teu encontro para que possas estender um pouco de paz à grande área da guerra que já lançaste. Não sou Jesus, mas enviado por Ele.

João Evangelista pairava ainda no ar e o Pontífice guerreiro recostou-se na banqueta de cedro do Líbano, para ouvir a mensagem do Mundo Maior, através da personificação do Amor na Terra.
Urbano, em espírito, chorando sem parar, enquanto o corpo estremecia nas luxuosas mantas de pelos de camelo, trava com João o seguinte diálogo:

- Mestre, vieste confirmar que sou teu discípulo, pelo que tenho feito em defesa do patrimônio da tua Igreja?

- Viemos verificar se ainda lhe resta no coração algum amor pela humanidade.

- Será que apareceste nesta memorável noite, para entregar ao teu único representante na Terra, os poderes indispensáveis para a tomada de Jerusalém, onde tudo nos pertence, por herança dos teus valores?

- Viemos para que os encarregados da Boa Nova do Reino se compadeçam dos sofredores, vistam os nus e dêem pão aos famintos. Se praticares os preceitos do Evangelho, terás muito mais do que Jerusalém, porque as virtudes concentradas no coração valem mais que o mundo inteiro.

Urbano II não sabia como portar-se diante do emissário de Jesus, estando sua mente completamente desequilibrada e o raciocínio parecendo que nunca funcionara. Seus atos eram como uma máquina, a seguir enfumaçados estatutos, velhas leis e ideias dos altos representantes da Igreja, que a razão recusaria. Com algum esforço, levantou-se diante de João Evangelista, limpou a velha garganta, acostumada a reproduzir as ameaças das sombras, prosseguindo:

- Digníssimo Senhor, perdoa-me se o ofendo com o que proponho, mas bem sabes que satanás está solto no mundo, com todo o seu rebanho de trevas, bem como não ignoras os destroços feitos por eles, mesmo no seio da Igreja de Deus, que nos foi entregue para o devido zelo. E, se ele abriu luta contra nós, temos de defender, não a nós, mas a Casa do Senhor que, parece-nos, está sendo invadida por malfeitores. Se não estivermos enganados, o diabo, sob a chefia de Maomé, atua através dos turcos, pela força de sua religião. A sutileza deles é tão grande, que intentam derrubar a nossa Santa Madre Igreja, através do túmulo do Senhor, em Jerusalém, É preciso então, ainda que contra a nossa vontade, que desembainhemos a nossa santa espada, e liquidemos o inimigo, porque violência só se combate com violência. Que achas do que falo?
Meio aturdido, toma a sentar-se preguiçosamente na suntuosa banqueta. O vidente de Patmos, diante do Sumo Pontífice, com a serenidade que lhe era peculiar, fala brandamente, mesclando energia no seu verbo encantador:

- Urbano, meu filho! Não pretendemos fazer da Casa de Oração que Jesus inspira, um quartel. Não pretendemos transformar os fiéis, que alimentam as vidas com esperança e fé, em milicianos que usam da espada para matar. Não pretendemos usar o nosso verbo sagrado preparado para a difusão do Evangelho, Para o comando de exércitos. A própria Igreja que diriges está farta de bens alheios, d°s quais a vitória concede ao vencedor o direito do saque e da rapina. E para esse tipo de faltas nada iremos falar; deixemos que o faça o nosso irmão maior, Paulo
e Tarso, em Atos dos Apóstolos, capítulo vinte, versículo trinta e três:

De ninguém cobiceis prata, nem ouro, nem veste.

Se cobiçar já constitui desvio da lei, quanto mais assaltar e saquear!... Se Satanás está solto no mundo e avança na direção da Igreja e dos fieis, qual o dever tua autoridade? Será copiar o que eles fazem, em plena inconsciência da vida? Não! Somente vencerás os inimigos com estratégia mais elevada, e para essas lutas, Cristo, o Comandante Maior, deu numerosos exemplos, quando a Sua doutrina atacada e quando Ele mesmo foi perseguido. Se tua memória não te favorece, recordemos o que Ele próprio falou a Pedro, frente ao servo do Sumo Sacerdote:

Embainha a tua espada, pois todos que lançam mão da espada sob a espada perecerão.

(Mateus, 26:52)

E ainda, apanha a orelha decepada, e a coloca no lugar. Esse gesto não é a completa desaprovação da violência nas hostes do cristianismo?
Se o Cristo fosse de violência, não precisaria d'Ele o mundo, pois ela já se encontra com abundância em toda a Terra. Ele é o Amor universal, pois essa virtude é qual gema preciosa nos riachos, em se falando da Terra. Defende a tua Igreja e o teu reino com amor, meu irmão. Defende-a de satanás - como dizes - com a caridade. Defende-te dos inimigos, se os tiveres, com o perdão. Cultiva todos os preceitos do Divino Mestre, que a vitória virá por acréscimo de misericórdia, e se Deus achar conveniente que os violentos fiquem com os bens terrenos, entrega-os com alegria e obediência, que os valores maiores são aqueles que a ferrugem não destrói, nem a traça corrói. O sentimento elevado do coração é patrimônio eterno, na eternidade da alma. Além de tudo isso, estás próximo a voltar para esta pátria, e é conveniente que te lembres do capítulo doze, versículo vinte, de Lucas, que assim preceitua:

Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a alma. E o que tens preparado, para quem será?

E no versículo vinte e um do mesmo capítulo, arremata com sabedoria:

Assim é o que entesoura para si mesmo, e não é rico para com Deus.

Para quem, meu filho, amontoaste tanta riqueza? Logo virás para cá, e nem mesmo o teu corpo de lama poderás trazer. Entregá-lo-á à terra, porque da terra ele procede. Ele é um empréstimo passageiro. Sabe o que te acompanhará para cá? Somente o bem ou o mal que tiveres feito, e receberás nas mesmas proporções que deste aos outros.
O sacerdote, com a boca semiaberta, mastigava o alimento divino, sem contudo sentir seu elevado sabor. João Evangelista dá tempo para que a massa doutrinária possa fermentar. E o silêncio reina no ambiente!... Nisto, o chefe do cristianismo lembra-se de algo do Evangelho, e comenta meio inseguro:

- Amado Senhor, falaste que não vieste trazer a paz, mas a espada! Não sei como encontrar isso no Evangelho, mas sei que existe.
Pareceu bem seguro nessa investida, para confirmar seus atos trevosos na Terra. João perpassa nele os olhos calmos, como se estivesse abençoando uma criança, e assim dispõe suas ideias:

- O que acabas de dizer, meu filho, está em Mateus, capítulo dez, versículo trinta e quatro, assim transcrito nos moldes modernos:

Não penseis que vim trazer paz à Terra. Não vim trazer paz, mas espada.

Sei que não desconheceis os pais da Igreja, que suspenderam as colunas teológicas do apostolado romano, como Santo Agostinho, bispo de Hipona, nascido no século IV da era cristã, teólogo, filósofo, moralista e dialético. Homem que, àquela época, já sabia colocar em conexão, a inteligência e a fé. Ele repetiu muitas vezes qual era a espada que Jesus veio trazer para a luta no mundo, chegando ao ponto de ser colocado à margem dos valores reais da Igreja. E desconheces isso? Jesus veio trazer sim, a espada, mas a espada de Verdade, que corta mais de que todas as outras; a espada do Perdão, que vence mais que todas as armas; Veio trazer a espada do Amor, que domina muito mais do que os exércitos reunidos de todos os povos.
Urbano II abaixa a cabeça e não tem coragem de olhar mais para a cândida alma que dialoga com ele e que supunha ser o Cristo. Era consciente do que ouvira, pois tinha

amplos conhecimentos dos tratados teológicos. Recomeça a chorar, reconhecendo sua inutilidade. Na verdade, com as Cruzadas ateara fogo nos lares cristãos, mas como apagar? E as labaredas cresciam como nunca... Queria morrer!...

- Eu quero morrer! Eu quero morrer! Sinto que Deus me chama... e debruça na banqueta, em pranto contínuo.
O Mestre de Efeso articula docemente:

- Urbano, Deus te chama, na verdade, porém, te chama para viver, te chama para que faças alguma coisa, que possa aliviar os sofrimentos humanos, a k me, a peste, a nudez, os infortúnios ocultos, que devastam grande parte dos bairros de Roma. Eleva a tua Igreja acima das misérias humanas, consola e abençoa! Ajuda, serve e estende, Urbano, a fraternidade entre os corações, pois somos todos filhos de Deus e herdeiros do Cristo. Ele, na verdade, deixou à Igreja a posse dos bens imperecíveis da alma, para que ela pudesse repartir, sem estipular preço. Repartir sem trocas exageradas, sem permutas vergonhosas. Parece-nos que neles que julgas inimigos da Igreja e satanás têm mais respeito pelas coisas santas, porque desconhecem o que conheces. A iniquidade assola a humanidade, vergasta os povos em todas as direções, mas o pior é que essa iniquidade se enraíza em Roma, e, se não é muito dizer, na casa que dizes pertencer ao Apóstolo Pedro, a quem encontrei há pouco tempo falando aos muçulmanos, no plano espiritual, quando estavam em sono. Levanta, meu irmão, e vive! Vive para Deus, para a humanidade e para a tua Igreja, no bem absoluto, onde não existem fronteiras. Levanta, toma o teu fardo e anda! Começa a amar a Deus sobre todas as coisas - e pelo menos os que se aproximam de ti - como a ti mesmo. Esta é a lei e os profetas!
O Sumo Pontífice acorda do longo sono, assustado. Os olhos denunciam pranto ininterrupto, coisa difícil de se notar na sua postura de homem guerreiro e espírito decidido. O sol já banhava Roma há várias horas. Os cardeais já tinham sido sucedidos muitas vezes, e Sua Santidade dormia. A apreensão era geral, mas afinal acordara. Suava nas quentes mantas, de que alguém, prestimoso, ajudou-o a se desvencilhar com rapidez. Não dera de pronto, ao levantar-se, que na sua mente ainda vibrava o diálogo que tivera em sonho. Dá alguns sinais com os longos dedos, e seu imediato, o cardeal Pallini, assenta-se ao lado. O Sumo Pontífice narra para ele todo o seu sonho. Dá alguns suspiros, e firma-se neste aconchego de conversa:

- Meu filho, estive com o Cristo esta noite, para mim inesquecível. Não sei se me recordo integralmente do que Ele disse, no entanto, sinto por dentro a Sua vontade... E descreveu mais ou menos o personagem de seu sonho. O velho sacerdote não conteve as lágrimas, nem as palavras que escapuliram dos seus lábios. Como é belo o nosso Mestre!...

Daí a semanas, três conselheiros dos mais virtuosos e inteligentes, que a posição da Igreja escolhera, no auge da Idade Média, se reuniram com o Papa, para analisarem o sonho e dele tirarem o proveito indispensável, desde que não fosse em detrimento das conveniências urgentes da Igreja Católica Apostólica Romana.
Urbano II já não era o mesmo. Aquela energia característica de sacerdote e soldado desaparecera depois do encontro com o mensageiro do Mestre dos mestres. Queria modificar alguns aspectos da conduta da Igreja e assinalava grande interesse num novo Concilio, para que pudesse narrar essas verdades no seio do comando católico. Estava faminto de leituras que lhe assegurassem os dons dos sonhos, de comunicação com as almas que já tivessem partido para o mundo espiritual. Não tinha experiência desta verdade, contudo, sentia por dentro que ela era uma realidade. Seria seu maior prazer conversar com antigos sacerdotes iniciados nesses fatos.
Os conselheiros desconfiavam da sanidade mental do Sumo Pontífice. Vários foram os diagnósticos de especialistas franceses e italianos, da maior confiança. E começou o arrocho psicológico no meio dos sacerdotes mais balizados de Roma e da França. Como se sabe, os maiores inimigos são os que surgem dentro de casa, e destes havia em abundância para Urbano II. No seu leito de morte, os mais apressados anunciaram que as últimas palavras do papa foram: . "Haveremos de ter a vitória". Na verdade, o que ele dissera, era a vitória com o Cristo, suprimindo as espadas, fincando as suas pontas no solo, para que pudessem simbolizar a cruz na luta pela vitória do Amor.
E Pascoal 11 toma as rédeas do poder papal.
O discípulo amado de Jesus sentira o efeito da sua conversa com o primeiro magistrado da Igreja. Sabia que iriam continuar os desatinos do clero romano e que as Cruzadas já haviam partido em direção ao Oriente, atingindo as raízes da árvore do escândalo; a sua ação nefasta seria amenizada com aquela simples mensagem endereçada ao homem responsável pelo destino da comunidade cristã, pois falara na hora certa, e com a pessoa exata. Mesmo que outro Sumo Pontífice assumisse, como ocorreu, a direção da Igreja, o trabalho de sustar as piores medidas já estava feito. Foram aliviadas, por misericórdia, as investidas de ordem impudica. Os planos anteriores eram bem piores do que os que foram executados.

* * *

João Evangelista desce em Assis. Anda nas suas desajeitadas mas, analisa as almas dos dois planos, que transitam sem se perceberem umas às outras. Ali deveria nascer, bastando-lhe escolher o lugar e a família; mas para isso tinha tempo, e as qualidades que possuía eram suficientes para localizar o ambiente doméstico, para a sua breve reencarnação. Além disso, poderia chamar em seu auxílio o diretor espiritual de Assis,

com todos os seus assistentes, e até mesmo o dirigente espiritual de Roma, pois estava bem acima dessas entidades que dirigiam cidades e mesmo países. Por enquanto, conservava-se anônimo, para não perder o de que mais gostava: a simplicidade junto aos seres e às coisas. Muitas foram as ocasiões em que apagara a sua verdadeira luz, para não servir de motivo de muitas atenções. Escondera-se inúmeras vezes, em dimensão diferente, para não ser visto por entidades que com certeza viriam falar-lhe com reverências, querendo prestar-lhe serviço. Queria que a humanidade lhe emprestasse sua capa, até o ponto em que nao se tomasse inconveniente. Gostava, e o seu prazer era imenso, de aproveitar essas coisas até ao ponto que não se tomasse conivente com velhos hábitos e vícios, a fim de não serem incentivados, e para isso, tinha o máximo cuidado.

O velho discípulo do Cristo estava na Terra para vestir novamente o fardo a carne e servir à humanidade. Assis lhe emprestaria um panorama agradável. Era uma província de Perúsia, na região da Úmbria, onde o comércio era sobremodo avolumado, atraindo a atenção dos grandes comerciantes do país. Não era de se assombrar, se os turistas encontravam ali objetos procedentes da Grécia, da Pérsia, Fenícia, do Egito, bem como amuletos de todas as procedências, decorações da Síria,

tecidos da Ásia Menor e bebidas de variadas origens.

Era ali, onde se encontrava abastado comerciante com a sua jovem família, em luxuosa mansão, o berço em que deveria nascer uma estrela, deslocada da grande constelação cristã no país da luz, que receberia o nome de *FRANCISCO.*

Pedro Bernardone, alto comerciante de Assis, não saberia que um astro, por misericórdia de Deus, viria habitar em seu lar, talvez lhe trazendo aparentes contrariedades, pois a sua missão diferia completamente da de um comerciante, cujo raciocínio era somente a barganha das coisas materiais, para que estas se multiplicassem. Seu futuro filho traria outra missão frente ao mundo conturbado e materialista, condenado e suspeito.

Pedro não poderia supor, que do seu amor e o de sua linda esposa surgiria outra vida, um ser humano muito semelhante a um personagem da história universal que ele tanto reprovara, quando lera sua vida. Esse personagem, luz que iluminou a Ásia, era o príncipe Sidharta, conhecido no mundo inteiro como Buda. O rico comerciante, logo de pronto, não sentira afinidade pelo Gautama, por ter ele abandonado tudo o que possuía, em procura da Verdade. Achava ele que essa Verdade, fosse qual fosse, seria encontrada com mais facilidade, usando o ouro. Ademais, quem possuísse bastante bens terrenos, qual o homem do reto pensamento, não precisaria preocupar-se em demasia, com qualquer princípio doutrinário, que lhe pudesse trazer aborrecimentos e contradições inexplicáveis. No entanto, uma coisa lhe balançava o ser na vida de Buda: era a sinceridade, a têmpera irretorquível, a confiança difícil de ser igualada. Dizia sempre: esse homem deveria ser um guerreiro, para dominar países, tomar cidades e hastear sua bandeira por onde passasse, o que seria, para seu povo, uma verdadeira glória. E não

deveria renunciar ao que possuía, às riquezas de um reino inteiro, fugindo da tradição já difícil de ser mantida por uma linhagem de reis e príncipes. Isso é uma deturpação da dignidade da família imperial de um país!
Quando dona Pica, sua esposa, folheava o Evangelho, deparava com o Apocalipse e começava a ler alguns versículos, ele mandava que ela parasse, que não deveria perder tempo com coisas inexplicáveis, de mau agouro, com visões de difícil comprovação. E a alertava sempre:

- Minha filha, o presente deve ser o nosso ideal, mantendo o nosso convívio com a alta sociedade requintada do mundo. O tempo é pouco para mantermos o nossos negócios, e não vamos nos preocupar com adivinhações e profecias. Deixemo isso para os sacerdotes, que gostam de ilusões e é bom que se proponham a isso, deixando-nos mais livres na natureza que nos propomos viver; cada qual no seu lugar de ação. A vida é muito mais alegre com vinhos caros, com roupas de alta qualidade e com mansões que não se igualam facilmente. Não achas?
A jovem senhora guardava, tristonha, o livro que ganhara de seu padrinho, um velho sacerdote de Perúsia. E Pedro, agitado e alegre, punha toda atenção em
u comércio, sem deixar de vigiar todas as transações que seus empregados de confiança mantinham com firmas estrangeiras. O seu nome já saltara as fronteiras, e a sua fama ganhara a confiança dos mais luxuosos palácios, que vinham em procura de coisas sempre novas. E o dinheiro entrava para a sua já gorda bolsa, como água dos rios em procura do mar.
O tempo passa, e alguém se prepara para ingressar na família de Pedro Bernardone, em nome de Jesus Cristo...
Quase toda a Eurásia se encontrava conturbada, no princípio do século XII. As Cruzadas não davam tréguas, dos reis aos príncipes, dos monarcas aos imperadores, das crianças às mulheres, dos homens do campo aos das cidades, dos fiéis aos sacerdotes, e mesmo ao Papa. Para se aquilatar a grande catástrofe, eram esperados, na primeira convocação dos cruzados, um milhão de fiéis, de todas as classes e de todas as origens; no entanto, atingiu-se o absurdo de dois milhões de guerreiros provindos de muitos países. Os nobres desembainharam as espadas, e se alistaram para as frentes de combate. E, desses milhões de almas, restaram, ao final, uma migalha de trinta mil cruzados, nadando em rios de sangue. Com os pés no chão, o rubro líquido de vida ia até os tornozelos, numa fictícia vitória -eram trevas contra trevas, sob a vigilância da luz!... A Terra era um verdadeiro palco de morte, da chamada Guerra Santa, de religião contra religião, de princípios contra princípios. Parecia que as coisas santas haviam sido dadas aos cães, como nos adverte o Evangelho.

Rios de sangue desfiguraram os sentimentos humanos, petrificaram as almas e os sentimentos dos bons, e os maus envenenaram-se nas hostes da vingança. Ninguém tinha liberdade; todos eram escravos do ódio que se manifestava em nome da defesa dos lugares santos de Jerusalém, não sabendo que tudo criado por Deus tem o ambiente de pureza e o clima de santidade. Todavia, enquanto a ignorância domina, invertem-se temporariamente as situações e o regime dos fatos e das coisas, até o limite de peso do fardo programado pelo carma coletivo e pelos processos evolutivos de cada criatura.

A palavra *basta* é sempre dita pela Inteligência Suprema, nos moldes que achar mais conveniente, e, para tanto, de vez em quando descem grandes almas ao mundo, com sérios compromissos de aliviar os sofrimentos da coletividade. E eis que chegou esse momento naquela fase da história dos homens! No alto escalão espiritual, em Roma, ocorre uma reunião, presidida por um ser de singular beleza, e de equidade deslumbrante. Se assim poderemos dizer, um Anjo, que passaremos a chamar de Celline.

Para o conclave espiritual, foram convocados Espíritos de alta responsabilidade, da França, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Portugal e algumas Personalidades do Oriente, como todos os diretores espirituais das cidades desses Países. Ali estavam concentrados os valores de cada região, para conhecerem por ser verdadeiras, o que estaria acontecendo na atmosfera da Terra, prestes a se realizar em favor de todos os homens. O Evangelho de Jesus seria aberto, lido e vivido por almas dignificadas no Amor.

Ouvia-se suave música no amplo salão espiritual. As emoções se intercalavam como se fossem uma só vibração, em uma só dimensão de vida. Em comparação com a Terra, parecia que aqueles seres ignoravam o que se passava no mundo. Porém, eles eram mais conscientes do que os próprios homens da Terra. Ali se reuniram para tomar as providências correspondentes ao amparo dos duzentos e um, das duas centenas de astros que iriam girar em tomo de uma estrela, em favor dos homens, pela Paz e pelo Amor.

Depois de sentida prece, Celline tomou a palavra:

- Que Deus e Jesus nos abençoem nas nossas lutas!

Meus companheiros, hoje a minha emoção é maior, e creio que a de todos nós, por estar presente neste conclave, o nosso muito querido Apolônio de Tiana, figura respeitável em todos os bastidores espirituais da Terra. Espírito de ajuda espontânea, de dignidade incomparável, que sempre foge dos postos de comando, mas que coopera como se estivesse nele. E, se alguém dentre vós não o conhece, que se levante, porque o prazer vai ser grande em apresentá-lo, com todo respeito e gratidão.

Centenas de Espíritos levantaram-se ansiosos por conhecer o tão bem falado Apolônio de Tiana, que ali estava em nome da Grécia, por amor aos que sofrem, como grego, mas acima de tudo, como cidadão do universo. Não queria a reverência, mas achou digno

levantar-se para ser conhecido por todos, ficando assim mais singelamente posicionado no seio dos trabalhadores do Bem.
A explosão de palmas não se fez esperar. Mãos espirituais estalavam parecendo fogo-fátuo ou relâmpagos coloridos, momento em que todos os olhares o buscaram admirados e agradecidos pela misericórdia de Deus. Apolônio, movido pela correspondência do amor, no afeto dos companheiros, sentiu amor por todos, e neste sentimento, sua luz invadiu o recinto, como se uma estrela de primeira grandeza fosse trazida para dentro do templo. Quando viu que ofuscava a todos, apagou-se, pedindo desculpas amáveis. Os corações batiam movidos por emoções divinas, pois aquele material luminoso, desprendido por Apolônio, seria incorporado aos assistentes como vigilância, como suprimento, como energia que deveria permanecer por muito tempo, na mente e no coração de cada um que ali se encontrava, em nome de Deus e em nome do amor às criaturas.
Continuou Celline:

- Meus filhos, é com grande prazer que anuncio a descida à Terra de duzentos e um Espíritos, em missão especial, sendo o coordenador desta expedição o venerável João Evangelista. E para nossa maior alegria, ele vai renascer aqui na Itália, na região central deste país, em Assis!

Fez-se silêncio. O diretor espiritual de Assis quis levantar-se e gritar de alegria; no entanto, alguém impediu a manifestação de suas emoções, acalmando-o. Celline anunciou os pontos estratégicos de todos os missionários, as tarefas que iriam desempenhar no cenário do mundo, as finalidades e os frutos que aquelas vidas iriam produzir.

- Eles já estão nos seus postos e haverão de demorar-se um pouco, pois procuram se familiarizar com o ambiente onde foram chamados. João vai abrir seus olhos físicos na engrenagem da carne, ainda neste século, provavelmente no ano de 1182. Uma coisa vos quero pedir: que ampareis o quanto puderdes essas almas conscientes dos seus deveres. Em muitos casos, nós outros não suportaríamos os duros testemunhos a que se irão entregar para a expansão da luz de Nosso Senhor Jesus Cristo.
O diretor de Assis, inquieto por saber que ali na sua área de trabalho, já estava, anonimamente, um dos maiores profetas, queria encontrá-lo logo que lá chegasse. Os outros assistentes portavam a mesma ideia: retomarem aos seus postos de trabalho e auxiliá-los, os carabineiros dos Céus, em função divina na Terra.

- A nossa alegria já tão grande, comentou Celline, completa-se com o surgimento do nosso querido Apolônio, que distribuiu dádiva valiosa para cada um, na luminosidade

do seu amor, que vale mais do que todos os bens da Terra. Ele vos doou mais energia em cota especial, para que possam trabalhar mais na lavoura do Bem. Se não anunciássemos sua presença, ele permaneceria no anonimato, por não estar acostumado a tocar o gasofilácio da vaidade. E bom que fique registrado em vossas consciências a qualidade de alma que está conosco nesta reunião memorável.

Já tive longo diálogo com João sobre a sua missão na Terra, frente ao espetáculo escandaloso que se opera por intermédio das Cruzadas e que vai ter prosseguimento em outra dimensão, porém, sempre com os mesmos protagonistas. E longa a história dessa falange de Espíritos encravados nas sombras por mil anos e de lá deslocados por mais um milênio. Segundo o Apocalipse de João, que prevê a limpeza final, quase todos irão para mundos correspondentes às suas naturezas. Colaboremos com João e ajudemos àqueles irmãos em trevas! Essa é a finalidade desta reunião. Que Jesus Cristo nos abençoe, despertando em nós um interesse maior pela paz, sem esmorecermos com os prováveis acontecimentos de toda ordem que haverão de surgir. É de se admirar que exista guerra entre irmãos e entre religiões; porém, admiração maior desperta a falta de amor e o abandono eterno dessas Entidades naquele desterro, por não ser esta a lei de Deus. E para que eles aprendam a ser 1Vfes, faz-se justo que conquistem a sua própria liberdade...

O emissário Túlio Celline, finalizando a conversa, agradeceu a Deus em uma sentida prece, agradecendo igualmente a Jesus, pela presença muito amável de

Apolônio, encerrando a reunião.

Caracterizando o final daquele encontro, longos diálogos, enriquecidos pelo assunto palpitante, foram travados entre os irmãos que se congregavam naquela assembleia de almas unidas pelo dever de amor à humanidade. Daquela hora em diante, João Evangelista, bem como os seus discípulos, teriam toda a cobertura na luta do Bem, que era o ideal de todos. E a caravana partiu para Assis, juntamente com o seu diretor espiritual, para as reverências devidas ao grande Apóstolo, que iria revestir-se novamente da came, e nela fazer prodígios.

7

A Família Bernardone

Assis começou a ser visitada por muitas caravanas espirituais da Europa, Ásia e África, bem como de outros lugares, que tiveram conhecimento da presença do discípulo do Amor, na atmosfera da Terra. Para cada um, ele tinha estímulos diferentes, de acordo com suas tarefas, nos lugares a que foram chamados. Assis ficou sendo a Meca espiritual da Itália, e talvez do mundo, por ser a grande esperança para os soldados do Bem, em profusão por toda a Terra.

Pedro Bernardone entra e sai várias vezes da sua grande mansão, onde o mármore colorido era a tônica do luxo reinante que lhe garantia a posição social, não somente de Assis, como também em Roma. Luxuosa piscina relembrava as dos antigos reis da Babilônia ou das dinastias faraônicas do Egito.

De vez em quando, antes de entrar no seu imponente palácio, dava uma olhada demorada em todos os seus contornos, acalentando a vaidade, e dando asas a esperança de ser um príncipe dos bens, transitórios que fossem.

Solfejava canções que decorara nos curtos períodos que passara na França, e prazerosamente espraiava seu pesado corpo em fofas almofadas, hora em que seus pensamentos divagavam, como que policiando todos os seus bens. Sentia que o seu corpo e os seus pertences eram uma só peça. Bernardone ficaria na história, pois queria competir com os ricos patrícios de Roma e de Veneza, da Bolonha e de Milão, de Nápoles e de Gênova. E se os bons ventos favorecessem, 'na além das fronteiras. O seu ideal era faraônico, por excelência. A sua ganância era sem limites, queria que a sociedade romana o conhecesse mais tarde; essas eram suas ideias, alimentadas a sós.

Como grande magnata, pensava mesmo em aprimorar-se mais em várias línguas que já falava; no entanto, faltava-lhe material precioso para esse objetivo, que era o tempo. A sua operosa mente se dividia como o sol, para aquecer todos os seus bens. Dava ordens em todas as direções e participava de tudo referente ao seu próspero comércio. A França era o centro comercial da Europa mais visitado pelo rico comerciante de Assis; tanto levava finos tecidos, quanto trazia diversos objetos, ganhando transporte e duplicando o ganho. As bebidas e roupas finas eram o seu fraco.

A prosperidade das suas transações dava-lhe alegria permanente e energia inesgotáveis. A sua mente era uma fornalha acesa, sem faltar combustível. Já dominava, com certa segurança, as finanças de Assis. Era conhecido em grande parte do Oriente, e beijava frequentemente as mãos dos mais respeitados cardeais e bispos, que o abençoavam pela força da sua posição. Essa era a vida do futuro pai de Francisco de Assis.

O espírito João Evangelista escolhera aquele lar para renascer, não por causa do luxo, mas por estar ali um conjunto de almas que lhe tinham sido caras em épocas recuadas da história. A sua presença no seio da família evidenciaria a sua gratidão para com aqueles companheiros de recuados evos. Em algum lar deveria ocorrer o evento e o lugar seria aquele, em nome do Mestre dos mestres.

João já frequentava o lar dos Bernardone, familiarizando-se com todas as pessoas, desde os mais simples encarregados de limpeza aos mais graduados, na alta confiança do comerciante. Parecia que a casa se tomara mais saudável, com atmosfera mais agradável e mais hospitaleira, multiplicando-se as visitas dos amigos, compadres e mesmo de turistas mercadores.

João costumava reunir-se com as caravanas espirituais que iam visitá-lo, no ambiente da própria casa do rico comerciante. Quando partiam, desculpava-se pelo ambiente requintado, explicando que aquele amontoado de coisas fazia parte da sua renúncia no futuro e que, enfim, tudo é útil aos propósitos do bem comum.

A senhora Bernardone, jovem, linda e inteligente, já sentia a aproximação do futuro filho; sua inspiração chegava ao êxtase, vendo e ouvindo coisas do lado espiritual, que lhe traziam grandes alegrias. Certa feita, dona Maria Picallini, chamada por Pica no ambiente doméstico, recostada em um triclínio, ao clarão da lareira, lendo o Evangelho - tesouro que guardava por estimação, do seu velho padrinho de casamento - explicava-o às duas aias que lhe faziam companhia. Num certo momento, parou, suspirou profundamente e comentou com Jarla, que se sentara rente a ela, para adivinhar-lhe todos os desejos e agradá-la:

- Olha, Jarla, vou ter um filho. Já sonhei com ele... É um Anjo! Queira Deus que esse sonho seja verdadeiro.

A velha grega sorriu e abençoou a vontade da sua filha de leite.

- Que bom, redarguiu a velha, vamos ter um santo em casa! E arrematando a conversa: Também acho, senhora, porque de certo tempo para cá, até o senhor Pedro está mais amável, não só para minha filha, como para todos nós. Neste fim de ano, todos ganhamos presentes!

Neste ínterim, veio correndo uma serviçal prestimosa, meio alvoroçada, dizendo:

- Madrinha Jarla! Dona Quina está gritando; vamos lá, ela está chamando a senhora!

A velha levantou-se amável e foi acompanhada pela senhora Bemardone, coisa muito rara entre serviçais e senhores. Lá chegando, deram com a velha Quina assustada,

dizendo que vira um Anjo entrando dentro do seu quarto, a dizer umas coisas que ela não entendia direito. Era muito bom, mas estava com medo e queria que Jarla ficasse com ela... Pela notícia da antiga serva, já paralítica há alguns anos, a senhora ligou os fatos com o seu sonho, trocou olhares alegres com sua ama de leite, e sorriram baixinho. Jarla então disse:

- Meu Deus, senhora, será o nosso Anjo sendo visto por mais pessoas, para confirmação do teu sonho?

- Que Deus seja louvado! Que assim seja!

A Senhora Bemardone, aproveitando o Evangelho entre as delicadas mãos, abre ao acaso e lê com profícuo interesse a cura de um paralítico em Cafamaum, assim registrado por Mateus, no capítulo nove, versículos de um a oito:

Entrando Jesus num barco, passou para a outra banda, e foi para a sua própria cidade. E eis que lhe trouxeram um paralítico, deitado num leito. Vendo-lhe a fé, Jesus disse ao paralítico: tem bom ânimo, filho, estão perdoados os teus pecados. Mas alguns escribas diziam consigo: Por que cogitais o mal em vossos corações? Pois o que é mais fácil dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer, levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o filho do homem tem sobre a Terra, a autoridade para perdoar pecados, então disse ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para a tua casa. E, levantando, ele partiu para a sua casa. Vendo isso, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.

A doente, assustada com a presença da senhora em seus aposentos, e com o que esta lera, e de que nunca ouvira dizer, sentiu um conforto indescritível. Naquele instante, João Evangelista aproxima-se daquela que elegera como mãe, toma-lhe as mãos, imiscui-se em sua mente e através de sua grande sensibilidade, transfere um turbilhão e fluidos para o seu coração, fazendo com que amasse aquela velha como se fora seu Próprio filho. E, mentalmente, lhe fala com todo carinho, próprio da sua intimidade:

- Mãe, toca essa filha do coração, se já me amas pelo sonho e pela esperança. Se te agrada a minha presença em tua casa, conceda o teu amor também a quem tanto te serviu, empenhando a sua própria vida em favor desta casa. O teu amor poderá curá-la e assegurar-lhe a esperança na vida, em Deus e em Jesus Cristo.

Lágrimas escorriam nas faces da rica mulher de Assis, e ela avançou instintivamente, aconchegando a criada no colo, transfundindo-lhe o mais puro amor, beijando-lhe as faces enrugadas e flácidas, de tantos anos nas intempéries da vida. A emoção da velha

transcendeu o raciocínio e o poder da palavra. Nunca na sua vida recebera tanto carinho, na abertura generosa de um coração, como se fosse uma mãe a contemplar o próprio filho recém-nascido. Explode o amor, em trocas incomparáveis!... E a senhora Bernardone, influenciada pela luz espiritual que a estimulava naquele ato, fala com energia e firmeza, mesclando a voz com brandura e fé:

- Levanta, minha filha, em nome do Cristo, e anda em nome de Deus!

João Evangelista, no plano espiritual, avoluma em tomo de si grande quantidade de fluidos, que se dividiam numa policromia encantadora, e estende as mãos luminosas em direção ao sistema nervoso da serva, e lança raios cor de ouro e de um azul sem precedentes no coração da antiga serviçal. Um clarão de difícil entendimento, envolvendo os músculos da irmã enferma e somado à força do *levanta-te e anda* dito por Pica, faz surgir o fenômeno. O quarto simples da velha preta, tornou-se um céu. Vários Espíritos, de mãos dadas, em profunda veneração, entoavam um hino deslumbrante. João aproximou-se e, com um sorriso nos lábios, osculou a fronte da anciã, dizendo: Graças a Deus...

Admirados, todos viram dona Quina deixar o leito, andar sozinha no quarto e avançar para o pátio gritando ininterruptamente: - Graças a Deus! Louvado seja Jesus Cristo! As outras mulheres, que serviram de instrumentos, ficaram sem palavras ao assistirem àquele espetáculo de fé, confirmando pelos fatos que, na verdade, por misericórdia de Deus, parecia haver um Anjo naquela casa.

Assis estava sendo palco de coisas transcendentais de difícil explicação. A senhora Bernardone, envolvida em inocente misticismo, fazia borbulhar em seu íntimo uma riqueza imensurável de fé. Entrava em meditações demoradas, e, de espaço a espaço, lia e relia o livro santo, crendo que a força, da qual partira a cura de Quina, estava no Evangelho, sendo operação do Cristo. Não sabia como e por que meios se processava o ambiente de paz. Quanto ao milagre, atribuía-o ao Anjo que vira em sonho, confirmado por Jarla. Debulhava a espiga das recordações com intenso prazer, sem perder um grão dos fatos, nem a sequência daquela história que ora se iniciava.

Certo dia, sentiu irresistível vontade de dar um passeio pelos arredores da cidade. Queria ver o sol nascer - espetáculo que lhe fazia muito bem - ter contato com as plantas, com os pássaros, perceber a música da vida. Era dada à poesia, gostava de fazer certas anotações quando inspirada, e sentia no coração que aquele dom aumentara de certa data para cá. Falou com Jarla, que logo tomou todas as providências.

Na madrugada seguinte, quando o silêncio a convidava para um colóquio perfeito com as coisas, a senhora Bemardone subiu, ajudada por Jarla, no fiacre de luxo, para dar seu desejado passeio. O cocheiro estalou o chicote nos ares. Dois fogosos cavalos, contidos

por rédeas coloridas, avançaram devagarinho, parecendo que andavam no ar, pela imposição dos travões bem postos nas suas estornas *. As rodas deslizavam nas estradas, sem que a linda madona percebesse que viajava.
Daí a pouco tempo, o hábil cocheiro contornava um lago encantador, fazendo com que os cavalos caminhassem, para que a senhora de Assis pudesse contemplar as águas mansas, que refletiam sobremaneira a luz das estrelas. Lentamente, o disco solar começava a esplender seus raios, anunciando o novo dia e a distinta senhora não perdia um momento do espetáculo cósmico. Se não é muito dizer, sorvia de maneira estática a essência luminosa do Astro Rei, como se fosse o melhor dos vinhos. Sua cabeça começou a girar levemente, envolvida em um prazer indelével, como se estivesse embriagada, sensação nunca antes experimentada por ela. Algo lhe segredava internamente para manter-se em silêncio ante determinadas reações. Nem a filosofia, nem as palavras humanas, mesmo em grande esforço intelectual, poderiam explicar o que se passava com a senhora. Somente a fé do santo e a natureza do místico entendem o que se passa no coração de quem começa a vivenciar o Amor. Os ventos sopravam sobre os raios solares, sem que estes cedessem em seu calor, formando um conjunto de bênçãos graciosamente oferecidas aos seres e às coisas. Era a vida em profusão, pelas bênçãos de Deus, que permanecera em silêncio, para dar tempo à senhora de sentir o Cristo em Deus, e Jarla falou a meio tom:

- Há quanto tempo moramos aqui e não tínhamos conhecido ainda esta felicidade! Pensava, em certos momentos, que era preciso comprá-la a peso de ouro; hoje, porém, mudei de ideia. Tanto a senhora quanto eu estamos envolvidas por ela. O céu é para todos, mas nem todos se encontram preparados para o céu... Quantas pessoas há em Assis, quantas existem em toda a Itália e no mundo inteiro? Contudo, somente pequena minoria sente o coração e a consciência liberando a vida!
Pica Bemardone não se admirou da tirada filosófica de Jarla, porquanto já conhecia suas qualidades, por ter sido ela a sua primeira mestra; os gregos eram quase todos ilustrados, mesmo os próprios servos. A filosofia era dom comum em todos eles e Jarla estava inspirada pelo ambiente que circundava a carruagem. De em quando, vinha à mente das duas mulheres a cura da velha Quina, e um leve sopro, que poderíamos chamar de vento fluídico, ajudado pelo sistema nervoso, corria na epiderme das duas almas ali em meditação.
Aquele passeio matinal foi um restaurador de energias para Pica, e de extraordinário conforto para a velha serva. Para o cocheiro prestativo, o ambiente era o mesmo de

* Do grego , Soma= boca (N. E.)

sempre; enquanto as duas senhoras estavam em êxtase, convivendo com grandes ideias,ele limpava os metais dos arreios com pedaços de lã. Alisava os cavalos com as mãos, pois aquele era o seu mundo. Cada um permanece em conexão com a faixa que lhe é peculiar, no empuxo evolutivo.

Já com o sol alto, a carruagem entrou no pátio da mansão. As passageiras desceram como se retomassem de uma excursão a Roma ou a Paris. Pedro Bemardone, com aspecto taciturno, entrava e saía apressado da casa, mal cumprimentando os mais chegados, envolvido que estava com grandes preocupações. Soubera do ocorrido com a velha Quina e sua mente estava conturbada, por saber que santidade não se concilia com riqueza, temendo pela saúde da esposa. Estaria ela envolvida nas ondas de Satanás? Iria consultar o reverendo, o mais breve possível, para que ele pudesse diagnosticar todo o caso de sua mulher. Não poderia ser mentira, pois viu com seus próprios olhos, andando, a serva que há dois anos estava entrevada em um catre. "Como poderia ser isso? Não estamos mais na época do Cristo; não existem mais apóstolos... Os profetas desapareceram!... Isso deve ser obra do diabo!" Em todo o caso, a palavra final seria a do Padre de Assis, da Igreja de São Damião.

Foi ao encontro de sua jovem mulher, que de faces rosadas comentava com Jarla, a beleza do sol e do momento em que as estrelas se escondiam, da música espontânea dos pássaros e da tranquilidade das águas na despedida da madmgada. Pedro espantou-se por ver sua mulher em completo equilíbrio emocional em conversações das mais nobres. O seu maior medo era que a esposa se revestisse de santidade e a sua mansão se tomasse ponto de romaria de mendigos. E o seu comércio? E a sua riqueza? Ficaria maluco... Daria o quanto fosse preciso para as comunidades religiosas, para que os padres tirassem da cabeça da sua esposa aquelas coisas relacionadas com o invisível. Mas sentiu que era melhor silenciar, e agir em segredo. Procuraria um cura apropriado para cuidar do assunto e pela obediência que ela lhe devia como esposa, tudo retomaria ao que era antes. Assim pensou e assim fez. Montou a cavalo e saiu à procura do vigário que viera de Espoleto, famoso pelas suas bênçãos às riquezas, ao comércio, e forte para impedir a ação do satanás.

O rico comerciante de Assis encontrou o vigário já de saída, mas este, conhecendo a posição que Pedro desfrutava na rica região, cumprimentou-o com amabilidade, fazendo-o desmontar e ficar à vontade em requintada sala, que mandara decorar somente para receber pessoas de alta posição social. Foi logo perguntando:

- Que bons ventos te trazem aqui, Sr. Pedro? Para nós, isso constitui uma honra, e principalmente para mim, que pouco conheço esta região. A Umbria foi o meu sonho desde criança e agora a minha vontade se realizou, com certeza em nome de Deus!

- Sim, sim..., respondeu Bemardone. Venho aqui, reverendíssimo padre, para lhe contar fatos ocorridos com...

O vigário o interceptou, parecendo inspirado:

- Já sei; com tua esposa, dentro da tua casa. E vieste para saber se procede de Deus.

O homem, pálido, falou ao vigário:

- Como sabe o senhor disso?

O padre deu um curto sorriso, e anunciou com facilidade:

- Nada se esconde da Igreja de Deus, e o senhor não sabe que sou Seu representante? Moveu a cabeça, afirmando o que sabia até então. - Sei que tua mulher está alegre, parecendo mais jovem, mais amável, e que a serva Jarla ainda a ajuda em suas meditações. Tenho ainda outras coisas mais a dizer-te que agora não são oportunas, por não ter chegado a hora. Entretanto, fica sabendo: é trama do demônio, para fazer com que percas a fortuna, que Deus te deu por merecimento!

Perplexo, o comerciante beijou as mãos asquerosas, acostumadas a refletirem a iniquidade e contou o caso à sua moda, pedindo providências. E tudo foi combinado a peso de ouro. Acontece que a velha Quina, na noite que sucedera à sua cura, fora à casa do vigário pedir as suas bênçãos, agradecida por ter sido curada por Jesus, e lhe contara tudo o que se passou para que ficasse livre da prisão, como o paralítico do Evangelho. E o velho lobo vestido de pele de ovelha, tentando tirar proveito do caso, deu um toque ao seu modo. Encontrando sintonia no futuro pai de Francisco, passou a ser conselheiro e confessor da família Bemardone, e, nesta condição, nada ficava escondido nas dobras da consciência que não fosse do seu conhecimento. Assim, passaram as duas mulheres a serem intimamente martirizadas pelo fluente vigário, que embolsava o ouro do comerciante, invadindo a intimidade da sua consciência, mundo que pertence ao seu dono.

Foi proibida a leitura do Evangelho, a não ser por ele, e explicado à sua maneira. As preces eram decoradas, quando escolhidas pelo sacerdote, e mesmo os passeios eram vig:ados, para que satanás não encontrasse acesso no coração da rica dama. O arrocho era maior para a serva, por ser ela grega e versada em filosofia, 0 que a religião católica não aprovava. O reverendo passou a fazer as refeições na mansão, para assegurar a paz do lar; era um vigilante, no dizer de Pedro, cuja Presença impedia a ação do diabo. Assim, passaram-se meses.

As mulheres foram obedientes; todavia, nos momentos de liberdade, em que não poderiam ser tolhidas, conversavam fartamente sobre suas ideias, e Jarla, com muita experiência, percebeu as manobras do padre, pois Quina contou-lhe que tinha ido à casa do vigário pedir as bênçãos e contar-lhe que sucedera, pois fora atingida por um milagre. As mulheres estavam convictas de que Deus daria uma saída para seus propósitos, e esperavam confiantes. Passaram a ser mais amáveis com o padre, para ganharem sua confiança e terem mais liberdade. Procuravam dar-lhe presentes, pois estes eram o seu fraco, chegando ao ponto de o confessor viajar com mais frequência, sem exigir nem impor condições aos que ficavam, como acontecia antes. Para ele, satanás tinha sido escorraçado pelo poder da cruz, que a sua mão de vez em quando acionava nos quatro cantos da luxuosa mansão, aspergindo igualmente, água benta.

O comerciante retomara a sua alegria e a sua jovialidade. Certa feita, financiou uma viagem do vigário à Roma, para que participasse, como representante de Assis, de um conclave na Cidade Eterna. Porém, o destino não o ajudou. A carruagem que o transportava deslizou em curto despenhadeiro e, numa reviravolta espetacular, foi de encontro a uma árvore, esfacelando o crânio do sacerdote. Nada acontecera, porém, com o cocheiro, nem com os dois serviçais que o acompanhavam na viagem.

* * *

Os Espíritos que colaboravam em Assis se movimentavam com entusiasmo, para que o Apóstolo do Amor pudesse tomar novamente outro corpo, reformulando na Igreja Católica Apostólica Romana os conceitos do Amor e da pureza evangélica, sugerindo-lhe maior sensibilidade cristã e mais perdão e ainda, consoante o Evangelho do Cristo, que não ajuntasse ouro nem prata nos seus alforjes. Sua verdadeira missão seria fazer circular todos os bens da vida, colocando as almas na plenitude da Esperança. E começa então, a cair no ergástulo da carne, uma grande estrela dos céus de Jesus, para iluminar as consciências em plena Idade Média...

8

Simbiose Divina

' O amor cobre todas as transgressões ".

Provérbios, 10:12.

"O amor cobre a multidão de pecados ".

IPedro, 4:8.

Deus, a Suprema Inteligência do Universo, periodicamente fraciona Seu magnânimo Amor, enviando para a paz dos Seus filhos, qualificados mensageiros. Desta feita, enviou aquele que fez parte do colégio apostolar de Jesus: João, aquele que na ilha de Patmos mapeou os últimos acontecimentos do planeta, no mais profundo simbolismo jamais visto no mundo, como sendo os fins dos tempos da decadência.

O espírito João Evangelista, em alta madrugada, adentrou a nave de descanso dos Bemardone. Sua futura mãe dormia serenamente, qual um Anjo, viajando nos espaços infinitos. Ele desceu suavemente no clima sagrado do templo do sono, contemplou a rica senhora e beijou a sua fronte com respeito e carinho. O corpo da senhora Bemardone estremeceu e em um átimo de segundo, a elegante mulher apressou-se em tomar o corpo, no que logo foi impedida pelas circunstâncias.

Jarla, a companheira inseparável da senhora, quis entrar no recinto: todavia, desnorteou-se, sem que encontrasse a mansão, e ficou perambulando por Assis, sem entender o porquê da sua perturbação. Maria Picallini, ao avistar aquela esplêndida figura espiritual dentro do seu quarto, não teve dúvidas de que se tratava quele com o qual havia sonhado muitas vezes. Tomou-lhe as mãos delicadas e fartas de luz, beijando-as com toda a amabilidade. Quis ajoelhar-se, porém, João não consentiu fazendo com que se levantasse à meia quebra dos joelhos. Segurou-lhe maos entre as suas, e assentaram-se os dois na forma oriental, por sobre um tapete persa que enfeitava o quarto. João falou com doçura:

- Minha irmã, que a paz de Jesus Cristo seja em teu coração, e te faça dentre mulheres uma mãe, e que seja minha, por graça da vida! A minha gratidão nunca

faltará, por esse teu gesto de amor; agradeceria poder nascer por teu intermédio.

Não sou Anjo como pensas, nem santo, como divagas em pensamento Sou, sim, teu irmão em Jesus, querendo acertar naquilo com que me comprometi com os maiores da espiritualidade.

Lágrimas brotavam nos grandes olhos da mulher escolhida e o ímpeto de falar era tanto, que quis, em brados, agradecer a Deus; nisso, dois dedos selaram seus rubros lábios, dizendo:

- Espera um pouco e ouve a quem precisa te falar... Se aceitares a minha chegada pelos canais da ma vida, selarás um compromisso com alguém maior do que nós na Terra, e talvez por isso sofras vexames, desprezo, maledicência, pois virás a ser instrumento de grandes acontecimentos; todavia, se souberes, encontrarás consolo na força do perdão, na tolerância e no amor. Quando atormentada, procura o Cristo no silêncio da prece. Estimula a fé, e nunca te esqueças de que Deus não abandona a ninguém, principalmente a quem serve de meio para iluminação da humanidade. Procura lembrar do Sermão da Montanha, de Jesus Cristo, recorda as bem-aventuranças, e vive dentro destes preceitos, que serás livre de todo o mal e consolada em todos os transes difíceis... O teu consentimento significa o selo da nossa união, em nome de Deus e do nosso Mestre.
João silenciou-se, esperando que a senhora Bemardone ordenasse seus pensamentos, e decidisse, por ela mesma, o compromisso apresentado. Ela, chorando de alegria, fitou os olhos do seu futuro filho e disse com dignidade:

- Não sou dona de mim mesma, quando se trata da vontade do Mestre. E bom que se cumpra a vontade dos céus e não a minha, e, se isso depende do meu sim, já está dado pelo coração. A felicidade e a honra são toda nossa. Saberei, emissário dos céus, ficar imune a todos os ataques das ordens inferiores, e creio que a tua ajuda não vai me faltar. O coração não me enganou, pois por inspiração já sei de quem se trata. Que Deus me ajude a compreender os meus deveres diante de tão relevante tarefa no mundo! Sim, serás meu filho!

O ambiente estava perfumado, e a cada suave estalo de flor diferente que surgia, um aroma embriagador recendia no quarto espiritual da mansão... Pedro Bemardone chegou tarde da noite, e antes de dormir deu-se, com uma ligeira ginástica e com um banho frio, um susto nos nervos, para que o sono não tivesse interrupção. Deitou-se e, em poucos minutos, conciliava o sono. Nesse estado, passou ao plano espiritual, onde os dois Espíritos, que dialogavam, invisíveis para ele, estavam a sua espera. João Evangelista abriu mentalmente o véu espiritual que separa um plano do outro, e eles surgiram sorrindo aos olhos de Pedro Bemardone.
Maria Picallini aproximou-se como o anjo da casa, para que ele pudesse entender. Ainda confuso, deixava transparecer pela sua aura estriada por coloração cinza e vermelho-terra, o ciúme, fazendo despontar o ódio no seu coração. A muito usto e a contragosto, estendeu a mão, que João segurou com amabilidade, dizendo com alegria.

- Meu senhor, que Deus e Jesus Cristo façam do teu coração um tesouro do bem, que a riqueza espiritual do teu lar acompanhe a da Terra! Eu tenho muito prazer em vê-lo junto à tua esposa, cujas qualidades nos enriquecem os argumentos, em se falando do nosso Mestre. Não nos leves a mal por estarmos neste recinto sagrado às tuas aspirações, mas

queremos falar-te ao coração, nesta noite que marcará o nosso destino na Terra. Esperamos que sejas bastante compreensivo ante o que vamos apresentar.
Pedro permaneceu mudo, sem que pudesse articular uma só palavra, pois nada estava entendendo do assunto de que falava aquele senhor mais ou menos vestido de suave luz. Sua esposa, entendendo a gravidade do momento, aproximou-se mais dele, enlaçou o braço em sua cintura um tanto volumosa, falando com gentileza:

- Querido, este venerando senhor é um deus de prosperidade, aguardando nossa decisão, para que possamos nos enriquecer para Deus, na luz de Nosso Senhor Jesus Cristo!
Bemardone mudou o semblante, caindo aos pés do apóstolo, beijando suas vestes, pedindo desculpas. E falou embaraçado:

- Não sei se é verdade, porém, penso que deve ser esse o Anjo de quem me falaste... e olhando a jovem senhora, que aprovara com um gesto, levantou-se e disse:

- Que queres de nós, que porventura não estejamos dispostos a fazer? Dize, venerando deus, que faremos o impossível! Nada há na Terra que o dinheiro não compre, e a nossa bolsa está constantemente recheada. O teu pedido é uma ordem! Imponho, porém uma ressalva: se tratar-se de assunto de ordem moral ou doutrinária, teremos de consultar o vigário, que por certo não vai interpor-se, pois como ele, falas também em nome de Deus. O representante dos céus na Terra Precisa ser consultado, tu bem o sabes mais do que eu.
Pedro lembrou-se logo do sacerdote de Espoleto, que mancomunava com suas ideias, esquecendo-se que ele já falecera num desastre. Nisto, o ambiente fê-lo silenciar. O apóstolo olhou serenamente para a senhora Bemardone, e esta, como Por encanto, surgiu com o seu Evangelho entre os dedos, dádiva primorosa do seu Padrinho. João imprimiu nele o olhar dotado de consciência, quando suas delicada s mãos o abriram, por força da necessidade, em Lucas, capítulo seis, versículos de trinta e nove a quarenta e cinco:

Propôs-lhes também uma parábola: Pode porventura um cego guiar
outro cego? Não cairão ambos no barranco? O discípulo não está acima do seu mestre. Todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre. Por que vês o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas a trave que está no teu próprio? Como poderás dizer a teu irmão, deixa irmão, que eu tire o argueiro do teu olho, não vendo tu mesmo a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente, para tirar o argueiro que está no olho do teu irmão. Não há árvore boa que dê mau fruto, nem tampouco árvore má que dê bom fruto. Porquanto cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto. Porque não se colhem figos de espinheiros, nem dos abrolhos se vindimam uvas. O homem bom, do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau, do mau tesouro tira o mal. Porque a boca fala do que está cheio o coração.

Terminada a leitura, Pedro, antes afogado pela depressão, começou a sentir-se bem. Para não lhe ferir a susceptibilidade, não se fizeram comentários do trecho lido; contudo, ele ficou plantado na consciência do comerciante, para depois aparecer gradativamente no seu consciente, no estímulo de cada dia. Já alegre, perguntou ao discípulo do Cristo:

- Que queres de mim? Ao que João amavelmente respondeu:

- Que sejas meu pai! Desejo nascer neste lar; não obstante, sem a tua aquiescência, terei que procurar outro.

Pedro, sensibilizado, olhou para a esposa, que não retinha o pranto, e por incrível que pareça, chorou também, falando emocionado:

- Se depende de mim, meu Deus, faça-se a tua vontade, que seremos os teus escravos. Pelo que vejo, a minha esposa já aceitou, e eu o aceito igualmente. Desculpa-me pelo que pensei antes de ti; deves lembrar que sou homem, e como alma do mundo não consigo pureza, que só existe no céu. Perdoa-me, Senhor!... Perdoa-me!
João, por força da condição espiritual do rico comerciante, não falou ainda das dificuldades que poderiam surgir com o seu ingresso na família.
Bernardone aconchegava sua linda esposa nos seus fortes braços, dizendo-lhe:

- Sinto-me feliz quando encontro segurança na nossa união e que a paz de todos os deuses a mantenha para sempre! Tu és minha! Eu sou a árvore, tu és a flor e os frutos virão de nós!
E no afago do amor de Pedro Bernardone, João emitiu seu pensamento em busca de Jarla que, ainda confusa, procurava sua filha de leite e que, envolvida pela luz emitida por aquele pensamento, viu através dela, a mansão dos Bemardone e, rapidamente, chegou ao recinto. Assustada, colocava em ordem seus pensamentos, e as boas maneiras fizeram com que ela emudecesse. Nisto, a dona da mansão desprendeu-se dos braços do marido, e buscou-a dizendo:

- Jarla!... Jarla!... Por que demoraste tanto? Sabe quem é este? - Antes de responder, a serva pediu licença e beijou as mãos do emissário do Amor dizendo:

- Sei... É o nosso Anjo, que será o filho amado deste lar, ao qual pertenço por misericórdia divina. Mesmo na condição em que me encontro, se Deus permitir, quero ter participação na vinda desta Alma de Assis, para a felicidade do nosso povo, para fazer florescer em cada alma a esperança de uma vida melhor!

As duas mulheres derramavam copiosas lágrimas, nascidas da fonte mais profunda do ser, que a alegria pura fazia brotar. O Vidente de Patmos, dando alguns passos no amplo salão, lembrava um sol de primeira grandeza, fazendo girar um turbilhão de estrelas menores, pela estupenda quantidade de fluidos interligados em sua magnânima personalidade. Cada fração fluídica brilhava como que provida de inteligência, e o colorido desnorteava qualquer raciocínio.

João, naquela hora, sentiu amor mais profundo pela humanidade, e um prazer imenso pela abertura da sua tarefa na Terra, por intermédio dos Bernardone. Se quisesse, poderia nascer por imposição; todavia, queria entrar na argamassa da carne pelo Amor que não impõe, que não oprime, que não desrespeita, que não invade. O próprio Amor exalta a justiça, e se era um enviado das qualidades evangélicas, se era uma carta de Jesus à humanidade, no envelope do corpo físico, como proceder para entrar naquela casa? Bater suavemente na porta, pedindo licença para entrar, com humildade, fazendo-se o menor de todos, para exaltação dos valores imortais dos preceitos do Cristo.

Parou um pouco seu lúcido argumento mental, olhou para Jarla, transfigurada de contentamento, e disse-lhe:

- Minha filha, preciso também da uma aquiescência, pois será para todos nós, uma peça valiosa no esquema do Amor que não tem fronteira, do Amor que cobre todas as transgressões, como afirma o provérbio, do Amor que cobre a multidão de Pecados, como exalta Pedro. A nossa missão, a ser iniciada nesta casa, terá como base este Amor, que Cristo nos ensinou com o exemplo, através do qual vamos dar a nossa cota em favor da paz na Terra.

Jarla bebeu o néctar da palavra do discípulo do Messias, e este aguardou a resposta. Decidida, ela falou com entusiasmo:

- O meu sim, digno ancião, já foi dado pelos meus senhores. Sou serva, e o sou mais ainda da vontade de Deus, nosso Criador incriado. Para mim, será o maior prazer servir-te, ainda que seja apenas de companhia, nos primeiros dias de juventude. No mais, o que poderás tirar desta que nada tem para dar? Sim!... que meu peito possa ser o coxim, em que possas repousar a ma cabecinha divina, no que sentirei o maior prazer. Permita-me beijar teus pés, reconhecida que estou pela honraria concedida a quem ainda não se encontrou!

Dobrou a cerviz com humildade, o que João não aceitou: erguendo-a, tocou com os lábios a sua fronte, com profundo respeito e carinho, chancelando, assim, mais um compromisso de luz para espancar as trevas da Terra.

Pedro Bemardone acordou assustado, meio confuso, sem que pudesse recordar na íntegra o sonho que tivera, e naquele embaraço chamou a sua mulher insistentemente.

Ela, abrindo os olhos como se fossem dois faróis brilhando de contentamento, trouxe à sua retina a quase perfeita reprodução do ocorrido no plano espiritual; acordou feliz, lembrando-se de quase todos os detalhes. Ainda confuso, Pedro falou:

- Mulher, queira Deus que seja verdade, parece-me que fui ao céu. Será que foi o vigário que morreu, que veio me buscar? Ele era um santo, as suas ideias eram iguaizinhas às minhas. Entendia as coisas como deveriam ser... Que pena ter morrido naquele desastre! Mas, foi para o céu, e pareceu-me ter conversado comigo em sonho; e, se não me falha a memória, tu e a Jarla também estavam lá. Que coisa linda... Que beleza!... Graças a Deus eu fui bom para ele e com certeza este encontro foi a retribuição, gratidão de um coração muito mais que bom, pois era compreensivo e justo.
Sorrindo, a jovem senhora disse com ênfase:

- Pedro, meu querido, eu também me lembro deste sonho, do qual felizmente participei. No entanto, te enganas com referência ao vigário de Espoleto; não era ele.

Pedro assustou-se, e retorquiu:
- Quem era então?
Pica falou com uma clareza indelével sobre o encontro no plano espiritual, e o marido começou a lembrar-se com mais detalhes, inclusive da figura respeitável do Apóstolo.

- Ah!... Ah!... Admira-se o senhor. Então foi o deus da prosperidade! E mesmo, foi o deus da prosperidade que veio nos visitar, o que quer dizer que tudo para nós correrá às mil maravilhas. Graças!... graças!... que sejam muitas as graças!
E a senhora Bernardone continuou, com vivacidade e encanto, nas suas descrições:

- E ainda tem mais, Pedro; vê se lembras que ele nos pediu o lar, para nele pudesse nascer. E nós aceitamos, para que a nossa alegria seja completa!

Pedro tomou a palavra, argumentando:
- Minha querida, como pode um deus nascer no mundo, sem que as profecias antes o anunciem? Ela se apressou em responder:

- As profecias servem, meu querido, para remover as dúvidas de quem as tem. No caso deste Anjo que já compartilha conosco esta casa, a sua missão também é outra; não é a de revelar o desconhecido, e sim, a de reviver a maravilha de que o povo já certificou a eficácia: ensinar e viver o Amor, a Humildade, o Perdão, a Obediência...

Com suas emoções já modificadas, Pedro deu um sorriso. Invadido por uma sensação de amor sublimado, envolveu nos braços sua linda senhora, não deixou que ela falasse mais nada, selando seus lábios, e fazendo com que seus olhos fechassem os dela, na mais elevada troca de valores entre os dois planos, divino e humano.

O diretor espiritual de Assis, juntamente com o de Roma, e demais outras caravanas, se postaram ao derredor da mansão, limpando o ambiente e policiando a região em que o figurante principal, João Evangelista, se preparava para ligar os primeiros laços na microvida dos gâmetas...

João, sozinho enquanto espírito, acionou com respeito sua poderosa mente, aproveitando as emoções físicas da sua futura mãe. Fez desprender um tipo de fluido que, pelo gênero, denotava o poder energético de higienização, que se transfundiu nas auras dos seus futuros progenitores. Escutaram-se pequenos estalos, como se algo invisível estivesse se queimando, mais acentuadamente no campo áurico de Pedro. Intuitivamente, João buscou algo nos ares com as mãos que esparziam luzes, acomodando entre os dedos uma massa inquieta, porém dócil ao seu comando mental! Fez com que o sistema nervoso da jovem senhora crescesse a seus olhos, pelo poder do pensamento, e introjetou aquela força vital no trajeto neuropsíquico, e essa energia singular rompeu as estruturas das células, sem obedecer às suas diversidades morfológicas. O prolongamento dos neurônios também foram visitados com a mesma complacência daquela bênção ordenadora, rodopiando essa profusão de fluidos nos axônios, dando a eles mais essa responsabilidade, a da evida irrigação automática, em conexão com outros prolongamentos, para que os endritos conseguissem plasmar nos núcleos, o agente intromissor.

Esperou um pouco, e viu toda a unidade celular enriquecer-se vivamente, pelo fenômeno do metabolismo. Com muito cuidado, procurou observar a irrigação sanguínea da senhora Bemardone. Seus olhos eram como poderoso microscópio, que cavam o cérebro, parando demoradamente no córtex, dando alguns toques neste ^{0} espiritual da alma. Ampliava as glândulas pineal e pituitária, revestindo-as de um tipo de protoplasma que foge à nossa análise. Concentrava-se nas células motoras da medula. Estas se apresentavam como pratos vivos e disformes, conexas umas com milhões de outras, por filetes luminosos, que se espraiavam por todo o cérebro. Deu os últimos retoques nos centros de força e, aliviado, respirou profundamente, sem que o ato físico do casal passasse pela sua lúcida mente.

Fazia-se necessário que o Apóstolo tomasse cuidado com o sistema neuropsíquico-espiritual de Maria Picallini. A mulher grávida passa a viver o mundo mental do reencarnante, e vice-versa; todavia, o que for mais evoluído pode se defender dos pensamentos e emoções que não se coadunem com a sua formação já alcançada. Mesmo assim, quando se trata da mãe colocada em esfera bem inferior à do futuro filho, os

grandes enlevos mentais a colocarão em depressão, danificando, com a alta corrente de energia oriunda do filho, a rede nervosa, constituída de filamentos quase invisíveis. Perturbar-se-iam as grandes células motoras da medula, sendo atingidas até as que chegam a medir quatro micras, no seu volume aparentemente invisível, por lhes faltar a cromatina com mais abundância na capital celular.

Foram preparados com muito cuidado o córtex e as duas glândulas principais da cabeça da futura mãe, ocorrendo assim a adequação espiritual nos centros de força, por merecimento daquela mulher, que ia ser mãe de um grande astro espiritual, com liberdade de ação no campo da Terra. Neste caso, o carma de dona Maria não interviria, por tratar-se de um benefício em favor de toda a humanidade.

João Evangelista fixou seu olhar na matriz feminina, viu o campo sagrado regurgitado de milhões de microgametas, que avançavam como numa batalha em busca do mesmo ideal. O centro de formação da vida física, com suas protuberâncias, movimentava-se na forma do automatismo orgânico, dificultando assim aos agentes da vida, que procuravam sobreviver em lutas individuais, na conquista de seu objetivo, como os próprios homens o fazem, instintivamente!... Luzes circundavam cada um em particular, de acordo com a sua formação congênita, na unidade dos genes, com traços e pontos da hereditariedade. Mudava-se o que poderia ser mudado, pela alta posição da alma reencarnante; porém, muita coisa não é lícita mudar. A herança no campo biológico é um fato que, muitas vezes, atinge até o mundo emocional do espírito. Tudo isso obedece a uma grande área, na qual a relatividade domina. Este assunto ainda está por se completar, em se falando da Tena, porquanto, tanto a ciência quanto as cogitações filosóficas e religiosas são deficientes, nas suas abençoadas explicações.

A luz azul celeste predominava como aura de cada espermatozóide, estando a diferença em algumas aberturas, de onde o núcleo atingia as estrias áuricas, permitindo ao mentor espiritual escolher, com a sua alta sensibilidade, parte do centro de sua vida física. E o óvulo feminino, desprendido pelas correntes emocionais, encontrava seu par na mais completa afinidade morfológica, e se ajustavam dentro dos moldes planejados pela Lei e pela Justiça, pela Paz e pelo Amor. Eis porque todo homem tem algo de feminino e toda mulher carrega consigo muita coisa de masculino; tanto num como noutro afloram essas qualidades intrínsecas ao ser, por natureza congenital e pelo ambiente das circunstâncias.

João ampliou o campo de disputa, de maneira exuberante. O espermatozóide tinha como campo de vida uma gelatina grossa, que dificultava a corrida dos bastonetes, cada um buscando ser o escolhido da princesa, que se encontrava à disposição do óvulo. Tocou-o e ele se motivou, ganhando a liderança. A sua luz ofuscou os outros que ainda não tinham perdido a esperança. Aproximou-se do óvulo que se encontrava inundado de luz vermelha, já esmaecendo, para ganhar-lhe a gema na formação do ovo, parecendo um Sol a fundir-se com outro astro! Ao encontro dos dois agentes de vida física, deu-se uma

pequena abertura do óvulo, pelas emoções conexas de forças que se completaram, e se esconderam um no outro, por bênção da vida, por bênção de Deus.
E foi nesta hora suprema que se unificaram todos os valores dos genes da vida física, partindo sete tenuíssimos fios da alma iluminada de João Evangelista, atando-se em pontos quase invisíveis - mesmo aos grandes olhos espirituais -atingindo a *unidade nuclear* que podemos chamar de Pai. Filho e Espírito Santo, três forças que se dividem na formação de uma que se eterniza, para o esplendor da consciência. O discípulo de Jesus já estava ligado ao seu futuro corpo, em nome d'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

* * *

A linda jovem Picallini acordou quando o Sol já se mostrava alto. Olhou para o lado, acostumada a cumprimentar seu esposo, mas este já tinha se levantado, e se encontrava na luta diária de seu comércio, animado e estourando de alegria, porque encontrara o deus da prosperidade, sendo essas as bênçãos que lhe faltavam, para que seu ouro bulisse com a inveja dos nobres. Cantarolando, ia aqui e ali, mas a sua mente não perdia a sequência dos detalhes do sonho, seu e da sua encantadora mulher.
Jarla bateu à porta.

- Minha filha!... Posso?...

E uma voz grave, que parecia interligada em outras esferas, respondeu:

- Entra, Jarla... Bem-vinda sejas; temos muito o que falar! A serviçal, humilde e prestativa, interrogou:

- Que aconteceu? Até a essas horas no leito!... Não é esse o costume do meu coração, dormir demais...

Falava assim, devido à intimidade que tinha com a sua ama, que sorria com o gesto da grega, que tanto amava.

-Jarla!.. Puxa a banqueta e senta juntinho de mim, para que eu possa servir-me da tua companhia e escrever no teu coração um assunto de luz, que sobe à minha mente e começa a derramar-se em tomo de mim, como se fossem ideias sutis ou meditações imponderáveis. O que passou com você eu não sei, mas quero saber... Sonhaste esta noite?

Jarla, compreendendo, deu um largo sorriso - daqueles intermináveis, que quando os lábios voltam ao estado natural, a natureza interna dá prosseguimento à alegria - e falou com a voz trêmula:

- Minha querida Pica, será que os deuses te abençoaram esta noite com a felicidade para nós, de que a humanidade vai desfrutar?
Nisto, as mãos das duas mulheres já se apertavam nervosamente, sentindo uma e outra o desenrolar do assunto, que mesmo invisível, explodia como realidade nos corações de quem tem olhos para ver. E a aia grega passou a narrar:

- Eu sonhei que estava perdida numa grande floresta, mas o interessante é que no meio dela havia muitas casas, que pareciam com as construções de Assis. Aproximei-me delas; nas ruas era aquele vai-e-vem de criaturas, que não pressentiam a minha presença. Eu gritava, gesticulava, pedia informação, mas não adiantava. E comecei a perambular, procurando a mansão, sem contudo encontrar, em um esforço vão. Depois de tanto andar, não me recordo o tempo, elevei-me nos espaços, pela vontade que tinha de ver as estrelas mais de perto e fiquei encantada com as belezas do infinito. Isto ficou muito gravado na minha mente. As estrelas não piscavam como as vemos cá da Terra, não obstante, pareciam-me grandes olhos com encantos indescritíveis que, intimamente, temia pensar que não fosse realidade. Naquela contemplação, derramava-se dentro do meu peito algo invisível, que meu coração agradecia com muitas lágrimas, antes que o raciocínio analisasse. Chorei, Pica, tanto de emoção quanto pela tua falta, para presenciar comigo as riquezas da criação de Deus, pelo que os homens, infelizmente, não se interessam.
Depois, por imposição de alguma força interior, ajoelhei-me, agradecendo a Deus, à Vida e ao Cristo. Mesmo em sonho, queria acordar para contar-te a aventura espiritual - em que a carne não se fez barreira - que palpitava viva dentro do meu coração. E, no transe da prece, fui banhada com uma luz encantadora e aconteceu um milagre: vi de pertinho o Anjo do teu coração e do nosso convívio a me chamar. Atraiu-me junto dele, acariciando-me como se fosse minha própria mãe, e o mais interessante é que estava dentro do teu quarto, onde conversava contigo e com o senhor Pedro. Quis beijar-lhe os pés, por sentir nele a paternidade: e ele, mansamente, acolheu-me com um sorriso de que não me esqueço até o momento, traduzindo todo o seu amor, e ainda mais, toda a sua missão junto a nós. Que os Céus me desculpem, mas esse é o verdadeiro Deus, que premiou Assis, e que o destino fez pousar na mansão dos Bemardone.
Interessante também é que ele, não sei porque, pediu-me para nascer com a minha ajuda! Mas... que ajuda? Velha e serva, que condições tenho para ajudar a um deus?...
Abraçaram-se as duas mulheres, sufocadas de contentamento. E, com alegria, constataram ter sido aquela a noite que antecedeu ao dia vinte e cinco de dezembro, data festejada em todo o mundo cristão, como a do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi esta data que João Evangelista escolheu para atar seus laços na vida física, como Francisco Bemardone, sob as bênçãos do Mundo Maior!

O Natal de Jesus!... Quando fazia 1.181 anos que o Cristo se fizera visível na Terra, o Seu Discípulo do Amor crucificava-se na carne com sete amarras, que somente a morte física poderia desatar, quando o destino indicasse o tempo marcado pela Divindade, para que o Espírito voltasse à Pátria Espiritual. Enquanto o mundo cristão cantava hosanas, relembrando o momento histórico da vinda do Messias à Terra, o profeta de Patmos aproveitava o ambiente sublimado de paz, para ingressar na carne por intermédio da lei da reencarnação. E os duzentos discípulos adestrados nos mais requintados conceitos evangélicos, desciam igualmente das altas esferas em direção a vários pontos do globo, para também renascerem, com fidelidade total ao seu mestre.

Pedro Bemardone, certa noite, teve um sonho que ficou gravado com absoluta nitidez em sua consciência. Em estado sonambúlico e com ajuda espiritual, regrediu no tempo e no espaço, e relembrou sua reencarnação em Efeso, na época em que João Evangelista mudara de nome, por conselho dos soldados romanos, por ter sido salvo da tacha de azeite quente. Naquela última noite em que falara na Igreja de Efeso, despedindo-se da vida física, curou uma multidão de doentes, inclusive leprosos. Pedro Bemardone era um dos leprosos curados por Pai Francisco, e, eternamente agradecido, tomou-o por um deus ingressado na carne para salvação dos homens. O fato assinalou sobremaneira sua gratidão por esse Espírito e os mentores espirituais que o fizeram regredir, deixaram bem aflorada na sua consciência esta dívida para com João, de sorte que ele sentisse, por direito e justiça, o dever de abrir os braços àquele que viria ao mundo pelos canais físicos da família Bemardone.

Pedro Bemardone não se esquecia de Pai Francisco depois deste sonho, guardado em segredo por medo, pois se sentiu no corpo chagoso e fétido pela morféia. No entanto, o nome de seu benfeitor ficara gravado no coração, com o maior respeito. E sempre dizia de si para consigo:

- Se porventura alguém vier a me chamar de pai, este alguém se chamará Francisco. E uma promessa que faço aos deuses que me ouvem! E, se eu pudesse escolher seu destino, queria que fosse um grande guerreiro, para conquistar terras,

atravessar mares, ser famoso e ficar na história dentre os grandes da nossa querida Pátria! Guardarei silêncio, que somente quebrarei no dia em que for pai!

Maria Picailini, durante a gravidez, como ocorre com quase todas as mulheres nesse período sagrado, teve vários sonhos com aquele que haveria de ser seu filho unigénito. Durante um deles, percebeu com muita nitidez que seu futuro filho era o mesmo espírito vidente de Patmos, um daqueles figurantes do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ela amava enternecidamente: era João Evangelista. Quando acordou, narrou o sonho para sua aia de confiança, e as duas, em colóquio santo, tiveram a mesma ideia, falando Jarla em primeiro lugar:

- Patroa, por que não dar a esse Anjo que vai nascer o nome de João? Ele merece o nome do discípulo porque vai continuar o apostolado do Cristo, já que não temos mais dúvidas da sua grandiosa missão na Terra!

A mulher do rico comerciante sorriu e continuou:

- Tive o mesmo pensamento. Será João o seu nome. Todavia, quero que guardes segredo absoluto, pois o Evangelho nos adverte para não darmos coisas sagradas aos cães... E o que tem de mais sagrado para nós nesta casa, do que esse emissário de Deus, e o seu nome?

Jarla, contente, conclamou com entusiasmo:

- Que ele nasça com o Evangelho do Nazareno no coração! Que os seus pés andem em nome da paz e da caridade, e que sua cabeça viva, mesmo na Terra, em permanente céu de pureza!

O assunto das duas mulheres era sempre a criança que haveria de nascer. Dona Picallini, certo dia, buscando lembranças escondidas na consciência, acentuou:

- Jarla, minha filha, parece-nos que fomos contempladas com a graça de Deus, e presumo igualmente, que essa grande alegria seja prenúncio de desgraças eminentes. E necessário fortalecermos os corações e eu preciso muito de ti, pois tenho pressentimentos de testemunhos que não me cabem no coração e que a razão não suporta sem fé... A inspiração me fala que essa fé, sem a ajuda de um coração como o teu, formado em duras experiências e vivido em fecundas lutas, pode fraquejar em momentos de desespero! Tu já conseguiste muito crédito e a esperança, em ti, é fruto mais aflorado na árvore do teu ser. Talvez a ajuda que ele te pediu na memorável noite da decisão do seu nascimento fosse essa. Aliás, não tenho mais dúvidas sobre isso. Somente tu poderás ajudar-me no que preciso: carregar a minha cruz, quando esta pesar demais, ou, como fez o cireneu com Jesus, ajudar-me a carregá-la. Peço-te, em nome do teu amor para com os Céus, que não me abandones, pois que já pressinto fortes tempestades das trevas contra este - diz colocando as mãos no ventre - que é filho da luz.

A serva grega aproximou-se mais da senhora. Ajoelhou-se, pegou as suas mãos e as beijou ternamente, molhando-as de lágrimas, dizendo com a voz vibrante de alegria, de fé e de esperança:

- Confia em Deus, que fez o dia e a noite, o sol e a luz, as estrelas e o infinito. Confia, senhora, na Inteligência Suprema que criou a harmonia das coisas, que deu penas aos

pássaros e o mundo das águas aos peixes; que faz crescer as ervas para alimento dos animais e que nos deu por misericórdia o ar, que, sobremodo, é vida para toda a Sua criação. Confia, senhora, n'Aquele que é o Senhor de todas as coisas, que ampara a criança e o velho, o santo e o sábio, os mendigos, os doentes, e até os assassinos e os ladrões. A Sua justiça magnânima nunca faltará dentro da grande casa universal!.

Dizia um grande filósofo grego: *Conhece-te a ti mesmo.* E Platão, nas ruas de Atenas, junto a um lago onde o mestre Sócrates confirmou que ele era seu verdadeiro discípulo, quando viu um cisne nadando, lembrou-se de um sonho e completou a máxima do seu preceptor, dizendo para sessenta jovens, seus alunos: "Quem conhece a si mesmo não tem medo, não alimenta raiva, não perde tempo em revides aos ofensores, não costuma mentir, não faz coleções de preocupações passageiras, não acaricia o ódio, não se enerva por simples notícias e não fala mal da vida alheia!... Para tudo e todos tem o mesmo estar, tem o mesmo amor."

Que queres mais, minha querida, em teu favor? A lei divina favorece muito mais os justos e os bons. Além do mais, esse que vai ser teu filho é um sol, e por onde passar não haverá sombras. Em plantio como esse que ele tomou para efetuar no mundo, o sofrimento que dele decorre toma-se bênçãos dos céus. Queira Deus que eu, em qualquer circunstância, possa dar a vida para que ele cresça cada vez mais, para a paz da humanidade. Dá graças aos Céus por teres sido escolhida dentre as mulheres de Assis, senão do mundo, para ser a mãe, por excelência, de um discípulo do Cristo, que por certo virá visitá-lo de vez em quando nos teus braços, e abençoar-te-á todo o ser, porque aceitaste a tarefa sem murmurar... Sou tua serva e o serei também dele, eternidade afora, sentindo o maior prazer em servi-lo. Aquilo que eu puder, darei com amor.

Pica conhecia os dotes de Jarla no tocante à fé e, por vezes, sabedoria, mas não pensava que eram tantos quanto demonstrou naquela conversação. Pensou um pouco e pediu à aia com brandura:

- Jarla, de hoje em diante não sou mais tua senhora; sou sim, a tua companheira. Sou também, e nisso tenho o maior prazer, a tua filha de leite e tu, minha mãe do coração, pois, além do alimento sagrado que verteu dos teus seios fecundos para alimentar o meu corpo, dá-me, depois que cresci, o leite do amor que verte da tua alma iluminada para a minha, necessitada e faminta do pão da vida.

Aquele pão que foi enviado do céu e estará conosco para a eternidade, alimentando a quem o encontrar como tu, que descobriste o maior suprimento de todos os tempos, que é o Amor, a Fé e a Confiança em alguém que tudo pode, que tudo faz e que tudo governa. De hoje em diante, da minha parte considera-te livre, pois que te devo o que nunca poderei pagar.

De olhos úmidos, uma e outra compreenderam a necessidade de se fazerem companheiras, e que, no centro de tudo, haveria de nascer o Amor mais puro que os corações podiam sentir. As duas mulheres estavam conscientes da sublime missão do Anjo que iria tomar forma física na família Bemardone.

João tinha já selado o compromisso com a carne, passando a viver mais perto de sua futura mãe. Sentia as emoções de Maria Picallini, como se estivesse lendo em uma página escrita por ela, as suas próprias ideias, por intermédio daqueles fios tenuíssimos que os ligavam: ele, no início formativo do seu futuro corpo, e a mãe, que por leis invisíveis que escapam à natureza humana, também estava vivendo parte da sua vida, envolvida nos pensamentos e ideias do apóstolo, prestes a reingressar na argamassa da came.

Contudo, o quilate espiritual de João dava-lhe enorme campo de liberdade, dado as suas condições espirituais de isolar determinadas formas mentais da mulher que seria a sua genitora.

Aproveitando o período de gestação de seu aparelho fisiológico, o vidente de Patmos, juntamente com o diretor espiritual da cidade, idealizava trabalhos a serem desenvolvidos em Assis e nas regiões adjacentes. João orientaria um grupo de trabalhadores, para que pudessem operar com eficiência no território italiano, para esclarecimento de entidades ignorantes, de Espíritos endurecidos que comandavam as sombras e estimulavam o desespero na massa humana.

O Espírito responsável por Assis sabia da existência de uma falange das trevas, situada nas margens do Mar Adriático, e que tinha em suas listas negras várias cidades litorâneas, sendo Veneza um posto avançado das suas perturbações. No entanto, não tinha meios para combatê-los de imediato. Sabia que para combater certos tipos de inimigos eram indispensáveis armas à altura, ciência suficiente, e, acima de tudo, Amor em alta dose. Esperava a oportunidade que poderia surgir algum dia e eis que ela surgiu!... Encontrara o Apóstolo de Éfeso, dotado de Amor no coração, na quantidade capaz de transpor todas as dificuldades, de remover todas as transgressões, de estimular o perdão e fazer reviver o Cristo no mais endurecido coração. O Amor de João concentrado na alma, transformava o Mal no verdadeiro Bem.

Ele traçou o esquema, reuniu cerca de três centenas de companheiros, preparou-os com carinho, aplicando-lhes um curso intensivo. Fez com que os irmãos conhecessem o meio em que iriam trabalhar, a responsabilidade de empreender trabalhos de esticada iniciação, nos valores internos de cada um. Experimentou várias vezes os dotes que eles possuíam, visitou certas regiões com cada grupo em particular, dando-lhes a liberdade de trabalhar sem a sua intervenção. Quando se certificou

¿3 eficácia da ação da *Unidos para o Bem* - nome que deu à equipe de companheiros sob seu comando - dividiu-os em grupos que, alternados, difundiam o Amor e a Paz em vasta

região da Itália, desfazendo as forças das trevas que perturbavam as criaturas. E, dentre as sombras que iriam combater, havia o *Mutirão do Verdugo Hernesto.*

9
Unidos para o Bem

O *Mutirão do Verdugo Hernesto* era avassalador, com a participação de dezenas de Entidades predispostas ao Mal, escolhidas a dedo e reunidas em grupos, selecionadas pela intensidade das maldades que praticavam, nas modalidades mais tétricas.

Hemesto, homenzarrão de traços grosseiros, abrutalhado, que tinha sede de sangue como tinha de água, quando na carne, fora colhido pelo destino por pesadas provações, desde a lepra até a loucura, da fome à nudez. Reunindo consigo um grupo de pessoas em processos cármicos semelhantes, passara a vida inteira destilando escórias magnéticas inferiores, na forma de provações incontáveis. Dois de seus filhos se tomaram assassinos por prazer, buscando suas vítimas nas estradas, e delas abusando pelos impulsos dos seus mais grosseiros sentimentos; o furto lhes dava contentamento, e entendiam que vida era aquela que viviam, onde os mais espertos gozavam às custas dos mais fracos. Duas de suas quatro filhas foram estupradas no ambiente da própria casa e Camápsia, sua mulher, era como fera enjaulada na came.

Pela descrição, conclui-se o que era essa família. Sua filha mais nova, Carmellini, adorava-o, e ele retribuía esse carinho através de um sentimento rudimentar, como despertar de seu amor a alguém, na face da Terra. Eram dois Espíritos ligados, sem que a ação de um pudesse interferir na quebra de harmonia entre essas duas almas. A fera humana, presa à came na personalidade de Hemesto, tomava-se uma ovelha, a um simples desejo de Carmellini, bastando a sua presença chorosa para desfazer todas as ideias funestas de Hernesto, diante de qualquer circunstância.

Certa ocasião, Carmellini gozava das delícias da natureza em pequena campina. Corria como se fosse uma gazela no bolinar dos ventos, estirava os braços horizontalmente, parecendo aconchegar no peito a própria vida. Se não pensava em algo mais elevado, ou em coisa mais divina, era por lhe faltar o ambiente de aprendizado e por não conhecer naquela encarnação, os elementos culturais suficientes; entretanto, no íntimo conhecia, por assim dizer, a ciência da vida, pelos prismas em que ela se manifesta, por

intermédio da natureza. Como máquinas, a escola da intuição e os sentidos aguçados escrevem para a razão, deixando que o coração as leia, a fim de que, lentamente, a conscientização se faça, sem que a dúvida participe.
A menina-moça vivia naquele ambiente sem gostar do sistema de vida escolhido por seus familiares, e por vezes era encontrada em prantos. A sua idade não lhe permitia chamá-los à ordem, pelas desumanidades que praticavam todos os dias, e o próprio clima fustigava suas aspirações. O velho vivia mais brando pela sua presença, que lhe tonificava o coração, e fazia seus instintos se entorpecerem no esquecimento.
Em seu passeio pela vegetação rasteira, Carmellini foi raptada por dois malandros que, qual corvos, viviam à procura de vítimas indefesas, buscando distrair seus instintos. Acharam que os deuses, naquele dia, os favoreciam nas suas aventuras. A moça como que enlouquecera, oprimida nos musculosos braços dos dois malfeitores que, imediatamente, abusaram o quanto quiseram do seu inocente corpo, deixando-a em estado lamentável.

Quando voltou a si, desmemoriada, nunca mais acertou o caminho de casa. Perambulou pelas encostas dos Apeninos e foi encontrada por alguns lenhadores que, por caridade, a conduziram à cidade mais próxima, sem que dela pudessem certificar a procedência, nem o que fazia. A confusão mental da jovem pelos choques emocionais inesperados foi tanta, que articulava com dificuldade somente os sons: Li... Li... Li...: era o solfejo de uma canção, que costumava cantar quando saía pelos campos ao encontro da natureza. Na cidade, a apelidaram de *a doida Lili.*

Hemesto quase enlouquecera também, pela falta da filha. Os outros nem tocavam no assunto; acostumados a fazer o mesmo com filhas alheias, os filhos aconselharam o pai a esquecer, pois ele já era doente e não devia aumentar seu sofrimento, com coisas que estavam acontecendo todos os dias. Todavia, ele não se conformava; seu coração quase parou e suas chagas fétidas pareciam que exalavam mais, como se cada pústula de seu corpo fosse um vulcão em ebulição. Sua mente estava enegrecida pelos últimos fatos e sua natureza íntima corrompeu os demais sentimentos que a filha tinha procurado despertar, por amor àquela alma sofredora. Tomou-se um tigre. A fera bravia agitou-se em seu íntimo, sem ceder ao apelo da luz, que por vezes se manifestava em sua consciência, por branda claridade. Ignorava a vida sem querer pensar em Deus; abjurou o amor, desprezando a amizade. O egoísmo Petrificou mais seu coração e o mundo, com a perda da filha, tomou-se para ele um verdadeiro inferno, passando ele assim, a ser o maior participante do Mal.
Certa feita, um salteador que, com seus capangas, roubara as vizinhanças, passando perto da sua casa, nela entraram, por parecer esta deserta. Com espanto, encontraram Hemesto abandonado em um catre, em estado deprimente, sendo consumido pela lepra. E Filipino,

o Diabólico - como era conhecido o salteador - que tinha horror à morféia, tomado de fastio, ateou fogo no casarão, dizendo assustado:

- Hoje, infelizmente, estou praticando uma boa ação, mas, vá lá!... Essa doença é terrível; se queimássemos todos os seus portadores, ficaríamos livres da impureza desses marginais da natureza!...

Ao ser consumido pelas chamas ateadas por Filipino, sentiu leve vontade de agradecer a Deus. Porém, abandonando essa ideia, concentrou-se na vingança. Mentalizou um ser que tivesse qualidades nobres, ao lado da filha e colocando todas as suas forças mentais na busca, conseguiu vê-la nos braços dos dois homens, sendo estuprada inconscientemente. Quis gritar por entre o fogo, lançando ódio em todas as direções, mas as línguas ardentes não o permitiram. Contudo, mesmo em alta temperatura, com os pensamentos livres, escapulindo em dimensão diferente, Hemesto deixara queimar dentro de si, tudo o que fosse bom, preservando a maldade, a prepotência e a autoridade, retemperando o gigante, como um verdadeiro dragão das lendas, para atear fogo onde passasse. Seria ele um verdugo implacável.

Relatamos alguns detalhes da vida de Hemesto na Terra, para evidenciar os motivos que levaram esse Espírito terrível a criar seu grupo maldito, que devastava a consciência, crendo que o mais forte era o mais feliz. Não queria ouvir falar em caridade, em religião, em Deus...

Reuniu camaradas da mesma estirpe, portadores de idênticas revoltas, e assim foi crescendo o mutirão das sombras que, quando baixava em uma pobre cidade, dir-se-ia que ofuscava a luz do Sol: o povo esquecia a honestidade, a corrupção avassalava as consciências, aumentavam-se as mortes nas madrugadas, grassavam a peste e a fome. Era uma verdadeira calamidade!

O diretor espiritual de Assis, contente com o esquema doutrinário de João Evangelista, falou-lhe humildemente:

- Conheço, senhor, um terror das trevas, de cujas negras urdiduras conseguimos, às vezes, defender as pessoas; todavia, temo que alguém o enfrente face a face. Sei, graças a Deus, que isso é transitório, que somente o Bem é eterno; contudo, esses Espíritos são terríveis. Como queres saber os pontos estratégicos dessas sombras, poderei indicá-los e que Jesus Cristo te abençoe nos trabalhos de desfazer esse mutirão de maldade. Caso sirvamos para alguma coisa, estaremos eu e os companheiros que nos ajudam, ao teu inteiro dispor.

- Meus filhos, vamos colocar os nossos corações a serviço do Cristo. Foi Ele que nos ensinou que o Amor cobre a multidão dos pecados. Não existe ser algum, mesmo que seja todo maldade, que o Amor não desvaneça, ou não penetre na mais profunda das

suas entranhas, levando a mensagem de renovação. Deus nos criou diferentes uns dos outros; somos todos iguais, com as mesmas tendências e com o mesmo destino. Tudo isso que notamos, e que achamos ser um Castre nos caminhos humanos, tem como objetivo o Bem, sendo males aparentes. Verdadeiramente, a essência de tudo é o Amor, que mesmo não se mostrando exteriormente, vibra interiormente, ainda que com menos intensidade, e é neste camp⁰ que iremos tocar. Não poderemos duvidar do poder insuperável da Fé e do Amor, que a missão da luz nos sugere. Quem pretende e trabalha no Bem, nunca é desamparado, e nós outros, os voluntários dessa guerra, temos de nos preparar, pois o Bem é a ciência na qual quem mais ama, mais glórias tem. Fez pequena pausa e continuou, com delicadeza:

- Quando a alma encarnada ou o Espírito livre no plano espiritual se afasta temporariamente dos caminhos espirituais, sente-se intimamente perdida e sem remissão, sentindo-se envolvida em clima tão negativo, que lhe entorpecem os centros mais sagrados da própria vida e a consciência se lhe afigura como um inferno. Mas, como nada se perde e tudo se renova nas bênçãos da luz, chega o dia da inauguração inevitável da renovação interior, da limpeza espiritual se instalar na consciência e no coração, por ordem mais alta de Deus. A missão de Jesus Cristo não foi outra nos caminhos do mundo. E os Seus discípulos, os continuadores, e os companheiros dos Seus discípulos, os agentes do Bem, que se esforçam para viver o Seu mais puro Amor, procuram dar o testemunho, em convivência com o resto da humanidade, por serem todos filhos do mesmo Deus.
A luz não pode temer as trevas, só precisando desta para se identificar. A Verdade é o programa do Criador que, não precisando da ajuda humana, se impõe por natureza divina e inspira as mais nobres criações. Vamos nos unir para o Bem. Esta unidade é, por excelência, gloriosa. Se porventura aparecerem problemas, se surgirem sacrifícios, se a depressão nos torturar, lembremo-nos do Apóstolo Pedro, no capítulo quatro, versículo catorze, de sua Iª carta:

> *Se pelo nome do Cristo sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus.*

E o Apóstolo Paulo, em carta aos romanos, capítulo oito, versículo dezessete, propõe com eficiência:

> *Ora, se somos filhos, também somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo. Se com Ele sofremos, é para que também com Ele sejamos glorificados.*

O nosso irmão Hemesto é um sofredor revoltado com os métodos de disciplina ajustados no seu caminho, ou seja, com o próprio carma. Ser-nos-á difícil ajudá-lo, se compartilharmos com ele a sua revolta, o seu ódio, a sua vingança, se não usarmos o perdão. Não obstante, se conseguirmos doar-lhe algum amor, ele reconhecerá a existência de Deus, e como o filho pródigo, retomará à casa paterna, com o pergaminho preso nas dobras do coração. Vem dos campos de batalha, acumulado de experiências, como nós outros no passado, e se tomará um verdadeiro soldado do Mestre, por indução matemática, na maturidade da alma. A sublime citação *nenhuma das suas ovelhas se perderá* motiva com grande interesse a renovação interna, e a esperança de que todos se salvarão da ignorância. Preparemo-nos para a luta, com bastante amor, que ele é sempre o Sol, hoje, amanhã, eternamente...

O grupo *Unidos para o Bem* estava entusiasmado, e João Evangelista dava os últimos retoques na ciência do Amor, para todos eles, os soldados do Cristo. Chegada a hora da partida, dispersaram-se em todas as direções da pátria dos Césares, ramo aos seus objetivos.

Periodicamente, reuniam-se para exposição dos trabalhos desenvolvidos, e a avaliação respectiva. O fanal do grupo era servir sem reclamar, amar sem exigir, perdoar sem limites e compreender sem embaraços. Os grupos de trabalho traziam processos volumosos, complicados esquemas de serviços, para as consultas atinentes ao esclarecimento e ao toque do Bem que deveriam dar aos irmãos das sombras. Tudo aquilo era estudado com amor e solucionado com o maior carinho, por aquelas almas que se postavam na atmosfera da Terra, chamadas pela Luz, para acender a chama da libertação nas profundezas de muitas consciências. E João Evangelista lia-os a todos, sem reclamação, acertando detalhes e mostrando os caminhos aos agentes da Paz. Os resultados foram dos mais apreciados, sendo sanificado o pesado ambiente da terra de Rómulo e Remo. Os deuses, se assim podemos dizer, estavam favoráveis à educação espiritual das Entidades das trevas, convertendo-as, ou fazendo-as aquietarem-se no concernente ao mal; era o Sol da Verdade brilhando no céu da Itália.

O Vidente de Patmos dava constante assistência à sua futura mãe, no casarão dos Bernardone. Tinha todo o cuidado ao ouvir seus discípulos, nos assuntos ligados ao astral inferior, para que as formas mentais referentes aos temas não passassem pelos fios ligados ao seu futuro corpo e afetasse sua prometida mãe. Ouvia e pensava, falava e ensinava aos trabalhadores do Bem, adequando a sua poderosa mente, como se fosse em circuito fechado, sem que Pica participasse dos assuntos, o que podia trazer complicações ao seu estado. Aproximando-se dos sete meses de gestação, tomara-se mais emotiva, derramando profusão de lágrimas por qualquer notícia ou pensamento que lhe falava ao coração.

A assistência de Jarla era sobremodo constante, porém, era necessário faz algo mais, o que João não deixou esperar. Pedro viajara para a França, e ela e Jarla se encontravam no vasto quintal, onde uma árvore estendia seus frondosos ramos, dando-lhes teto e assegurando-lhes ar puro. O sussurro dos ventos orquestrava canções de esperança e saudades e Jarla contava à senhora o que compreendia sobre a filosofia de Sócrates e de Platão. Decorara os duelos destes sábios com os sofistas da sua época, e Pica se encantava com as tiradas filosóficas dos antigos mestres.

Naquele ambiente, o Apóstolo do Cristo se aproximou das duas mulheres em perfeita sintonia com a Pureza e a Verdade, tocando mais seus sentimentos. Maria picallini interceptou a conversa, lembrando à sua antiga serviçal do Anjo que deveria nascer daí a poucas luas, e que já fazia tempos que não sonhava com ele. E a antiga servidora, com palavras amáveis, disse que a esperança e a fé não poderiam esmaecer no coração de uma mãe, principalmente da mãe que ela haveria de ser. Ela sorriu e obtemperou:

Que Deus a ouça, minha filha, e que faça de nós segundo a Sua vontade.

E abrindo a feição em grande contentamento, arrematou: - Que a paz do Nazareno seja conosco.

João aproveitou o ambiente de emoções divinas, de sentimentos elevados, enfiou as mãos espirituais no peito da sua futura genitora, puxou a contraparte do seu coração, e deu um ósculo no centro da sua vida, com todo amor que pudesse dispensar à alma que gestava o aparelho que ele iria usar no mundo em favor de toda a humanidade. O tórax de dona Picallini tomou-se um sol, esplendendo luzes em seu derredor e os seus poros pareciam prismas encantadores, advertindo as trevas na voz da claridade. No auge destas emoções, João deu-lhe alguns passes em círculos, cercando-a de luminosidade azulada, comprimindo as franjas do azul que esmaecia a uma distância de dois metros, com encantadora luz alaranjada. Demorou-se um pouco em profunda meditação, dando por fim as bênçãos de garantia à sua próxima moradia de carne. E voltou ao seu posto de trabalho.

Conforme solicitara aos seus assessores, recebera o endereço de Carmellini, que ainda se achava encarnada e de seu pai, em espírito, comandando o mutirão de almas afins aos seus equivocados sentimentos de maldade.

Todos já tinham partido em socorros volantes e João partira também com seus auxiliares ramo à Florença, ao encontro da filha de Hemesto. Quase que ao mesmo tempo, o chefe do mutirão das sombras escalara alguns dos seus comparsas Para, juntamente com ele, vasculhar Florença à procura de uma mulher que desejava aprisionar. Essa mulher estava já há dez anos internada no mesmo sítio de assistência a que Carmellini fora recolhida. Era uma matrona que, em tempos idos, molestara muita gente com poder em demasia e

maldade em abundância, e que arrependendo- se depois, intemara-se na casa das Irmãs do Bem, procurando esquecer o mal e o passado. Mas o verdugo Hemesto, sendo um dos ofendidos, não se esquecera e desejava vingança. Prometera a si mesmo matá-la e apoderar-se da sua alma, escravizando-a impiedosamente, no seu intento de deixá-la sofrer eternamente.

E os corvos da maldade começaram a sobrevoar a casa de assistência, não endo que as aves de luz lá já estavam pousadas, em convívio com aquelas irmãs de caridade que, convertidas, trabalhavam convertendo irmãos para Cristo. O velho leproso se preparava para o encontro com a antiga megera. Como dizia, iria partir-lhe o crânio, desatando de sopetão os laços que a prendiam à Terra, para, no mesmo instante, apoderar-se do que queria. Seus serviçais estavam a postos, devidamente preparados para levá-la acorrentada, e ela responderia pelos seus crimes no tribunal que formara, com todos os seus algozes. Seria uma noite de glória...

No entanto, o destino era outro... Acresce notar que João Evangelista, que chegara antes do verdugo, procurava sua filha, achando-a já nas últimas despedidas do mundo. Adentrou o humilde quarto e presenciou um quadro aterrador: Carmellini, com idade avançada, coberta por fino lençol e o corpo em chagas, não tinha forças mais para a tosse costumeira. Seus pulmões, ao exame profundo, pareciam molambos de peças rotas, sem a menor resistência a qualquer tratamento. Uma serviçal de vez em quando limpava uma espuma amarelada que brotava dos cantos da sua boca. A respiração, quase apagada, mal movia o já cansado coração.

O cidadão de Efeso, que assim se fez pelo coração, revestiu-se de piedade por aquele ser, encheu os sentimentos de amor, acendeu a luz mental de todo entendimento, reconheceu a necessidade de se apresentar com bastante idade, e logo seu corpo perispiritual obedeceu às suas intenções. Pegou com as mãos encarquilhadas, a cabeça espiritual de Carmellini, colocou-a em seu colo paternal e iniciou os primeiros socorros àquela alma que, na sua partida, ligaria a chave de luz no coração de alguém que tanto a amava. João não deixara a enferma acordar no plano espiritual e os seus passes eram como calmantes. O ambiente era todo paz. O silêncio urdido pelas circunstâncias ajudava os trabalhos idealizados pela luz.

Hemesto já estava enfurecido por não encontrar a pessoa desejada. Por fim, faltava examinar os fundos da casa de caridade. Avançou, como na guerra, e penetrou o singelo quarto. Viu estendida no velho catre uma mulher agonizando. Quando se foi virando nos calcanhares, como um raio, para que a situação não provocasse desânimo em sua nefasta atitude, Pai João assegurou em sua mente uma profusão de luzes, fazendo-o olhar demoradamente a enferma. Buscou nele as lembranças da sua filha, e ele reagiu com todas as suas forças mentais; no entanto, não adiantou, pois ficou preso, como por encanto, na feição da doente e deparou com uma transformação mágica: aquela velha

enferma tomava a forma da linda jovem Carmellini dos antigos tempos. Ele passou a mão esquerda nos olhos vesgos, pensando que sonhava acordado; todavia, a visão aumentava: era ela mesmo. Pai João se fez presente com ela no regaço paternal, doando-lhe todo amor e acariciando seus cabelos brancos, amarelecidos por quase um século de existência. Hemesto balançava a grande cabeça, como que a jogar para fora de si os pensamentos, mas não conseguia. Na mesma hora em que via a velha em estado de coma, estendida no leito de morte, via igualmente sua filha do coração, e as lembranças eram todas de uma nitidez impressionante.

Com o tempo, Carmellini foi parar em Florença, conduzida por alguns ciganos, com os quais se familiarizara, tomando-se filha do meio. Os andarilhos, vendo nela alguma lucidez, acharam conveniente carregá-la pelo mundo, porque não tinha parentes nem interessados que pudessem atrapalhar a sua ida. E esta esquecera sua procedência, e não fazia notar a falta de seus familiares. Rodara por muitos lugares na Itália, sem nada exigir dos ciganos, trabalhando para eles e dispensando grande atenção às crianças; a cozinha era-lhe um dever de muita alegria. E assim passaram-se os anos. O tempo foi-lhe trazendo certa consciência e, por vezes, vinha-lhe à mente, lembranças dos que ficaram em casa, quando saíra para o campo. No entanto, essas lembranças traziam-lhe muitos aborrecimentos e esforçava-se por esquecê-las, dando-se ao trabalho, pois nele se sentia recuperada.

Certa feita, caiu adoentada; as longas viagens, a mudança de temperatura e o trabalho intenso desnutriram cada vez mais seu frágil organismo, colocando-o em perigo. Seus pulmões estavam ameaçados pela tuberculose e pela asma, que lhe tiravam a felicidade de antes, de respirar livre e profundamente. Passava noites sem conciliar o sono, e, por não servir mais para o grupo, foi deixada em Florença, sob os cuidados de mulheres piedosas, em uma comunidade das Noivas de Cristo. Ali aprendera, mesmo enferma, muitas coisas do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo que, no fundo d'alma, não ignorava. Quando exercitava a oração, sentia um prazer indizível no coração. Tinha as irmãs como verdadeiras mães, e considerava a comunidade como sua própria casa. Sofria, sem por isso envolver-se com os frutos do sofrimento, da tristeza, da melancolia e do medo. Encontrou a paz junto àquelas almas que tinham no Cristo o ponto central de suas atenções. A esperança nasceu, cresceu e iluminou a sua vida. Porém, com a gravidade do seu estado e os receios de contágio, as companheiras da caridade, transportaram-na a um singelo quarto isolado, e somente duas velhas serviçais, isentas de contágio pela idade, podiam olhá-la com o devido interesse, pois igualmente procediam de lugares ignorados, compradas que foram em mercados que permutavam escravos, por dinheiro ou objetos.

E o estado de Carmellini foi piorando cada vez mais. Naquela época, a chamada peste branca, enfermidade temível, era incurável e contagiosa, a ponto de se isolarem as

criaturas por ela contaminadas. A tosse marcava o enfermo e servia de aviso aos que se aproximassem. Carmellini não esmorecera e nem se revoltara com a sua situação; não temia o seu destino e enfeitava o seu patrimônio mental com Pensamentos elegantes, criando, na profundeza do ser, uma paz imperturbável que o mundo não podia lhe dar. Entregava-se ao Cristo, que até então conhecia por ouvir falar. Tinha muita gratidão às pessoas que a acolheram naquele paraíso.

E necessário lembrar que na consciência de Hemesto, considerado verdugo, iludido cada vez mais acerca da maldade, por incrível que possa parecer, no seio de todo o ódio praticado, no desbravar da selva de sua consciência, bruxuleavam, de tempos em tempos, alguns raios de piedade, diante do sofrimento alheio. Debalde era o esforço que fazia para cobrir ou apagar esse raquítico sentimento, plantado pelo tempo e irrigado por Deus. O Cristo interno, existente em cada ser, começara a despertar, como numa gestação do nascituro no campo uterino.

O tempo é o bastante para marcar o período de formação do envoltório de carne. A semente jogada no seio da terra tem o mesmo destino: apropria-se das qualidades da natureza e, na hora certa, desabrocha verticalmente na busca da luz, na busca do céu... O ovo, ao sentir o calor da galinha, em temperatura adequada é movido daqui para ali, à espera do tempo, que é a mão de Deus na formação das coisas, senão da própria vida!... E o pinto sente no peito, a ânsia de liberdade, e começa a ouvir a voz interior, e parte a carapaça que antes era intransponível e**,** se porventura não encontrar forças para tal, elas virão em seu auxílio do exterior e o ovo será partido.

E com o homem não foi diferente. Hernesto, já nascido para a carne, precisava ainda nascer para o Espírito, e a hora soava, sem que nada o pudesse reter. João Evangelista, como mestre das coisas do espírito, fazia-se como a ave-mãe: se porventura demorasse a nascer, estaria ali, em nome de Deus e do Cristo, para despertá-lo do sono enganoso das linhas evolutivas, para a plenitude da própria vida em expansão infinita.

E justo nos lembrarmos dos preceitos do Mestre, que falava sempre por intermédio dos Seus discípulos, como lentes de primeira abertura; e eis a opinião de Paulo aos Efésios (capítulo quatro, versículo vinte e dois), que poderemos ajustar ao caso de Hernesto:

No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano.

E prosseguindo, nos versículos vinte e três e vinte e quatro, assim determina com segurança:

E vos renoveis no espírito do vosso entendimento. E vos revistais do novo homem, criado segundo Deus em justiça e retidão, procedentes da Verdade.

Voltando ao humilde quarto onde Carmellini vivia seus últimos momentos, vemos o verdugo contumaz ir perdendo suas forças de maldade, começando a esquecer o ódio e a perder o interesse de liquidar a velha rival de tempos idos. Hernesto foi tomado por sentimentos de amor e a sua reação acendia ainda mais as saudades da filha inesquecível. Sua mente, rememorando o passado, ajudava o ambiente para que sua amada revestisse a roupagem daquela época. Ele começava a fraquejar nas pernas espirituais, e para não deixar cair a espada, por lhe faltarem forças nos braços, enterrou-a no chão batido do cubículo, e ela tomou a forma de cruz diante da velha moribunda, que por força das lembranças de que se fazia escravo, apresentava-se nas feições de sua jovem filha e ele não sabia qual das duas deveria abraçar.

João Evangelista, já inundado de luz, chamou-a com delicadeza:

- Carmellinü... Carmellinü... Eis teu pai, minha filha! Chegou a hora de emprestar-lhe teu auxílio. Busca lembrar-te, com toda a intensidade, do teu lar, dos tempos passados, e principalmente de Hemesto, esse coração que tanto te ama. Reveste-te de coragem e mostra-lhe o caminho pelo teu amor. Ninguém se perde eternamente; ajuda teu pai a nascer como novo ser, em espírito e verdade. Compadece-te dos que sofrem e abençoa os que ainda ignoram a Verdade.

Ela, transformada, aprumou-se em direção ao chefe do mutirão, mas antes viu a cruz formada pela espada, e primeiramente ajoelhou-se frente àquele símbolo de renovação da humanidade, e beijou-o como uma porta pela qual os renovados passam para a plenitude do Amor. Hemesto parecia eletrizado ao impacto das emoções, e as lágrimas brotavam nos seus horríveis olhos, sem que ele as pudesse disfarçar. A sua aura apresentava visíveis sinais de amor, e caíam dos seus olhos escamas horripilantes, deixando que a sua visão encontrasse o que tanto procurara pela violência: Carmellini. Olhou para Pai João, começou a sentir ciúmes e revolta contra o apóstolo, por pensar ser ele um dos raptores da sua filhinha, mas logo esqueceu essas ideias, vendo novamente no companheiro de Jesus, suave paternidade. Sentiu seus olhos presos ao dele, e a mente do discípulo do Amor invadiu todo o campo emocional de Hemesto, ajudando-o a sentir o bem em todas as suas nuances.

Carmellini levantou-se diante do símbolo da paz, olhou demoradamente para Hemesto e reconheceu seu pai. Abriu os braços e caiu soluçando em seu colo, como fazia antes, no sítio que lhes servia de berço. Beijou as faces enrugadas de seu pai, com o mesmo amor, e este, apertando a sua sagrada promessa de paz no coração, também chorou sem medidas. As palavras não saíam, as ideias não se formavam bem, pelas emoções que

intercambiavam energias inestimáveis. O tempo passava sem que eles percebessem, e João, em silêncio, esperava a fermentação do amor naqueles dois corações.

Hemesto percebeu um leve sono, a visitar suas entranhas espirituais, e entregou-se aos braços desse estado de inconsciência que tanto merece o estudo dos homens. Carmellini sentou-se ao lado do pai, com a ajuda de seu Anjo voluntário, e acariciando sua cabeça, perguntou ao apóstolo como tudo acontecera. "Este é meu Pai!... Quero saber de tudo e para onde irei com ele. Nunca mais o deixarei. Se o senhor estava me ajudando a voltar à memória, deve ajudar-me a fazê-lo compreender o seu estado, a crer em Deus e a aprender com Jesus que somos eternos, na eternidade da vida e que o mal não compensa para quem deseja servir ao Cristo."

Pai João sorriu amavelmente, e balançou a cabeça em sinal de aprovação. O esquadrão de Hemesto, diante daquele quadro, se desfez, escorraçado com a presença da Luz. Seus componentes procuraram a moradia das trevas, que lhes servia de esconderijo, para avisar aos outros o que ocorrera com o chefe, noticiando que ele dormia profundamente no colo da sua filha.

O Vidente de Patmos cortara imediatamente os laços que prendiam Carmellini ao corpo físico, operação singela para ele, dado o seu talhe evolutivo. E ela se sentiu livre, com leves tremores causados pelo que lhe restava de sua consciência. O fardo carnal da filha de Hemesto deu o último suspiro. A notícia, ao raiar do sol, correu toda a comunidade, e o enterro dos restos mortais não se fez esperar, dado o medo da contaminação da moléstia aterradora.

Foi ateado fogo aos poucos pertences da velha Carmellini, e as orações se sucediam em seu benefício, pois de qualquer modo, muito ajudara à casa de Deus. As duas serviçais choraram de saudades, pois a tinham como amiga, que lhes infundia a esperança nos céus, e lhes transmitia paz aos corações sofredores.

A antiga rival de Hemesto, caçada por ele naquela noite, se ausentara por prementes necessidades e se encontrava fora da comunidade. Quando soube da morte de Carmellini, cuja procedência desconhecia, suspirou aliviada:

- Ainda bem que morreu! Aquilo na comunidade era um perigo vivo para todas as mulheres a serviço de Deus, mas Ele remove o mal dos caminhos dos Seus filhos, quando este começa a ameaçar o Seu serviço!.

Pai João, notando a filha de Hemesto já cansada, convidou-a para breve repouso, mostrando do lado de fora uma dependência que servia de pronto-socono espiritual, levando também o ex-verdugo, para o descanso recuperador.

Acordaram em outra estância de renovação, situada nos arredores espirituais de Roma, por nome *Estrela do Amanhã,* construída pelos primeiros cristãos, sacrificados por pregarem o Evangelho nascente na Cidade Eterna. Aquela pequena colônia foi

organizada para dar assistência aos recém-chegados do labor da Verdade na cidade dos Césares.
Os dirigentes espirituais de Assis, quando souberam da queda do *Mutirão do Verdugo Hemesto,* deram graças a Deus pelo fato de ficarem livres do perigoso inimigo, que fazia tremer a confiança até dos mais acostumados ao trabalho do Bem.
Hemesto dormira quase uma semana, acordando modificado. Carmellini, embora faltando-lhe experiências para o devido socorro, estava à sua cabeceira como fonte de amor para as necessidades daquela alma, ressequida em duros processos evolutivos. Suavemente, Hemesto foi retomando a consciência chamando por Carmellini. Esta passava suas mãos, sobremaneira carinhosas, nas faces grosseiras de seu pai, dizendo-lhe:

- Papai, sou eu, sua Carmellini! Acorda!... Acorda!...

Ele, abrindo os olhos desesperados, abraçou a filha e chorou novamente, como criança esquecida pelos pais, dizendo-lhe que não o deixasse... Com mais alguns dias de recuperação, Hernesto já conversava com desembaraço, nas dependências da comunidade espiritual, acompanhado por sua filha e alguns dos irmãos da casa.
João Evangelista, entrando na Colônia, abraçou Carmellini, o que fez Hernesto ficar apreensivo, por não reconhecer por completo aquele Espírito de porte esbelto, que atraía com sua palavra, e cuja presença infundia-lhe respeito e, ao mesmo tempo, temor. Parecia dissolver-se diante daquela alma de visível nobreza. Carmellini beijou as suas venerandas mãos e apontou para o pai, dizendo:

- Já está bom, graças a Deus. Apresenta-o a João, dizendo:

- Papai, este é o nosso Anjo, aquele que fez com que nos reencontrássemos, por amor aos que sofrem. Não se lembra?
Com esforço, alguma coisa se passou na mente do antigo verdugo, que pediu suas mãos para igualmente beijá-las, o que o Evangelista fez primeiro, dizendo:

- Como estás passando, meu filho? Ao que ele respondeu, em profunda melancolia:

- Bem... Bem... Senhor... Espero melhorar mais...

- Sim!..., continua João, Deus é misericordioso, o Seu Amor transporta todas as nossas dificuldades, e nos desperta para a paz, mesmo em plena guerra.

Hernesto sentiu segurança nas palavras de Pai João, que se tomara protetor dos dois Espíritos em marcha evolutiva. Precisava, e devia ter uma longa conversa com o pai da Carmellini, de maneira que ela pudesse assistir; todavia, notava que era inoportuno aquele momento, pois necessário se fazia que o ex-chefe do mutirão ganhasse mais um pouco de equilíbrio e recuperasse mais as energias. Deixaria para outra feita. Recomendara aos dirigentes da comunidade, as duas almas sob a sua ustodia, prometendo que voltaria breve, pois nunca se esquecia dos trabalhos começados. A assistência era um dever de consciência e esperança acesa nos corações dos sofredores.

* * *

Passado algum tempo, João Evangelista voltou à *Colônia Estrela do Amanhã* para encontrar os seus dois pupilos. Estes, pai e filha, esperavam ansiosos a chegada do Emissário do Amor que, anunciado, entrou em companhia do diretor espiritual da Colónia no amplo salão.

Quando avistaram o antigo apóstolo, avançaram até ele e tomaram suas mãos para beijar, com respeito e carinho. Nisto, observaram que as dependências estavam todas tomadas, de almas de todas as naturezas. Os ventos deram ciência a todos os enfermos da comunidade que aquele visitante fora um dos mais chegados discípulos de Jesus Cristo, o último a despedir-se da Terra e o primeiro a ler detalhadamente o destino da humanidade, bem como da própria casa terrena. Escrevera o Apocalipse. Era, na época de Jesus, filho de Salomé e de Zebedeu, irmão de Tiago. Assistira aos primeiros fenômenos do divino Mestre e tivera a honra, senão a coragem, de assistir, no topo do Calvário, à despedida do Mestre de todos os mestres. Tinha ainda viajado com o Apóstolo Paulo e convivido muito com Pedro. Morou, por vontade do Cristo, com Maria Santíssima. Fez inúmeros discípulos e maravilhas em Efeso, onde se despediu do mundo material, sendo levado pelo Mestre, para as esferas resplandecentes. Era aquele que ali estava, diante de todos os enfermos da colônia, aquela figura imperturbável e serena que impressionava a todos somente com a sua presença encantadora.

Fizeram-se filas, para ouvir palavras de carinho e de esperança, do Mensageiro da Paz. João estimulava a Fé nos que o contemplavam. Bastava olhá-lo para se ter despertada a Esperança, encontrando-a na luz que se irradiava da sua personalidade esplendente.

No momento em que atendia aos sofredores, sua poderosa mente, em forma de mil mãos, buscava fluidos em todas as direções da natureza e essa massa de elementos espirituais se avolumava em seu redor, como se fosse uma nebulosa em formação. Selecionava um por um, os grânulos luminosos, fazendo descarregar os inconvenientes para aquela operação, por canais que logo surgiram ao seu lado, como se fossem fios-terra. Partia do seu coração uma luz azul de beleza indescritível, que se injetava na massa disforme de

magnetismo espiritual, e, em um átimo de segundo, buscava o Cristo em curta rogativa. E uma claridade esverdeada foi a resposta para o Apóstolo; uma luz grossa se projetou, acasalando-se com toda a operação, consubstanciando, naquela hora, um fenômeno energético, de maneira a obedecer fielmente à vontade do Mensageiro da Verdade e do Amor.

João fizera, de fato, amanhecer a esperança em todos os irmãos naquela dependência de caridade, em nome de Deus e de Jesus. Todos os que tocavam as suas venerandas mãos e a beijavam, sentiam emoções que se aproximavam da felicidade, e, no ato de fé cristã, saía, como por encanto, uma parte luminosa como pequena estrela, da grande quantidade de fluidos que circulavam acima da sua cabeça, e adentravam no coração, pelas vias da Esperança, de cada um que manifestava sua gratidão pela presença do Apóstolo nas dependências da colônia. Os enfermos que se postavam em filas intermináveis não viam de onde partia aquele bem-estar indízivel, que sentiam ao tocar o Profeta de Éfeso. Todavia, o diretor espiritual da Colônia, bem como duas senhoras respeitáveis que estavam ao seu lado, presenciavam faculdades espirituais o fenômeno de Amor, produzido pelo discípulo do Cristo. Remoção levou quase ao êxtase aquelas almas nobres no dever da caridade, que choravam baixinho.

João Evangelista percebeu faltar muita gente, cujo estado grave impedia de participarem do pão que descera do céu, por misericórdia da Providência Divina, poderia dali emitir os fluidos que sobraram para os enfermos que não puderam comparecer; no entanto, achava mais conveniente procurá-los um a um, pois o valor que dava aos seus irmãos e às coisas de Deus chegava à sequência do Amor, e quem ama não despreza, não desdenha, não esquece, não fere, não teme, não se cansa. O amor é um Sol, onde quer que seja.

Logo se desfez o pequeno rebanho da colônia, voltando cada um para o seu devido lugar, todos acesos de Alegria e de Esperança. Se pudéssemos ver todos os corações, diríamos que brilhava neles uma luz a mais, que deveria durar muitos meses, sustentando o bom ânimo em cada um, para as lutas de cada etapa. E a consciência registrava a presença grandiosa daquele fato, como reserva de estímulo para a eternidade.

Saindo dali, daquele aconchego fraterno, o Apóstolo visitou todas as outras dependências de socorro, com os diretores da colônia, tocando um a um, com uma amabilidade sem precedentes. Muitos estavam em profundo sono, e dentre esses, vários acordaram com os pensamentos desordenados, sem saberem onde estavam, chamando por pessoas de seu antigo relacionamento, e logo as mãos santas os cobriam de carinho e de amor.

Hemesto e Carmellini pareciam no céu e, de vez em quando, um segredava aos ouvidos do outro:

- Mas que felicidade a nossa, de encontrar esse Anjo de Deus! Por que a gente, quando na Terra, não conhece essas verdades como elas são? Parece um sonho... A vida é muito mais bela do que a contada pelos grandes poetas ou pelo estro de iluminados tribunos!
E importante relembrar que essas colônias espirituais que de vez em quanto citamos, estão na atmosfera da Terra, e que a acompanham por onde ela gira, em muitos dos seus balanços cósmicos. Obedecem às mesmas leis, ainda que em dimensão diferente. O Espírito, quando deixa o seu fardo físico, no mundo terreno, viaja em outra esfera com o corpo espiritual - ou perispírito - que pode atingir alta fluidez, quando se tratar de alma pura, ou se aproximar igualmente do corpo de carne, quando se tratar de Espírito ignorante. A escala é infinita.
Pai João se encontrava a sós com os dois pupilos, na despedida da madrugada. Tomaram acento embaixo de uma vigorosa árvore, toda florida. Brandos ventos sopravam com ternura e disciplina. O aroma das flores se fazia presente como se quisesse fazer parte do diálogo, em favor daquelas duas almas em busca da paz espiritual. Hemesto, o antigo verdugo, terror das almas sofredoras, ali estava pensativo, com seu mundo íntimo em conflito. Perguntas assomavam aos milhares na sua mente ainda em desequilíbrio, comparada à fervura de água em ebulição. Não queria perder tempo, nem tampouco a oportunidade de falar com aquele companheiro do Cristo, que talvez não encontrasse tão cedo, ou nunca mais. Uma voz interna lhe falava:

"Eis aí a água da vida! Estás com sede? Beba!... Beba o quanto puderes e ressuscitarás para uma vida feliz!"

Carmellini, irradiando contentamento, queria conversar, perguntar, dialogar, entender, pois já o tinha como pai espiritual. O silêncio instigava o assunto, e Pai João, serenamente, prefaciou o mesmo, dizendo:

- Meus filhos, eis que estamos, por bênçãos de Deus, nesta estância espiritual, que a bondade de Jesus Cristo nos concedeu. O nosso querido Hemesto acaba de chegar de um temporal; renovado, sente-se um pouco abatido pelo que se passou nas estradas percorridas, mas nada há de ser. Se o amor cobre todas as transgressões, no falar do velho código de Deus, se o amor cobre todos os pecados, no afirmar do verbo do Cristo, que nos resta fazer nestes momentos? Não perder tempo, no tempo que nos é concedido por graça do Criador, e amar a quem ofendemos, amar aos que julgam ser nossos inimigos, amar os sofredores, os encarcerados, os famintos, os nus de todas as espécies. Amar sem condições e sem pretender dividendos... O amor é, por excelência, a força única de toda a criação, que Deus usa para nos manter nos esplendores da vida.

Logo, vocês devem, por inteligência, se familiarizarem com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque ele é a síntese mais perfeita de todas as leis cósmicas universais. Lembremo-nos:

Pedi e dar-se-vos-á.

(Mateus, 7:7)

Dentro desse pergaminho de luz, meus filhos, existe tudo o que porventura a humanidade possa necessitar. No entanto, é conveniente que compreendamos o sentido da fala de Jesus: O *buscai e achareis* é o esforço próprio de cada coração em busca da Verdade; é igualmente o esforço coletivo de um lar ou país, de um mundo ou constelação, no objetivo da harmonia universal! O *batei e abrir-se-vos-á é* a continuação da busca, sem esmorecimento; é a persistência nos ideais do Amor e da Caridade, na libertação dos sentimentos superiores. E a firmeza do Bem, que se divide em milhões de caminhos, para que aprendamos a amar sem exigências, e a viver sem maldade. E o *pedi e dar-se-vos-á* nos sugere pedirmos compreensão com humildade, pedirmos à inteligência Divina que nos inspire nos momentos em que buscamos e batemos às portas da Verdade. E pedirmos aos outros o perdão, quando os ofendemos; é pedirmos a quem sabe mais do que nós que nos instrua acerca das coisas sagradas e é pedirmos em prece pela humanidade inteira. Eis que isso é o princípio da abertura desses entendimentos, que alcançam o infinito.

Quando a alma se inicia nesses entendimentos, outros prismas de luz darão visão mais ampla, do que pode ser o *pedir, bater e buscar.* Se esse versículo nos traz tanta sabedoria, e o resto do Evangelho? Um tribuno evangelizado poderia falar mil anos, sem parar, dos preceitos do Cristo, e ainda restaria assunto para tempo indeterminado. O Evangelho é o pão que desceu do céu, é a água pura que veio à Terra, é a luz que clareia a humanidade! Apeguemo-nos a ele, que seremos salvos para sempre.

Carmellini e Hemesto estavam pasmos pela beleza do assunto tocado por Pai João, e do cunho encantador que ele dava às narrativas. As suas interpretações cantavam maravilhas dentro de suas almas, como suave sinfonia. Queriam perguntar alguma coisa, mas o velho Apóstolo de Jesus, como que adivinhando seus pensamentos, levantando a mão os interrompeu e proclamou com entusiasmo:

- Meus filhos, todos nós fazemos parte de uma só família e de um só rebanho neste mundo que nos serve de moradia, no qual existe um só pastor, que é Nosso Divino Mestre; o Seu endereço é o testamento que nos legou. Quem quiser encontrá-Lo, que se esforce para entender o que disse. E justo que queiramos saber onde estão aqueles que nos foram caros na existência terrena; no entanto, quantas vezes passamos por lá? Se na

verdade queremos, por gratidão, ajudar a quem nos serviu nos caminhos evolutivos, devemos auxiliar a humanidade inteira, pois toda ela participou para a manutenção da nossa própria vida. E, fora da humanidade, tudo o que existe está nos ajudando permanentemente. Existe, outrossim, uma lei que devem conhecer, que não erra o endereço dos que merecem. Onde os nossos antigos companheiros estiverem, estarão cercados por amigos e forças compatíveis com as suas necessidades. O que passamos e por vezes taxamos de contrastes, são reveses benfeitores que ajudam a despertar em nós a natureza divina, entremeio à natureza humana. Já nos dizia há muito, um sábio grego: - *Todas as consequências nos levam à obediência.* Firmemos os pés na construção do Bem, que seremos chamados para a felicidade, e quem trabalha sem reclamar, na difusão do Amor, será sempre coadjuvado pela luz de Deus, em inspirações constantes.

Ninguém pode amar sem perdoar, ninguém pode perdoar sem entender, ninguém pode entender sem analisar e ninguém pode analisar com bom senso sem sentir no coração a Fraternidade, que se transforma para os outros, em variadas modalidades do Bem. Nós outros, para entendermos o valor da liberdade, certamente deveremos nos submeter às prisões, ser encarcerados pelas reações exteriores e por último, pela consciência. A luz se define porque existem as trevas. Procuramos a Sabedoria, por estarmos ainda envolvidos na ignorância. Reconhecemos o Sol como agente benfeitor, por causa das trevas da noite. Achamos que o ar é uma bênção de Deus, quando esse fluido divino começa a nos faltar. A saudade nos certifica de que, ao caminharmos junto das pessoas que amamos, devemos dispensar mais carinho. O arrependimento nasce dos contrastes da consciência, que abrem os nossos sentidos para outro tipo de vida, e, os caminhos da felicidade, somente os encontramos depois de longa tormenta nas estradas do erro.

Agora, meus filhos, estão despertos para Cristo e isso é grandioso na vida de cada alma em particular. E a alegria maior é que não existe regressão dos valores conquistados, que, se quisermos dizer, nos foram entregues por misericórdia de Deus, nosso Pai Celestial. Devemos compreender que não existem distâncias para quem ama e, se quem ama é amado na mesma dimensão pela alma afim, mesmo que estejam separados por distâncias imensuráveis, de mundos a mundos, de constelações a constelações, de galáxias a galáxias, na extensão infinita do universo, se sentem como se fosse um só na unidade, pela força do Amor. Não é somente sentir, mas poder dialogar como se estivessem presentes na explosão das faculdades oriundas desse Amor, que é a vida universal, que é Deus sustentando toda a Sua criação.

Hernesto e Carmellini não paravam de chorar, silenciosamente. Compreendiam que o velho Apóstolo estava adiantando as respostas das perguntas que intentavam fazer. As lágrimas, neste caso, eram-lhes terapia urgente, desanuviando a mente e sustentando-lhes o coração para novas lutas que deveriam começar, em novos dias de renovação. Carmellini pôde falar com dificuldade:

- Pai João, não sabemos como agradecer tanto amor para conosco, tanta caridade que nos dispensa, tanto interesse por nós, seres inferiores, aprisionados por fatos indignos. Eu não queria dizer, mas o senhor!... O seu precioso tempo... Calou-se, esfregando as mãos como criança indecisa. Hernesto, que considerava ser falta de respeito interromper aquele ser de tanta responsabilidade, diante das consciências em aprendizado nas coisas da Terra, somente ouve, procurando acalmar seu torturado coração...

João Evangelista, dando tempo ao tempo, apontou-lhes as árvores floridas, dizendo:
- Eis que a natureza é a nossa mestra maior; os seus exemplos calam de modo indizível em nossos corações e em nossas consciências. Ante qualquer depressão que por vezes nos atinge, simples meditação diante desses corpos vegetais, balançando-se na brandura dos ventos, nos devolve a serenidade. Essas flores não parecem sorrisos das nossas companheiras de retaguarda? Os seus galhos não parecem braços e mãos em súplica a Deus? O clima aqui está saudável e desfrutamos de um ambiente ameno, pela ajuda dessas árvores, de certa forma extraordinárias, que nos dão aquilo que se propuseram dar pela sua estrutura intrínseca, no concerto da vida universal. Assim são as aves, os peixes e os animais, participando todos da existência humana e dando sua contribuição, sem que a exigência seja ideia central, o que geralmente ocorre com os homens. Nada há no mundo que não seja útil!
Em pequeno intervalo, Hemesto quis perguntar, todavia, a força do silêncio o impediu e a sua filha antecipou-se nestes termos:

- Permite-nos chamar-te de *Pai espiritual* Tudo ecoa mais em nossas almas, por sentirmos segurança na tua paternidade... Quero perguntar-te, e, talvez também o meu pai, de que modo haveremos de ser fiéis à vida e ao próximo; como ajudar o progresso e a humanidade, se sentimos nada possuir de útil? O impulso de dar a mão aos que sofrem, não nos falta no momento. Porém, somos cegos, surdos e doentes à voz do Bem e nada, nada temos para dar... Como sermos fiéis, sem experiências suficientes e se as provações não nos pennitem serenidade para tal? Se porventura existir algum traço de virtude dentro de nós, será ele diminuto, que não vale a pena intentar reparti-la com os que passam as mesmas provações. Que dizes para nós, os aflitos, para certificarmos bem quanto ao futuro?
Carmellini parou, esperando ansiosa, com fome e sede de justiça, a resposta do velho mestre, na qual deveria saciar-se. O antigo discípulo do Cristo folheou o Evangelho do Mestre dos mestres e parou no capítulo dezesseis, versículo dez, das notas de Lucas, que responde com segurança, na dignidade que lhe é peculiar:

Quem é fiel no pouco, também è fiel no muito. E quem é justo no pouco é justo no muito.

E João continuou:

- Isso é tema da parábola do administrador infiel; não sou eu quem responde e, sim, o próprio Jesus. Se não existem, meus filhos, árvores nem animais inúteis na Terra e no Céu, quanto mais honnens e Espíritos fora da carne! Somos criações mais ou menos aprimoradas pelo tempo; ser-nos-á mais fácil ajudar a Quem quer que seja, onde quer que estejamos. Constitui negação do bem querer afirmar-nos sem utilidade diante da vida. Todos poderemos ser úteis uns aos outros e quem achar que o pouco não merece atenção está completamente enganado. A Fidelidade e a Justiça, o Amor e a Caridade começam mesmo é nas coisas mais simples, crescendo com os valores do próprio tempo. A gradação é muito importante na vida de tudo e de todos. Não poderemos crer nas coisas que se fazem de uma só vez, senão vejamos: as letras são colocadas com intervalos, para que a palavra seja entendível; assim são as palavras que articulamos, nossos pensamentos, os mundos os sóis no espaço infinito... Tudo obedece a uma cadência, para que a harmonia se faça e se transforme em Amor.
Quem tem interesse em ajudar, nunca espera ou pensa que a ajuda seja muita ou pouca. Auxilia sem exigências, sem medidas para mais ou para menos! De uma gota d'água do oceano poderemos constatar a constituição de todo o mar. De um *Levanta-te e anda,* do Cristo, enfermos de muito tempo aprumavam-se e começavam a carregar o seu próprio leito. Foi desse e de outros pequenos atos de Jesus que se construiu essa doutrina maravilhosa em todo o mundo físico e espiritual... Não queiram esconder o que já possuem de bom. Antes, ofertem esse valor em nome de Deus, que o pequeno tornar-se-á grande pela lente do Amor, pois é dando que realmente recebemos e é recebendo que damos com mais entusiasmo, reconhecendo a grande lei de Justiça.
Quanto a vocês, espero que logo estejam no trabalho, nas lides do Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele os chama e não exige dos trabalhadores pureza inconcebível. E necessária a boa vontade, que as suas mãos sejam operosas, e que despertem nos corações o prazer de ajudar, de aprender e de amar. Estão numa colônia das mais aparelhadas para o aprendizado com o Mestre. Aproveitem a oportunidade e sejam peças valiosas na engrenagem da casa.
Carmellini e Hernesto, encantados com a profusão de alimentos para o espírito, e sensibilizados com o Amor de Pai João, que contagia seus corações e inteligências, sentem espraiar-se em suas mentes, a vontade de sair correndo em busca do trabalho, na função da Caridade. E o Apóstolo acrescentou:

- Irmãos em Jesus Cristo! Em Timóteo, capítulo cinco, versículo dezoito, Paulo lembra a velha escritura quando declara:

> *Não amordaces o boi quando pisa o grão. O trabalhador é digno do seu salário.*

Vejamos a beleza dessa expressão, neste momento oportuno para todos nós. Quando não estamos fazendo o Bem com eficiência, estamos pisando o grão de trigo do Amor; no entanto, esse grão de trigo nasce assim mesmo, desde que estejamos bem intencionados e procuremos, a todos os instantes, nos melhorarmos. As bênçãos dos Céus não faltarão e todo o trabalhador é digno do seu salário. Isso constitui uma grande esperança para os operários do Bem. Cruzar os braços diante das necessidades é não confiar na Providência Divina, é duvidar de si mesmo. E o salário vem para os que trabalham, de maneira bem mais sutil que poderemos imaginar: todavia, nunca deixa de vir. A contabilidade do Céu nada esquece, absolutamente nada. Creio eu que os dois serão, em breve irmãos em Cristo, a serviço da Fraternidade, o que para nos será uma grande, muito grande alegria. Que Deus os abençoe agora e sempre!
Os dois, em lágrimas, já com o endereço certo nos rumos que a casa do Bem propunha, beijaram as mãos venerandas de João, que se despediu dos diretores da comunidade e dos seus tutelados, que exultavam de alegria, prometendo breve encontro pelas portas mágicas do sono. A sua alegria maior foi de ser útil no clima do Amor.

10

Nasce Francisco

> *"'Eu, Jesus, enviei o meu Anjo para vos testificar estas coisas nas Igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã".*

Apocalipse, 22:16.

O calendário marcava 26 de setembro de 1182. O dia amanhecera mostrando límpido céu azul e o sol concedia seus raios nascentes, em diáfana claridade. O vento soprava com suavidade, cujos sons assemelhavam-se a acordes de delicados instrumentos, como se a natureza oferecesse ao mundo celestial musicalidade, em agradecimento à presença de quem sabia falar a todos os seus reinos. Qual filigrana de luz, descia sobre toda a Úmbria sutis eflúvios magnéticos, qual delicada rede de safirica coloração, tudo envolvendo em sua mansa acomodação. Forças cósmicas, em inteligente movimentação, anulavam quaisquer atividades que pudessem empanar a "cosmografia" ambiental.

No centro de toda essa paisagem paradisíaca, Assis recebia a intensidade dos efeitos de sua poderosa energia e sua população pressentia que algo de transcendental deveria acontecer naquele dia. Já anoitecia e sobre a mansão dos Bemardone caía, levemente, diáfana névoa como bênçãos enviadas dos paramos espirituais mais elevados, em favor de seus moradores.

Maria Picallini, ao sentir que a natureza estava prestes a apartar seu filho de suas entranhas, não desejando permanecer no luxo da mansão, fez com que Jarla a levasse para a estrebaria, para que seu filho nascesse na simplicidade da pureza dos animais, quase se repetindo o quadro do nascimento de Jesus.

No exato momento em que dava à luz o seu filho, Pica, quase em êxtase, ouviu sublimado cântico na acústica de seu coração e viu a corte de Anjos que viera assistir ao regresso à Terra, pelos canais da reencarnação, de um Espírito de elevada envergadura, fazendo-se homem nos caminhos do mundo. E cantou também acompanhando a melodia dos céus.

Jarla, que levara consigo os apetrechos necessários ao parto, emocionada rava mãe e filho, cortando o laço físico que os unia, eternizando assim os laços rituais daquele ser com toda a humanidade.

Ao derredor do estábulo os animais compareceram e parecia que baixavam suas cabeças em reverência àquele que chegava de esfera resplandecente, com a sagrada missão de amar com aquele amor que não escolhe, desde os insetos até os astros. O Sol e a Luz foram o princípio de seu amor infinito. E os animais ali prostrados incentivariam seu coração grandioso, para dentro dele aconchegar o mundo e os homens. Nascia Francisco, como Jesus, na pureza da natureza e na companhia singela dos animais. E quando o menino entoava o primeiro cântico das crianças que nascem, sua mãe perguntava à dedicada serva: "Jarla, quem nos visita?" Torrentes de lágrimas molhavam seu peito que arfava na cadência natural nessas horas. E a companheira fiel respondeu, chorando de alegria e prazer, sem entender as suas próprias emoções, a se misturarem na fusão da Luz:

- É!... É homem! Deve ser ele mesmo!...

E antes mesmo que fosse feita a devida limpeza e a criança agasalhada nas vestes luxuosas, cobriu-o de beijos, na ternura de companheira e de serva, lembrando com toda a nitidez, o sonho em que o Anjo lhe pedira ajuda. E respondeu frente àqueles grandes olhos que a fitavam:

- Aqui estou para servir-te! Faça-se Senhor, a Tua vontade, e não a minha!

Ainda chorando de emoção, firmou, por um instante, os joelhos nas palhas de feno. Ergueu o pequenino, como que o mostrando aos Céus, e falou com segurança:

- Deus de Bondade e de Justiça, de Caridade e de Amor!...

Eis aqui nos nossos braços, por misericórdia, esta luz que enviaste à Terra, e que, para felicidade minha, encontra-se apoiado cm minhas frágeis mãos, e na tutela material dos Bemardone. Abençoa, Senhor, o roteiro desta alma, que os nossos corações cismam que será espinhoso. Permita que ele carregue a sua cruz, que a inspiração nos diz, será pesada, até o "calvário", e que distribua aos famintos de Amor, o pão da vida e a água do entendimento, fazendo com que os homens compreendam o valor da vivência evangélica!
Permita, Artífice da Vida, que em Teu nome, na minha grande ignorância, Peça aos deuses da Terra cooperação para este que acaba de chegar como lábaro tremulante, onde se lê claramente em letras de luz: *Paz e Amor...* Entrelacemos as mãos, Anjos da natureza, em nome do Deus de Amor e do Cristo, para que se cumpra ª vontade dos Céus, de aliviar o sofrimento dos homens. E se não for muito, quero te pedir, meu Deus, que nos ajude a compreender essa alma, que já se identifica como de concórdia e de luz!
E antes de colocar a criança ao lado da mãe, ansiosa por tocá-lo e contemplá-lo com toda a ternura, elevou a voz, cantando uma melodia que atravessou as eras, nascida na velha Grécia, em louvor aos deuses, com o Anjinho do Senhor à altura da cabeça, como se fosse um simbólico sacrifício. O perfume encantador não se fez esperar, recendendo por todo o estábulo, como se fossem os deuses respondend destampando ânforas de essências raras.
E Maria Picallini recebeu o seu filho das mãos de Jarla, como o maior prêmio que a vida lhe conferiu, nos horizontes da Terra, cobrindo o seu rostinho de beijos de toda natureza. Dir-se-ia que o coração classificara os afetos no valor das virtudes que ela possuía. E falou com a maior ternura que uma mãe feliz possa expressar:

- O nome dele é *JOÃO...*

Quando seu filho nasceu, Pedro Bernardone estava viajando, em função de seu entusiasmo, que não se arrefecia, diante do ouro que já possuía. Ao saber da notícia, explodiu de contentamento, já com velhos cálculos envernizados para o destino do seu filho. Queria educá-lo, mas acima da educação, instruí-lo acerca da economia. Fazê-lo nobre, mas que a sua nobreza fosse assegurada pelo ouro, para não se desfazer. Quando soube que seu filho nascera na estrebaria, contraiu o semblante, pedindo explicações, falando à Pica:

- Quem te deu essa ideia de sair para a cocheira de animais, em estado que pedia cuidados mais acentuados? Será que é invenção do teu padrinho, somente por que Jesus nasceu nesse ambiente? Isso era naquela época em que não existia conforto, higiene, e, acima de tudo, José não tinha condições para que Jesus nascesse em palácio, cercado de todos os cuidados! O que o povo vai falar, quando souber dessa loucura? O filho de Pedro Bernardone, alto comerciante de Assis, senão da Itália, mercador dos mais categorizados, nasceu no meio de animais!? Isto é uma loucura!...

E prosseguindo, acrescentou:
- As mulheres dificilmente raciocinam com precisão. Se eu estivesse aqui, isso não aconteceria!

A Senhora Bernardone explicou delicadamente que naquela hora sentiu uma vontade irresistível, sem que pudesse dominar, e foi preciso que assim intercedesse para por termo à tormenta mental. E acrescentou:

- Parecia, Pedro, que o menino queria nascer lá, como ocorreu com Nosso Senhor Jesus Cristo, isso não é uma honra para o nosso filho e para nós?

Ele, andando de um lado para o outro, esfregando as mãos, retrucou com um ar de ironia:

- É possível que seja!... É possível que seja outro Buda que vem por aí! Será que Deus, sendo todo bondade como falam os missionários da Igreja, vai me contrariar? Sendo eu o pai da criança, não tenho algum direito?

E com ênfase acentuou:

- Isto é que não. Saberei criá-lo para ser um nobre, um cavaleiro da nobreza, um guerreiro incomparável! O seu nome atravessará fronteiras, pela sua bravura e impetuosidade de sua espada. Poderei ver com os meus olhos e viver essa felicidade, pois a riqueza nos concederá tudo isso!

E arrematou já um pouco mais calmo:

- Pica!... A ninguém contes essa ocorrência. Chama Jarla e pede a ela também manter silêncio, quanto ao nascimento do nosso primogênito!

O afoito comerciante ia-se virando nos calcanhares, quando a voz branda de Pica se fez ouvir:

- Pedro querido, quero participar-te o nome do nosso filho, e sentiria a maior satisfação se aprovasses o que escolhi! Tive vários sonhos com ele, antes de seu nascimento, e o seu nome era João. Gostaria, caso concordes comigo nesta escolha, que o nome de João continuasse cá na Terra. Jarla, nossa amiga e companheira de todas as horas, concorda conosco, achando que esse nome é uma continuação da mensagem do céu na Terra, e uma gratidão a esse visitante das estrelas que se encontra no seio de nossa família, agraciada pela Misericórdia...

Pedro, inquieto, corou na mesma hora, dizendo:

- Não posso concordar que o nosso filho se chame João!... Não me peça o impossível!... Tenho um compromisso moral, de muito tempo, que de certa maneira está ligado a sonho. Eu me vi enfermo de doença incurável, e um Anjo de nome *Pai Francisco* impôs as mãos sobre meu corpo tomado pelas chagas, e instantaneamente senti-me curado, pela graça dos deuses. E quando acordei, cheio de pavor, comprometi-me comigo mesmo que, se algum dia tivesse um filho, ele tomaria o nome de Francisco. E este é o seu nome! Desculpe-me!... Mas este é o seu nome, que seja no céu, que seja na Terra!
A mulher do rico comerciante, tristonha, silenciou, sem dar uma palavra. Jarla tentou interferir, mas Pedro a interrompeu:

- Obedece aos meus direitos de pai da criança!... Não me peças o impossível. Já firmei na consciência esse nome, e ele, este bravo guerreiro se chamará *FRANCISCO.*

11

Despertar

Francisco pertencia à prosápia dos Bernardone, em se falando de corpo físico, pois a lei da hereditariedade é um fato consumado no mundo biológico. Herdara algumas das reações condicionadas nas profundezas da consciência do pai, que se irradiaram por micro-ondas espirituais, fazendo com que os genes gravassem na sua estrutura intrínseca, emoções que ocorreram em muitas das suas reencarnações e que somente o tempo se encarregaria de fazer as devidas limpezas psico-físico-espirituais. Porém, no campo do Espírito, ele era ele mesmo, que, como alma evoluída, poderia, através da sua poderosa mente, reagir contra as reações que apareceriam no seu próprio íntimo, alinhando-se em seu próprio ser, em forma de neuroses e fobias, tais como medo, cismas, ódio, egoísmo, maldade, etc.

De certo modo, a hereditariedade negativa serviu para despertar a estuante força positiva existente na alma herdeira, que logo se colocou na posição contrária a dos impulsos físicos, como acontecera com Sidharta Sakya-Muni Gautama. A elevação do espírito domina as condições inferiores e as transforma em valores, de modo a embelezar os seus próprios caminhos. O Amor cobre a multidão dos Pecados, e esse Amor é herança de Deus, na pauta comum da vida dos missionários. Ele desentulha todos os canais, porventura interrompidos pela iniquidade e aciona a vida Para outra dimensão, sem que a matéria a domine e, quando dela participa, serve-lhe enquanto escrava, por estar em escala inferior.

Como um Anjo em estado de repouso, Francisco, nos primeiros anos, obedecia mais ao comando mental de sua mãe, e recebia alguma influência de Jarla. E certo que a proteção espiritual estava vigilante, mas somente entrava em ação quando os fatos pudessem prejudicar a missão do grande discípulo do Divino

Mestre, que se empenhava conscientemente em seu próprio favor, sem, entretanto esquecer-se de obedecer às leis físicas, para a sua própria harmonia.

Dos sete aos catorze anos, a mente do pai passou a intervir mais, dividind as influências. Dessa fase à maioridade, o pai assumiu a liderança e. daí em diante como Espírito superior, ninguém o segurava. Ele tornou-se ele mesmo, com o se' próprio mundo, quebrando as amarras exteriores, pela verdade que já conhecia e que começava a viver. A hereditariedade, sob todos os ângulos, é atrofiada pelo poder do Espírito. Os impulsos inferiores cedem lugar às emoções elevadas. A violência transforma-se em mansuetude, o ódio em amor, a usura em caridade, a vingança em perdão, o silêncio da ignorância em música divina. Os conceitos de liberdade daquele ser se apresentavam a seus familiares como uma contradição, que, à primeira vista, pareciam ser subversão, desobediência e ingratidão com que, de pronto, seus pais não concordaram. Eis porque, antes de

reencarnar, pediu licença para ingressar na família, e explicou primeiramente, à sua futura mãe, as consequências que poderiam advir da sua presença no seio da família Bernardone.

Um Espírito daquele quilate, pedira, com humildade, ao seu futuro pai, para fazer parte por algum tempo, do lar que ele fundara na Terra. Pedira igualmente com humildade, à velha serva dos Bernardone, sua participação em sua vinda. No fundo, quem ganharia mais seriam eles, por ofertarem moradia a uma alma de escol em viagem pelo planeta. Quem, no mundo, não faria qualquer sacrifício, para hospedar um viajante desta estirpe? Qualquer preço tomar-se-ia bênção de Deus, misericórdia dos Céus.

Era notório, na mansuetude dos primeiros anos de Francisco, o reflexo da sua genitora. A seguir, apresentavam alguns impulsos de seu pai, viajando com este para muitos lugares, conhecendo cidades famosas, e participando com ele do conforto e da fama. O rico comerciante de Assis estava eufórico, alimentando, no coração, a certeza de que Francisco, de fato, herdara as suas proezas de hábil permutador dos bens terrenos, na multiplicação do ouro e da prata. Tinha o prazer de senti-lo junto de si com suas largas ideias. Entendia, pelo impulso da sua menti jovem, que era um homem de futuro. Francisco estava tão envolvido com o pai, que ambicionava grandeza, explanando, para seu genitor, o que um homem poderia fazer Pedro Bernardone, nessas horas, esquecia-se da sua própria riqueza, deslumbrado com a inteligência daquele que saíra do seu amor.

Francisco era Espírito livre, desconhecendo, desde criança, força que não pudesse dominar. Tinha ideias que se comparavam, de certo modo, com as das antigas dinastias do velho Egito, da Babilônia e da Assíria. Era, por natureza, um poeta dar estrelas e, de vez em quando, seu pai o surpreendia fitando-as, a "mastigar" uma filosofia que somente o coração entende. Encantava-se com os pássaros, e admirava os peixes e as árvores.

Logo cedeu aos convites de seus colegas da mesma idade, e se fez um grande seresteiro nas ruas de Assis. A sua fama fê-lo visitar outras cidades vizinhas, para cantarolar nas ruas, no silêncio das madrugadas. Era um companheiro liberal,

Concentrando toda a sua atenção na música e no clarão dos astros siderais, parecendo que essas chamas acesas por Deus no infinito lhe falavam ao coração, sobre o seu destino na Terra. A bebida, que não lhe tomava os sentimentos, era simples complemento da alegria. As conversações que travava com os seus colegas eram de alto teor, tanto que todos o adoravam, e quando Francisco não aparecia, tornava-se noite para todos os seus companheiros, fugindo-lhes a alegria.

O campo era o lugar mais apreciado por ele, onde gostava de fazer excursões a cavalo, nos dias de folga. Contava histórias que lhe vinham à mente e alegrava-se em ouvi-las dos que faziam o mesmo. Achava na juventude o ambiente integrado na liberdade que tanto amava. Ser livre era o ideal do seu coração.

Francisco crescera dentro de invejável tranquilidade, cercado de todos os carinhos de sua mãe, de Jarla, do cuidado de seu pai, e de todos os serviçais, entre os quais, pela sua fraternidade, granjeara muitos amigos. Era querido por todos de Assis, dada à espontaneidade que o seu amável coração ofertava, no esquema evolutivo em que se encontrava. Maria Picallini queria vê-lo frequentemente, e o seu abraço à mamãe querida, com inúmeros beijos pelas faces e pelos cabelos, lhe transmitia força vigorosa ao coração. Jarla também participava desse carinho, que lhe fazia crescer os sentimentos, travando dentro de si debates prolongados acerca daquele destino, que somente poderia ter vindo das estrelas.

Os olhos castanhos de Francisco, que ninguém nunca vira iguais, encantavam a todos, e quem os fitasse inundava-se em sonhos, vendo os Céus e os anjos, vendo Cristo e Deus. Criatura alguma esquecia o olhar de Francisco, que a todos transmitia serenidade sem precedentes. Sua pele parecia feita de seda das mais preciosas; o seu corpo era ágil, seu raciocínio rápido e suas mãos bem postas. A palavra tomou uma cadência, parecendo ser oriunda de regiões resplandecentes. Não podia ser diferente, pois ali estava em corpo, uma alma sobremaneira pura, uma harpa que se fazia tocada pelas mãos do Divino Mestre. Ali estava o Apóstolo João em sua nova missão na Terra, não totalmente integrado em si mesmo, mas a esperar o tempo, a esperar a ordem da Divina Providência. Francisco a tudo entendia em dimensões elevadas. Certa feita, o pai começou a aborrecer-se com ele, percebendo o modo como tratava os empregados e o cunho de sinceridade que demonstrava aos fregueses. Chamou-o à ordem, querendo demonstrar-lhe que a verdade comercial é diferente da verdade do coração, sendo uma incompatível com a outra. Se assim continuasse, se arriscaria a prejudicar a posição financeira que desfrutavam em Assis e em toda a Itália. Mostrou-lhe que no comércio existem segredos, cuja revelação é prejudicial; que empregados e patrões trabalham juntos, porém em níveis diferentes de vida e que a autoridade e o respeito eram necessários ao bom andamento dos negócios e ao equilíbrio financeiro.

O rapaz ouviu silenciosamente, sem que o seu íntimo participasse das ideias do pai. Meio triste, saiu a andar pelos campos, até aparecerem as estrelas que tanto admirava. Pregou os olhos nos céus como que hipnotizado ou consultando os astros: passou em revista toda a constelação, parando aqui e ali, conversando con o infinito acerca do verdadeiro comércio, das trocas que se faziam na Terra, da mentiras que se diziam para o povo. da hipocrisia, da burla, do engodo... Será que Deus semeava mundos por todo o universo, neles colocando apenas seres da estirr» dos que conhecia? Tivera oportunidade de conhecer, junto ao pai, cidades e países onde o roubo e a mentira eram frequentes e o fingimento, o sinal mais evidente do bom comerciante. Aparentemente, ainda tolerava alguma coisa. mas. no íntimo, não suportava a podridão que fermentava dentro da cabeça dos homens, incluindo seu próprio pai.

Sendo difícil para ele conviver com aquele estado de coisas, tinha ímpetos de renunciar e partir da própria casa onde morava. Resolveu consultar a mãe e Jarla sobre o que pensava. Sem dúvida alguma. Deus não aprovava aquelas práticas. Sem dúvida, os seus caminhos eram outros.
Em casa, assentou-se perto da mãe, beijou-lhe as faces e acariciou-lhe os lindos cabelos. Olhou dentro dos seus grandes olhos, e falou-lhe com doçura:

- Mamãe!... Sabes de onde vem toda essa fortuna do papai, esse conforto que desfrutamos nesta casa, a segurança e a fama dos Bernardone?

Fez pequena pausa, para que a mãe pudesse responder. Pica, meio perturbada, acariciou o filho, e pediu que lhe desse mais tempo para pensar, pois, no momento, não estava à altura para responder-lhe com exatidão. Francisco, antes com o cenho carregado, deu um meigo sorriso e se entregou ao colo da sua genitora, pondo-se a pensar mais e a formular outras perguntas.
A mãe deslizava seus pensamentos em várias direções; as respostas que encontrava eram contraditórias. Na verdade, ainda não tinha pensado profundamente naquele assunto, e a sua resposta haveria de ser exata, porque Francisco era inteligente, e tinha grande confiança nela. Não deveria mentir para quem tanto a amava.
Jarla chegou de improviso, encontrando os dois em silenciosa apreensão. Interrogou amavelmente:
- "O que estais a meditar, sem vos dar conta da presença da gente? Francisco, meu filho, vem cá! Vamos cantar nós dois juntos, para que tua mãe se alegre também, pois me parece preocupada com alguma coisa séria".
O rapaz, porém, em outra dimensão, com muito custo e muita insistência da companheira de sua mãe, respondeu:

Sim!... Sim, Jarla, que foi? Que queres que eu faça?

Respondeu a interlocutora:
. Que cantes comigo.
Ele tomou a sorrir, buscando a velha grega para perto de si, ofertando-lhe arinho esperado e os dois cantaram, em dupla, a *Canção da Alegria,* que Jarla herdou dos seus avós. Nisto, Maria Picallini despertou do diálogo que tratava de si para consigo, pelas perguntas do filho. Escutou a canção a duas vozes, e falou ao filho:

- Francisco, mais tarde poderás procurar-me, para que eu te dê as respostas que esperas.

Ele, levantando-se, aliviado naquilo que o preocupava, respondeu-lhe:

- Sim, mamãe, voltarei. Mas não te esqueças, pois preciso muito da tua resposta; trata-se de uma decisão que devo tomar.
Francisco saiu rapidamente pelo pátio e avançou em direção à ma, todo contente. A mãe do rapaz limpou as primeiras lágrimas dos olhos, no que Jarla a interrogou:

- Minha filha, qual a razão disso? Que problema afeta os teus sentimentos desta maneira? O que foi que Francisco te trouxe, que não corresponde à alegria, como de outras feitas?
Ela expôs para Jarla o ocorrido. E a antiga serva da mansão também silenciou, buscando recursos no coração. Passou-se algum tempo e as duas mulheres permaneceram mudas, sem ao menos olharem uma para a outra... Jarla quebrou o silêncio:

- Pica! Algo me diz que começou a missão de Francisco. De agora em diante, ele não vai parar de fazer perguntas profundas. Ele é amante da verdade, como você queria que ele fosse. Ainda bem que és consciente da sua grandiosa missão. Devemos falar-lhe a verdade, nada escondendo, para ganharmos sua eterna confiança. Preparemo-nos para escutar muitos e intrincados assuntos, acerca dos homens, da vida e de Deus. Roguemos aos Céus que nos coloquem na boca as respostas certas, para satisfazê-lo. Do mais, a Bondade Divina se encarregará.
A esposa de Pedro Bernardone, que já amava Jarla pela sua dedicação e carinho, cresceu mais em seu amor e admiração, por aquela resposta inteligente, que ela mesma não percebera antes, mesmo após profundas meditações...
A ex-serva buscara aquilo longe. Ligara a inspiração em regiões indizíveis e de difícil acesso aos homens, e Maria Picallini falou à sábia grega:

- Jarla, minha amiga, graças a Deus emprestaste a boca aos deuses. O que falaste não foi de ti, mas o céu respondeu por teu intermédio. Era o que eu precisava ouvir e tomaremos essa decisão. Estava amargurada, sem saber o que responder a Francisco, quando ele viesse cm busca da resposta; agora, com a tua cooperação, juntas falaremos a ele toda a verdade, mesmo que isso nos custe muitas dores. E é bom Jarla, que sobre isso pensemos também. Se ele está preocupado com esses assuntos é porque a necessidade é coletiva. Vamos ver como o menino vai desenvolvê-los Aguardemos, e que Deus nos abençoe, abençoando-o a ele também.
As duas mulheres ficaram horas a fio conversando acerca de Francisco Se a inteligência do rapaz lhes dava alegria, por outro lado trazia-lhes enormes preocupações, pois pelo visto, era de se deduzir que o primeiro conflito seria com próprio pai; depois, poderia ser com a Igreja, o que seria pior.

Pouco depois, Francisco chegou, ansioso, em busca das respostas que lhe prometera sua mãe. Apreensiva, ela pretendera que ele demorasse mais, pois coração lhe falava que responder a Francisco era de muita responsabilidade. Ele abraçou, cobrindo-a de beijos e de carinhos, e aproximou-se de Jarla, fazendo o mesmo, Assentou-se entremeio às duas e tranquilamente, de seus lábios se fez ouvir:

- E então, que tens para me falar? Estou querendo ouvir-te mãezinha, acerca do que perguntei e o anseio de ouvir a tua opinião é imensurável!...
Maria Picallini, emocionada, pegou em suas mãos delicadas e, como um tesouro precioso, colocou sua cabeça em seu colo maternal. Deslizou seus dedos macios em seu rosto e em seus cabelos desalinhados pelo vento, falando-lhe com ternura:

- Francisco, meu filho!... Não te deixes levar demasiadamente pelos acontecimentos. O que me perguntaste tem muito sentido na pauta do coração. No entanto, o comércio, na Terra, ainda é oprimido pela inteligência, sem o que, os homens não conseguiriam contê-lo. Ninguém vive sem as permutas, e essas deverão trazer lucros compensadores, para que eles se animem a trabalhar e a se relacionarem uns com os outros. As barganhas, meu filho, constituíram os primeiros laços de fraternidade entre os povos. Foi o comércio que os fez se conhecerem, e criarem leis, de sorte a poderem conviver e trocarem experiências. Foi pela necessidade de troca das coisas, que a Itália ficou conhecendo a sabedoria dos gregos, cujas chamas de luz ainda restam no coração da nossa querida Jarla. E a Grécia ganhou essa sabedoria, entrando em intercâmbio com os antigos assírios, caldeus, egípcios, babilônios e grandes iniciados da Indochina. Alguém tem de estar déspota, Francisco, em busca de valores menores, para, então, os maiores se tornarem mais próximos. Não se dá como diz o Evangelho, pérolas aos porcos e coisas santas aos cães; no entanto, dá-se alguma coisa aos porcos e alguma coisa aos cães!... Porque eles, os animais, mesmo os que são julgados mais inferiores na Terra, não vivem nela sem ordem de Deus que é todo Poder e Bondade, todo Justiça e Amor.
Voltando à Grécia, terra que amamos, por ter sido o berço de nossa Jarla terra de Sócrates, Platão, Aristóteles e de tantos outros mestres que assombraram o mundo com a sabedoria, usando os recursos da filosofia em benefício dos homens, foi ela oprimida pelos senhores da Roma antiga, que levaram os escravos gregos para professores dos cidadãos romanos e para instruírem os filhos dos patrícios. Porém, a Grécia recebeu em troca, para benefício coletivo, grandes experiências de trabalho, que os romanos armazenaram com muito esforço.
Ninguém na vida somente recebe, pois a lei não deixa e mesmo sem perceber, ele dá também. É a compensação, pois a justiça de Deus nunca falta nos caminhos dos homens. A antiga filosofia vinha, no seio do povo, sendo deturpada. Quando um filho

apresentava tendência para o dom de conhecer as coisas da alma, os pais entravam em prantos, pois isso, além de ser sinônimo de inércia, evidenciava que ele estaria entre os "vagabundos das letras". Os sacrifícios dos gregos em Roma, como escravos, embelezavam o saber, em função do trabalho permanente. A Itália era um país por excelência laborioso e o trabalho era a tônica mais acentuada. Os meios de permutar esses valores variaram muito desde a invasão, pois a fraternidade depende muito da índole de cada povo. Eis aí a vida que foi criada pelo próprio Deus. Como nós, simples criaturas, vamos mudá-la, se ainda não compreendemos a nós mesmos?

Francisco, sem dar uma palavra, parecia que dormia, mantendo os olhos cerrados para que os ouvidos pudessem escutar mais!... Jarla, recostada em um banco improvisado, estava boquiaberta, admirada com a argumentação da Senhora Bernardone, e pensava no templo de sua mente:

"Meu Deus!... Onde Pica encontrou tanta facilidade de exposição, para responder? Que grandeza de alma! Ela está sendo inspirada, com certeza. Graças aos deuses!..."

Maria Picallini respirou mais aliviada, não sabendo ela mesma de onde viera a fácil palavra, pela qual respondia ao seu filho, mas, o certo é que estava respondendo. Francisco, no demorado silêncio, somente ouvia, analisava a exposição de sua querida mãe, sem com isso aceitar tudo que ela falava; todavia, a educação fê-lo manter-se calado, até que sua genitora terminasse a explicação. A linda mulher continuou com carinho e suavidade:

- Francisco, meu filho, todo este conforto que nós outros desfrutamos nesta casa, vem desse esforço do teu pai, que tem a virtude muito sagrada do trabalho. Não vês, querido, que enquanto dormimos, ou nos entregamos à leitura °u ao passeio, ele está trabalhando ou viajando em função das vendas e das compras, sem medir sacrifícios? Todo trabalhador é digno do seu salário, assim nos diz o Evangelho. E ele faz questão de desfrutar o fruto do seu trabalho, morando bem e comendo regularmente. A fama de rico é pelo muito trabalho, além do normal, e pelo ouro que ajunta com o suor do próprio rosto. Será lícito o julgarmos usurário? E nós que também desfrutamos, com pouco ou nenhum esforço para ajudá-lo? A segurança financeira de Pedro Bemardone é igualmente minha e tua, senão de Jarla e dos servos, que também vivem conosco... E ainda mais, Francisco, nós não podemos querer modificar a natureza de teu pai de uma hora para outra; cada um de nós tem tarefas diferentes, de acordo com a posição que ocupamos no mundo.

Até entre os animais existe diferença de sorte: uns são caçados pelos homens, e depois de mortos, esquartejados, assados e comidos. Outros servem de sacrifício aos deuses, sendo, em muitos casos, queimados vivos. Outros nascem no mesmo lar que os humanos e são carinhosamente alimentados e tratados como filhos da casa, até a morte natural. Assim

são as plantas, assim as aves. Eis que as próprias pedras, meu filho, diferenciam-se no modo de servir. Quantas delas servem para embelezamento de nossas casas, sendo admiradas e às vezes tocadas levemente por mãos delicadas e carinhosas, enquanto outras vêm nos servindo de piso há milênios, sem que pelo menos paremos um segundo que seja para agradecer-lhes pelo que nos fazem? Entre os homens, não há diferença!... O progresso da evolução da alma não pode mudar, porque nós achamos, no aflorar dos nossos sentimentos, que as leis estão erradas. Os grandes profetas, os grandes santos, e mesmo Jesus, disseram que não tinham vindo para julgar alguém. Tu e eu é que vamos fazê-lo?

Parou um pouquinho, já com os lábios secos. Olhou para Jarla com alegm, que pela feição deu-lhe todo apoio. Olhou para Francisco; este continuava com os olhos cerrados, meditando no que ouvira. Maria Picallini começou novamente:

- Francisco!... Acho-te de pouca idade para pensar nestes relevantes assuntos. Observa que existe isso em toda a parte. Não serás tu, uma criança de Assis, que vai mudar o mundo. Se porventura, algum dia, já adulto, achares que esse proceder de teu pai e do resto do mundo está errado, procura vida diferente, ou une-te a quem pensa do mesmo modo, sem oprimir quem quer que seja. Toda opressão gera malquerencia, toda imposição gera ódio, e todo julgamento apressado nos diz, pela experiência, que o errado é, em verdade, o julgador. Não queiras servir nunca de motivo de escândalos! Se nasceste sem interesse nos bens terrenos, não queiras obrigar os outros a fazerem o mesmo. Respeita as ideias e a vida alheia, que desse modo, Deus haverá de te abençoar e o teu coração será um coração de luz...

Espero que tenha respondido às mas perguntas e que medites sobre o que eu disse. Como tu, a nossa Jarla está calada, somente ouvindo, e eu gostaria de ter a sua abalizada opinião acerca do que eu disse e do que eu penso.

A ex-serva dos Bernardone saiu da meditação em que se encontrava, suspirou profundamente, desatou um sorriso suavizante, falando com bom humor:

- Tudo que falaste, Maria, está mesclado da mais alta sabedoria; que o Céu te conforte e proteja. Eu nada tenho a acrescentar, e mesmo que o tivesse, não me sinto digna de corrigir-te. Se alguma coisa eu pudesse fazer, era somente pedir a Francisco que te ouvisse. Sócrates já falava quase há dois mil anos atrás, que o primeiro impulso da alma nobre, no mundo, é querer consertá-lo de uma só vez, mas que o tempo mostrar-lhe-á o engano, e ela passará a consertar a si mesma. Acho, Pica, que Francisco deve aproximar-se mais da realidade, pois a sua idade e senhor de muitos sonhos. A vida não é tão fácil, do modo pelo qual a juventude pensa ser. Os melhores professores que por vezes encontramos, são os anos que pesam em nossos ombros. Creio eu que este menino do

nosso coração vai aprender com mais facilidade as leis naturais, que nos dignificam a existência...
De qualquer modo - disse Jarla, olhando para o rapaz, que abria os brilhantes olhos - é bom que respeites os teus pais, para que tenhas anos de paz na Terra.

E tomou a repetir:

- Nunca é demais o respeito aos direitos alheios.

Francisco, ligeiramente pálido, mas com expressão alegre, levantou-se e enlaçou as duas mulheres, uma em cada braço, distribuindo beijos entre elas, que no mesmo instante acenderam os corações de amor e ternura pelo rapaz, e ele proclamou com meiguice e afeição:

- Ambas sois, para mim, estrelas que Deus colocou em meu caminho, fontes de água pura, de sorte a matar a minha sede. São duas almas nas quais poderei encontrar segurança. Senti, mamãe, a verdade em tuas palavras; não sei se poderei segui-las, mas sei que falavas com sabedoria superior às nossas capacidades e que alguém é capaz de provar tudo isso, pelo Amor. Eu, na verdade, não sei o que será de mim... De uns dias para cá, algo dentro de mim me impele para posicionamentos contrários àqueles em que se situa a maioria dos homens. Que Deus me ajude, para que eu não seja lapidado ou crucificado como o Cristo que tanto amamos. Não quero inovar o mundo, nem os homens; ambiciono sim, difundir pela vida, a alegria pura, a amizade sincera, a fé sem covardia, a piedade sem hipocrisia, a caridade sem trocas e o amor sem barreiras. Ouviste bem, mamãe? Ouviste bem, Jarla?... Essa é a voz que canta dentro do meu coração! Vós, tenho certeza, me entendereis, mas meu pai, não. Mesmo que eu não o oprima, serei oprimido por ele, mas isso não importa. O que importa para meu destino, é servir à causa de Deus, que é a mesma causa de Jesus!
Não tenho idade, como disseste, para tanto!... Todavia, não é somente a idade que faz o homem carregado de valores, que perdoa os inimigos, que esquece o malfeitor, que ama o companheiro; é acima de tudo, o dedo de Deus que toca a campainha da inteligência e do coração, em prol da humanidade, sem medir sacrifício.
Mamãe, ontem à noite comecei a ter piedade profunda de todos os seres que sofrem, do inseto ao homem... Mesmo que eu não quisesse sentir essa emoção, não conseguia... E como se não fosse somente eu, mas algo que existe em mim que me leva a pensar e a sentir desta maneira. O que fazer, senão seguir o que explode dentro do meu peito, como sendo o próprio Deus querendo sair, e ajudar os outros, amando sem exigir e abençoando sem distinção? Devo mostrar às criaturas que a fé é um patrimônio comum a todos, que

Deus existe, que o céu é uma realidade e que somos eternos na eternidade do Pai Celestial.
Estou encontrando uma facilidade para falar sobre o que eu mesmo ain não sei explicar, mas que vós podereis sentir, porque sois as pessoas que mais conheceis, e sabeis que eu não sei o que estou falando. No entanto, falo co desembaraço e com certeza no que digo. Mamãe, eu te agradeço e estendo gratidão também a Jarla. Tu me abalaste com as mas argumentações, o que foi bo Despertaste outros valores na minha inteligência e fizeste com que o meu coraç pulsasse com mais ritmo, marcando limites para a bondade e freando a verdade sua marcha, quando ela começar a prejudicar. Agora estou sabendo que o nos dever na Terra é o de semear a boa semente... e que o crescimento da planta perten ao Senhor. Se pudermos, é bom que laboremos no seu cultivo. Vou tentar fazer melhor que um homem de bem pode fazer!... E nesta noite mesmo vou pedir a De e a Cristo que me inspirem, para que o bom proceder me envolva. E desanuviou-num sorriso encantador. Seus dentes pareciam um punhado de pérolas reluzentes, os olhos, dois astros a fazerem brilhar qualquer consciência. Abraçou novamente duas, e trocou beijos de respeito e gratidão, no eterno Amor que os unia. A ex-se pediu silêncio, no que os dois a atenderam e a velha grega puxou uma linda canç que se intitulava *Esperança!*

12

Começa a Luta

"Quanto a mim, porém, estando eles enfermos, as minhas vestes eram de pano de saco, eu afligia a minha alma com jejum, e em oração me reclinava sobre o peito ".

Salmos, 35:13.

Francisco achou que sua mãe e Jarla tinham plena razão acerca do seu comportamento diante do desajuste dos homens, e, principalmente, da conduta de seu pai, na transação comercial. O mundo e os seres que nele habitam foram feitos por Deus, e o que está se processando nele é com a Sua aquiescência. Que toda mudança brusca é perigosa e que cada um tem missão diferente do outro, que cada criatura não deve prejudicar a outra,

nem tampouco julgá-la. Quem se achar na ordem dos missionários, deve antecipar, nos seus atos, uma conduta mais ilibada. Não deve esquecer o perdão correlato com a misericórdia, a caridade com desprendimento e o amor sem exigências. O filho de Pedro Bemardone meditou dias a fio e concluiu:

"Não devo realmente fazer o que pretendi, querendo modificar de uma só vez o modo pelo qual meu pai vive, se conduz no comércio e age com os seus servos, porém, cruzar os braços frente a essa temática, deixar de colocar as pontuações na leitura evolutiva deste homem, é outra coisa. Ele precisa compreender a leitura que está ouvindo, pela vida que leva. A natureza espera mãos que possam guiá-la aos seus sentimentos, mesmo que em detrimento dos seus interesses mais profundos, nº tocante aos seus bens materiais. Não importa as suas reações; estarei disposto a todo, desde que seja para o seu bem e seja a vontade de Deus."

Francisco era alma sensível e generosa. Era harpa afinada, que o mundo espiritual poderia dedilhar, quando lhe aprouvesse, e foi isso que ocorreu. A luta eomeçou para ele dentro de sua própria casa, e quem fê-lo lançar mão da espada

foi seu próprio pai. Pedro Bernardone acendeu no coração do seu filho, a chama de amor pelos outros, de igualdade, de humildade, de que todos deveriam participar da alegria universal, e o que falou à sua mãe e à Jarla nasceu no cerne do espírito; o que elas lhe responderam deu-lhe uma linha de procedimentos sem precedentes. Muitas vezes se surpreendia apreensivo; no entanto, sentia um cântico por dentro, sua consciência abria-se em clareira extraordinária. Uma força interior lhe ordenava, na urgência da sua missão, para prosseguir... E foi nesse transe, que teve interesse e conversar com Deus, pelas vias da oração.

O filho de Maria Picallini colocara-se, por destino, em extremo contrário seu pai, em tudo que se pudesse analisar desses dois homens...

Vamos encontrar Francisco em seu luxuoso quarto, vestido com roupas de esplêndida beleza para as horas de descanso. Seus pés descalços afundados em grosso tapete, não apareciam. Sentindo-se desajustado naquele ambiente, não consegui naquela noite, conciliar o sono, na necessidade de descanso, ainda que desfrutan do conforto habitual e com a cabeça despreocupada, no tocante às coisas material Ele, o Missionário do Amor, estava inquieto para começar seu trabalho. Se preciso, ofereceria o seu próprio corpo, para testemunho de que algumas coisas deveriam mu no mundo e nos corações. Os fatos espirituais exerciam sobre ele grande influência tanto gostava das histórias de Jesus que sua mãe e Jarla contavam, como sentia uma saudade atávica da época do Mestre, como se tivesse participado intimamente de todos os detalhes de sua vida. Várias vezes, sua mãe se surpreendera, quando ele terminava uma história, por ela começada, sobre a vida do Cristo.

A sua mente era um fulcro de ideias intermináveis; parecia um desfile constante de pensamentos, entre os quais ele escolhia os mais agradáveis, os que mais se coadunassem com os seus sentimentos. Notava-se uma claridade diferente e torno dele; seus pensamentos riscavam os espaços como fios de luz, e na medi em que se elevavam, mais se acentuava a claridade. Naquela hora, ele estava encontrando com Deus. Pondo-se de joelhos, falou com benevolência:

- Pai Celestial!... Sinto que nasci para alguma coisa, nesta Terra abençoada Sou como ave solitária, que o cansaço fez descer nesta região. A cidade de Assis acolheu-me com carinho e nesta mansão desfruto do luxo; o ouro convida-me extravagâncias, que meu coração desaprova, intentando convencer-me de que o meu caminho é diferente, e que devo fazer alguma coisa em favor dos surdos e cegos que andam comigo...
Pai de todas as coisas!... Que devo fazer? Onde devo pisar? Que de comer? Qual deve ser a minha maior preocupação? Alivia, meu Deus, esta guerra que eclodiu na minha frágil mente. Eu quero a paz!
Força poderosa do Universo!
Rogo que me compreendas. Ao ver a injustiça, sinto-me impulsionado para a defesa. Ao ver a violência, principalmente contra os indefesos, desejo posicionar-me em seu favor. Ante a mentira, sinto que se aviva em mim a chama da Verdade, ainda que seu preço seja elevado para mim. Dá-me condições, meu Deus, para instalar a paz onde houver guerra, o amor onde houver ódio, a concórdia onde houver discussão, a fé onde houver dúvida, e o trabalho onde houver inércia!
Eu quero ser útil, bom e agradável. Mas como fazê-lo? Traça, meu Pai, em meu coração, o Teu programa, que o seguirei fielmente. E permita que eu seja instrumento fiel em Tuas sagradas mãos.
Deste-me uma mãe admirável, colocaste em meu caminho um sol na pessoa de Jarla, bem como muitos companheiros afáveis; devo-Te muito por isso. Ainda que me falhem os recursos para agradecer-Te, quero Senhor, que decidas a minha vida, que sinto palpitante dentro do peito. Rogo-Te os favores dos deuses menores, para que possam guiar-me nos roteiros da Terra, e me ajudarem a decidir nas encruzilhadas das provações.
Permite-me, Senhor, que eu fale igualmente com Jesus, o Teu filho incomparável, aquele Mestre que não posso esquecer desde os primeiros entendimentos, quando minha mãe contava-me Suas histórias e a fascinação pelos Seus conceitos me esmagava. Escuta-me Cristo!... Sou um frágil barco no Mediterrâneo em tempos de tempestade, e as ondas levam-me a seu sabor. E um impulso para Ti me arrebata. Que queres que eu faça? Estou prestes a cair nas águas perigosas, sem ter a habilidade do nadador. Estou ansioso por uma mão, qual a que deste a Pedro no Mar da Galileia, socorrendo-o ao faltar-lhe a fé.

Sou um verme; no entanto, eles também são criaturas do amor de Deus, e têm sua utilidade, em se pensando na onisciência do Criador.
Quero saber da minha utilidade e conscientizar-me da minha missão no mundo, para que eu não venha a fazer sofrer os que convivem comigo, para que eu não seja ingrato com aqueles que me deram um corpo!... Porém, que a minha obediência primeira seja a Deus e a Ti, Segurança Universal do meu coração e de todas as almas! Compadece-Te, Senhor Jesus, dos que sofrem, dos oprimidos, dos servos, dos que têm fome e sede de justiça!
Disse minha mãe, que como Tu, nasci numa estrebaria. Teria sido para advogar a causa dos que sofrem, como animais, trabalhando dia e noite, somente com direito a parca ração, aguentando a tala grossa do feitor? Seja o que for, estarei e ficarei operando a Tua ordem. Sê comigo, Mestre, para que eu seja inspirado; fala, para que eu possa ouvir, entendendo a Tua vontade. Toma minhas mãos nas Tuas, mostrando-me os campos de trabalho, onde devo acionar os instrumentos de plantio...
Francisco estava inundado de luz! Num momento, deu-se suave estalo centro da sua vida. Seu córtex cerebral tomou-se um sol, irradiando uma luz antadora. Os terminais nervosos que se encaixam no crânio se avolumaram, dando para todos os centros de força uma energia divina, suspendendo o espírito a alturas inacessíveis, colocando-o a respirar com divina força da vida. Seu peito parecia uma constelação, onde as estrelas brincavam de esconder e ressurgir. Cores variadas cruzavam seu ser em êxtase. O coração do rapaz absorvia as claridades, sem que a escrita pudesse explicar, sem que o verbo encontrasse recursos par; reproduzir. Uma auréola em que o azul celeste predominava, tomou o centro das s emoções e, no meio do coração, abriu-se uma estrela de luz.
Naquela via interna de Francisco, sem que ele percebesse, andava um mancebo iluminado, que poderíamos traduzir como sendo um sol dentro de outro sol. Porém, aquelas imagens passavam pelos centros da vida, tomando dimensões favoráveis, recebendo certa consistência no coronário. Eram ampliadas pelas glândulas pineal e pituitária, encaixando-se na retina, deixando Francisco contemplar perfeitamente o que se passava dentro de si. O fenômeno divino, pela vontade de Deus, pela presença do Cristo em seu íntimo, era Jesus andando no mundo do seu coração, falando aos ouvidos da alma e acompanhando as suas palavras, as imagens correspondentes.
Quem visse seu corpo naquela hora, mal o distinguiria, pela profusão de luzes que o cercava, provindas de fora e nascidas de dentro. Era o encontro do Mestre com o discípulo. O jovem escutava com serenidade, dentro de si:
Francisco!... Temer é cortar a comunicação com quem quer te ajudar. Duvidar é fazer crescer dentro de si os obstáculos. Sentir-se ofendido pela incompreensão dos outros, é sinal que não aprendeste a perdoar. Julgar os erros dos outros somente por julgar, é atestado de que o amor não se fez presente no teu coração. Eu sou aquele que haveria de

voltar!... E volto quantas vezes forem necessárias, aos corações dos homens de boa vontade, desde quando abram as portas para que eu possa me fazer presente e dizer novamente: a Paz seja convosco!... Sê dócil, meu filho, aos teus irmãos!... Ajuda-os sem os violentar, e compreende, sem exagero, que o trabalho é demorado. Quantos milênios gastaste para principiar a sentir o bem, alimento do espírito? A ignorância pressionada toma-se prepotência desenfreada, e a falta maior será de quem se fez mestre, sem tolerância para ensinar. Eu ainda continuo crucificado no mundo. Tira-me da cruz! O prazer dos homens é me ver sofrendo; já é tempo de mudança, e o começo é teu. Faze-te instrumento dessa paz, no seio dos homens!

A Igreja precisa do teu trabalho, da tua vivência e do teu sacrifício, não para reformá-la de uma só vez, mas para fazê-los com continuados exemplos e a ajuda de milhares de trabalhadores. Eis que estás no mundo para essa batalha, que, de certo modo, tem um preço muito alto. Deves empenhar a ma vida na construção de uma vida nova e não deves carregar nos teus alforjes, nem prata nem ouro! Não porque a prata **e** o ouro, em si, possam fazer-te algum mal; mas porque, se dermos apoio em demasia< riqueza, à ignorância que avassala o mundo, que incentiva o fortalecimento da usura, do egoísmo e da vaidade, os homens bem aquinhoados que já desprezam os PoDí^ e os escravizam, tomar-se-ão piores, pelos exemplos que já tivemos, do sofrime das grandes almas que eles respeitam, ainda que as persigam. ^

> Terás de exemplificar a humildade e a obediência, e o teu amor deve chegar às culminâncias. Deverás fazer um enxerto divino na grande árvore humana, já bastante carcomida pela iniquidade e pela prepotência. Meu nome é lembrado nas festividades dos santos famosos e falado com eloquência nas pompas e exéquias papais; é escrito nos lugares de maior destaque e por vezes, nas bandeiras de guerra... O teu labor será diferente e mesmo que encontres dificuldades, deves mostrar os conceitos doutrinários do cristianismo, em toda a pureza de seu surgimento e em todo o fulgor da sua essência, sem preocupar-te exageradamente com quem está ouvindo, seguindo e vivendo. O trabalho é realizado em sequência, pois essa é a lei natural de todas as coisas. Confia e espera.

Tem como dogma a fé, como espada, o amor e como clima, a caridade; como alegria, a servidão, como casa, o império terreno e como escola, a natureza; como alimento, também a palavra de Deus, como luz, também o entendimento e a rua guerra será estabelecer a paz!

Francisco!... Não deves, em tempo algum, esquecer o perdão: não deves temer as ingratidões, a pobreza, nem tampouco a dor, pois esses meios são forças de Deus, para desatar a luz nos corações dos meus discípulos. Aceita a humanidade como ela é, cooperando com ela em algumas mudanças. Faze-te qual o sol e a chuva, que não procuram saber a quem estão favorecendo, no vasto campo de benefícios. Recebe todo o

rebanho da Terra como irmãos, pois são todos filhos de Deus, com os mesmos direitos de viver e de trabalhar, em busca da felicidade. Os desígnios de Deus devem ser respeitados por todos. Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, mas o respeito aos teus pais da Terra não deve ser esquecido. Podes fazer muito, se interpretares fielmente o chamado de Deus. Estarei ao teu lado, se abrires o teu coração para que eu possa te falar claramente. Até breve.

Aquela voz suave e grave, meiga e ao mesmo tempo enérgica, branda e atrativa, de um poder sem limites, introjetou no campo mental de Francisco todo o arsenal doutrinário das instâncias de luz. Este, voltando a si, olhou em derredor, e sentiu um fenômeno transcendental: as paredes e o teto de vime calafetado e envernizado com resinas apropriadas não se constituíam, para ele, em obstáculos, vendo, tanto o céu e as estrelas a faiscarem, como olhos vertendo lágrimas de alegria, pelo diálogo entre o Mestre e o discípulo, de forma desconhecida aos homens. Sendo o poder de Deus imensurável, os recursos usados pelos Céus são ilimitados, de sorte a fazer pensar os próprios sábios.

O filho de Pedro Bernardone levantou-se serenamente, tomou de uma e sorveu alguns goles de água, externando-se a seguir:

- Graças a Deus!... Graças a Deus!... Não tenho dúvidas de que, por processos que desconheço, falei diretamente com o Cristo. Compreendi que tenho uma missão a desempenhar junto aos homens, meus irmãos, e sei que Deus me vê nos caminhos tortuosos, assinalando o meu coração com a bandeira da vitória, começar por aqui, em minha casa, o que devo fazer no mundo, sabendo que os maiores obstáculos estarão em meu próprio pai, a quem muito devo. Como ofertar-lhe gratidão, sem ofendê-lo? Como abençoar seu empenho em meu favor colocando-me em posição contrária? Todavia, para quem tem fé e confiança na Suprema Justiça, o impossível toma-se viável e eu vencerei, por amor à Justiça vivendo para o Amor!

Notou algumas claridades no quarto, mas logo o coração segredou ao raciocínio, que aquilo fazia parte do transe ocorrido. Procurou o leito, e beijou as suas próprias mãos como se fossem as do Cristo, recitou um salmo de Davi e o Pai Nosso, dormindo profundamente. No dia seguinte, levantou-se cantarolando uma canção que a velha Jarla havia lhe ensinado, para saudação ao Sol, que voltava da sua viagem na formação de novo dia. Procurou a mãe e a velha grega, abraçando-as com carinho e amor, trazendo estampadas em sua fisionomia pureza lirial e alegria contagiante. As duas mulheres, espantadas, notaram em Francisco algo de divino e estranho. Interpelaram-no, procurando saber o que se passava em seu coração; o rapaz desconversou com palavras fáceis que a filosofia de Jarla lhe ensinara. Desdobrava-se em carinhos, ilustrando-os com beijos, e as mulheres, em silêncio, com isso se deleitavam, sentindo saudades do Anjo de Deus com que sonharam há muitos anos atrás...

No mesmo estado de espírito, foi diretamente para a casa de comércio de seu pai, passando a ver os empregados como os verdadeiros donos do negócio e vendo nos seus filhos, direito de participação do mesmo conforto e da mesma oportunidade dos filhos dos patrões. Visitou todo o estabelecimento, e deparou com velhos trabalhando sob pressão do gestor, alguns doentes e mal alimentados, sem um mínimo de conforto para suas necessidades e não raro, rolavam lágrimas dos olhos dos anciãos, marcando algumas histórias que ninguém tivera tempo de ouvir.

Saiu, indo à estrebaria, onde se notavam cavalos de raça sendo raspados, lavados, recebendo óleos perfumados nas caudas e nas crinas e um preparado luminoso no pelo, aparados os cascos e sendo-lhes aplicados alguns desenhos na cara. De um lado, felpudos cobertores, que se ajustariam em seus lombos, pela magia bem posta dos cortes de hábeis costureiros. A fartura de alimentos mostrava a qualidade dos animais. Um velho, já abatido, queimado pelo sol e crestado pelo frio, se movia com um esforço descomunal para atendê-los, a fim de que o capataz não percebesse a inquietação dos animais e o fizesse experimentar as grossas talas nos ombros que já passaram muitos anos de sofrimento.

Francisco entrou no estábulo, saudou o velho que se curvava com reverência, tomou-lhe as mãos com afeto, beijando-as com delicadeza. Este, assustado, com medo de que alguém os estivesse observando, esforçou-se para se livrar do rapaz, o que Francisco não permitiu, segurando com firmeza o seu esquelético braço e, fazendo-o assentar-se no monte de alfafa, falou brandamente: Como te chamas, meu velho?

A voz embargada do ancião impediu a fala de sair. Fez pequeno esforço e começou a dizer:

- Meu jovem senhor... Deus te abençoe!... O meu nome é Basílio, e tenho setenta e cinco anos. Sou foragido de Roma, onde meus pais foram decapitados em praça pública. Tinha eu quinze anos quando assisti a esse drama, que nunca mais esqueci. Vi com esses olhos as cabeças dos meus pais tombarem, e tive a oportunidade de sentir seus últimos olhares para mim, e eu gritava, sem que o socorro chegasse. Horas depois, estava num mercado de escravos, onde logo fui vendido a um rico camponês, para o qual trabalhei sem descanso.

Francisco, ouvindo o velho, de vez em quando passava as mãos macias nos seus cabelos cor de neve, dizendo:

- Continua, vovô, conta teu caso, que estou me sentindo muito bem em ouvir-te. Prossegue, nada acontecerá contigo, pois estou aqui para defender-te, caso surja o capataz.

E o velho, com os olhos em agonia, chorando qual criança desesperada em busca dos pais, contou sobressaltado:

- A vida, para mim, tem sido dura demais, meu filho. Quando fui vendido para o camponês, senti o coração amargurado, sem compreender o meu próprio destino. Por vezes a esperança invadia meu ser, e, sem que eu soubesse por quê, certa serenidade bafejava o meu coração, de maneira a ficar semanas e mais semanas, sem contestar com revolta, os acontecimentos. E foram esses momentos que me levaram a acreditar em Deus, a quem hoje eu tanto amo. Parece terem caído sobre mim todos os males, e que todos os pecados dos homens vieram ao meu encontro, fazendo com que meu corpo fosse flagelado. Que Deus abençoe as minhas provas e sejam elas em favor de alguma coisa.
E o velho servo deu um sorriso meio melancólico, como luz que escapa através de minúsculo prisma da alma, falando compassadamente:

- Menino Francisco, és para mim um Anjo, que se esconde nessas vestes de luxo. As suas roupas são reluzentes, mas a tua alma é muito mais. Desde quando pegaste em minhas mãos, senti renovar-se a vida em mim, e tive o mesmo consolo que sinto e quando em vez, porém, muito mais acentuado, mais divino, parecendo que meu coração se abriu e que dele sai algo que o fazia sofrer, fazendo-me sentir um alívio inexplicável... Como negar a existência dos deuses, meu filho!... Como negar uma força poderosa de justiça e de amor que regula todas as vidas e todas as coisas?
E apontando com o dedo que os anos entortaram, mostrou a Francisco:

- Esta estrebaria, este mundo em que vivo há muitos anos, como servo dos próprios animais, foi e é para mim uma escola valiosa, que me ensinou a silenciar e a entender quem não pode falar. É o meu verdadeiro lar, e, em muitos casos, tenho nos animais companheiros afáveis. Somente eles conhecem, por incrível que pareça, as necessidades de carinho que tenho. Lambem as minhas mãos com ternura, e muitas vezes passam a cabeça em meu peito, fazendo-me lembrar de minha mãe. Quando durmo, sou vigiado por eles, que dão sinal de qualquer perigo Isso me conforta e consola. Não é Deus quem está me ajudando e, desta forma, me mostrando que Ele existe para todos os seres? Não é para um velho doente e cansado, oprimido e esgotado, como eu, um sinal de que devo ter esperança e fé em uma Inteligência Maior? Há sessenta anos que sirvo a senhores, que se fossem iguais a estes animais, eu estaria no céu... O melhor de todos eles é o teu pai - as marcas do meu corpo demonstram o que já passei. Eis o meu drama! Com licença filhinho... E tirou a camisa, bem pior que a enxerga dos animais de cela... Na pele escura do ancião, viam-se estrias que assinalavam o passeio da tala de couro cm de muitos

capatazes, e sinais nas orelhas e no crânio mostravam que já tinha passado por muitos donos.
Tomou a vestir a rota camisa, acentuando com voz entrecortada:

- Meu filho, tu não mereces ver essas coisas, não sei porque estou te mostrando, não sei! Isso é uma grave falha minha, sujar a tua mente de infantil pureza, com as imundícies do mundo! Perdoa-me, perdoa-me!...
Francisco deixou escapar duas grossas lágrimas, que correram pelas faces, molhando as mãos encarquilhadas do servo e lhe falou sorrindo, tocando de leve os lábios em seus dedos:

- Não, meu irmão, não te cales. Fala, mas fala tudo, que terei muito prazer em ouvir-te.

Os animais movimentavam-se em todas as direções e suas caudas bem tratadas espantavam as moscas, que poderiam inquietar os dois homens em diálogo. O velho nunca tivera emoção igual, e pensava, recostado no monte de feno amarelado:

"Como Deus é bom! Um senhor como este, descer tanto para ouvir um resto de homem, como eu! Qual o prazer que ele tem nisso? Qual o interesse? Que ventos o trouxeram aqui? Conheço o menino Francisco, que sempre sorri para a gente, mas nunca chegou ao ponto de misturar-se com um servo que cheira tão mal, os mais desprezíveis animais. Parece que já descobri... E Deus, novamente. *A0* mais visível, a me confortar. É isso mesmo!..."
E tomou a chorar... E os segundos de silêncio trouxeram ao servo inspiração ara continuar a conversa. Falou mais desembaraçado:

- Meu filho!... O castigo que me apavorou mais, foi o que o penúltimo senhor mandou fazer comigo.

O velho Basílio, engasgado de emoção, após pequena pausa, continuou:

- Havia, na rica propriedade, uma serva por quem eu nutria grande afeto, que fora, obrigada pela força, transformada em amante do feroz capataz. Certo dia, eu conversava com ela, quando fomos surpreendidos por Estrião que, enfurecido, levou-me, amarrado, à presença do senhor, relatando o ocorrido, porém, torcendo a verdade e fazendo acusações falsas.

O senhor, que estava saindo de viagem, subindo na luxuosa carruagem, falou apressadamente: Não tenho tempo agora para tratar dessas ninharias. Faze com ele o que te aprouver.

O ancião fez nova pausa e disse:

- Não sei se devo prosseguir. És muito jovem e não vejo por que preocupar-te com fatos tão brutais.

Francisco, passando carinhosamente as mãos nos cabelos do velho, respondeu com calma:

- Não tem importância que eu ouça, vovô, fala; será bom para nós dois.

- Está bem, disse Basílio, prosseguindo. Estrião mandou levar-me para o local destinado à punições dos escravos, fazendo com que me despissem e, impiedosamente, efetuou a dolorosa e humilhante mutilação do meu órgão genital. Fiquei por longo tempo entre a vida e a morte. Somente a misericórdia de Deus e as intenções de um bondoso velho, conhecedor de raízes e ervas curativas, evitaram que eu morresse.

Agora, se me permites, menino Francisco, vou parar. Acho que já chega. Sinto que sofres comigo e não desejo que isso aconteça. Vai, meu filho, vai embora, Pois pode ser pior para nós!... Que Deus te abençoe, que a nossa Mãe Santíssima te tenha para sempre em seu coração. E que Jesus Cristo seja o teu guia.

Francisco estremeceu quando ouviu falar em Cristo e de Sua Mãe, daquele modo tão simples, mas tão sincero. Um bem-estar indizível dominou todo o seu ser. Levantou-se e saiu como se tivesse cursado, por muitos anos, os maiores liceus das grandes cidades. Sua cabeça era um ninho de ideias em profusão. Aquele dia foi para ele grandes experiências, no encontro de realidades de que ele tanto precisava. Qu-coisas reais e ansiava pela Verdade, para que pudesse consolidar o Amor no coraç

Já era noite quanto regressou à casa; as estrelas começavam a brilhar intensidade... Antes de entrar na mansão, parou e contemplou o céu. Perpassou os o inquietos de emoções por toda a constelação, e falou no profundo da alma:

- Deus, ajuda-me a compreender o que devo fazer!

Foi diretamente aos seus aposentos, deixou-se cair nos macios pelegos que atapetav o chão e viajou, nos "braços de Morfeu", para regiões resplandecentes...

Experiência Diferente

No dia seguinte, já refeito dos golpes morais da história do velho Basílio, Francisco procurou interrogar mais pessoas que trabalhavam para seu pai. Falou com um daqui, com outro dali, sorriu afavelmente para todos, disfarçando a pesquisa, colhendo experiências diferentes, para que o coração e o raciocínio pudessem somar todos os resultados, dando-lhe a Justiça. E neste transe, ele poderia moldar suas atitudes, aliando a teoria à prática. Não queria, de modo algum, colocar-se em extremos. Tinha, por natureza congênita, a universalidade. Achava que a justiça era uma força sublimada e que somente ela poderia abrir caminho para o Amor.

Operavam-se em Francisco grandes mudanças. O pai já estava preocupado com ele, que por vários dias de nada cuidara, somente andando, conversando com servos e empregados, não dando atenção, como antes, às ordens de Pedro Bemardone. Despertava-se nele a sua real personalidade, bem como a conscientização do que deveria fazer. Era como se outro Francisco estivesse surgindo...

Saltou dentro de uma carruagem e falou com energia ao cocheiro:

- Toca para as terras do Sr. Bemardone!...

O cocheiro, acomodando-se prestativo, respondeu com delicadeza:

- Qual delas, senhor?

Ele, já refeito, respondeu com afabilidade:

- Abel, desculpa-me o modo como te falei, quando subi à carruagem. Se ficaste ofendido comigo, peço-te desculpas. Por favor, desculpa-me ao sítio de Apolo.

O chicote estalou no ar, e os cavalos saíram em disparada. O filho de Pio entrou em meditação, sem perceber as duas horas de viagem, no percurso de Assis a Apolo, terras férteis, onde o cultivo se fazia admirar. As parreiras circundava grande extensão de terra, o trigo crescia com força descomunal, mostrando mais interessados pelo fenômeno da natureza, algo de divino entremeado às coisas materiais. Variados tipos de frutos eram emblema valoroso da região.

Chegados ao seu destino, Abel parou os cavalos banhados de suor, logo os encostando juntamente com o fiacre em uma grande sombra, que uma árvon amiga ofertava. Francisco desceu, sentindo-se livre, respirando o ar puro dos campos, natureza o favorecia, pela sua própria natureza espiritual, na compatibilidade vidas puras.

Entrou no casarão, onde deparou com dezenas de servas correndo um lado para outro, em ocupações variadas, desde a limpeza ao preparo do alimento destinado aos servos que rompiam o eito de trigo, sob a severa vigilância de vário feitores truculentos.

Francisco desceu um despenhadeiro correndo e cantarolando, deslizando os olhos em todas as direções, num monólogo sem precedentes:

"Meu Deus! Por onde devo começar? Quero fazer alguma coisa de bom em benefício da humanidade!... Como é difícil ser útil! Como é difícil compreender os nossos deveres diante da nossa consciência! Como é constrangedor a gente ver e sentir a opressão nos outros! Não posso parar mais e as ideias fervilham em minha mente, qual uma vasilha de água em demorada fervura. Sei que o destino me reserva uma parcela de luta em favor dos que sofrem, e graças aos céus, não me falta disposição. Eis que me empenho contigo, Jesus, para que me ajudes. Mestre, abençoa minhas atitudes e não deixes que eu entre em caminhos que não condigam com a Verdade e com o Amor!
Vejo, Senhor, que a Terra é um céu em que a natureza reflete as leis harmoniosas da vida, e é um livro divino dos mais difíceis de nele se aprender a ler e a compreender a Tua vontade nas coisas que, por vezes, conversam conosco e que, em muitos casos, não temos ouvidos para ouvir e, muito menos nos sentimos apropriados para sentir essa linguagem sobremaneira espetacular. Abre, Senhor, os nossos olhos, na igualdade das nossas forças, para que possamos ver o Amor se desdobrar cm ramificações infinitas, esperando que os homens despertem para ele".
Ao parar, cansado da caminhada realizada, contemplou enorme várzea e presenciou um espetáculo constrangedor, que muito o desagradou: em cada eito de vinte servos, um feitor, estalando um chicote, acertava, de vez em quando, nos lombos nus de alguns, que somente tinham a liberdade de gemer, mas não a de parar. Nem bem começara a sentir revolta no coração, compreendeu porque estava ali, acalmado pela razão, trabalhada por sua mãe e por Jarla, ao responderem às suas perguntas- Mesmo assim, no seu íntimo acendeu-se um fogo, não de revolta, mas de piedade para lutar com todas as forças em favor daquela gente, cujo tratamento era inferior ao concedido aos animais.
Desceu devagar o tortuoso trilho que levava à várzea e percebeu que , ao ser avistado pelos feitores, estes aliviavam o arrocho. Um deles veio depressa dar-lhe atenção, pois reconhecera ser o filho do patrão.

- Às tuas ordens, jovem senhor!... Trouxeste alguma ordem da parte de teu pai, para que seja executada nas terras de Apolo? Ou os ventos que te trouxeram anunciam somente boas vindas e esperanças para todos nós? E o feitor calou-se esperando a fala do senhor.
Francisco controlou-se intimamente, sorriu com amabilidade, mesmo a contra gosto, e disse ao capataz:

- Benevenuto, venho da parte da Paz. Graças a Deus, os ventos que me trouxeram são realmente os ventos da Esperança. A minha presença aqui, talvez seja um grande reforço ao meu coração, um começo de lutas que dificilmente tem em uma existência.

O rude homem não percebeu a profundeza da sua filosofia, mas perguntou :

- O Senhor tem alguma ordem?

- Tenho, respondeu pausadamente Francisco. Os servos deven[1] estar todos na hora da refeição, no casarão, sem que falte um. Quero falar com eles.

O capataz apreensivo, respondeu:

- Eles comem ao pé do serviço, é ordem do Senhor Bemardone... Francisco, cortando a frase do interlocutor, acentuou com energia:

-

- Faze todos eles subirem hoje, para comer no casarão. O feitor pediu desculpas, e terminou:

-

- Sim, senhor! Sim, senhor! Eles irão.

Francisco subiu por outras vias, em direção à sede da fazenda, para esperar os servos, conversar com todos e aproximar-se daqueles corações sofredores que e se tanto estimava, como se Deus estivesse convocando para altos trabalhos de nivelamento humano.

Passou pelo meio de um pomar, e ficou estarrecido com a vida exuberante Colheu algumas frutas, e começou a deliciar-se com a oferta dadivosa das árvores Agradeceu à mãe-natureza pela comida que ele degustava com prazer. Os pássaros voavam aos bandos, cantando, e ele percebia, pela intuição, que era uma canção de louvor ao Criador de todas as coisas.

Uma rede de fibras balançava-se no alpendre por entre folhagens dentro dela o filho de Bemardone punha seus pensamentos em ordem. Em sua mente foi ateada uma fogueira de ideias e perto dela o coração batia descompassado tentando, com descomunal esforço, ajudar o raciocínio na grande dinâmica do bom senso. Francisco largara o corpo por instantes, e o Espírito livre, em outra dimensão mudou um pouco de ideia, sem, contudo mudar a preocupação de servir. Cresceu mais o sentimento do bem, clareando-lhe a inteligência, no plano espiritual. Mesmo no pouco tempo que lhe foi dado permanecer nesse estado, alguém lhe soprou aos ouvidos d'alma:

-Francisco, não tentes mudar o destino desses homens de uma só vez. Cada um está no lugar certo, pelo bem que a natureza lhes quer. Os desígnios da Providência não falham, meu filho. E não penses que eles se encontram desamparados, pois cada criatura recebe de acordo com o plantio que fez em eras remotas. Aos que se colocam como embrião da vida, lhes são dados processos compatíveis com as suas necessidades, para que no amanhã ressuscitem para o Amor, para a Caridade e para a Paz. Tu, por vezes, crias sofrimentos que não existem, no sentir desses filhos. Se nessa hora te fosse dado voltar ao passado remoto, era bem provável que te encontrasses nos mesmos transes dolorosos, pela tua classificação, mas natural pelas leis que vigoram em toda a criação.
Se te revoltares contra esses acontecimentos, não estarás julgando os homens, e, sim, a Deus, que, onisciente, sabia de antemão que eles iriam sofrer o que estão sofrendo. E não somente esses vassalos passam por caminhos tortuosos na Terra; são milhões de seres em todas as escalas, de todos os reinos. E bem provável que saibas, no grau de amor que tens, que as plantas vivem, sentem, amam, e que rudimentos de inteligência, como de sentimentos, transitam no cerne do seu psiquismo espiritual. Todavia, tu que acabas de contemplar um quadro, para ti doloroso, envolvendo os servos, arranca o fruto que não deixa de ser o filho da árvore, e o estraçalha nos dentes, sem com isso pensar no sofrimento da mãe que o gerou por processos difíceis e engenhosos, qual foi a tua própria geração. Tens uma missão entre os que sofrem, e ela te custará muito caro, mas escolheste os caminhos e passarás por eles. Tem bom ânimo, avança sem temor, escutando os que sofrem, sem deixar de escutar também os que fazem com que eles sofram.

Abeirou-se, então, da rede em que estava o corpo de Francisco, uma serva, e, notando a rede parada, começou a balançá-la com delicadeza, contemplando o jovem. Sua pele dava a impressão de seda luminosa, o rosto era bem feito, os olhos brilhantes, as orelhas pequenas e a boca, meio aberta pelo transe, deixava ver dos dentes que pareciam pérolas faiscantes. Os lábios eram rosados e os olhos castanhos escondiam para ver em outra frequência. A serva nunca tivera oportunidade chegar perto de pessoa tão nobre. Ajoelhada, impulsionou o pano esticado [C]o camilha improvisada, fazendo Francisco balançar serenamente nos ares. Os filhos da negra não suportaram a cena, e ela chorou baixinho, para não ser ouvida. Francisco se viu em espírito, no leito com os servos. Mão luminosa apontava-lhe alguns dos servos, e ele observava um colorido diferente dos outros em tomo de suas figuras, evidenciando que a formação biológica acompanha a era espiritual. Dentre esses, apareciam certos serviçais que, pela sua postura, impressionaram o filho do comerciante, dando aparências, mesmo sendo servos, de senhores. A mão espiritual que guiava as experiências de Francisco deu um toque com os dedos, influindo na mente do moço, e fez com que ele rebuscasse o passado milenar dos servos. Percorreu um por um dos escolhidos, mostrando-lhe porque eles estavam ali, sob a pressão do

capataz, e sendo castigados pela chuva e pelo frio, pois essa era a disciplina conveniente para Espíritos rebeldes, refratários ao convite do Bem. E a voz acentuava com convicção:

- Qual de nós poderemos contrariar os processos evolutivos das criaturas, organizados pela Inteligência Maior? Poderemos, sim, aliviá-los sem violência, pois é para isso que estamos no meio deles, revestindo-nos, de vez em quando, do mesmo lodo onde eles se encontram. A liberdade dessas almas depende muito mais de tempo do que de nosso querer; são caminhos de iniciação que eles devem perlustrar até que o Amor desabroche em seus corações. Humildade forçada não é paz interna e se tirares esses homens dessa disciplina, como pretendias, a confusão se estabeleceria. A depravação tomaria curso, sem recurso de debelação. Essa é uma prisão benfeitora que eles, no futuro, irão abençoar...

Francisco, pela sua formação espiritual, entendera logo a ciência da vida. Na condição de Espírito livre da carne, era mestre no assunto, mas agora reencarnado, era necessário que alguém o tocasse, para relembrar a Verdade das leis maiores que regulam a Vida em todas as dimensões. Assim, com a rapidez da luz, foi ao passado e muitos vassalos, e entendeu o motivo pelo qual eles se encontravam carregando, eada um, cruz tão pesada. "Falharam as minhas inspirações", pensava... entrementes, resposta não se fez esperar dentro de si: Não... Não falharam, aprimoraram-se na sequência do próprio amor. A tua tarefa é reunir milhares de cireneus... e, o quanto Puderes, ajudá-los nas subidas dos calvários da vida, sem que eles o saibam, sem que o interesse te estimule e sem que a vaidade entorpeça os teus sentimentos de amor. Faze o bem, por sentires o Bem dentro de ti.

O filho de Pica, ainda em êxtase, voltou o olhar para outros servos que, mais primitivos, quase não manifestavam claridade em tomo de si, bem próximos que estavam dos animais caseiros. E a voz continuou:

- Esses aí, são quase como os muares de carga, os bois de carro, dos fiacres, as vacas que dão leite, os carneiros que vão para as tosquias e os jumentos dos engenhos e arados. Pouco sentem a violência que os prendem à escola da disciplina. Se os levares ao seio da sociedade, por piedade e amor, que ainda não têm ressonância na profundidade dos seus seres, será a mesma coisa que ensinares a eles uma estrada, onde nunca tiveste a oportunidade de passar. Tu te esqueces de muitos detalhes indispensáveis... A teoria pode ser oferta santa de todos, mas a prática é exclusivamente individual. Se, por acaso, encontrares um homem faminto, a simples descrição da comida o saciará? Se alguém com sede te procurar e usares o dom da palavra com a retórica da última moda, com encanto,

matarás a sua sede? Se algum nu estender-te a mão, pedindo a tua capa para lhe cobrir a nudez, os teus bons conselhos o vestirão?
Tudo isso é muito valioso, mas quando estiverem unidos a tais gestos, o exemplo e a vivência. Podes fazer muito por quem tem fome, menos comer por ele; podes fazer muito por quem tem sede, menos beber por ele a água; podes fazer muito por quem está nu, menos vestir por ele. Esses homens podem te ouvir. Serviras de caminho para eles. Poderás consolá-los, incentivá-los no Amor, na Caridade, no Perdão... Poderás ajudá-los a se levantar, quando caídos. Quanto à caminhada com a cruz nos ombros, a grande subida evolutiva, pertence a cada um; a iniciação espiritual, repitamos, é individual.
Um moleque fez soar um gongo de bronze, anunciando a hora da comida, a um sinal de um feitor, que gritou autoritário:

- Subam todos para a sede, mas olhem lá, sem barulhos. O filho do patrão está aí, o que para nós é uma honra. Quero muito respeito e muita obediência! Vocês me conhecem... Fazendo três filas, todos subiram para o local indicado.
A serva, como que hipnotizada, não largara as mãos da rede em que jazia o corpo de Francisco, esquecida de sua condição e da existência de um feitor perigoso, que não mudava de feição para liquidar um serviçal. Esse feitor era apelidado de *Quinze Dedos e Três Pés,* pois, além dos dois pés naturais, nasceu com um outro adicional. Ao lado do pé direito, surgira outro, na sua formação congênita, que ficava mais alto um pouquinho do pé verdadeiro, para o qual servo nenhum poderia ficar olhando. Isso o fazia sofrer, sentindo-se humilhado e, por isso, era capaz de tirar a vida de qualquer pessoa que encontrasse sorrindo, e que ele desconfiasse que fosse de seu defeito.
A criada assustou-se com a mão descomunal do feitor que a puxava pelo ombro e pela sua cara, já antevia seu destino. Antes de repreendê-la, para não assustar o patrão no seu sono tranquilo, o homem de ferro puxou-a sem respeito, distanciando-a do filho de Bernardone; e ela, por medo, abafou a vontade de gritar. Todavia Francisco acordou assustado, por notar quanto tempo se passara sem que ele percebesse, saltando agilmente da rede. O feitor, notando sua presença, largou a criada e foi ao seu encontro dando explicações:

- Perdão, senhor!... Mas encontrei esta maldita criada bem encostada ao senhor enquanto dormia; talvez quisesse surrupiar algum objeto do teu uso, mas cheguei a tempo. E vou dar-lhe uma disciplina, se me permites!

- Benevenuto!... Não posso permitir que a castigues, pelo menos antes de ouvi-la, pois o senhor Bernardone a colocou aqui para seus serviços... A justiça é coisa séria. Nela devo pensar em primeiro lugar.

Tomou a criada pela mão, que o acompanhou cabisbaixa e envergonhada, sem coragem de se defender, pois o feitor não tirava os olhos de cima dela. Francisco fê-la assentar-se junto a ele no grande pátio, onde os servos se reuniam e conversavam ao pé do ouvido, admirados por estarem ali naquelas horas, ao invés de terem rompido muitas braças do eito. Um deles argumentou baixinho:

- Será que vão nos vender? Eu desconfio desses descansos: ou vão nos vender para outros senhores, ou então... nosso serviço não está compensando e o patrão mandou seu filho com ordens que meu coração percebe; queira Deus que eu esteja enganado!...

- Francisco deu ordens de servir a comida, e que os servos ficassem bem à vontade.
Francisco voltou à rede, levando consigo a criada que, tremendo, postara-se ao seu lado, sabendo que tão logo ele saísse, ela teria contas para acertar com Benevenuto, que há vários dias lhe havia proposto coisas que somente conseguiria pela força. Antes, pedira aos feitores que deixassem os servos à vontade, e esses, depois da comida, começaram a cantar e a sapatear, em um avançado folclore que lhes era peculiar.
Francisco começou a ver naquela brincadeira, parte da alegria que deveria ser dada aos homens sem teto, sem família e sem lar. A vida dos servos era comparável a dos animais. Foli era o nome da mocinha escrava, que de novo fazia mover a cama de pano, na qual ele descansava. Aproveitando a oportunidade, o moço de Assis entrou em diálogo com a aia, falando:

- Foli!... Por que vieste mover a rede em que eu estava deitado, sem que fosses mandada, ou que eu pedisse a tua presença?

Ela abaixou a cabeça, procurando concatenar as ideias para responder como sentira irresistível impulso de protegê-lo. Francisco deu tempo, para que ele pudesse falar sem constrangimento, ajudada pela sinceridade que expressava n rosto. Ela levantou a cabeça, desinibiu-se pelo ambiente de liberdade que ele lhe dava, e falou sorrindo:

- Senhor!... Ninguém mandou-me fazer o que fiz, foi ideia minha... Peço que não me maltrates. Avistei-o dormindo e senti que devia protegê-lo. Nada podendo oferecer em teu favor, a não ser minha presença como escrava, nisso senti grande alegria, como nunca tive na vida... Eu sabia estar correndo grande perigo de ser vista pelo capataz Benevenuto, homem bruto e sem coração; no entanto compensava o prazer que minha alma desfrutava ao teu lado.
A negra tinha um porte de nobreza, um perfil encantador, corpo esbelto rosto lindo e dentes brilhantes. Famosa na região, sua presença fascinava a todos que a conheciam, e

seu nome era incluído até nas cantigas daqueles homens rudes., Benevenuto já a perseguia há muito tempo, e ela temia sua presença, pela sua natureza grotesca e pela brutalidade dos traços.

Francisco prosseguiu a conversa, gostando da prosa da serva:

- Minha filha, parece que tens alguma instrução, não?

- Sim, senhor!... Tenho pouca idade, todavia, a minha mãe não descuidou de fazer-me cristã, e dentro desses preceitos, que me conquistaram sobremodo, abriu-se minha inteligência de maneira mágica, e herdei a sabedoria de minha mãe, sem que eu mesma pudesse entender. E é por saber mais que as outras que sou muito maltratada e os escravos e capatazes me perseguem de forma brutal. Mas o que fazer contra tanta gente? Perdi minha mãe e não conheci meu pai. Somente sei que era homem de grandes negócios. Da noite para o dia a nossa casa foi invadida pelos Templários Negros, minha mãezinha foi abatida, e eu levada e vendida no mercado de escravos em Espoleto. Como defender-me? De que adiantaria protestar? Se me permites, e não me leves a mal, o que o senhor faria se estivesse em meu lugar? Restou-me obedecer e chorar, nada mais.
Estou feliz ao teu lado, e desde a hora em que entraste aqui, meu coração me disse que tu eras um homem de bem... Amanhã, ou talvez mesmo esta noite, eu não sei o que acontecerá comigo, pois vi ameaças nos olhos do feitor, quando quis tirar-me do teu lado, onde eu estava encontrando a esperança de viver. O meu sacrifício, caso queiram Deus e Jesus Cristo, já está compensado pelo muito que estou recebendo da tua parte. Podes dar as ordens que pretender a meu respeito, que sofrerei em silêncio, e nunca julgarei que partiram do teu coração...
O patrãozinho estava admirado e monologava: "Como poderia criatura tão jovem e meiga, de falar tão doce e de alma tão nobre, estar envolvida no meio de homens daquela estirpe? " Mas logo veio à sua mente fértil, o sonho que tivera horas atrás e a conversa espiritual com a Voz. Sem precisar de mais raciocínio, veio à sua mente a mão de luz que aparecera no eito dos servos, entendendo mais ainda o seu significado. Estava se acostumando àqueles desdobramentos espirituais.
Pedindo desculpas, a serva quis levantar-se, mas Francisco não permitira, dizendo:

- Fica, Foli!... a ma presença me agrada. Conheço teu drama; és espírito á nas vésperas da libertação; a tua consciência manifesta sinais de independência e o teu coração anseia por Amor... Creio em Deus que o encontrarás... Vou ofertar-te o que posso de minha parte: irás comigo para Assis. Minha mãe e Jarla, duas santas, a receberão com muito amor no coração e tenho certeza, pela afinidade do teu saber e do teu coração, serás feliz... Quanto

a mim, serei o irmão que sempre lutará em teu favor. 0 teu destino coloca-te em posição difícil e pelo que sinto e vejo nos teus caminhos, o teu mundo interno nunca perderá o clima de verdadeira paz, que é a paz da consciência.

A serva, na flor dos seus dezesseis anos, chorava. Chorava de alegria, com as palavras do jovem patrão... Ele era a sua salvação! Tinha certeza que se ficasse ali mais uma noite sem sua proteção, estaria eliminada, moral e fisicamente. Captava, pela sua sensibilidade, as intenções de Benevenuto, que, deitado num paiol de milho, pensava nela com luxúria. Protegê-la-ia de todas as maneiras, mas se ela cedesse aos seus instintos; caso contrário, era capaz de retalhá-la e consumi-la em poucas horas, pois já carregava na consciência coisas piores.

Foli olhou para Francisco com ternura e como silenciosa resposta de gratidão, deixou cair as lágrimas, que deslizavam em profusão no seu rosto. O jovem emocionou-se e chorou junto. Nessa permuta de sentimentos fraternos, percebeu Francisco a presença de uma terceira pessoa, que parecia chorar também. Era a mãe da serva, que, acompanhando os fatos desde o princípio, agradecia, comovida, a salvação de sua filha.

Os feitores estavam inquietos pelo horário e o serviço atrasado; já havia muitas horas de descanso, mas como falar isso com o filho do patrão? Seria uma falta de respeito. Ele estava ali na qualidade de senhor. As vezes que tinha vindo na lavoura com o seu pai, desde pequeno, tivera plena autoridade para mandar e desmandar. E Pedro Bemardone sorria, ao ver o filho ativo e inteligente, correndo como um gamo por entre as árvores.

Francisco passou para o pátio com Foli, e começou a conversar com os servos, dando-lhes plena liberdade de perguntar o que quisessem, e eles, assentados no chão, sorriam de contentamento, com as ideias modificadas sobre os motivos da visita do jovem patrão às terras de Apolo. Conversou com mais de uma centena de escravos, ouvindo cada um em particular, sabendo de suas histórias, de seus desencantos e de suas esperanças. Aquele dia findara sem que voltassem ao trabalho.

A lua brilhava com intensidade e as estrelas presenciavam aquela cena d luz, na luz de Deus. Alguns dos servos cantavam para Francisco, na euforia de sua presença, sem que pudessem lembrar que o outro dia poderia ser inverno para eles Improvisaram como que um teatro ao ar livre, feito de corações para um coração que já os amava. Como irmãos, filhos do mesmo pai, Deus, festejavam as bodas de esperança dos homens em cativeiro. Houve até distribuição de vinho, e os homens respiravam, pelo menos naquela hora, os ares da liberdade. Somente entre os capatazes reinava o constrangimento. E Francisco lhes falou na presença de todos

- Não maltratem esses homens, pois são, como nós outros, filhos de Deus Exijam deles somente o trabalho, que é dever de cada criatura, ofertem-lhes regalias compatíveis com

o labor de cada dia. Quando doentes, façam-nos descansar e cuidem de tratá-los com humanidade. Sejam amigos deles, procurando compreender que a vida pertence a todos. Não sei se voltarei aqui, mas levarei saudades, e o coração -haverá de contar-me o que se passa nestas terras. E de onde estiver, pedirei a Deus por todos vocês. Benevenuto!
- Sim, senhor, às ordens...

- Vou levar a serva Foli para morar lá em casa. Minha mãe precisa dei pois Jarla já se encontra avançada nos anos, e não pode mais atender às necessidades d limpeza dos aposentos da família, nem mesmo do atendimento pessoal.

- Sim, Senhor! Mas - falou humildemente o capataz - não achas melhor que ela vá mais no fim da semana? A carruagem é de luxo, e a serva... Além disso, suas roupas precisam ser lavadas, para chegar na casa do patrão como gente. Eu mesmo poderei levá-la.

O moço olhou firmemente nos olhos do capataz, perpassou os olhos mansos nos servos, e notou que quase todos se sentiram felizes com a ideia de levar Foli para Assis, e deliberou:

- Não, Benevenuto, ela vai junto a mim. Quero mostrar as belezas a esta criatura, que ainda não viveu as belezas de Deus na Terra, pois ela tem olhos para v e sentimentos para sentir a grandeza da vida... Sentir a lua, as estrelas e o perfume das campinas, das árvores que exalam à noite, ofertando aos viajantes o que têm mais sublime.

Benevenuto abaixou a cabeça, trancou a cara, e, de mau humor, deslizou novamente para o paiol, sem dar uma palavra. E como os seus pensamentos eram de difícil formação, do lugar que ele estava até a casa de milho, só deu tempo para formar uma ideia; "O patrãozinho destruiu minha alegria desta noite..."
Francisco, que tinha ouvido muitas histórias horripilantes dos servos, oediu-se, abraçando-os amavelmente. Muitos choravam com a partida de Foli, mesmo alguns que a perseguiam. Abel, que já estava com os cavalos descansados tratados, aguardava o senhor. Francisco saltou ao fiacre, cujos metais brilhavam, e convidou Foli a tomar assento ao seu lado. Os chicotes estalaram nos ares e os três partiram em direção a Assis.
O pai de Francisco já mostrava nervosismo pela ausência do filho. A mãe e Jarla "compraram" o ambiente de apreensão ofertado por Pedro Bemardone, e todos se inquietaram. Maria Picallini e Jarla começaram a passear nos jardins da mansão e se acomodaram em confortável banco que a luz clareava. Ela falou para a ex-criada:

- Jarla, minha filha, o que será do nosso filho?... Ele, nesses últimos meses, parece desligado do mundo; é muito amável e educado com todos nós; no entanto, a sua atenção busca outra coisa. Pisa na Terra, porém, a cabeça se encontra em outras regiões...
E o tempo passava, com as duas mulheres conversando sobre o destino de Francisco. Nisto, deu entrada a carruagem, no pátio florido da mansão. A mãe e Jarla correram para recebê-lo, e se espantaram ao verem a outra passageira, que era estranha para elas... Sorrindo, ele pegou a serva pelo braço, a comentou com doçura, beijando a genitora com saudades:

- Mamãe, esta é Foli, e vai ser tua companheira!

- Eis a taa filha, Jarla! E suas mãos correram demoradamente pelos cabelos brancos da velha.

Nenhuma das mulheres conhecia a cativa, pois havia muito que não iam às terras de Apolo, desconhecendo assim, a sua procedência. Benevenuto não dera conhecimento de sua existência, dado o seu interesse por ela, facilitando assim suas mdignas intenções. Foli era Espírito bastante elevado; daí a existência de companhias espirituais, protegendo-a de modo singular. Por pertencer a outra faixa de vida, e por seu merecimento, pôde ficar imune ao assédio do brutal capataz.
Maria Picallini suspendeu suas mãos delicadas, e entre elas, colocou o rosto bem estruturado da jovem, dizendo com carinho:

- Foli! Sinto que meu filho não errou, trazendo-te; vejo nos teus olhos e em ti, carência de amor, de um lar, de quem te entenda. O coração de mãe não se engana quanto a isso, portanto, não serás aqui nesta casa uma serva - palavra que Ja estou abolindo do meu dicionário mental - mas uma filha do coração! Deu um intervalo, costumeiro nas pessoas inteligentes, para que suas palavras pudessem ressoar na profundidade da consciência de quem as ouvia, e respondeu ao pensamento da serva, que pensava na cor de sua pele, entrave sem recurso na dos nobres, recitando parte de uma canção grega, de filósofo desconhecido:

> "Minha filha!...
> Importa idade, importa cor?
> Importa ciência, importa dor?
> Importa sabedoria, importa posição?
> Importa família, importa beleza?
> Importa provações de toda a natureza?
> Não!... Importa sim, que te amo pelo coração".

Quem primeiro sentiu a Esperança foi Jarla. Aquelas palavras da sua senhora, como que nivelaram a velha grega à família dos Bernardone. Era de fato o Amor raiando no íntimo daquela mulher de Assis. Francisco, sorrindo com a inspiração da mãe, disse com jovialidade:

- As palmas que bato para ti, minha querida, são com os lábios em tuas faces. E forrou todo o seu rosto de beijos, sem palavras, ao que Jarla fez o mesmo, **e** Foli teve vontade, porém, ainda temia pela distância que as separava, mesmo co a liberdade que lhe era dada. Percebendo o impulso dos sentimentos da moça. Pica acentuou com beleza d'alma:

- Foli, atende o teu coração, faze o que ele está te pedindo. Não importa o que pensas acerca da nobreza e do ouro; és minha filha também!
A moça, lembrando-se de sua mãe, tornou-se criança, e, em prantos saltou com carinho no pescoço de Pica... Somente chorava, sem que as palavr dessem sinal de seus sentimentos. Abraçou e beijou também Jarla demoradamente, a quem Francisco lhe dissera antes que ia ser sua mãe. E o filho de Pedro Bernardon contemplando o espetáculo dos sentimentos nascidos do verdadeiro Amor, monologo no silêncio d'alma:

"Elas já estão se gostando à primeira vista e depois que conversarem, a alegria vai ser maior. Vou deixar que o próprio tempo mostre para mamãe e Jarla as qualidades de Foli".

Dona Maria olhou para Jarla, para que ela pudesse olhar também para as vestes da menina, e depressa desapareceram as três na mansão, à procura de roupas condignas para uma filha dos Bernardone.

14

Pai e Filho

Nas terras de Apolo a vida continuou no ramerrão de sempre: os feitores mantinham no arrocho os servos, sendo que o trabalho dobrara. Os seus lombos denunciavam o quanto

estava sendo esticado o serviço. O horário de trabalho determinado, de sol a sol, começava quando despontava o astro rei no horizonte da Terra e terminava quando surgia a estrela mais próxima do planeta. O casarão continuava movimentado;servasdetodasasidadesmoviam-sesobaregênciadeumanegraimpetuosa emalvada,quenãodeixavanenhumadasmulheressedaraodescanso,nashorasdelabor.
Algumas das cativas colhiam do moinho de água, o fubá, base da alimentação de toda a criadagem. Outras postavam-se em tomo de um grande pilão, socando os cereais a oito mãos, sob os sons de cantorias que lhes eram peculiares. Os socadores eram de cerne de madeira de lei, polidos por escravos hábeis nessa arte, e as mulheres musculosas, ao suspenderem as mãos-de-pilão, deixavam que as bases tocassem umas nas outras, produzindo um som estridente, como se fosse intervalo da música que logo em seguida continuava. Faziam do trabalho imposto, uma festa. O suor derramava-se em profusão, testemunhando-lhes o sacrifício.

Pedro Bemardone estava desesperado com a mudança de Francisco, filho que ele esperava ser seu substituto no grande comércio... O rapaz surgiu diante do Pai, cumprimentando-o amavelmente, e logo foi conversar com alguns trabalhadores... Pedro, interessado, procurou sorrateiramente, escutar a conversa, para tirar conclusões sobre as ideias do seu filho. E ouviu o diálogo travado com um dos feitores:

- Olá, Gustavo!

- Senhor Francisco, como vai? E o homem prosseguiu sem lhe dar tempo-O senhor deve estar bem; jovem, rico, bonito, sendo cortejado por mulheres lindas... o senhor é feliz. Quem dera que fosse eu!... suspirou o rude servidor.

Francisco, de olhos fixos nos do feitor, dominando-o, sentiu de pronto sua natureza inferior; todavia, isso não importava. Queria experiências, suspender o nível de compreensão daquele ser humano, mostrando a ele que a verdadeira vida estava noutra frequência. Mesmo que ele não entendesse naquela hora, ficaria com a consciência tranquila do dever cumprido...
A ciência do ambiente, desprendida pelo coração de Francisco, transformara um pouco o capataz, colocando-o à vontade, e este imediatamente, entregou-se ao rapaz com toda a confiança. Pensava o senador:

"Ninguém nunca me falou com tanta segurança, jamais presenciei tanta atenção, como a que o jovem senhor está me dando hoje, e deve ser por isso que o patrão o está achando estranho..." e balbuciou baixinho algumas frases: "Se todo mundo fosse assim, que beleza!

A gente até esqueceria os sofrimentos da Terra". E começou a contar ao filho de Pedro Bernardone:

- Olha, senhor Francisco!... e apontou o dedo para uma grande cabaça. O senhor sabe o que tem ali dentro? Esperou um pouco, para que o rapaz respondesse, e Francisco retrucou com delicadeza:

- Certamente que é água, Gustavo. A natureza é tão sábia, que além de nos doar água pura para nos sustentar a vida do corpo, ainda faz a vasilha com as condições exigidas, no sentido de manter essa mesma água, fresquinha e saudável. E nestas pequenas coisas, meu amigo, que encontramos Deus. E sorriu com prazer. O feitor sorriu também, cuja alegria era ver a inocência do jovem, diante de tanta maldade... Gustavo falou meio rouquenho:
- Será que tem alguém nos ouvindo? O filho de Maria Picallini balançou a cabeça afirmando:

- Tem. Gustavo!
E Gustavo mostrou logo seus dentes grandes e amarelecidos.

- É o Senhor, não? Ao que Francisco respondeu:

- É o Senhor, sim! O Senhor do céu, Gustavo, Deus, que tudo vê e tu
escuta, mas a ninguém castiga e ama todos com o mesmo ardor.
- Então vou contar ao senhor, um caso... e procurou assentar-se num fardo peles. Tornou a apontar para a cabaça.

- Olha, patrãozinho!... aquela cabaça, antes, era para água, mas o seu destino mudou; hoje está cheia de óleo, que deverei derramar na minha saída, em todos esses fardos até ao lado da porta, sem vestígios. Tarde da noite atearei fogo, porque não aguento mais o seu pai. Já pela terceira vez ele cospe na minha cara, na vista dos servos. Ele exige respeito, no entanto, a ninguém respeita. O que posso fazer é descontar tudo isso nos cativos, o que faço com todo meu ódio. Mas tudo tem limite c agora eu quero desforrar-me nele mesmo. Não sei porque estou contando ao senhor, pois esta casa lhe pertence também; porém, vejo em ti um homem diferente daquela fera. Desculpe-me, mas seu pai é um animal...
Pedro Bemardone, que estava por trás de alguns sacos de fibra, mordia os lábios e acelerava-lhe o coração, de ódio do feitor. Teve ímpetos de pular no pescoço do homem e enforcá-lo; entrementes, achou conveniente ouvir mais, principalmente o que seu filho

falasse. Qual seria a resposta de Francisco? E mordeu as mãos nervosamente para não gritar...
Francisco acentuou com propriedade:

- Gustavo, não deves prejudicar o teu senhor, do modo que pretendes. É certo que estás sendo lesado nos valores que a vida te confiou, sem que a oportunidade possa bater em ma porta de imediato, convidando-te para melhores dias; não obstante, a própria vida demora, mas nunca se esquece dos filhos de Deus e tu fazes parte do grande rebanho. Se já chegaste até aqui com esse fardo pesado, caminha mais um pouco, porque na verdade a tolerância que porventura exercitas agora, adiante te abrirá muitas portas, por onde poderás passar com mais facilidade, sentindo a vida e vivendo em Deus. O ódio que parece querer pousar no teu coração escurecerá os teus dias, dificultando assim que encontres os caminhos da luz. Faze com que a tua cabaça volte ao seu trabalho de servir de instrumento de matar a sede, e nunca mais enlameie essa vasilha de intenções iníquas. Nunca queiras, Gustavo, perverter as coisas, somente porque os teus dias estão longos e negros.
Sou filho de Pedro Bemardone, bem sabes, não porque mereço esse conforto, não porque mereço essa posição social que ora desfruto; é por misericórdia
e Deus, meu e teu Pai igualmente. De uma hora para outra poderemos trocar de Posição na vida, e, quem sabe, não irei precisar de ti nas maiores dores, nas cmciantes Provações? Os bens materiais, Gustavo, são transitórios, não têm parada certa;
nuo sua estadia começa a fazer mal ao zelador, são retirados por forças invisíveis e ser Ca em outras mãos, com outro destino. O nosso empenho verdadeiro deve
r 0 da conquista dos tesouros eternos, que andam conosco onde estivermos, ^mir ^ ^e'tor nunca tinha ouvido um falar tão bonito como aquele. Estava irado! Onde ele aprendera coisas como aquelas? Francisco, além das palavras, envolvera Gustavo em um magnetismo de amor, de interesse, de bondade, e o servid0r não suportara o ambiente de que nunca fora alvo e seus olhos estavam marejad— de lágrimas... E o filho de Pedro Bernardone, também com os olhos umedecido prosseguiu, argumentando:

- Vê como a maldade não reside em teu coração. Estás querendo é defender-te dos ataques do teu senhor, e querendo dias melhores; no entanto, não sabes ~~-onde começar e, nessa perturbação, vicejam meios errados. Se começares revidan os acicates da prepotência, perderás, porque o ódio gera ódio, rebenta-se na mai inimizade, e quando os transformamos em amor, Deus nos premia com a paz. Não dev importar a ti como o senhor Bernardone adquiriu tudo o que aqui se encontra. O q deve te importar, sim, é cumprir o teu dever, onde o céu te chama. Destruir não de ser a atitude de homens de senso iluminado pela fé. Ninguém sofre eternamente as sombras continuarão, enquanto

não aparecer o Sol da compreensão. Se p acaso persistires na maldade, demorarás amarrado nas vigas da cegueira, e someme enxergarás a ti mesmo, esquecendo-te dos outros. O egoísmo te prende de mã<>* dadas às irreverências.

Pedro Bernardone, escondido, se encontrava abatido, sem saber o q fazer. O filho o estava defendendo, sim, e isso o agradava. O que não achava bo era Francisco usar educação e ternura para com o lixo da criação humana; servo e servo e nada mais.
"Depois acertarei com esse cão!... Darei a ele o que merece". E saiu mansamen sem que ninguém o visse, mas envenenado pelas ideias do enfardador Gustavo.
Francisco fez um pequeno silêncio e esperou que Gustavo falasse alguma coisa do que sentia, do modo pelo qual encarava a vida... O servidor, cabeça baixa, envergonhado diante de tanta beleza, o coração usando a boca para ser ouvido, falou já bastante calmo, mostrando mudança de atitudes:
- Nunca pensei que na família do carrasco pudesse nascer alma tão pura como o senhor. Sinto que deve estar sofrendo com esse modo de viver. Preciso de quem me ajude, não sei mais o que pensar sobre mim. Estou reduzido, doente e maltratado como um animal. Quero encontrar no senhor um arrimo, quero ter fé em alguma coisa, quero ter esperança, menino Francisco!... E destampou em prantos.
Francisco deixou que ele chorasse. Depois, Gustavo olhou para um rol de madeira que o ajudava a apertar os fardos de peles, apanhou-o com simplicidade, Francisco, percebendo o que ele iria fazer, interveio com brandura:

- Não faças isso, Gustavo. Queres mostrar o teu arrependiment destruindo? Quebrar essa cabaça é mostrar que a vingança ainda ronda o coração. Por que quebrá-la? Ela que somente te serviu, resguardando a água impurezas para te saciar, e sempre foi amiga fiel! Mesmo o óleo que nela
contra poderá ser útil cm alguma candeia e, se perdeu o ambiente para guardar água pura, servirá para uma dona de casa como depósito ao que queima para clarear a noite.

O ódio e a vingança, na vasilha do coração, é como essa cabaça que era para água e levou óleo. Após muito tempo é que poderá voltar a conduzir água potável, porque o óleo se entranha nas fibras mais íntimas de tudo o que toca. No entanto, se persistirmos no bem, tudo alcançaremos na paz de Deus e de Cristo. Sê corajoso, porém, no tocante ao bem que podes fazer. Queiras ser homem, não apenas pela linha de masculinidade que a vida te emprestou, mas para converter a tristeza **em** alegria, a guerra em paz e o ódio em amor. Procura mostrar a tua força por todos os meios, no entanto, nunca te esqueças de dominar os teus próprios impulsos de vingança, de inveja e de descrença.
Gustavo não tinha palavras para falar diante daquele que era todo amor... Pensava em sua mulher e em seus filhos, o que lhe fez lembrar que mesmo junto daqueles de que

tanto gostava, nunca se sentira amado como naquela hora, por aquele rapaz que era filho de um "tigre feroz". O feitor deslizou-se do grande fardo de peles, e, ajoelhado, chorou como criança, em cujos sentimentos tocou a repreensão. Não disse mais nada, pegou as mãos de Francisco e amparou o rosto molhado com elas. O filho de Pica achou conveniente nada mais dizer; entrementes, enquanto Gustavo meditava na força do arrependimento, pensou por uns instantes:

"Mais uma prova, meu Deus, que me destes, de que criatura nenhuma é mim. Desde quando lhe ofertamos amor, a fera se transforma em humano, e esse **se** afigura ao anjo. O que falta em quase toda a humanidade é compreender as necessidades de afeto de uns para com os outros, sem que o egoísmo dele faça parte. Quanto custa um pouquinho de amor, para com aqueles que nos rodeiam? Qual o preço de frações de atenção que poderemos dar ao próximo? A verdadeira amizade, que começa nestes minúsculos instantes de entendimentos, só precisa que apareça alguém com a devida coragem para a valorizar e fazer expandir esse tesouro que herdamos por misericórdia do Cristo!..."
Nisso, Gustavo que já se encontrava assentado nos calcanhares, olhou eom admiração para o jovem e pensou também:

"Como pode existir uma pessoa nobre, tão distinta e rica que se preocupa eom os pobres? Como pode um anjo de Deus querer viver no inferno com demônios e querer ajudá-los? Não posso entender!... Devem ser os fins dos tempos que muitos Profetas anunciam... Nunca me interessei por religião, mas se o menino Francisco arranjasse uma, eu ia acreditar em Deus e no que ele dissesse, por não faltar esperança no que ele fala. Um Deus da maneira que ele prega é um Deus bom..."

A mão de Francisco percorreu toda a cabeça de Gustavo, como a de uma mãe no mais puro afeto com o filho, e notava-se uma força poderosa fluindo dos dedos do rapaz, penetrando em todo o cosmo orgânico do servidor, parando aqui e ali, desentulhando obstáculos, avivando o sistema nervoso, e se enroscando nos vasos linfáticos como minúsculas reservas de vitalidade, para as horas de maiores testemunhos. Internamente, sem que o raciocínio tomasse parte, a alma dentro da sua própria inconsciência saberia usar essas forças, ali colocadas com o emblema de servir. O pensamento de Francisco, mestre por excelência, sabia doar com Amor dar o toque nas bênçãos da natureza, para engrandecimento da própria vida.
Gustavo recebera um prêmio por lei de justiça, na sequência da maturidade espiritual. E Deus que não Se esquece dos Seus filhos... E Jesus Cristo trabalhando por intermédio de Seus mais chegados discípulos... Foi Francisco de Assis, na mais alta expressão daquilo que ele era, e do muito mais que continua a ser.
Francisco bateu com delicadeza no ombro do servidor, e assinalou com alegria:

- Vai para casa, Gustavo. E hora de juntar-te aos teus; depois conversarei com papai a teu respeito, e quero que saiba que Deus não despreza criatura alguma, em qualquer circunstância, mesmo nas mais difíceis. Que Jesus te acompanhe!...
Gustavo saiu inundado de paz e de esperança, degustando o manjar espiritual ofertado pelo jovem senhor.
Francisco ganhara, há anos atrás, um Evangelho. E tanto se afeiçoara a ele, que dele não se separava nem para dormir. Era seu companheiro de todas as horas, folheava-o sempre que tinha oportunidade, consultava-o em todas as suas dificuldades, e a intuição se fazia como por encanto; interpretava os textos, como se estivesse na época em que eles foram ditos. E na verdade esteve, porquanto ajudara a escrevê-lo como João Evangelista, dando os últimos retoques na maior obra de todos os tempos.
Maria Picallini e Jarla, juntamente com Foli, tinham saído para um curto passeio. Pedro Bernardone estava descansando, porque era uma tarde de domingo. Francisco foi entrando na mansão, pensativo... Cumprimentou o pai, disfarçando a tristeza:

- Boa tarde, papai; como vai o senhor?

- Vou bem, filho!... Quero muito falar-te e não posso esperar mais. Estou aqui há horas, à tua espera.

- Desculpa-me, papai, não sabia...

- Olha, Francisco, não estou compreendendo o modo pelo qual tu estás te conduzindo; a tua mudança me estranha. Parece que não te interessas mais pelo comércio, como dantes. Viajas por muitos lugares sem que eu saiba o que estás fazendo. Isso me preocupa sobremodo. Conversas constantemente com os servos, deixando transparecer alegria e bondade. Ficas horas afio dialogando com capatazes, com mulheres e por vezes crianças, sem que eles respeitem a tua posição de nobre. Tenho grande esperança no teu futuro, e dele não posso descuidar, para que a ma ente não seja deturpada com falsa visão da realidade. Cismo com tua frequência unto aos servos e certos tipos que se dizem filósofos, que amam mais a preguiça do que o trabalho. Como teu pai, peço-te que te afastes desses tipos imundos. Eles vieram ao mundo, meu filho, para nos servir, qual os bois, os cavalos, os cães... Se te compadeceres exageradamente do sofrimento desses homens, nivelar-te-ás com eles e acabarás sendo um deles.
Francisco, de mãos cruzadas, rodava os dedos silenciosamente e era todo ouvidos. Esperava há muito mais tempo do que Pedro Bemardone, por aquele momento. Sabia que seria um encontro decisivo entre pai e filho. A sua fisionomia mostrava traços de

apreensão; todavia, por dentro, se comportava na mais invejável tranquilidade, pois a sua consciência já lhe havia traçado o roteiro para que ele pudesse trilhar, bem como as respostas que deveria dar ao pai, na hora oportuna.
Pedro Bemardone continuou:

- Quero também que saibas de uma coisa com bastante urgência: não podes dar a qualquer pessoa algo do que nos pertence, sem a minha ordem; ainda estou vivo, e, essa linha de conduta, é bom que apliques igualmente, no futuro aos teus filhos, se os tiveres. Herança desta monta é digna de ser preservada. Nós somos donos de império, porque sou vigilante, sei administrar, sei me conduzir, e não meço sacrifício para ajuntar. Se o comerciante for ter piedade dos outros, se amolecer muito o coração, o que ele tem desaparece em pouco tempo. A Piedade, a Caridade, o Amor, a Paciência, a Tolerância e a Fraternidade são contrárias à barganha das coisas; está completamente fora das cogitações dos que labutam com o comércio. A nossa cartilha tem de ser outra. Veja que o Cristo não vendeu nem comprou, porque estaria contra os Seus próprios ensinamentos, e tu não vais querer ser um Cristo, não é?...
De certo modo, tenho de admirar a tua educação para comigo e tua mãe!... Somente não suporto, e isso deve ficar bem claro, é o teu tratamento para com Jarla, como se ela fosse pessoa da nossa mais profunda intimidade. E por cima de tudo, ainda trouxeste uma serva das Terras de Apolo, juntando-a a nossa família. São estas arestas que precisas aparar na tua conduta. Quero fazer de ti um nobre, e para isso tens muitas qualidades!
Francisco ouvia tudo pacientemente...

- Saiba que ouvi toda a tua conversa com aquele miserável feitor. Gustavo vai pagar pela ousadia de desmoralizar-me diante de ti, de querer atear fbg0 n, minhas mercadorias, e de instigar os servos contra mim!... Já dei ordens aos me fiéis servidores para darem sumiço naquele cão, o que servirá de exemplo para que aprendam a respeitar o patrimônio alheio!

O filho de Pedro Bernardone quis levantar e protestar veementemente contra as ideias do pai, no entanto, o bom senso fê-lo quieto... O assunto acendeu uma fogueira no raciocínio de Francisco; tinha bastante argumento para conversa com seu pai, mas o coração lhe dizia:

"Espera mais um pouco, pois isso faz parte da disciplina e do próprio cristianismo. O Mestre dos mestres foi condenado, cuspido, maltratado, ofertaram-lhe uma coroa de espinhos, levaram-no para ser crucificado, sem que Ele reclamasse blasfemasse ou revidasse... Escuta o teu pai, pois que esse direito lhe pertence, de querer conduzir-te por caminhos que ele acha serem os melhores..."

Pedro começou a alterar a palavra, dizendo:
- Meu filho! E bom que aprendas a obediência, sem que eu use a violência; que aprendas o trabalho, do modo que requerem as nossas condições, sem que eu te imponha este dever. Que mudes a tua conduta diante dos servos, sem que eu te ensine pela força! Pelo que vejo, estás faltando com o respeito às minhas ordens, e se isso continuar, não sei o que pode ser do teu destino, como filho de Pedro Bernardone, o mais bem colocado negociante de Assis, senão da península...

O pai de Francisco caminhava de um lado para outro no grande salão, e de vez em quando olhava para o filho com o dedo em riste... Não era homem que tivesse o dom da oratória, mas no diálogo a dois, em assuntos de compra e venda, era mestre. Sabia influenciar pessoas e submetê-las. E usou dessas artimanhas naquela hora, para colocar o filho do modo como pretendia que ele fosse. Ignorava que Francisco estava moldado, do coração à inteligência, para outras coisas, que ele iria se mover no mundo pelas mãos do Cristo.
Pedro jogou-se em um confortável triclínio e esperou a fala do filho. Os seus nervos saltavam, como que eletrizados pela consciência. Seu coração se mostrava alterado dentro do peito. Francisco, pressentindo o desespero do pai, argumentou com brandura:

- Papai, estou encontrando dificuldades para começar a responder-te; não obstante, confio na Providência Divina. Deves saber que não sou mais criança. Sinto 2 liberdade gritar dentro de mim, impondo-me condições absolutamente certas. Há coisas que ainda não compreendo, porém, o prazer que me assoma valoriza as atitudes que deverei tomar. Cada ser humano, tu bem sabes, é um mundo à parte, regido por leis diferentes umas das outras, enraizadas na grande lei de Deus, que é o Amor. Estou *indo* cedo, talvez porque assim o queira Deus e por ser o fim da madrugada

Sei que vou encontrar dificuldades sem conta, sei que arranjarei muitos inimigos gratuitamente e que serei desprezado pela própria família... Todavia, de uma coisa sei mais que todas: que estou cumprindo um dever de consciência e que estou sendo eu mesmo na jornada infinita da criação. Se for preciso dizer-te adeus ara cumprir o meu dever, eu o farei!... Não que eu queira esquecer-te, mas para cumprir o destino que me foi traçado pela Divindade!... Para mim, são sagrados os laços de família, entretanto, os laços com a Verdade o são muito mais. Acho que o homem nobre, consoante conceituas a nobreza, nem sempre faz o que quer, mas sim a vontade d'Aquele que está nos céus.

Queria mesmo, há muito, falar-te a sós, como estamos agora. Não quero ter segredos. Neste momento, hão de desaparecer o pai e o filho, para sermos dois homens, um diante do outro.
E a voz de Francisco tomou outra firmeza. Havia momentos em que ficava grave e macia, em outros, enérgica, mas eivada de carinho. Pedro Bemardone tinha ímpetos de levantar-se e responder ao filho com tapas no rosto. Ele era agitado, e naquele ambiente estava furioso; era como um tigre enjaulado pelo magnetismo do rapaz... Francisco olhava dentro dos olhos do pai, com a autoridade que lhe era peculiar, como Espírito de alta hierarquia. Mantinha Pedro na banqueta, sem que ele soubesse - recursos da alma superior, a desenrolar processos de educação, para Espíritos que ainda carecem desses métodos. O rico comerciante sentia-se obrigado a ouvir seu filho, o quanto este quisesse. E o jovem continuou:

- Papai, não quero impor-te condições de vida, nem dar-te conselhos acerca da tua conduta, mas não posso aceitar também a ma interferência no modo pelo qual devo viver e me conduzir. De agora em diante sou livre!... Folgo em poder sê-lo, adoro a liberdade. Se queres continuar o teu comércio, do modo que a razão te estimula, faze-o. Se não queres ouvir a voz dos sentimentos altruísticos, faze o que te convier. Se queres viver na opulência, enquanto os teus empregados e servos agonizam, não vou opor-me a estes extremos que a usura e a vaidade sustentam. Perdoa-me, mas não me posso calar!

Falo para esclarecer-te sobre determinadas leis de Deus; os teus ouvidos estão tampados e teus olhos vendados, somente vendo e enxergando as tuas necessidades. Deus é Pai de todos, e assim como tu és filho d'Ele, os outros também o são. Não duvido que os servos tenham vindo ao mundo com o compromisso de servir aos senhores, de comerem o pão com o suor do rosto e de passarem por duras provações: sem teto, sem abundância de comida, quase nus e vendidos como animais... Contudo, os seus donos podem ter um pouco de humanidade com eles, dando-lhes esperanças, algumas folgas no trabalho e melhorando o tratamento a dispensados. Coloquemo-nos em seus lugares e veremos o bem que nos fará um pouquinho de atenção e de esperança. Neste mesmo momento, estás tendo a pro ^ Pressinto que pelo teu querer avançarias contra mim. surrando-me sem piedad^ por entenderes que necessito de educação. No teu analisar, sou filho ingrato desrespeita o pai, que tudo faz por mim, inclusive amontoando bens sem conta, pretendendo colocar-me como cavalheiro dos mais nobres, aumentando com mais um, a burguesia da região.
Deves lembrar-te, em primeiro lugar, de colocar-te no lugar de Gusta-a quem deste ordens de eliminar, sem pensar nas consequências, porque ele não suporta mais as tuas maldades. Pretendes com isso tirar o pai de uma família, porque não tens sentimentos.

Os meninos passarão fome, a mãe desorientada talvez enlouqueça e os filhos seguirão rumos diferentes, entregues a todo tipo de infortúnio... Por que? Pela tua prepotência, o teu orgulho ferido e tua vingança!...
Se continuares assim. Talvez eu não queira mais ser teu filho, porque essa é uma vergonha que devo esquecer; sou sim, filho de Deus, e quero herdar, mas de Jesus Cristo. Fui às terras de Apolo, porém, desta vez com outros olhos. Senti o que aquele povo sente na própria carne. Não pretendo tirar a cruz das costas de ninguém, meu pai!... Todavia, ajudá-los a carregá-la, isso eu quero fazer. E com muito prazer. Isso eu vou fazer, cm nome de Deus!
Francisco respirou profundamente, deu uma volta em tomo do pai, e argumentou sem cansaço:

- Conversei longamente com o velho Abílio, tratador de cavalos, para o qual tu expressaste a maior dureza de coração; essa manhã ele amanheceu morto na estrebaria, enrijecido talvez de fome e frio, enterrado com menor respeito que os próprios cavalos quando morrem. Tua tentativa de conduzir-me neste mesmo padrão resultará infrutífera, por minha consciência recusar-se a aceitar, meu pai! Queira Deus que estas minhas palavras despertem em teu coração alguma coisa de útil. Não quero que libertes os cativos, mas sim, que os trates com mais humanidade. Minha mãe e Jarla são um exemplo de virtude. Por que não procuras um tempinho para ouvi-las? Seria isso para ti, um grande tesouro, senão uma luz que espalharia as trevas da ganância que te envolve.
Francisco silenciou-se... Pedro Bernardone saiu do afogo, balançou a cabeça e, como que jogando fora as ideias do filho, berrou estentoricamente:

- Cala-te!... Cala-te, Francisco!... Senão te parto ao meio!

O rapaz olhou para ele compassivamente, dizendo: - Vou calar-me, papai, não por medo, mas por já ter terminado o assunto!
O pai avançou em sua direção e esbofeteou o seu rosto várias vezes, mas o filho somente derramou lágrimas de compaixão. E saiu pisando duro em demanda de seus colegas de usura, que já o esperavam para uma reunião, que se dava todos os domingos à noite.
Francisco se deitara pensando no seu destino. Desde menino, tinha admiração pelas histórias que ouvira sobre o grande Caio César e sobre Carlos Magno. Deixava desfilar em sua mente essas personagens guerreiras, mas ao mesmo tempo, humanas. Pensava, já que não podia ser útil no próprio lar e ajudar seu pai poderia ajudar sua terra natal, que entrara em guerra com a Perúsia. Um homem pode ser útil também na guerra, defendendo a região à qual pertence. Quem sabe deveria ser, mais tarde, um grande

general? Mas, pegar na espada para matar? Isso era contrário ao seu modo de sentir as coisas; contudo, não tinha outra saída, não poderia ficar parado, maltratado por seu pai, que não compreendera seus ideais. Poderia, com a sua ida à frente de batalha, ganhar nome, e, pela fama, defender os sofredores, aliviar os cativos, e até matar a fome dos necessitados. Estava resolvido: iria alistar-se na cavalaria. Iria como nobre, para defender a nobreza de caráter do povo de Assis. Sua mãe e Jarla compreenderiam sua atitude.

Roma tomara-se um grande império feudal e o seu crescimento fê-la enfraquecer: eram cidades e mais cidades querendo libertar-se das condições impostas pelo estado reinante e Assis era uma delas. Daí a semanas, Francisco era um soldado, empunhando armas nos campos de batalha. Sua mãe e Jarla quase enlouqueceram com a ideia de Francisco ser miliciano, de pegar em armas, de matar... não podiam compreender. Foli chorava, com medo de que morresse. A mansão perdera a paz.

Pedro Bemardone, quando soube do ocorrido, quase procurou o filho para abraçá-lo, perdoando-lhe o que ele falara, esquecendo a ofensa que sentira, pelo que considerava desrespeito. Porém, o orgulho não aceitou esse impulso de compreensão, e monologou com entusiasmo:

"A lição que lhe dei valeu e sua reação foi boa. Agora quero ver se ele vai ser bonzinho, lutando com feras. Queira Deus que algum dos perusianos o pegue em boa hora e lhe dê uma boa sova, para que vire homem, e defenda com isso os seus reitos... e deu boa gargalhada dizendo: "tomara, tomara, que isso aconteça. Depois essa guerra vou ter um companheiro ao meu lado".

Francisco, daí a tempos, recebeu um adestrado cavalo, e dele fez seu grande amigo. Nos arredores de Assis, as tropas se exercitavam todos os dias, divididas em duas alas em acirrados combates. E nessa guerra de ensaios, o moço de Assis delirava; eram quatro horas de intensa fúria, sem que ninguém morresse, sem que ninguém inimizasse, a não ser alguns ferimentos de somenos importância, que no outro dia estavam preparados para novos embates. Nessas manobras de cavalaria, das quais era um dos nobres cavaleiros, Francisco fizera grandes amizades.

Uma das mais sólidas foi com o nobre Shaolin, moço esbelto e esperto de boa cultura e fantástica memória, que nunca precisava 1er algo duas vezes; tudo gravava com espetacular nitidez, no primeiro perpassar dos olhos para Francisco, constitui grande prazer conhecê-lo. Ele, por sua vez, sentia-se contente ao lado de Francisco cuja candura do timbre da voz e serenidade no olhar, infundiam esperança e alegria que a filosofia corrente não explicava; nunca vira pessoal igual.

Eram duas almas que se uniram como num passe de mágica! Com o cunho tempo, raramente se separavam, e nas horas de descanso dos treinamento Francisco e Shaolin eram vistos mantendo conversações de toda ordem.

Certa feita, os dois rapazes, depois de esticados combates nos campos de treinamento, isolaram-se como de costume. O filho de Pedro Bernardone irradiava alegria, pelas vantagens que estava levando nos campos de adestramento. Francisco falava-

- Olha, Shaolin, nós dois somos sementes de futuros generais; vamos ser dois grandes homens, e ainda mais, invencíveis! No decorrer da conversa Francisco fixou os olhos no amigo, e falou profeticamente:

- Camarada, de vez em quando sinto que já te conhecia antes. No primeiro dia em que te vi, fui tomado de um contentamento indescritível. Não sei se o mesmo aconteceu contigo, mas eu me senti feliz. Creio que, sendo verdade o que uma velha grega me falou...

Interrompeu-o Shaolin:... que nós mudamos de corpo como de roupas!.

- E não? acentuou Francisco.

- Sim, sim!...

- Como sabes isso?

- Não sei bem, mas acredito, e sinto que é verdade. Depois a própria vida tem confirmado. Assim como tu encontraste essa grega, eu encontrei um indiano, e desde os primeiros contatos comigo, quando criança, afeiçoei-me ao seu modo de ser, e ele me contava histórias do Oriente, do Egito, da Caldeia e da China. Fez-se discípulo do Cristo, como se esse Mestre do oriente fosse um Deus. E eu me senti fascinado igualmente com a vida d'Esté grande místico. Acho que Ele destampou uma nova força nas mentes dos homens; tenho saudades dos lugares por onde o Nazareno andou. E ainda mais, esse velho indiano descobriu um dom em mim que eu não tinha observado, ou então, achava que era natural em todas as criaturas.

Interveio, Francisco:

E o que era, que dom era esse? Shaolin prosseguiu sorrindo:

. É o dom de gravar tudo o que ouço ou que leio pela primeira vez; de nada me esqueço. Ele mesmo ficava admirado...

Francisco, meigo como sempre, enfiou a mão no bolso da túnica, e retirou dela uma oração que sua mãe lhe dera, para que ele recitasse nas horas difíceis, e falou a Shaolin:

- Vou ler o que aqui está escrito e depois quero que reproduzas fielmente o texto; provarás para mim o que dizes, e, se for verdade, serás um fenômeno nos caminhos da vida.

Francisco leu pausadamente a súplica. Olhou para o companheiro, e pediu brandamente:

- Repita.

O nobre cavaleiro reproduziu, fielmente, toda a leitura feita pelo seu colega, com expressão encantadora. Francisco foi tomado por uma emoção que os recursos da escrita não podem explicar; era verdade o que falara Shaolin!

- Embriago-me com estas coisas misteriosas, disse Francisco. Eu, não consigo como tu, Shaolin, gravar na mente tudo o que leio; no entanto, se prestar a atenção no que quero, logo me conscientizo, sem que eu mesmo saiba o motivo desta percepção. Para mim é segredo; parece-me que leio tudo que quero dentro de mim.

Shaolin também admirou-se, pois esse dom de Francisco era mais importante do que o seu; bastava concentrar-se no que queria, e logo vinha a revelação. Queria igualmente uma prova. E estampou-se na sua fisionomia interesse de conhecer mais acerca dos dons de seu companheiro que poderiam ser muitos, pelo que sabia das coisas invisíveis, relatadas pelo seu mestre indiano. E pensou firmemente no nome de eu mestre que somente ele sabia, e falou a Francisco:

- Para que eu não tenha dúvidas sobre a qualidade que acabas de dizer, em que estou pensando agora?
O filho de Dona Picallini cerrou os olhos, concentrou-se firmemente na Pergunta do soldado Shaolin, e disse sorrindo:
- Estás pensando no teu mestre indiano, que se chama Dalan Poliano, (je quem somente tu sabes o nome.

Shaolin empalideceu de emoção. Como poderia não existir segredos para aquele homem, nem de pensamento? Fez várias provas, e Francisco respondeu a todas com desembaraço. Carregava consigo um documento de seu pai, de alto valor moral, para as horas de maiores dificuldades. Pensou nele, e o mancebo de Assis leu todo o conteúdo da escritura, até mesmo com as pontuações, e o nome de quem assinara Os dois rapazes afinizaram-se ainda mais. Francisco interessou-se em saber a história de Shaolin, que passou à narrativa:

- Francisco, sou filho de nobres franceses. Meu pai era famoso conde e grande guerreiro. Como místico nas ciências secretas, era por excelência fenomenal. Quando perdia a batalha nos campos de guerra, conseguia desaparecer, sem que o inimigo pudesse por as mãos nele. E por vezes invadia a área do inimigo, em plena luta, e fazia coisas desastrosas; aparecia e desaparecia na hora em que pretendesse. Diziam que, certa noite,

transformou-se em um pássaro gigante, voando baixinho sobre a guarnição inimiga, soltando toda espécie de bichos peçonhentos pelas asas, e atirando fogo pelo bico a grandes distâncias, provocando a debandada dos soldados.
As pessoas tinham medo de olhar para os seus olhos. Também desapareceu sem dar notícias!... E aí podes imaginar que a perseguição foi enorme para com a família. Éramos cinco pessoas e não sei o paradeiro dos outros. Eu, o mais novo, tinha apenas cinco anos e, com essa idade, já falava duas línguas: o francês e o alemão, e tudo que era falado perto de mim, que eu ouvisse, nunca mais esquecia.
Um político italiano que visitava a França, sabendo das minhas qualidades, interessou-se por mim, empenhando-se para que eu fosse com ele para Roma, encarregando-se de fazer de mim um homem de letras. Foi dessa maneira que vim para a Itália. Com sete anos eu lia qualquer texto em latim e italiano. A casa onde eu morava era muito visitada, pelos dons que eu possuía. Quando cresci, fiz uma viagem ao Oriente, e gostei imensamente...
Passando por Assis, resolvi ficar algum tempo. Como sou aventureiro e amante da justiça, achei que deveria alistar-me neste pelotão, para defender esta cidade de que tanto gosto e admiro. Talvez, o motivo verdadeiro seja outro... E aqui estou!... Quando te vi compreendi que já éramos antigos companheiros, mistério que muito me agrada.
Francisco ouvia tudo admirado. Quando deram por si, já era tarde. Os cavalos sabiam o caminho do quartel e voltaram sozinhos; e os dois, como não tinham outro jeito, regressaram a pé, conversando sobre assuntos altamente elevados, esquecendo que o interesse deles, como soldados, era a guerra e a defesa de Assis.
Shaolin, sem que soubesse claramente, era um dos duzentos discípulos que desceram à Terra com Francisco, com a sagrada missão de ajudar a sustentar os preceitos do Cristo, às suas alturas primitivas. Esperavam o toque dos clarins celestiais para desensarilhar as armas, que não eram espadas para matar irmãos, mas a palavra para dar vida às criaturas, levantar os caídos e dar pão aos famintos, curar os enfermos e ar paz aos atribulados.
Numa madrugada, a mansão de Pedro Bemardone se movimentou: era a partida de Francisco para os campos de batalha e somente seu pai irradiava alegria. Achava que faltava ao seu filho aquela experiência, para ser um nobre verdadeiro, para ser um economista à altura dos Bemardone. Pensava Pedro:

"Na frente de guerra, ele sentirá na pele que devemos, em primeiro lugar, olhar por nós mesmos: onde não existe egoísmo, desaparece o conforto e a própria vida. Temos, na Terra, de pensar no dia de amanhã, e para isso temos de fazer alguma coisa hoje. Essa filosofia barata, que encontramos em abundância entre gregos e romanos, desaparece na vida prática, principalmente nas lutas de corpo a corpo, em defesa dos patrimônios coletivo e pessoal. Vamos esperar..."

Francisco e Shaolin estavam enganados quanto à guerra. Gostavam imensamente daqueles treinamentos, horas a fio, nos arredores de Assis; todavia, ali eram irmãos com irmãos, não havendo domínio do sentimento de ódio, sendo tudo mera aparência. Será que quando chegasse o momento decisivo de matar ou morrer, teriam eles coragem de se entregarem aos sentimentos contrários ao Amor? Inseparáveis, partiram para a luta, mas a Providência Divina convocou-os para outro tipo de guerra. Em acirrada batalha, Francisco foi encurralado pelos inimigos; Shaolin avançou em sua defesa, e caiu igualmente no cerco, sendo ambos aprisionados. Foram atados a uma árvore, até que cessasse o combate, após o que foram levados como presos valiosos. Suas vestes denunciaram que eram nobres...

Na prisão coletiva, Francisco e Shaolin compreenderam que libertar Assis do jugo romano não era a tarefa mais importante. Talvez fosse pior tirá-la do poder de Roma e entregá-la aos feudos, pois a política feudal, na mão de muitos senhores, dividia Assis e a pressão sobre os escravos seria mais cerrada e eles iriam sofrer mais o arrocho das leis dos poderosos contra os mais fracos. Os barões, os condes, a burguesia, enfim, os latifundiários, se expandiriam por todo o território italiano e quebrariam a harmonia nacional. O clero romano manipulava a posse dos títulos de nobreza e os vendia, à sua conveniência, no mercado nacional, a peso de muito ouro. O império temia a influência dos sacerdotes e os deixava livres em determinadas áreas de comando.

Francisco e Shaolin, conversando demoradamente na prisão, encontraram a Ponta da meada dos seus deveres. Matar não seria a solução, tomar uma cidade, duas °u mais, não iria resolver os problemas. Destruir seria muito pior... "Vamos Shaolin", disse o filho de Bemardone, "analisar mais profundamente o Cristo, e segui-Lo, que Jamais erraremos".

Assentados em tosco banco, que lhes servia também de catre, proseavam oras sem conta, lembrando-se de tópicos evangélicos concernentes ao assunto.

Francisco servia-se da memória prodigiosa do companheiro, que tinha lido o liv^. sagrado duas vezes apenas, e que, se fosse preciso, o recitaria todo.

O filho de Pica, mesmo na prisão, sentia-se livre, pelo muito que estava recebendo da Graça Divina. No entanto, o maltrato a que não estava acostumado fè-i$_0$ definhar; perdera quase por completo o sono e o único ruído que emitia era a tosse, que incomodava os outros prisioneiros. Shaolin emagrecera também, mas como era dado a exercícios de respiração, sustentava-se pelo ar que conseguia respirar, e, quanto ao oxigênio viciado da prisão, isto não era problema, pois ele o atraía, como a outros elementos da natureza que, quando convocados, se associam por atração da mente adestrada. E ainda o repartia com o amigo e com os outros companheiros de prisão

Francisco foi removido do cárcere, devido ao seu estado, e em seguida foi solto, favorecido por leis que garantem o ser humano, nas horas em que o desequilíbrio assoma ao mundo biológico - a humanidade de muito deve aos romanos, contributo louvável no

que concerne à criação de leis sociais, das quais muitas haverão de vigorar por muitos milênios, como ocorre com os dez mandamentos.

Francisco regressou à casa desfeito e combalido. Os bacilos de Koch, que não eram conhecidos naquela época, invadiram-lhe os tecidos pulmonares, numa guerra interna, na qual iriam se destruir mutuamente. Apesar disso, seu regresso foi motivo de alegria para todos, menos para Pedro, que jamais esperara que seu filho voltasse derrotado como um nada, na soma dos valores da família, atribuindo tudo isso à influência de sua mãe e da velha grega.

Francisco, entre a vida e a morte, delirava. Pica e Jarla não saíam da cabeceira do rapaz, e intercalavam os xaropes com orações. Pedro, furioso, passou dias sem que a família o visse. Foi várias vezes procurar seu confessor, e este o aconselhou para esperar mais um pouco; que deixasse o rapaz melhorar, para depois saber o porquê do fracasso. Um nobre nunca cai em mãos de carrascos, sendo preferível dar a vida em troca da honra!...

O moço de Assis emagrecera assustadoramente, mas, enfim, numa manhã, um tanto quanto renovado, abriu os olhos. Parecia estar voltando de uma grande viagem. Sentiu fome, e logo lhe foi servido suculento caldo, juntamente com o qual sorvia o Amor, como alimento da alma, partindo de sua mãe, Jarla e Foli.

Daí a algumas semanas, via-se Francisco andando apoiado em um bastão, n(grande quintal da mansão, e a moçada de Assis não o deixava a sós... Francisco era amado por todos, principalmente pela juventude.

Já refeito, recomeçara as suas andanças a cavalo, pelos arredores de Assis, sentindo e entendendo a natureza. Periodicamente, seu pai o recriminav pelos acontecimentos infaustos, e ele silenciava o quanto podia, reconhecendo sua posição de pai. Lembrava-se constantemente de Shaolin, que o compreendera n-profundidade. Onde estaria ele? O coração lhe ensinara que Deus nunca abandona os seus filhos, principalmente os mais obedientes e Shaolin tinha grandes qualidades.

Francisco, já bem disposto, pensou em alistar-se na Cruzada, pois nela ía defender uma causa nobre, e em Assis havia um posto de alistamento, do qual o bispo fizera chefe por ordem do papa Inocêncio III. Deveria ser intuição divina, pois até se crianças estavam se alistando, abandonando seus pais para servirem cegamente a Deus à causa da Igreja. Por que ele, um rapaz, não faria o mesmo?... E daí a dias, urava o nome de Francisco no grande livro rubricado por Inocêncio III, com emblemas da cruz e da espada gravados na capa. E quando alguém folheava as páginas para que Francisco assinasse, como o primeiro passo do brado de guerra de mais um filho de Assis, este espantou-se ao ler rapidamente o nome de Shaolin em folha contígua. Já se havia alistado o seu grande amigo! Seu coração pulsou com mais interesse, para lutar contra os turcos e expulsá-los das *terras santas,* esplendendo o nome do Cristo nas páginas da história, como sendo o maior Mestre de todos os tempos. Por Jesus, daria a vida sorrindo... Morrer por Cristo era

um prazer maior. E agora, onde encontrar Shaolin? Deveria apressar-se, pois era provável que estivesse em Veneza, pois de lá iriam partir as primeiras levas dos soldados de Deus.

15
Cristo Fala

'Pela fé Abrão, quando chamado, obedeceu, afim de ir para um lugar que deveria receber por herança, e partiu sem saber aonde ia. "

Francisco era alma impetuosa em suas decisões, todavia, vibrava em seu coração a obediência às leis de Deus. Sabia que elas existiam, cabendo-lhe pois, descobri-las, fora e dentro de si. Já tinha lido muito sobre as grandes vidas, suportados por eles em favor da paz e dos sofredores, e, principalmente, para que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo pudesse ser conhecido por todas as nações do mundo e por todas as criaturas de Deus. Mesmo em tenra idade, nunca duvidava da eficácia dos sacrifícios e da renúncia, mostrando assim à humanidade, que Deus está sempre presente, ajudando-a. E ele tinha fortes pressentimentos de que deveria, algum dia, se entregar de corpo e alma à grande fraternidade, aquela que nivela as criaturas, de sorte que todos os homens sintam o mesmo amor e os mesmos interesses de se ajudarem mutuamente.
O filho de Dona Maria Picallini estava inquieto, preocupado com o que deveria fazer. Tinha-se alistado em defesa de Assis, terra que o recebera como filho do coração, onde depois fora derrotado e preso, jogado numa cela qual um cão. A violência dos milicianos que o prenderam e que não respeitavam os seres humanos fazia-o lembrar-se de seu pai. Presenciou mortes impiedosas causadas por simples respostas de prisioneiros na revolta de seus corações; e naquele transe, mesmo sendo chamado de covarde, notou o valor da obediência, e ainda, que o amor cobre ou apaga a fúria e o ódio dos que se encontram como vencedores. E nestas deduções» o seu coração lhe segredava que o seu caminho era outro, e não aquele das guerras fratricidas. Computava ideias de todas as procedências, que a sua mente tem associava, e acabou certificando-se de que a violência era filha legítima da ignorância, e que para quem sentia a presença de Deus no coração, o melhor caminho era o que Cristo delineara para a humanidade. No entanto, rejeitava muitas regras estabelecidas na religião vigente no mundo, que colocava Jesus como inspirador

dos seus conceitos, e nas que em momentos de conveniência própria, esquecia os mais elevados conceitos do Divino Mestre: os conceitos do amor a Deus e ao próximo.
Francisco estava como que afogado em um mar de filosofia espiritualista, em que se misturaram o Ódio com o Amor, a Caridade com o Egoísmo, a Mansidão com a Violência, a Dúvida com a Fé, para satisfazer ao Estado, e ter o apoio da política temporal. Sua mente vasculhava toda a extensão da filosofia e da cultura, dos arranjos políticos e das religiões. Meditou demais nas guerras religiosas como, por exemplo, nas Cruzadas, que já duravam muitos anos. E por quê? Por causa de um sepulcro vazio, que o próprio Mestre desmentiu, quando os Seus seguidores, Maria de Magdala e outras mulheres, procuravam adorá-lo e encontraram removida a pedra, e um Anjo anunciando, a quem viesse à Sua procura, que Ele era Espírito e que necessário era adorá-Lo em Espírito e Verdade, dizendo: "Por que buscais entre os mortos, aquele que vive? Por que depois de mais de mil anos iriam os homens lutar, matar em nome d'Aquele que somente pregou a Paz e o Trabalho, o Perdão e o Amor? Era realmente uma guerra de interesses, baseada em cabeças doentes, que desconheciam o valor da verdadeira felicidade.
Francisco, renovado em ideias, caiu em profunda apatia, visualizando a sociedade humana, como se a humanidade estivesse dentro de suas mãos abertas, e olhou-a, observando todos os fatos e os feitos dos homens. Sentiu-se abatido, pensando em muitos caminhos; no entanto, sentiu-os todos bloqueados para uma nova dinâmica de pensamentos. E surgiu em sua mente, como uma esperança, a voz que sempre ouvia, dando-lhe conselhos elevados, como também conforto espiritual. Monologava no silêncio do coração:

"De quem é esta voz suave e meiga, por vezes enérgica e corajosa?" Pensou, pensou, e firmou ideia... "Essa voz, seja de quem for, venha de onde quer que seja, é para mim um guia, no qual eu devo confiar e a quem devo servir. Sinto que é a voz de Deus me chamando para algo que desconheço, mas onde sinto a Verdade".

Dentro de seu quarto luxuoso, analisou onde estava. A cama era digna de um príncipe, o teto com desenhos onde se poderia ver a réplica das belezas de um estrelado e as paredes eram forradas de madeiras envernizadas, mostrando as formas naturais do cedro fibroso. Havia ainda uma jarra de prata e bacia do mesmo metal, trabalhados por artesãos primorosos. O piso mostrava um tapete vindo de longe, onde os pés afundavam na maciez e que era de lã colorida e trabalhada por hábeis mãos. Olhou desinteressado para muitos outros objetos, e parou a vista num canto do apartamento, em um cajado que Jarla lhe ofertara, simbolizando h e lembrança do seu pai, que se integrara na filosofia espiritualista dos gra^[8] filósofos da Grécia, e que, quando velho, apoiara seu corpo trêmulo naquele de madeira, onde a marca da mão assinalava muitos anos de uso.

Francisco sentiu-se em idade avançada e levantou-se do leito perfumado apanhou o cajado com alegria, e saiu do ambiente de nobreza para sentir a natureza em profusão. Foi em direção a um antigo córrego seu conhecido, apoiado naquele velho bastão, parecendo mais um ancião bíblico. Assentou-se à margem do pequeno riach e as águas tranquilas o fizeram meditar. Fez um retrospecto de sua vida, analisou necessidades dos homens, a função das religiões, e os enxertos nelas inseridos pei[a] ignorância humana. Lembrou-se fortemente do Evangelho, senão de Jesus, e pediu a Deus, no íntimo d'alma, para lhe clarear o caminho, ora duvidoso. Entrou como em ligeiro sono e ouviu uma voz, a mesma voz sua companheira, que lhe falou nestes termos:

- Francisco!... Constrói a minha Igreja!...
- Francisco!... Constrói a minha Igreja!...
- Francisco!... Constrói a minha Igreja!...

As águas deslizavam suavemente no leito do pequeno rio, como testemunhas da voz d'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, a despertar no coração do Seu mais chegado discípulo, a sua missão de Amor. E Francisco, na vigília, ora no corpo, ora fora dele, tomou a perceber como um cântico dos Céus:

- Meu filho!... Desperta para a luz do entendimento, e não te impressiones com os pequenos fatos do mundo. Os homens estão avançando em uma escala de aperfeiçoamento espiritual, cabendo a eles passarem por isso, o que lhes garantirá a estabilidade no amanhã.

Tu, em primeiro lugar, és filho de Deus, e o teu maior dever é para com Ele. O amor que já granjeaste no perpassar das eras, deves concentrar em amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo. Aí, Francisco, está toda a lei e os profetas, senão a própria vida em profusão universal.
Tua mãe e Jarla merecem todo o teu amor e carinho, na qualidade de companheiras que cooperam contigo na formação da tua personalidade física, no tocante ao teu dever moral e espiritual, e na missão que vieste desempenhar na Terra. Deves dar-lhes exemplos e servir-lhes de condutor. A tua obediência a Deus te falará através da consciência sobre o que deves fazer, desde quando o teu coração abrir as portas pelos meios que bem sabes. E as chaves para essa magia divina sa as virtudes do meu Evangelho.
Não te esqueças do teu pai do mundo, que te deu oportunidade de retorn à Terra. Não deves feri-lo, comparando-o aos que desconhecem a Verdade, porem deves aceitar aquilo que a consciência em mim desaprovar. Tu, Francisco, és tu em todos os campos de realização. Não deves conhecer obstáculos, porque quem ama nunca será vencido, no

sentido que estamos conversando. Quem começa r Deus no coração, fazendo a Sua magnânima vontade, conhece a mim, que nunca desampara as minhas ovelhas.
Desceste à Terra com muitos cooperadores firmados no Amor, que se reconhecerão uns aos outros, pela força do Amor que os une. Não encontrarás comigo vida fácil, nem ambiente palaciano semelhante ao em que foste criado até Se queres a minha companhia, renuncia aos bens do mundo e ao conforto da carne, que estarei contigo lado a lado.
Auxilia a Igreja, que está enfraquecendo nos seus mais sagrados pilares, porque a verdade está sendo destorcida em demasia. O Evangelho, quando aberto nos suntuosos templos, deixa cair de suas letras de luz, gotas de sangue, porque ele é lido como fonte de paz e de fraternidade, de amor e de perdão, de desprendimento e de vida, mas exemplificado nas Cruzadas com guerras e ódios, com vingança e apego, com egoísmo e morte. Ai destes homens que, vestidos de peles de ovelhas, sendo lobos, fazem tudo isso em meu nome, e do meu Pai que está nos céus.
Francisco!... Reforma a minha igreja, ajuda-a a reconsiderar o que fez, tomando outros caminhos melhores, mais justos e mais brandos. E quando quiseres a minha companhia, sabes onde estou? Escuta!... Estou ao lado dos estropiados, ajudando-os a andar com firmeza. Estou ao lado dos famintos, ofertando-lhes pão. Estou ao lado dos sofredores, aliviando-lhes as chagas. Estou ao lado dos oprimidos, dando-lhes esperança e conforto. Estou ao lado dos desabrigados, conduzindo-os para onde existe teto. Estou ao lado dos nus com agasalhos que lhes possam minorar o frio. Estou ao lado os presos e encarcerados pela violência do poder. Estou ao lado dos que ajudam por Amor. Eu estou, Francisco, onde quase ninguém me busca. Eu permaneço no centro da alma onde nascem os pensamentos e o espírito se esforça para a verdadeira educação, na força da disciplina. Eu estou na boca do verdadeiro sábio, aquele que fala com brandura, e quando usa a energia, esta não é acompanhada da violência. Eu estou na boca do homem sério e fiel a Deus, no amor e no bem comum. Eu estou no exemplo dos homens dignificados, que nos seus corações fazem brilhar o sol da verdade.
Eu sou *Amor,* em todas as suas feições de *Caridade.* Eu te digo, porque sou ª Luz do mundo. E te falo o que deves fazer, porque tens ouvidos para ouvir.
Nisto, Francisco acordou da madoma, más ainda ouviu as últimas palavras do Mestre:

- Francisco, reconstrói a minha Igreja!

A voz, antes meiga e dominante, viva e presente em todo o corpo de
ancisco, se desfez no cosmo como por encanto. Ele, estonteado, voltou a si, como se estivesse chegando de uma grande viagem. Passou as mãos no rosto e olhou para os lados, procurando alguém cuja presença pressentia, mas nada viu. Olhou para as águas que corriam tranquilas. Um vento brando soprava nas árvores e brincava na relva,

movimentando a baixa vegetação. A mensagem da grande voz palpitava no ser de Francisco, com imagens vivas que subiam ao consc fazendo-o recordar-se da sua missão junto aos homens. Saiu dali renovado de idej' Era outro homem, um homem perfeitamente ajustado em *Cristo.* Sua mente, tostada rigor das contradições do mundo, buscava algo que viera fazer, mas cujo cami h ainda não encontrara; porém, naquele momento, o sol nasceu em seu coração e estrelas brilharam em sua consciência. Encontrou a si mesmo, encontrando De pela indicação de Jesus.

De longe se avistava aquele pequeno homem, meio curvado no velh cajado que serviu ao genitor de Jarla por muito tempo, e que, agora, lhe emprestava sua cooperação, nos rudes golpes do destino, para que Francisco abrisse os olhos para o seu verdadeiro dever. Viera em uma família abastada, tendo como pai um homen violento e amante dos prazeres materiais, criado em mansão onde nada lhe faltava testando assim os seus valores já conquistados no correr das eras, para que, comi troca de posição, sentisse maior força no que tange às leis naturais da própria vida E foi o que fez nos caminhos percorridos.

Francisco chegou à casa abatido, ainda sentindo o corpo como um aparelho frágil; porém, intimamente, ouvia o rugir do leão c uma força descomunal começava a crescer dentro do seu coração, que se aliava à sua lúcida inteligência: era a volta do Cristo pelas vias da sua consciência. Era um fenômeno transcendental, que por enquanto deveria calar diante do povo, cultivando o ambiente de Deus dentro de si. Ninguém na mansão viu Francisco chegar. Entrou em seus aposentos e, em vez de s deitar em sua luxuosa cama, deitou-se no chão, removendo para o lado o grosso tapete, a fim de sentir o piso duro na própria carne, como os sofredores, como os escravos em corrigenda. A sua mente era um fulcro renovador...

Sua mãe e Jarla, chegando impacientes, procuravam Francisco nas ondas de um silêncio premeditado, para não o interromperem em suas conjecturas, e o viram dormindo como um Anjo, mas no chão duro como os animais. Quiseram apanhá-lo, porém, alguma coisa as impediu de fazer isso. Puxaram de novo a porta, deixando-o a sós, diante da sua própria consciência.

* * *

Francisco levantou-se consubstanciado no Amor e na Caridade, procurou seus familiares. Pedro Bernardone, entretanto, tinha viajado em busca novos ganhos. Continuava hipnotizado pelo ouro, e seu objetivo era ganhar, e 9uan. mais, melhor. Assim, procurou sua mãe e Jarla. pedindo igualmente a presença Foli. Abraçou a mãe, beijando-a como de costume, e também Jarla, abraçando-a na candura peculiar dos Anjos. Pegou as mãos de Foli e repetiu o mesmo carinho, e a filha adotiva de Jarla não suportou a emoção,

destampando-se em prantos comovedores. Naquele momento, todos os quatro foram tomados de emoções espirituais.

Francisco as convidou para o jardim da mansão, onde se assentaram na macia. O jovem iniciou com elas uma das mais sérias conversas de sua vida, decisão que iria repercutir, ainda que ele não soubesse, em milhares de pessoas e mudar o destino de muitas criaturas.

Francisco falou com simplicidade e mansidão:

- Tomei uma decisão definitiva para a minha vida. Estava enganado, quando me alistei na guerra de Assis com a Perúsia, guerra essa como todas as outras, que objetivava unicamente a usura, o egoísmo e o orgulho, que depreciava o ser humano. Os prisioneiros eram tratados como animais, ou de modo muito pior. Não havia respeito pelos direitos humanos, as famílias eram colocadas em vexames, e desaparecera a moral. Fui chamado para uma guerra, porém diferente da dos homens; para a guerra de Deus, onde o que Ele verdadeiramente quer é a luta permanente comigc mesmo, em que eu possa induzir os outros a fazerem o mesmo. Trata-se de guena para introduzir a paz na consciência. Sei que serei perseguido, maltratado, difamado e desprezado; não importa os homens, quero ficar com Deus. Quero seguir os caminhos de Jesus Cristo e ser abençoado por Maria Santíssima; quero, minhas irmãs, ter paz na consciência, por cumprir o meu dever de homem reto, de homem justo, que faz do Amor a sua melhor arma de combate.

Vós me compreendereis, por sentirdes nos corações a Verdade que muitos não percebem. Vós sois ajuda dos Céus, com a qual Deus me premiou para as minhas necessidades. Não surgi no mundo por acaso, pois todos viemos com tarefas, cujas definições não nos pertencem, e sim, Aquele que tudo fez e que nos governa a todos. Quero e peço que a Sua vontade se faça em minha vida, e eu serei obediente aos Seus desígnios. Bem sabeis do respeito que tenho por meu pai, minha mãe e por iodos vós. No entanto, peço que me entendais. Doravante, somente obedecerei a Deus, pelas vias do Cristo, pois comecei a ouvir a Sua magnânima voz mais diretamente. Ele é o meu Caminho, a minha Verdade e a minha Vida. Eu não me pertenço mais...

Não tenho medo de ameaças humanas, e, em se cumprindo em mim a vontade de Deus, irei renunciar a tudo que meu pai acumula para o meu futuro, que Pertence ao Senhor dos Céus. Rogo-vos compreensão e ajuda pelas orações, que certamente muito me valerão nos meus caminhos. Estou sentindo a Verdade, e me considero-o livre das condições da Terra, e preso a Cristo pelo *Amor!*

Deverei reconstruir a Igreja do Senhor e começarei levantando paredes para que as minhas mãos provem que estão ligadas em um corpo obediente aos mandos de Deus. Quero agradecer profundamente à mamãe por tudo o que fez por mim até o presente

momento. Quero agradecer a Jarla, que reconheço ser um anjo em caminho, e pelo que me ensinou de nobre e de bom. Quero agradecer também a Foli, pelo que vai ser de útil à mamãe e à Jarla nesta casa.

De hoje em diante me considero livre dos bens terrenos e de família, de parentes e amigos, que não entenderem as minhas resoluções. Estarei com Deus e com Cristo, para que os homens sintam mais de perto o amor do nosso Pai Celestial operante em toda a natureza! Quero ainda que vós saibais da minha admiração pela religião Católica Apostólica Romana, pelo Papa, pelos Cardeais, Bispos e Padres e por todos os movimentos para o Bem na Terra, e por onde a Caridade passar, eu sentirei muita gratidão. Todavia, é bom que também vós saibais, que qualquer desses movimentos ou pessoas, que esquecerem o Evangelho nos seus fundamentos primitivos, como saiu dos lábios do nosso Divino Mestre, receberá o meu repúdio, e lutarei para que todos compreendam que a doutrina de Jesus é a doutrina de Amor e de Perdão, de Paz e de Trabalho. Tenho vontade de tirar o nosso Mestre da cruz, onde todos o adoram, para que Ele venha ao nosso encontro sorrindo, porque a alegria para nós é força que anuncia a felicidade. Compete a mim entender o Cristo em Espírito e Verdade, sem exigências, amando e trabalhando, servindo e compreendendo, cantando e construindo, para que algum dia a humanidade venha a conhecer o nosso esforço de ajudar sem procurar ajuda para nós, de ajudar por amor a Deus e ao próximo.

Sei que estou falando muito, mas devo falar mais, por não saber se encontrarei outra oportunidade como esta, pela disposição que tendes de me ouvir. Agradeço por isso a todas, e rogo aos Céus que vos abençoem sempre. Não quero, se me permitis, nem herança de nome; ficarei com o simples Francisco, e se os céus permitirem, o sobrenome de Assis, onde devo começar a trabalhar sem demora. Mas que também caiam as barreiras de regionalismo, porque desejo compreender e viver dentro dos ideais do universo.

Quero, minha mãe, se me permites, antes, peço que não te ofendas, que até o amor que tenho para contigo, seja o mesmo para outras mães. Perdoa-me, se isto te ofende, pois estou falando a verdade; a minha gratidão por Deus é imensa, por ter me dado mãe como a que tenho.

A ti, Jarla, mil desculpas peço, porque bem sabes o que vou falar, por conhecer a minha sinceridade. Amo-te muito, Jarla, como peça de mim mesmo, mas devo amar todas as Jarlas do mundo, que sei espalhadas em muitos lugares da Terra, por bênção de Deus. Sei do teu interesse por nossa paz, e te agradeço do fundo d'alma pelo que tens feito por mim.

Foli, tu és uma flor ainda em botão; porém, sentimos o teu perfume a nos confortar a todos. Estás entre dois Anjos de Deus, e aí deves permanecer, pois mais tarde poderás crescer para a Luz da Vida, na Luz do Amor.

A meu pai, que ora se encontra viajando, que Deus o abençoe sempre, e para ele, a minha gratidão e o meu amor.

Jarla olhou para Francisco, e viu que ele estava envolto de luz; olhou para Pica e viu que ela também havia percebido isso e que seus olhos vertiam grossas lágrimas, sentindo no coração a realidade do que ouvira. Foli chorava também, p0r compreender a missão de Francisco diante dos homens. E as três mulheres abraçaram-no com toda ternura, osculando as suas mãos e ele compreendeu ali, mais profundamente, com quem estava conversando.

Saiu do palácio agradecido a seu pai, mesmo ausente. Agradeceu à querida mãe, à Jarla e à Foli. Agradeceu aos animais que o serviram e às plantas que embelezaram a mansão; agradeceu aos pássaros que todos os dias ali iam alegrar o ambiente com suas melodias. Agradeceu ao Sol, à Lua, às Estrelas, ao Ar que ali soprava todos os dias. Agradeceu às Águas e beijou o chão, agradecendo ao solo pela sua humildade, por servir para que todos o pisassem e cuspissem nele, que recebia todos os tipos de sujidade, e por amor, devolvia aos homens todo o alimento de que careciam para viver. Agradeceu à casa que lhe serviu de moradia. Agradeceu aos servidores da comunidade e pediu-lhes desculpas em voz alta. Agradeceu a Deus e a Jesus, fixando o firmamento. Lágrimas derramaram-se abundantemente por suas faces, e com voz entrecortada de soluços, agradeceu à Mãe Santíssima. E saiu da casa de seus pais.

Como a voz lhe tinha pedido para reconstruir a Igreja, tomou como ponto de inspiração a pequena igreja da localidade, de nome São Damião. Saiu pedindo de porta em porta, não mais como nobre, porém, como homem comum, como filho de Deus e discípulo de Cristo, ajuda para reconstruir a pequena igreja, contando o ocorrido com ele. E quase todos iam lhe ofertando o que podiam para a reconstrução da velha casa de Deus. E neste ingente esforço, apareceram muitas mãos para ajudá-lo no empreendimento e, cantando louvores ao Senhor, por aquele entusiasmo, sentiu no coração que aquele caminho era por excelência o seu roteiro - o da reconstrução, o de levantar alguma coisa caída, de laborar no engrandecimento da fé e da obra de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não obstante, Francisco começava a sentir e a encontrar os primeiros obstáculos, que partiriam da sua própria casa, pela imprudência do seu próprio pai. Quando Pedro Bemardone chegou de viagem e teve notícia da decisão de seu filho de abandonar tudo, até a moradia que ele, Pedro, tanto amava, sentiu que caíam por terra novamente os planos delineados por ele, para a salvação do filho, e que de novo fracassara. Explodiu dentro dele força mais rude que a primeira, que ele considerava como honra da família. Deveria ir atrás de Francisco e trazê-lo amarrado, deixá-lo preso, esbofeteá-lo e corrigi-lo, pois era seu pai. Era o seu dever de homem reto e amante de uma conduta exemplar, ensinar esse filho a trabalhar Para a sua própria independência, e a de sua futura família.

Pedro Bemardone assentou-se em uma cadeira cujo balanço já o fazia refletir. Tomado de nervosismo, pensava com ardor:

"Não posso deixar este rapaz entregue à influência destas mulheres aqui de Casa. Todas são malucas, sem exceção. Elas somente sabem bem, mas muito bem, é chorar. Deve ser por isso que o próprio Deus entregou a Moisés as tábuas da lei no monte Sinai: Moisés era homem. Deve ser por isso que Jesus não chamou para S discípulos uma mulher sequer; foram todos homens. E deve ser por esse motivo que as mulheres não podem ser padres, por não saberem orientar... Eu. Pedro Bernardone, alto comerciante de Assis, conhecido em muitos países c respeitado como homem de progresso, é que vou permitir esse erro aqui dentro da minha casa? Isso^ que não. Devo agir com rapidez, não posso perder essa oportunidade de fazer de meu filho um homem, mesmo que ele não queira, e. caso aconteça o contrário, que não acredito, eu o expulsarei de minha casa, e ele vai viver como mendigo, esmolando de porta em porta, o que ele não vai querer".

Abriu os olhos, foi à jarra de vinho reanimante e sorveu-o com praz Colocando em prática os seus planos, o pai de Francisco, com dois de seus sequazes, disfarçados de orientais, saíram em uma tarde, a fim de verificar a vida que o filho levava na cidade de Assis. Logo deram com Francisco esmolando de casa em casa, pedindo alguma coisa que a família pudesse dar para reconstruir a igreja, pois era vontade de Deus que os templos ficassem todos com a decência de acolher o povo. Quem não tivesse dinheiro poderia doar material, e quem não tivesse material, poderia dar outros objetos que estivessem sobrando em casa, e até víveres, os quais eram distribuídos com os pobres na porta da igreja, mostrando assim que ali era a casa de Deus, onde haveria misericórdia e onde o amor nunca era esquecido.

Todos os dias tinha quem o ajudasse e era um chegar e sair de gente no movimento que Francisco fundara, obedecendo à fala que ouvira. Pedro Bernardone, quando viu seu filho, que criara com orgulho, pedindo esmolas, sem nem pelo menos escolher onde pedia, ferveu-lhe o sangue nas veias e quase perdeu a cabeça. Mostrou aos dois servidores, a quem eles deveriam raptar, e foi para a mansão esperar o resultado, já com tudo preparado sobre o que deveria fazer.
Daí a duas horas, chegaram os seus homens com a presa dentro de um grande saco; ainda amordaçado, Francisco foi levado para o porão do palácio, onde o pai o libertou à luz das candeias. Pedro Bernardone pensava que ia encontrar o filho envergonhado e abatido diante dele; entretanto, este saiu de dentro do saco dizendo.

- A paz seja contigo, meu pai. A paz de Deus e de Jesus Cristo!

O pai olhou para Francisco com ódio redobrado, e falou agressivo:

- Parece que até a vergonha fugiu do teu caráter! Tu te esqueces de que és meu filho, alto comerciante de Assis, e que em tuas veias corre o sangue deste homem honrado? Por que sais pelas ruas desta cidade em que nasceste pedindo esmolas de casa em casa, para consertar igrejas que pertencem à Religião Católica, sendo que os padres já recebem de todos nós o dízimo para manter em ordem as casas de Deus? Por que te atreves a fazer essas coisas, sem ordem do clero ? De tua cabeça somente saem essas coisas; tudo que te ensinei fazes ao contrário. Deves estar mesmo com o demônio, só que desta vez não é no corpo, é na alma. Quero [ar com o Padre Guido sobre esse assunto, e talvez um exorcismo seja o remédio.

Mas, antes de tudo, quero advertir-te: se não mudares de vida, te matarei, quero raça minha vivendo a mendigar esmolas nas mas desta cidade!

Francisco ouviu, pacientemente, tudo o que seu pai quis falar, sem nada alterar em seu íntimo. O único sentimento que se acendia em seu coração era o de edade para com ele, pois achava que era um doente que precisava de cuidados suficientes. Quando Pedro Bemardone terminou suas inconsequentes palavras, andando de um lado para o outro esfregando as mãos, alterou a voz e disse com a prepotência que lhe era peculiar:

- Fala, fala alguma coisa, Francisco..., para que eu sinta que não estou conversando com um morto!

Francisco, pacientemente, disse com brandura:

- Meu pai, peço perdão se te estou ofendendo em alguma coisa. Quero pedir igualmente perdão à mamãe, à Jarla e à Foli, se o meu gesto ofende a estes corações que tanto amo. Entretanto, chegou a hora de ser eu mesmo no mundo.

Escolhi outro lar para viver de agora em diante: o lar da natureza. Acima do respeito e da gratidão que devo a ti, tenho Deus e Cristo para obedecer e servir, essa é a minha maior honra. Já te disse qual a minha intenção, qual é o meu trabalho no mundo, como já o disse à mamãe, à Jarla e à Foli. Já me despedi de tudo na tua mansão e agradeço de todo o coração o que recebi nesta casa, por misericórdia.

Portanto, não te deves admirar o que está sendo feito da minha vida, pois devo obedecer, em primeiro lugar, depois de adulto, à minha consciência.

Desculpa-me, porém, tenho a minha vida em separado da tua, e vim para este mundo com missão diferente da de Pedro Bemardone. Não importam para mim, cadeia, tronco, bofetadas, ou mesmo a morte, desde que minha consciência permaneça tranqüila, coisa muito difícil nos dias que correm. O povo grita por Deus e pede socorro nos templos por variados meios. Fazem-se, todos os dias, promessas, penitência e jejuns esticados, reza-se em todos os momentos, fala-se de Jesus narrando toda a Sua história, como coisas sagradas na vida, mas se esquece de

praticar o que Ele ensinou, renega-se o Evangelho todos os dias, pelo que se fala e se faz, esquecendo o amor a Deus e ao próximo, coisa muito séria na vida de cada ser.

Nós somente encontramos ganância, egoísmo, orgulho e amor próprio, esquecendo Aquele
que morreu na cruz sem ter uma pedra que fosse para reclinar a cabeça. Ele tudo deu para acalmar os homens, mesmo assim foi morto em um madeiro, no topo do Calvário.
Pedro estava vermelho, como se o próprio sangue estivesse saindo em testemunho às palavras do filho. Quis muitas vezes avançar em Francisco , pois esse era o seu temperamento; todavia, uma força estranha o impedia de fazê-lo. Parecia que estava mais amarrado em fortes cordas do que o próprio filho. As algemas invisiveis seguravam até a sua própria língua. E Francisco continuou com serenidade:

-Quero que escutes para nunca mais esqueceres a verdade que agora digo. Não teimes em tomar a interromper a minha marcha para Deus. sob a direção rJe Cristo. Se intentares me fazer esquecer Jesus, o preço que pagarás está fora das tuas forças, e sofrerás sem conta, porque ninguém deve brincar com Deus. Peço-te que procures o caminho que pretendes, sem interferires nos dos outros, que não devem igualmente interromper os teus. Eu sou Francisco, filho de Deus, e sigo o Cristo, meu único Mestre!

Pedro Bernardone, a única coisa que pôde fazer, foi morder os lábios e as mãos, que já se mostravam como que sangrando de ódio. Mas Francisco, mesmo vendo aquele drama, continuou bem disposto na sua conversa:

- Papai!... Quero fazer-te sentir uma coisa que poderá libertaroteu coração desta influência terrível, que alimenta a tua usura pelo ouro. Quero pedir-te pelo Amor que consagras ao que mais amas nesta vida, que mudes de ideia, pelo menos um pouco. O que já tens, dá muito bem para que vivas sem medo por toda a tua vida, sem precisares viver o desespero do ganho, que muitas vezes exige o suor e o sangue dos teus servidores, que de nada desfrutam. Tem um pouco de misericórdia desses homens e mulheres que trabalham contigo, melhorando-lhes a vida, dando-lhes mais um pouco de conforto e de esperança. Trata-os bem, como se fosse eu. Se for preciso, e se o teu instinto exigir, esquece-me como filho e lembra-te deles em nome de Jesus, aquele Cristo de quem te lembras também de vez em quando.
Não olhes somente para a terra; levanta os olhos ao infinito e procura escutar a voz do Criador, pelos fios invisíveis que intercambiam a criação com Ele. Procura pensar nas belezas que nos cercam e que nada nos pedem em troca daquilo que nos ofertam; a luz do sol, as chuvas, os ventos, as águas, os animais que nos são tão úteis. Pensa nisto, meu pai, e entrega o teu coração ao coração do infinito, a Inteligência que tudo fez nesse mistério que existe nas dobras do mistério maior. Deixar acender em teu coração a luz da caridade, e ela te mostrará caminhos excelentes, que antes não conhecias.

A verdadeira felicidade está na prática da fraternidade, aquela ensinada e vivida por Jesus. Não gostas de buscar sempre os grandes nomes do passado.? Pois observa a vida deles, como brilharam em favor dos povos! Copia essas vidas e quanto a felicidade poderá bater em tua porta, abrindo-te a consciência para a paz do coração.

Não sejas irreverente diante das oportunidades que os Céus têm te ofertado; chamado de Deus, pelos processos compatíveis com a tua pessoa. Aprende a orar, deixando livres os teus sentimentos de caridade, que Deus não esqueceu de colocar em teu íntimo, e compreende agora mesmo, para que não sofras, que eu sou Na verdade, vim a este mundo como teu filho, mas o limite da carne é a razão. Chegando à maioridade, começa a ação do Espírito, cuja filiação é de Deus. Eu sou filho de Deus, e teu irmão em Jesus Cristo!

Francisco asserenou a fala, arrefecendo a influência que estava exercendo o pai por ação da palavra , em um magnetismo altamente elevado e Pedro Bernardone, como que enjaulado nos fios invisíveis que o cercavam sentiu-se solto avançou sem palavras para Francisco. Esbofeteou seu suave rosto várias vezes, cuspiu em suas faces com nomes apropriados à agressão, amarrou-o com as mãos para trás, e, enfurecido, deixou-o no porão do palacete, dizendo irritado:

- O teu lugar é aí, até que o tempo possa te despertar para a realidade da vida. Queres viver de sonhos, como pássaro, sendo homem. Que o teu Deus se compadeça de ti!

Fechou a porta e saiu alterado na sua personalidade, gritando para sua mulher e Jarla, que logo vieram correndo:

- Não quero que tirem esse moço da cela; ele deve ficar preso até a minha volta, que não sei quando se dará! Quem não cumprir as minhas ordens pagará caro pela desobediência!

E não quis escutar o que as mulheres poderiam falar... Dona Maria Picallini escutou tudo calada, sufocada pelos fatos, e temendo a estupidez de Pedro, que poderia chegar às raias da agressão com quem o desobedecesse, somente chorou às escondidas, com a sua companheira de infortúnio e Foli, que tinha aparecido como mais uma companhia e alento nas horas de sofrimento.

Pedro Bernardone viajou, sentindo o coração descompassado, por querer que seu filho fosse a sua cópia no comércio e na política, na têmpera e na diligência, enfim, ambicioso e forte na sociedade, como tantos outros que conhecia, por onde insitava, em meio mundo. E remoía por dentro essa atitude, preferindo que seu o morresse, a desmoralizar a família como um mendigo.

As mulheres da família tratavam de Francisco, no porão do palácio, com todo ^eannho e amor que ele merecia. Em vários momentos, tinham impulsos de desamarrá- lo soltá-lo, para que fugisse, mas o próprio Francisco não aceitava dizendo:

- Eu preciso disso, por sentir em meu coração que devo ser disciplinado e na própria carne o que os pobres passam ante os ricos, que vivem às suas custas. Estou muito bem e devo conhecer a obediência, o chão duro para do maus tratos, e ainda sou favorecido por estar aqui em casa, tendo como carcereiros três anjos que me amam e me ajudam, tratando de mim como se eu fosse alguma coisa no mundo. E o que passam os presos de guerra, os vencidos nas batalhas, os enfermos nas casas de tratamentos, os mendigos jogados nas ruas e os leprosos nos Vales dos Imundos, os pobres nas vilas sem recursos para se alimentarem e vestirem e as crianças sem mães? Eu estou privilegiado onde estou!

Meu pai não é mim, é apenas ignorante das leis de Deus. Em mas o~ mamãe, pede para o papai; faze também o mesmo, Jarla, e pedi a Foli compreendê-lo igualmente, que Deus haverá de abençoá-lo, e Jesus, de envolvê-lo na Sua paz e no Seu entendimento.

Francisco, recostado em um dos pilares da mansão, meio sonolento escutava novamente a voz que tanto admirava, a voz que fazia dele um verdadeiro
soldado de Deus, em tom suave e por vezes enérgico:

- *Franciscol...* Es uma peça na grande engrenagem da reforma da minha Igreja e é necessário muita humildade, paciência e amor, além de um profundo interesse pelo Bem coletivo, para que o Cristo possa brilhar em ti. Jamais deixes que o ouro te influencie, iludindo-te nas aparências de uma realidade. Os bens terrenos têm o seu valor nas mãos de quem veio para transformá-los em trabalho digno, e como força do progresso; mas tu escolheste a melhor parte: o lado espiritual da vida.
Sendo um educador dos sentimentos humanos, deves servir de exemplo, sem que a consciência te acuse de alguma coisa. Nada te faltará na jornada que empreenderás na Terra, como também aos teus companheiros; estarei contigo até no último respirar, indicando-te o melhor caminho. Contudo, os teus caminhos na Terra estão cheios de espinhos, como foi a minha coroa. As tuas mãos serão cravejadas pelos agravos da indiferença, os teus pés sofrerão as durezas dos caminhos, na inconsciência do que vais fazer. O teu corpo se mostrará em chagas de todos os tipos, para que conheças os açoites do tempo e da ignorância humana, e é nesta soma de valores imortais que poderás me conhecer, na profundidade do coração, e dizer como o apóstolo Paulo: "O Cristo em mim é motivo de glória".

Não deves gemer de dor, mas somente cantar.
Não deves blasfemar com tristeza, mas somente alegrar-te.
Com ninguém, no mundo, deves reclamar, porém, confiar sempre na **vi**
Não deves esperar amor, mas amar todos sem distinção.
Não deves procurar a ma própria satisfação, mas buscar as leis de Deus.
Não deves buscar nem ouro nem prata, porém abençoá-los on estiverem.
Não deves querer conquistar qualquer pessoa para o teu rebanho, mas fazer com
que eles melhorem onde estiverem.
Não deves usar de violência nem em pensamentos, mas deixa-te ser dominhado pela vontade de Deus.
Não deves esquecer-te dos teus deveres, nem te lembrares dos erros alheios.
Deves, sim, fazer o bem, em todos os aspectos que a vida te mostrar, para e tenhas a verdadeira felicidade.

E Francisco adormeceu...

* * *

Shaolin não encontrou mais o seu amigo Francisco. Quando este saíra da prisão, ele ficara cumprindo ordens, regras de guerra, e lá permaneceu muito tempo. No cárcere, dedicava-se à meditação e recitava páginas e mais páginas para os companheiros de cela, sobre aquilo que lera. Com o correr do tempo na prisão, seu organismo também se enfraqueceu e se foi atrofiando, situação ainda pior para quem, como ele, já sentia por dentro a ânsia da liberdade e a necessidade de comunicar-se e de ajudar. Pelo seu procedimento, conquistou a admiração dos carcereiros e vigilantes, que ouviam com atenção as histórias contadas por ele sobre o seu pai e a velha índia, e, um certo dia, Shaolin foi solto. Procurou a casa de Francisco, porém, não o encontrou. Francisco tinha saído de Assis para lugar ignorado por seu pai. Pedro Bemardone interrogou Shaolin, para saber porque estava à procura do seu filho, e este contou-lhe tudo, falando com detalhes sobre os acontecimentos vividos juntos. Pedro gostou da história, fê-lo entrar, serviu vinho com tâmaras, e despejou no rapaz toda a sua impaciência acerca de Francisco, o seu ideal para com o filho e o fracasso do mesmo; sobre sua fortuna e o que Francisco estava desperdiçando, somente pensando em ajudar aos escravos e aos pobres vagabundos.
Shaolin, respeitoso, ouviu silenciosamente o pai do seu companheiro e, quando teve oportunidade, disse com humildade:

- Caro senhor, o teu filho para mim é um grande amigo, que tenho como irrnão, por sentir por ele um afeto muito grande. Conhecemo-nos em um campo de treinamento aqui em Assis, quando nos alistamos para defender esta cidade que o amo, como já te disse e naquele encontro selamos a nossa amizade. Queria vê-lo antes de ir para Veneza, pois alistei-me novamente, desta vez nas Cruzadas, para pegar em armas. Já sou moralmente um cruzado, e devo defender o Santo Sepulcro, de que os turcos se apoderaram, e seria para mim um grande prazer, se pudesse vê-lo antes da partida....

Assim dizendo, fez menção de despedir-se do rico comerciante, mas este interceptou-o prosseguindo:

- Também eu queria que vocês se encontrassem, pois desta forma Francisco poderia reagir intimamente e oferecer-se como um defensor do mais sagrado pedaço de terra que existe para nós, que pertencemos à Igreja Apostólica Romana – o Santo Sepulcro - e tomar-se um homem, tornando-se um cruzado. Logo que ele chegar darei o teu recado com muito interesse.

E despediram-se.
Shaolin, triste por não ter encontrado o seu amigo, partiu para Veneza L chegando, encontrou, cm movimento surpreendente, a formação da quarta Cruzada, cujos componentes estavam enlouquecidos pela fúria. E o mais triste é que a grande maioria dos cruzados eram crianças ostentando bandeiras e gritando loucamente em um volume que assustava um racional. Assim, Shaolin, homem ponderado c acostumado à meditação, conhecedor de determinadas leis espirituais, começou a modificar seus conceitos concernentes às Cruzadas; e pensou secretamente que aquilo era uma verdadeira balbúrdia, aquele impulso de guerra era inconsciente! 0 que poderiam fazer aqueles meninos na frente de batalha contra homens adestrados e maldosos como os turcos e os egípcios? Aquelas crianças eram inocentes no que se referia a lutas! Nestes pensamentos, entrou em conflito consigo mesmo, esfriando, no seu íntimo, o ardor de participar das guerras e da Cruzada. Assim, apresentou-se, a contra gosto, no casarão que servia de quartel, onde tinha o necessário para um soldado, e foi abençoado por um frade que mais parecia um carrasco. Deitou-se numa cama improvisada, onde o capim era o colchão. Meditou a noite inteira, pensando em seu mestre espiritual, pedindo-lhe que o ajudasse a fazer o melhor; se aquele caminho fosse o seu, que o ajudasse a cumprir seu dever, e se não, que o retirasse pelos meios de que os Anjos são mestres. Shaolin estava se entregando por completo aos braços da Verdade, pedindo que se cumprisse a vontade de Deus e não a dos homens.

Nisto, ele notou uma luz azulada, descendo do teto, que o atravessava sem impedimento, e que foi crescendo e tomando forma. Enquanto um suave vento soprava no ambiente, sentia um perfume peculiar ao seu mestre espiritual, e a forma se definiu. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, e, no momento, foi tomado de emoção indescritível... O mestre, olhando para ele, mansamente, deixou que ele chorasse, e o pranto foi demorado. Naquele estado emotivo, ele regressa indo ao tempo de criança, lembrando-se de sua mãe, de seu pai, de seus irmãos, italiano que o levara para a Itália e o educara. Lembrou-se fortemente de Francisco, acampamento em Assis, quando estava em treinamento para a guerra contra Perúsia e de quando caíram nas mãos dos inimigos e foram aprisionados. Pensou na sua vida, do que deveria fazer dela, e tomou a chorar, por sentir-se preso às Cruza Verdadeiramente, estava arrependido de ter-se tomado um cruzado.
O indiano, com o olhar meigo e gesto carinhoso o abençoou, dizendo:

. Shaolin!... Que Deus te abençoe sempre, e que o Cristo de Deus te faça Idado do Bem, sem que teus impulsos inferiores interrompam a luz que começa a nascer em teu coração! A vida na Terra é, como observas, cheia de tumultos, de pestes, de fome, de guerras fratricidas, de ignorância e de ódio. E a morte eliminando vidas em todas as direções. Para qualquer nação que intentares te transferir, encontrarás as mesmas coisas, os mesmos homens, cheios dos mesmos defeitos e os mesrnos carrascos com sede de sangue e de domínio.

A maior parte das criaturas são Espíritos inferiores, carentes de educação de disciplina, e, por enquanto, para eles a melhor escola, o melhor lar e o melhor hospital, é ainda a Terra. Os processos das vidas sucessivas, como bem o sabes, são a porta sagrada para eles se melhorarem, não obstante, onde estiverem, criarão problemas. Matam-se uns aos outros, porque são assim, mas depois haverão de despertar para o Amor, pois foram feitos para isso.
Deus, Todo Poderoso, está vendo isso muito melhor do que nós outros, e já tomou todas as providências cabíveis para a educação coletiva destas almas. Não blasfemes contra a Divindade, nem penses que estes homens estejam órfãos das bênçãos de Deus. Existem no seio da humanidade, por misericórdia da Luz Espiritual, falanges de Anjos que desceram por amor, para ajudar na difusão do Bem, do Amor e da Caridade, e isso é trabalho demorado, mas são sementes que vão nascer e florescer, mais tarde, na terra dos corações. Se quiseres, meu filho, poderás ser uma destas sementes de luz a serviço do amor de Deus, sob a orientação do Cristo. Não temas. O teu destino já está delineado por mãos invisíveis que te conduzem. O que resta fazer depende de ti. Não te esqueças de orar, e, igualmente, de vigiar, e confia em Deus e em ti, que tudo o mais te chegará por misericórdia do Criador. Sempre estarei contigo. Adeus...

Shaolin quis perguntar alguma coisa, mas a garganta estava sufocada pela emoção. Quis interrogar pelo pensamento, como de costume, porém, as ideias não lhe obedeceram. Avançou naquele instinto de gratidão, beijando os seus pés luminosos, e chorou novamente no silêncio da noite. Se alguém o visse, notaria que sua boca estava fosforescente, iluminada, força esta emprestada pelos pés do mestre indiano, que o protegia em todas as suas mais difíceis decisões. Daí a pouco, dormiu serenamente.

No outro dia, Shaolin acordou aliviado das apreensões, mas ainda restou uma forte dúvida: "Seria certa a sua ida para a guerra? Seus sentimentos não lhe recoemendavam lutar e matar; além do mais, para defender o que? Um pedaço de terra igual aos outros ! Seria mesmo a vontade de Jesus, aquele meigo Nazareno que somente pregou o Amor? Ou essa guerra era somente dos homens gananciosos? Era o que ele queria perguntar ao seu guia, porém, não houve tempo; será que deixara isso para que mesmo deduzisse e decidisse pelo seu próprio arbítrio?"

Cumpriu a sua obrigação nos adestramentos, sob orientação de velhos cavaleiros romanos e franceses, mas não se habituou com o barulho ensurdecedor d garotos da Cruzada. Foi para o tombadilho de uma embarcação mais próxi ma, ajusto S se em uma firme tábua e passou a jogar grãos aos peixes que se agitavam faminto * Shaolin meditava sobre as águas e observava os peixes que sç servem d mar como casa, moradia essa que lhes assegura a vida. Sentia as lufadas do vento a brincar com as ondas. Demorou-se tanto ali, que não ouviu o charmdo para repasto da tarde. Já surgiam as estrelas no majestoso infinito, estampando para o olhos humanos uma projeção nunca igualada pelos homens, de beleza e de esperança. Fixou o olhar tristonho no firmamento, e sentiu saudades, sem saber de quê e de quem, e o seu coração torturado por lembranças confusas, parecia querer parar e ali conversou com a Majestade Divina, em um tom de humildade que somente o Amor mais puro sabe e entende:

- Grande Força Universal que nos governa a todos! Estou me sentindo como folha seca ao vento, que o destino sopra, sem que eu saiba o que quero e para onde vou. Sei que sustentas todos os Teus filhos, onde quer que estejam, mas sei também que formulaste leis para nos guiar, educar e defender. Eu Te peço para me ensinar com mais eficiência essas leis, para que eu possa respeitá-las, respeitando igualmente a Ti.

Sinto-me, Senhor Jesus, agraciado pela visão deste momento, em que os céus me fascinam e criam em mim algo de esperança, predispondo-me ao Amor, a Ti e ao próximo, que por vezes intento destruir. Esse impulso deve ser a ignorância que ainda vibra em meu ser. Ajuda-me a libertar-me das influências maléficas que me mandam destruir, que me agridem para eu agredir, que me maltratam para eu maltratar...

Disseste, Jesus, muitas vezes, aos Teus discípulos, que eles seriam reconhecidos por muito se amarem, que o Amor não destrói, não maltrata, não agride, não rouba, não mente, não é dado ao ódio, não vinga, não alimenta o egoísmo; o Amor é pura Caridade. Então, Jesus, a Igreja que traz o Teu nome, e em Teu nome faz guerras, não Te obedece, desobedecendo às regras do Teu Evangelho de luz, que tenho n'aima escrito, e posso declamar a qualquer momento. Peço-te, Mestre dos mestres, guiar-me nos caminhos, abençoar-me para que eu não deixe de fazer o que é certo para mim. Porém, acima do que estou pedindo, faça-se a Tua vontade e não a deste Teu servo, que Te pede com humildade: concede-me um lugar no Teu rebanho, para que eu possa melhorar! E abençoa igualmente a todos os dirigentes inconscientes deste movimento trevoso das Cruzadas, para que eles possam mudar de opinião, principalmente no que tange a essas crianças, que sei, serão todas sacrificadas por hábeis guerreiros e ladrões sem sentimentos. Tira esse cálice dos destinos destes jovens, aliviando seus infortúnios. Caso não seja da Tua vontade, dá-lhes força para resistirem ao que deve ser feito, e que não pode ser mudado. Abençoa as estrelas, o mar, os peixes, o vento, a Terra. Abençoa Senhor, os homens. Amém.

E foi para o acampamento que lhe servia de quartel. Shaolin recostou-se capim que lhe servia de cama. Sem sono, sentiu que sua mente buscava outras paragens. Notou que estava como que saindo de uma casca, ou se despindo de pesada roupagem, parecendo-lhe estar perdendo os sentidos, o que não ocorreu.

Assustou-se com o fenômeno, e era homem de nada temer, mormente quanto a fatos cernentes ao Espírito, pois tinha consciência de que ninguém morre e que apenas muda de residência. Confiou em Deus, e se entregou àquela força que talvez o estivesse testando.

Sentindo as mais estranhas sensações, saiu, consciente, do corpo físico, e viu a sua roupa de carne estirada ao chão. Andou livremente no ambiente, olhos em derredor e pensou em Deus. Buscou o Cristo, e uma alegria invadiu o seu ser ao ouvir uma voz que conhecia muito, lhe falando com brandura:

"Shaolin!... Sê benvindo, meu filho! Estás em outro plano de vida, sem que a tua consciência mude de dimensão, porque estás consciente do teu estado. O teu corpo de carne está em descanso, mas o Espírito é sempre movimento, e continua a agir e a viver neste plano espiritual".

Nisto, Shaolin começou a ver perfeitamente o seu guia, que sempre o acompanhava. Quis ajoelhar-se com reverência, mas ele não o permitiu, fazendo-o levantar-se, abraçando-o com ternura e dizendo:

- Não percas tempo em reverências com aquele que é simplesmente o teu irmão. Somos iguais na pauta da vida, e estamos juntos em busca da Unidade de que tanto precisamos. Vamos confiar em Deus c em Cristo, e um no outro, para compreender melhor o próximo e amá-lo com mais interesse. A vida, Shaolin, é muito boa, dependendo apenas de entendermos suas leis e vivê-las a cada passo. Não precisamos temer os acontecimentos indesejáveis de que o mundo está cheio, porque cada criatura vive no mundo que criou para si mesmo. Nós refazemos os nossos próprios destinos, com a inteligência aprimorada, e o coração pulsando no Amor. Não temas o que surgir em teu caminho. Se porventura vier o mal à tua procura, é porque ainda existe o mal dentro de ti, e a ti compete extirpá-lo, para que ele tome outro caminho. Rejeita-o quando se aproximar de ti, e segue por outros rumos, onde perceberes afinidade. Sei que estás querendo perguntar-me se deves ir, para onde te comprometeste moralmente; e eu te digo que a guerra somente atrai quem tem guerra por dentro.

Liberta-te de vez dos sentimentos de corrigir os outros, dos sentimentos de opressão, de mando, de egoísmo, de prepotência, de ódio e de inveja. Renuncia as coisas que não te fazem falta, para uma vida simples, e o ambiente de guerra sairá das tuas cogitações espirituais, pois perderás o interesse de defenderes os outros pela violência, o que nunca conseguirás. Cada criatura tem, e carrega consigo, °s seus próprios meios de defesa e de elevação espiritual. Essas cruzadas, como os tribunais do Santo Ofício, montadas por agentes das trevas, são para co próprios trevosos. Se saíres do mundo deles, claro que eles não o alcançarão? Não é dito no Evangelho que "Conhecereis a verdade e ela vos libertará"?

O como fazer para que não vás aonde pretendias, não é preciso que ensine. Desliga-te, mental e sentimentalmente, que a natureza tem leis apropriadas para te defender e tirar destas linhas de combate, para ti improfícuas. Deus sabe me do que nós como nos defender das forças contrárias ao Bem que já conquista ~ Quem sente a guerra, está pedindo guerra, quem sente o mal. está pedindo o mal quem sente o ódio, está pedindo o ódio... Faze o contrário, que encontrarás o inverso do que viceja no mundo, por ignorância. Sei que tens forças para tal, e deves com hoje mesmo, buscando a paz, o amor, e o aperfeiçoamento, sentindo-os, para que possa viver tudo o que a vida nos mostra como sendo a realidade. E foi o Cristo quem no revelou a mais pura conduta, que nos levará à verdadeira felicidade...

Eu te ajudo sempre!... Mas se não te ajudares, não fizeres a tua parte embrenhar-te-ás nas sombras, juntando-te aos companheiros que alimentam os mesmos sentimentos, e sofrerás as consequências até compreenderes a Verdade, mesmo que tenhas toda a nossa proteção, porque a libertação é um conjunto de coisas divinas que se dividem para que cada um faça a sua parte. Esta é a lei, esta é a vida.

O guia espiritual de Shaolin, parecendo uma estrela que desceu das alturas, iluminava todo o ambiente em policromia indescritível. Por mais que se esforçasse para não fazê-lo, Shaolin chorava emocionado, e respondeu ao seu amigo espiritual:

- Eu te agradeço, senhor, por tudo o que me deste nesta hora; que Deus te compense sempre e sempre. Nada tenho para te ofertar em troca, por não estar em condições de doar qualquer coisa aos Anjos!

Pegou suas mãos, beijando-as com gratidão. Regressou ao corpo com toda a consciência do ocorrido. Permaneceu quieto, relembrando a conversa que teve com o guia espiritual, e falou baixinho:
"Meus Deus!... Que beleza; quanta alegria existe, mesmo no mundo material... Tudo depende de nós e da compreensão das criaturas; existe aqui de tudo para que possamos viver felizes, dependendo somente de certas mudanças..."

Seu coração irradiava alegria espiritual e. triunfante, ele dormiu serenamente, confiando que recebemos aquilo a que realmente fizemos jus.
No dia seguinte, Shaolin amanheceu restabelecido, e analisando a mesmo, sobre o que poderia e deveria ser mudado na sua v ida. Os acontecimentos exteriores ficariam entregues a Deus, que tinha condições de resolvê-los com justiça Daquele dia em diante, iria sim, entrar na guerra, na pior das guerras, naquela declarou a si mesmo, contra as suas próprias inferioridades. Sentia que era a difícil das lutas até então encarada por ele. Sabia também que estava começando, mas jamais saberia o dia em que terminaria. Fosse como fosse, começou!...
Havia sido colocado um sino na embarcação, para anunciar a partida, o do dia e chamar para as refeições. Um fanático dos mais afoitos declarou aos gritos:
- Este sino vai anunciar com orgulho, nossa religião e o dia da vitória, que não será nossa, mas de Deus.
E repetiu as palavras do grande pontífice que fundou as Cruzadas no Concilio deClermont, Urbano II:

"Deus o quer".

A multidão inconsciente, no impulso da inferioridade, levantava bandeiras, desejando a conquista do Santo Sepulcro. As mães, tocadas pelos sentimentos de amor aos seus filhos, apenas choravam, com o pressentimento de que não iriam vê-los mais. Shaolin não tinha de quem se despedir e o navio partiu. Ele apenas olhava para os céus, pedindo a Deus que fizesse a Sua vontade, que tudo estava certo na pauta dos acontecimentos. Uma frota de embarcações partiu de Veneza, pronta para o combate, e Shaolin, edificado no Bem,

dentro da sua embarcação esqueceu a guena e entregou as mãos ao trabalho que lhe competia fazer.

16

Os Primeiros Passos

"Não é bom proceder sem refletir, e peca quem é precipitado ".

Pv. 19:2.

Francisco de Assis nunca agira sem refletir naquilo que iria fazer. Dotado de uma ponderação muito grande, seu raciocínio era obediente e consultava sempre o coração. Se às vistas dos outros apresentava-se aniquilado, derrotado pela própria natureza, sem a proteção do pai, sem dinheiro, sem casa, intimamente contava com a sua vigorosa fé em Deus, e sentia que Jesus era realmente o Seu verdadeiro companheiro.
Ficara ali três dias, já se mostrando cansado; contudo, foi um ótimo remédio para os seus sentimentos, pois estava apurando a sua verdadeira força espiritual, limpando os canais da intuição, que o levava a grandes êxtases. Estava qual lagarta que se transforma em borboleta, passando do estado de rastejar para o de voar. Os três dias e noites passados no porão do palacete fizeram-no sair do casulo onde o mundo o prendia, para grandes voos espirituais, convidando a quem quisesse e tivesse missão para tal, a ingressar no apostolado de Jesus. Ele, o Cristo, seria para todos. Caminho, Verdade e Vida.
Sua mãe, Jarla e Foli não suportavam mais o sofrimento, ao verem Francisco naquele estado de desnutrição e obediência às forças das trevas, e em uma manhã, dona Maria Picallini acordou resoluta, falando às duas:

- De agora em diante, não obedeço mais às ordens do meu marido; ele esta passando dos limites e a tolerância começa a se transformar em aceitação cruel» que falsifica os bons sentimentos. Não posso suportar isso, sendo mãe de um Anjo que nunca me deu desgosto na vida e cuja presença me traz muita alegria. Todos que o conhecem reforçam o meu sentimento de ternura para com esse que nasceu por meu intermédio. Não quero

chorar mais por opressão de Pedro; quero sim, resistir às suas investidas, mesmo que aconteça o pior.
Tenho sido, até hoje, companheira dócil deste homem, aceitando e quando suas imprudências, alimentando, de certo modo, suas vinganças. Tenho *do* passiva em demasia e cheguei, por invigilância, a um passo do abismo, mas não darei outro. Antes, recuarei em favor da Verdade e da minha consciência. Amo meiramente a Deus e a Cristo, Nosso Senhor!... Tenho fé nos Céus de que meu filho não vai ficar desamparado e confio nos Anjos, que ele será protegido. Quanto a mim, quero que ouçam esta verdade: não me importa perder a minha própria vida em defesa do meu filho; será uma glória se assim suceder. Quero e posso dar adeus ao mundo, de qualquer forma que vier a minha partida, mas quero estar com a consciência em paz.

Maria Picallini desceu para o porão, acompanhada das duas mulheres, que lhe apoiavam as ideias. Ela quase chegava às lágrimas, mas a sua vontade decidida reprimiu-as. Cortou as amarras que prendiam o filho e falou em tom de voz diferente, aos seus ouvidos sensíveis:

- Levanta-te, Francisco!... Chega de sofrimentos e de obediência às investidas das trevas. O teu comportamento haverá de mudar; pede a Jesus, a quem tanto amas, energias, porque sem elas nada realizaras no grande empenho da verdade e da própria paz. A ninguém é dado o direito de tirar o direito dos outros, seja dos filhos, marido ou mulher, e até mesmo dos próprios escravos, que são humanos e filhos de Deus. Se estou desejando que mudes, é porque também vou mudar de comportamento. Não importa, se for preciso mudar desta casa e morar onde quer que seja; importa, para mim, uma coisa muito sagrada: que a minha consciência esteja tranquila com o dever cumprido.

Jarla e Foli, decididas, também ajudaram Dona Maria a levantar Francisco, e essas não suportaram as emoções e choraram abraçadas com ele. Francisco olhou para a sua mãe com toda ternura, à luz bruxuleante da candeia que Foli segurava, e disse com mansidão:

- Mamãe, não estou entregue à ignorância do meu pai por medo, coisa que nunca tive, porque a fé isola esse estado d'alma. Estou aguardando ordens de alguém que me fala, para que eu possa agir na hora certa, e com todo o vigor de meu ser.
Maria não pensou para responder ao filho:
- Se esperas, meu filho, ordens de Deus, estas ordens estão chegando por mim. É hora de agir, sai deste lugar! Não temos tempo a perder, o Evangelho nos espera e na força dele, temos de restabelecer a Igreja, em espírito e verdade.

Francisco reconheceu que a sua mãe falava diferente das outras vezes sentia que realmente era aquela voz que ele esperava, para decidir a enfrentar todos os obstáculos que surgissem. Saiu com as mulheres, cambaleante, sem forças, mas feliz. Sem pensar no que poderia acontecer quando seu pai chegasse, entregou tudo a Deus e estava confiante em Jesus Cristo. Invocava constantemente Maria Santíssima que já fazia parte dos seus mais profundos sentimentos de fraternidade. A mãe de Jesus era por ele, Francisco, considerada também como sua mãe espiritual. E quando dela se lembrava, sentia gerar no coração uma saudade indescritível e uma fbrça inigualável, convidando-o para a restauração da Igreja do Senhor, carcomida pela vaidade, deturpada pela prepotência, injuriada pelo comércio, e se desfazendo pelas imposições.

Francisco partiu decidido para o trabalho, dando continuidade à reconstrução da pequena igreja de São Damião. Estendia as mãos com humildade pedindo e comprando o necessário, no sentido de que fosse restaurada a igreja Com ela restaurada e com um visual mais agradável, pensava ele, os fiéis poderiam orar com mais alegria.

A história nos conta que Francisco bateu à porta de um padre, cuja residência impressionava pela beleza e conforto, pois era o único herdeiro de família riquíssima, radicada em Espoleto e que, devido às tendências religiosas do filho, abraçara o cristianismo, já oprimido com o nome de Igreja Católica Apostólica Romana, em cuja oficialização fora esquecido o nome de Jesus - pelo menos no lugar de *romana,* poderia ser *Cristã...* Esse padre, criado no conforto e mimado de maneira extravagante, estudou em Roma, tendo feito vários cursos na França, recebendo tratamento e regalias correspondentes ao seu estado de nobreza, pois os dirigentes dos educandários recebiam recompensas da família.

Vendo na casa do padre muitas pedras trabalhadas, pediu-as para a reconstrução da casa de Deus; mas o padre, com seu porte de fidalguia, mostrando uma batina bem cuidada - tecido bem conhecido de Francisco, pelo cheiro de nobreza que ainda carregava em seus sentidos - respondeu com rispidez:

- Não posso dar essas pedras, meu rapaz; ainda mais, não sei se tens ordens para restauração de igrejas aqui em Assis, pois isto está a cargo de certas famílias da cidade, que devem fazer o trabalho às custas do próprio povo, que dela desfruta. Nós somos padres, agentes de Deus e de Cristo, e por nosso intermédio o céu abençoa o Seu rebanho... Mas se insistes, eu posso vendê-las por um preço que não foge ao natural.

Francisco sentiu, por dentro, o atear de uma fogueira de revolta ante o padre, ao ver o seu desprezo pelas coisas de Deus. A igreja era um lugar sagrado, onde os fiéis se reuniam para meditar e fortalecer a fé. Mas, se controlou e respondeu com humildade:

- Desculpa-me, padre. Tenho necessidade de fazer alguma coisa de bom. Achei conveniente começar consertando a casa do Senhor, nosso Deus e, para isso, iniciei pedindo, sendo que encontrei na casa do vigário o que servia para a restauração do nosso

Templo. Tive maior segurança em pedir, por se tratar de um vigário do Cristo; todavia, já que não as podes doar, dize-me o preço, que as comprarei.

Acertado o preço das pedras, Francisco as levou para a igreja, onde foram lizadas. Passando o prazo combinado, o restaurador de igreja não pôde pagar ao verendo, por lhe faltar o dinheiro para isso. O padre usurário não se fez esperar, indo à procura de Francisco e desacatando-o. Este humilde, escutou todos os impropérios do vigário, mas, no decorrer da conversa foi tomado de energia diferente e, num intervalo da fala do padre, começou a falar nestes termos:

- Senhor Vigário!... Tenho imenso respeito pelos padres, que sei e sinto, fazem lembrar a vida de Jesus, em todos os seus aspectos morais e espirituais; mas não posso calar-me no que se refere à falta de respeito, de sua parte, para com a igreja de Deus. Eu acho que o templo é um lugar coletivo, que merece todo o respeito e todo o carinho, e principalmente da tua parte, porque és seguidor do Divino Mestre e deves te sentir honrado com isto. Quero pagar-te as pedras, logo que tenha o dinheiro, porém, a minha consciência me fala no fundo d'alma, que o dever de restaurar as igrejas compete aos sacerdotes. São eles os vigilantes da casa do Senhor e é deles a obrigação de mantê-la limpa e bem cuidada. Estou querendo ajudar-te neste mister sagrado, coisa que, perdoa-me, a tua consciência ainda não deu de te avisar.

Peço-te, por caridade, que me ouças mais um pouco. Creio que Deus é como um Sol Divino, e se Ele é mais que o Sol que nos alumia todos os dias, banhando toda a Terra sem escolher quem possa receber seus raios benfeitores, é muito mais beneficente na sua estrutura universal, e assim como podes falar, sob a inspiração do Espírito Santo, sendo um dos filhos de Deus, nós outros poderemos igualmente, dependendo das condições espirituais, ou da necessidade de quem deve ouvir.

Somos influenciados pelos Anjos do Nosso Pai Celestial, porque somos lhos do mesmo Deus, e quanto às pedras, padre, eu estou decepcionado com a tua atitude. Nunca pensei que um padre pudesse fazer o que estás fazendo; lembrei- me fortemente de Judas com os trinta dinheiros. Que Deus te ajude para que não aconteça o mesmo contigo. Podes estar certo de que te pagarei, senão agora, mas hoje mesmo levarei à tua casa. Se não é muito dizer, é bom que nos lembremos que a vivência do Evangelho é renúncia, principalmente para um sacerdote. É desprendimento, principalmente para um discípulo de Cristo, principalmente a um cristão. E caridade, principalmente para um conselheiro do povo. É amor, principalmente para quem prega o Evangelho sob a égide da oficialidade.

Peço-te de coração, não fiques aborrecido comigo, porque acima de tudo sei que somente damos aquilo que podemos dar. Que Deus te abençoe, que Jesus guarde o teu coração da

influência do mal, que a nossa Mãe Santíssima guie os teus sentimentos, e que jamais faltem ao teu redor os Anjos de Deus, a te inspirarem acerca das coisas certas.

O padre, diante de tudo o que ouviu da boca de um leigo como Francisco propôs-se a calar. Regressou à sua mansão, irritado, pois sua consciência aprovava tudo o que Francisco lhe havia falado, e que seus ouvidos gravaram, entregando arquivo consciencial. O Filho de Bemardone, constrangido, pensava no que seria da doutrina do Cristo entregue àqueles homens. Qual o futuro do Evangelho de Jesus se continuassem os seus vigários, mantendo aquele tipo de atitude? Todavia, a mesma voz amiga reforçava o seu coração:

- Francisco!... O Evangelho desceu do céu, não foi escrito pelos homens' Veio com o objetivo de reformar as criaturas e não se aborrece em esperar o quanto for necessário; ele é a voz de Deus que se repete eternamente na alma, até esta compreender e ouvir o seu chamado. Nada se perde, porque Deus não é Deus de mentira. Segue avante, e vamos trabalhar na oportunidade que o Senhor te deu.

No mesmo momento, o filho de dona P i c a 11 i n i começou a cantarolar pelas ruas de Assis. F Java com um. falava com outro da necessidade de restaurar as igrejas, e já à tarde tinha o dinheiro que devia ao sacerdote. Com muita alegria, buscou o padre em sua residência. Bateu à porta. Abriu-a o vigário com o rosto desfigurado, dizendo:

- Já vens tu novamente! Que queres desta vez? Francisco respondeu com ponderação e alegria:
- Pagar o que te devo, senhor!...

Este estendeu a mão usurária e recebeu o dinheiro correspondente à divida-Francisco despediu-se novamente com dor no coração, não pelo dinheiro, mas pel° procedimento de um pastor de almas; entretanto, perdoou e abençoou o vigário.
O padre, naquela noite, não pôde conciliar o sono. Levantou-se e foi contar o ouro recebido de Francisco, e, ao levar a mão ao dinheiro, aconteceu um fenômeno tramado na consciência: suas mãos começaram a esquentar, o calor foi aumentando gradualmente e daí a instantes pegavam fogo, como se estivesse envolvidas chamas. Jogou as moedas no chão, notando que todas elas reluziam como se fossem brasas. Olhou para as suas mãos. e viu o mesmo espetáculo. Começou a gritar, ao que os criados acudiram, sem nada verem ou sentirem, entretanto, as orações não resolviam o problema. Deitou-se na sua luxuosa cama. pegou o crucifixo, pondo-o no peito e fechou os olhos repetindo o *Pai Nosso.* Sua visão, sem querer, buscou Francisco, aquele mesmo rapaz humilde que

comprara as suas pedras para consertar a igreja de Assis. Sentiu-se envergonhado, lembrou-se da sua missão diante da Igreja, do juramento que fizera com a mão no Evangelho, colocando mentalmente o Cristo no coração. Mandou os criados saírem do quarto, desceu os joelhos no chão, jogando de lado o grosso tapete que lhe servia de conforto. De mãos postas, qual criança que está aprendendo a orar, falou ansiosamente com Deus:

- "Senhor!... Desde quando recebi a incumbência de pastorear almas, de orientar consciências e que, igualmente, recebi esta casa para morar, com escravos à minha disposição, vivo ardendo por dentro sem paz, sem alegria, sem acreditar em mim mesmo, e desconfiando de tudo. Reconheço, por dentro, que não estou certo. Ajuda-me a acertar, a descobrir o Teu Caminho e a Tua Verdade, senão a Tua Vida. Lembro-me bem que os Teus discípulos tudo entregaram aos pobres para Te seguir. Como posso ser Teu discípulo, carregando essa cruz dos bens materiais, deste conforto que desfruto, enquanto muitos pobres morrem de fome, são carentes de vestes e não têm onde morar? Será que sou Teu discípulo, configurando-me como rico egoísta que não pensa nos outros? Somente agora sinto que não. Abençoa o meu entendimento e ajuda-me a compreender o que ouvi de um leigo, que teve a coragem de dizer-me o que nunca ouvira de outros, que ouvem as minhas mentiras e que nunca tiveram a coragem de dizer-me a verdade..."

Silenciou-se amargurado. Lágrimas brotaram de seus olhos, que desconheciam o pranto e se aborreciam quando viam alguém chorar. Sentiu-se impaciente dentro daquela casa e, naquela noite, pediu aos servos para dormir junto a eles, ao lado do palácio, em tosca cabana, onde não existiam catres, mas capim moído, acomodado em grandes sacos, cujo pano fora obra dos próprios escravos nas horas de folga.

O padre sentiu-se feliz, estirado em uma enxerga, onde o odor não era dos melhores. Os escravos nada diziam pelos sons dos lábios, temendo o patrão, mas pensavam: "Será que o padre ficou perturbado?" Nunca acontecera tal coisa, e no outro dia foi o comentário de todos os servidores, segredado aos ouvidos, para que o vigário não desconfiasse. No entanto, o vigário estava renovado de atitudes. Mãos inchadas e ainda quentes, procurou Francisco, e o encontrou trabalhando e cantando de alegria na restauração da Igreja de São Damião. E, com ele, muitos outros companheiros, afinados para o trabalho que os Céus convocara.

Francisco notou que o padre chegara de mansinho, pedindo licença com humildade, dizendo:

- Filho, venho ao teu encalço em busca da paz que não tenho. Fui acusado pelo tribunal mais rigosroso do mundo: o tribunal da consciência. Sei que para mim somente um defensor aqui na Terra, e esse advogado és tu.

Tocaste em pontos que a filosofia espiritualista por vezes esquece e machucaram meu coração, e este abre os braços te pedindo perdão pelo que oi ^ de mim, e pelo gesto impensado e anticristão. A minha ignorância te fez sofrer que não és padre e que as letras do mundo não se mostram em tua conversação ^ despido de argumentos do mundo, totalmente inspirado pela força de Deus. Conh S as obras que são colunas mestras da religião a que pertenço, e sei. pelo que falar de ti, que não tens quaisquer destes conhecimentos, porém, o que dá para a ge^0 perceber, e que selecionaste deles muita coisa, o que pude observar no diálogo tive contigo, quando enredado na minha ignorância acerca da vivência do Evangelho6 Mas nesta noite fui queimado, meu irmão, pelo mais abrasador fogo que existe no Céu e na Terra - o fogo da consciência - que envolveu minhas mãos depois que peguei aquele dinheiro maldito, fruto da minha incompetência espiritual.

Não sou digno de ser sacerdote de Cristo, e em breves horas devo abandonar esta batina para aliviar as tensões do meu íntimo e meditar o que devo fazer na vida e da vida. Quero e há muito tempo sinto que preciso do Cristo em mim; no entanto, esqueci como os discípulos de Jesus viviam, as renúncias aplicadas por eles, a renovação interior neles verificada e a educação dos impulsos inferiores que nunca exercitei, por não encontrar talvez estímulo onde me ordenei sacerdote. Agora, encontrei quem me falasse a verdade frente a frente, e vejo que o teu futuro é grandioso, como teu amor, que transcende todas as virtudes ensinadas pelos homens. O teu amor, pelo que sinto, estende-se a todas as criaturas, e nas tuas palavras nota-se algo a mais do que os sons, para compreensão dos sentidos. Não te pedirei para eu seguir teus passos, mas vou, de agora em diante, fazer o que fazes, porque assim estarei sempre contigo, para melhor compreender Jesus, o Cristo de Deus.

Todos ficaram emocionados com a resolução do padre, e Francisco sentiu-se imensamente gratificado com o fruto das suas atitudes em defesa da Igreja e da própria doutrina cristã. Dirigiu-se ao sacerdote com simplicidade, pegou as suas mãos bem tratadas, cobriu-as de ósculos umedecidos com lágrimas, e os que ali estavam trabalhando fizeram o mesmo. O sacerdote sentiu-se feliz pela primeira vez em sua vida, e suas mãos, antes em fogo, esfriaram, como se a sua consciência lhe desse trégua, pela alegria do coração. E ele, mesmo naquele porte nobre, abraçou as pedras para o serviço reparador. Com poucos instantes, sen ia doer e se esfolarem os dedos, mas era uma dor diferente, que trazia satisfação ao sentimentos e paz à consciência. Daí a mais um pouco, notou as mãos incha perdendo aquela forma de beleza e a maciez característica de mãos que abençoai na posição de pastor de ovelhas. Olhou bem para elas e meditou no muito que i de modificar em sua vida.

Francisco observou-lhe a rejeição da mente diante da sua mu brusca, e reforçou as suas atitudes de acompanhar Jesus, com estes termos q realidade faz compreender:

- As mãos não são adornos para a admiração alheia, mas ferramentas de trabalho para o aperfeiçoamento da alma!

O sacerdote sacudiu a cabeça como que jogando fora alguns pensamentos intrusos e dispôs-se a trabalhar, cantando com os outros; o filho de Bernardone ficou ao seu lado, dando sequência à conversa, sem parar o trabalho e falou-lhe ao ouvido:

Padre!. . A igreja a que pertences pelo coração, e que ocupou e forma a tua inteligência para o serviço de santificação, está ruindo nos seus alicerces mais sagrados. Urge reforçá-los e para tanto temos que acordar. Não deveremos abandoná-la, mas ajudá-la no seu despertar para Cristo. Há doze séculos que o Nosso Divino Mestre trouxe diretamente dos céus, a luz para que não sucumbíssemos nas trevas. E esta luz vem se apagando, pela ignorância humana. Nunca poderiam os herdeiros do Evangelho estimular guerras e matar irmãos, por não pensarem como nós, nem destruir vidas preciosas qual estão fazendo há muito tempo, por causa de um simples pedaço de terra, que respeitamos muito, mas que não valorizamos tanto quanto eles: o Santo Sepulcro. Jesus é Espírito, e importa que O adoremos como tal e em Verdade. Ele é qual o ar: está em toda parte, bastando que O respiremos pelo Amor.
O padre, emocionado, sentiu uma força inexplicável penetrar em seu íntimo e chorou, trabalhando, mas chorou de entusiasmo, porque encontrou o que procurava há muito tempo: o encontro com Jesus. Estava ouvindo coisas que nunca ouvira de seus mestres em toda a sua carreira no clero romano, certificando-se de que a verdadeira sabedoria vem realmente de Deus; os homens são apenas instrumentos da verdade que se consubstancia nas leis naturais da vida. E pediu então a Francisco, coisas que não pensara em fazer, com humildade:

- Quero ser teu discípulo!

Francisco levantou a vista, olhou dentro dos olhos do sacerdote e falou serenamente:

- Seja discípulo do Cristo, meu irmão! Vamos trabalhar!

* * *

. A casa do sacerdote, daquele dia em diante, era para os sem teto, e lá se formou uma comunidade de amparo aos sofredores de toda ordem o seu sítio em Rivotorto foi transformado em acampamento para os primeiros discípulos de Francisco de Assis. Ali

reuniram, dentro da maior simplicidade, companheiros dedicados e decididos a acompanharem Francisco em seu esquema de pobreza e renúncia, no início de uma transformação social, lembrando com amor e cuidado os primeiros tempos do Cristianismo. Já se pensava em muitas regras para a cornunidad vez mais crescia o interesse das pessoas pelo Evangelho redivivo. Francisco não aceitava doações de qualquer ordem para a comunidade; todos que nela ingressassem eram obrigados a se desprenderem dos bens materiais em favor dos sofredores e das instituições que amparassem a coletividade. A filosofia maior entre eles era trabalhar honestamente sem a ferrugem da ganância, mas por amor ao labor.

Em pouco tempo, destacaram-se os seguintes e principais seguidore Francisco, identificados como freis, para destacá-los como companheiros do nosso personagem *Francisco de Assis:*

Frei Leão,
Frei Filipe,
Frei Cândava,
Frei Arlindo,
Frei Bernardo,
Frei Pedro,
Frei Rufino,
Frei Silvestre,
Frei Angelo,
Frei Quirino,
Frei Tancredo,
Frei José,
Frei Luiz,
Frei Diogo,
Frei Egídio,
Frei Morico,
João de Capela e
Frei Sabatino.

Depois, com o tempo e as bênçãos de Deus. como ele mesmo dizia, multiplicaram-se os seus seguidores por todo o inundo. Foram mais de duzentos mil discípulos de Francisco de Assis, que por onde passavam deixavam as sementes do Evangelho, aquelas que tinham o perfume dos primeiros dias do cristianismo de Jesus.

Um que se destacou com grande expressão cm todo o mundo, e qu hoje é venerado por muitos povos, foi Antônio de Pádua, cuja estrela figura corno de primeira grandeza nos céus das ordens franciscanas.

João de Capela não figura na lista como Frei. por ter desistidologo nos primeiros meses, da missão difícil da renúncia. Ele foi se despindo de tudo o se referia aos bens terrenos. Antes, já tinha trabalhado dentro de si, pois conhecia muito bem o espiritualismo em geral. Admirava a vida de Sócrates e de Platão, era conhecedor da vida de Buda, o iluminado, e tantos outros Espíritos de escol que vieram contribuir para a ascensão da humanidade. Todavia, quando chegou o momento de renúncia do ponto primordial da ordem, que era a Castidade, não suportou a luta. e os conflitos íntimos o derrubaram. E ele, João de Capela, procurou seu pai espiritual, com quem teve o seguinte diálogo:

- Querido irmão Francisco!... Tenho por ti grande admiração e respeito; rua presença me confunde e me faz pensar, no que tange à religião, a Deus e a Cristo. Teu modo de vida inflama meu coração de virtudes, dando-me forças para trabalhar dentro de mim - de vez em quando caio em êxtase, nas minhas orações... Mas quero, irmão Francisco, falar-te a verdade: não posso esquecer o sexo. Este monstro dentro de mim apaga como que todas as minhas virtudes, se é que verdadeiramente possuo. Há poucos dias encontrei uma companheira que toda a vida me fascinou, e não suportei a atração que ela exerce sobre mim. Fico fora de mim, mesmo quando na influência do amor físico.

E, já que a minha consciência não admite que eu fale mentiras, posso dizer-te que para mim o sexo é a melhor coisa que Deus fez no mundo, como proliferação dos seres humanos, distração e prazer. Para mim, é força poderosa que move todo o mundo, e se os meus sentimentos não me enganam, existe sexo em tudo no mundo, até no êxtase dos homens da religião. Mas o que sinto é este direto com a mulher, e eu te peço perdão por ter que dizer-te a verdade, pois não mereces que eu minta.

Sinto na tua pessoa a imagem do próprio Jesus, nos chamados para a perfeição espiritual. Não sou digno de te acompanhar, porque não resisto à castidade. Vivo ainda sob a influência animal.

Francisco já tinha notado, antes que ele falasse, a sua inquietação por mulheres, até mesmo pelas irmãs que frequentavam a comunidade, e orava por ele sempre que se lembrava de suas fraquezas. Olhou serenamente para João de Capela e disse com benevolência:

- João! Não deixo de te amar por isso. Continuas a ser meu filho espiritual. A vida movida pela inteligência de Deus sabe o que fazer, e está vendo primeiro do tu, as tuas necessidades. O tempo que gastamos no aperfeiçoamento é incontável pelos homens, mas

nunca deixamos de ser filhos de Deus, porque não alcançamos tal ou qual virtude. Nós te agradecemos pela tua franqueza, que muito nos ajuda no resguardo para com nossas irmãs, e te peço que te esforces todos os dias, para que o equilíbrio se faça em teu coração, que muito nos cativou, e que merece todo o nosso carinho e amor.

Prossegue nos trabalhos que começaste há muito tempo, de reforma da tua igreja interna, no altar do teu coração; Deus jamais deixa sozinho o aprendiz de boa vontade, nos caminhos das experiências. Se o teu corpo pede e a tua mente não encontra recursos para satisfazê-lo de outra maneira, seja precavido, e estuda bem quais os caminhos legais que devem ser tomados, evitando os desastres ocorrem nesse ambiente, onde estão envolvidos vários sentimentos e troca energias que desconhecemos. Que Deus te abençoe onde escolheres para viver.

Vai meu filho, porque o teu trabalho pode ser em outro lugar; porém esquecer que. se tudo foi feito por Deus. tem a nossa parte, que devemos saber, dentro das diretrizes comandadas pelo bom senso. Que Jesus Cristo te guie sempre.

João de Capela despediu-se e prometeu voltar quando estivesse em morais e espirituais para segui-lo. direcionado por todas as renúncias da Ordem.

* * *

Francisco foi à Roma. Sentiu necessidade de ir ao encontro do papa, para que este desse ordem, para que ele se movimentasse no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, mesmo sem ser padre, pois pertencia à religião pelo coração Compreendia a sua missão dentro da comunidade religiosa, que tinha em Pedro o Apóstolo, o primeiro papa, e para isso. necessário se fazia que o clero fizesse algumas mudanças, pelo exemplo de alguém, na vivência de cada dia.

Era consciente e compreendia profundamente o que era catolicismo e cristianismo, mas também era do seu conhecimento que deveria trabalhar com humildade mesmo diante da prepotência, desenvolvendo um campo de renúncia com a finalidade de despertar no coração do alto clero, o amor pelo próximo e o respeito pelos direitos humanos de qualquer natureza. Uma religião não tem o direito de sufocar outra; nem de desmoralizar quem pense de modo contrário ao da sua formação espiritual. Logo entendeu que os conceitos de Jesus de Nazaré eram verdadeiramente a *religião do Amor.* E isso requeria de sua parte e da comunidade que fundara, muita tolerância. Ele era um semeador que veio semear. Não dissera certa feita o Cristo aos Seus discípulos que não arrancassem o joio, enquanto não amadurecesse o trigo? E era isso que ele deveria fazer: deixar os dois crescerem juntos, que Deus, na hora certa, arrancaria o joio.

Decidiu ir a Roma, e logo partiu com alguns dos seus seguidores. Era papa àquela época, Inocêncio III, italiano que governou dezoito anos, seis meses nove dias, os destinos da Igreja Católica Apostólica Romana, do ano de 1198 a

1216. Francisco chegou à Cidade Eterna, fazendo anunciar a sua necessidade e falar com o papa. Com muito custo, conseguiu que a sua pretensão chegasse até o mandatário da Igreja, pois os intermediários criavam barreira de difícil transposição, entre o Vaticano e os visitantes. Somente havia fácil acesso quando estes fossem enviados por nobres, reis ou altos mandatários de outros países. E Francisco, um punhado de acompanhantes maltrapilhos, não tinha chance de conversar com corte do clero.
É conveniente que lembremos, nesta hora, o Salmo sessenta e versículo onze, como profecia cumprida depois de passados dois mil anos:

Pus umpano de saco por vestes, e me tornei um objeto de escárnio para eles.

As vestes de Francisco de Assis, como de seus companheiros, eram de sacos, daqueles que já haviam servido em outras atividades, presos na cintura por cordões trançados pelas suas próprias mãos. E assim, dentro dessa simplicidade, chegaram ao Vaticano, para falar com o papa Inocêncio III.
Procuraram uma estalagem logo na estrada, mais distante do formigueiro humano, onde havia gente de todas as nações, em variadas funções, por ser a região o centro de todo o mundo. Francisco de Assis encontrou no dono da pousada um companheiro por ter este ideias que afinizavam com as suas; era um português radicado em Roma, já com muitas propriedades, de nome Antônio José Joaquim Maria, conhecido por José Maria e procurado por visitantes de todo o mundo, que iam a Roma.
Francisco, na sua mais alta simplicidade, expôs para o Sr. José Maria o seu ideal, que era falar com o Papa Inocêncio III sobre a sua missão e o modo como entendia o Evangelho de Nosso senhor Jesus Cristo. O estalajadeiro, ao ouvir Francisco, ficara admirado com tão alta filosofia. Estava acostumado com gente de todas as categorias literárias e sábios de muitos países, que por ali passavam, mas nunca ouvira o que saiu da boca daquele homenzinho simples no falar, mas sábio quando entendido.
Embevecido pela conversa de Francisco e de seus companheiros, chegou a ter vontade de fazer parte daquela comunidade, e a ela entregar-se de corpo e alma, por sentir que verdadeiramente aquele homem era de Deus, que não somente falava das ideias de Jesus, mas vivia os Seus preceitos na edificação da própria vida. O português e a família vieram de Portugal por causa de perseguição política, mas era muito rico e trouxera muito dinheiro em forma de ouro, moeda que valia em qualquer lugar do mundo. O que ele achou inconveniente nas regras de Francisco, mas sem expor seu ponto de vista, foi a renúncia aos bens terrenos e à castidade. Para ele, as mulheres se constituíam em prêmio de Deus aos homens e para a Terra, e o sexo era o conforto que todos poderiam ter. No

resto, estava de pleno acordo. Achava que o clero deveria passar por urgente reforma e que estava mesmo decaindo.

- O Vaticano, falava baixinho ao ouvido de Francisco, está empobrecendo o mundo; é dono de muitas propriedades e domina as consciências.
Está ficando prepotente, orgulhoso, e até fazendo guerras, matando em nome de Deus, perseguindo em nome do Cristo.

De vez em quando, punha a mão na boca, com medo, pois era estrangeiro e deveria comportar-se bem no país que o acolhera, e respeitar as leis, fossem elas quais fossem.
O homem de Assis logo notou, pela sua penetração psicológica, a fraqueza do dono da estalagem, e a nada o forçou. Seu caminho era outro, deve dominar os impulsos inferiores para combater o anti-Cristo, não pelo verbo0 imensas plateias, porém, ao longo da vida, no dia-a-dia com cada um. O português poderia ser seu amigo em Roma, nada o impedia. Seria mais uma força em favor do Evangelho redivivo; entretanto, andar com ele, ser seu companheiro, era para os que renunciassem a tudo, até, se necessário, à própria vida, para que Cristo vivesse com maior expressão e fosse lembrado com maior interesse.
O dono da estalagem trazia gente nova todos os dias para conversar com Francisco, e todos saíam admirados com a sua presença e a sua fala. Trocavam ideias até alta madrugada, sempre em tomo da vida de Jesus, de Sua missão de Francisco no mundo, e de seus mais profundos objetivos.
Certa noite, já se fazia silêncio profundo na Cidade Eterna e as estrelas brilhavam com mais intensidade como olhos de Deus; estavam somente os dois homens, Francisco e José Maria. Este último pegou nas mãos do filho de Bernardone beijou-as com ternura e falou comovido:

- Meu amigo, na noite passada tive um sonho, que não acredito ser sonho, mas realidade. Pude observar um cortejo de Anjos descendo nesta estalagem, e adentrando-se pela casa à ma procura. Alguns deles beijaram as tuas mãos, falando palavras de conforto e de esperança, e cobrindo-te da mais bela roupagem que se pode pensar. Pareceu-me que o céu desceu à Terra à tua procura e até alimentos te deu em forma de luz.

Cantaram hinos de louvor a Deus, falaram-me sobre coisas que não entendi, mas sei que estão dentro de mim. Quando aqui chegaste, eu era contrário à ma ida ao Vaticano, para falar com o papa, pelo modo como te vestes. Eles não o receberiam, pois muitos barões, condes e até mesmo reis, por vezes perdem viagens na busca de entrevista com Sua Santidade. Ele não fala com todos os que o procuram, e as tuas vestes denunciam muita

pobreza: mas agora, que sei quem és. acho que o papa deveria ouvi-lo e deves insistir em conversar com Sua Santidade, pois muita coisa poderá ser mudada. Que Deus te abençoe. A casa aqui, Francisco, é ma, bem como de teus companheiros, poderás ficar o tempo que te aprouver para esse serviço de Deus.

Francisco quis passar para ele alguns valores, em pagamento dos dias que estavam ocupando a sua estalagem e, por vezes, comendo, mas ele definitivamen não aceitou, colocando-se à sua disposição para tudo que dele precisasse. Francisco meio constrangido, pensou no que poderia fazer em favor do dono da estalagem, ele com os companheiros passaram a cozinhar nos momentos que sobravam P o descanso, começando a trabalhar, mesmo sob o protesto da família do português. Foi uma grande alegria para todos da estalagem. Dona Zita. mulher do português aproximou-se de Francisco com respeito e falou com meiguice:

. Não é necessário que aqui trabalheis, ainda mais na cozinha, para comer e domir- Todos vós tendes o direito de usar esta estalagem o quanto quiserdes, por serdes filhos da caridade, e preocupardes somente com o bem-estar das criaturas. Meu marido vos conhece bem e sabe que sois da mais alta confiança, pelos ideais que pegais nos corações.

Francisco olhou para dona Zita com ternura, e falou-lhe ao coração:

- Senhora, os teus sentimentos estão iluminados pelo amor de Deus; no entanto, quero que todos desta casa saibam que o trabalho para nós é força que alivia a consciência e desata a alegria presa no coração. O primeiro dever do homem deve ser o trabalho que, com amor, é oração das mais festejadas pelos Anjos dos céus. Quem não trabalha com alegria não sente a manifestação da vida e não tem oportunidade de conhecer o Criador, que não para um instante, e Jesus Cristo, que opera sempre em nós e fora de nós.

Nós te pedimos, por caridade, que nos deixes trabalhar na cozinha e na limpeza desta casa, cujas portas foram abertas para nós, e a fraternidade nos acolheu como filhos do coração.

E pegando as mãos grossas de dona Zita, beijou-as com gratidão, dizendo:

- Deus te abençoe, e que a vida te conduza para o coração de Cristo.

A emoção, com a participação dos sentimentos do Amor, fez a senhora chorar e sair limpando os grandes olhos no avental de trabalho.

Francisco era um imã, cuja força penetrava em todos os corações que, como ele, amam a Deus e a Cristo. Todos, sem exceção, que ouvissem o filho de dona Maria Picallini, encantavam-se com a sua presença, que personificava o Amor.

Os companheiros de Assis trabalhavam com todo carinho na higienização da casa e da cozinha propriamente dita, no preparo de alimentos para centenas de Pessoas, quase todas viajantes, que vinham visitar ou comerciar em Roma, levando a Sua fama para o mundo inteiro.

Certa noite, José Maria, meditativo, procurou Francisco que ainda não tinha comido; agasalhava seus companheiros, querendo saber se tudo estava bem em seus corpos e almas. Quando conversava de cama em cama como era seu costume, entrou e se Maria, que queria conversar um certo assunto com Francisco, falando-lhe:

- Estimado senhor, o nosso respeito... Se for da graça de Deus, quero falar- te algo, que faz o meu coração descompassar de vez em quando.

Comovido, a fala custava a sair, e neste intervalo, Francisco respondeu com interesse:

- Fala, meu irmão, fala!... Para nós é um prazer ouvir-te; querernos mesmo tudo o que teu coração queira nos contar e. se estiver ao nosso poderemos ajudar-te ou pedir a Jesus, o que é mais indicado para todos os casos.

José Maria sentou-se em tosco banco com Francisco, e narrou para seu sofrimento:

- Francisco, tenho uma filha a quem amo muito. A princípio, ela foi desprezada pela minha esposa, não sei bem por que motivo. Só sei que ela é a própria vida e que, de três anos para cá. começou a apresentar umas escamas em todo o corpo. Essas escamas caem com o tempo, ficando em seu lugar ferimentos cujas secreções são intoleráveis e ninguém suporta o mau odor. ()s outros irmãos a desprezaram igualmente, e ela vive hoje lá nos fundos, em um cômodo que fizemos para ela. Também não se levanta da cama, tendo uma criada somente para olhá-la dia e noite. Eu durmo lá com ela e isso faço por amor; não me esqueço desta criatura um só minuto. É uma moça linda, em seus vinte e dois anos de idade, que tinha muitas esperanças na vida... E eu te peço, pelo amor que tens aos teus pais ou a alguém a quem muito amas. que a visites. Uma coisa dentro de mim me faz pedir-te para abençoá-la, e se possível, levar-lhe a tua palavra consoladora. Quem sabe poderás devolver a alegria e a esperança ao seu coração sofredor?...

E não pôde mais conversar pela emoção, pela dor que sentia ao vê-la, mesmo em pensamento, naquele estado. Francisco, condoído por ver o estalajadeiro naquela depressão, sofrendo pela filha enferma, começou no silêncio d'alma, a pedir a Deus pela saúde da moça. O português prosseguiu com certo cansaço:

- Já procuramos todos os meios de tratamento e falharam todos os recursos; não sei mais o que fazer. Tenho dinheiro e posso gastá-lo para curá-la, mas com quem e onde?... As

portas, Francisco, estão todas fechadas; é uma doença incurável para os homens. Só Deus!... Só Deus!... E o lenço umedeceu novamente
no pranto.

Francisco esperou que José Maria chorasse o tanto que seu coração pedia, e falou com a brandura que lhe era peculiar:

- Meu irmão, é bom confiar mais em Deus. não se esquecendo de Jesus, que curava todos os tipos de leprosos com um toque de Suas divinas mãos. E Ele pode estar presente onde se reúna em Seu nome. Deus não é Deus de medidas, amor é imensurável e atende a todos os Seus filhos. Jesus mesmo nos deixou a esperança quando disse: "Pedi e obtereis. Buscai e achareis. Batei e abrir-se- vos-á".
A fé constitui a chave que abre todas as portas para o milagre da vida, e a criaturas. Vamos confiar, esperando e trabalhando com os recursos que o Senhor nos deu e que o Evangelho chama de talentos em nossos corações.
Se for do teu agrado, quero vê-la agora, pois para nós e para o serviço de Deus, não existem horas; desaparece tudo, como todos os obstáculos, para somente vigorar a
Sua soberana vontade...
José Maria, confiante na força daquele homem simples, mas grande em Cristo, segurou suas mãos e saiu guiando-o no grande quintal, à luz das estrelas, repetindo:

- Graças a Deus!... Graças a Deus!.

Bateu levemente à porta e a criada, que tinha ficado de guarda, abriu no mesmo momento. Francisco viu aquele rosto chagado à luz bruxuleante da candeia. Passou os olhos pelo corpo da jovem e ficou comovido até as fibras mais íntimas da alma pois o seu sofrimento ultrapassava o linguajar de quem o narrasse. Os olhos vivos nadavam em lágrimas, em mímica divina, pedindo socorro. O coração, em saltos, já esperava aquele homem santo, do qual seu pai lhe falara.
A criada quis sair do quarto, com medo de atrapalhar a visita esperada de Francisco, mas este não o consentiu. Pegou nas mãos calosas de Afrânia, e falou com bondade aos seus sentimentos:
- Fica, minha filha, nós precisamos do teu apoio espiritual, da tua presença que muito nos agrada.

E beijou as suas mãos demoradamente. A velha, que nunca recebera na vida aquela atenção, sentou-se no catre onde dormia seu patrão e nada respondeu, chorando como criança, como alguém que nada sabia responder, mas que sentia o amor daquele homem penetrar em seu coração.

A moça nada falou. O pai fechou a porta, e, sentindo o ambiente de paz espiritual, ajoelhou-se à beira da cama da filha, fazendo Francisco o mesmo. E naquele instante de emoção e preces, de fé e de confiança em Deus, Francisco, pela primeira vez sentiu algo diferente ao ouvir aquela voz que ele tanto conhecia:

- Francisco!... Francisco!... E ele respondeu mentalmente:

- Aqui estou, meu Senhor; que queres que eu faça!?...

- começa hoje, agora, a tua missão de erguer a minha Igreja, fazendo lembrar o que eu fiz. Deves falar das belezas dos Céus, do tesouro espiritual que constitui o Evangelho, como a Boa Nova para os homens e insistir no Bem até o fim da tua vida, sem esmorecer; são essas as sementes da vida, na vida de Deus. O que vais fazer agora é o fruto do que vives, pois as curas são, ante os homens, as melhores testemunhas de que estás comigo. Eles pedem prodígios a fim de despertarem para o milagre das transformações. O curso da tua vida vai mudar, e aqueles que assentam em tronos de ouro vão te ouvir, porque eu, na verdade, te digo que vou usar as tuas mãos e a tua língua para relembrar o meu Evangelho, que por hora está escondido.

O ambiente fosforesceu de luzes, cambiantes de claridades se faziam todo o quarto da filha de José Maria. Duas mãos invisíveis tocaram em Francisco, de sorte ele sentir o calor divino em seu corpo humano. Afrânia perdeu um pouco os sentidos e da sua boca, nariz e ouvidos escorria como que um gás esbranquiçado, mas de natureza viva. Francisco, impulsionado pela inteligência que lhe falara, levantou-se e tocou corpo da filha do estalajadeiro e esta foi coberta por fluidos imponderáveis e ativos correram em todo o seu ser, restabelecendo, como por encanto, todos os tecidos da^ epiderme. Filetes de luz verde-claro entraram na sua coirente sanguínea, expulsando destruindo determinados agentes da desarmonia orgânica; outros interpenetraram o seu cérebro, localizando-se no centro da vida. vibrando com intensidade em todos os seus centros energéticos e dali deslizaram para todas as glândulas secretoras, reagindo sobre o baço e o fígado, e descendo como fenômeno incompreendido pelos homens, em forma de secreção, para os intestinos. As v ias dos meridianos foram desobstruídas pelos fluidos benfeitores, dessa regando o imprestável pelos pés da criatura sofredora.
Francisco parecia mudar de cor, como se assumisse a função de fios elétricos recebendo alta carga de eletricidade divina, despejando-as em forma de saúde e de bem-estar em favor daquela moça. filha de Deus, sob a proteção física de José Maria. A moça gemia e suava, cm forte delírio. O corpo de Francisco, aos olhos espirituais, estava iluminado, o

seu coração parecia um pêndulo de luz a pulsar dentro do peito e a sua mente, um espelho que refletia o pensamento d'Aquele que foi, era e seria sempre o seu Mestre.
No êxtase da operação espiritual, Francisco, reconhecendo que Jesus opera por seu intermédio, agradeceu com gratidão, sentindo-se plenamente consciente do que estava fazendo em favor daquela criatura sofredora, aliviando um coração de pai que tanto padecia:

- Senhor!... Agradeço-Te por tudo que fizeste cm benefício desta família que considero minha também. Não mereço este Teu convívio nas minhas andanç, e peço-Te em favor dos sofredores, a luz do entendimento: que eles sejam curados dos males da carne, porém, que não se esqueçam do tratamento espiritual, exercitando todos os dias a conduta reta, estimulando a renúncia das coisas superfulas desativando os instintos inferiores; corrigindo os desatinos referentes aos imp da carne e melhorando as ideias de perdão e de caridade.
Nós te pedimos. Senhor, que não nos deixes cair em novas tentações, no que se refere à usura, à mentira e ao ódio, e que cresça em nós o ambiente aquela que não esquece o trabalho honesto.
Nós Te pedimos, meu Senhor!... Em nome de Jesus, o Cristo da Vida, que os nossos gestos impensados que possam ferir os outros e que a nossa vida possa ter a sequência que corresponda às vidas dos santos, mostrando a presença dos grandes sábios junto de nós.
Confirmamos que essa nossa irmã esteja curada de seus males físicos, mas a preocupação é com a sua alma; que ela possa ser curada igualmente, pelo despertar para a Verdade; que seja ela, de agora em diante, uma luz nascida do Amor que nunca pede e tudo suporta, que nunca exige e tudo dá, que nunca odeia, mas abençoa sempre.
Quanto a mim, este Teu filho e devedor comum da humanidade, ajuda-a melhorar e a cumprir a Tua vontade e não a minha, porque sabes melhor do que eu o de que mais preciso, como servo fiel do Teu mandato.
Lembro-me, neste momento, de Maria Santíssima, nossa mãe e das criaturas; que ela interceda por nós no reino em que habita, e que guie esta casa na pauta dos deveres que se propôs a seguir, alimentando a fé e cuidando do próximo, como se fosse continuação dos próprios familiares.
Que Deus, na Sua Glória e Majestade, abençoe a todos nós!...

A moça já estava dormindo profundamente, coisa que não fazia há dias. O ambiente estava sereno. O português chorava baixinho e os sentimentos da velha não eram outros. Francisco pediu para que todos saíssem do quarto e deixassem **a** moça sozinha, pois ela estava em condições de rápido restabelecimento. Um leve perfume inundou a atmosfera do quarto, acompanhando os assistentes, recendendo por toda a casa. A alegria era

indescritível... E a esperança dos três personagens era vê-la no dia seguinte. Francisco não estava enganado, sabia da cura instantânea da moça, porque tinha ouvido quem nunca falara mentiras.

No outro dia, a moça acordou cedo, chamando a criada com alegria:

-Afrânia!... Afrânia!... Vem cá, chama igualmente meu pai, chama o meu pai! Afrânia, eu estou curada. Que bom, meu Deus, eu estou curada! Sinto-me Perfeitamente bem. Graças a Deus! Eu tive um sonho, Afrânia!...

A criada, logo chegando, ouviu a narração da senhorinha Adália e ficou Patada, dizendo em seu íntimo:

- Aquele homem é um santo! O senhor Francisco é um santo!

E foi correndo chamar o seu patrão. Este chegou correndo, abraçou a ' Corando e dizendo:

- Graças a Deus! Ele nos ouviu! Ele ouviu as nossas orações!

E falou alto:

- Esse homem é um santo! Manda procurar Francisco para que ele presencie o que foi feito pelas suas mãos.

Beijou as mãos da filha que, ainda fraca, mas perfeitamente limpa Ha chagas que antes estavam em evidência por todo o seu corpo, pediu comida

Toda a família se movimentou, festejando o acontecimento da instantânea de Adália. Procuraram Francisco e seus companheiros, porém nào^ encontraram: saíram todos de madrugada, deixando um simples escrito pelas mãos de Frei Leão:

"Estimados amigos José Maria e família. Agradecemos por tudo que fizeram por nós. A nossa gratidão é tamanha, que somente Deus lhes pode pagar Rogamos as Suas bênçãos para toda a família e para a irmã que estava enferma, pedindo de coração a Jesus, que a acompanhe sempre em suas lutas. Desejamos à todos muita paz e bastante trabalho em favor dos pobres, dos famintos e dos nus.

Fomos obrigados a partir sem as devidas despedidas, que o coração não aceitou. Pedimos desculpas para esta nossa falta; somos sempre seus devedores, mas o dever nos chama para serviços urgentes no campo da nossa religião.

Orem por nós, que os seus sentimentos de fraternidade muito poderão nos ajudar, já que bem sabem dos nossos ideais. Algum dia poderemos nos encontrar, se Deus quiser.

Um abraço fraternal. Adeus.

Do servo que muito os estima, Francisco".

O dono da estalagem ficou inquieto, por não ter encontrado Francisco e seus companheiros. Também dona Zita, sua filha e Afrânia. Mas, o que fazer? Ele tinha de atender primeiramente a Deus e a Jesus.
Francisco buscou outra área de pouso, para evitar constantes agradecimentos e enviou, pelas linhas competentes, anúncios ao Papa Inocêncio III, de que tinha urgência em falar-lhe acerca de coisas de grande interesse para a comunidade católica, e esperou muitas horas no Vaticano. Mas, quando recebido por alguém que servia de olhos do prelado, esse deixou chegar aos ouvidos da Sua Santidade que se tratava de um bando de mendigos, que tinha boa conversa, mas que poderia ser conve decorada, para tomar o seu precioso tempo.
O papa meditou alguns instantes sobre o assunto, e disse com parcimônia.

- Diga-lhes para voltarem outro dia. Tomou a pensar, e terminou sua curta frase:

- Se for mesmo coisa interessante e para o bem da Igreja, voltarão quantas vezes forem necessárias. Se estiverem realmente brincando com as coi divinas, desistirão.

O assistente papal voltou velozmente, a fim de ficar livre daqueles homens mal dentro do Vaticano, e transmitiu o recado de Sua Santidade, vestidos dentro do Vaticano e transmitiu o recado de Sua Santidade

Francisco e seus companheiros de ideal agradeceram com gentileza e procuraram as ruas movimentadas de Roma. Contemplaram os jardins, admiraram as flores em profusão, brincaram com algumas crianças que passavam, e se aproximaram dos pombos que forravam o chão onde pisavam. Sentiam a natureza palpitar vida em tudo, notando que não existem barreiras nas coisas de Deus e que o Amor a tudo facilita, para quem sente e ama em todas as direções.

Francisco disse com alegria:

. Frei Leão, onde estás?... Respondeu o frade:
- Estou aqui, senhor!...
- Então escreve o que eu vou dizer! E passou a falar:

Benditas sejam as dificuldades que nos agridem e fazem pensar. Benditas sejam as horas que gastamos em função do bem eterno. Bendito seja quem nos maltrata à primeira vista e nos ajuda a melhorar. Bendito seja quem não nos conhece e não acredita em nós. Bendito seja quem nos compara com vagabundos e indolentes. Bendito seja quem nos expulsa, como párias ou fanáticos. Bendita seja a mão que nos nega o cumprimento. Bendito seja quem quer nos esquecer, impaciente. Bendito seja quem nos nega o pão de cada dia. Bendito seja quem nos ataca, por ignorância e covardia. Bendito seja quem nos

experimenta no correr do tempo. Bendito seja quem nos faz chorar nos caminhos. Bendito seja quem não nos agrada no momento. Bendito seja quem exige de nós a perfeição. Benditos sejam os que nos maltratam o coração porque, verdadeiramente, são estes, meus filhos, os nossos vigilantes e os que nos ajudam a seguir o Cristo com maior segurança, pois Deus, através deles, nos ajuda na autoeducação, de maneira que fiquem certas todas as portas para o Amor universal.

Francisco e seus companheiros continuaram caminhando em direção à estalagem para descansar. Lá chegando, conheceram o dono, que era italiano e que, à primeira vista os rejeitou, cuspindo ao lado, pela singeleza dos viajantes. Na mesma hora mandou apresentar-lhes desculpas, por não poder hospedá-los mais, porque já estava comprometido anteriormente com outras pessoas e que nada precisariam pagar pela noite que tinham dormido na hospedagem. Francisco insistiu em pagar, com alguns recursos que ainda restavam, mas o estalajadeiro não quis receber. Assim, agradeceram partiram sem revolta.

Francisco, imensamente inspirado, falou a Frei Leão:
- Frei Leão, abre o livro de Deus, sem a tua participação na escolha do que vais ler

Frei Leão tirou do bolso o livro e atendeu a Francisco, interrogando:
- A página toda?
O filho de dona Pica respondeu com bondade:
- Não, somente onde o teu dedo polegar se encontra prendendo o escrito.

E ele passou a ler, pausadamente, a fala de Paulo aos Tessalonicenses (capítulo cinco, versículo dezoito), que registra o seguinte conceito:

Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

Francisco, sorridente, disse a Frei Leão com entusiasmo:

- Frei Leão, toma a ler, para a nossa felicidade e amparo ao coração!
E Frei Leão tomou a ler:
Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

Todos sorriram, e a alegria se alimentou de mais fé, por serem expulsos estalagem naquele momento e sentirem a presença de Deus. por intermédio do Cristo, na pessoa de Francisco, servo humilde e fiel aos desígnios da Providência Divina.

Aquela noite passaram nas fraldas da grande metrópole, debaixo de urna árvore amiga, que nada exigiu dos andarilhos de Deus. Quando todos ja es acomodados no seio da natureza, Francisco atendeu ao seu costume habitual de oração e entregou-se à prece. Depois de instantes, notar-se-ia um fosforejar em sua atmo individual, enriquecendo-se a inteligência e o coração, e contornava o seu corpo um cuja policromia mostrava na beleza do desenho, a sintonia com o Amor.

Antes de recostar a cabeça na saliência de uma grossa raiz, passou em revista os seus companheiros inseparáveis, cobrindo-os direito e acomodando-os para um bom sono, na recuperação das energias perdidas no passar do dia. Na posse da verdade de quem ama, saiu cantando de cama em cama, à luz da lua, a canção do trabalho que o conduzia a passo na semeadura, lembrando o Cristo na cruz. E dormiu, fitando as estrelas. Francisco era obstinado naquilo que a sua consciência e o destino traçaram.

Retornara várias vezes para falar com o papa, nunca o conseguindo. Eram sempre as desculpas: que o Santo Padre estava ocupado, que sua agenda estava completa, Sua Santidade estava cansado de tantos atendimentos... Até que, após várias tentativas, Francisco foi despachado de vez: o papa não poderia recebê-lo.

Houve um início de revolta entre os companheiros de Francisco, que acudiu a todos, sem sinais de desgaste. As suas ideias estavam em completo desentendimento com os conceitos da Igreja Católica Apostólica Romana; no entanto, sentia-se na plenitude dos preceitos do Cristo de Deus.

Francisco, não podendo falar com o Papa Inocêncio III, enviou-lhe alguns tópicos das regras, nas quais iria basear a vida de todos os franciscanos, e inspirava-se nas passagens do Evangelho, para maior segurança do que estava falando ao *Homem de Deus* e seus cardeais:

"Rogamos a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoe pelas mãos de Vossa Santidade. Seríamos muito felizes se Deus nos permitisse o diálogo com Vossa Santidade. Nossa pobre consciência pede e o nosso coração anseia por tal momento; se a nossa condição espiritual não o permite, curvamo-nos diante da vossa vontade, com a humildade que a nossa fraca condição pode expressar. Não seria justo insistir mais do que já o fizemos, e não pretendemos desgastar a vossa iluminada mente com coisas que, porventura, achais desnecessárias. Compete-nos ir embora, confiantes em Deus e pedindo a Jesus que nos guie por caminhos convenientes, favorecendo-nos com as sementes do Bem, onde elas possam frutificar.

Sabemos que o tempo de Vossa Santidade é precioso, na vigilância da Igreja que Nosso Senhor Jesus Cristo dirige por vossas mãos. Não podemos mais teimar; no entanto, queremos que a vossa iluminada percepção observe que pretendemos basear os princípios da nossa comunidade onde o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo possa evidenciar-se, como um tesouro dos Céus entregue às criaturas da Terra, como herança na para a paz de todos os povos.

Respeitamos muito a nossa Igreja pelo que ela é e pelo que tem feito em favor r da coletividade; todavia, existem no seio da nossa amada religião desvios que o coração em Cristo não pode suportar. O ouro acumulado gera guerras e as guerras pedem mais ouro. Das guerras e do ouro, gera-se um filho destruidor dos povos, que se chama egoísmo; deste, nascem a prepotência e a perseguição. E onde fica o Cristo, nesse ente de revolta? E quem tem coragem de pregar o Evangelho nessa atmosfera contradições?

Com toda humildade, pediria a Vossa Santidade e aos eminentes cardeais que vos assistem, que atentásseis para o que quero expressar nesta carta, e que me perdoeis se eu estiver errado ou falando o que não devo.

Não sou eu, que nada tenho para ensinar, principalmente à Vossa Santidade, quem escreve os ensinamentos que se seguem. São extraídos do Evangelho e servem de base para as nossas regras, que pretendemos seguir letra por letra:

Nem jamais comemos pão de graça, à custa de outrem, pelo contrário e labor da fadiga, de noite e dia, trabalhávamos a fim de não ser pesado (nenhum de vós. (II Tes, 3:8).

E continua o Apóstolo:

Não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-exemplos em nós mesmos, para nos imitardes. (II Tes, 3:9).

Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: Se alguém não quer trabalhar, também, não coma. (II Tes, 3:10)

E Mateus nos ajuda no ponto primordial da questão, assim afirmando capítulo dez, versículos nove e dez:

> *Não vos proveis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos. Nem de alforjes para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão, porque digno é o trabalhador de seu alimento.*

E ainda mais assevera o Mestre, anotado por Marcos, capítulo no versículo trinta e cinco:

E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, seja o último e servo de todos.

Estas bases estão fundamentadas no sacrifício de nós mesmos em favor do Evangelho, na renúncia, na humildade sem ostentação, no perdão incondicional, no
desprendimento sem vaidade, e no amor que nunca deverá exigir.
Pedimos perdão se, por negligência nossa, ofendemos a Vossa Santidade e qu* desculpeis a nossa pretensão de sermos atendidos. Que Deus e Cristo nos abençoe a todos e que Maria Santíssima cubra a Igreja com o seu manto de luz. Amem.

O Papa Inocêncio III estava em reunião com os cardeais que formavam a corte Apostólica Romana. Em seus dedos brilhavam anéis caríssimos que, junto com suas riquíssimas vestes, formavam verdadeiro contraste com as dos frades humildes que procuravam o alto clero católico, para um diálogo livre e sem premeditadas interpretações. Francisco iria conversar com o máximo dirigente da Igreja, entregando- se completamente à intuição divina. A carta chegou à Table Sagrada e foi levada à mesa de conferências, e lida na reunião por ordem do próprio papa.

O cardeal que a leu era João de São Paulo, homem de reconhecidas cristão que já tinha sentido o Cristo interno falar-lhe ao coração. Quando começou a leitura, os seus sentidos deram sinais de que concordava com aquele nern que escrevera, e a vontade de conhecê-lo subiu-lhe à mente e pensou:

"Esse homem é destemido e deve estar envolvido por sentimentos altamente superiores, pelo modo como fala neste pergaminho".

Os outros cardeais enfureceram-se com a petulância de Francisco. O próprio papa ficou calado, somente ouvindo as conjecturas dos seus assistentes. Um deles, por sinal o mais ignorante, deu a entender que o dono daquela missiva deveria parar nos tribunais pela sua audácia e atrevimento, podendo igualmente ser enquadrado como herege. E falou:

- O Santo Ofício foi feito para quê?

O Cardeal João defendeu as ideias de Francisco, mesmo sem conhecê-lo, com toda segurança, baseando-se no Evangelho do Divino Mestre, sem temer o ambiente em que se encontrava:

- Peço licença a Vossa Santidade, para dizer o que sinto há muito tempo, já que não devemos ter segredos uns com os outros, nesta casa de Deus. Também penso como esse

homem que não conheço. Sinto que a Igreja Católica Apostólica Romana está tomando rumos que não os indicados por Nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo que Ele ensinou e exemplificou na Sua divina missão, nós estamos fazendo ao contrário. Se pregamos, fazemo-lo somente para os outros, pois nós mesmos agimos diferente do que falamos. Penso ser isto hipocrisia da nossa parte. Quero que me respondais, por favor:
Se fosse Jesus quem estivesse à frente dos destinos da Igreja neste momento, Ele iria apoiar as Cruzadas? Ele iria abrir tribunais para sacrificar os hereges? Ele iria matar para defender algum Santo Sepulcro, como por exemplo, o de Moisés? Ele iria entesourar bens materiais como aconteceu conosco? Ele iria fazer construções suntuosas, como as que erguemos em todo o mundo? Ele iria dominar consciências como estamos fazendo, pressionando-as para nos seguir? E faria outras tantas coisas que não preciso mencionar, porque das citadas podereis deduzir as outras, com mais capacidade que eu, pois sois homens inteligentes, capazes de compreender o certo e o errado?
Rogo a Vossa Santidade que me perdoeis, se falei alguma coisa contrári regras da Igreja, mas sinto vontade de falar a verdade, para que esta não me estrague as horas de repouso, através da minha consciência.
Acho que esse homem deve ser ouvido, e se Vossa Santidade o permitisse desejaria estar ao vosso lado, no dia em que se der esse encontro.

Quase todos se colocaram contra a opinião do Cardeal João e contra a ideia da entrevista de Inocêncio 111 com Francisco de Assis. A decisão final foi do próprio papa, que também a achou inconveniente, por ter outros trabalhos de maior interesse da Igreja. Um dos mais radicais redigiu uma resposta a Francisco informando a decisão de Sua Santidade, já que o Cardeal João de São Paulo' recusou-se a fazê-lo.
Francisco de Assis, que mandara buscar a resposta, a leu pausadamente sem mudar de feição, sem dar demonstração de constrangimento. Reuniu seus discípulos e passou a carta do papa para todos entenderem o que fazer: ir embora e trabalhar do modo que a inspiração dos Céus achasse conveniente. E partiram na manhã seguinte.

17

O Papa e Francisco

Francisco de Assis era um afluente espiritual que iria desembocar no esgotado no doutrinário da Igreja Católica Apostólica Romana, dando a este dimensões maiores. Era prudente, por excelência, e, por natureza congênita, educado. Criava em seu redor admiração sem barreiras. Tanto os homens de todas as classes, quanto os animais de todos os reinos eram seus amigos e tinham por ele o maior respeito. Nunca se revoltara contra as intempéries dos caminhos, nem maldizia as horas das duras provações. Francisco era um Evangelho aberto, onde todos poderiam ler nas letras luminosas dos seus exemplos.

Não estamos aqui fechando os olhos para combater uma religião que serviu de veículo para grandes santos, como para vários sábios; somente escrevendo por ordem maior, aquilo que passou dos limites da sua área de ação. Ela, a Igreja Católica Apostólica Romana, e assistida por inúmeras falanges de Anjos, cujo senso é altamente iluminado; entretanto, tem a parte que compete aos homens em sua direção, e estes, por vezes, afrouxam a vigilância que, não obstante, é corrigida pelo alto comando no mundo espiritual.

Temos de lembrar os benefícios que essa religião trouxe ao mundo inteiro. Ela, de certa forma, resguardou o Evangelho, envolvendo-o nos panos da letra, não por ^competência dos seus prelados, mas devido à ignorância humana.

A coletividade dita cristã de todo o mundo, ou de quase todo ele, achava-se "competente para viver o Evangelho em Espírito e Verdade e poderia abandonar de vez os caminhos espirituais, se não fosse o Evangelho interpretado de modo diferente, até chegar à madureza da humanidade, e a luz ser colocada em cima da mesa.

Porém, nem sempre os dirigentes do clero romano comandam os destinos a casa com bom senso. De vez em quando é preciso, e os Céus acham conveniente, Qar alguns Anjos para retificarem e corrigirem os abusos praticados, por descuido daqueles que se fazem senhores, tomando a autoridade de maneira egoísta e achando somente por meios deles é que se faz no mundo, a vontade de Deus e se dá as ordens do Cristo.

E para não acontecer coisas piores, para não ser oficializada a religião em todo o mundo, e fechadas as portas da democracia espiritual, tolhendo os direitos dos homens, o próprio Jesus, por vontade de Deus, que serve de Canal Divino, enviou Lutero com seus coadjuvantes em todo o mundo, para organizar a Reforma, no sentido de enfraquecer os poderes de Roma e dar liberdade às consciências, deixando livre escolha às linhas religiosas. E o Livro Sagrado deveria ser libertado da escravidão como também as interpretações que a ele eram dadas.

Quando as duas correntes religiosas tomaram consciência que não se deveriam unir, para não abafar outros princípios espiritualistas, surgiu a Doutrina dos Espíritos, como sendo o Consolador Prometido, entre as duas poderosas correntes de princípios, oriundas da

mesma fonte. São três poderes espirituais no ocidente inspirado no mesmo Cristo, mas em condições diferentes de interpretação, sem as condições de união, para o bem da própria humanidade. Mesmo os dirigentes dessas religiões não se encontram bastantes evoluídos, no sentido de entenderem e respeitarem os direitos de consciência dos outros.

Francisco de Assis já compreendia e respeitava os direitos humanos e espirituais das criaturas, e encontrava no Amor Universal a verdadeira religião. Concentrou as suas atividades no ideal do desprendimento. Partindo daí, tudo mais seria fácil de ser vivido, pois a chaga viva da humanidade, o egoísmo, de onde nasce o orgulho com todas as suas ramificações, passou a ser anulado.

Quando o seu pai fora à sua procura, para interromper os seus gestos no reparo das igrejas, deixara transparecer que Francisco estava tirando suas mercadorias e vendendo-as para tal mister; e este, diante das autoridades eclesiásticas, entregara a Pedro Bernardone tudo o que tinha em mãos, até a própria roupa do corpo; ficara despido de tudo que possuía fisicamente, porém, com a consciência vestida de luz.

O desprendimento, por amor às criaturas, é gesto divino na divina expressão do Amor, e o desprendimento de Francisco fê-lo amar a pobreza de coisas materiais, nome este desprezível no seio da sociedade humana. Pobreza, no dicionário de Francisco de Assis, não é miséria, não é sujeira, não é incompetência para discernir as coisas, não é fome ou preguiça, não é mendicância; é integração na vida natural, é fraternidade universal que Deus abençoa no cântico dos pássaros, no soprar do vento, na claridade do Sol, no borbulhar das águas, na simplicidade das árvores, na candura dos peixes, nos raios das estrelas e no amor mais puro dos homens, que hoje poderemos traduzir como socialismo cristão, força poderosa que se alastra no mundo inteiro e que a sequência da vida transformará em denominador comum de todos os povos.

* * *

Na noite em que fora lida a carta de Francisco no Vaticano, em reunião com os cardeais, o ambiente ficara pesado diante das discussões, cujo conteúdo nao vale a pena mencionar, por ser desnecessário. Não dormiram bem aqueles príncipe

Igreja- No entanto, o papa, que fora mais comedido, deixando as lutas ideológicas ^mente para os cardeais, pôde conciliar o sono e dormir com certa tranquilidade.

Inocêncio III, depois de instantes de sono, ouviu, mais ou menos jisciente, alguém do mundo espiritual que o convidava para um passeio e ele saiu *¿0* corpo físico com certa facilidade. Andou em seu quarto com euforia, foi diante de ncje espelho polido e viu sua feição, olhou para o corpo físico, e notou que este era a estampa do verdadeiro. Pensou muito, teve vontade de chorar, mas isso não aconteceu. Ajoelhou-se de gratidão, pedindo a Deus, em seguida, que o ajudasse nas suas decisões diante dos destinos da Igreja.

No ambiente de oração, notou que estava sendo guiado por alguém, e que uma nuvem esbranquiçada se foi formando ao seu lado. O brilho era encantador, e essa nuvem foi tomando forma de maneira mais encantadora ainda. Era um Espírito que fora papa no ano de 142 e que ficara no poder onze anos, oito meses e vinte e oito dias. Era o irmão Telésforo, de nacionalidade grega, quando assumira a direção da Igreja Católica Apostólica Romana.

Luzes confundiam a visão de Inocêncio III que, quando viu aquele personagem a confundir os seus sentidos, buscou as suas vestes para beijá-las e ajoelhou-se a seus pés. Pediu, chorando, proteção para a sua cruz, que carregava com muita dificuldade na Tena: a direção da comunidade católica do mundo inteiro.

Telésforo, imponente e majestoso, com o olhar sereno e o coração imantado de amor em Cristo, pegou as mãos de Inocêncio, como as de uma criança, e falou-lhe ao coração com brandura e carinho:

- Meu filho, variadas vezes tentamos falar-te pelos meios que a vida nos oferece. Pedes todos os dias a Jesus para guiar-te nos caminhos certos. Pedes à nossa Mãe Santíssima para não te deixar sozinho no barco. Pedes a Deus para fazer sempre a vontade d'Ele e não a tua. No entanto, na hora em que Deus quer mostrar-te a Sua vontade soberana, a tua vaidade, Inocêncio, interrompe o curso das leis naturais.

Quando Maria, a Mãe de Jesus e nossa Mãe, usa dos meios inerentes ao seu amor, para ajudar-te no despertar dos teus sentimentos de respeito e amor para com os outros, o teu orgulho ou a presença de alguém junto a ti, dá outrc curso as intuições. Quando, Inocêncio, Jesus manifesta, usando de pessoas diversas para dar-te uma orientação sábia e benfeitora, para que não caias nas tentações do ouro e da usura, da prepotência e do egoísmo, fechas as portas. Que fazer de ti agora?

E ele, chorando, pediu licença para falar, e o Irmão Telésforo silenciou-se. nocêncio III falou engasgado de emoção:

- Senhor Jesus, não me lembro de que esses fatos tenham acontecido; se eu soubesse, teria atendido, pois sou vosso servo. Ajudai-me a compreender esses meios pelos quais a D ivindade está tentando me ajudar. Sei que sou ignorante no devido discernimento...

Telésforo, sublimado pela luz do Amor e pela inteligência nos caminhos Fraternidade, falou ao seu tutelado, acentuando energia:

- Inocêncio!... Por invigilância queimaste há pouco uma carta, sabend que essa missiva vinha de fundamentos elevados. Tu te recusaste a receber o servo de Jesus, um dos mais chegados a Ele, que tem a sagrada missão de te ajudar na renovação dos princípios que abraçaste, por medo de perder o poder transitório e p0r pensar que um papa faz parte da corte celestial.

Recomendo-te receber Francisco, e colher dele os frutos do Evangelho para restaurar a nossa Igreja, que já começa a ruir. Foste infeliz, Inocêncio ao estimular o Santo Ofício, e pagarás por isso. Não penses que é com tribunais que se defende a igreja e o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo!
Estás complicando a tua própria vida e colocando em jogo muitas vidas humanas Foi o próprio Mestre quem nos disse que era verdadeiramente necessário o escândalo mas acrescentou que ai daqueles que servirem de instrumento do escândalo.
A tua coragem, prosseguiu Telésforo serenamente, é somente a de mandar, abusando do poder que a misericórdia divina colocou em tuas mãos. Sei que não vais cumprir o que prometes sob a ação do medo; ainda vais torcer os valores, no impulso da vaidade e do orgulho, que a posição te impõe. Mas verás as flores que o fanatismo te joga nos caminhos se transformarem em espinhos, quando da passagem para o lado da realidade espiritual. A morte vai chegar para ti, como chega para os que não cumprem os deveres, e a consciência é o pior tribunal, porque ela anda conosco. Antes de nos despedirmos, falo-te, não como guia que é carinhoso para com o tutelado, mas como senhor que exige: Inocêncio!... Recebe Francisco, a quem desprezaste!

Inocêncio III acordou assustado, chorando e gritando. Em seu socorro vieram vários padres, e ele, pálido, tomou um líquido par acalmar-se. Mandou chamar imediatamente o Cardeal João de São Paulo que dormia em apartamento ao lado. 0 cardeal veio às pressas e ouviu Sua Santidade narrar o sonho que tivera, dizendo:

- João!... João!... Ajuda-me no que quero dizer. Tinhas razão, pelo que a razão me parece. Tive um sonho; não sei se foi sonho, pela clareza do que vi e ouvi. Parece que estou vendo e ouvindo ainda, a figura que me falava... E caiu em pranto,
após o que, quedou-se em profundo silêncio.

O cardeal, confundido, interrogou:

- O que aconteceu com Vossa Santidade? Por Deus. falai-me! O que quereis que eu ouça?
Silenciou com respeito e continuou:

- É bom que choreis, porque as lágrimas poderão abrir a vossa intuição para o impulso da verdade.

Recostado em largas almofadas e coberto por colchas que davam inveja ao mais puro algodão, falou já demonstrando calma e conforto:

- João, o que vi é coisa muito séria. Até então estava iludido com muitas coisas referentes à vida e à morte. A nossa teologia é muito pobre no que tange à vida no céu, e do modo pelo qual os Anjos podem nos falar. Os nossos livros são maçantes e cheios de teorias de homens. A sabedoria desses homens é loucura diante de Deus. Os teólogos, mesmo os mais eminentes, deduzem coisas conforme as suas capacidades possam alcançar, e nós somos piores do que eles, por acreditarmos cegamente no que eles dizem e escrevem.
Não duvido do que vi, nem deixo de acreditar jamais no que ouvi esta noite. João, eu vi Jesus! Falei com Ele e Ele comigo. Foi para mim o acontecimento mais deslumbrante de toda a minha vida, e Ele me falou, João, que eu recebesse Francisco. Referindo-se à carta que rasgamos, enviada por ele, disse-me repetidas vezes: Receba Francisco!... Quando acordei, ainda ouvia as suas palavras cheias de amor, mas envolvidas de energia. João!... João!... Por Deus, ajuda-me a pensar e a compreender melhor o que fazer.

O Cardeal João de São Paulo, satisfeito com o ocorrido, falou com alegria:

- Desculpai-me Vossa Santidade, mas peço ambiente livre para dizer o que entendo das coisas espirituais... O que vistes e ouvistes é fenômeno natural na area do espiritualismo decente. Há mais de vinte anos eu compreendo essas coisas e tem ocorrido comigo muitos casos ignorados pelos nossos sábios e negados pelos nossos teólogos; entretanto, eles existem. Não somos nós quem fazemos as leis. E °°rn que nos lembremos disso: as leis que regulam tudo foram feitas por Deus, 0 nosso Pai Celestial. Nós outros, por misericórdia d'Ele, as descobrimos, e, se quisermos viver felizes, devemos aceitá-las e vivê-las todos os dias... Não é o que Se passa, infelizmente, na nossa casa, onde fazemos parecer que somos os únicos representantes de Deus. O nosso colégio apostolar copia certas regras aqui e ali, e Pressionamos as consciências para aceitá-las à força. Onde existe a prepotência, &e o amor. Onde vigora a autoridade imposta, foge a humildade. Onde há usura, 8e o desprendimento. Onde existe a violência, foge a caridade...

Quando eu observei o assunto daquela carta, notei imediatamente a ação desse homem, mesmo sem conhecê-lo; ele é um homem de Deus, que vem em socorro da nossa religião, como comprovastes pelo sonho que acabais de narrar...

Pararam por instantes, para que pudessem fluir mais as ideias E falou então, já tranquilo, Inocêncio III:

- João!... Ajuda-me a fazer alguma coisa. Em muito poderás me ai fazendo minha defesa junto aos outros. Vê se achas os pedaços daquela carta santa meu filho, e a recomponhas para que nós dois possamos estudá-la, e compreender sentido da sua mensagem. Depois,

João, traze esse homem de Deus, busca-o onde ele estiver. Usa de todos os meios para alcançá-lo onde quer que seja, pois temos de conversar com ele.

O cardeal encheu-se de alegria, e pediu que ele desse por escrito aquela
ordem. Inocêncio III olhou-o com humildade e sorriu.
João de São Paulo, que nunca perdera a franqueza nessas horas percebendo o olhar significativo do papa, respondeu com ponderação e respeito:

- Santidade, sois sobremodo digno de todo o meu apreço e da minha confiança; todavia, a casa é grande, e nem sempre as resoluções partem somente do vosso raciocínio...
Os dois sorriram e a ordem foi dada por escrito, sendo o cardeal dotado de plenos direitos para aquele mister.

O papa tinha confundido o personagem do sonho, coisa muito comum, mesmo em desdobramento consciente. Ele viu e conversou com o papa Telésforo e não com Jesus, como pensava.
O cardeal tomou todas as providências. Ao nascer do sol, mandou muitos padres em busca de Francisco e seus companheiros. Alguns deles, que já os conheciam, percorreram os alojamentos e feiras, sempre colhendo informações. Outros seguiram pela principal estrada que levava a Assis e logo alcançaram o grupo de homens simples e alegres, cantando a glória de Deus a manifestar-se em toda parte.
Efetivado o encontro, reuniram-se à sombra de uma árvore amiga e u deles transmitiu a mensagem do cardeal:

- Senhor Francisco, viemos da parte do Cardeal João de São Paulo, que em nome de Sua Santidade, o papa Inocêncio III, te pede para voltar!

E acrescentou de maneira dramática:
O que para ti, no nosso entendimento, é uma bênção do céu. Sua idade tem um pulso de ferro e nunca volta atrás quando decide não aceitar uma idéia. É a primeira vez, desde que trabalho e moro no Vaticano, que ele assim procede. Achamos que és um presdetinado, visto o campo das tuas ideias de renovação, como ficamos sabendo. Perdoa-nos, se insistimos que voltes, porém, nós achamos que deves fazê-lo.
Nós três somos vigilantes na Santa Sé, e o Padre José Ramos, aqui entre, escutou parte da conversa de Sua Santidade com o cardeal, pela madrugada.
Parece que o papa teve um sonho relativo à tua pessoa, e nele uma voz lhe pedia que recebesse. Sentimos que a tua missão é divina e achamos que deves voltar conosco,
para que ele te abençoe.

Francisco fixou os olhos do interlocutor, com firmeza, e disse com ponderação:

- Nós vamos voltar, meu irmão, em beneficio do papa. Ele está sendo culpado por muitos deslizes no que tange à atuação da Igreja. Iremos ao seu encontro, não em busca de bênçãos, por ele não estar em condições de abençoar, mas para pedir a Deus que abra o seu coração, onde poderá nascer o Amor.
Quem dá ordens para matar, quem no silêncio do luxuoso apartamento arma ideias para perseguição dos chamados hereges - mesmo que o sejam - quem impede seus dedos de se moverem no bem com caríssimos anéis, quem veste roupas onde o ouro e a prata provocam a admiração dos olhares, quem ajunta tesouros e mais tesouros, aumentando a miséria e o desespero dos pobres, se por vezes abençoar, meus irmãos, certamente que as suas bênçãos poderão matar e ainda entristecer os Anjos, senão o próprio Cristo de Deus.

Os padres ouviam alarmados. Como aquele homenzinho tinha coragem de lançar uma blasfêmia daquela contra Sua Santidade? E ainda mais, eles eram mendigos, homens sujos e descalços. Que força existiria neles, para condenarem a vida e a conduta de Sua Santidade?... Mas calaram-se e nada disseram. Puseram-se ª caminho, em direção à Roma. Francisco, passando pelo sepulcro do primeiro discípulo de Jesus, lançou um olhar e um pedido, secretamente, sem que ninguém o ouvisse, pelos fios do pensamento:

"Pedro, rogai ao Mestre por misericórdia, para que este homem que dirige os destinos da Igreja, compreenda a vontade divina, e lute verdadeiramente pela Paz - Compreenda o Amor, e lute verdadeiramente pelo Amor puro. Compreenda justiça, e ajude a estabelecer essa justiça no seio dos povos! Que lute pelo Perdão, mas que perdoe. Que lute pelos tesouros da religião, porém aqueles guardados no evangelho e que tal herança possa atingir a humanidade inteira".
E avançou de cabeça erguida, ao encontro do Papa Inocêncio III.

Francisco de Assis não estava em busca das bênçãos do papa; estava à procura do restabelecimento da Igreja de Deus, por vontade de Jesus Cristo, entre aqueles homens, cuja simplicidade desvalorizava as gigantescas ideias e os monumental pensamentos de pureza cristã, para aqueles que não tinham olhos de ver.
Sua Santidade estava descansando numa cadeira que fora toda trabalhada por mãos hábeis, que não esqueceram os mínimos detalhes, na simbologia de fatos extraordinários, dos grandes acontecimentos. Anéis faiscavam em seus dedos. A túnica, sobreposta a outras de tecidos ricamente confeccionados, se ajustava em seu corpo de Príncipe da Igreja.
Os companheiros de Francisco ficaram impressionados com aquele visual De fato, o ambiente conduzia a isso, o que, entretanto, não funcionou com Francisco, que via

somente o homem e sentia seus atos, sabendo o que ele precisava ouvir em nome d'Aquele que tudo governa e ordena.
Francisco de Assis, pés descalços, como ele era e como andava em qualquer lugar, foi em direção ao papa que lhe estendeu a mão, e beijou-a com ternura peculiar ao seu ser, desejando ao Patriarca da Igreja saúde e paz. Todos fizeram o mesmo.
Os assistentes do papa, já orientados por ele e seus assessores, convidaram os companheiros de Francisco para um rápido passeio nos jardins, enquanto este e alguns dos cardeais conversavam com Inocêncio III. Sua Santidade, em rápidas palavras, mostrou que já era conhecedor dos ideais de Francisco, e esperava a sua fala no complemento da sua escrita.
Francisco, humildemente acomodado ao lado do papa, passou levemente as mãos em sua própria cabeça, esperando inspiração de Deus, e disse sorrindo para o homem que tinha nos ombros o peso da cruz:

- Santo Padre!... Não pretendo enganar-vos sobre o meu destino. Prefiro ser recusado pelo vosso sensível coração, a mentir para Vossa Santidade!... Compreendo a posição que ocupais diante do mundo, frente aos reis e príncipes de muitos países. Compreendo que estais no lugar do Grande Pastor de todas as ovelhas de Jesus, e sei do esforço que deveis fazer para manter-vos em exemplo digno de Deus e de Cristo. Mas devo dizer-vos que tenho uma missão, que foi delineada por Jesus de Nazaré, a quem amo sem condições, de pautar a minha vida e de ajudar aos que, porventura, me acompanharem, a viverem a existência retamente, segundo o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós, primeiramente, partimos para o desprendimento das coisas materiais, sufocando em nossas almas o egoísmo. Não que os bens terrenos em si ofendam, mas porque os homens ainda não aprendera a usá-los, mesmo aqueles que dirigem os povos. A sutileza do egoísmo invade e empana todos os outros sentimentos, com ricas e bem postas desculpas, de maneira a enganarem até os escolhidos. Queremos viver na pobreza, uma pobreza digna do que todos os enfermos, velhos e crianças, queremos manter a vida e a defendê-la onde ela surgir por misericórdia de Deus.
Estamos criando uma força de valores em toda a comunidade, para chegar reino do perdão, aquele que o nosso Mestre ensinou pelo exemplo, aquele que esquece as ofensas e ainda ajuda aos ofensores a compreenderem a grandeza da eternidade e da amizade.
Nós, Santo Pastor, estamos idealizando, e já começamos, a viver dentro de uma sociedade onde ninguém é dono de nada, e todos têm com o que viver. Todos trabalham, não só por necessidade, mas por dever e amor, e eu devo ser o primeiro a dar exemplos, que correspondam a todos os ideais. Não devo e não posso vestir capa e túnica, enquanto o meu irmão do caminho anda nu. Não podemos possuir grandes extensões de terras, enquanto muitas famílias não tiverem onde trabalhar e viver! Estamos idealizando uma

Igreja onde a alegria seja o dom comum a todas as criaturas, aquela que nasce dentro do coração.
Peço que Vossa Santidade me desculpeis o tempo que estamos gastando da vossa presença, nos ouvindo com paciência, mas devo falar-vos mais um pouco acerca das regras já estabelecidas no nosso convívio.
Devo pedir a Vossa Santidade para não interpretar a minha vinda aqui, para contestar os preceitos coadjuvantes da Igreja Católica Apostólica Romana, comparando-os aos estabelecidos no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; não é nosso esse trabalho, caso seja preciso que ele apareça.
A decisão da nossa comunidade espiritual é viver puramente as normas traçadas pelo Divino Mestre de todos nós. Talvez alguns dos nossos cardeais dirão que começa a nascer outro tipo de fanáticos, candidatos a santos, coisa que não passa pela nossa cabeça. Santo na Terra, somente um pisou, honrando a dignidade do nome, Jesus Cristo. Não é do nosso feitio perturbar qualquer comunidade existente, principalmente a nossa querida Madre Igreja, mas estamos impulsionados pela consciência, para levar uma vida digna de ser chamada vida cristã.
Não temos pretensão de modificar qualquer pessoa, nem de dar lições de moral a quem quer que seja; apenas estamos sentindo um impulso humano, senão divino, para a pureza de pensamentos, para a pureza da verdade, para a pureza do amor. Não há mal algum em querer ser bom, compreendendo a bondade, em ser justo, entendendo o que é a verdadeira justiça, em ter amor Àquele que não esquece a universalidade, em todas as direções da vida.

Fez uma pequena pausa, no afã de renovar ideias, ajustar mais a intuição, notar se havia cansaço na tolerância do Papa e dos cardeais. Todos em silêncio!... ancioso sentia na sua mais alta percepção que eles desejavam ouvir mais, e que guns deles estavam gostando do assunto, porque nunca viram tamanha coragem, estampada em feição tão simples. Jamais presenciaram e sentiram influências

como aquela, partindo de criatura sem nome, sem vestes e sem posição no mi político e religioso. Só poderia ser força de Deus, somente poderia ser a presente do próprio Cristo.
O Cardeal João de São Paulo notava, de vez em quando, mudanças em suas feições e alterações na sua voz. Porém, o prelado, que já era conhecedor desses fenômenos, pôde ali confirmar a realidade do intercâmbio dos Anjos com os seres, no mundo. "Ele é", pensou, "realmente, um emissário dos céus, para modificar alguma coisa na Igreja, para cuja edificação São Pedro deu os primeiros passos "
Francisco quase se transfigurava nos momentos da conversa. Olhou serenamente para todos os representantes da Igreja e buscou novamente a intuição, no campo livre da sua consciência, falando com sabedoria:

- A humanidade, Eminências, pelo que noto no contato com os homens desde os mais simples camponeses aos mais altos dignitários em todos os setores da vida, tem sede da presença de Jesus no coração e não podemos esconder mais a Sua magnânima presença. O Evangelho está sendo escondido há mais de mil anos, e chegou, pelo que sinto, a hora de colocá-lo em cima da mesa, porque é luz que espanta as trevas; ele é, por excelência, o Sol de todas as nossas vidas. Ele é a segurança de todas as criaturas, é a esperança dos Céus a convidar os homens para o reino de Deus.

E quem se dignou a orientar as almas, quem recebeu por misericórdia o bastão de responsabilidade de pastorear as ovelhas do Cristo, deverá por consciência, por dever, por fidelidade a Deus, não somente divulgar esse Evangelho, mas vivê-lo em todo o curso da vida e não somente pedir paz, longe da massa humana, porém dar exemplos desta paz. Não somente deve pedir que todos trabalhem, mas dar serviço às suas mãos em primeiro lugar; não somente concitar irmãos para a caridade, mas fazê-la desde o abrir dos olhos pela manhã até fechá-los à noite; não somente escrever e falar no Amor, mas amar sem distinção a todas as criaturas de Deus, sem nunca esquecer-se do próximo, do modo que Jesus empenhou toda a Sua vida.

Sei, e disso nunca me esquecerei, que devemos muito à nossa Igreja, a saudável vida dos profetas, à consciência que temos da intervenção dos Anjos entre os homens, à grandiosa e respeitável obra de Moisés, e à vida fecunda de Nosso Senhor Jesus Cristo; todavia, é necessário que esse instrumento que está varando séculos, no momento de bifurcação da estrada, não escolha a esquerda, que nos parece a estrada mais larga, porque é a da perdição.

Não queremos que alguém se ofenda com a nossa fala, por serem nossas regras de renúncia, de obediência, de perdão, de amor, de trabalho, de desprendimento e de pureza. Achamos que quem nada exige, não afronta, impõe, não odeia, não discute, não quer ser o maior, e não ofende, não poderá julgado perigoso, ladrão ou herege...

Que Deus nos abençoe, e que Jesus Cristo nos proteja, e que Santíssima nos ampare, sempre e sempre... Amém.

O Papa Inocêncio 111 ouviu tudo, analisando, com a mente presa nas palavras que Francisco de Assis, e a imagem de Telésforo no espelho da sua consciência lhe falando as mesmas palavras que lhe tinha falado em desdobramento espiritual e que, naquele momento, lhe eram repetidas.

Sua Santidade, no conforto que a cadeira lhe ofertava, no palácio que lhe servia de casulo, no ambiente que ostentava a sua máxima autoridade eclesiástica, sentiu-se inquieto, e olhou para os companheiros de apostolado, buscando aprovação sobre o que ouviam. Dois deles regozijavam-se com a linha de conduta de Francisco. O resto, prestes a

estourar de ódio, sem contudo poderem discordar do que o homem de Assis discorrera, pela posição que ocupavam junto ao trono de São Pedro e por respeito forçado àquele que ali tudo ouvira calado, o papa, supremo chefe da Igreja.
Inocêncio III, corajoso e decidido, levantou-se. Deu umas passadas no amplo salão, como que buscando forças para dizer o mais conveniente a todos. E falou resoluto, chamando Francisco de irmão:

- Irmão Francisco!... Tudo isso que ouvimos dos seus guardados mentais é muito bonito, alinham-se perfeitamente com os conceitos de Jesus Cristo, não resta dúvida. Porém, são regras impraticáveis para a falange de obreiros que sustentam o mundo católico consubstanciado em Roma, e mais tarde ajudado pelo imperador inesquecível, Constantino.
Temos um pacto com o Estado que nos garantiu e não nos deixou cair nas ganas dos perseguidores. Deves saber, como todos nós somos conscientes desse fato, que a oração nos mostra e faz um ambiente de amor contra o ódio dos invasores, cortando todos os recursos das investidas da magia negra contra nós e a nossa Igreja. No entanto, quando os hereges vêm com a força, nós usamos o conceito do Mestre, que é vigiar. E esse vigiar é usar a mesma violência do agressor, para combatê-lo.
Tudo o que falaste, irmão Francisco, a nossa consciência aprova no terreno da teoria, mas para viver o que falas... As coisas mudam na sequência do tempo. O nosso raciocínio, que conhece bem o mundo e as criaturas, nega o que pedes, mesmo vendo em tuas ideias tudo de bom para a comunidade terrena. Compreendo que tudo isso e impossível de ser vivido, mas o coração - onde com certeza reside a piedade, a bondade, e por vezes o amor, como se fosse de mãe - aprova tudo que dizes e ainda abraça a tua alma, como sendo a de um santo.
Sinto que os Céus me pressionam a aceitar as tuas ideias, que reconheço serem nobres; não obstante, esse mesmo céu deixa-me à vontade, com livre arbítrio, para decidir se devo ou não aceitá-las, colocando-me no lugar de juiz, com as responsabilidades daquilo que devo decidir.
Não quero e não devo tomar muito o teu tempo, por teres o mundo inteiro para levar as tuas ideias, para pregar o Evangelho da maneira que a tua intuição te ordenar, e, se fores vitoriosao, consagrar-te-ei como o maior guerreiro de todos os tempos, que muito duvido, pelas feras humanas que irás deparar em teus caminhos.
Tudo que falas são flores perfumadas, seguras pelas hastes, cujos espinhos lançarmos as mãos para colhê-las, carecem do sangue de nossos dedos, de sacrifícios e de dor. Nós concordamos que a vida que pretendes levar com os teus seguidores é a réplica da verdadeira vida, e que o Evangelho de Nosso Senhor tem de renascer algum dia, como

nos primórdios do cristianismo nascente. Porém, a humanidade ainda está preparada para esse reino dos céus na Terra - este é o grande empedernindo, Francisco...
Prepara, meu filho, as regras que queres. Envia para nós, que darei veredito e ficarás livre, mas sempre com a nossa vigilância e a nossa proteção Vai, vai Francisco, e prega o Evangelho que pretendes, e se tiveres alguns frutos volta aqui, que os abençoarei, no sentido de que eles se multipliquem, qual Jesus fez com os pães e os peixes! Que Deus te abençoe.

Francisco ouviu tudo em silêncio. Nada disse no curso do que ouvi Levantou-se satisfeito, tomou a mão de Sua Santidade e beijou-a novamente, como as de todos os prelados, com a mesma alegria, e saiu cantando louvores a Deus em companhia dos seus cooperadores, que já estavam à sua espera.
Houve um reboliço no Vaticano, em reunião secreta; contudo, depois, os cardeais se asserenaram, com a palavra bem posta do Cardeal João de São Paulo, que argumentou:

- Meus irmãos! Se esse homem nada de mal fez, nem vai fazer, está cooperando com o bem que devemos realizar. Por que não o deixar prosseguir em seu caminho, que todos sabemos ser de espinhos? Oremos por ele. e peçamos a Deus pela sua vitória,
que será a nossa vitória! E, se derrotado, a derrota será somente dele.

O objetivo do cardeal era asserenar os ânimos e deixar Francisco seguir o seu caminho sem interrupção. Confiava nele. e tinha certeza da sua eficiência nos terrenos da vivência evangélica.
Francisco saiu pela porta Salária em direção à campina romana pela via Flamínia, direcionando-se para o norte. Em sua companhia estavam doze discípulos, e esses
homens de Deus se encontravam ansiosos para saber os resultados da conversa que Francisco tivera com Sua Santidade, o Papa Inocêncio III. No rosto de Francisco, que não mudava mesmo diante de muitos obstáculos, notava-se uma claridade diferente, vitória, da primeira vitória diante do Sumo Pontífice. Sem a aprovação das suas e para que pudesse levá-las à massa humana, seria difícil naquela época cumprir missão, como o fez tão gloriosamente quanto a empenhou com Jesus.
Francisco, de longe, percebeu um aglomerado de pessoas, e quando chegando perto, notou que se tratava de um cantor popular cantando na rua, muito comum naquelas terras. E a voz atraiu o grupo de homens que Francisco guiava. O cantor não somente fazia vibrar a sua voz de saudades, com muita harmonia como também dançava em ritmo de encantar e distrair. Apurando os seus ouvidos, Francisco achou conveniente aproximar-se, pois conhecia aquela voz. Quando chegou bem perto, no meio da

multidão, teve uma alegria como aquela que sentiu quando o Papa Inocêncio III aprovara suas ideias: era Shaolin! Suspendendo o braço, gritou com emoção:

- Shaolin!... Shaolin!...

Este, ao ouvir o chamado - até então ninguém ali sabia seu nome - também reconheceu a voz de Francisco, e os dois se abraçaram emocionados, como duas forças do Bem eternizando-se no Amor. O povo, na expectativa, pensando que os dois tinham combinado isso para uma apresentação melhor, esperava em silêncio. Shaolin, para não desapontar os que assistiam ao espetáculo livre, abraçado lado a lado com Francisco, começou uma canção do seu agrado e os dois cantaram como pássaros que vieram do paraíso.

Ao fim do canto dos dois pássaros de Deus, todos os frades já se encontravam no círculo fechado pelo povo, dançando e cantando. Ao término da apresentação, Francisco tomou a palavra e falou serenamente:

- Filhos do meu coração! A vida é sobremaneira de alegria, e a alegria é coisa divina, que nós todos amamos na profundidade que ela merece e do modo pelo qual o Senhor nos premiou. Compete a nós outros dar vazão a essa alegria, na força d'Aquele que nos guia sempre - Nosso Senhor Jesus Cristo.

É de caráter divino a confraternização das criaturas em todos os reinos e posições humanas, pois é daí que nascem a amizade e o contentamento de viver.

Neste arrojo que o canto nos proporcionou, o tempo toma-se para todos nós uma bênção, e para nossos semelhantes, uma necessidade que gera o Amor.

E de lógica comum que todos os seres humanos sintam necessidade de alegria, essa alegria somente pode partir da conjunção de almas, em procura de algo que não seja o ódio, a inveja, a discórdia, a injúria, o medo, o ciúme, o orgulho e o egoísmo.

E somente um ser na face da Terra nos deu a receita divina, pelo seu divino verbo, confirmada pela vida que levou junto aos homens. Ele nos ensinou a viver felizes dentro de nós mesmos. Cada um de nós carrega um céu dentro d'alma. O que precisamos para encontrá-lo é buscar o modo pelo qual Ele nos ensinou. O resto virá por acréscimo de misericórdia do Senhor; tudo muda exteriormente, quando o intimo começa a mudar...

Quem buscar a felicidade fora de si nunca a encontrará, pois ela mora no coração. E todos que nos ouvem estão convidados, pela força deste mesmo Amor, a receber a chave e com ela destrancar a porta secreta da consciência, recebendo, através dela, Jesus Cristo, pelas vias dos sentimentos.

Estes homens que estais vendo e sentindo o modo de suas vidas, são vossos companheiros de todos os momentos, na sequência de todos os dias, não vivendo nem

falando em problemas, em fatos inferiores que nunca deixarão de existir, enquanto na Terra predominar o mal. São irmãos decididos, que aparentemente poderão não causar impressões de bem-estar, mas por dentro, no imo d'alma, eles já encontraram o Caminho, a Verdade e a Vida, porque encontraram Jesus de Nazaré!
Encontraram Deus e o Céu dentro de si mesmos. A salvação não vem fora das criaturas!. Vejamos quando o Mestre ofereceu a Pedro as chaves do reino dos céus, assim falando:

Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: o que ligares na Terra, terá sido ligado nos Céus, e o que desligares na Terra, terá sido desligado nos Céus
(Mateus, 16:19)

As chaves que Ele passou para Pedro e para os outros discípulos foram os conhecimentos das leis de Deus, e a forma de vivê-los. É pois o que estamos tentando compreender e viver, e, ligar ou desligar é certamente o meio de vida que levamos na
Terra. Tudo o que nos propusermos viver aqui, será justo encontrarmos nos Céus.
E mais adiante, Lucas não esqueceu de anotar o que vamos repetir no capítulo dezessete, versículo vinte:

Interrogado pelos fariseus, sobre quando viria o reino de Deus, Jesus respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência.

Eis aí a confirmação do que estamos tentando falar, por não tratar o reino de Deus das coisas exteriores. Sendo ele harmonia interna, não vem com visíveis aparências; é conquista de alma pelo esforço e bênçãos de Deus. E, com mais segurança, podemos observar no mesmo apóstolo, no mesmo capítulo dezessete,
versículo vinte e um, esta citação maravilhosa:

Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: lá está! porque o reino de Deus está dentro de vós.

Precisa mais explicação, depois desta afirmação do Divino Senhor? reino da felicidade deve ser descoberto dentro de cada criatura, e é isso que estam querendo mostrar aos homens de boa vontade: o caminho interno onde encontram
Deus, que está bem perto de nós, na cidade do coração.
Vejamos, meus irmãos, que São Paulo não se esqueceu também mencionar o que seria o reino de Deus, assim falando aos romanos, como ag estamos dizendo, aos também romanos:

Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz. e alegria no

Espírito Santo. (14:17)

É fácil compreendermos que a felicidade real não é comida nem bebida, mas a realidade de consciência; é dever cumprido diante de Deus, é descobrir os tesouros dentro de nós, e usarmos esses talentos em favor do bem-estar das criaturas de Deus. Nós estamos partindo e vamos fazê-lo sem as bagagens habituais de um te ou de um comerciante, que ama o ouro mais do que a si mesmo. Nós não temos onde reclinar as cabeças, como disse o Mestre de todos os mestres. A única bagagem que devemos levar é a Fé, a Confiança e o Amor. É a volumosa bagagem de virtudes ensinadas na Boa Nova do Cristo de Deus... Que a paz de Deus seja a nossa paz. que a paz de Cristo seja a nossa paz, que a paz de nossa Mãe Santíssima, seja a nossa paz...

Shaolin abraçou Francisco dizendo:

- Não podemos separar-nos um do outro; estamos ligados por uma força que somente Deus sabe o que é e o que pode ser. De hoje em diante somos um, em Cristo.

Francisco ouviu aquelas palavras com alegria, porque amava também aquele companheiro, e sabia das suas grandes qualidades. Apresentou-o a todos os seus filhos espirituais e tomaram o ramo de Assis.
Daquela multidão que estava assistindo ao canto de Shaolin e à pregação de Francisco, dezenas de pessoas os acompanharam com sede e fome de Justiça e de Amor. E nessa leva de homens se encontravam muitas crianças, a quem Francisco e Shaolin fizeram voltar, advertindo-as de que deveriam esperar no tempo, e que a idade pudesse ordenar no espaço, para tomarem decisões sozinhas. Abraçaram a todos e agradeceram, pedindo que voltassem para seus lares.

* * *

A viagem transcorreu sem qualquer incidente, a não ser um fato, que transcende os fenômenos de ocorrência popular:
Francisco, certa noite, andando pela Via Aureia, pensando no seu destino, na atrocidade dos homens, nos caminhos que os próprios homens escolheram, nos meios e aliviar a humanidade do peso enorme da cruz que cada um carrega, olhou para o céu, embebido na luz das estrelas, e pediu a Deus que o ajudasse a ajudar, nas linhas e suas forças, sob o controle da Divina Inteligência.
Sabia de sua missão junto aos homens, no entanto, sentia-se um verme diante da grandeza da Terra e da quantidade de povos. As experiências que tivera, mesmo com pouca idade, bastavam-lhe para compreender as dificuldades de modificar para o bem,

uma criatura arraigada no mal. E ali mesmo percebeu, pela acústica da alma, a voz que tanto obedecia:

- Francisco!... Não penses que poderás ser o rei do mundo, e o re por todos os consertos da Terra. És um soldado dentre muitos que ja estão caminhando por misericordia de Deus. O Senhor não envia Seus milicianos para a frente de lutas, para que eles fiquem preocupados com o que possa acontecer; dá a cada um, um dever a ser cumprido. O resto é por conta d'Aquele que tudo sabe e tudo dirige.

Se ajudares uma formiga que seja, a acertar o caminho do formigueiro, estando perdida, já estarás fazendo alguma coisa no âmbito dos teus deveres, e, uma gota que seja de amor que doares, faz parte do grande suprimento da vida, na vida Deus. Não queiras fazer tudo sozinho, pois esse impulso é oriundo do egoísmo! O jato de luz solar se divide para melhor servir à Terra e aos homens, aos animais eàs coisas.

Não percas tempo, no tempo que te favorece o aprendizado, e faz melhor onde estiveres, que encontrarás Deus nas mínimas atitudes, desde que nelas palpite o amor...

Francisco, meditando sobre a verdade que ouvira, respirou aquele ambiente de natureza farta de vida, sentindo vontade de voltar ao seu rebanho de almas amigas

Ao passar perto de um casebre, ouviu um choro sumido, talvez de uma criança. Aproximou-se, levado pelo sentimento de piedade, e encontrou, verdadeiramente, uma menina que aparentava ter sete anos, caída em palhas, roupa toda rasgada, oferecendo um quadro aterrador. A menina fora estuprada por vagabundos, que enchiam as mas ao anoitecer, e que depois a largaram sozinha sobre as palhas que restavam de um debulho de milho. A menina, irreconhecível, apresentando forte hemorragia, gritava assustada:

Papai... Papai!... Mamãe!... Eu estou aqui, eu quero vocês!

Francisco empurrou a porta. Sentiu o coração saltar ao ver o crime de que
a criança fora vítima e disse, resignado com a natureza:

- Por Deus!... Venha cá, minha filha!... Onde moras?...

Ela balbuciou baixinho o endereço, e o filho de dona Maria ombreou a garotinha e saiu pela rua apressado, chegando ao local indicado,
uma mansão como a de seus pais. Um criado, vendo o quadro e reconhecen criança, correu como um relâmpago, gritando os seus senhores, dizendo que tinha chegado. Francisco, com a delicada carga ainda nos ombros, pediu a Deus p aquela família, para aliviar a dor daquele lar.

Quando os pais chegaram, os rostos demonstrando sofrimento, avançado para Francisco, tomando-lhe o fardo dos seus corações e este. entregando-o, para narrar como e onde encontrou a criança.

Agradecendo ao frade de Deus. convidaram-no para entrar, lavar-se e trocar de roupas, o que Francisco aceitou com humildade. O pai da menina falava-lhe revoltado:

- Meu Senhor!... Pegaram minha filha esta tarde, brincando próximo a nossa porta: a criada vigiava, mas também essa foi presa e amarrada. E eles levaram minha filha! Vou investigar e quando encontrar os responsáveis, vou fazer ovaram chcacom estas mãos.

E mostrou para Francisco as mãos que já tinham matado muitos, pois dedicaava-se à pirataria nas rotas marítimas, vivendo do saque, sendo o chefe de um bando de corvos humanos.

Francisco, já desfrutando da intimidade da família, pela confiança que a mesma já lhe dispensava, achou por bem falar-lhes alguma coisa acerca da vida, dos destinos humanos e de Deus, sem se esquecer certamente de Jesus Cristo, e assim distribuiu sua fala, com sinceridade:

- Respeitável família! Pelo que notamos, a dor em vossos corações é de extrema profundidade, e não poderia ser de outra forma, em se tratando de um infortúnio como esse. Uma calamidade aconteceu com esta criança, no entanto, temos de convir, a bem da nossa consciência, que o fato já aconteceu; resta tomar as providências cabíveis para o urgente tratamento dessa filha dos vossos corações, cercá-la dos cuidados inerentes às suas necessidades e dar-lhe uma vida condizente a uma alma nobre, para que essa futura mulher seja um exemplo de virtudes para outras que andam no mesmo caminho.

Para tal, o exemplo de sinceridade, de caridade, de respeito e de trabalho valerá muito para o seu soerguimento frente à vida, que a chama para o crescimento. Os pais refletem nos filhos o que são, e os filhos esperam dos pais o melhor. E bom que planteis no seu coração a certeza da existência de Deus, mostrando-lhe, com todo o empenho que, em todos os fatos da natureza, existe uma Suprema Inteligência, de bondade e de amor, que de ninguém Se esquece.

E é muito bom também que ela fique conhecendo Jesus Cristo, e saiba como Ele opera em nosso favor, através dos nossos semelhantes. Cada criatura em um destino e devido a certas circunstâncias, cada pessoa haverá de passar por crtos testemunhos, aprendizados esses que podem nos levar ao desespero, se não soubermos confiar em Deus.

Um fato como esse que aconteceu em vossa casa, que sentimos imensamente e que estamos sofrendo convosco, por ver essa criança passar por esse drama , é mais um dos milhares que acontecem por todo mundo, infelizmente. E o nosso Pai Celestial, por vezes, os deixa, para despertar em nossos corações alguma coisa , em defesa de nós mesmos. de Ele nos convida a ampliar os nossos talentos de vida, para que a morte desapareça. Se Ele é todo Justiça, é todo Bondade e todo Amor, não iria deixar acontecer tais fatos, sem

que eles tivessem algo de educativo para nós outros, e certamente para mim, que primeiro deparei com esse infortúnio.

Vamos esquecer o passado e dar início a um futuro glorioso para essa cri em nome de Jesus Cristo. Se buscardes vos vingar desses infelizes, inconscientes da verdade, que praticaram essa barbaridade, trareis novamente o problema para dentro de vossa própria casa, e jamais vos esquecereis do que aconteceu, e se for acrescido pelo revide que pedem as vossas mãos. Se Jesus aconselhou o perdão das faltas cometidas contrai nós, é porque esse perdão traz algum benefício e 3° fornece a tranquilidade da c onsciência.

Não estou aqui para colocar regras em vossos caminhos, nem of conselhos para que vivais neles; estou aqui pela força dos sentimentos que f fizeram atender a essa criança e ajudá-la a viver novamente, e, para tanto, daria minha vida se fosse pedida. Espero que não leveis a mal as minhas palavras, e se elas chegaram em momento desnecessário, que me desculpeis. Somente quero, e rogo a Deus, as bênçãos de entendimento para vós e para este lar, sem me esquecer de Jesus e Maria com as Suas bênçãos de paz e de consolo.

Túlio, pai da criança violentada, que nunca conhecera a emoção causada pelas lágrimas, limpou os olhos agradecido, e Galba, sua mulher, quis ajoelhar-se aos pés de Francisco e beijá-los. Ele não aceitou, repetindo a conversa dos apóstolos na porta do templo:

- Levanta, minha filha, que também sou homem. Conheço os teus sentimentos, e peço a Deus pela tua paz.

Galba já tinha ouvido falar de Francisco de Assis, e desejara muito conhecê-lo; queria, do fundo do coração, que seu marido também o conhecesse, para ver se ele mudava de vida, pois não estava satisfeita com o comércio ilícito de Túlio. E Deus atendeu o pedido de Galba. Francisco despediu-se, indo embora tarde da noite. No outro dia, falou c om o papa acerca de suas ideias, encontrou Shaolin, e despediu-se de Roma, partindo para Assis.

A mulher de Túlio chamou o marido a um quarto, fechou a porta, pegou as suas mãos e falou com todc»s os seus sentimentos de caridade e de amor:

- Túlio, sabes quem é aquele homem que nos restituiu a nossa filha? Ele respondeu-

- Sei, mulher, é um tal de Francisco, que vive piedosamente, e, às vezes pedindo esmolas pelas ruas.

- Pois bem, disse Galba, esse homem é um santo, é um homem de Deus nunca faz mal a alguém, que renunciou a tudo e ama todas as criaturas. Já organizou.

Ordem, onde se fazem homens do mesmo naipe, que vivem pelo bem da human Eu queria que o ouvisse mais, acerca da Tua vida.

Túlio enervou-se com a fala da companheira e disse irritado:

- Queres me acusar, mulher? Estou fazendo justiça, porque esses a quem camos são ladrões do dinheiro alheio. Tenho a consciência e paz. Ainda mais:

[a] res que eu renuncie a essa vida e vá pedir esmolas? Não sou desA linha! Posso e faço Muitos benefícios, ajudando esses homens que trabalham comigo, e tu és prova disso. Mão quero que toques mais neste assunto...

A mulher ficou espantada com a dureza de coração marido, mas não desistiu, saindo por outra via de conversa:

- Então, Túlio, posso pedir-te uma coisa?

- Pode, disse ele, nunca te neguei algo. Pede, vamos, ftede!... Galba falou mansamente:

- Eu ficaria muito contente, se levasses um pouco do oHro que trouxeste na semana passada das tuas aventuras, para esse homem que salvou a nossa filha. A comunidade deles vive em intensa pobreza, e isso seria uma boa ^compensa. Poderia servir muito para eles em alguma coisa, porque tu mesmo dizes qv>^ nada se pode fazer sem o maldito ouro, não é?

Ele riu, e falou dando-lhe um abraço:

- Gosto de ti, porque és inteligente. Isso eu faço, aliás r^ides fazê-lo. Manda para ele o ouro que quiseres. Não quero participar desta caridade, r^m tolero muito esse nome, mas, se queres, faze-a. Agora, dá-me um beijo aqui...

E saiu satisfeito em busca do seu acampamento, ou para ^ sua casa flutuante... Galba, cheia de alegria, pegou um saquinho e encheu-o de pequAias pepitas de ouro, cujo brilho fascinaria qualquer usurário. Fechou-o com um cordoo, embmlhou-o em outros panos, abraçou o tesouro com carinho, e saiu cantando para o quarto onde [es]tava sua filha, para vê-la.

A menina, já descansada, olhou para a mãe e em se^hs lábios rasgou-se, evemente, um sorriso inocente, dizendo:

- Mamãe, quem é aquele homem que me trouxe para iP&sa? Ele não é igual outros, é igual a você. Ele me contou uma história muito bonit#> Disse-me como é o

[Ce]u, você me leva lá?

- Filhinha!... disse a mãe, aquele homem chama-se Francisco e é um santo vida. Foi ele quem te salvou, minha filha!...

A menina, na sua simplicidade, arrematou com inocência:

- Por que tu e o papai não o trazem para morar conosco, para ele contar mais histórias e ficar comigo?

A mãe, emocionada, abraçou a filha com carinho, beijando-a várias vezes, e disse
- Ele foi embora, minha filha, mas vou mandar umas coisas para ele. Não achas bom?

Replicou a menina:

- Acho, e podes mandar para ele aquela boneca que me deste no dia i meu aniversário; ele vai ficar satisfeito, não vai?

A mãe não resistiu às lágrimas e chorou ali mesmo o quanto pôde, saindo do quarto da criança. Abriu um armário secreto, apanhou umas pedras preciosas de Túlio, pôs junto às pepitas de ouro e falou mentalmente:

"Meu Deus, consenti que isso sirva para ajudar o nosso santo em alguma coisa. Se for da Vossa vontade, que ele fique com isso; se não, ficarei convosco no que decidires."

Chamou um servo da sua confiança, instruindo-o sobre como deveria agir e este partiu às pressas em busca de Francisco de Assis, pois já ouvira falar muito sobre os seus ideais e intencionava muito conhecê-lo.
Túlio, junto aos seus sequazes, impaciente e ansioso por viajar em busca de novas aventuras, gritou com todos, conversou aqui e ali com seus comparsas, e, lembrando-se do ouro que deixara sua mulher autorizada a presentear a Francisco, chamou um grupo de companheiros de assalto e deu a seguinte ordem:

- Quero que me ajudem a salvar um punhado de ouro que, para não contratar a mulher, dei-lhe a liberdade de doar a um tal de Francisco de Assis, e, pelo que me parece, ela já mandou um servidor levar. Seguem no caminho de Roma para Assis e andam a pé. Temos possantes animais e será fácil alcançá-los. Deve ser um bando, mas, lhes garanto, são todos inofensivos; um de nós somente conseguirá tomar o que chego" às mãos da comunidade.

Todos riram, pois isso era um esporte para eles. E acrescentou Túlio:

- Vamos logo, enquanto outros não apareçam com as mesmas ideias. Tomaram rumo às cocheiras próximas, selaram os cavalos e saíram em disparada.

Ficou combinado que Túlio iria na frente como pedinte para sondar o ambiente 'fitaria ao grupo, que se esconderia bem perto, após o que os assaltariam com os devidos cuidados.
O escravo alcançou Francisco e seus companheiros, chamou-o ao lado e disse:

- Meu senhor, a minha patroa, dona Galba, enviou-me para trazer-te esta encomenda; manda agradecer-te mil vezes em nome dos deuses, e manda dizer que ficará contente se receberes esta dádiva, que passo às tuas mãos, para o bem de tua Ordem, e em favor daqueles que bem achares melhor. Desculpa-me, pois já me vou indo, e quero as mas bênçãos...

Francisco, muito mais alegre com o escravo que com a dádiva, pôs as mãos na cabeça do servidor humilde de Galba, e disse:

- Vai com Deus, meu filho, que Jesus Cristo te abençoe sempre, e que Maria Santíssima vigie teus passos...

O servidor beijou suas mãos e saiu contente a passos largos.
Francisco, achando a dádiva muito pesada, forçou o cordão que ffanjeava a boca da pequena bolsa e, ao ver o ouro e as pedras preciosas, ficou inquieto com o valioso óbolo, mas, pondo-o de lado, redobrou a conversação com seus companheiros, acerca do modo de viver serenamente. Daí a pouco chegaram três pedintes, em situação calamitosa, que imploraram:

- Meus senhores, estamos andando há muito. Nas vias de acesso há aglomerados de gente para que possamos trabalhar com maior proveito, mas a fome nos trucida, e também a sede. As roupas ainda servem para alguns dias.

Francisco sentiu naquela voz algo familiar, uma presença grandiosa junto aqueles homens. Mas não tinha nada para dar; a comida estava esgotada naquele Momento**,** a água tinha de ser procurada, e as roupas estavam escassas, mas lembrou-se dádiva com muita força no coração. E disse com entusiasmo:

- Senhor, nada temos do que pedes e estamos igualmente de viagem para Assis. No entanto, o que temos, isso lhes damos, é o que ganhamos neste instante.

E passou para o andrajoso a rica bolsa de ouro e pedras preciosas, arrematando com bondade:

- Isso poderá servir para que possas ficar tranquilo algum tempo, até achares trabalho conveniente e, se porventura apareceres em Assis, a nossa cidade natal, procura- nos que estaremos às ordens. Onde estivermos morando será também tua casa. Todos somos filhos de Deus, e Ele na Sua bondade, nunca se esquece de Suas ovelhas. Ainda mais, mesmo que não percebamos, o Cristo não Se aparta dos nossos corações.

O mendigo recebeu o tesouro silenciosamente, com um leve sorriso lábios, e Francisco notou as chagas em Suas mãos ainda gotejando sangue. Olhou para seus pés e viu a mesma coisa. Desviou a visão para a sua cabeça, e viu os sinais dos espinhos. Quis ajoelhar-se diante d'Aquele que era o Caminho, a Verdade e a Vida, não pôde. Alguma força o impediu de fazê-lo. Despediram-se e foram embora direção à Roma.

Francisco, ainda emocionado, no meio dos seus colegas de viagem, iria relatar ocorrido, quando escutou a mesma voz que ouvira antes, a lhe dizer:

- A ninguém fales que fui eu quem aqui estive; eles precisam despertar em seus corações a Fé, na conquista de cada dia.

Francisco desculpou-se com os irmãos, dizendo que estava procurando lembrar-se de um hino, e todos começaram a cantar. Daí a poucos instantes chegou outro pedinte, que era Túlio disfarçado. Alguém veio atendê-lo, e disse que nada tinham, pois estavam de partida para Assis, mas o pedinte insistiu:

- Eu estou com fome!... e adiantou, quem é o chefe aqui?

O companheiro de Francisco notou que as palavras eram nascidas de um instinto grosseiro, como também notória era a arrogância do pedinte. Francisco foi chegando, e o mendigo, reconhecendo o benfeitor que salvara a sua filha, pediu com mais mansidão:

- Meu senhor, eu estou com fome, não aguento mais andar. Quero comida e tenho sede.

Francisco pegou em seu braço, notando-lhe a musculatura de atleta, e falou com compaixão:

- Venha ter conosco, irmão, que o que surgir de alimento de ora em diante comerás com todos. Se Jesus multiplicou os pães e os peixes para mais de cinco pessoas, não nos deixaria passar fome, sendo tão poucos.
Francisco, bem humorado, continuou a falar mansamente:
- O que tinha aqui, meu senhor, eram umas pepitas de ouro e umas pedras preciosas, que uma senhora generosa nos ofertou, mandando de Roma, para a nossa comunidade

Quando Francisco falou nas pepitas e nas pedras preciosas, aguçou- se no falso mendigo a usura. Era o que ele queria saber. E o filho de Pedro Bernardone continuou dizendo tranquilamente:

- Passaram por aqui, antes do senhor, três outros também necessitados e a eles tudo, por notarmos sua grande carência, o que permitiu nos livrar do peso da responsabilidade representada pelo ouro. Confiamos em Deus que esse tesouro enviado nós irá voltar para aquela bondosa senhora, pelas mãos de Jesus, enriquecido de bênçãos.

O falso mendigo despediu-se sem querer ouvir mais nada, e saiu de "ventas abertas", furioso. Quando ouviu mencionar pedras preciosas, pensou consigo mesmo:

"Será que Galba juntamente com o ouro, enviou para esse bando de fanáticos as minhas pedras, que custaram tanto esforço?"

Encontrando o grupo, tirou o disfarce e deu o grito de guerra:

- Vamos rápido, senão perderemos tudo. E os cavalos avançaram pelo caminho.

Como hábeis montadores, cortavam estradas por todos os lados, trilhos e variantes, já suas conhecidas... E, nada de ninguém!... Túlio pôs os cavaleiros para trás com ordem de vasculhar todos os guardados dos franciscanos, roupas e bolsos, pois poderiam estar mentindo, e rompeu caminho para a sua casa, já com ideias maléficas sobre a sua mulher, pensando:

"Ela vai me pagar, ela nunca recebeu um presente como o de agora, e para tanto, tenho boa disposição. Sei fazer justiça com as minhas mãos, pois o meu trabalho é este na sociedade."

Foi chegando e gritando:
- Galba!... Galba!... Tenho um presente para você! E rangia os dentes como um suíno acuado por cães.

Chamou-a ao quarto, e foi rasgando a sua roupa, e quando buscou a mesa para agarrar um chicote e com ele despejar a sua ignorância na pobre senhora, avistou a bolsa em cima da mesa. Largou o açoite e, com as duas mãos, agarrou o saquinho de ouro e pedras preciosas, ansioso. Abriu, com a rapidez que um assaltante sempre tem, e estava todo o seu ouro e as suas pedras de valor. E então começou a dar murros na mesa, até quebrá-la, dizendo:

-Não! Não! Não... Onde estou? Que aconteceu? E a mulher, humilde, acrescentou em lágrimas:

- Eu mandei tudo isso para aquele santo como também as pedras tinhas aqui, que foram roubadas. Elas não são tuas; eu mandei. Túlio, para aliviar tua consciência, do peso que deves carregar no coração, de ceifar tantas vidas por causa de tantas coisas mortas. Faze de mim o que quiseres, o que mandar a tua violência, mas eu morrerei alegre, se morrer por aquele homem que salvou a nossa filha. Mandei tudo isso que vês aí, e quem levou entregou nas mãos dele. Agora deves pensar sobre isso, que Deus, na Sua grandeza, não precisa destas pepita pedras preciosas, adquiridas pelo preço da miséria dos outros, e muitas vezes pelo cheiro do sangue dos teus semelhantes.

Daí a pouco os seus comparsas chegaram temerosos diante do patrão que ouviu abatido o que acontecera:

- Quando lá chegamos, senhor, encontramos os malandros cantando Vasculhamos tudo, sem que eles reagissem, e quando nada encontramos, demos a eles o que precisavam: uma sova em cada um, menos no tal de Francisco, que não estava naquela hora. Disseram que tinha ido buscar água. Vasculhamos todos os bebedouros e não o vimos, parece que aquele homem tem parte com o Satanás, não o encontramos. Se quiseres, voltaremos lá mais tarde!...

Túlio disse vencido:

- Não! Não precisa mais. Aqui está o ouro e as pedras! Elas estavam aqui

em casa.

E caiu em um canapé, já quase dormindo...

18
A Comunidade Franciscana

A caravana chegou a Assis em festa e dali partiu para Rivotorto, onde os irmãos esperavam ansiosos, por notícias sobre os destinos da comunidade.

Foi grande a alegria do encontro. Os discípulos de Francisco já haviam, em sua ausência, programado trabalhos de pregação evangélica e conversações nos lares que quisessem recebê-los. Já haviam aumentado as ovelhas de Francisco, sendo que o trabalho era a primeira preocupação de todos.

Shaolin. que também irradiava alegria, sentia que, para ele, a vida melhor era aquela, faltando planejar junto aos outros regras internas da comunidade, de maneira mais ampla e convincente.

A casa era pequena para tantos frades, mas como o amor a tudo ajuda e tudo resolve, eles se acomodaram nos ranchos como se estivessem em luxuosas residências. Dona Maria Picallini, Jarla e Foli, quando souberam da chegada de Francisco, foram vê-lo, e o encontro foi de muitas emoções. Choraram e sorriram quando ficaram ao par de todos os acontecimentos.

Sua mãe fê-lo deitar a cabeça em seu colo, como nos tempos passados, e contar a ela as histórias, que naquele momento eram reais e fascinantes. Todos ouviram a voz meiga e vibrante do Frade de Assis, narrando, detalhe por detalhe, muitas coisas que advertiam e instruíam a todos.

Foli, que mudara muito, estava encantadora. Sua meiguice impressionava ades e sua voz parecia um canto que se eternizava no espaço e no tempo. E ela alou a Francisco, chamando-o de pai pela primeira vez:

- Pai Francisco, sofremos com a tua ausência; parece-nos que faz anos nos separamos de ti e não queremos que isso aconteça mais. Por Deus, fica conosco para sempre, que seremos

felizes. Se porventura Deus te convidar para tarefas fora de Assis, pede a Ele que me chame também. Poderei prestar serviço, mesmo o mais humilde. Ser-me-á valiosa dádiva acompanhá-lo para onde quer que seja.

A mãe de Francisco, passando as mãos em seus cabelos, vibrand contentamento por tê-lo no colo, disse em seguida:

- As palavras de Foli são as minhas; desejo, como nunca, ficar junto ao meu filh Jarla, com os olhos em lágrimas, fez saber que as suas ideias eram °
mesmas que as delas.

Francisco, mesmo deitado, com intenso amor por aquelas mulheres redarguiu com sabedoria:

- Conheço muito os vossos corações, e certamente os vossos sentimentos E eles muito me ajudaram a viver, concedendo-me coragem e dando-me esperança nas minhas lutas; contudo, devo dizer a todas que nossa vontade é fraca diante da vontade de Deus. Ele, o Soberano Senhor, sabe o que faz e nunca erra nas Suas diretrizes.

E bom que compreendais que o meu maior prazer é tê-las junto de mim, admirando-as e trabalhando lado a lado, pelo muito que nos amamos.
Se Nosso Senhor Jesus Cristo achar conveniente que andemos juntos, já é o começo do céu em meu caminho; mas, se Ele decidir a nossa separação pelo bem da coletividade, devemos transformar a saudade em amor ao próximo e as lágrimas em trabalho em favor dos que sofrem, pois quem verdadeiramente ama, não exige, não magoa, não se entristece, não se sente infeliz com os desígnios de Deus e emprega o seu tempo em tudo o que considera digno diante da vida.
Podemos nos lembrar de Paulo, quando falava aos Gálatas no capítulo seis, versículo três, a que o nosso Shaolin se referia, assim se expressando:

Porque se alguém julga ser alguma cousa, não sendo nada, a si mesmo se engana.

Se estamos acompanhando alguém por amor, este deve ser verdadeiro, e, se o for, não pode fugir das regras traçadas pelo Evangelho. A todos vós que me o neste momento, afirmo que estou aqui para vos servir, e no momento em que ta minha vigilância acerca da boa conduta, que me chamais a atenção. Desejo que

com severidade, para que eu acorde para o bem que devo fazer. Sou escravo da disciplina e devo sê-lo da educação. Perante Jesus Cristo, eu desapareço, em se ta de alguém que serve e ama, porque ainda nada sou.
Estivemos no Vaticano por bênção de Deus, não em busca das bênçãos de sua Santidade Inocêncio III, porém, pedindo a aprovação das regras que desejamos pregar e viver, para que o povo nos ouça, dada à cegueira da massa humana. Respeitamos imensamente a Igreja Católica Apostólica Romana; não obstante, estamos buscando os caminhos que nos ensinou o Evangelho nos primeiros albores da cristandade.
As nossas regras são simples, mas difíceis de serem aceitas, pelo modo de levam os povos. Os vícios e hábitos criados pelos homens enlouqueceram os próprios homens. Estamos afastados, há muito tempo, da reta conduta, do reto pensamento e do reto dever; da reta palavra, da reta ação e da reta harmonia, aquela r nos faz conhecer a harmonia espiritual.
Sei, e novamente vos falo, que não viemos ao mundo para pisar em sedas -m desfrutar as delícias idealizadas pelos homens. Viemos, sim, em um regime que leva a muita disciplina, ao rigor do sol e da chuva, a ter como teto a natureza, ter como vestes simples tecidos, como alimento parcas porções, respeitando os primentos que a vida pede para não desperdiçar. Falo, e repito muitas vezes, se preciso for, que não viemos combater ideologia alguma, não viemos combater nem criticar qualquer facção religiosa; viemos, sim, procurar todos os meios possíveis de fazer voltar ao seio da sociedade humana o Evangelho como ele nasceu, os exemplos do Cristo e dos primeiros cristãos, porque esses exemplos estão sendo esquecidos pelos chefes religiosos, que em suas mãos prendem o maior tesouro espiritual da Terra: A Boa Nove de Jesus Cristo.

Francisco olhou para todos os companheiros, que, em silêncio, esperavam ais da sua fala. O agrado era geral entre todos. Sua mãe estava deslumbrada com seus conhecimentos e sua segurança ao falar. Jarla ouvia satisfeita, porque conhecia os talentos do seu filho do coração, e Foli deixava à vista a sua admiração.
Todos, sentados no chão, ouviam Francisco de Assis dissertar sobre assuntos sobremaneira profundos, nunca antes ventilados, mesmo nas igrejas, pelos padres e bispos, como também cardeais. Era uma verdadeira função mediúnica no século treze.
Francisco, embebido na inspiração divina, pelo divino dom de transmitir, Parou os olhos em Shaolin, que passamos a chamar de Frei Luiz, e disse com respeito e alegria:

- Frei Luiz, poderia o irmão em Cristo repetir a fala do grande Apóstolo de Jesus, Paulo de Tarso, aos Coríntios, sobre o Amor? Desde já agradecemos a tua Oração, para que possamos firmar nossos sentimentos neste dom, que, para s °outros, significa vida na Vida Universal!.

Frei Luiz, sorrindo para todos, começou o canto nestes termos de luz:

- Paulo, na primeira epístola aos Coríntios, no capítulo treze, versículos de um a treze, assim nos conclama, inspirado na Verdade:

E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente que eu fale a língua dos homens e dos Anjos, se não tiver Amor, serei com bronze que soa, ou como o cimbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver Amor, nada serei E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se nao tiver Amor, nada me aproveitará. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não arde em ciúmes, não se ufana não ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a Verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O Amor jamais acaba, mesmo havendo profecias, que serão aniquiladas; mesmo havendo línguas que cessarão, havendo ciência que passará; porque em parte conhecemos e em parte profetizamos. Quando porém vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.
Quando eu era menino falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque agora nos vemos como em espelho, obscuramente; depois então nos veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanece a Fé, a Esperança ***e*** *o Amor. Destes três, porém, o maior é o Amor.*

Frei Luiz nada quis acrescentar de seu, no canto Evangélico. Muitos de seus companheiros choravam baixinho e as mulheres ainda mais. Francisco rejubilava-se de alegria, pelo companheiro que não perdera a sua lúcida memória, a capacidade de guardar nos arquivos da mente, os tesouros da vida. Quebrando o silêncio, Francisco falou com entusiasmo:

- Meus irmãos!... Na palavra de Paulo Apóstolo está todo o nosso empenho de fazer do Amor, o nosso Caminho, a nossa Verdade e a nossa Vida. Quem fugir destas diretrizes, fugirá de nós, senão de Deus e de Cristo.
O Amor é verdadeiramente o supremo dom e quem o desconhecer, nunca encontrará Jesus. Esperamos que todos reconheçam o Amor de que falamos que saibam compreender as suas mais sutis divisões, para que possamos viver plenitude da sua paz.

E já que estamos envolvidos nesta atmosfera de Amor. Devemos dizer com toda a sinceridade do nosso coração, que quem ama na posição que Cristo amou e nos ensinou a todos, pelo exemplo como devemos amar. não tem pai. não te mãe, não tem irmãos de sangue, não tem escravos, não tem senhores. Todos somos filhos do mesmo Pai que está nos Céus, e todos, sem exceção, somos irmãos em Cristo Jesus Nosso Senhor.

* * *

As notícias da Ordem dos Irmãos Menores e de suas regras de vida corriam mundo. Era de se notar o interesse de muita gente em conhecer a Comunidade, bem como Francisco de Assis. A cidade de Assis ficou famosa e as ressoas vinham de muitas partes do mundo: de toda a Itália, da França, da Alemanha, de Portugal e da Espanha; e não faltava quem viesse até do Oriente. A cada dia que se passava, avolumava-se o número de discípulos, integrando-se a ela grandes nomes, desde que obedecessem às regras estabelecidas.

O plano maior de Francisco e seus cooperadores era trazer o Evangelho de Jesus à vivência das criaturas; era desprendimento sem miséria, amor sem apego e perdão sem conivência; era fraternidade com respeito, caridade com discernimento e divisão dos bens nos lugares apropriados, e sempre trabalhar para viver do suor do rosto. Era liberdade com responsabilidade, alegria nas coisas santas e energia sem violência. Era compreender e escolher o Bem sem ostentação.

Para o clero estabelecido e edificado no mundo, o programa da comunidade era um absurdo; ninguém poderia viver daquela forma. No entanto, nem todo o clero era contra. Alguns cardeais, bispos e padres encontravam nos planos de Francisco de Assis a salvação para a Igreja Católica Apostólica Romana, enxertada em sua doutrina de preceitos altamente espirituais, de preceitos humanos e transitórios. Não nos compete julgamento algum no que tange à vida da religião que tanto respeitamos. Falamos apenas da parte que os homens deveriam fazer e que não fizeram; plasmaram as suas deficiências, redobrando assim o trabalho dos Espíritos superiores na vigilância do tesouro do Cristo, sendo preciso que muitos deles, de esferas altamente elevadas, renunciassem ao mundo em que estavam vivendo, para descer a Terra e se manifestar como homens, restabelecendo todas as coisas.
Os de visão curta, acharam, e acham improfícuas as vidas desse grandes 'cos e elevados santos, cujas luzes brilham cada vez mais. Ao passar tempos, elas estão mais atualizadas possam estarem estabilizadas na Verdade. Francisco de , que, há oitocentos anos, se revestiu no mundo com as formas de um corpo humano, nunca deixou de manifestar a

toda a humanidade, seus exemplos de fé, de devotamento, de renúncia, de amor, de caridade, de perdão e de paz. Agora, pela maturidade das próprias criaturas, está sendo a época em que mais se fala nele. Nada se perde - essa é uma verdade - tudo se transforma para o bem da coletividade.

Não temos a pretensão de mostrar a vida desse santo em todos os seus aspectos missionários; para tanto, teríamos de escrever centenas de livros. Este humilde apontamento é no sentido de que esse místico por excelência fique mais nos corações das criaturas pela força do seu exemplo, bem como trazer à luz fatos com ele ocorridos e desconhecidos dos homens.

Podemos dizer que Francisco de Assis foi o Cristo da Idade Média. Constatamos, muitas vezes, com reverência, a corte espiritual de Jesus descer planos resplandecentes para assistir esse homem de Deus. Fomos testemunha visual, em inúmeras oportunidades, das curas operadas por Francisco; no entant[3] sobre as suas mãos estavam as de Jesus. Na Terra, curas instantâneas somente ocorrem com a Sua presença, principalmente quando se trata de corpos totalmente danificados, como nos casos da lepra, cuja cura, na época, era quase o mesmo qu[e] fazer outro corpo. Essa ciência, se alguns lhe compreendem a teoria, na prática requer evolução distanciada dos homens e até mesmo dos santos.

Falamos desse homem com respeito, pelo seu profundo respeito a Jesus Cristo.

Falamos dele com carinho, pelo seu profundo carinho a Jesus de Nazaré.

Dele falamos com o Amor que atingimos, pelo seu profundo Amor ao Mestre. Quebrou todas as barreiras que separam as religiões e elevou-se acima das misérias humanas, atingindo o centro energético dos corações.

Sabes tu por que, caro irmão de jornada? Porque ele ama o teu filho, como tu o amas; ele ama teu pai, como tu o amas; ele ama teus parentes, como tu o fazes. Ela ama teus amigos, os doentes de todas as classes e os presos de todas as espécies. Ele ama os animais de todos os reinos e a ti, que estás lendo com todo o carinho, porque ele é Amor em forma de luz, beijando a Terra em que resides.

A religião de Francisco de Assis é o Amor, por ser ele um Cidadão Universal, na influência de Deus e nas mãos de Cristo.

Como em tudo é indispensável o preparo, o filho de Bemardone lembrou-se logo de conscientizar os companheiros da doutrina que haveriam de pregar, que a sua comunidade não poderia ficar somente num lugar, nem juntos os companheiros de lutas. Assim como nas guerras os soldados não devem ficar todos juntos, nas guerras de ideias e na revolução que abraçavam, era imprescindível a di visão dos discípulos, para que se processasse a divulgação mais rápida do Evangelho em espírito e ver entre os homens.

A presença de Jesus seria reinstalada na face da Terra, para a paz dos homens. E o clima da Idade Média era dos piores, porque estava organizado o Mal, infelizmente, por vias que não deveriam, e ainda mais, em nome de Deus e de Cristo.

Certa noite, Francisco, deitado numa folha de porta velha, depois de muita meditação e sentindo o sacrifício imposto pela falta de recursos, estende pensamento a Jesus, buscando com humildade soluções adequadas:

"Senhor!... Que queres que eu faça, diante do que já pretendo fazer em do Bem, do Amor e da Caridade? Sinto-me em um barco, que o vento leva sem que eu possa domá-lo. Estou de posse do consentimento do Clero Romano, para trabalhar em sua lavoura de inúmeras consciências. Posso garantir que essas portas estão abertas para nós, no entanto, sei que isso não é o essencial, pois amanhã ou depois poderão ser fechadas, se for conveniente para a política e interesse próprio. Sou conhecedor de que até agora jamais se olhou o interesse da coletividade, principalmente se for para se perder o bem-estar físico e a autoridade de mando.

Todavia, Senhor, compete a mim somente ouvir-Te, por ser Teu escravo em todas as dimensões que eu puder viver. Sou Teu e peço-Te para viver em mim. A casa está cheia de companheiros decididos, e eles esperam, como eu, uma ordem Tua, para que possamos pegar em armas, as que estão no paiol divino da tua Boa Nova do Reino. Ordena, e marcharemos sob o Teu comando."

Esperou instantes em completo êxtase, condição que lhe fora entregue como prêmio, e ouviu a grande voz que lhe falava sem o uso dos sons audíveis:

- Francisco!... Quero que faças a vontade d'Aquele que me enviou ao mundo para organizar o Bem. E a vontade do meu Pai que está nos céus é que O ames sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo. Eis aí as duas chaves que abrem todas as portas da vida, senão da felicidade. Sabes o que quero que faças, no desdobramento destes dois mandamentos de luz.

Já foram escritos na tua consciência os preceitos mais puros, para que vivas na dignidade de um homem que conhece a verdade, na filosofia de um discípulo consciente do seu caminho e de um filho de Deus que respeita a vida. Dentro destas verdades poderás encontrar inúmeras ramificações que a ma criatividade espiritual te fizer sentir.

Além disso, no afã de renovar tuas forças e a de teus companheiros, devo aclarar a ma mente, no tocante ao equilíbrio das emoções em todos os sentidos, organizando o Bem, sem que falte a prática nos labores de cada dia. Deves pensar e ar na Caridade, sem te esqueceres das obras, para que ela seja viva na lavoura de Jesus. Deves incentivar todas as conversações nas quais o Amor seja o êmulo dos assuntos, sem te esqueceres da universalidade dessas virtudes, para que ela nunca Perca o seu caráter de alimento do espírito.

Prepara, Francisco, os teus discípulos, como eu te ensinei, e jamais deves esquecer esta verdade: quem quiser ser o primeiro, que seja o último; quem quiser ser o maior, que se faça o menor de todos. Conheço a tua têmpera nos compromissos assumidos, mas é sempre bom afirmar que ninguém realiza algo sozinho, e, se o que manda não sabe obedecer, acaba ficando só nos caminhos que idealiza. Faze amigos, não pelo prazer de desfrutar da amizade, porém, pelo dever da criatura que ama mo. Sois muitos, mas sereis muito mais na unidade dos compromissos, e deveis dividir, não por vaidade, nem demandas, mas por inteligência, para que o Evan seja conhecido, com rapidez, em vários cantos do mundo.
Francisco, prepara todos com conceitos seguros, sem pressa, e n imponhas tuas convicções. Fala com amor e alegria; fala doando, que receberás vida do grande suprimento. Exclui das mas conversações tudo o que contradiz o A que vencerás sempre. Avante!...

Francisco de Assis suspirou profundamente, dormindo no mesmo instante ' i havia mais de duzentos companheiros e havia urgência de uma decisão, pois as mãos precisavam trabalhar. No dia seguinte, Francisco iniciou, com toda a comunidade o que hoje seria chamado de curso intensivo para o preparo de todos as frades Eles precisavam compreender o que deveriam fazer e falar em suas excursões, em todas as direções do mundo.
Vivenciar o Evangelho não é viver em comunidade comendo, bebendo e dormindo, em sossego que a mordomia incentiva. Evangelho é trabalho, é sacrifício dos prazeres sem importância, é desprendimento, é encarar a consciência face a face, sem medo de ouvir condenação, por ter cumprido o dever; ainda mais na Idade Média, e na missão que vieram cumprir, de quebrar o frasco de essências raras, onde se encontrava o mais puro conceito do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que o povo, cansado e oprimido, pudesse sentir o perfume da esperança com a segurança da Verdade.

A noite, todos estavam reunidos em um rancho à guisa de igreja, feito pelas próprias mãos dos frades menores, nas cercanias de Assis. Eles o construíram com uma rapidez de relâmpago, cantando e conversando sobre as ideias mais elevadas que a vida poderia ofertar à humanidade. Sentaram ao rés do chão, para sentirem o calor da terra e a inspiração do céu. Francisco, que estava fora com outros companheiros, em busca de alimento, quando viu o rancho pronto, naquela simplicidade que nao poderia ser de outra forma, chorou de alegria. Antes de entrar, desceu os joelhos ao solo, e disse com emoção:

- Obrigado, Senhor!... e levantando-se, acrescentou:

- Não mereço tanto.

Ali mesmo todos se alimentaram, sem que a fome exigisse mais. Depois de profundo silêncio, Francisco disse com entusiasmo:

- Meus filhos do coração, tenho o dever de anunciar-vos que o Senhor quer que nos reunamos em conversações edificantes, no sentido de aprendermos uns com os outros o que for mais útil para a pregação da Boa Nova do Reino de Deus.
E se for do agrado de todos, eu sugeriria que começássemos hoje, agora, como sendo a inauguração nossa primeira igreja em Assis, casa de Deus essa feita pelas vossas próprias mãos.
Frei Leão e Frei Luiz adiantaram-se e disseram sorrindo para Francisco, à vista de todos:

. Frei Francisco, não disseste para nós, que quando errasses, poderíamos charnar-te a atenção e, se fosse o caso, agredir-te e, mesmo à força, colocar-te no lugar certo?...

Dado um tempo, Francisco confirmou dizendo:

- Podereis cumprir, porque se toma para todos um dever.

Os frades tinham feito uma cadeira de cipó grosso e fino, para que o homem de Assis pudesse ficar mais em destaque ao falar, pois ele era o guia da comunidade. A cadeira estava camuflada, de sorte que ele não a visse. Apresentando-a, os frades pegaram Frei Francisco, um de cada lado, levaram-no, fazendo com que ele se assentasse naquela tribuna de honra. Francisco olhou para eles e sorriu, não achando outra saída a não ser ficar assentado, no que sentiu conforto em demasia. Ele tirou pacientemente da cadeira o assento de macio capim, que mãos hábeis haviam tecido, dizendo:

- Eis que devo ofertar este assento ao nosso querido irmão Masseu, homem de alta linhagem, no qual a educação é clima permanente de sua personalidade, sendo as boas maneiras a sua própria vida. E além disso, ele sofre... tendo o assento dolorido.

Frei Angelo, o campeão da nobreza, levantou-se com contentamento e entregou a Frei Masseu a oferta de Francisco e todos sentiram o amor do filho de Maria Picallini pelos seus filhos espirituais.
O ambiente era de serenidade e respeito de uns para com os outros. Era uma verdadeira casa de Deus, onde aqueles homens simples estavam reunidos para uma grande tarefa de aprendizado, a de romper as barreiras da programação humana e fazer conhecido o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em espírito e verdade. Frei Leão, que atuava

como seu secretário e Frei Luiz, que tinha mente fotográfica e nada se esquecia do que se passasse entre eles, no que tange aos os ventilados, estavam sempre ao seu lado.

Frei Leão, na sua simplicidade, tentou quebrar o silêncio, dando início a uma das reuniões mais ativas da comunidade, no Rancho da Luz, com a Pergunta, sendo o primeiro a chamar Francisco de Pai.

-Pai Francisco!... Qual o dever de mais urgência que temos para com Deus?

Francisco, quase em êxtase, mas perfeitamente lúcido, respondeu com bondade.

- O dever de maior urgência para com Deus é amá-Lo sobre todas as coisas, na mais profunda sinceridade, no reto dever e na reta consciência , na reta compreensão, no reto entendimento e na reta moral; no reto perdão, na reta caridade, no reto desprendimento, na reta pobreza e na reta humildade; na reta paciência, na reta amizade e, sempre que pensarmos nos outros, nos colocarmos como se fosse eles próprios. O mais de que precisarmos no dia-a-dia, virá como inspiração para moldar, como se fôssemos instrumento da Divindade, andando no mundo.

Frei Masseu, já bem acomodado com a dádiva de Pai Francisco, estendeu a ele, a seguinte pergunta:

- Pai Francisco!... E os compromissos assumidos com o próximo pela consciência?

O filho de Assis, na mesma dinâmica que respondeu a Frei Leão, deu sequência à pergunta, nestes termos, sem faltar a humildade:

- Meu filho!... O maior compromisso com o próximo é aquele que temos para com nós mesmos e para com Deus. Jesus Cristo não Se esquece de nos responder a todos, condensando os dez mandamentos em apenas dois: o primeiro, como já citamos, e o segundo, amar ao próximo como a nós mesmos.

Não podemos viver sem ele. Em tudo o que fazemos, precisamos dos outros; mesmo que não o vejamos, o próximo está constantemente nos ajudando de formas variadas e, por vezes, sem nada exigir de nós. Deus nos fez interligados uns aos outros pelo Seu amor, de modo que não poderemos viver sem a vida alheia.

O amor é o centro da vida, na vida de Deus. Ninguém poderá amar ao próximo por interesse e é este clima mais puro da alma que gera a felicidade. Jamais poderemos alcançar a felicidade sem passar pelos caminhos do Amor puro.

O interesse de Jesus em levar o Evangelho a todas as criaturas e o
a elas. Todos nós fazemos parte de um rebanho, em que Ele é o Pastor. Po ^
notar neste Rancho uma paz grandiosa, uma alegria perfeita e uma amizade sem _

precedentes. Por que? Pela força do amor de uns para com os antros, e isso produto do amor ao próximo.
Entretanto, existe aquele próximo que dorme na ignorância das coisas de Deus, que carece muito mais da nossa compreensão e da nossa assistência, do nosso perdão e da nossa convivência com ele. É para vivermos junto a esses, a na mais alta expressão dos sentimentos, que aqui estamos nos preparando.
Frei Egídio levantou a mão com suavidade e falou pausadamente:

Pai Francisco.'... Em que posição devemos ficar, quando a nossa não compreende a nossa missão fora do lar?

Francisco, naquela serenidade de sempre, concatenando ideias e buscando oração as frases mais simples possíveis, respondeu com brandura:

. Frei Egídio, temos para com a família um dever maior. Sendo ela o lo mais próximo, juntos a ela podemos escutar e sermos ouvidos. A família a possibilidade de ficarmos visíveis no mundo, no qual devemos fazer e irir. acima de tudo, a vontade de Deus.

Aqueles que ainda têm a responsabilidade de família poderão encontrar, seio dela, um vasto campo de trabalho e realizações. A pregação do Evangelho dentro de casa quase não carece dos recursos da palavra, pois nela funciona, com mais proveito, o exemplo.
O que dirige um lar recebe ajuda dos que convivem com ele, quando estes lhe apontam as falhas que não teve oportunidade de corrigir.
Se já granjeou a humildade, o lar será para ele a melhor escola, onde o aprendizado seja talvez mais profundo, do que para aquele que visita todos os países do mundo, executando o verbo na função do Bem.
Ninguém perde por ficar preso, como dizes, em um lar; ao contrário, ganha muito, se souber viver com os que o cercam, e compreendê-los. Lembra-te de que o nosso Mestre nasceu em um lar, e que quando chegou o momento, rompeu os vínculos que o retinham e formou outros lares, por não se prender, pois a Sua missão era a de ser Mestre de todas ovelhas. O Seu lar é a humanidade e todos somos, em °eus, nosso Pai, Seus irmãos menores.
Existem, meu filho, os que constroem lares com deveres e compromissos ^sumidos, bem como os que não vieram para isso, fazendo seus, todos os lares, estendendo o seu amor por toda a Terra. Cada um de nós tem uma missão diferente da outra quando entende o seu dever, o resto Deus acrescentará.
Quanto ao nosso caso, particularmente, não existe mais vínculo, no tocante ás coisas materiais. Fui separado da família por vontade de meu pai, pelo excesso de dominio que ele quis exercer sobre mim, já na maioridade, quanto ao que devo ajudá-los, eles não precisam de mim, no que concerne às coisas materiais e, em espírito, onde eu estiver,

posso ajudá-los, se for o caso. Acima de tudo na Terra, tenho compromissos com a minha consciência e com Nosso Senhor Jesus Cristo. Sou livre, graças a Deus, no que se refere à família.

Frei Lucílio, a personificação do desapego das coisas materiais, propôs esta pergunta:
- Irmão Francisco!... Por Deus, poderia nos expor o que caridade para com nós mesmos?

O Poverello de Assis, meditativo e manso, respondeu com alegria:

-Esta caridade que dizes é, por excelência, a mais preciosa não desejamos desfrutar desse bem-estar celestial, porém, para assegurar q'30^116 trabalho com os outros. Se um soldado precisa de um treinamento com as para lutar e vencer o inimigo, muito mais os soldados de Deus, que somos nós S misericórdia. A caridade para com nós mesmos é no sentido de prepararmos pensamentos, ideias e sentimentos para melhor fazer o bem ao próximo. Estamos em regime de urgência, preparando-nos para falar com dignidade, trabalhar com discernimento e ajudar por Amor.
Quem ainda não educou a si mesmo, como poderá trabalhar na educação coletiva? Quem ainda não perdoou, como poderá falar e ensinar o valor do perdão? Quem ainda não se desprendeu dos bens terrenos, como poderá pedir aos outros esse desprendimento? Quem ainda não ama a Deus e a si mesmo, como mostrar às criaturas que o Amor é a própria felicidade? Primeiro, temos de sentir e vivenciar as coisas que pretendemos ensinar.
A caridade para com nós mesmos é nos desejar todo o bem possível, sem egoísmo, contrariando certos instintos inferiores, através de uma disciplina ativa e constante. A caridade, nascida no coração da criatura, é fruto do esforço próprio, para que depois surjam as bênçãos de Deus e de Cristo. Toda subida exige esforço, todo esforço carece de inteligência e toda inteligência somente encontra proveito, quando norteada pelo coração, ligado às leis naturais.

Frei Arlindo, o padrão da alegria, deu sinal que desejava falar, e disse, na
mesma sequência do seu companheiro:

- Desejaria saber. Pai Francisco, acerca da caridade para com os outros.

Francisco de Assis, sem demonstrar cansaço, estampou em sua feição certo contentamento, e expôs com paciência:

- A caridade para com os outros é fruto de longas experiências Caridade verdadeira é filha do Amor. Não exige, para não perder a alegria; não ofende para não perder a paz; não violenta, para não perder o equilíbrio; não é malidicente para não frustrar a bondade; não arde em ciúmes, para não aborrecer a ninguém; não duvida das coisas de Deus, para não esquecer a esperança. Cumpre o seu dever no que foi chamada para não se submeter ao tribunal da consciência. A caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, do todas as criaturas onde quer que seja, dentro das nossas forças. E ela nunca reclama, nunca maldiz e nunca se revolta; nunca deseja mal, nunca pede para si, nunca injuria e nunca se entristece. Ela é um sol de Deus, que nunca se apagará.
Frei Rufino, um dos irmãos mais devotados, arguiu com presteza:

. Pai Francisco!... Por gentileza, poderia o senhor nos dizer o que é desperendimento verdadeiro?

O Irmão Francisco, refeito em Cristo das energias gastas na conversação e as respostas aos companheiros, sentenciou com proveito:

- Frei Rufino!... Desprendimento é não se prender a coisa alguma, pois - ' to nenhum deseja estar preso. Até os próprios animais não se sentem bem quando aprisionados. Todos queremos ser livres. A liberdade é, pois, amada por todos e por tudo; não obstante, a vida nos condiciona a determinadas prisões. Enquanto não despertamos para a realidade, seremos escravos da própria ignorância.
O Cristo chamou um punhado de homens para segui-Lo, mas desejou que eles fossem livres, que se libertassem das peias terrenas, porque Ele mesmo disse com propriedade: "Onde está o teu tesouro aí estará o teu coração".
Desprendimento não é jogar fora os bens terrenos, deles dispondo sem consciência do que se está fazendo, pois quem assim procede confunde desleixo com desprendimento. Haverá de sobressair em nós o bom senso. Existem várias modalidades de desprendimento, dependendo aí de quem está se desprendendo, qual a sua posição diante do mundo e frente à humanidade. Depende ainda do que estamos fazendo e do que pretendemos fazer.
Pode perfeitamente existir rico desprendido e pobre usurário, porque a ganância nasce de dentro da criatura para as coisas de fora. E, portanto, a ignorância que tudo move, por não deixar que o ignorante conheça as leis de Deus, que não se esquecem de quem trabalha e confia nas forças superiores.
Desprendido é aquele que sabe dar, porque é dando que recebemos. No entanto, dar também é ciência, pois quem não sabe dar fica sempre devendo. Desprendimento é sempre o clima do sábio e do santo, senão do homem altamente inteligente. Essa virtude é a nossa base de viver, porque vivemos em Cristo, para que Deus viva em nós...

Frei Gil, mancebo refinado na contemplação, inquiriu o irmão Francisco da seguinte maneira:

- Frei Francisco, pai de todos nós que aqui nos reunimos!... Se for do teu agrado, gostaria de saber o que é a pobreza de que tanto falas.

O homem da Umbria, fitando os olhos no discípulo, esclareceu propriedade:

- Irmão Gil, como buscas profundamente as coisas de Deus na amabilidade que muitos desconhecem, eu diria a todos que me ouvem e me toleram por caridade que a pobreza, na sua essência cristã, é a felicidade.

A riqueza no mundo das formas é pura ilusão. Ela traz problemas de difícil solução para os nossos caminhos, porque o dinheiro, em mãos que não compreendem seus objetivos primordiais, passa a dificultar os mais puros ideais. E bom que compreendas que existem muitos pobres ricos e muitos ricos pobres. Nós amamos a pobreza em sentido diferente aos olhos dos materialistas e tudo fazemos para fazer circular as riquezas de Deus, o único dono de tudo que existe em toda a criação.

Nós que aqui formamos esta comunidade, tomamos diretrizes mais drásticas, acerca da pobreza, para fixar na mente dos nossos companheiros o desprendimento, mas o desprendimento que valoriza as coisas e não o que as despreza. Nós somos e devemos ser o contraste do que existe nas religiões organizadas pela política e pelos interesses individuais. Vivemos para isso, para dar tudo de nós, a fim de que os nossos semelhantes possam pelo menos, dar de si para os outros, o que já é um começo de oferta cristã, de caridade e de desprendimento.

Nosso Senhor Jesus Cristo foi, no mundo, o mais pobre que pisou na Terra. Ele mesmo disse não ter uma pedra para reclinar a cabeça, quando precisasse de descanso. No entanto, era e é o Maior Doador que a Terra já conheceu até agora. Pobreza, no sentido de que falamos, é sinônimo de liberdade espiritual. Aquele que consegue ser pobre, no que tange à filosofia do Cristo, verdadeiramente é o mais rico dos cidadãos do mundo e do céu, porque anda perfeitamente bem com a sua própria consciência.

Esse é um assunto sobre o qual muito devemos falar, pedindo sempre a Jesus para nos ajudar a entender o que é a pobreza, no cenário evangélico.

Frei Bernardo, sustentáculo da fé cristã, movido pela confiança nos ideais do seu pai espiritual, refundiu o pensamento e selecionou ideias, perguntando com segurança-

- Pai Francisco, o que poderemos entender sobre instrução?

Francisco fechou os olhos, meditou por instantes e falou serenamente.

- Frei Bernardo, a instrução, na acepção da palavra, nos conceitos espirituais, são acúmulos de experiências nos arquivos da alma. Quem não instrui, não acompanha o progresso, que certamente é força de Deus nos caminhos dos homens. Aprender, meu filho, é grande bênção que nos ajuda a libetar o coração das trevas, pois a instrução repele, senão desfaz a ignorância, ampliando os sentimentos em todos os rumos.

Todavia, ela precisa de algo mais do que o saber. Para saber com discernimento, a instrução precisa de disciplina e de analisar com bom senso o emprego da inteligência que ela não sirva de motivo de escândalo. A instrução nunca deixará de existir, para quem não conhece não pode viver bem. Não obstante, carece de vigilância em P° ' as suas apresentações no mundo, que está cheio de sábios, mas, de santos...

Procura sempre te instruíres, meu filho, mas, jamais te esqueças das leis naturais e d'Aquele que as fez, que seguirás por bons caminhos.

Frei Ângelo, destacando-se pela nobreza de caráter, argumentou com facilidade, interpelando Francisco nestes termos:

- Pai Francisco!... o que poderíamos entender por educa Cao?

Francisco respondeu com cordialidade:

- Educação, meu filho, é por assim dizer um tesouro, que nasce primeiramente no engendrado ambiente da evolução espiritual. Onde existe ignorância, não pode existir educação. Ela é uma força de Deus no coração do homem, que deve ser despertada por vários meios, e principalmente, pela disposição no bem comum e no respeito aos direitos alheios.

No mundo, muitas vezes, confunde-se educação com instrução. São forças paralelas, de objetivos idênticos. Para entregar-se o homem à tranquilidade de consciência, a educação precisa da sabedoria, e esta não terá vida nobre sem aquela. Na instrução, a criatura precisa mais de mestres que norteiam seus caminhos e de livros que lhes assegurem as experiências. Na educação, o mestre é o tempo e os livros, a natureza que consubstancia todos os valores, entregando-os à consciência.

E educar, no sentido de que falamos, é a nossa meta, mas, primeiramente, devemos educar a nós mesmos, para depois ajudar os outros, pelo exemplo. O mundo e a humanidade têm de passar por milhares e milhares de anos, neste trabalho de se educar e se conscientizar de que o Amor é a vida, buscando luz para a alma. No "tanto, a educação sem o saber está sujeita a atrofiar os sentimentos. É por isso que natureza é, quase sempre, binária: homem e mulher, dia e noite, claro e escuro, s pernas, dois olhos, dois

ouvidos, e muitas outras coisas que poderemos analisar em uma simples meditação. E, no fim, Sabedoria é Amor pousando no topo da vida, para glória da própria vida.

Frei Juníparo, em quem a paciência fez morada, deu sinal com a mão e manifestou com interesse:

- *Pai Francisco!...Desejaria conhecer o valor da cortesia!...*

Francisco, na mansidão peculiar ao seu ser, se fez ouvir com humildade:

- Caro irmão!... A cortesia é o aprimoramento da alma. De qualquer que se manifestar, ela é filha da educação e nasce com o beneplácito do Arnor.
A afabilidade, mesmo se expressando no comércio onde o interesse móvel da afeição, tem o seu trabalho no íntimo da criatura. Já é algo nascendo que nunca mais monerá. E seja despertaste para o Bem verdadeiro, na luz da Caridade nunca deves te esquecer desta virtude, porque ela valoriza a tua e a vida de quem te move, desperta a esperança, e constrói a amizade. O homem polido não maltrata Sn injuria, não se esquece do Bem e desenvolve sempre a alegria.

Frei Elias, homem integrante na benevolência, falou com mansidão:

- Pai Francisco, se fosse possível, queria que o senhor falasse sobre a amizade.

O homem de Deus, seguro das suas convicções ampliou o assunto com o descortino indispensável, neste modo de dizer:

- Primeiramente, devemos dizer que o apóstolo Pedro se interessou muito pela amizade, quando recomendou aos seus companheiros que granjeassem amigos. E nós vamos repetir o discípulo primeiro de Jesus Cristo, falando no mesmo tom e na mesma sequência: "Deveis todos fazer amigos, pois a amizade verdadeira ser-vos-á luz em todos os caminhos para a eternidade."

Eis o tesouro de que não devemos nos esquecer em todas as circunstâncias, no momento de falar, na hora de compreender, no instante do trabalho, quando estivermos em casa, nas nossas andanças e mesmo nas orações, porque a amizade é um vínculo onde pode transitar o Amor.
Vamos passar por inúmeros lugares, meus filhos, dando e pedindo. Vamos conhecer muitas nações e vamos nos comunicar com milhares de criaturas; e a oportunidade de

fazermos amigos não nos vai faltar. Esse é, pois, o mais belo exercício para a compreender o nosso semelhante e ajudá-lo com os nossos recursos, para amanhã essa amizade venha a nos ajudar na divulgação da palavra do Cnsto as e a todas as criaturas de Deus. Fazer amigos é acumular tesouros na eternidade.

Devemos nos lembrar novamente dos dois mandamentos, sintetizos por Jesus, quando se referia aos dez recebidos por Moisés no Monte Sinai: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos"'. Se os homens se amassem uns aos outros, se todos fossem amigos uns dos outros, no verdadeiro da palavra, a Terra se transformaria em Céu, e nada faltaria, porque o interesse de ajudar seria força divina a correr nas veias de todas as criaturas.

É isso que deveremos ver no futuro, quando o Mestre dos mestres fortalecido de todos os povos e quando o Evangelho for falado e vivido por todas as pessoas. Todas as virtudes estão ligadas na amizade e esta se engrandece quando elas transmutam em Amor.

Frei João, amante do trabalho e artesão de primeira grandeza, soltou o erbo na dificuldade de falar, assim se fazendo entender:

- Pai Francisco!... Seria bom para todos nós ouvirmos a tua palavra ¡¡cerca da verdadeira propriedade.

Francisco de Assis, com jovial feição, correu o pensamento no mundo inteiro, nos desequilíbrios financeiros existentes por toda a parte. Lembrou-se de seu pai teneno, Pedro Bemardone, e pediu a Deus inspiração para o tema daquela noite, assunto que ele tanto debatia desde moço, e respondeu com energia, na brandura cedida pela educação:

- Frei João!... Trouxeste um assunto de alto interesse para a nossa comunidade. A verdadeira propriedade nos interessa por demais, por ser ela o lance primeiro, adotado por todas as regras: trabalhar para a verdadeira propriedade. Devemos acumular bens no celeiro das nossas consciências, aqueles imperecíveis que granjeamos pelos esforços de cada dia, pela educação, pela instrução, pela disciplina, pela dor e através de todos os problemas.

As propriedades do mundo são enganosas, por nos prender nas regras humanas, onde acumulamos os bens terrenos. Temos de montar guarda e defendê-los, aniscando a própria vida, e eles nos levam geralmente a determinadas ações contrárias à nossa moral, desfazendo a nossa dignidade. O verdadeiro sábio nada Possui, para não ficar preso ao ouro; o verdadeiro santo é despido de fortuna, para não ser seu escravo.

Nesta comunidade, onde temos como guia principal Nosso Senhor Jesus , haveremos de observar essa regra áurea do desprendimento, para que possamos trabalhar sem vínculo com as coisas do mundo e sermos livres para realizar o programa de Deus. A verdadeira propriedade, meus filhos, é aquela que podemos guardar no coração; são os talentos

falados pelo Evangelho e, esses os carreguemos conosco por onde andarmos, sem medo de que os ladrões nos roubem, porque são intransferíveis e eternos, irradiando-se no centro da nossa vida. São conquistas que ficarão conosco eternamente, pelas bênçãos do nosso Pai Celestial.

Não queremos que entendais que estamos desprezando o ouro do mundo, mas devemos quando chegar ele a nossas mãos, canalizá-lo para os devidos lugares, onde for mais necessário. Tudo, no lugar certo, é bênção de Deus para a felicidade do homem.

A verdadeira propriedade é discernimento, é cordialidade é s saber ouvir, é entender sem ferir, é trabalhar por amor, é falar ajudando, porque os valores de Deus não poderão estacionar na alma, presos pelo egoísmo. O tesouro do céu aumenta em nós na proporção em que o distribuímos. Tomamos a afirmar, com alegria, que é dando que recebemos.

Frei Boaventura, amante do perdão, levantou a voz com propriedade neste jeito de se expressar:

- Frei Francisco!... Estou ansioso para ouvir-te sobre o sexo.

O homem de Assis, pleno da sua conduta cristã, estava interessado em falar algo sobre o sexo dentro da sua comunidade. Os seus companheiros haveriam de conscientizar sobre todos os assuntos, ainda mais sobre o sexo. E falou com sabedoria:

- Irmão Boaventura!... Desejamos a paz de Deus para todos os corações Permita o Senhor que possamos entender com profundidade todos os problemas inerentes à vida, sabendo conquistar as virtudes no meio dos desastres morais. Meu filho!... O sexo em si é um gerador de energias divinas na sua estrutura; é por seu intermédio que a vida física se expressa na Terra, nas ramificações de todos os reinos da natureza.

O sexo no homem faz desabrochar a maior força, até então conhecida na forma de instinto. Supera todas as deficiências, somando variadas energias, para alcançar seus objetivos; no entanto, ele carece de educação e disciplina para sublimar-se como virtude espiritual.

Sei que vamos encontrar muitos irmãos incapazes de superar o impulso sexual. Mesmo já tendo dominado outros instintos grosseiros, este e o medo da morte são sempre os últimos a serem vencidos; principalmente o do sexo, p° acompanhar a alma, onde ela deve residir.

O sexo insaciável, quando desgovernado, não respeita os direitos outros, criando problemas, cujas desarmonias são destruidoras e, sem a devida

disciplina, desinquieta a sociedade, desmancha lares e desfaz amizades, desvia almas e desagregando comunidades.
Todavia, se os irmãos que vieram com a finalidade de dar continuidade aos povos e oportunidades às almas de virem ao mundo alcançar a educação sexual, derem ao sagrado impulso as devidas diretrizes, ele se transformara em força de Deus, para criação da luz. O Evangelho nos diz dos homens que se fizeram castos, que nasceram castos, e que não são castos, e amplia a castidade em um conceito por excelência mais elevado, do homem puro em virtudes.
Nada estamos exigindo de alguém para seguir ao Cristo. Expomos regras para bem servir à humanidade, em Seu nome. Não queremos tirar quem quer que seja das suas obrigações familiares para com as suas esposas, filhos, parentes e amigos; fazemos apenas a criatura se voltar para dentro de si, tomar parecer com a sua própria consciência, e ouvir a sua voz interna.
Cada lugar é bom para se agir em nome de Deus, e queremos aqueles que possam nos acompanhar por onde precisamos ir - livres - pela nossa própria vontade e responsabilidade. Não queremos determinar para pessoa alguma como deve usar o sexo, o que até os animais sabem. Queremos, sim, despertar criaturas para Cristo e para Deus, sob o comando de consciência.

Frei Filipe, no seu ambiente de serenidade, despertou da madoma porque passara e deu sinal de interesse, falando com bondade:

- Irmão Francisco, seria bom para todos nós, se soubéssemos algo mais sobre o perdão.

Francisco, diligente e amigo, asseverou com riqueza de detalhes sobre assunto que ele tanto amava, estruturando todos os seus pensamentos na força da palavra, fazendo-se ouvir com respeito:
- Frei Filipe, que Deus, na Sua Divina Sabedoria, possa nos inspirar a todos neste momento de meditação e nesta escola do Evangelho!
Falar sobre o perdão muito nos agrada. Ele abre as portas da verdadeira felicidade, e faz com que o nosso coração se sinta livre da opressão da consciência. E tão divino, que nos dá condições de esquecer as ofensas, favorecendo-nos ambiente para refazer amizades.
Quem já entende que deve perdoar, está compreendendo que existe o bem-estar espiritual; quem já gosta de perdoar, é aluno na escola da caridade consigo mesmo; e quem perdoa por amor às criaturas que ofendem, já se libertou das contingências do mundo e alcançou o Bem universal, alimentando-se no grande suprimento de Deus.
O perdão retira todo o mal dos canais, onde ele poderia proliferar. Ele é a ropria paz! E socorro para os desesperados, pois transmuta o ambiente pernicioso do ódio em atmosfera onde pode gerar o Amor.

Somos humanos e desejosos da perfeição espiritual, e em muitas circunstâncias nos ofendemos com ataques inesperados de irmãos que ignoram os nossos trabalhos. O Evangelho, porém, nos apropria com o recurso do perdão e logo limpamos a mente e o coração das mazelas, que o ódio e a vingança começam a estabelecer. Devemos dar as mãos e cantar dia e noite o cântico do perdão, que ele nos fará passar de homens cativos a seres livres.
Perdoa e serás compensado; perdoa, e serás atendido nos desejos sublimados; perdoa, serás forte na batalha contra o mal; perdoa e serás iluminado pela graça e misericórdia do Senhor!

Frei Cândava, dotado de alta inspiração, dignou-se a perguntar, assim falando:

- Pai Francisco!... Desejaria ouvir alguma coisa no que tange à felicidade.

Francisco de Assis, meditativo, respondeu com emoção:

- Felicidade, meu caro companheiro, por enquanto, na Terra, somente temos notícia da sua beleza e do seu estado permanente de bem-estar. Depende do esforço de cada um, no pleno exercício do aprimoramento. Ela é e nunca foi doada; é conquistada pela alma que sobe o calvário da vida. A felicidade não é comprada nem vendida, é acumulada de passo a passo, pelas linhas de oportunidade que a vida nos oferece em todos os momentos. A felicidade é, pois, o conjunto de virtudes acumuladas no coração.
Todos somos candidatos à tranquilidade imperturbável, mas, para tant temos de lutar e vencer a mais dura das batalhas, na guerra com nós mesmos, que carece de vigilância permanente para eliminar os inimigos que muito conhecemos: o ódio, a inveja e o ciúme, a discórdia, a maledicência, a vingança, o orgulho, o egoísmo, etc. São frentes de lutas que devemos travar para vencer a nós mesmos e conhecer o terreno sagrado do nosso coração.
Muitas criaturas há que desanimam na busca da felicidade, por desejarem desfrutá-la de imediato, fato impraticável. Ela começa com a simples mudança de pensamento, descendo para as ideias, dominando as ações, buscando a vivência, demorando, às vezes, tempo prolongado. A verdadeira felicidade exige, na vida de cada um, a pureza de pensamentos, de ideias e de sentimentos, a pureza de coração, da palavra e da vida. Entretanto, depois de tudo isso conquistado, o clima de felicidade perfumará o nosso ser, e nunca mais a perderemos e ela nos acompanhará no tempo que se chama eternidade.

Frei Pedro, consubstanciado no clima da tolerância, revelou com alegria o que se passava no seu íntimo, assim perguntando:

*- Pai Francisco, se fosse agradável ao senhor, eu desejaria **conhecer** qual a utilidade do prazer.*

O homem de Assis, jovial e sorridente, interessado na paz de todos os seus companheiros, falou com serenidade:

- Frei Pedro, jamais me esqueceria de tocar neste assunto, que interessa a todos. Todos os assuntos devem ser lembrados, na nossa comunidade, para a nossa própria cultura espiritual. Cumpre-nos vigiar todas as interpretações que dermos a tais assuntos, para que cooperemos com a própria perfeição das nossas regras. Não é o que eu digo que será o certo; é o que for certo, aprovado pelas nossas consciências conjunto, e ainda, submetido ao disciplinador comum que se chama Tempo.

Prazer, meu filho, tem variadas modalidades de interpretações, dependendo muito da evolução da alma. O prazer do guerreiro é fazer a guerra e vencê-la. O prazer do comerciante é vender, enriquecer-se cada vez mais. O prazer do camponês é adquirir terras e mais terras, e todos os anos colher o mais que puder, regurgitando os seus celeiros de frutos e sementes. O prazer do político é alcançar postos e mais postos de mando, dominando os povos. O prazer da mãe é ver seus filhos bem de vida, vivendo em paz. O prazer do tribuno é falar bem e ser famoso. O prazer do escritor é escrever, de sorte que todos gostem. O prazer do usurário é o ouro. As enumerações poderão ser infinitas nas linhas do prazer; no entanto, bastam estas para que possamos entender como escolher o nosso prazer.

O prazer real da nossa comunidade é o mesmo prazer de Nosso Senhor Jesus Cristo: o de servir, com todos os cambiantes do Amor, de compreender com todas as modalidades do entendimento, de sermos bons com todos os recursos da perfeição, de ajudar com todos os meios para reerguer o beneficiado, de perdoar com completo esquecimento das ofensas, de falar em todas as línguas conhecidas pelos sentimentos, de repartir o que temos com a máxima segurança, de aliviar todos os sofredores que estiverem ao nosso alcance. Devemos ter, igualmente, um grande prazer em ouvir quem aponta os nossos defeitos, em amar sem condições em todos os rumos das nossas atividades e, por último, em servirmos de instrumentos para que fale por nós o Verbo Divino.

E nesta mesma sequência, deveremos sentir prazer no respeito às convicções das criaturas no campo religioso, político e filosófico, sem impor, às vidas alheias, o modo como vivemos. Se sentimos prazer na liberdade, devemos oferecer o mesmo prazer aos outros, porque Deus sabe o que fazer, filtrando todos os prazeres incentivados pelos homens, deixando o prazer divino que Ele achar conveniente para nossa felicidade.

Frei Silvestre, portador de alta dignidade, estava guardando uma pergunta, Pª ra que todos ouvissem com atenção, e assim se expressou com alegria:

- Pai Francisco!... Se for oportuno, eu queria compreender melhor o Porquê dessa urgência de pregar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, se a igreja Católica já o faz há mais de mil anos.

Francisco, agraciado pela paz de coração e rejubilando-se de contentamento, principalmente pela pergunta articulada, falou sem rodeios:

- Devo, nesta hora, dizer a todos os companheiros de trabalho, a nossa diante da Igreja, onde o nome de Pedro, o Apóstolo, figura como o primeiro Apóstolo cristandade. Primeiramente, queremos que todos compreendam e saibam do nosso respeito por essa Igreja de Deus, que se fez presente no mundo pelos seus representantes

Essa Igreja lutou com todas as suas forças, no sentido de manter o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo aceso em todas as suas virtudes. Depois de deterrninado tempo, ela se aliou, como é do conhecimento de todos os irmãos, ao Estado aliviar as perseguições contra os cristãos, de maneira tal que o Evangelho pudesse avançar mais livre da ignorância humana, envolvendo o espírito na letra, que silenc certas verdades. Até aí concordamos, devido à situação espiritual da humanidade de estar preparada para tal vivência em espírito e verdade. No entanto, o deslize avançou além das linhas em que deveria parar e descuidaram em demasia da essência, de sorte a procederem de forma pior do que os políticos e os guerreiros. E o contrassenso maior foi e é matar em nome de Deus e de Jesus Cristo.

Eles, os dirigentes da Igreja Católica Apostólica Romana, perderam as condições espirituais de pregar o Evangelho. Muitos deles já nasceram condicionados pelas novas escolas de sacerdotes, imbuídas do crime, do orgulho e do egoísmo, do fausto e do mando, da prepotência e da vingança. E agora, como voltar atrás e reconduzir a religião às bases verdadeiras? O tesouro maior do mundo escapou das suas mãos, pelas interpretações de falsos teólogos, eivados que estavam e estão da influência do ouro e do bem-estar material. Se não fosse isso, não precisariam do nosso trabalho. Nós iríamos, de corpo e alma, engrossar as fileiras do clero organizado.

Estamos aqui, como nos recomenda o Senhor, que sempre ouvimos, para levantarmos a Sua Igreja e reconstruí-la nos alicerces primitivos de Amor e de Caridade. Não se pode dizer que todos da Igreja erraram, pois generalizar qualquer assunto é demonstração de cegueira espiritual. Existem muitos sacerdotes que lutaram e lutam, dando a própria vida em favor da pureza dos conceitos do Cristo, e isso é louvável nos dias que correm.

Mas, os dirigentes, na maior parte estão influenciados pela dissonância doutrinária. Esqueceram o Amor e, se porventura falam nele, não o vivem. Esqueceram a Caridade, e se por vezes falam nela, se esquecem das obras. Esqueceram o Perdão e

se lembram dele algumas vezes, nunca perdoam. Falam muito de Paz, entretanto não dão um passo em favor dela...
Somos ovelhas no meio de lobos, pelas ideias que estamos cultivando- qualquer hora seremos atacados, porque a nossa prática vai prejudicar a vida deles incompatível com a vida de Jesus Cristo. A urgência que temos de pregar o Evang é neste sentido: relembrar o Evangelho primitivo, de que, graças a Deus. não mu a letra, mas o sentido, com o qual poderemos, com a graça de Deus, recompor usando mais da própria prática, para depois falar daquilo que foi vivido.
Reiteramos aqui o nosso agradecimento a essa Igreja que caindo , por ter conduzido o nome de Jesus na viagem dos séculos, e onde O re-encontramos na vida de alguns corações que amam. Agradecemos, ainda, pela aquiescência de Sua Santidade em abrir os caminhos e aceitar as regras propostas por nós junto à sua compreensão.
Não devemos esperar nesta jornada, algo de bom para o nosso próprio proveito. porque a humanidade já está habituada aos maus costumes, e o nosso trabalho é de sacrifício, de disciplina e de Amor, na sua mais alta pureza, concernentes aos bons sentimentos. Não devemos julgar qualquer pessoa nem as intimações, que já se fizeram presentes no mundo, mas, temos um dever, pela voz que nos chama a trabalhar. E se Creditamos nela, vamos sem esperar. Vamos servir!

Frei Rogério, dedicado servidor do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, de verbo que fluía facilmente à flor dos lábios, disse:

- Pai Francisco, será para mim especialmente agradável, se ouvir algo mais sobre o que é a consciência de que muitos falam, mas pouco se diz, permitindo uma compreensão mais profunda.

O nosso Irmão Francisco, com os lábios ocupados por sorriso espontâneo, deu um intervalo entre pergunta e resposta, de modo que as ideias pudessem surgir em ambiente de inspiração superior. E argumentou com presteza:

- Frei Rogério!... E de notória compreensão que esse assunto participe das cogitações de Deus, no recôndito das almas. Os nossos teólogos, homens por vezes inspirados, deixam escapar, de vez em quando, algo que nos sacia a sede de saber sobre a consciência, mas eles mesmos duvidam do que falam, por lhes faltar a segurança, neste assunto de difícil comprovação. No entanto, caro filho, nunca devemos abandonar um assunto, porque ele se nos apresenta fraco em sua existência e de difícil entendimento. Foi muito boa a lembrança e rogo a todos que oremos em conjunto, para que possamos buscar mais além o que ainda não entendemos com precisão. Quero o parecer de todos a respeito deste assunto, porque é nesta preocupação cristã que encontraremos o princípio do caminho que nos levará à fonte da sabedoria.

Já li alguma coisa sobre esse assunto no grande livro da natureza, folheado Pelas experiências, pelas mãos de cada dia, e encontrei, caros companheiros, uma undância de códigos representativos, cuja interpretação será dada pelos que os m como eu. No entanto, não devo dar a minha opinião pessoal. Rogo a inspiração a para que eu possa servir de instrumento, não para falar aquilo que me agrada, as o que for o certo. Eu peço a Verdade.

Vejo a alma, Frei Rogério, como se fosse uma espiga de milho. A espiga é protegida por várias palhas sobrepostas, estando no centro, o sabugo, dando firmeza aos grãos. Parece-me que o Espírito é obrigado, em obediência às leis de Deus, a se revestir de inúmeros corpos, que podemos chamar roupagens espirituais, para com elas descer neste mundo, de acordo com a determinação divina. No centro, existe um corpo de comando, no qual o Espírito sente a grandeza de Deus, e acata as ordens mais sutis. Paulo disso era conhecedor, quando dizia nestes termos, em que muito medito: "O Cristo em mim é motivo de glória."

Jesus nos fala por esse campo de sensibilidade, que se aguça cada mais com a nossa maturidade espiritual. Esse campo é a Consciência Os outros corpos são mutáveis, como que para encontrarmos a realidade, mas o centro faz parte da Divina Presença e. dado à sua sutileza que se esconde nas dobras do tempo e que somente Deus conhece na sua totalidade, registra tudo o que fazemos pensamos e sentimos, em uma área infinita, onde sempre há lugar para mais coisas.

Que Deus me perdoe, se falo o que não devo; entretanto, encontro assunto uma grande alegria, por nos dar motivo de somente gravar em nós tudo se relaciona com o Amor.

Frei Tancredo, imbuído da mais pura complacência, rogou com humildade procurando saber de Frei Francisco assunto dos mais interessantes para a comunidade, entoando a sua interrogação para que todos ouvissem:

- Pai Francisco!... Por que sempre que se faz uma comunidade como essa, separam-se as mulheres dos homens? O que há nelas, ou em nós, que nos impede caminharmos juntos?

Francisco de Assis, comovido pela pergunta, respondeu melancólico:

-Frei Tancredo, bem que poderia não acontecer isso! Somos todos irmãos, convivendo na mesma casa de Deus; porém, essa casa tem muitas divisões, para que possamos adquirir segurança naquilo que deveremos fazer. Quando a Terra se transformar em verdadeiro Reino de Deus. não haverá incompatibilidades, nem separações convenientes entre homens e mulheres. Somos peças idênticas, mas de feições diferentes.

Deus criou a mulher, nossa irmã na eternidade, para que fosse a noss£ companheira, e nos criou, igualmente, objetivando a mesma função. Existe nela alga Frei Tancredo, que o

homem não tem condições de expressar e vice-versa, de sorte que deve haver troca de bênçãos que os dois carregam nos guardados dos corações.

Vou falar-te sobre o que, de certa feita vi, em estado de oração – senão estado de graça - pela Graça Divina, não por merecimento: duas mãos derramando luzes, como se fossem um trigo luminoso, na cabeça de um casal. Elas brilhavam como o Sol e as duas criaturas absorviam aquilo pelas cabeças, como se um repasto dos Anjos. O homem transformava aquela luz em outra luz. Circulando em todo o seu corpo como se fosse o seu próprio sangue dando-lhe vida. porque vinha da Vida Maior, e a luz tomava colorações de um vermelho encantador, agitante, estimulante. A luz que era derramada na cabeça da mulher, do mesmo trigo divino, transformava-se em um fluido azul, que, de tão lindo, é de difícil descrição, provocando os mesmos efeitos no seu mundo interno. E aquela força visitava toda a sua carne, sem perder lugar que fosse, arregimentando tudo em vida, para a Vida Maior.

O que mais me admirou foi quando olhavam um para o outro com desejos e carinhos, senão de amizade profunda e sincera. Saía da mulher em direção ao homem, pequena chama de luz, não tão brilhante como quando entrou, pela graça de Deus e sumindo em suas entranhas. Ele, tomado de novo vigor, sentia-se feliz e desejoso de viver, mas, viver mais, todo cheio de esperança. A mulher também recebeis do homem essa mesma bênção, da maneira como tinha doado e com os mesmos efeitos.

Esse clarão azulíneo que saía da mulher, no êxtase de amor, para o homem, diretamente à fonte da vida, e o vermelho encantador do homem para a mulher, buscava igualmente o ninho, onde se geram os rudimentos da própria vida do corpo.

Notei a grande necessidade dos dois permanecerem juntos, para não morrerem carentes dessas luzes de Deus, que se transformam nos corações das criaturas e de que cada um sabe fazer a sua própria porção.

A carência de um que se encontra no outro é força que não obedece, pelo menos no mundo em que vivemos, à vontade. Não tem barreiras de filosofia, religião ou ciência. Não teme cadeia, nem armas; não distingue pai, mãe, filhos, nem parentes, companheiros, ou amigos. Não recua diante da força, e não teme ser emparedada. Essa força domina reis e sacerdotes, não recua diante de guerras, nem de rumores de guerras. Não se importa com o tempo, e vence as fúrias dos mares.

Se ela tivesse condições, demandava as estrelas, com o mesmo calor que alcança seu objetivo ao toque da mão. Essa força, meu filho, é o Sexo. Manifesta-se sob variadas formas, mas é o mesmo sexo.

Sabes agora porque não podemos, por enquanto, vivermos, homens e mulheres, juntos em comunidades como a nossa. Não podemos dormir juntos com as nossas confreiras, como fazíamos em criança, por falta de preparo espiritual, por falta e domínio, por não termos ainda domesticado os nossos pensamentos. Já é muito avanço não invadirmos domicílios e não atacarmos nossas filhas, porque os instintos nos religam a isso. O futuro nos dirá o que deve ser feito neste sentido, para que possamos o que deve ser feito neste sentido, para que possamos ser irmãos em Cristo de tudo aquilo que foi criado por Deus.

Eu desejaria que todos compreendessem, e muito mais eu, o mais necessitado, que estamos separados das nossas irmãs em Cristo somente pelo físico, mas, espiritualmente estamos ligados para a eternidade, por precisarmos delas no campo imenso da pregação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e elas, certamente, de nós para formarmos a unidade benfeitora na formação de um ambiente de luz, nas trevas da Terra.

Peço desculpas se falei muito o que não deveria falar. Pede a Deus por mim e eu, particularmente, - Peço a todos que me ajudem a disciplinar a minha língua, e, se for preciso, que a castiguemos.

Frei Diogo, admirador do silêncio e cultivador da tranquilidade, argurnent com ardor:

- Pai Francisco, se fosse de utilidade para nós outros, desejaria ouvi alguma coisa sobre o respeito.

Francisco de Assis, satisfeito com o encontro daquela noite, pelo interesse dos frades em variados assuntos, sorriu internamente e deu graças a Deus por aquela escola em que ele, Francisco, era o mais necessitado. E respondeu a Frei Diogo com dignidade-

- Meu filho, o respeito é um ambiente sagrado, na linha do nosso entendimento. Cada um de nós é parte da vida universal, mas com vida distinta A alma é um verdadeiro mundo, e dentro dela existem leis que devem ser obedecidas a não ser que queiramos sofrer as consequências da nossa ignorância. Certa ocasião quando estive na França com meu pai, visitamos a casa de um velho sacerdote, homem de Deus, que tinha uma grande biblioteca. Lancei mão de um dos livros, cuja leitura sobre coisas da alma, me encantou. Versava aquele valioso livro sobre o que deveríamos fazer para adquirir a autoeducação.
O tópico que mais ficou gravado em minha mente exortava a quem o lesse: "Conhece-te a ti mesmo, que o resto te será revelado". Somente por este ensinamento foi compensada a minha ida à França. Para conhecer semelhante valor espiritual, eu iria a pé, a qualquer lugar do mundo. Se cada um de nós começar a conhecer a si mesmo, redobraremos o respeito para com os nossos semelhantes.
Pedimos a Frei Luiz para lembrar alguma coisa do Evangelho que possa reforçar o conceito sobre o respeito, porque, se falarmos o ano todo, ou a vida toda sem que o Evangelho de Nosso Senhor esteja presente, nada dissemos.

Frei Luiz rememorou por instantes e falou serenamente, como se a alegria estivesse saindo em feição de luz por todos os seus poros:

- Pai Francisco, poderemos nos lembrar de Paulo de Tarso falando aos Romanos, no capítulo quatorze, versículo quatorze, quando assim objetivou:
Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões

Francisco, na alegria peculiar ao seu ser, adiantou com simplicidade:

- Eis aí a fala do Evangelho, de mais profundo respeito. Recomendando-nos a colher o que é débil na fé, sem exigir dele que nos siga e sem a ele impor as opiniões, para não destruir o que de mais sagrado deveremos fazer: a Canda Se respeitamos as ideias alheias, os semelhantes passam a respeitar as nossas, e Deus, a Grande Onisciência, sabe que a verdade condensará as ideias que ficarão nos corações. Devemos esquecer a pretensão e sermos conscientes do que representa a Verdade.
Busquemos, meus filhos, o Cristo todos os dias, para que Ele nos guie e abençoe na nossa jornada.
Frei José, com os seus sentimentos sobremodo integrados na caridade, interrogou com discernimento:

- *Pai Francisco!'... Se for do teu agrado, gostaria de saber o que é a saudade.*

O homem de Assis redarguiu com serenidade, nos modos que sempre acudia aos famintos do saber:

- Frei José, lembraste de um ponto dos mais sensíveis na lavoura dos sentimentos. Ela se divide em duas forças poderosas: a que nos faz sofrer e a que nos faz amar cada vez mais a vida e a Deus. No primeiro caso, quando empenhada em ligar criaturas, e uma delas rompe os laços desta força de Deus, faz com que o abandonado sinta no coração toda a espécie de infortúnios, podendo chegar ao extremo de desastres morais e espirituais. Entretanto, quando a saudade serve de fios invisíveis por onde cone o amor puro de pessoas que se amam e se encontram distantes umas das outras, transforma-se em seiva divina que fortalece mais ainda a unidade dos sentimentos, valorizando os tesouros do coração. A saudade pura não encontra distância no espaço, nem no tempo, criando de tal sorte um vínculo que, mesmo as almas estando separadas, se sentem unidas pela força do amor.
Se estás com saudade e te é ofertado um palácio para que nele te possas distrair, engana-se quem esse benefício te quer fazer, porque será dentro dele que a saudade se avolumará, apesar de todo o bem-estar, por nada haver que se compare ao Amor, que tudo supera. Nada há o que se compare ao ambiente divino da saudade pura. aquela que faz o coração pulsar no peito, como um sol de Deus.
Se alguém te levar a visitar as mais belas metrópoles da Terra, que te ofertem as lindas visões das coisas mais aprimoradas da ciência moderna, ainda assim não te aquecerás daquela imagem que amas e que a saudade te faz lembrar. Se fosses levado Para o reino onde a paz fosse o clima natural, onde não existisse necessidade de qualquer ordem e onde todos vivessem como uma só família, sem perigos para qualquer pessoa, onde o céu

fosse o mais lindo, faiscando de estrelas das mais belas, onde até os Anjos fossem visiveis para todos, mesmo assim - que Deus me perdoe - se não estivesse lá a pessoa que amas, a saudade te faria esquecer tudo aquilo, para te lembrares, com todo fulgor, com toda a alegria, de quem projetou a sua imagem no centro de teu coração.

E essa saudade somente desaparecerá, quando estivermos integrados na consciência de Deus, a falarmos como falou o Cristo: "Conhecereis a Verdade e ela vos tornará livres " . Cultivemos, pois , a saudade, mas aquela saudade pura, que poderá acender, em nós, luzes de todos os matizes, na busca do nosso amor, para que ele, na liberação total dos nossos sentimentos, se interligue a toda criação de Deus.

Frei Luiz, demonstrando em todos os aspectos, grande inteligência e elev н lucidez, inquiriu com respeito:

- Frei Francisco, se os bens terrenos podem ser instrumentos de grande valia em nossas mãos para o bem da humanidade, por que não os firmamos sobre esses valores, para que possamos melhor servir à causa do Evangelho?

Francisco, perlustrando o pensamento em variadas direções da história universal, coletando aqui e ali experiências que dignificam, respondeu com humildade-

- Frei Luiz, essa é uma pergunta que nos faz pensar, e que exige de nós um argumento sadio. Para que não haja falsas interpretações, é bom que repitamos que o ouro em si, nada faz de mal, nem tão pouco de bem. Ele não pensa, não fala, não chora e não escreve; é por excelência um metal nobre, com o qual muito se pode fazer. Se bem conduzido por inteligência educada e sábia, nos colocará nos lugares certos; se em mãos inescrupulosas, será fonte de desastres de difícil contenção.

Podes pensar que a nossa comunidade está sendo educada para o devido desprendimento acerca do dinheiro. Como te enganas! Se lançarmos mão dos bens materiais sob o pretexto de ajudar ao próximo, estaremos fazendo o mesmo que a Igreja constituída de Roma fez; os nossos instintos vão apagando a verdadeira caridade e neste caso, não precisaríamos desta comunidade, cujo alicerce é o desprendimento, por não estarmos preparados na lida com o ouro.

Esse assunto é muito profundo e o próprio Colégio Apostolar do Mestre ouviu dos Seus lábios que, quando fossem pregar o Evangelho, não levassem ouro nem prata; e ainda acrescentou que não conduzissem duas túnicas. Os bens terrenos nos prendem e desvirtuam, por enquanto, nossos ideais, mesmo os mais sagrados. Vamos pensar nos talentos eternos, aqueles que possamos conduzir sem que o ladrão roube ou a traça

corroa. A nossa comunidade existe para reviver a época de Jesus, na sua feição mais pura e mais simples. E disse Ele ainda: que onde estivesse o nosso tesouro, aí estaria preso o nosso coração.
Não podemos viver no regalo da fortuna, nem no ambiente dos prazeres, vida fácil nos acomoda, por ainda não termos atingido a perfeita liberdade. Sei que a tua intenção é das mais nobres que possam existir, mas somente a boa intenção não garate a nossa paz. É necessário saber o que fazer, e fazer com discernimento todas as coisas. A felicidade, bem sabes, não está nos bens terrenos, não se compra, nem se vende, é conquista da alma, passo a passo, e dia-a-dia. E se nos harmonizarmos por dentro, que recebermos de fora vem por acréscimo de misericórdia.
Frei Morico, dispensador da alegria pura como sendo uma virtude e de luz , demandou com satisfação:

- *Pai Francisco, o que é a fé?*

O filho de Assis ponderou nos grandes feitos dos mais abalizados Santos, buscou a Jesus na Sua mais alta expressão de Santidade e afirmou:

- Frei Morico, a fé é a substância das coisas pensadas, nos ensina o grande convertido de Damasco. Essa fé avança em todos os sentidos e sustenta a vida em todas as demandas dos homens e dos Anjos. Onde não existe fé, não pode existir vida; o produto da fé é o milagre da vida. A própria felicidade depende da fé, da sua presença marcante e sutil.
Não poderíamos estar aqui reunidos, com os objetivos que nos animam a todos, se não fossem alguns traços da fé. A fé é, pois, uma força do coração que atrai aquilo que firmemente queremos, sendo infinito o seu campo de ação. Assim como cultivamos na lavoura tudo aquilo que deveremos colher, é nobre e justo que devamos cultivar as virtudes no solo dos corações, que, se bem cuidado, os frutos não se farão esperar.
O ser humano é o que a sua fé determina. Devemos unir os nossos pensamentos, buscando a retidão dos sentimentos, para que na flor das ideias surja a fé, na glória de Deus e no reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se estás triste, busca de novo o teu íntimo e verás que escapuliu, sorrateiramente, a tua fé. Se sentes, por momentos que seja, ódio de alguém, certamente que a tua fé faltou. Se falas mal de alguém, é certo que a fé não se fez presente em teu coração. Se esqueces o amor ao próximo é, pois, a fé que te faltou nas entranhas do ser. Se foste enredado pela ignorância, desfazendo-se das qualidades alheias, podes verificar que a tua fé está escondida nas dobras do ciúme. Se não respeitas os direitos alheios, certo é que esqueceste a fé. Se tu deixas passar despercebida a caridade, o que dizer da fé? Se não te lembraste do Amor, nessas feições mais simples da vida, é porque te faltou a presença da fé.

E por isso, meu filho, que a fé é verdadeiramente a substância das coisas Pensadas, e essas coisas pensadas, para representarem a fé, haverão de ser selecionadas pela presença do Evangelho, porque somente ele sabe dar rumos à fé pura, a fé cristã, à fé de que tanto falava Jesus e que repetiam todos os Seus discípulos. O Próprio Evangelho é obra da fé. Qualquer um de nós que a esquecermos, bem como ^ obras que a complementam, será um irmão que, mesmo andando, está morto, porque ensina a Boa Nova que a fé, sem obras, é morta. É através dela que chegaremos ao Keino da Esperança.

Frei Sabatino, dotado da palavra fácil, interrogou a Frei Francisco:

- Pai Francisco o que é o Amor?

Francisco de Assis redarguiu com alegria, sob o beneplácito da virtude que ele tanto amou, desfrutando deste ambiente divino da sua própria conquista:

- Meus amados filhos!... Esta pergunta do nosso irmão Sabatino nos lembrar sobremaneira do nosso Divino Mestre, em todas as Suas diretrizes quando estagiou na Terra, porque Ele foi a personificação do Amor. Ele é o Amor! Devem ° deixar bem entendido que o Amor tem ramificações variadas nas suas sequências ^ luz, mas a sua missão é libertar o homem e conduzi-lo para Deus, despertar todos sentidos das criaturas, de maneira que todos os seres humanos possam compreenda melhor a vida, conhecendo a si mesmos. O Cristo, em três anos, descortinou Amor, mas a distância evolutiva entre Ele e nós é tão grande, que precisaremos de vários séculos para o compreender e começar a vivê-lo.

Se esta comunidade se desprender de todos os bens terrenos e não tiver Amor nada terá feito perante os nossos compromissos, com os Anjos que nos cercam- se somente pensar nas coisas boas, sem fazer o mal a alguém, nada terá realizado, no percurso das nossas exigências; se trabalhar dia e noite, e o que ganhar, doar aos que sofrem, se não tiver Amor, nada terá feito na conquista da verdadeira paz; se fizer jejum, quase todos os dias, em favor do bem-estar da coletividade, se não tiver Amor, na verdade vos dizemos, que nada terá feito para o bem das criaturas.

Se andarmos com uma só túnica, com somente um par de sandálias, desprezarmos os bordões, e não tivermos onde reclinar as cabeças, se não tivermos Amor, ficaremos todos como éramos antes, quando nada fazíamos; se orarmos dia e noite em favor de todas as criaturas de Deus, com toda a piedade que o sentimento possa expressar, se não tivermos Amor, nada teremos feito para aliviar e confortar os nossos irmãos; se desenvolvermos o dom de curar todos os enfermos e curá-los sem a presença do Amor, essa cura tornar-se-á mera vaidade, será uma cura morta, porque somente o Amor é vivo e dá vida, por ser proveniente da Vida Universal.

Peço a todos que aqui me ouvem que me ajudem a compreender o Amor e a consertar as minhas faltas no exercício do Amor. colocando esse meu Amor equivocado nas bênçãos da disciplina, para que o Cristo me visite e me ajude a amar. Peço a todos vós, companheiros que sabeis amar. que me façais essa caridade, prendei-me, e mesmo me amarrai quando necessário, para que eu compreenda o valor do Amor para com Deus e o próximo.
O Amor é paz, o Amor é entendimento, é Caridade em todos os seu aspectos de educação e de sabedoria.

19
O Servo Querido

Certa época, conversando Jesus com os discípulos, anunciando a Sua ida para as regiões de luz junto ao Pai, João manifestou vontade de acompanhá-Lo, porque O amava muito, e o Cristo sentenciou:

Importa que fiques até que eu volte!

E João regressou novamente, no século doze, na personalidade de Francisco de Assis, para assentar as bases da volta do Mestre. Foi ele quem abalou o mundo com a sua dignidade espiritual, com seu amor sem limites. Foi ele o responsável pelo regresso de grande parte dos religiosos de todo o mundo aos ensinos primitivos do Evangelho.
A figura pequena e franzina de Francisco de Assis carregava consigo Da[1]gagem espiritual que deslumbrava Céus e Terra. Veio viver o Cristo, para que Ele despertasse os corações dos homens.
Francisco de Assis é o mesmo João Evangelista em época e roupagem [1] erentes, o mesmo Espírito de luz, com a mesma missão sublimada de Amor, em nome de Deus e do Cristo, com a sagrada missão de reintegrar a Igreja Católica Apostolica Romana nos caminhos da humanidade e da renúncia, de fazer com que o Evangelho se esplendesse em meio à petrificação, na qual o orgulho e o poder temporal eram reconhecidos como verdadeiros senhores. Ele foi como que uma carta do Mestre no

envelopew do corpo, endereçada aos homens de boa vontade que fossem capazes de l~e-la.

Eis que a lei da reencarnação se faz presente mostrando a eternidade da alma, que volta às lides da Terra quantas vezes forem necessárias.

A grande agremiação já mencionada teve no mundo a importante tarefa de resguardar os preceitos do Príncipe da Paz. Usou os meios que julgou necessários até que o Espírito de Verdade se revelasse pela revivescência do pergaminho divino .No entanto, nesse grande intervalo, os Céus, na consciência de que não poderia ser esquecido o "Vigiar e Orar" do Divino Amigo, de tempos em tempos, enviaram à Terra equipes de Anjos. Assim, a missão dos sacerdotes não ficaria esquecida em sua pureza. Não foram essas as palavras do Alto, condensadas nos dez mandamentos revelados ao legislador hebreu - "Amar a Deus sobre todas as coisas"? O Evangelho' deveria ser pregado à altura do entendimento dos povos, sem avanço temporário mas sem omissões.

Francisco veio suscitar nos cristãos e, em primeira linha, nas autoridades eclesiásticas, o Perdão, a Concórdia, a Humildade, a Fé, a Caridade, o Desprendimento e a Obediência, porquanto, a prática, aliada à teoria, é luz que a Esperança alimenta Não estamos aqui fazendo críticas à organização cristã, à qual o mundo e as criaturas tanto devem. Estamos apenas mencionando os fatos e os meios usados pelo mundo espiritual, para preservar o Cristianismo dos ataques das trevas. Antes, porém, é uma honra para os que tiverem olhos de ver, enxergarem a descida de tais mensageiros do Cristo no seio de comunidade como essa.

Lembramos que o Cristianismo primitivo ficou nas mãos da religião Católica, para que ela desse continuidade ao trabalho do Nazareno. Na escola de virtudes preceituadas pela Boa Nova do Reino, a humanidade poderia encontrar os caminhos da verdadeira paz, pelos próprios esforços. Entretanto, do terceiro século em diante, ela começou a desfigurar a mensagem do Cristo, não por ação consciente dos príncipes da Igreja de Roma, ou dos Imperadores da época. Não houve culpa, tampouco, do povo inculto e insatisfeito, sendo antes esquema da própria evolução...

Como entender a ciência da vida, sem pelo menos assimilar a ciência da Terra? Como amar, sem compreender para que serve o amor? Se a massa humana era representada, em sua grande maioria, por ignorantes, de quem a culpa? Se aceitamos a evolução, e se fomos criados simples e ignorantes, sujeitos ao progresso, tudo está correndo segundo a previsão de Deus e Jesus Cristo. Nenhuma engrenagem saiu fora dos seus limites de ação. A religião mais acertada é a que mais concita ao amor. A verdadeira religião é aquela trabalhada pelos sentimentos, no templo do coração. Ninguém é dono da Verdade; ela se impõe por si mesma, por lei irremovível da evolução. Uma rehgia[0] que aponta defeitos de outra não deveria se chamar religião, mas, sim, escória os sentimentos mais grosseiros, drenados pela ignorância humana. Todas as religiões são raios do

mesmo Deus, com esquemas variados, a fim de despertar nos hom a natureza divina, programada em seu íntimo, pelas mãos do Criador.

Francisco de Assis e Antônio de Pádua compuseram uma das equipes angélicas que desceram dos páramos celestiais para espiritualizarem a humanidade, e nome d'Aquele que sempre foi a luz das consciências. O primeiro, nascido em r na Itália, e o segundo, em Portugal que, entretanto, se fez romano pelo coração.

O nome e a fama de Francisco medravam em todas as províncias e nas consciências dos homens. Era uma presença consoladora e uma fonte de Amor. Foi tomando vulto no seio dos principais sacerdotes da época e sendo respeitado por políticos famosos. Era amado em todos os reinos da natureza: os peixes ouviam suas pregações pela sensibilidade que lhes é própria, as aves cantavam hinos de louvor e assistiam às suas dissertações evangélicas, sem nos esquecermos da conversão do lobo bravio em cordeiro inofensivo. Eis a estupenda força de um ser humano, que tanto amou e continua assistindo a humanidade!

Embora os contraditores quisessem abafar a voz e a obra do missionário de Assis, os seus feitos sobreviveram a todos os embates das sombras. Arregimentou forças de modo indescritível e quebrou as amarras, tanto do lar quanto do mundo, dos seus amigos e do próprio clero vigente, para apresentar-se como cidadão livre, diante da consciência e de Deus, porque era obediente ao Cristo. Francisco de Assis tinha em mira um ideal que, por ordem da consciência profunda e da vontade de Deus, avolumava-se cada vez mais em seu coração: Servir ao Cristo, custasse o que custasse. Tinha, como armas para se defender, a Humildade e o Amor, a Obediência e o Desprendimento. Enriquecera seu campo de lutas, enfraquecendo todos os inimigos que porventura surgiram em seu caminho, tanto os de ordem física, quanto os de natureza interna. Tinha, ao mesmo tempo, o alcance divino e humano, pois entendia com facilidade as duas naturezas, em seu mais alto grau de sensibilidade. Apoderava-se de forças em regime de amor para o bem comum de todas as criaturas. Nunca esmorecia; era a Caridade presente, onde ela fosse necessária.

O coração de Francisco, na opinião de um abalizado teólogo, pouco lhe habitava o peito - era um andarilho nas trevas do mundo, como fonte de luz eterna.

O mundo se contorcia em dor, qual mulher em difícil processo de delivrance. As trevas ocupavam lugar de destaque, até mesmo em certas direções do cnstianismo. Era imprescindível a vinda de grandes missionários, como ocorreu com avinda de Francisco de Assis, com uma corte de companheiros, para reativar o ideal cristão, não abruptamente, mas num trabalho paciente e de renovação.

O vidente de Patmos regressou, fulgurante e feliz, por ver o cumprimento da Profecia do Divino Amigo, quando lhe determinara: *Importa que fiques, até que eu volte.* João ficara na atmosfera da Terra, como vigilante, medindo e temperando o calor evangélico, para que

as ideias do Mestre não desaparecessem, como sói acontecer aos pais em relação aos filhos menores. Depois de estruturadas as ideias de renovação, que avançaram em todas as direções dos continentes, ele mesmo, depois de voltar ao Palco espiritual, em nome de Jesus, patrocinou a vinda de Martinho Lutero, Calvino e outros, para que o Livro Sagrado fosse conhecido no mundo, por todas as criaturas, em distinção, ainda que através de sequentes processos dolorosos. A obra foi irrigada, adubada, colorida, que é a seiva da vida humana e que corre nas veias do complexo lógico. Não fora isso, a religião que tinha em mãos o tesouro divino e o maior patrimônio da história - O Evangelho - desnortearia as consciências torcendo a Verdade de maneira mais propícia à vaidade e ao orgulho. Entretanto, isso não ocorreria devido à presciência do plano espiritual, que enviou o socorro, desviando o curso das intenções indignas, mostrando o valor da personalidade do Cristo. As trevas estabeleceram a Inquisição. A luz, porém, usou-a para enviar os próprios inquisidores em direção a outras casas do infinito, de acordo com os seus interesses imediatos.

Se João Batista foi o precursor do Messias, Francisco de Assis e Lutero f os precursores de Allan Kardec. Sem eles, não seria efetuada a limpeza do ambiente para o plantio de novas ideias, na fecundação da liberdade de sentimentos que influenciou o mundo inteiro, e a Doutrina Espírita não sobreviveria, porquanto a vaidade humana estabelecer-se-ia em todos os países - como ocorreu em alguns - com a oficialização de estreitas ideias doutrinárias. Mas Cristo - comandante do orbe terreno - fez com que fosse cumprida a vontade do Todo Poderoso, nos seus mais simples detalhes

As palavras de Francisco de Assis, de pureza e de alegria, de simplicidade e de amor, embelezavam todo o ambiente, tomando a vida plena de Fé e de Esperança, como um céu nos campos da Terra. Mostrava o porvir da humanidade com os recursos do presente, abrindo para o mundo e para os homens novo capítulo na história, enriquecendo a vida e o nome de Jesus. A poluição, naquela época, já se fazia visível na mente e no coração, de maneira a impedir que os raios do sol espiritual aquecessem os filhos da Terra.

Francisco tivera a missão sublimada de ensinar vivendo e de viver ensinando. Seu exemplo era força poderosa a despertar o interesse do Bem em todas as criaturas, mesmo naquelas que portavam altos cargos nas comunidades religiosas. A evidência dos fatos, dos fenômenos e dos exemplos cristãos tomavam-no cada vez mais agigantado no conceito popular, pois era realmente um homem de luz nas trevas da Terra, tendo fundado várias ordens religiosas, tanto para homens quanto para mulheres. Procurou o meio prático de mostrar aos "doutores da lei" da Idade Média, como deveriam reviver os preceitos do Grande Mestre, quase que totalmente esquecidos na vivência de então, para que seu trabalho pudesse atingir todas as classes...

Sua maior alegria era fazer com que o rebanho de Jesus ouvisse de novo a voz do pastor, pelos recursos já estabelecidos. Tinha imediata ascendência sobre seus comandados e

superiores, pela irradiação de Amor que seu coração fornecia, saindo do símbolo do certo que impunha às consciências orgulhosas e vaidosas, pois, a sua vida reta desconhecia vícios morais.

Diante de sua personalidade superior e de seu grande Amor, os Espíritos menos aquinhoados de luz se sentiam diminuídos. Os propensos à humilda reconheciam a oportunidade da Renúncia, adquirida junto ao mestre. Os mais ignorantes explodiam em ódio que se transformava em vingança, buscando impe toda a frente de trabalhos evangélicos alicerçados no cristianismo primitivo.

Mas quando lhe ofereciam barreira, o poeta dos pássaros as transpunha pela escada das virtudes. Confeccionava em cada degrau, como carpinteiro divino, uma qualidade herdada dos ensinos do Cristo, e a prece o fazia esquecer-se imediatamente de todas as injúrias, que transformava em forças para a edificação sem limites.

Francisco sentia inemovível atração pelo Apocalipse. Quando lia a grande reagem dos fins dos tempos, sentia-se envolvido por sublime arrebatamento, e, regresso ao passado, se via na Ilha de Patmos, rodeado por luzes inexplicáveis e por"vozes ininteligíveis. Quisera, em várias ocasiões, explicar as visões das rofecias; nunca pudera fazê-lo, pois havia sempre um quê fazendo-o esquecer-se de sua ardente vontade. Os discípulos mais chegados adivinhavam-lhe o pensamento e a intuição lhes fazia crer que a Providência Divina não achava conveniente ainda o total esclarecimento.

Certa feita, trocando ideias com o irmão Leão, seu colaborador mais chegado, homem inteligente e probo, espírito já desembaraçado do cipoal da ignorância humana, assim se expressou:

- Frei Leão, em dados momentos me sinto transportado para o Oriente, ocupando um lugar, que me parece uma blasfêmia mencionar, mas sinto constituir um dever relatar para quem me ouve com toda atenção e carinho. Acho justo que participe dos meus anseios mais íntimos que às vezes, me levam à felicidade, somente em pensar. Quando os meus dedos tocam as sagradas escrituras, uma força que desconheço os leva às profecias de João Evangelista, e quando as leio, me recordo de algo estranho, e quando recordo, já sinto o que está escrito e, nesse transe, me sinto o Evangelista na Ilha de Patmos. Depois, me vejo vivendo em Efeso, na grande Igreja mencionada e escolhida como uma das sete casas de Deus, na Ásia Menor. Nesse êxtase, tenho em Maria Santíssima minha própria mãe e sinto-a - este é o fenômeno interessante - ao meu lado, com aquela ternura que deve ser peculiar ao coração da Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Vejo, pelos canais do sentimento, que discípulos do Mestre são meus companheiros, e tenho o Cristo como se fosse meu pai e minha mãe - algo divino que faz parte íntima de mim mesmo.

Silenciou, dando tempo ao tempo para que as recordações pudessem aflorar a sua mente. Frei Leão começou a escrever tudo o que ouvira de seu mestre e este, percebendo, caiu de joelhos e pediu com humildade ao seu discípulo:

- Irmão Leão, rasga em nome da prudência o que anotaste. Meu filho, em nome do Amor, rasga... porque não somos dignos de merecer tanto da misericórdia divina.

Imprimiu tanta humildade na voz, que Frei Leão não suportou. Com pesar, desfez-se dos escritos, mas pediu ao companheiro e mestre que continuasse a narrativa das recordações conscientes dos fenômenos transcendentais.
Francisco levantou-se satisfeito, beijou as mãos do frade amigo, passou os olhos pelos céus, como que buscando os fatos mais vivos no inconsciente e continuou:

- Frei Leão, desde o advento do Evangelho, pelas mãos do Batista deserto, do seu preparo, do cultivo dos caminhos para que o Nazareno encontrasse os meios pelos quais pudesse pregar a Boa Nova do Reino de Deus, do sacrifício a que se submeteu, em garantia da Verdade que anunciava, até o Calvário., nad meu irmão, nenhum destes acontecimentos são ocultos para mim. Eu os vejo na hora em que pretendo, ou em momentos inesperados. Vejo-me pregando o Evangelho do Reino em épocas recuadas com uma nitidez que não deixa dúvidas de que vivemos naquele tempo. No mesmo instante, sinto dentro do peito uma força, um comando gigantesco na mente, que diz termos trabalhos mais urgentes a fazer dentro da comunidade a qual pertencemos, antes de anunciar essas verdades que operam como transformadoras de consciências e reformas de conceitos, derrubando concepções milenárias.
Frei Leão, perdoa-me se com isso estou querendo ser o que não posso, buscar o que não consigo achar, e bater em portas que a altura não me favorece, que as minhas frágeis mãos não podem tocar. Perdoa, irmão, se o que falo é imprudência. Se, porventura, sentes que minto, espanca a minha boca, pelo impulso que as mas dedicadas mãos sofrerem dos sentimentos, que serei escravo obediente ao castigo.
E a ternura que imprimia às palavras era tão sincera, que Frei Leão, que não era muito dado às lágrimas, chorou sem interrupção. Procurou se controlar, mas não conseguiu, pois a grandeza e a humildade daquele ser tão franzino e pequeno, eram tão grandes, que o frade sentia-se um verme diante dele. Com muito custo, pronunciou estas palavras:

- Irmão Francisco, sois para nós da comunidade, se nos permitis declarar, o nosso Pai. A vossa boca nunca fala blasfêmia, vossa voz é carregada de Amor e a cadência nos eleva à Verdade, colocando Deus sobre todas as coisas e Cristo como Instrumento Maior, pelo qual devemos passar para encontrar a Paz. Se desejais que não escreva tudo o que falais,

não o farei; mas estou certo de que não podereis impedir que vossa voz fique para sempre no meu coração, de sorte que as possa ouvir quando pretender. Não me espanto com o que acabais de revelar-me, pois já era bastante familiarizado com essa lei de permutas corporais. Os corpos são como água e sabão que, cada vez mais, fazem a alma iluminar-se. No entanto, carregav algumas dúvidas, que foram sanadas pela vossa própria experiência, na qual confi sem discussões, porque conheço vossa dignidade diante do Cristo e de Deus.

A flor mística de Assis abençoou o seu discípulo, passou de novo suas pequenas mãos nos cabelos de Frei Leão e falou com alegria:

- Leão, uma inteligência anda a passos largos em busca do coração, e quanto a mim, não sou digno de assistir ao encontro destas duas forças em ti. Que Deus nos abençoe.

Frei Leão, sentindo fome das verdades espirituais, implorou ao seu mestre que continuasse a falar... E pediu licença para lhe chamar de Pai Francisco. Quando mencionou pela primeira vez, esse Pai Francisco, correu por toda a espinha de Poeta de Assis uma força inexplicável que, espraiando-se na sua mente, liberou recordações que pareciam misturar-se com a vida presente. E, num átimo, recordou um turbilhão de coisas, conservando-se, porém, calado diante da proposta de discípulo. Frei Leão desafogou o coração como pretendera. Tomava Francisco, daquele dia em diante, Pai de toda a comunidade.
Francisco tocou levemente com os dedos, como era seu costume, no colaborador, e começou a caminhar, sentindo a natureza festejá-lo com os fenômenos comuns, e ao mesmo tempo transcendentais para quem tem olhos de ver. O filho de Assis, quando pousava seus dedos no companheiro, comprimia, se assim podemos dizer, algum botão espiritual, e ligava a sensibilidade do frade, para que ele pudesse ouvir o *Céu* e as melhores confirmações de suas pesquisas pessoais. Observando-se espiritualmente, quando tocava Frei Leão, imprimia na mente do discípulo, sem que o percebesse, uma força espiritual sobremodo inexplicável. A aura do frade tomava proporções descomunais, a sua inteligência se desatava como se tivesse duas cabeças, e, diante de sua lógica, nada escapava. Era um conforto ouvi-lo, pois a sua linguagem clássica ultrapassava o comum dos mortais. Nessas horas, o verbo de Frei Leão tomava uma tonalidade e alguém articulava por intermédio do companheiro.
E Frei Leão começou a dissertar:

- Francisco, as experiências que estais vivendo de Francisco revivendo João, devem-se ao fato de João Evangelista ser o mesmo Francisco de Assis dos nossos dias - essa é uma lei que grande parte da humanidade desconhece, mas que ainda não é hora de propagar no seio dos fiéis da Igreja, de que temporariamente fazeis parte integrante. A vossa presença

e a de vossos companheiros aliviará a depressão de sentimentos, dando um toque de esperança nas vigas basilares da doutrina que começa a ruir. E de vosso conhecimento que os livros sagrados, todos eles, sejam do Antigo Egito, da índia e da China, dos iniciados da Caldeia, e mesmo da Grécia e de Roma, inclusive a própria Bíblia, menciona com nitidez as transmigrações das almas de corpos em corpos. Basta recordar alguns tópicos, Para maior elucidação. Lembremo-nos de quando Nicodemus procurou o Cristo, mformando do Mestre qual o melhor meio para entrar no Reino dos Céus. A resposta oi *Nascer de Novo.* É certo que o nascer de novo não significa que poderemos nos transformar sem que haja tempo suficiente, e uma só existência, na Terra, comparada com as necessidades do Cristo, não representa um segundo no relógio da eternidade.
Então, para nos modificarmos é imprescindível vivermos muitas vezes no mundo, em corpos diferentes e em épocas variadas.

Frei Leão, tomado por uma inteligência fora da matéria, que Pai Francisco identificara de pronto, pois era acostumado a esses transes, respirou profundamente, fez silêncio, como de costume nos grandes assuntos. Mestre Francisco, mudo e lúcida mente agindo como um bem aparelhado laboratório, analisava frase por força do que ouvia, tirava suas conclusões e falava baixinho ao ouvido do sensitivo:

- Continuai, meu filho, em nome de Jesus, dizei o que viestes dizer e que Deus nos abençoe.
Prosseguiu Frei Leão:

- Confrontando Malaquias, no fim do velho testamento, com a afirmação do Cristo de que João Batista era o Elias que haveria de vir, a razão nos favorece a mesma ideia - que poderemos nos revestir de quantos corpos forem necessários para a nossa felicidade. Santo Agostinho, um dos pais da Igreja a que pertenceis, deixa entender a sua ascendência sobre a multiplicidade das formas, por uma só alma-Jó fala abertamente da mudança de corpos e Moisés conhecia isso a fundo, pois era iniciado nas escolas do velho Egito. Buda ensinava esta verdade abertamente para seus discípulos. Sócrates, o mestre por excelência da filosofia espiritualista, conhecia a lei das vidas múltiplas, e seu discípulo Platão encontrava nas vidas sucessivas a justiça de Deus. Pitágoras viveu trinta e tantos anos na Caldeia e no Egito, no meio dos grandes mestres e místicos consumados, e não tinha dúvidas sobre esse assunto, para ele muito comum. Confúcio, o grande sábio chinês, era familiarizado com a volta do Espírito à carne, quantas vezes fossem indispensáveis, tendo a carne como um filtro ou esponja, de modo a absorver as impurezas da alma. Alguns Sumos Pontífices acreditavam na volta do Espírito em outros corpos, compreendendo que a dívida que fizeram na Terra tinha de ser saldada na mesma Terra. Por que a vossa comunidade, Francisco, vai ignorar essa lei? É justo que

tenhais prudência, porque estais comandando um tipo de almas com estruturas diversas das nascidas no Oriente. Que Deus nos abençoe para sempre. Adeus.

Frei Leão despertou meio confuso, mas notou ao seu lado Pai Francisco, que logo mudou de assunto procurando distraí-lo, mostrando-lhe o encanto da natureza. O homem de Assis conhecia a lei da reencarnação, mas manteve relativo silêncio, por notar a intransigência da Igreja Católica Apostólica Romana ante esse dogma transcendental, que vigora em todos os mundos e sobre todas as coisas viventes. Sentiu que a sua real missão era introduzir o Perdão, a Humildade e o Desprendimento seio de toda a comunidade cristã, porquanto ele já era olhado pelos príncipes Igreja como quase um herege e seria ainda mais, se falasse das vidas sucessivas verdade que abalaria todos os dogmas de fé da religião oficial de Roma.

O franzino gigante de Assis era avindo com a Igreja a que pertence quando as bulas e pastorais ensinavam o Amor e a Caridade; porém, se saíssem do clima do Messias, da pureza que o mundo e os homens podiam suportar, ele se perdia no oceano da sua grande humildade, os impulsos do cristianismo primitivo lhe subiam à mente e o coração batia descompassado. No entanto, o poder grandioso de obediência que vibrava em sua alma fazia com que entrasse no padrão do mais temo equilíbrio.

Todavia, não diante dos seus superiores, e a favor da pureza doutrinária âmbito que lhe competia viver, dava a sua opinião. Sabia que influía sobremaneira as consciências dos fiéis, e por esse senso de justiça e de equidade, de elevação dos conceitos cristãos, era respeitado pelos representantes do clero mundial, e até, muitas vezes, temido. Sabia como mestre, interpretar os textos sagrados, e tinha inspiração direta sobre as leis espirituais que deveriam ser difundidas, principalmente na região que lhe servira de berço. Dosava de tal maneira o seu não, frente aos mais abalizados sacerdotes, que lhes faltavam forças para o combate direto. E com isso, o poder e o nome do cantor divino granjeava amizade na sua pátria e fora dela, pela força do Amor.

A comunidade de Francisco somou mais de duzentos mil franciscanos empenhados em fazer conhecido o Cristo, não aquele Mestre crucificado e sofrido. Levavam um Cristo alegre e operante, sábio e livre da ignorância humana, a todas as nações. E Frei Leão, o mesmo Pátius que acompanhara João Evangelista à ilha solitária, cujas faculdades atingiram o ápice, continuou servindo de instrumento para servir o mestre a quem tanto amava.

20

O Encontro Sublime

Foi na Igreja de São Rufino o primeiro encontro espiritual de Clara com Francisco. Ele, naquela noite memorável, se dispusera a falar aos irmãos de Assis. Formosa, nos seus dezessete anos, ela era dona de altos sentimentos, que embelezavam e iluminavam a sua própria alma. Era dotada de candura inexplicável e sua formosura atraía os olhares, por ser sua beleza uma nesga por onde passavam as claridades espirituais. Seus olhos mostravam a quem os contemplasse, a existência do céu e, se não for demais comparar, pareciam duas estrelas, senão sóis, que prometiam a mais alta esperança aos sofredores e aos que se apaixonavam pelos mistérios. Seus cabelos pareciam luminosos, como que servindo de antenas da alma, que buscavam inspirações mais altas para falar aos homens, em todas as direções do entendimento.

Clara era uma ave do céu a pousar na Terra, onde a ignorância se encadeava em todos os países, onde as próprias religiões manifestavam poderes extraordinários, formando guerras e levantando tribunais, cujos frutos eram o sofrimento e a depravação, em nome d'Aquele que era todo Amor e Perdão. Clara era uma flor da mais pura árvore da vida - a árvore do Amor.

Francisco, vivendo na mesma cidade em que nasceu essa moça encantadora, a conhecia desde menina, pois também era de família abastada. Porém, o empuxo espintua destes dois seres somente se deu, quando ele falava no templo de São Rufino.

Francisco estava acompanhado de vários companheiros de trabalhos espirituais, que o secundavam em orações, e o silêncio era a tônica do ambiente. Comunidade já se encontrava preparada para todos os avanços, no sentido de pregar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foram seis meses de convívio Francisco, em regime de urgência, como lhe pedira Jesus, e a amostra de capi anterior correspondia a uma noite de permuta d? experiências, onde a intuiça mais visível do que a própria presença dos frades.

Francisco, sem querer, foi levado, pela destra, para local de destaque na ena capela, por Frei Leão, que lhe sussurrava ao ouvido:

- Frei Francisco, fala, homem de Deus! Fala ao povo que se comprime c anseia pelo teu verbo!

Frei Luiz, notando que o momento era propício para novas revelações, chegou igualmente junto a Pai Francisco e falou com contentamento:

- Fala, Francisco, das visões que sempre tens, das almas que te pedem para que *vás* às *cidades onde,* quando no *corpo, moravam.*

E Frei Luiz insistiu muito ao ouvido de seu companheiro, pedindo que começasse o discurso com a citação de Atos dos Apóstolos, capítulo dezesseis, versículo nove.

Francisco iluminou os olhos e cresceu em entendimento, pela lembrança de Frei Luiz. A Igreja estava cheia, e do lado de fora acotovelava-se a multidão para ouvir-lhe a palavra. Sozinho, em pequena saliência à guisa de tribuna, falou com simplicidade:

- Minhas irmãs, meus irmãos em Jesus!... Que Deus nos abençoe e ilumine a todos e que nossa Mãe Maria Santíssima nos proteja sempre. Quero iniciar minha fala, citando passagem evangélica, conforme solicitado pelo nosso amado companheiro Frei Luiz.

E prosseguiu, repetindo a passagem sugerida por Frei Luiz:

- A noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedónio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedónia e ajuda-nos.

Pelo que nos mostra o Evangelho, há grande preocupação das almas, para que ele seja pregado onde elas nasceram, na terra em que elas tiveram, pela primeira vez, v'sao dos céus e das estrelas, e respiraram o ar, beberam a água e se alimentaram.
Quem tem coragem de contradizer Paulo, nesta assertiva divina? Podemos é Ca'ar, como fizeram tantos outros, mas não vamos fazê-lo. Vamos, sim, falar! Digo-os, com todas as forças de minha alma, que eu também ouvi, não por merecimento, mas por misericórdia; não por ser agraciado, mas por compaixão de Deus; não por 2er algo de bom à coletividade, mas por ser o mais necessitado dos homens. Ouvi, eus 'rmãos, muitas vozes a me dizerem:

- Francisco, venha pregar com os seus companheiros também em minha casa- Recebi pedido para pregar em: Arezzo, Siena, Florença, Toscana, Lorena, Salermo, Sorbaia, Lecce, Cassino, Verona, Vicenza, Pádua, Veneza, Ravena Brescia, Gênova, Fiesole, Espoleto, Osimo, Ancona. Rieti. Perúsia, Bárb até mesmo em Roma. Esperamos visitar esses lugares em nome de Deus sob as bênçãos de Jesus Cristo.

Nas vibrações desta fala, Francisco identificou dois grandes olhos o fitavam com ansiedade. Clara o olhava hipnotizada pela sua palavra eloquente e pela sua presença simples. As poucas palavras que dissera encadeavam-se em torrentes de esperanças para o coração daquela jovem deveras fascinante.
Ao olhar para Clara, Francisco sentiu emoção diferente da que os jovens comumente, sentem ao avistar o primeiro amor. A emoção estava mesclada corri o mais puro sentimento: aquele amor que desconhece o ciúme, no qual não há vaidade, onde não existe paixão, onde desaparece o egoísmo, não se pensa em orgulho, e não se fala em imposição.

Clara estava ali como uma flor, ao encontro do sol, do vento e da água e quando notou que Francisco a fitava em demorada contemplação, esqueceu-se da vida, sentindo-se banhada por um sopro divino, envolvida pelo olhar que nunca mais esqueceu. Sua emoção espiritual transmutou-se em felicidade para Francisco de Assis, que deu continuidade ao seu sermão, com serenidade:

- Minhas irmãs, meus irmãos em Jesus Cristo! Além de fazer a vontade destas almas de todos esses lugares que nos pedem para pregar o Evangelho em suas terras, vamos cumprir outro mandato que o próprio Evangelho nos pede e nos ensina em favor dos que sofrem e dos que choram. Ouvi do nosso querido Frei Luiz, que possui memória privilegiada, o registro de Paulo em sua primeira epístola a Timóteo, no capítulo quatro, versículo quatorze:
Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concebido mediante profecia com a imposição das mãos de presbítero.
Vamos impor as mãos nos enfermos, pedindo a Deus, para eles, a cura. Vamos impor as mãos nos endemoniados, para libertá-los das angústias. Vamos impor as mãos sobre os encarcerados, para que eles melhorem os corações e sobre os infortunados, para aliviar os seus fardos. É do agrado de Jesus Cristo que nos confraternizemos uns com os outros, amando os nossos semelhantes como a no mesmos e amando igualmente a Deus.
A Comunidade de que fazemos parte tem o dever de levar a espera ç aos sofredores, pão aos famintos, vestes aos nus, consolo aos encarcerados, o maior dever em Jesus Cristo de dar o exemplo de amor antes da palavra, caridade com obras, porque desta maneira poderemos comover os que estão nos palácios, fartos de tudo, mas, inquietos de consciência. Vamos amar! Temos de amar constantemente, sem nada exigir, para ver se comovemos os políticos, os teóricos religiosos e os ociosos da ciência, no que tange aos direitos humanos, ao nivelamento das criaturas de Deus. Temos de viver juntos com todos os infortunados, dia-a-dia, para que eles também passem a compreender a grande necessidade da educação, da Veraneia e da confiança em Deus.
O orgulho no rico é esperado, mas no pobre é falta grave, porque a pobreza já instrumento para que o pobre entenda o valor da verdadeira humildade. O egoísmo no rico é esperado, mas o pobre egoísta comete falta grave, porque a pobreza no sentido a que nos referimos, é para educá-lo nas linhas do desprendimento.
Meus filhos, amamos a pobreza fielmente, mas não a inércia; amamos a pobreza, mas não a miséria nem a sujeira; amamos a pobreza, mas não a ignorância. Deus nos criou no seio da abundância de tudo o de que precisamos; contudo, na fase que atravessamos, devemos renunciar ao que sobra, repartir o que temos, doar o que vem a nossas mãos para os que sofrem e padecem em todos os rumos, para que Deus, no amanhã, nos coloque no paraíso, onde nada nos faltará, porque aprendemos a lição de Amor.

Vamos começar por nossa casa. Nós que nascemos aqui nesta linda cidade de Assis, onde nos foi dada a luz, temos o direito a um teto, o direito de nos alimentar, beber, nos distrair, de viajar e de nos confraternizar entre famílias. Todavia, esse mesmo direito abre a nossa frente um extenso roteiro de deveres que, por vezes, nos esquecemos de cumprir: do trabalho honesto, da educação constante, da disciplina diária, do perdão incondicional, da amizade, do respeito às leis de Deus e dos homens, da paciência com os ignorantes... E ainda os deveres maiores de falar sem ferir, de ouvir o que não desejamos sem revolta, de pensar coisas nobres, de escrever páginas instintivas, de respeitar a natureza, de amar aos animais, de silenciar ante os males alheios...

Se não for para observar essas regras, o que viemos fazer nesta Igreja? O que viemos fazer nesta comunidade onde se reúnem muitas criaturas em nome de Deus, de Cristo, e de nossa Mãe Maria Santíssima? O que vale decorarmos orações e mais orações neste templo de Deus, se ao sairmos daqui não toleramos uma pisada, uma agressão inimiga, um insulto dos que nos odeiam, um marido nervoso ou uma mulher desajustada, um filho depravado ou um parente que não nos tolera? Viemos aqui, meus filhos, para buscar forças, no sentido de restabelecer em nós a tranquilidade diante de todos os infortúnios, e vencer todos os obstáculos.

Bem sabemos que a nossa natureza é animal, que os nossos instintos são inferiores e agressivos, e que essa educação somente deve partir de nós, pois os valores da alma, depois que Deus no-los deu, são conquistas do nosso próprio esforço de cada dia. Deus e Cristo nunca nos abandonaram, mas Eles não podem e não devem fazer o que a nós cabe realizar.

Quem ler e entender o Evangelho em espírito e verdade, encontrará nele Deus e o céu, os Anjos e o próprio paraíso, tudo a nos esperar, aguardando que mos a nossa parte, para recebermos o prêmio da felicidade. Nada existe dsesprezado no amor de Deus, que espera de nós a compreensão, e ainda nos dá meios de compreender. Vede a bondade de Deus na eternidade!

Fez uma pausa, olhou para todos os assistentes, e tomou a encontrar os olh de Clara fitando os seus. Sentiu o coração diferente e entendeu que aquela prese °s não era igual às outras. Existiam fios invisíveis interligando seus sentimentos senâ os corações que pulsavam no mesmo ritmo. Era o Amor mais puro que se poderi pensar. Clara, naquele instante, sentiu que o mundo era pequeno para que pudesse trocado por aquele momento de felicidade. Encontrou ali o que procurava no imo d'alma. Aquele Francisco, filho de Bemardone, homem opulento, dos mais ricos de Assis, era um nobre que trocara a nobreza para sentir a humanidade, e viver sem família definida, tendo, em todos os lares, o seu próprio lar.

Aureolado por cambiantes de luzes indescritíveis, Francisco tomou a falar, com bondade e carinho:

- Queridos filhos espirituais!... Como é bom conviver convosco neste ambiente de fraternidade legítima! Encontro em cada criatura que me assiste por bondade, a segurança de que preciso para as tarefas que me propôs Nosso Senhor Jesus Cristo. Peço a todos que me ouvis que, ao sairdes daqui, não vos mostrais desinteressados pela luz do coração. Procurai na sequência das horas, melhorar em todos os sentidos e anular o mal que ainda existe em cada um de nós, como princípio de ajuda ao Bem que deseja entrar em nossos corações.

Se estamos acostumados a chegar em casa, altercando com os nossos familiares, que sejamos brandos ao falar e pacientes ao ouvir, nunca exigindo dos que ficaram sujeitos ao peso da vigilância de um lar. Procurai ajudar no que for possível, ao chegardes em vossas casas. Vossas consciências dirão o que deveis fazer para a própria tranquilidade e não queirais impor o que aqui ouvistes aos que aqui não estiveram. O melhor meio de ensinar é, pois, o exemplo.

Se fordes empregados, procurai amar o patrão e ajudá-lo, porque ele de qualquer forma, está vos ajudando a viver. Se fordes patrões, não vos esqueçais dos vossos empregados, porque eles estão vos ajudando a manter o vosso padrão de vida.

Vamos confiar mais em Deus e obedecer às Suas magnânimas leis. Se trabalharmos em favor do Bem, esse Bem virá ao nosso encontro, esta é a lei. Sou o mais necessitado de aprender, e aceito corrigendas daqueles que queiram me corrigir, pois quero aprender com Jesus. A nossa comunidade cristã vai partir, através dos seus seguidores, dos seguidores do Cristo, para toda parte do mundo, pregando o Evangelho e procurando vivê-lo, para que a luz do Amor e da Caridade cada ve mais se acenda em favor de todas as criaturas. Muitos querem nos seguir, e nao exigimos que o façam, mas os que vierem deverão obedecer às regras apoiadas por Sua Santidade, o Papa Inocêncio III, com beneplácito da Igreja de Deus, através seus mais abalizados representantes.

Francisco emudeceu o canto Evangélico. Uma brisa suave correu no recinto da Igreja e um leve perfume aromatizou o ambiente do templo e todos sentiram conforto nos corações. Neste enlevo de pregador, o homem de Assis apoiou seus joelhos nas lisas pedras do piso acolhedor e orou com emoção num gesto de humildade, no que foi acompanhado por todos os assistentes:

- Grande Artífice da Verdade!...

Aqui estamos, nesta casa do teu coração, como servos penitentes em busca da perfeição, e queremos encontrar os meios, que nos fogem da razão.

Pedimos-Te a paz, Senhor, mas que ela não nos venha na feição da

preguiça.
Pedimos-Te a luz, mas não permitas, Senhor, que ela nos leve a cruzar os braços no conforto das claridades.
Pedimos-Te, Senhor, que nos ajudes a perdoar, sem nos afastar aqueles ue, por vezes, nos ofenderam.
Pedimos-Te, Grande Força do Universo, Amor, mas muito amor, sem que le exija algo de alguém.
Pedimos-Te, Senhor, que nos dê o pão de cada dia, sem que esse pão nos leve ao egoísmo, e que possamos reparti-lo com os que têm fome.
Pedimos-Te, Senhor, consolação, porém, que nos ajudes também a consolar os tristes e os desesperados, todos os dias.
Pedimos-Te, meu Deus, Deus nosso, que a saúde se instale em nós, mas ue não "nos esqueçamos de ajudar os enfermos.
Pedimos-Te, Senhor, o teto, mas, ajuda-nos a abrir as nossas portas aos sabrigados.
Pedimos-Te a Tua companhia permanente, todavia, ajuda-nos a acompanhar os deserdados, os órfãos, os atormentados, os viciados, os criminosos, os leprosos, os famintos da Tua Luz, porque sabemos que, sem esse convívio, de da nos valerá pedir-Te o que almejamos.
Jesus, abençoa a nossa razão e clareia os nossos sentimentos, no afã de ntirmos a luz da Verdade e multiplicá-la pela presença dos nossos exemplos.
Maria Santíssima, seja a nossa luz, para que o Amor brilhe dentro de nós como o Sol da vida.
Abençoa-nos todos, os nossos familiares, a humanidade inteira, os assaros, os peixes, os animais e a Terra em que vivemos.

A igreja de São Rufino, repleta, jamais vira tamanha emoção espiritual como ^aquela noite. Os que assistiram à fala de Francisco estavam com as almas elevadas esperança. O Evangelho de Jesus Cristo se mostrava como era, verdadeira porta Para a felicidade. Padre algum pregava os preceitos do Mestre como aquele frade, por sinal filho de Assis, homem destemido ante a Verdade e pacifista diante da ignorância.

Francisco e seus companheiros saíram pelos fundos, mas o povo os cer abraçando e beijando aquele moço como que a um Anjo, que liberava em tomo de si algo de alegria e de paz para todos os sofredores. Daí a poucas horas, toda a cidade de Assis era sabedora da pregação do Evangelho proferida por um de seus filhos.

De dentro da igreja, somente uma pessoa saiu sem procurar o pregador- Cl embargada de emoção, por ver e sentir tanta luz espiritual. Seus pensamentos buscavam em todas as direções o porquê daquela atração por aquele homem simples como as pombas e prudente no falar como as serpentes. Esquecendo-se de sua condição de nobreza saiu apressada, entrou em sua residência, trancou-se nos seus aposentos, e, jogando' se na cama, sobre alvos lençóis, chorou sem parar... Chorava de medo, chorava de saudades!...

Chorava de amor, chorava de felicidade!... Chorava por sentir o encontro no seu caminho, e adormeceu, entregando-se aos braços dos anjos.
Francisco e seus companheiros saíram em demanda do acampamento Em sua mente surgia, de vez em quando, a imagem de Clara com aqueles olhos da cor de verniz, cuja luz o fazia cismar em seus sentimentos. No silêncio que ninguém ousara quebrar, monologava com prazer:

"Senhor, por que essa criatura, me fita por dentro d 'alma e me acompanha sem que as distâncias a interrompam? Que Deus a abençoe onde estiver, e que a coloque em lugar onde a nossa Mãe Santíssima possa vigiá-la, com as suas bênçãos e o seu amor. Conheço Clara e sua distinta família, mas estou desconhecendo o destino do seu coração. Permite, Senhor, que seja na Tua paz, e na paz de Cristo. "

Aquela foi uma noite de grande alegria para todos os frades, não somente pela presença do Espírito Santo nos lábios de Francisco, mas também pelo Amor por ele demonstrado a todas as criaturas. Cada vez mais, seus discípulos se conscientizavam de sua grande missão diante da humanidade. E todos cantaram hosanas ao Senhor. Naquela noite, Francisco não pôde dormir.
Alguns frades dormiam em camilhas e outros no próprio chão. Francisco, alta madrugada, punha-se em cuidados, como testemunho de seu Amor para com os companheiros de jornada; fazia-se pai e mãe da comunidade inteira, cobrindo um aqui, outro acolá, entoando hinos de louvor a Deus em sons pouco audíveis para não acorda-los. E agradecia a Jesus pela paz que desfrutava, ao ver todos os seus filhos espirituais reunidos, em um só ideal: o de servir à grande causa de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Naquela noite, o céu se apresentava mais lindo e profundamente encantador Francisco, místico e poeta por natureza, agradeceu a Deus, pela bonda misericórdia de colocar tantas lâmpadas a iluminar o infinito, de perfumar o ambiente Terra por intermédio das flores, de fazer circular o ar por toda a Terra, como garanatia da vida. A sós, em êxtase, agradecia ao Criador por tudo o que existia no mundo.
Terminada a louvação, seus lúcidos olhos deixavam escapar turbilhões de lágrimas, como resposta da alegria do coração que ama verdadeiramente, sem limites e sem exigências. Inclinou-se para o chão, iluminado pelo pálido clarão da lua, e beijou efusivamente as pedras que serviam de almofadas aos seus joelhos.
Não se sabe quanto tempo permaneceu nesta postura de gratidão. Ao sair dali alta madrugada, dir-se-ia que o vento e as árvores manifestavam seu quinhão de louvor por aquele homenzinho desfigurado aos olhos dos poderosos da Terra. Francisco, pelo prazer desfrutado com a prece aos Céus, renunciando ao catre e à pousada onde ressonavam os discípulos, encostou-se do lado de fora da comunidade, falando consigo mesmo:

"A natureza é a melhor casa. Não é nela que moram as árvores, minhas irmãs?Não é nela que vivem as aves, as flores e todos os animais? Não ê nela que tudo o que vive acha acolhida? Por que eu, mísero pecador, não posso lhe fazer companhia? "

Recostando-se ao pé de um arvoredo amigo, buscou uma pedra ao lado, como travesseiro, e argumentou, no silêncio da noite:

"Eu ainda estou achando uma pedra para reclinar a cabeça, o que meu Mestre não tinha. Mesmo que não queiramos, somos impulsionados ao conforto. "

Acontece que corvos do plano astral inferior aproximaram-se de Francisco para o tentar. Era uma pequena falange de Espíritos sensuais que, circulando o corpo do *Poverello,* pôs mãos à sua obra diabólica, de tentação ao gênio da renúncia e da bondade. Três guardiães da natureza, de proporções impressionantes, acorreram em defesa de Francisco, mas, como por encanto, apareceu-lhes um Anjo que lhes falou com doçura e amabilidade, sem que os irmãos das sombras percebessem:

- Deixem que Francisco seja atacado; é necessário que por ele, os Céus se manifestem com a renúncia: da mulher ao sexo, da roupa ao palácio, da ignorância ao saber, da família à humanidade, do homem comum aos reis, dos padres ao papa, do teto da natureza às grandes basílicas. Não interrompamos, mas fiquemos atentos para que nada passe dos limites, de forma que o abuso das trevas não se transforme em esquecimento dos Céus, em favor dos que trabalham para a Luz do mundo.

Os três curvaram as cabeças diante do mensageiro do alto, afastando-se. falange do Mal investiu da maneira que lhe aprouve, fazendo desfilar mulheres nuas na retina espiritual de Francisco, sendo canalizadas todas as formas com o devido magnetismo, para alguns centros de força do *homem de luz.* Algumas irmãs do mundo invisível deitaram-se rente ao corpo do *poeta das estrelas,* fazendo reboliços, aos sons de ritmos inconfundíveis e inconfessáveis; passes eram dados de forma estranha no percurso da base craniana até a região sacro-espinhal, controlando respiração e gestos. Depois, de mãos dadas em tomo da árvore que servia de leito para o *viandante da paz,* as trevas cantaram seu hino de vitória em movimentos sensuais, por terem cercado Francisco de Assis, deixando somente uma saída perdição do mundo.
Francisco acordou em desespero, olhou em torno de si e, dotad profunda sensibilidade, viu todos os visitantes do Mal, vestidos como demônios da sensualidade; quis levantar-se, mas não conseguiu; pensou em orar, porém a voz não saía. Só podia pensar, e esse dom ele usou com segurança, pedindo a Deus e a Jesus recursos para se livrar do Satanás e sua corte, que o instigavam para o Mal. Na rogativa mental, chorava, qual criança com

fome. Depois da oração conseguiu levantar-se e falar; no entanto, observava que algo estava diferem ' sentindo estímulos sem precedentes para o sexo. Avançou um pouco para a frente' pensando em Jesus, retirou da cintura o cordão sagrado, jogou para o lado o manto ¿ vergastou, sem piedade, o órgão genital. Deu mais alguns passos em pleno colóquio com os Céus, e, notando a sinistra comitiva ao seu lado, ajoelhou-se novamente no solo e com dificuldade, fez uma rogativa em voz alta a Deus. Nisso, alguns transeuntes da boêmia foram atraídos, reconhecendo o velho companheiro; todos sorriram e cantaram, manifestando ao *Poverello* a sua alegria; este, estático, quase não os ouvia Terminada a rogativa, arrancou o resto da roupa que ainda lhe cobria a parte do corpo, olha para um antigo canteiro de rosas no qual somente restavam galhos e espinhos, por não ser época de flores, e, completamente nu, jogou-se no acolchoado de espinhos e galhos, debatendo-se e rolando de um lado para outro.

Ao sentir os espinhos penetrarem em sua carne, a natureza inferior se arrefeceu e, quando se lembrou que o Mestre havia sido igualmente coroado de espinhos, foi tomado de grande alegria e amor por aqueles seres invisíveis que assistiam ao espetáculo da renúncia.

Naquele instante, uma luz desceu dos Céus. e, batendo no peito de Francisco, iluminou-lhe todo o corpo. Diante daquela explosão feérica e policrômica, tanto os inimigos do Evangelho, que tentavam inspirar Francisco para as trevas, quanto os seresteiros, saíram em debandada, sem olharem para trás. Francisco levantou-se com alegria, agradecendo ao Senhor; abençoou os espinhos da roseira coloridos do vivo sangue de seu corpo, e partiu, já quase ao alvorecer do dia, para junto de seus irmãos, sem reclamações nem tristeza.

Ao chegar, acordou a todos como um general que volta da batalha com a palma da vitória, dizendo:

- A paz seja convosco, meus filhos.

Cantarolando um hino aos Céus, por estar vivendo na Tena, começou fazer a limpeza da casa e o primeiro desjejum para os *Comunitários do Amor.*

Sol já alto, aqueles homens que assistiram ao espetáculo de Francisco Assis, ensanguentado nos espinhos das roseiras, começavam a contar o suce avolumava-se grande caravana para ir ao lugar, pensando que ele houvesse sucumbido. Encontraram, com espanto, o roseiral florido somente na área em que se deu o fato, com estrias cor de sangue vivo nas pétalas, dando a impressão de Crerem falar de Amor.

Toda a cidade abalou-se com o fenômeno, de maneira que, ao entardecer, até a terra onde brotavam as roseiras, já havia sido carregada, de sorte a servir como medicamento para todas as espécies de enfermidade. Eis aí um dos fenômenos do espírito que, na sua última reencarnação, tomou o nome de Francisco de Assis, como raio de sol divino, para aquecer

as almas no gelo da indiferença, que sentiu o Amor do Cristo no seu mais alto grau em que se pode filosofar.

Francisco e seus discípulos começaram a andar, pregando o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, por vezes, pediam de porta em porta para abastecer a comunidade e doar aos pobres que encontravam ou que iam bater às suas portas. Nada era deles; pediam e davam. No entanto, na hora de pedir, doavam algo de espiritual para os doadores de coisas materiais; não se esqueciam do sorriso, da gratidão, e ainda oravam por eles, quando estavam em conjunto.

Francisco, depois de preparar os discípulos nos conhecimentos evangélicos e nas suas regras de conduta, enviava-os, como fez Jesus, de dois a dois, a todas as cidades da Itália, no primeiro avanço, para depois, serem enviados para o mundo. De vez em quando, voltavam ao convívio em Assis, com saudades dos irmãos da Comunidade. Vinham ansiosos para contar as histórias e os fenômenos que aconteciam nas suas andanças.

Francisco era o eixo da Comunidade, que acabou levando o seu nome, como segurança doutrinária para os seus profitentes. O filho de Pedro Bemardone enviava seus discípulos para as cidades que as almas pediam; porém, reunia-se com os seus companheiros em partida, e os fazia lembrar muitas vezes os dois mandamentos que transformaram a lei mosaica. E ainda reforçava:

- Meus filhos!... Lembrai-vos do dever de servir, e trabalhai sempre onde estiverdes, para não serdes pesados a ninguém. Antes, reparti o que tiverdes com os que precisam; não vos esqueçais dos enfermos, dos estropiados, dos presos, dos leprosos, das mães aflitas, das viúvas sem proteção e dos animais. Abençoai os Que roubam e nunca vos levanteis do leito sem primeiro orar. Jamais vos deiteis sem Pimeiro vos entregardes à prece, agradecendo ao Criador de todas as coisas a vida e tudo o que recebemos da natureza.

Observai o que falardes aos outros, para que a língua não sirva de motivo escândalo. Sempre que o companheiro adoecer, dai-lhe toda assistência, com deslevo e carinho, tudo fazendo a ele como se fosse ao próprio filho.

Estamos em urgência de renúncia e não poderemos nos esquecer da humildade dia em todos os momentos, da fé em todas as horas, da caridade entre todas as respirações do dia. Todas as vezes que partirmos para algum lugar, peçamos a Jesus para ir à nossa frente, os Anjos do Senhor nos ajudem a pensar e a fazer o que deve ser feito.

Nunca vos esqueçais da Mãe de Jesus, pedindo a ela as bênçãos da confiança e o ambiente do Amor, que devereis despertar em vossos corações.

Todos saíam com essas advertências. Falava Francisco muitas vezes mesma coisa, para que fossem gravadas as diretrizes, e lembrados os preceitos Cada grupo levava consigo o pergaminho de luz da vida de Nosso Senhor.

As vezes, recebia notícias dos seus discípulos e regozijava-se de alegria pelos exemplos elevados, marcados pelas suas condutas.
Desde o dia em que falara na igreja de São Rufino, Francisco não esqueceu mais os olhos de Clara, que o fitavam na mais alta emoção que os sentimentos podem manifestar. Certa tarde, encantado com a natureza, saiu cantarolando uma canção observando os pássaros, sem se esquecer de contemplar os céus. Sem que esperasse sentiu uma mão pousar de leve em seu ombro, e dizer: "A paz seja convosco".
Ele, que estava quase em êxtase, tomou noção de si mesmo e olhou: era Clara acompanhada por uma servidora da sua casa, que logo se desfez da acompanhante Francisco respondeu aos cumprimentos, tocado de alegria. Clara, sem condições de conversar, deu a entender que ele falasse alguma coisa, e o filho de Bemardone usou da oportunidade, sem rodeios, cordial e sincero:

- Clara!... Minha filha, somos nascidos nesta Terra acolhedora e bendita. Talvez tenhamos nos encontrado muitas vezes, sem que o coração manifestasse os nossos ideais. Mas, agora, crescemos, e nossas almas falam da realidade que a vida espera de nós.

Vimo-nos na igreja de São Rufino e certamente notaste o meu ideal ante o chamado de Nosso Senhor; não fosse peso demasiado para os teus ombros, chamar-te-ia com todas as forças de minh'alma: Vamos! Sei que estás tomada de inexplicável emoção aos olhos do mundo, mas sei também que abrigas no coração forças desconhecidas até para ti mesma, que poderão elevar teus ideais às alturas inconcebíveis da Terra, a sentir a grandeza de Deus.
Não quero contradizer as coisas do mundo, pois Deus sabe o que deve ser feito dele, usando de tudo para um todo de paz: entretanto, ele para nós esta cheio de ilusões, que à primeira vista nos fascina e nos mostra, em todas as direções, uma felicidade passageira. Nascemos sob a égide do ouro e em nossas veias corre um sangue, que dizem ser nobre. Vivemos, como ainda vives, em palácios, com criados a espera de ordens, para que a nossa vontade se cumpra. Graças a Deus, já me libertei do fardo incômodo das riquezas, da opressão de meu pai e dos compromissos de família. Minha mãe, deves conhecer, é um Anjo, assim como Jarla e Foli. Essas três mulheres me ajudaram muito na minha formação e me inspiraram na beleza da vida que estou vivendo. Suas presenças me elevam e eu recebo algo imerecido daqueles corações que me amam, e que nada pedem de mim.
Que Deus as abençoe, bem como a meu pai, e que Jesus Cristo os ajude viver bem. Mas, quanto a ti, a diferença é enorme, Clara! Sinto que ma vida se entrelaça na minha em altos sentidos, que o próprio coração tenta esconder, ara que não saia das necessidades humanas. O teu olhar, na igreja de São Rufino, escreveu algo em meu coração, que nunca

poderei esquecer, fazendo-me lembrar de coisas que não são deste mundo. Acho que Frei Luiz estava muito certo quando me revelou que vestimos corpos como fazemos com as roupas, mas a alma é sempre mesma. Isso deve ser uma realidade que o futuro está encarregado de anunciar, pelos quatro cantos do mundo, para que sirva de consolo a todas as criaturas que sofrem, choram e padecem todos os tipos de infortúnios. Nós nos conhecemos de longa data, que se perde nas dobras imensuráveis do tempo. A vida é um mistério, que somente nos é revelado pelos processos do Amor; quanto mais a gente ama, no quilate do Amor que nada pede, mais ficamos sabendo das coisas escondidas dos que desconhecem essa virtude por excelência.

Ouço, Clara, a voz do nosso Mestre Jesus, e Ele já traçou o meu caminho, que é o caminho da obediência, do desprendimento, do trabalho, da paz, da esperança, da caridade, e, acima de tudo, o caminho do Amor; não posso deixar a Sua companhia, para que eu não erre o caminho. Já existem em tomo de três centenas de homens, que compõem a nossa Comunidade, já sabendo todos o que devem fazer das próprias vidas. Outro tanto de mulheres nos procuram, querendo participar deste movimento de Cristo; entretanto, quanto a isso temos silenciado, esperando por alguém que possa dirigi-las, com a presença de Jesus. E agora, sinto que esse alguém és tu.

Serás iluminada pelo dom do Amor, que já reside em *ti,* de forma a esperar a voz do Cristo, e d'Ele terás as diretrizes, de maneira a seguir com coragem, e aquelas que te acompanharem serão tuas ovelhas, e, quem sabe, mamãe e Foli estarão entre elas? Jarla talvez não alcance essa felicidade aqui na Terra, mas Deus, em Sua Bondade e Amor, dar-lhe-á, onde for conveniente, a paz merecida.

Francisco fez uma pausa premeditada, para dar tempo a Clara de raciocinar e sentir a Verdade. Quando viu sua emoção, convidou-a para um passeio naqueles arredores, acenando para a acompanhante e pedindo para que ela juntasse a eles, como testemunha do que ele deveria dizer.

Os três andaram naquele ambiente de altas considerações, onde reinava Pleno silêncio. Francisco esperou que Clara manifestasse as suas ideias, mas esta nada disse; continuava sem pronunciar uma palavra sequer, como uma planta sequiosa de água. Nessa circunstância, Francisco falou benevolente:

- Clara!... O ideal do homem e da mulher no mundo é formar um lar, e esse lar, é por assim dizer, uma semente de Deus, que garante a continuidade das criaturas humanas. Isso é maravilhoso, é mesmo divino; entretanto, minha filha, existem aquelas pessoas que vieram ao mundo para servir, como no nosso caso, e sua família se chama humanidade. A nossa família, Clara, são todos os animais, aves e peixes, tudo o que Deus fez e que vive no Universo. Não que falte em nós o impulso das coisas da Terra; ele nos manda

fazer o que os outros fazem. O instinto sexual não tem barreiras e não obedece a leis, atendendo somente à sua própria satisfação.

Todavia, no nosso caso, ele deve obedecer aos ditames do Amor mais puro e ouvir a disciplina mais rigorosa do empenho com Jesus Cristo. Estamos em tarefa de urgência de exemplos dignificantes daquilo que pregamos e que o Evangelho nos ensina. És bela, mas a formosura da tua alma suplanta a do corpo. Vives em palácio e tens criadas ao teu dispor, mas, digo-te que tudo isso é passageiro; somente eternas são as coisas do Bem, a função caritativa e as leis que o Evangelho nos revela.
Es jovem, e certamente não podes assimilar, na profundidade desejada os preceitos do Nosso Senhor Jesus Cristo. No entanto, a Sua voz te chama para as coisas dos Céus, que vieram reformar e dar cumprimento aos anúncios do Seu verbo de luz. Que a voz d'Ele seja a tua, que a vontade d'Ele seja a tua e que Seu amor se manifeste em teu coração, na proporção em que a tua vida cresce para Deus.
Volta para tua casa, pensa no que ouviste e obedece somente à tua consciência, pois a tua felicidade depende da tua decisão.
Andaram horas e horas juntos. Francisco falando, e Clara ouvindo. Em dado momento, assentaram-se em uma árvore que o tempo jogara ao chão, e serviram-se dela, como um banco confortável, ofertado pela natureza. Clara levantou a cabeça que mantivera baixa, para ouvir com precisão os mais sutis preceitos recitados por Francisco, e falou como que tomada de Amor:

- Francisco!... Nunca pensei que existisse tamanha felicidade quanto a que senti dentro da igreja de São Rufino, quando te vi, envolvido na candura que te é própria. Quando os meus olhos encontraram os teus, em clima de confiança que inspirava o meu coração, senti-me transportada para região que não sei explicar, cuja existência nem posso conceber; onde a vida pode ser chamada de vida, por existir nela somente o Amor, aquele de que sempre falas, de pureza inconcebível.
Com os anos que tenho, parecem-me fugir responsabilidades que assumi com Deus, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas essa luz que me banhou trouxe-me à realidade e tornei-me idosa em experiências e já compreendo de que falas, na profundidade de meu ser. Senti coisas estranhas referentes à tua pessoa, desde o impulso mais grosseiro a que o corpo se faz unir, até o amor mais puro que coração em Cristo pede que seja sentido. Fiquei, e estou, dentro de um emaranha de forças, cujo objetivo por ora desconheço; porém, sinto o coração firme e decidi para ouvir e viver o que Deus determinar, ou que já tenha determinado.
Compreendo a tua fala, e parece que identifico a tua presença, de sorte a confundir o tempo em que vivemos, e já observei que a tua missão é grandiosa precisa de quem te

ajude na concretização deste ideal, que ultrapassa todos ideais dos homens, mesmos os mais santos. Espero que as tuas mãos estejam sempre estendidas para nós, e que não faltem em meu coração as tuas bênçãos, em forma de estímulos, para que eu possa vencer as ideias negativas e contrárias, começando dentro de casa e atingindo a humanidade, e espero que me ajudes a amá-la do modo que preconizas. Renunciarei a tudo, para que tudo possa me servir de escola, a ensinar-me as primeiras letras da vida, em Deus e em Cristo.

Sinto pesar em meus ombros o peso que me deste, quando me revelaste a missão que deverei cumprir; mas, peço-te, ajuda-me, porque me sinto como uma folha a0 vento, dotada de coragem e disposição, mas sem condições de me assentar com segurança nas bases em que devo me apoiar e prosseguir. Desde o dia em que ouvi a tua palavra, anunciando as coisas a que te propuseste seguir, tenho tido lembranças cujas raízes, confesso-te, não sei onde se assentam. Vejo Jesus em todas as Suas andanças, pregando o Evangelho, curando enfermos e ressuscitando mortos; vejo Seus discípulos visitando cidades e países, morrendo e vivendo por Ele. Assisti ao drama do Calvário e à Sua glória, no terceiro dia, anunciando a vida imortal para os discípulos. Somente por isso, Francisco já sou feliz.

Foste, para mim, a chave com a qual pude destrancar as portas da minha consciência e ver um mundo desconhecido, que pretendo conhecer com mais detalhes, em nome de Deus e de Jesus Cristo. A primeira reação que tive para contigo foi física, mas essa emoção se transformou imediatamente em glória espiritual, e eu, mesmo com a pouca idade que tenho, não sei sentir outra coisa diante de ti, a não ser amor de mãe, amor de Deus, o Amor, como dizes, Universal, que pode envolver tudo e todas as criaturas.

Francisco, de agora em diante, podes ser o meu pai espiritual, porque a confiança que tenho em ti parece ser antiga, não obedecendo ao tempo, nem à distância, se assim posso dizer. Para me lembrar das coisas que não são cabíveis terem acontecido nos poucos anos que vivemos, basta meditar sobre elas, que todas passam em minha mente, como se fossem nuvens agitadas pelos ventos.

Renunciar, para mim, meu pai, não constitui sacrifício; representa felicidade. Perdão, pelo que vejo, Frei Francisco, não me contraria; representa alegria de viver mais, representa o Amor, o Amor de que já falamos, que deve ser o fruto da própria felicidade. Porém, eu te peço, por misericórdia, para que estendas as tuas mãos para mim, para que eu possa andar com mais segurança. Se Jesus, para muitos religiosos, significa um Sol, para mim Ele é o Céu; se Maria, para muitas mulheres, representa a estrela-guia, para mim, ela é o infinito cheio delas.

Pretendo encontrar-me sempre contigo, desde que me faças essa caridade, Porque é nesse intercâmbio, com tua presença, que me formarei para os grandes empreendimentos que me esperam com outras companheiras.

Francisco de Assis a tudo ouviu demonstrando alegria; notava de vez em rido a feição de Clara mudar e a voz vibrar no decorrer das frases que, inspirada, Punha. Verdadeiramente, ela estava sendo instrumento para que alguém do mundo espiritual falasse a Francisco; o mesmo ocorria com ele. Estava sendo selada a aliança de Clara e Francisco para a eternidade.
Depois de longas conversações, os dois se despediram, inflamados de alegria espiritual, e Francisco partiu cantando hosanas ao Senhor por mais vitória de Cristo nos caminhos do mundo. E pensou intimamente:

"As pedras estão no mundo; basta ajuntá-las, para construir a grande casa de Deus."

21
Cura Divina

São várias as maneiras pelas quais se processa a cura dos enfermos. Nos casos operados por Jesus e os apóstolos, foram curas instantâneas, nas quais, como por encanto, as enfermidades desapareciam rapidamente. Para essa operação, é preciso grande saber espiritual, conhecer os fundamentos da vida do enfermo e, por vezes, modificar algo em sua mente, a fim de que ele mude o modo de pensar e de agir. A enfermidade é a fermentação de muitas existências vividas desregradamente; é a resposta, a consequência. Por isso, a dor, em certas circunstâncias, é a própria cura. Os duros padecimentos são indícios de elevação de alma, porque ela já começou a pagar os débitos passados, pelo guante da enfermidade.
O enfermo, ao ser curado, abre-se como a flor ligada ao caule e os seus centros de força ativam toda a sua sensibilidade, de maneira a facilitar a absorção dos fluidos doados pelo operador. Em muitos casos, Jesus já dizia. "A ma fé te curou!" Isso porque determinados enfermos fazem o trabalho quase por si próprios. Assim, a fé é de muita importância em toda a nossa vida. Quando não existe fé, na cura à distância, de cuja operação curativa o enfermo não participa, e que por vezes, ignora por se encontrar inconsciente, o operador se desdobra, de modo impressionante, em todas as direções do saber, para encontrar a equação desejada, ou seja, a cura. Examina, Pela clarividência, o tipo de doença, suas

causas e busca no grande manancial divino elementos para substituir os que já estão cansados e gastos. Observa e ativa os pontos energéticos do corpo e da alma, faz transfusão imediata de força vital, serena a mente adoentada e acomoda nos seus mais sensíveis departamentos, ideias favoráveis à cura. Pensamentos positivos, alegria de viver e uma grande paz caem na sua consciência Profunda. Aí o doente favorece o trabalho, como se fosse submeter-se a uma operação e como se relaxasse na mesa de cirurgia, pelas bênçãos da anestesia completa. Mas, tudo isso ocorre em minutos, dependendo da elevação do Espírito encarregado da cura em muitos casos, do tipo de enfermo. A variação é infinita. Entra em ação, como já falamos, a lei do carma.

Há forças desconhecidas que se interpõem às curas imediatas. Não é m repetir que o Evangelho não pode deixar de nos acompanhar em todo esse trabalho. Ele é a força de Deus que faz a cura se eternizar, pois traduz os princípios das leis . Todos os desequilíbrios orgânicos e psíquicos são a não observância dos precet divinos. No entanto, ainda existem muitas coisas no campo da cura que os homem não estão preparados para conhecer. O tempo, na dinâmica do progresso, vai revela essas coisas gradativamente, a todas as criaturas, na Terra e fora dela.

Existem muitos métodos de curar, desde a mastigação de ervas entre os índios, às mais sofisticadas invenções no reino de Hipócrates, desde os xaropes de longa vida na área iniciática, à medicina homeopática, fundada por Samuel Hahnemann nas concentradas gotas de energismo curativo, desde as benzeções dos camponeses com ramos específicos, à flora medicinal, desde as massagens dos antigos egípcios às famosas agulhas orientais, desde os sopros dos pais Iogues, aos passes nos templos espíritas. Enfim, há um sem número de modalidade de curas, por todos os ângulos que podemos imaginar. E hoje, há muitas pessoas se curando pela alimentação; no entanto, todas as curas mencionadas e as de que não precisamos falar, carecem da força do pensamento, cuja energia é transmutada naquilo que nos dispusemos a transformar, pela luz do coração.

Dentre as curas citadas, existe uma diferente de todas: a que Francisco de Assis usava com maestria, a *cura divina.* A cura divina é aquela que restabelece o enfermo, de qualquer enfermidade, num piscar de olhos; é a cura instantânea.

Pedimos licença a todos os curadores, encarnados ou desencarnados, para dizer que toda cura divina nasce de energia sublimada que vem de Deus, passando pelas mãos santas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como está comprovado, as mãos que tocam os enfermos de qualquer natureza e que curam instantaneamente, por trás delas estão as do Mestre dos mestres. Somente Ele sabe transformar a luz de Deus, para restabelecer a harmonia orgânica dos homens.

Francisco de Assis foi um destes instrumentos de Jesus, que restabeleceu uma infinidade de corpos de todos os tipos de enfermidade na Terra. Entretanto, a força que afina o instrumento humano, para servir de instrumento divino nas maos do Mestre é somente uma: *o Amor,* o mais puro Amor, buscando assim as ondas luminosas desprendidas do Cristo de Deus, que sempre busca igualmente sintonia para consubstanciar em bênçãos de Deus onde quer que seja. Ninguém é órfão das coisas dos Céus, quando procura o caminho de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja imensurável aura acolhe o Planeta e, na Sua grandeza espiritual, sente todas as necessidades dos homens e das coisas, e todo o Seu rebanho está dentro da faixa mental.
O Evangelho é, por excelência, um código divino. Se respeitamos seus preceitos, estaremos em sintonia com a força universal do Amor e seremos atendidos por essas leis que regulam a própria vida que estagia na Terra, ateu"

* * *

Em Rivotorto havia um hospital de leprosos por demais impressionante, se considerarmos o que seria uma Casa de Saúde há oito séculos atrás. Os hansenianos daquela época eram relegados ao abandono e a medicina não tinha condições, como agora, para tratá-los adequadamente.
Francisco de Assis tinha um carinho profundo por aqueles doentes, e sempre pedia aos seus companheiros para visitá-los e trazer notícias daqueles restos de homens, levando-lhes a sua presença. No entanto, alguns manifestavam impaciência e mesmo revolta, por estarem separados da sociedade, das mulheres e filhos.
Certo dia, Frei Pedro de Catani e Frei Paulo foram visitar os enfermos e conversar com eles, acerca da bondade de Deus e da misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Acontece que um deles, o mais agitado, começou a blasfemar contra Deus, contra Cristo e contra eles mesmos, por estarem somente conversando e ele, cada vez mais doente e relegado ao abandono. Chegou mesmo a dizer:

- E porque essa doença não é em vós! Retrucou Pedro de Catani:

- Foi nosso Pai Francisco que nos mandou vê-los e enviou a bênção para todos que aqui estão.

O leproso, que se chamava Tanalli, ficou mais furioso com o recado de Pai Francisco, dizendo:
- Esse Pai Francisco fica de longe nos mandando bênçãos. Dispenso as suas bênçãos; elas para mim de nada servem, pois cada vez que vindes aqui, fico mais revoltado e com a mesma doença. Dispenso consolo de homens como vós que parecem mais miseráveis do que nós; se tivésseis alguma coisa para dar, não viríeis aqui.

Frei Pedro e Frei Paulo ouviram pacientemente o leproso e, sem entrar em ernanda, conservavam a atitude de oração, enquanto Tanalli blasfemava. Acontece que a paciência dos dois homens de Deus esgotou-se, e Frei Pedro, homem forte e decidido quando necessário, agindo sem aquiescência do doente, colocou-o nos Ornbros e falou pacientemente a Frei Paulo:

- Vamos, irmãos, levar este doente para o verdadeiro médico, que ficou ma's ou menos de longe.

Chegando junto a Francisco com o enfermo, ele quase os fez voltar com o leproso alegando que não podia ficar com aquele homem em lugares não apropriados.

- Fizeram muito mal em trazê-lo, dizia Francisco.

Os dois discípulos, de cabeça baixa, a tudo escutavam, orando silenciosamente em favor da situação, e do doente engasgado de agitação. Quando os companheiros de Francisco iam saindo de volta para o hospital, este, caindo em si, ajoelhou-se aos pés dos discípulos e pediu-lhes perdão pelo que fez, dizendo carinhoso:

- Perdoem, meus filhos!... O que fiz, meu coração não deseja que seja assim!

E tomou o doente com dificuldade, carregando-o até uma dependência do rancho. Olhou para o rosto em chagas, cujos lábios tinham se transformado em uma só ferida. O mau odor era insuportável, o corpo era uma só chaga e o doente não mais suportava a roupa sobre a pele, que quase não existia. Francisco, tomado de amor pelo leproso e com profunda humildade, beijou-lhe o rosto como se fosse o da sua própria mãe. Retirou a roupa do enfermo, jogando-a de lado, e em seguida beijou as suas chagas pustulentas, como se o fizesse em Jarla ou Foli, e falou com tanto sentimento de compaixão, como se estivesse pedindo ao seu próprio pai para reconsiderar o que fez. O doente, naquele clima de fraternidade, começou a chorar, e Francisco não fez outra coisa. Choraram juntos.

Nesta hora, os discípulos acercaram-se do mestre, sem saber o que fazer diante do drama comovente. Pai Francisco pediu aos companheiros que trouxessem uma gamela com água morna, pedindo a Frei Paulo que colhesse, com os devidos cuidados, em próximo canteiro, três rosas, e se pusessem em oração. Trazidas a água e as rosas, que foram despetaladas com um hino de louvor ao Senhor do Céus, pôs Tanalli na gamela, e chamando Frei Luiz, pediu-lhe que recordasse as palavras da cura de Lázaro, que já tinha morrido há quatro dias, quando foi ressuscitado por Cristo.

Sentiu que alguém tomou-lhe as mãos, dizendo:

- Francisco, cuida destas minhas ovelhas, elas são filhas do Caivano, agredidas pelos seus próprios destinos.

E Francisco respondeu mentalmente:

- Sim, Senhor, sim! Eu cuidarei!

E acrescentou Francisco:

- Se for do Teu agrado que essa enfermidade passe para mim, beijarei as tuas mãos pela misericórdia de poder pagar minha falta para com esse homem de Deus, que devo respeitar.

E Francisco foi passando as suas mãos no corpo do leproso e todas as feridas foram se fechando, como por encanto, à medida que as mãos lavavam o enfenno. Os discípulos, ao contemplarem esse fenômeno, caíram de joelhos no chão batido do Rancho de Luz, e cantaram um hino de louvor ao Todo Poderoso, pela presença do Cristo no seio da Comunidade. Tanalli, quando observou o ocorrido, e não sentindo mais dor, levantou-se nu da gamela, sozinho, ajoelhou-se perdido em emotividade santa, e beijou os pés de Francisco, molhando-os de lágrimas. Avançou para os discípulos para fazer o mesmo, mas esses não aceitaram, por se *sentirem leprosos da* alma. E Tanalli, que era um criminoso contumaz e incendiário hreverente, gritou em altas vozes com os braços estendidos para os Céus:

- Senhor, sei que existes! Faze de mim o que quiseres que eu seja!

Alguém, apressadamente, lhe trouxe uma veste rota e todos o abraçavam e, deste então, passaram a chamá-lo de Frei Aprígio. Passado muito tempo, pregando o Evangelho nas andanças com Pai Francisco, a quem tinha o mais elevado respeito. Frei Aprígio, no ano de 1250, ainda sentia no seu coração, algo a corrigir. Tinha impulsos de violência, e já havia se empenhado com todos os recursos que aprendera, através, das experiências pessoais e das coisas que Pai Francisco lhe tinha ensinado. Usara o recurso da oração, de maneira a demorar-se horas a fio em preces, mas o animal violento e orgulhoso ainda vivia.

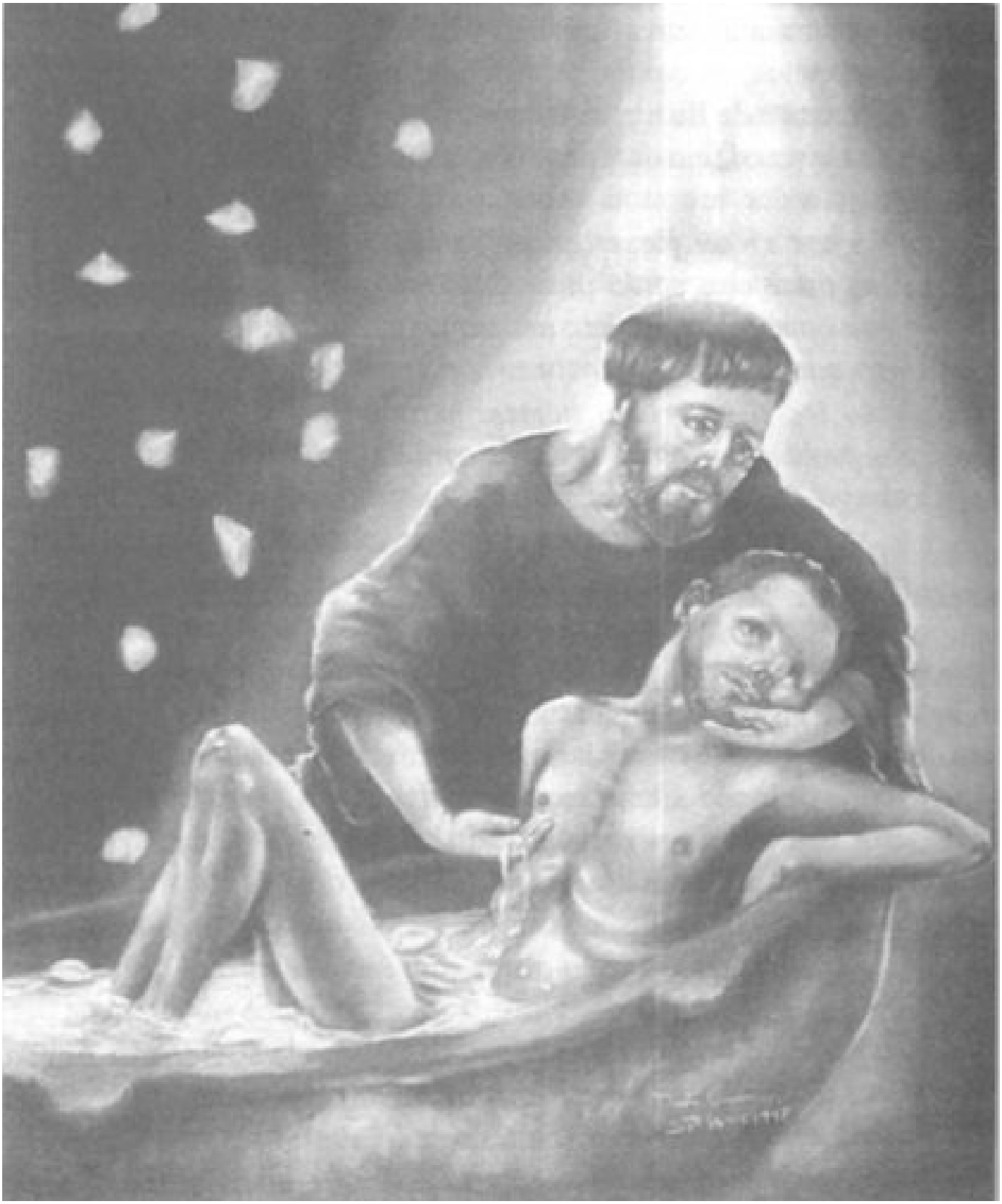
Certa noite, próximo da cidade de Lecce, quando lhe servia de teto uma árvore, perdeu o sono, fitando as estrelas e, chorando, pediu a Deus:

"Senhor, se me fosse concedido receber algo de Tuas mãos santas e sábias; se me fosse concedido pedir-Te alguma coisa como prêmio para meu coração; se eu pudesse escolher um caminho de livre e espontânea vontade, eu Te pediria que beijasse, outra vez, o meu corpo, como o fizeste antes, com as chagas da lepra e seria o homem mais feliz da Terra, porque, agora, somente ela Poderá arrancar do meu coração, o orgulho e a violência que carrego comigo, de eras incontáveis. "

E ainda chorando, adormeceu.
No outro dia, quando acordou com a luz do sol a banhar o seu rosto, Frei Aprígio voltava a ser Tanalli, o leproso de Rivotorto. Ajoelhou-se, diante do beijo solar, agradeceu profundamente a bondade do Criador e desatando o cordão da cintura, trocou a veste de franciscano por uma comum, tomando a direção da Casa de Saúde de onde antes, revoltado, saíra. Ali, seis anos após, morreu, agradecendo a Deus e a Cristo pela bênção da lepra, que o fizera expurgar do imo de sua alma, o orgulho e a violência.

* * *

Conta-se que certa feita, Francisco seguia de Riéte para Áquila, com alguns dos seus discípulos. No caminho, foram abordados vários assuntos referentes à doutrina cristã, e, principalmente, sobre a vida de Jesus. Nesta emoção maravilhosa que as coisas espirituais lhes ofertavam, surgiu à margem da estrada uma grande árvore, que os convidava, no silêncio do campo, a um descanso reparador.
Frei Leão, amante da natureza, convidou a comitiva para um pequeno descanso, durante o qual eles poderiam rememorar histórias que os levassem às mais profundas meditações acerca da vida que, certificada como invisível, não o era para eles.
E aquela árvore acolheu os viandantes de Deus. Francisco, meditativo, viu pequenos seres, pertencentes à imponderabilidade da natureza, saírem e entrarem no corpo ciclópico do grande arbusto, e neste, parecia que se abria algo como janelas invisíveis, por onde transitavam aqueles diminutos seres, de forma humana. Os outros frades, que se ocupavam com a limpeza da área, não atinaram para o colóquio que Francisco estava mantendo com aquelas minúsculas vidas, no empenho de compreendê-las e amá-las. Logo elas começaram a manifestar grande interesse por Francisco de Assis: subiam em seu corpo, como enxame de abelhas, deslizavam por seus cabelos, como artistas



Pintura de Nair silva Costa Freitas do Grupo Espírita O Semeador
Santo André/ São Paulo

mostrando suas habilidades em um circo. Festejavam a nova amizade com ruídos imperceptíveis, mas em harmonia com a própria natureza divina, na divina ascensão de forças que a vida tem em abundância.
Francisco de Assis, ao contemplar aquele espetáculo invisível, a emoção o fez chorar. E neste impulso do Divino em seu coração, recitou, no templo natural, uma canção como poesia, neste tom universal:

Vendo a obra, vejo Deus; sentindo Deus, sou Amor.
Oh!... quantas coisas se escondem de mim, de vós, de todos, filhas do Criador.
Sinto-me nada, ante a grandeza do universo;
sinto-me verme, pelas belezas que desconhece o meu coração.
Deus tem filhos no mar, nas estrelas, no ar;
Deus tem filhos nas árvores e na terra.
Deus tem filhos até nas guerras.
Que beleza a função da natureza!...
Vejo a luz surgir no escuro, vejo a vida perfeita nos monturos;
vejo o céu nas águas do mar,
vejo e sinto o Amor no amar.
Quando descanso, a natureza trabalha;
quando durmo, a natureza trabalha;
quando trabalho, a natureza trabalha;
Quem eu sou?... Nada, diante desta batalha.
Deus é Deus dos justos, Deus é Deus dos párias,
Deus é Deus dos que viajam. Deus é Deus dos que ficam em casa!...
Deus é Deus das sombras, Deus é Deus da luz,
Deus é Deus das trevas, Deus é Deus de Jesus!...
Quando estou cansado. Deus está ocupado;
quando estou reclamando, Deus está obrando.
Quando blasfemo, Deus está entendendo;
quando tenho ódio, Deus está amando.
Quando estou triste, Deus está sorrindo.
Deus é Sabedoria e eu estou sonhando!...
Que beleza a natureza!...
Que beleza a profundeza da existência, e do existir.
Eu não compreendo, mas luto para me corrigir;

porém, em frações do tempo, logo quero ajuntar e Deus repartir.
Quero colher, quero usurar; e Deus passa por mim a semear!...
Luto de novo, mas ainda não sei lutar;
penso na disciplina, mas não me deixo disciplinar.
Avanço... caio! Tomo a avançar.
E Deus me ouve, passa novamente por mim,
olha para meus olhos, sente meu coração.
E fala baixinho em meu ouvido: Vem, vou te ensinar a *amar.*
Deus Se retira!... Sinto Sua ausência!... Peço clemência!
Mesmo assim. Deus não Se esquece de mim.
Manda um Anjo em meu encalço, num carro fulgurante de luz.
E de braços abertos, caio por terra;
pensei que era o Cristo de Deus, que era Jesus!
E o cortejo dos céus entra em mim, em cântico de louvor.
Abre o meu coração, deixando dentro dele um tesouro de luz!...
O tesouro da dor.

Frei Leão, ao ouvir o cântico do *Povereilo,* apressou-se a copiar, foi tarde; perdeu quase tudo do que ouvira de Francisco, em êxtase. Alguns companheiros do filho de Assis tinham saído à procura de água e trouxerarn líquido sagrado, impregnado pelo magnetismo da natureza que, parece, respon aos filhos da caridade no louvor de Francisco, na exaltação das leis de Deus.

Passava por ali um senhor a que a população de Áquila apelidara d*oido de Áquila,* homem robusto, de físico privilegiado, que andava sem parar e que sofria de uma inquietação incomparável.

Ouvindo e vendo Francisco de Assis naquele arroubo poético, acomodou-se uiito aos franciscanos e ouviu pacientemente a harmonia dos sons articulados pelo homem de Deus, louvando a natureza. Ao terminar, notando que suas ovelhas tinham aumentado, Francisco dirigiu-se a ele com festejos fraternais e ele, segurando a barra do burel do irmão menor, levou-a aos lábios, beijando-a com ternura incomparável.

Um Espírito de forma animalesca e de trejeitos inconfessáveis se unira àquela criatura de Deus, fazendo-a ser o terror de Áquila e de Riéti. Derrubava casas, matava animais, comia-os, e dormia ao relento, quando dormia.

Liberto da possessão, voltava a ser Simeão, o curtidor de Riéti. Logo se lembrou da família, falou nos filhos, e chorou de saudades. Francisco pôs a mão em sua cabeça, antes

torturada pelo companheiro invisível que as trevas acolheram, e falou com ternura e piedade:

- Chora, meu filho, que as lágrimas têm o condão de estabelecer a paz. Vamos pensar em Deus e conhecer Cristo, porque os Anjos não nos abandonam. Vamos nos lembrar da nossa Mãe Maria Santíssima, que ela nunca se esquece dos sofredores, dentre os quais eu devo ser o mais necessitado. Peço-te que deixes que sejamos teus amigos, que possamos te amar, mesmo na qualidade de viajantes sem residência certa, sem os devidos recursos materiais para te ajudar. Façamos de todos um, para que o Cristo se sirva de nós na obra que Lhe convier, em favor da paz.

Simeão foi tirando um resto de manto, que tinha jogado ao ombro, e os discípulos de Francisco se assustaram ao ver nas suas costas, uma ferida purulenta, onde vírus violentos destruíram toda a sua pele, penetrando-lhes os tecidos e desprendendo odor insuportável. Eram vírus psíquicos, transformados em agentes físicos.
Francisco olhou com compaixão a triste cena, em que a dor se fizera dominante, dizendo com amor ao irmão sofredor:

- Simeão, assenta-te, meu filho, para que eu possa ver mais de perto a tua chaga!

E pediu aos companheiros que orassem. O homem de Riéti atendeu ao Pedido de Pai Francisco, e este, com toda ternura que tinha no coração, curvou-se sobre o filho de Deus e beijou a enorme pústula em cruz, pediu a água fresca que tinha vindo da fonte da natureza e lavou-a. Na mesma hora, Francisco notara, no Plano imponderável, aquelas minúsculas vidas invisíveis carreando essências, como que fluidos da natureza, e projetando-as na ferida do enfermo, em um trabalho intenso, atendendo ao apelo do Amor.
Francisco lembrou-se de Deus, rememorou a vida do Cristo, de Maria, cortejo apostolar desfilou em sua mente e ele ouviu dentro da sua cabeça, onde somente existia fraternidade, a fala compassiva:

- "Bem-aventurados os que sofrem, que serão consolados- bem aventurados os tristes, que terão alegrias; bem-aventurados os que choram serão animados; bem-aventurados os desprezados, que serão acolhidos!
Impõe tuas mãos, Francisco, que Deus é Deus de misericórdia e elas poderão ser as minhas, pelo processo do Amor. Ama este irmão na profundeza desta virtude, e o teu gesto transformar-se-á em cura sublimada."

Todos se reuniram em tomo de Simeão, enquanto Francisco passava as mãos em suas costas. Lentamente, a epiderme foi se refazendo, por força de divina magia e, em segundos, todos notaram uma boca iluminada, cujos lábios tocaram a ferida purulenta, em forma de um beijo de luz. O doente, daí a minutos, perfeitamente curado, abraçava e chorava com os discípulos de Francisco, dançando e cantando a glória de Deus.

Após o feliz acontecimento, rumaram todos para Áquila, onde se hospedaram na casa do curtidor Simeão. Os familiares, quando o viram no seu completo juízo, abraçaram-no em lágrimas. Sua mulher e os filhos suspenderam sua rota túnica, e, surpresos, verificaram que ele estava curado da antiga chaga. Simeão não se fez esperar: narrou todo o ocorrido com tamanha lucidez que Francisco, emocionado, disse a Frei Leão:

- Escreve, por caridade, o que vou dizer na presença de todos:

Deus é Deus de amor que transforma a semente em árvore,
em fruto que alimenta a vida,
e, por vezes, o luto!...
Deus é Deus de amor que muda o ninho dos pensamentos
em ninho de luz;
que muda as ideias em ação que nos conduz,
ou deixa que nós caiamos,
para compreender Jesus.
Deus é Deus de amor que nos deu os pés,
para que haja caminhada,
nos ofertou as mãos,
para dar trabalho à enxada;
mas, se ferimos o companheiro,
erramos a estrada.
Deus é Deus de amor que nos deu a cabeça para pensar,
que nos premiou com o coração para amar;
quem aceita o ódio, não pode cantar.
Deus é Deus de Amor que tudo fez,
sem usar o alarde,
que tudo faz, mesmo que achemos tarde;
que nunca diz: Sois covardes.
Deus é Deus de amor que nos deu o verbo
e nos ensina a falar,
que nos deu a boca
e nos ensina a cantar;

que nos deu o coração
e nos ensina a *amar.*

Frei Leão transcreveu o canto de Pai Francisco com interesse e alegria, e Frei Luiz logo o recitava, quando solicitado pelos companheiros. Os franciscanos, depois de um ligeiro repasto na casa de Simeão, após agradecerem a Deus pela acolhida, cantaram como pássaros livres, junto com a família, feliz pela volta e a cura de Simeão.
Francisco, impulsionado pela gratidão a Nosso Senhor Jesus Cristo, enfiou a mão por dentro do burel, com alegria, e tirou um precioso tesouro: o Evangelho de Jesus, cujo texto foi copiado por Frei Pedro de Catani. Abriu o pergaminho de luz e no capítulo nove, versículo de um a vinte e sete, da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, leu em tom de voz saudável:

Não sou eu, apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor Nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor? Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos o sou para vós; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor. Esta é a minha defesa para com os que me condenam. Não temos nós o direito de comer e de beber? Não temos nós direito de levar conosco uma esposa crente, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas? Ou só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar? Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não se alimenta do leite do gado? Digo eu isto, segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito: porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar na esperança de ser Participante. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnais? Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, e mais justamente, nós? Mas nós não usamos deste direito; antes, suportamos tudo, Para não pormos impedimento algum ao Evangelho de Cristo.
Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que e do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar?
Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho. Mas eu de nenhuma destas coisas usei, e não escrevi isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, do que alguém fazer vã esta minkQ glória. Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o Evangelho! Epor isso se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensaçào me é confiada. Logo, que prêmio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o Evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no Evangelho. Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os

que estão debaixo da lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do Evangelho para ser também participante dele. Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo aquele que luta, de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado.

Todos entenderam a lição de renúncia a que Francisco de Assis se propunha e a necessidade de liberdade de todas as peias humanas para ser somente escravo do Cristo, Nosso Senhor. Todos entenderam o porquê da obediência de Francisco ao Papa Inocêncio III - obediência sem conivência - a fim de ganhar as ovelhas perdidas, tudo fazendo para que o Evangelho de Jesus ficasse em evidência, com o Amor puro que pudesse sair do seu coração.
Frei Paulo fez longa explanação do texto lido, que encantou a todos os presentes e a família de Simeão ficou arrebatada com aquele convívio espiritual. Assim, foi aberto o primeiro culto no lar, na cidade de Riéti, pelos franciscanos. E Francisco, ao terminar a conversação evangélica, ofertou a Simeão o pergaminho de luz, dizendo:

- Esta deve ser a semente plantada em teu lar, para que germine em todos os outros desta cidade de Deus, que nos acolhe. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

22

Francisco e o Papa

Francisco recebeu carta de Inocêncio III, que se encontrava bastante enfermo e que lhe solicitava a presença, cujos termos tentaremos reproduzir, procurando nos aproximar, dentro das nossas possibilidades.
"Caro filho Francisco!... Envio a minha bênção papal e rogo de fundo d'alma, que Jesus Cristo te abençoe também, crendo que Deus não te faltará com o Seu imenso Amor. Que

Maria Santíssima seja Tua Mãe, hoje e sempre. Em tempos passados, cometi uma falta grave para com teu coração. Sei que te feri, na mais profunda das tuas sensibilidades, desdenhando-te, juntamente com alguns cardeais, por ignorarmos a tua missão. Fomos contrários à tua ajuda em favor da nossa Igreja, que trilhava, e por vezes trilha por caminhos perigosos.

Naquela época, era eu dominado pelo orgulho, cujo peso ainda sinto no coração, a traçar-me diretrizes, que às vezes obedeço. O caro filho, que muito prezo, deve saber o quanto é difícil alijar do peito que ostenta a autoridade, a prepotência, a vaidade e o egoísmo. Se nos afastamos das chagas de um leproso, pelo receio do contágio, é porque ignoramos a calamidade que existe dentro de nós. E eu, sendo o Pior, confesso ser leproso por dentro, e em certos momentos, tenho vergonha de mim mesmo, e confesso isso agora, abatido pela velhice e pela doença.

Francisco, ta és feliz pelo que és e decidiste ser no panorama do mundo; o teu interior se mostra por fora. A tua vida é um Evangelho, que poderemos ler nos teus Próprios atos. Não te escrevo pedindo reservas, assumo todas as responsabilidades. Podes mostrar a quem quer que seja esta missiva, que nada representa na minha educação íntima, se ela revelar o meu arrependimento, porque já estou no fim.

Eu deveria escrever-te no auge das minhas forças, mostrando assim que entendi o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, peço perdão ao Divino Senhor e que me ajude a reconsiderar e melhorar o coração, retirando do meu peito as ilusões, a que a posição nos insulta e nos cega.

Estou hoje dando graças a Deus por ter nascido na região da Úmbria homem como tu, que carrega no íntimo todas as características de Nosso Senh que fez da vida uma renúncia, que fez da vida uma completa humildade, que fez dà vida um verdadeiro perdão. Foi vendo e sentindo a tua vida, Francisco, que comecei compreender o que é o Amor e o que significa amar o próximo, nos termos do Evangelho Graças a Deus, temos ao nosso lado um bom cristão, que muito nos ajudou a discernir as coisas e a mostrar na sua pessoa a presença do Cristo e que nos adverte, fazendo-nos ver os perigos dos caminhos que percorremos. Estimulamos às vezes, a guerra, por pressão de homens inconscientes, que falam muito de Deus' mas nunca sentiram no coração esse Deus de Amor e de Misericórdia. Falamos muito do perdão, mas criamos uma casta separada de nós, que denominamos de hereges, e os crucificamos, sem procurar saber se eles também têm famílias, e se são seres humanos, filhos de Deus.

Falamos da caridade, mas vivemos no fausto, nunca passando por nossas mentes a falta de teto, de agasalho e de comida dos que não pensam como nós. Criamos um Satanás, para colocar nos seus ombros todas as responsabilidades que temos vergonha e orgulho de assumir.

Nada fiz em favor da coletividade e nunca quis pensar que Deus é Pai de todas as criaturas, do ladrão ao santo, do pária ao rei, do herege ao próprio papa.
Hoje, ainda que tarde, já coloco todos no mesmo nível ante a Bondade Divina, que a todos concede, sem distinção, o sol, a chuva, o ar e as águas, o pão, as vestes e o Seu próprio amor, sem distinção. Não querendo alongar-me mais, peço-te perdão. Se comecei esta carta abençoando-te, encerro-a, pedindo-te a bênção.
Tudo que te falo nesta epístola, é para dizer-te do meu sofrimento na tua ausência e porque quero ver-te antes que a morte venha ao meu encontro. Sofro muito e quero que tuas mãos toquem o meu corpo, que sinto esvair-se em chagas. A minha dor maior é porque todos se afastam de mim e me sinto só. Quero ver-te. Adeus.

Inocêncio III

O *Poverello* de Assis não se esquecera dos acontecimentos que os envolveram, quando tinham ido à Roma à procura de Sua Santidade. Entre outros tant acontecimentos, lembrou-se de José Maria, o estalajeiro português, e sua família. -Adália, a moça doente que curara pela bênção de Cristo Jesus e da serva Afrânia, q lhe fazia companhia. Recordou-se de Túlio, o pirata, e de dona Galba, sua esposa e principalmente, de sua filha que ele apanhara jogada na casa abandonada. Lembrou
ainda do cardeal João de São Paulo, e da entrevista que tivera com Inocêncio III.

* * *

Francisco, em Roma, manda avisar ao Papa, que viera vê-lo em nome do Cristo de Deus. Este, ao receber a notícia, com grande alegria, mandou buscá-lo imediatamente, dispensando-lhe honrarias especiais, ao que Francisco recusou, preferindo ir acompanhado somente por alguns franciscanos, *com seus pés calejados* pelas caminhadas, pele tostada pelo sol, cujos joelhos demonstravam o tempo que aqueles homens permaneciam em oração a Deus.
Francisco adentrou o Vaticano com simples sandália que lhe ofertaram em caminho, quando alguém soube que iria se encontrar com o Sumo Pontífice, e assim foi encaminhado aos aposentos de Sua Santidade. Francisco, ajoelhou-se, beijou-lhe as mãos encarquilhadas e falou com mansidão:

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Inocêncio III, já quase sem forças para falar, chorou, envolvido pela emoção. Passados os primeiros momentos, já refeito, falou a Francisco:

- Meu filho, que Deus te abençoe! Tua presença junto a mim proporciona-me um imenso bem-estar. Sinto o corpo cansado e desgastado pelas coisas inúteis, mas sinto a alma erguida, sustentada pela força doada pelo arrependimento e alimentada na esperança da fala do Divino Amigo a todos nós, quando afirmou: "Nenhuma das minhas ovelhas se perderá."

Queria pedir-te perdão e humilhar-me na tua presença. Embora sabendo não ser digno, queria beijar os teus pés, para que o meu orgulho se abalasse, deixando-me na condição de réprobo sem valor, juntando as migalhas que o teu perdão pudesse me oferecer.

Nada mais posso fazer pelo êxito do teu trabalho, a não ser orar aos Céus, se minhas orações forem ouvidas; creio que Jesus terá compaixão de mim e que Maria é mãe de todos nós.

Como dirigente máximo da Igreja, estou falido e tenho consciência de que não deveria ter feito o que fiz: incentivar uma Cruzada de crianças inocentes, enviando-as para a morte. Sou, verdadeiramente, um genocida. Acordei tarde, mas abri os olhos à Luz.

Gostaria que a saúde me visitasse pelas mas mãos abençoadas, mas, se este não for o desejo de Nosso Senhor, aceitarei a doença e a morte com alegria.

Chamei-te para te fazer um pedido, e morrerei triste, caso não seja atendido. Quero que tu, Frei Francisco, acompanhe esta Quinta Cruzada, que está sendo formada. Se eu tivesse forças, iria lutar para impedi-la; sei que terás forças para desfazer as atitudes perversas de que estão imbuídas as pessoas que a dirigem

Francisco escutava em silêncio; sua mente buscava outras paragens na esteira infinita do éter cósmico, mas registrava tudo o que ouvia de Sua Santidade As paredes do aposento mostravam que ali trabalharam hábeis artistas; os quadros mostravam, em silêncio, de quem eram filhos e os tapetes se alinhavam com o requinte da mobília. A posição do enfermo destacava-se dentre todo o luxo. Tirara apenas os anéis, frouxos nos dedos magros, e o engenhoso cordão de ouro com pesado crucifixo que o incomodava. A humildade do visitante, que nada possuía, a não ser a verdadeira santidade no coração, contrastava com o luxo que se evidenciava no ambiente. Intenompendo a meditação, falou Francisco compassivo:

- Querido Pai e companheiro em Jesus Cristo!... É de se notar o vosso grande interesse e amor pelas criaturas e pelo bem-estar da sociedade; isso me comove até às fibras mais íntimas do coração. A vossa posição diante da humanidade é a de um pai e de representante do Cristo na Terra. Mas, devo dizer-vos que a posição de mando, de abundância de coisas materiais e condições de intromissão na intimidade dos lares,

fizeram acordar as trevas da prepotência, do orgulho, do egoísmo e da usura, que dormiam dentro de vós, a ponto de formar um exército de crianças e enviá-las à guerra à guisa de reconquista de algo que não vos pertence, nem tão pouco à Igreja. O que vale para nós não é o sepulcro a que chamais de Santo, mas é tudo que tiver saído das mãos divinas do Criador.

Temos de lutar, sim, e mesmo travar uma guerra, mas para vencer as nossas inferioridades morais. Dentro de nós, bem no centro do coração, existe também um Santo Sepulcro, e deste nos esquecemos, por conveniência, de conquistar, por requerer de nós, trabalho, esforço e muita disciplina. Meu pai, não ides atrás de conquistas exteriores, porque a maior conquista e o maior tesouro moram no nosso íntimo, que somente encontramos quando passamos pelas portas do Amor.

Nisto, Francisco sentiu leve estalo em sua cabeça, acompanhado da meiga e suave voz, já sua conhecida, nesta expressão que encanta e comove:

- Francisco!... Tem piedade dele que sofre e chora!... Lembra-te das bem-aventuranças. Tem piedade dele, Francisco, pois lhe falta a paz; lembra-te do meu Amor para com todas as criaturas.

Estende as tuas mãos e alivia este homem que padece, em nome do Amor que desconhece barreiras e posições, fé ou ideologias, riqueza ou pobreza, sabedona ou ignorância, para servir, para ajudar àqueles que caíram, e desejam levantar-se e seguir novos caminhos. Este homem espera o teu carinho e a ma compreensão...

Francisco ajoelhou-se à beira da luxuosa cama e respondeu com respeito.

- Sim, Senhor, faça-se a Tua vontade e não a nossa.

E sentiu uma luz intensa envolver todo o seu corpo e filtrar-se através das suas mãos e projetar-se no corpo de Inocêncio III. Uma brisa suave visitou todo o ambiente e, aos olhos espirituais, Francisco ficara todo iluminado pela projeção feérica *¿0* mundo espiritual.

O alto mandatário da Igreja deu um suspiro, chamou por Jesus e Maria, e pediu perdão de suas faltas. Francisco, na condição de transmissor de alta potência energética, orou nestes termos:

"Senhor!... Fazei de mim instrumento da Vossa paz.

Onde haja ódio, consenti que eu semeie Amor!...

Perdão, onde haja injúria;

fé, onde haja dúvida;

verdade, onde haja mentira;

esperança, onde haja desespero;

luz, onde haja trevas;

união, onde haja discórdia;

alegria, onde haja tristeza.

Divino Mestre! Permiti que eu não procure

tanto ser consolado quanto consolar;

ser compreendido quanto compreender;

ser amado quanto amar,

porque é dando que recebemos,

é perdoando, que somos perdoados

e é morrendo que compreendemos a vida eterna."

Francisco, banhado em lágrimas, olhou ao lado e viu nitidamente o papa Telésforo, ajoelhado, acompanhando a sua prece e também chorando de alegria, por sentir o Cristo em grande profusão de luzes, aproximar-se daquela casa. Francisco olhou para o papa que ressonava, e disse, tomado de energia:

- Levanta-te e anda, em nome d'Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida! Inocêncio III acordou assustado, falando:
- Eu vi Jesus, agora eu vi Jesus!

E começou a andar pelo quarto, livre das enfermidades e das chagas que já tomavam o seu corpo. Em pranto, debruçou-se no ombro de Francisco com gratidão e respeito, falando brandamente:

- Pai Francisco, tu é que deverias estar no meu lugar. Que Deus te abençoe sempre!

Francisco fez o Pastor da Igreja deitar-se novamente e pediu com suavidade:

- Dormi, meu senhor; o sono é sempre um reparador de enereia« n Deus abençoe o vosso coração agora e sempre.

O papa, daí a instantes, dormia como criança, perfeitamente curado de suas pertinazes enfermidades. E Francisco, serenamente, deixou a nave de repouso do Sumo Pontífice, dando glórias a Deus e vivas a Cristo.

* * *

Francisco saiu de Roma e desceu para Óstia, onde estavam alguns dos seus discípulos trabalhando com todo empenho para que o Evangelho fosse vivido, de onde saíam, periodicamente, para a Cidade Eterna, para levar a palavra de Deus, na maneira estabelecida por Pai Francisco. Óstia fica à margem do mar Tirreno, do lado oposto ao Adriático, e, por força da natureza, está localizada no joelho da bota de que a Itália tem a forma.

Alguns companheiros de Francisco não mais se lembravam do passado, mas outros, por vezes, remoíam, intimamente, a perda de seus bens, por não ser de uma só vez que nos desprendemos das coisas materiais. A iluminação interior surge com a força do tempo e na sequência dos esforços assumidos pelas almas, no caminho da evolução espiritual.

Ficaram eufóricos com os recentes acontecimentos em Roma, no comando da Igreja, que favoreciam os ideais sustentados por Francisco, cuja sobriedade impressionava a todos, no tocante à moderação; era, pois, o mestre a quem o sacrifício já não se impunha. A poucos quilômetros do domínio do gigante de águas salgadas, sentia-se a baforada dos ventos, que traziam o aroma benfeitor. Percorrido um trecho do caminho, avistaram um casebre, onde residia uma família que vivia da pesca. Francisco bateu à porta, pedindo água; atendeu um senhor robusto e triste, que andava às apalpadelas, deslizando as mãos nas paredes de argila, por lhe faltar a vista. Saudaram o dono da casa, serviram-se de água fresca de um grande pote de barro queimado, preso a uma forquilha de madeira.

Saciada a sede, acomodaram-se por convite do pescador, que chamou sua mulher e seus filhos. Estes, em número de seis, assentaram-se, sem cerimônias, no colo dos frades; o menorzinho, de pouco mais de um ano, estendeu os bracinhos para Francisco, que o acolheu sorridente.

O casal, admirado com a fraternidade daqueles homens, sentiu-se à vontade. O dono da casa, que por sua coragem e habilidade nas águas, atendia pelo apelido de Dragão do Mar, narrou-lhes o acontecimento que provocara a sua cegueira:

- Encontrava-me pescando em alto mar no meu barco, que pelo tamanho e estrutura, oferecia segurança. Naquela noite, minhas redes pareciam abençoadas, pois todas as vezes que as lançava às águas, recolhia-as cheias de peixes, como nunca ac0ntecera antes.

Lotado o barco em sua capacidade, e nada mais tendo a fazer, comecei a remar de regresso à casa, orientando-me como de costume. Depois de muito remar, sem que chegasse à praia, desconfiei que o barco tomava caminho diferente do que habitualmente percorria. Quis mudar a rota, mas este não mais me obedeceu. Percebendo que o meu

esforço era em vão, parei de remar, mas mesmo assim, o barco deslizava sobre as águas, em direção ignorada.
Pescador experimentado, constatei que não era o vento, nem as correntes marinhas que mudavam o meu rumo. Pensei estar sonhando, mas logo vi que estava acordado como nunca. Percebi que uma força estranha conduzia o barco que, a partir dali, passou a ser envolvido por uma luz intensa, que emitia vibrações tão fortes que cheguei a pensar que o barco ia partir.
Em dado momento, o barco parou de supetão e me senti envolvido por esta mesma luz. Tive a sensação de ser conduzido através de um corredor, chegando a um pequeno salão, onde vi coisas que nunca pensei existirem e me vi rodeado por homens de pequena estatura, que falavam uma língua estranha.
Tomado de pânico e confiando na minha robustez ante a pequenez daqueles seres, tentei forçar a minha fuga. A última coisa de que me lembro foi que levantei o braço para agir, e daí não sei mais o que aconteceu.
Quando acordei, o sol estava a pino e ouvi o barulho dos meus companheiros que arrastavam o barco para a praia. Logo constatei que estava cego. Trouxeram-me para casa, e estou, até hoje, com o quadro de tudo que aconteceu, vivo em minha mente. De certa forma não me sinto triste, como é de se pensar, porque mesmo cego vejo coisas lindas. Neste momento mesmo, posso dizer o que estou observando nesta sala e, se for ilusão o que vejo, sinto com isso satisfação que me consola e me dá esperança. Antes de vocês chegarem, vieram uns homens revestidos de luz, que me avisaram que eu iria receber visitantes e que esses seriam amigos.
Assim, quando chegaram, eu já sabia quem eram e o que fazem. Muitas coisas não posso dizer, porque esse mundo do qual tenho notícias me exige silêncio; noto que em derredor de todos circulam claridades e um, dentre vós, me parece um Sol. Assustei-me ligeiramente quando o vi, por parecer-me a luz com a qual meus olhos se apagaram.
O homem calou-se e de seus grandes olhos desciam lágrimas sem cessar. As crianças brincavam nos colos dos frades, puxando-lhes às vezes, as barbas; o menor dormia nos braços de Francisco.
A mulher, chorosa, falou aos frades:

- Meus senhores, depois da cegueira do meu marido, o sofrimento para nós é sem conta; vivíamos da venda de peixes, ao lado da estrada, ao povo que vem de Roma de vez em quando. Agora, estamos vivendo de esmolas, que nem sempre ganhamos. Penso em ir eu mesma pescar, mas temo as águas perigosas do mar...

O silêncio dominou o ambiente e alguns dos frades oraram com fervor. Francisco tomou a palavra como verdadeiro Mestre da Paz. E disse com tranquilidade:

- Meus filhos, devo dizer a todos que o nosso irmão não ficou cego; ao contrário, agora ele vê mais do que antes poderia observar, porque está enxergando as coisas da alma e do verdadeiro mundo, para onde deveremos ir ao findar das nossas vidas. O que ele viu - fatos que raramente ocorrem - é muito lindo para ser contado e muito mais para ser vivido. Deve e pode ser visitante das estrelas, que a ciência e as religiões ignoram e, se o assunto for ventilado no meio delas, a forca e a fogueira serão o destino de quem o fizer.
Jesus não falou nas muitas moradas do Pai Celestial? Por que somente a Terra na qual pisamos poderá ter a graça de servir de casa para os homens? Deus não é Deus das limitações, e não poderemos negar o que não compreendemos, por nos faltar a intuição necessária, e a inteligência que nos assegure a Verdade. O nosso irmão fala da coragem que possui, que admiramos, mas a ela se deve aliar a paciência e nunca deve perder a esperança na bondade de Deus. Quanto à sobrevivência desta família, minha senhora, nunca faltará o pão de cada dia, porque antes de precisarmos. Deus, o nosso Benfeitor Maior, sabe o que deve nos dar para o alimento de cada dia.
O corajoso pescador sentiu nas palavras de Francisco um consolo e uma força que lhe fortalecia a paciência e a esperança no futuro. Francisco, após entregar a criança para a mãe, que a transportou para o catre, levantou-se e disse ao bom pescador:

- Querido irmão das águas!... Vamos pedir a Deus que fez também os mares, que deu vida aos peixes, que salgou as águas, que fez os ventos, que fez a Terra, a luz e as estrelas, que fez tudo e muito mais que não podemos observar, que fez as maravilhas que tens visto, que te permita tomar a ver como antes. Vamos pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo, o canal de Deus para a Terra, que nos ajude em Sua imensa misericórdia e com o Seu amor sem limites, e a Maria Santíssima, mãe de Jesus e nossa, que nos abençoem neste instante, e que a graça do Senhor venha em favor dos que sofrem e choram. Podemos recordar quantos cegos foram curados pelo nosso Divino Amigo... E suplicou em voz alta:

- Mais um, Senhor! Se for da Tua vontade, que este homem veja novamente.

Como por encanto, dos altiplanos da Vida Maior desceu sobre a cabeça de Francisco uma luz em maior concentração de energias divinas, e, penetrando em ser, sem encontrar barreiras, iluminou todos os centros de vida, dando a impressão de acender-se um sol em seu coração. O homem do Amor sentiu que estava diante do Mestre, que lhe falou com brandura no verbo e meiguice no olhar:

"Francisco, não existem distâncias para quem ama! Não saber bem onde estou, mas as tuas faculdades, e a força que as aciona nos faz ficar frente a frente, peço-te que apascentes as minhas ovelhas e não deixes que elas se percam.

Sabes que a verdadeira prece é o Amor que podes dispensar às criaturas; o próximo tem sede de Amor, como a tens de Deus; o próximo tem sede de Fraternidade, como a tens de mim e tem sede de Mãe, como tens saudades de Maria.
Tens muitos caminhos a percorrer, nos quais deverás pisar em muitos espinhos, mas serão eles que te conduzirão ao Amor mais puro, aquele que dá mais de si sem pedir para as suas necessidades. Ama, Francisco!... E continua amando, que estarei contigo pelas vias deste Amor!
Impõe as tuas mãos nos olhos deste bom homem, para que ele retome ao seu dever de cada dia e prossegue, sem esperar gratidão por aquilo que não foste tu que fizeste."

Francisco, tocado de emoção, levou-lhe as mãos aos olhos e observou que um facho de luz esverdeada, de difícil explicação, vinha do alto e penetrava na base do crânio do pescador, e como não sendo ele o dono da boca, falou com autoridade:

- Abre os olhos e vê!

O Dragão do Mar teve a maior emoção de sua vida. Abriu as pálpebras, e delas desceram duas gotas de luz brilhante, em forma de escamas, que caindo ao solo, desapareceram. Livre da cegueira gritou e pulou dentro de casa, dando graças a Deus pelo milagre de sua visão. Abraçou os filhos e a mulher, abraçou os frades e ajoelhou-se diante de Francisco, osculando suas vestes. Quando quis envergar o corpo musculoso e fazer o mesmo com os pés do *Poverello,* esse não o permitiu, repelindo-o com as palavras de Pedro ao paralítico na Porta Formosa, quando alguém disputava sua sombra:

- Levanta, meu filho, que também sou homem!

Permaneceram por ali vários dias, após o que, despediram-se com saudades.

23

Sempre Convosco

É bom relembrar que os discípulos de Francisco, depois de instruídos por ele por vários meses em Rivotorto, Porciúncula, e mesmo no Rancho de Luz, partiam em todasasdireçõesdaItália,eaindaparapaísescomoFrança,Alemanha,EspanhaePortugal, para daí saírem para o mundo. Era o programa de Deus e não dos homens, para que o Evangelho fosse levadoatodasascriaturasnamesmaintensidadedaluzemquenascera.

A Idade Média sofria a violência da prepotência dos senhores feudais. O sofrimento das coletividades se comparava ao dos judeus, na época em que surgiu Moisés para salvá-los dos duros tratos na Casa de Servidão, ou ainda piores, pois foram instaladas duas frentes de perseguições, que alarmavam as famílias; os direitos humanos estavam anulados com as Cruzadas e os tribunais do Santo Ofício. A Igreja e o Estado aliaram-se para submeter aqueles que não fossem obedientes, às suas conveniências.

Entretanto, enquanto os homens fazem planos junto às sombras, Deus estabelece ordens com a Luz. Francisco de Assis apareceu no cenário do mundo com a força divina nas mãos e no verbo, em favor dos sofredores, dos perseguidos e dos injustiçados na Terra, trazendo-lhes uma grandiosa esperança. E esse grupo de homens chamados de *Franciscanos* não poderiam perder tempo, um segundo que fosse; vieram para trabalhar no restabelecimento da paz, juntamente com o seu dirigente, que foi o primeiro nas linhas de frente, encontrando e removendo os maiores obstáculos nos seus caminhos, para reativar os princípios evangélicos deixados por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sete dos discípulos de Francisco decidiram-se a sair em um linha trabalho dentro da Itália, experimentando as suas próprias forças na pregação ^ Evangelho e na vivência de seus preceitos, em uma luta ingente, porque a rehgia dominante, deturpada na sua essência, impôs um modo de entender o Cristo completamente diferente dos preceitos organizados por Francisco e inspirados no Evangelho vivo de Nosso Senhor. Estes homens de Deus anunciaram a Pai Francisco, em uma tarde em que se reuniram em Porciúncula para orar, o trajeto que pretendiam percorrer. E Frei Gil argumentou:

- Pai Francisco, queremos percorrer algumas cidades da Itália, à guisa de exercício, para depois sairmos mundo afora, com destemor, no tocante ao Amor. Se já conhecemos a Luz, achamos não ser conveniente que a deixemos escondida, por ser o próprio Cristo que nos aconselha a colocá-la em cima da mesa. No entanto, queremos o teu beneplácito e que nos abençoe nos nossos propósitos. Além disso, não vamos tê-lo ao nosso lado por toda a vida; já estamos crescendo em Jesus e devemos ajudar-te nas lutas que empreendeste.

E comovido, arrematou:

- Temos certeza de que vamos chorar a tua falta, mas vamos fazê-lo com alegria, por cumprir um dever que significa a tua alegria com Jesus.
Gostaríamos de visitar as seguintes localidades, se for da vontade de Deus: Toscana, Romanha, Lombardia, Abrazos, Apúlia, Bari, Tarento, Lecce, Cosenza, Réggio, e tantas outras que surgirem em nossos caminhos. Perdoa-nos esta decisão, se a entenderes pretensiosa.

Francisco, admirado pela disposição de seus companheiros, redarguiu, emocionado, com alegria:

- Não só vos dou a minha bênção, se ela vos for útil, como, se pudesse, iria convosco por onde quer que fosse. O Evangelho é a meta da minha vida, e devemos levá-lo às criaturas, por ser ele o Pão do Céu enviado às pessoas famintas de Amor e de Paz.
Peço-vos com toda a humildade do meu coração que sejais amigos uns dos outros, investindo todas as vossas energias em conversações sadias, onde estiverem, vos lembrando sempre da advertência de Jesus, quando assevera: "Vigiai e Orai". Nunca entreis em discussões improfícuas, principalmente entre vós; elas dividem o que deve estar unido para melhor servir. Não vos preocupeis com o dia de amanhã, canegando prata, ouro, e mesmo roupas em demasia; além de pesarem em vossos ombros, inquietam os corações e distorcem os sentimentos, principalmente na perda do tempo que deveria ser usado na vivência do tesouro de Jesus, que é o Amor.
Confiai em Deus, que Jesus estará sempre na frente, preparando-vos lugar onde devereis ficar, e, principalmente, servir. Jamais devereis vos preocupar com que o povo possa pensar de vós; ele é sempre influenciado pelas ilusões do mando e das vestes, de cortejos e de apresentações, de autoridades dos homens. Deveis firmar-vos em um só princípio, que é o de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos. Aí está, como nos faz compreender o Evangelho, toda a lei e os profetas, e acrescentamos: toda a vida.
Ide, meus filhos!... Estaremos sempre juntos pela força do dever e da oração, e quando souberdes que, alhures, estejam alguns dos nossos companheiros ide até eles, para receber o estímulo e também estimular aqueles corações no mesmo serviço, que se dispuseram fazer. Também eu, por esses dias vou partir, não sei ainda para onde. Nascemos e vivemos para servir à causa de Deus, na ordem do Cristo. Que Ele os acompanhe!
E assim, partiram os sete homens de Deus: Freis Gil, Gaspar, Domingos Rogério, Ângelo, Custódio, Bernardo e Alpino.

Certa noite, em que a alegria invadia os corações no serviço da Verdade, Frei Gil disse aos seus companheiros, com bom senso:

- Irmãos em Jesus Cristo, não podemos, em momento algum, nos esquecer das palavras de Pai Francisco, com as suas belas advertências, porque, por enquanto, estamos pisando em flores, estamos sendo domados e respirando o clima da fraternidade. Por enquanto, meus irmãos, estamos vivendo em família, na satisfação peculiar às crianças. Porém, a realidade não será esta; é bom que pensemos no que aconteceu com o próprio Cristo quando foi levado até ao Calvário.

Passados alguns dias, foram assaltados em viagem por ladrões profissionais, que, nada encontrando, rasgaram-lhes as roupas e atearam fogo em seus poucos pertences; e ainda os espancaram sem piedade, dizendo-lhes em altos brados, que eles fossem trabalhar, porque se os encontrassem novamente sem dinheiro, matá-los-iam.
Frei Gaspar ficou uns dias revoltado, pois nunca tivera antes suportado tão brusca agressão. Seu coração pedia perdão para aqueles homens ignorantes, mas o seu raciocínio ordenava desforra e pedia vingança. Todavia, com o passar dos dias, acalmou-se pela força do exemplo dos companheiros.
E o Evangelho ia sendo pregado por onde passavam, deixando o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo em maior evidência.
Em Apúlia, foram denunciados e presos por vários dias, depois foram soltos, por nada haver contra a sua conduta; mas sofreram fome e agressões. Quando ja acostumados aos sofrimentos, alimentados pela fé, certificaram-se de que todas as forças de que dispunham vinham de Deus e de Cristo, pelas vias do próprio coração.
Quando caminhavam de Lecce para Tarento, no Golfo de mesmo nome, no mar Jónico, abeiraram-se de um casarão que o tempo começara a destruir. Era um velho castelo de repouso de família nobre em eras recuadas. Atormentados p chuva e estropiados pelas longas caminhadas, pediram pousada. Morava ali uma família não menos sofredora, que, encontrando o velho palácio cm minas, ocu'5^e por lhe faltar abrigo. Entraram e sentiram-se felizes pela acolhida e pela simplicl da velha residência, notando que lugar não faltava para que todos se abrigassem-
homem, muito gentil, pediu-lhes desculpas, dizendo:

- Senhores, estou aqui com minha família, escorraçados pela sociedade, onde não pudemos ficar devido a enfermidades contagiosas que sofremos.

E tirou com tristeza um pano que encobria seu rosto:

- Vejam, como estou! Seja feita a vontade de Deus; não podemos mesmo morar onde as pessoas são sadias, porque essa doença é contagiosa. Se quiserem ficar aqui, para nós é um grande prazer, pois não temos com quem conversar, e gostaríamos de ter notícias de outros lugares. Mas, para o seu bem, acho que devem partir, procurando outro pouso, porque poderão sofrer as consequências de sua imprudência.

Notaram o rosto do homem, e se compadeceram. Já tinham tido contato com muitos leprosos, mas como aquele, nunca. Jamais tinham visto tamanha degeneração física no rosto de uma pessoa. Dois dos frades tiveram vontade de retirar-se e ir embora, por impulso natural do ser humano; não obstante, a conduta dos demais fez com que se aquietassem na postura de cristãos. O chefe da família continuou a dizer com humildade:

- Vejo que são homens de Deus, e que passam provações, pelo estado em que se apresentam. Se aceitarem, a casa é suas; fiquem à vontade, porque também fomos acolhidos aqui por bondade de Deus.

Frei Gil, feliz pela acolhida, discorreu com discernimento:

- Caro irmão, que Deus te abençoe com a tua família. Fazemos parte de uma comunidade cristã, cujas raízes - o nome já indica - se alicerçam no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. As diretrizes foram traçadas em espírito e verdade pelo nosso Pai Francisco de Assis, homem de profundo amor e de comprovada vivência na Caridade e no desprendimento; portanto, estamos bem nesta casa de Deus. Somos todos de paz. Necessitamos de pousada, mas nada queremos que não nos possa dar; o sono para nós é grande reparador de forças e, ao amanhecer, iremos em busca de alimento, por reconhecer que Deus é Pai e nunca deixa Seus filhos Passar necessidades do essencial. Não te aflijas, podes dormir sossegado que nos acomodaremos muito bem aqui. Quanto à doença a que te referes, fica sossegado, Pois não temos receio; talvez sejamos mais doentes do que tu, porquanto a doença da alma é bem pior e todos estamos à procura do Cristo para nos sarar.

O leproso, ao ouvir as palavras de Frei Gil, emocionado e sem encontrar palavras, chorou!... Frei Gaspar, impaciente por conhecer seus familiares, já estava com o coração predisposto a amá-los. Ele, percebendo os pensamentos do franciscano disse comovido:

- Até agora, meus senhores, não tive coragem de lhes mostrar minha família, pelo estado calamitoso dos meus entes queridos. Não sofro por mim, tanto quanto por eles. Por Deus, meus senhores, eles sofrem demais... No entanto, ao vê-los aqui conosco, parece-me que

novo ânimo invadiu meu coração, novas esperanças colidem com as minhas torturas e a confiança em Deus está viva.

O leproso anônimo recebeu mais conforto dos outros frades, e foram todos dormir. No dia seguinte, foi novo dia para aquela família; os frades ficaram conhecendo todos e, verdadeiramente, era acentuado o estado de decomposição provocado pela doença, dilacerando os corpos, observando-se a falta de membros que nunca mais se recomporiam. Frei Gil e Frei Angelo sentiram a necessidade da presença de Pai Francisco naquela casa de sofredores, mas como chamá-lo? E as distâncias? Como resposta, Frei Gil lembrou-se do que lhes dissera Pai Francisco, na ocasião em que partiram, e repetiu para Frei Angelo: *"Ide, meus filhos, que estaremos sempre juntos pela força do dever e da oração!... "*
Frei Ângelo deixou escapar lágrimas dos olhos, nascidas da saudade, força poderosa que se interliga a outra maior: o amor das pessoas que se amam verdadeiramente. Frei Gil, confortado pela lembrança de Pai Francisco, falou confiante:

- Já que estamos cumprindo o nosso dever diante do nosso próximo, Frei Angelo, esta noite vamos orar todos juntos na paz de Deus, para que possamos sentir a presença de nosso Pai Francisco em espírito e verdade, na paz de Deus, de Jesus e de Maria.
Alguns dos frades eram dados à pesca, e foi o que fizeram durante o dia. A tarde, a alegria foi enorme; os pescadores pescaram muito e voltaram carregado Outros trouxeram frutas e variadas sementes da natureza. E foi uma festa na casa do doente: todos comeram dentro de um ambiente de pura fraternidade. Os frades ajudaram na limpeza do casarão, ao qual o asseio deu um aspecto de alegria.
Frei Gil falou com disposição:

- Meus filhos, desejo agora completar o nosso dia de trabalho com uma oração conjunta, agradecendo a Deus pelo teto que nos acolhe e pelo que nos deu de alimento.
Fazendo assim, nos lembramos igualmente de Pai Francisco, que vela po nós sem cessar.

Frei Gil pediu ao dono da casa que trouxesse para o salão todos o familiares, para que, com eles presentes, fosse maior o prazer de orar. O chefe casa não se fez de rogado; forrou o piso com velhas esteiras e transportou, um a um, em seus ombros estragados pela doença, sem perder a confiança, e sempre disposto a ajudá-los com alegria. Frei Bernardo tomou a palavra com simplicidade, dizendo:

- Senhor!... Estamos reunidos nesta casa, como servos que podereis usar para os trabalhos que Vos convier. Estamos sem nosso guia, a quem tanto amamos e respeitamos, e Vos pedimos, Senhor, permiti que ele fique mais perto de nós, pelo Amor que gravou nos nossos corações.

Estamos diante de uma tempestade familiar. Como podem num só lar reunir-se tanto infortúnio, tanta dor e tanta tristeza? Deus, se for do Vosso agrado, repartiremos conosco a cruz desta gente, que nos abriu as portas desta casa, fazendo-nos sentir como parte da família. Aliviai, Pai, a dor destas criaturas, e colocai no coração deste homem, o ânimo necessário, para que ele possa lutar pelo pão de cada dia. Estas crianças, esta mulher... diante de tanto desconsolo, não sabemos como pedir a Vossa misericórdia, nem como estender as mãos diante de Vós.

Compadecei-Vos de todos nós, nesta angústia sem comparação. Eu Vos peço, quase sem forças para Vos falar, que nos ajudeis, para que haja um intercâmbio entre nós e nosso Pai Francisco, porque ele sabe consolar, suas mãos podem ser as mãos de Jesus, e sua palavra, a de Cristo, que poderá vir pelas vias de seu verbo. Essa é a nossa esperança, porque para Vós não há o impossível.

Abençoai o nosso querido Pai Francisco onde ele estiver, para que ele possa estar conosco neste momento. Confiamos na Vossa bondade, e na Vossa misericórdia, esperando que seja feita a Vossa vontade e que a nossa Mãe Maria Santíssima esteja também conosco, para o bem destas criaturas.

Francisco de Assis, no momento em que Frei Bernardo orava, encontrava-se no Rancho de Luz, falando aos seus companheiros. Silenciou-se por um momento!... E pediu aos irmãos para que orassem em conjunto, enquanto ele estivesse orando. Em dado momento, Francisco foi tocado por duas mãos luminosas, e se fez dois: o seu corpo material permaneceu junto aos companheiros e ele, em estado de graça, em corpo espiritual, saiu levado por duas mãos, que o conduziram com toda bondade, ouvindo em tom de harmonia espiritual:

"Meu filho!... Devemos acudir, mesmo que distante, aos que sofrem. O Espírito atende onde quer que seja. para que Deus seja presente, aonde for chamado a socorrer em nome da Caridade. A força do Amor é tão grande, que é da lei que nos dividamos para nos tomar um Sol, na unidade do seu poder, alcançando seus raios anos horizontes, onde a dor se transforma em prece. Aquele que tudo fez, e que nos criou por Amor.

Continua em oração, porque ela, na educação dos sentimentos, é força nova que se transforma em asas, em impulsos de vencer distâncias, como relâmpagos estendidos nos espaços. Alguns dos teus filhos espirituais esperam por teu carinho e por teu trabalho em favor de uma família que sofre o peso de muitos infonúnios transformados em chagas. Sofrem o peso da tristeza, transformada em lamúria e ò peso da dor, transformada em desespero. Acode, Francisco, aquele pai de família que é a chave da esperança para os demais, cuja dor é a porta de libertação para que ela própria se transmute em liberdade e em alegria no futuro.

Deixo tudo em tuas mãos, para que elas façam o que for conveniente Entrego-te as bênçãos da Luz para que com ela afastes as trevas daquele lar, em nome de Deus..."

Francisco notou, em plena consciência, que chegara a um casarão onde estavam os seus discípulos que tinham viajado para que o Evangelho fosse conhecido. O *Poverello* de Deus ficou entre os sofredores, e sentiu o que deveria fazer. Frei Bernardo ainda em silêncio, olhou para Frei Domingos que, em profundo sono, soltava uma massa esbranquiçada pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos; e aquela massa imponderável foi em direção a Francisco em espírito, dando-lhe forma. E o mestre apareceu aos discípulos na suavidade dos sentimentos. Francisco guardou silêncio como todos que ali estavam. O homem de Assis avançou para junto do chefe da casa, como lhe tinha recomendado a voz que o conduzia. Ajoelhou-se frente ao enfermo, levantou as mãos para o alto e fez sentida prece ao Criador, empregando todas as suas possibilidades, para que o Cristo operasse naquilo que ele deveria fazer.
Francisco, envolvido em encantadora luz verde-brilhante, com estrias de um dourado sem precedentes, atendeu ao pensamento de alguém invisível. Dois canais de luz partiram de Francisco para o doente, cujas chagas foram desaparecendo, como por mcanto. Era a magia da fé buscando a vontade Maior. O homem sentia que aqueles raios de luz visitavam todo o seu corpo, no carinho peculiar às mãos de santo e ouviu uma voz como nunca ouvira em sua vida:

"A tua fé te curou".

Francisco levantou-se, como um Sol que brilhava dentro da casa, abriu os braços em gratidão a Deus, e nada falou. Desapareceu como apareceu!
Frei Domingos, como que acordando, disse em voz alta para que todos ouvissem:

- Eu vi Pai Francisco... eu vi Pai Francisco!... E os discípulos e os familiares, juntos, choraram e cantaram hosanas a Deus pelo milagre testemunhado por todos. O chefe da família, sentindo-se curado, perdeu a voz por instantes e abraçou o frades como se fossem filhos que há muito não via. Frei Gil,com a voz embargada, falou emocionado:

- Meus irmãos!... Deus tem recursos para nos atender, quando acha conveniente. Tudo está perto, quando o Amor se manifesta em nossos corações, pevo convidar, em nome de Deus, ao nosso Frei Custódio e a Frei Alpino, a ficarem juntos a essa família o tempo que for necessário, para que a fé seja a luz deste lar, e para que o ânimo se aposse destes irmãos, na luta de cada dia, enquanto nós outros avançamos caminhos, porque o Evangelho tem urgência do nosso concurso em outras bandas. Façamos, meus irmãos, da

palavra e da vida, o Evangelho vivo, e acordemos quem estiver morto. Depois, encontrar-nos-emos na paz do Senhor.

E partiram!...
E ali, naquele velho castelo, foi instalado um Serão Evangélico todos os dias, e a alegria foi dominando o ambiente, fazendo esquecer todo o tipo de infortúnios. Os próprios doentes não se lembravam mais da enfermidade, porque o Amor apaga a guerra e acende a paz.

24
Do Oriente ao Infinito

Francisco de Assis era, por natureza, um andarilho. As condições de transporte da época não ofereciam meios de atravessar distâncias enormes em pouco tempo e o sacrifício do físico exigia o peso de muito esforço. Mesmo assim, a brandura das suas conversações mostrava a todos quanto de Amor ele possuía pelo próximo. Desfazia com amabilidade todo o ódio que, porventura, viesse a seu encontro.
Dava mais valor quando uma criatura dominava um instinto inferior, do que às maiores conquistas do mundo em guerras fratricidas, mesmo que a justiça da Terra marcasse o vencedor com todas as honras. Nunca impunha as suas ideias, que sempre eram iluminadas; passava vivendo-as, esperando que somente Deus o ajudasse, se elas fossem verdadeiramente certas. O Anjo de Assis tinha gestos amenos, jamais ofendia alguém e nem se ofendia, igualmente procedendo com os contrastes do mundo. Era reto no pensar e no viver, sem a influência de correntes religiosas e políticas. Nem a argumentação persuasiva dos príncipes da Igreja, como tão pouco as dos reis do Oriente, o convenciam da necessidade da conquista do Santo Sepulcro.
Pai Francisco não ensarilhou armas contra a esbómia das falsas filosofias espiritualistas; não tentando abater a ignorância pela violência, exemplificou Jesus, sem atitudes de imposição. Vivia o Amor, para que o Amor pudesse ser a vida dos outros. Tanto amava a Terra onde nasceu, quanto a pátria dos que pervertiam seu povo, ou os que perseguiam e, por vezes, matavam os seus discípulos.
Se acompanhava o Cristo, dizia ele, tinha de revivê-Lo na sua profunda essência da fraternidade absoluta. A Terra era o seu lar maior. Não obedecia as divisões humanas

para amar as criaturas; considerava-se cidadão do Planeta, à procura da Cidadania Universal.
Quando começou a viajar para fora de seu país, em contatos com outros povos, sentiu com maior esplendor a grandeza de Deus, na fome de todas as criaturas, de amor e de fraternidade, conheceu os sentimentos das nações e o porquê do sofrimento humano. Viu que a Comunidade que fundara era uma peça indispensável para a própria vida, como volta ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, era certo que gastaria muito na sua consolidação; no entanto, tinha de ser começado por alguém. E esse alguém deveria enfrentar todos os tipos, de obstáculos se não a própria morte, como acontecera com os primeiros mártires do cristianismo, pois nem mesmo o Cristo fora poupado!... Estava declarada a guerra contra os deturpadores dos conceitos do Mestre e a sua atitude era avançar.
O poder do espírito jamais será medido pelos homens. Ele começou no Oriente, estendendo-se ao infinito, correndo por todas as linhas do saber, e despejando todas as suas experiências no coração. Os fenômenos transcendentais que ocorreram por seu intermédio e no meio deles, ocorreram também no reino dos animais e na natureza, em todos os seus departamentos de vida.

* * *

Certa feita, estando Francisco de Assis em peregrinação pela cidade de Gubbio, ao norte de Assis, soube que a população daquela região estava em desassossego, pois ali morava, nas encostas de determinados penhascos, um lobo feroz, que já tinha devorado vários animais, e mesmo algumas crianças. O lobo era remanescente de uma alcateia, da qual ficara afastado por doença, fazendo morada de uma caverna que encontrara, alimentando-se de animais que por ali passavam, atacando igualmente seres humanos descuidados.
Tantos foram os prejuízos verificados e o pânico espalhado pela região, que a população foi ao seu encontro, para que ele abençoasse aquele lobo, e rogasse a Deus que o fizesse desaparecer, para que a paz se restabelecesse. As mães aflitas imploravam a Pai Francisco que tivesse piedade e as ajudasse, prometendo-lhe fazer qualquer penitência, desde que se livrassem do perigoso animal.
Pai Francisco ouviu, com paciência, o apelo da população e prometeu fazer alguma coisa em benefício de todos. Iria pedir a Deus para que o lobo procurasse outro lugar, que não fosse aglomeração humana. E Francisco, como de costume, à noite, entrou em meditação e em oração ao Senhor. Nestas horas, os seus ouvidos sempre registravam coisas fora do comum dos homens. E foi o que ocorreu, ao pedir a Deus nestes termos:

- Meu Deus!... Meu Senhor!... Permite que Te peça algo, talvez inoportuno, mas que está na alma do povo, por onde estamos passando, e a quem queremos levar o Evangelho do Teu Filho e Nosso Mestre, que nos pede alguma coisa que lhe possa trazer a paz e a tranquilidade física. Que afastes, Senhor, o lobo que os ataca, pois bem sabes o que ele anda fazendo, matando animais e ferindo homens amedrontando a população. Se for do Teu agrado, e se o merecermos, faze com què esse lobo saia desta região e procure outro lugar onde ele possa sentir-se melhor e os homens viverem em paz.
Jesus, ajuda-nos a compreender as necessidades dos nossos semelhantes e fazer por eles alguma coisa; Maria, mãe de Jesus, cobre-nos a todos com o teu manto de luz, confortando os nossos corações tribulados, mas que seja feita a vontade do Senhor e não a nossa.
E no intervalo em que reinava o silêncio, Francisco, à espera de resposta ouviu no fundo d'alma um cântico a lhe responder o que deveria ser feito, em um tom harmonioso e cheio de ternura:

- Francisco, ouve-me!... O lobo tem o direito de ficar onde quer que seja, arriscando também a sua vida. Para onde devemos mandá-lo? Ele tem necessidade de algo que existe entre os homens. Esses não procuram melhoria no bem-estar e no convívio com irmãos da mesma e de outras raças? E, pois, um direito que assiste a quem vive, a qualquer criatura nascida de e por Deus. Como expulsar e sacrificar um animal, somente para satisfazer pessoas, algumas sem piedade até para com os próprios semelhantes? O egoísmo dos homens é que os faz sofrer, não simples animais, que pedem socorro, com os recursos que possuem.
Vai, Francisco, conversar com ele, o lobo. Depois de entendê-lo, volta e conversa com os homens, e vê se os entende, o que acho mais difícil. Procura fazer uma aliança entre um e outros, para que o que sobre, não falte a quem tem fome, e que, depois de amansada a fera, não a maltratem, pois quase sempre, depois da paz, surge o abuso.
O lobo tem fome, Francisco!...

Francisco despertou do êxtase e sentiu o drama do velho lobo. E partiu para uma das gargantas do Monte Calvo, situado nos Apeninos. O grande animal ao ouvir a voz cantante de um homem, saiu do seu esconderijo, talvez pensando em alimento e água, esquelético e meio fraco. Vidrou os olhos no pequeno homem de Deus, e esse lhe falou mansamente:
- Irmão Lobo!... Que a paz seja contigo, seja feita a vontade de Deus e não a nossa! Eu sou de paz. Venho pedir-te em nome de Deus e de Jesus, que tenhas um pouco de confiança nos homens, porque nem todos são violentos; muitos são bons e gostam de animais. Podes conviver em paz com eles e comer o mesmo que eles.

Espero que me ouças. Peço-te para ir comigo até eles e lhes pedirei para te atender nas tuas necessidades. Eu também sou um animal; nada tenho aqui para te dar, a não ser o meu carinho, mas prometo que te darei a amizade de todos, naquilo que possam te ofertar. As mães estão chorosas, temendo por seus filhos-Vem comigo, que serás compensado por Deus!.

O lobo, a essa altura, já estava deitado aos pés de Francisco, roçando seu longo pescoço nas pernas do seu protetor, submetendo-se com confiança. Este ajoelhou-se, pôs-lhe as mãos sobre a atormentada cabeça e agradeceu a Deus pela nova amizade. Ao lado dos dois estava uma pequena falange de Espíritos da natureza, alguns na forma de animais, festejando aquela aliança no sentido de despertar nos homens, o amor para com os animais, e nestes, o amor para com aqueles.

O futuro nos promete que a cobra viverá em paz com o batráquio, o rato com o gato, o cão com o felino, o cordeiro com o lobo, e que os homens viverão em paz com os próprios homens.

Francisco olhou para o lobo e disse com piedade:

- Vamos, meu irmão; desçamos juntos, para junto dos homens, pois somos todos filhos de Deus!

Francisco seguiu na frente e o lobo o acompanhou com passadas lentas, mas sem perder o seu guia. Ao chegar ao lugarejo, o povo saiu às portas assombrado com o fenômeno. Muitos já conheciam o feroz animal, que naquele momento tomou-se um companheiro manso e obediente, na sombra do santo. Esse assentou-se em um cepo, ao lado de uma casa, e o lobo aproximou-se de seu companheiro, que passava levemente a mão sobre o seu corpo descamado, falando-lhe com serenidade:

- Irmão lobo, este lugar é também teu. Considera-te filho deste abençoado rebanho de ovelhas humanas que irão te tratar como se fosses filho. Nada vai te faltar, nem água, nem comida, nem o carinho de todos os irmãos em Cristo que aqui residem, e para tanto, vamos de casa em casa confirmar o que desejamos. Se, porventura, tivesse de morder alguém aqui, faze isso comigo agora; não deves trair o que combinamos, eu te peço. Jesus Cristo gosta muito de animais, tanto que preferiu nascer em uma estrebaria, a nascer em palácio. Ele poderia escolher o lugar que quisesse, e buscou os animais; isto é uma prova de Amor por eles.

As mãos do *Poverello* corriam no lombo do animal, inundadas de luz que só o amor pode fornecer, e os olhos do animal deram um sinal que somente os humanos podem dar, o sinal das lágrimas, porque é mais fácil chorar do que sorrir.

Francisco levantou-se, tornou a chamar seu companheiro e foi de porta em porta, em nome de Deus e de Cristo, pedindo aos moradores para que não faltassem água e alimento para o lobo, e todos, vendo a mansidão do animal junto a Francisco, concordavam.

O filho de Assis ficou alguns dias na região, até o povo acostumar-se com a convivência do animal, e o lobo ficava de porta em porta, comendo e bebendo. Engordou, tomando outras feições, mas, conservou-se sempre manso. Uivava nas madrugadas, sentindo saudades do *Santo de Assis.*

No fim da sua vida, já suportava até pancadas por parte dos transeuntes, ao tentar acompanhar algumas pessoas. Era mordido por cães agitados que percorriam a cidade, e muitos deles tomavam a sua comida, sem que ele se revoltasse com o fato. Nunca brigava com seus adversários e, por fim, já doente, não tinha forças para andar de casa em casa em busca de alimento. Acomodou-se em uma velha casa, onde mãos caridosas fizeram-lhe uma cama de palha, que foi o seu leito de morte. Muitos moradores levavam para ele o que comer e beber, e, em uma madrugada, escutou-se o lobo uivar, por ver na sua refina um frade a convidá-lo para um passeio. Quando fez força para levantar-se, o fez, não com o corpo físico: levantou-se no outro mundo em seu duplo etérico, e acompanhou o frade, mostrando pela cauda, a alegria que estava sentindo no coração. E desapareceram no infinito os dois filhos de Deus.

* * *

Certa feita, Francisco chegou a Pádua, terra onde se radicou um dos grandes franciscanos, Antônio de Pádua, que também ficou consagrado com o nome de Antônio de Lisboa, por ter nascido na capital lusitana.

Francisco de Assis, com alguns dos seus discípulos, andava pela periferia de Pádua em uma tarde ensolarada, quando sentiu sede e saiu à procura de água no grande rio, que corria próximo. Destacou uma folha de árvore, virando-a em forma de copo e sorveu a água com prazer, agradecendo em voz alta por aquele líquido sagrado da natureza.

Um pescador que pescava em local próximo ao que estavam os frades, fisgou um peixe grande e, como já tinha ouvido a fama dos frades franciscanos, ofereceu-o a Francisco, que o recebeu ainda com vida; beijou-o, pediu desculpas ao pescador, e o devolveu às águas, dizendo:

- Vai, meu filho, que os teus irmãos te esperam; vai na paz de Cristo, que todos temos direito à vida. Não tenho fome. Por que abusar da tua vida? Que Deus te acompanhe!

Pai Francisco, assentado à margem do rio com os discípulos, começou a contar histórias, referentes aos profetas. Juntou-se a eles o pescador e daí a instantes via-se, a margem do rio, cardumes enormes e quase todos os peixes levantavam as cabeças para fora da água, como que ouvindo as histórias do *Santo de Assis.* E este, quando observou o milagre da gratidão, mostrou para seus companheiros o amor daqueles viventes das águas pelos homens. "E ainda assim", disse ele, "os peixes entregam suas vidas para que vivamos e somente deveremos aceitá-la quando a fome estiver em ponto de não podermos mais tolerar a falta de alimento. Eles também conhecem Jesus são certificados da Paternidade Universal e nossos irmãos menores na escala da vida

E ali pregou o Evangelho para os peixes, até sentir a claridade das estrelas. Francisco estava vendo o que muitos não conseguiam: Espíritos das águas, andando sobre elas e festejando o acontecimento, cantando e dançando sobre o lençol cristalino, onde ondas de magnetismo, provindo das estrelas distantes, pareciam encontrar-se em policromia indescritível, coroando todos os seres pelo poder do Amor.

Francisco levantou-se com os discípulos, abençoando em despedida os peixes, que pulavam como se quisessem acompanhar o protetor dos animais. Um Espírito das águas, com porte de rainha, avançou em direção ao *Santo de Assis,* beijou-lhe as vestes, deixando nelas um saldo de amor e gratidão, na qualidade de perfume, cujo aroma inebriante todos sentiram. Esse aroma impregnou-se às vestes de todos por semanas a fio, como lembrança de uma festa diferente: uma festa de Amor em plena natureza.

* * *

Francisco de Assis nunca permanecia em descanso prolongado. Onde quer que estivesse, aproveitava o tempo para algum serviço de Deus. Quando de uma de suas idas à Cidade Eterna, em uma de suas andanças pela grande metrópole, dirigiu-se a uma grande feira de frutos, comestíveis e trabalhos manuais, muito em voga na época. Os mercadores, ao vê-lo - pois a sua fama de *santo* já tinha corrido mundo - gritaram, chamando:

- Pai Francisco, por favor, fala para nós alguma coisa que nos sirva para a vida! Fala sobre o que for melhor para nós, que vivemos toda a vida no comércio!

Aproximando-se, Francisco abraçou a todos com carinho e amor, passou os olhos nos feirantes que o circundavam satisfeitos e falou com ênfase e bondade:

- Meus filhos!... No ato de comprar ou vender, não esqueçais o sorriso, pois ele é o prêmio da vida, para a vida de todos.

E sorrindo, despediu-se dos feirantes, deixando a sua paz, para a paz de todos.

* * *

Francisco peregrinava com um punhado de discípulos por Espoleto, Temi, Riéti e Áquila. Trazia no coração a necessidade de integração com a natureza, de ar não somente aos semelhantes, como assevera o Evangelho; também tinha fome de amar tudo que manifestasse a vida e palpitasse a presença de Deus.

Eram de grande valia para ele as oportunidades de expandir o seu amor por alguma coisa ou por algum vivente, fosse qual fosse a sua natureza. Sabia a combinar a sua condição com aquelas dos que com ele participavam, na linha do progresso espiritual. Tinha razões para isso, por encontrar na vida do Divino Mestre quadros que o levavam ao Amor mais Puro e Universal. Tinha na feição de Maria mãe de Jesus, a segurança do seu coração e a disciplina dos seus mais arrojados sentimentos. Orava sempre à Mãe Divina, pedindo a ela as bênçãos para os seus caminhos, tendo-a como sua própria mãe, reconhecendo sua mãe carnal, como irmã em caminho.

Nunca se esquecia de Jarla e Foli nas suas orações, e sempre que voltava a Assis, procurava o seu antigo lar, para manifestar seu carinho à família. Mesmo sabendo que seu pai o havia deserdado dos sentimentos de paternidade, amava-o com todo o coração. Tinha tempo, e era o seu maior prazer visitar os servos do senhor Pedro Bernardone, e consolá-los com o seu verbo inflamado, fazendo-os conhecer Jesus, senão o Seu Evangelho vivo, que destrói a morte.

Francisco, que chegava a Temi, ouvindo um melro a cantar, de modo a parecer um desafio ao seu próprio dom, aproximou-se do pássaro e cantou com ele, um dueto sem precedentes. Francisco e o pássaro cantaram a duas vozes e, passado longo tempo naquela arte, o poeta humano, não suportando o ritmo da ave cantora, pediu para parar. O pássaro deu umas voltas em torno de seu companheiro, desdobrou-se em uma sinfonia estridente, e desapareceu como por encanto, em uma grande extensão de árvores próximas. Com mais alguns quilômetros de caminhada, Francisco deparou com uma multidão de peregrinos que vinha ao seu encontro. Francisco, emocionado com tanta gente ansiosa pela sua palavra na palavra de Cristo, começou a pregar o Evangelho. Em dado momento, o melro regressou, dirigindo um bando da mesma espécie, milhares de pássaros, todos cantando e voando em tomo da multidão, ficando a voz de Francisco abafada pela cantoria. Francisco calou-se. Os pássaros redobraram-se em cantos, todos de uma só vez. A certa altura, os sons tomaram-se estridentes demais para serem suportados, e a multidão já se inquietava.

Francisco, em um gesto de amor à natureza divina, na expressão divina daquelas vidas em evolução, levantou os braços para o alto, e em tom de humildade, falou aos melros com delicadeza:

- Meus irmãos!... Estou sentindo muita alegria em conhecê-los a todos. E para mim grande satisfação tê-los junto a nós, nesta festa ante a natureza. Como é bom ouvi-los, compreendendo que estão ajudando na harmonia da natureza e fazendo a vontade de Deus, na alegria do Cristo!

Que a nossa Mãe Santíssima os abençoe a todos, agora e eternamente. Eu lhes peço, com toda a humildade de meu coração, no grau em que possa ofertar-lhes, com toda a paciência naquilo que posso lhes dar, com todo o amor pelos poderes do Mestre Jesus, que se calem um pouco, para que eu possa falar do Evangelho a esse povo que está sedento da palavra de Deus, e, se for do agrado de todos que assim seja, ficarei muito contente com todos vocês, e a minha gratidão será bem maior do que todas as alegrias que tive no mundo até agora. Vocês, como nós, são filhos de Deus, e o Amor do Pai Celestial lhes deu tudo para a felicidade: a natureza para viver, os campos, os frutos, as sementes, as asas para voar, e o dom de cantar para Ele, que sempre ouve Seus filhos do coração. Eu, como o menor de todos, peço-lhes que se calem, para que eu fale aos irmãos que me desejam ouvir.

Os pássaros silenciaram-se, espalhando-se pelo chão e pelas árvores, e Francisco recomeçou o seu sermão, tendo como templo a mãe Natureza. Discorreu sobre a vida do Cristo, no anúncio dos velhos profetas, sobre a missão de Moisés, e os trabalhos dos discípulos de Nosso Senhor; recordou a renúncia dos companheiros do Divino Amigo e o sacrifício de muitos deles, a morte de inúmeros seguidores do Evangelho no Coliseu de Roma e em praças públicas e do sangue que foi derramado como cântico de louvor à vida, que não tem fronteiras e continua em todos os rumos.
Quando terminou a sua predica, as aves alçaram voo, como que festejando a multidão que sempre crescia ao passar dos minutos, e cantaram como nunca. Francisco observou em tomo dos pássaros, luzes que se intercruzavam naquele ambiente livre da vida simples e formosa. Entidades espirituais, com mãos entrelaçadas, cantavam hosanas ao Criador, umas apresentando a forma de pássaros dourados, que, ao farfalhar das asas, desprendiam claridades benfeitoras em forma de essências em direção aos homens que ouviam Francisco que, abençoando a todos, em êxtase de emoção, disse com dignidade:

- Meu Deus!... Como é belo ver o que se esconde por trás da ignorância; como é lindo sentir o que se encontra depois do ódio, como é esperançoso respirar onde se encontram os Anjos cantando em louvor ao Todo Poderoso!
Deus, ajuda-nos, a nós outros a ajudar mais. Consente que despertemos para a Luz da Verdade, para que esta nos liberte de tantos preconceitos, que nos prendem como escravos das leis humanas.

Cristo, permite que sejamos educados para educar, que sejamos livres para libertar, que sejamos humildes para compreender, que sejamos alegres para alegrar, que sejamos bons para incentivar a bondade, que sejamos luzes para clarear a todos.
Consente, Senhor, que a paz nos ajude no trabalho, que o trabalho nos ajude no equilíbrio, que o equilíbrio nos ajude na saúde, que a saúde nos ajude a compreender o Amor de Teu coração.
Jesus, abençoa todas essas criaturas que vieram em busca do pão que desceu do céu, o pão espiritual, e que a Tua mãe seja a mãe de todos nós, hoje, agora e na eternidade.
Abençoa os pássaros nas suas trajetórias, abençoa os animais, as árvores que nos ouvem, igualmente, no silêncio que nos faz compreender o segredo da vida mais profunda e que por vezes foge ao nosso raciocínio e escapa à maior das ciências da Terra
Abençoa as pedras que se nos fazem testemunhas e a própria terra em que firmamos os pés, o ar que respiramos, a água que nos garante a própria vida do corpo
Eu, na qualidade de Teu menor servo no mundo, curvo-me como faço agora sobre a terra quente e benfeitora e, beijando-a, beijo-Te o coração na eternidade.

* * *

Pai Francisco lembrou-se do pedido de Inocêncio III, para que fosse a uma das Cruzadas. Fosse qual fosse o seu interesse, ele, Francisco, tinha diretrizes marcadas na própria consciência sobre o que deveria fazer, em consonância com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pela certeza absoluta de que somente o Evangelho poderia trazer a paz nos corações dos povos, tomou-se o elo de ligação da luz nas trevas e era o ponto de onde a alma em atraso poderia começar a sua jornada de educação individual.
Com sua corte de discípulos, partiu de Porciúncula para o porto marítimo de Ancona, onde deveria tomar o navio para o Oriente. Entre os companheiros de Assis havia uma forte agitação; todos queriam acompanhar o mestre, no sentido de dar: testemunho preciso em favor da grande missão de Evangelização das criaturas, onde quer que fosse. O Oriente era terra muito falada, e eles tanto queriam conhecê-la, como levar de volta a palavra do Divino Mestre, que, pela vontade de Deus, nascera naquela região, na Palestina, onde Seus discípulos e a Mãe Santíssima foram o cortejo de anjos que desceram dos Céus à Terra para que as profecias se cumprissem.
Quando Francisco chegou ao porto com os discípulos, surgiu um grande problema: o da escolha de quem haveria de seguir com ele. Não ficaria bem ele mesmo escolher, pois poderia suscitar ciúmes, o que seria o mais certo. Mesmo dentre os Espíritos esclarecidos, o ciúme é qual gás finíssimo, que penetra nas aberturas mais sutis das almas. Sem percebermos, sentimos ciúme de gente e de coisas, dependendo do momento e do que está em jogo.

Francisco, conhecedor dessas fraquezas humanas, sempre se apegava às palavras do Cristo, quando nos recomenda *Vigiar e Orar para não cairmos em tentações;* sentiu uma intuição benfeitora, Teve a ideia de chamar uma criança que passava, abraçou-a e conversou com o garoto sobre as alegrias que poderiam levá-lo à felicidade. O menino, educado, falou-lhe o nome de seus pais, onde morava e o que estava fazendo ali no porto. O *homem de Deus* pegou a criança nos braços, beijou-a com ternura, colocou os discípulos em fila e falou com o garotinho:

- Meu filho!... Quero te pedir uma coisa muito interessante para mim e pa[ra] Deus: que escolhas dentre esses homens, meus amigos, os que devem ir comigo para o Oriente, para a Terra onde nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo. Deves escolher o
que achares convenientes. Vai, meu filho, fazer esse trabalho tão difícil para mim!

Colocou no chão o menino, que avançou uns passos em direção ao grupo e a mesma mão de luz dos momentos decisivos de Francisco levou a mão do garoto a apontar doze dos discípulos, que choraram de emoção. Os demais ajoelharam-se, agradecendo a Deus pela confiança dos Céus, de ficarem no lugar de Pai Francisco, com a grande responsabilidade na exemplificação do Evangelho de Nosso Senhor.
Francisco, tomado de alegria, tomou a beijar a criança, em gratidão aos Céus por aquele pequeno instrumento de escolha dos seus companheiros. Despediram-se e partiram, uns para Assis e outros com o guia espiritual, demandando as águas que interligam continentes.
Francisco e seus seguidores viajaram mais de trinta dias no gigante de águas. Obtiveram do comando do barco ordem para pregarem o Evangelho ao povo e trabalhavam todos os dias, por obrigação da consciência, na limpeza da casa flutuante. Fizeram amizades, mesmo com os que odiavam a religião que se fixou no seio dos Césares, mostrando a todos que Cristo não era somente Guia dos que se diziam católicos, porém, O era de toda a humanidade. Não era Pastor interessado em separações humanas; era, sim, a personificação do Amor que se irradia em todas as direções do Universo.
O grande barco ia em direção a São João D'Acre, lugar onde ficaram onze dos seus discípulos a pregarem o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele e mais um dos seus amigos do coração seguiram para o Egito. Em Damieta, encontraram os soldados da Quinta Cmzada, da qual faziam parte homens, mulheres e crianças, em uma verdadeira desorientação de comando. Francisco, quando viu aquilo, sentiu o pulsar das ideias, procurou o comando e pediu para que eles voltassem. A Cmzada não tinha sentido, nem condição de avançar, principalmente naquele momento, em que iria conversar com o Sultão Kamel, e tentar interferir nos seus conceitos sobre o Santo Sepulcro. Infelizmente, o frade do Cristo não foi ouvido e a Cmzada foi totalmente destruída, derrotada e

espezinhada. Morreram milhares de criaturas, que derramaram o sangue em troca da defesa do Santo Sepulcro, onde não existiam nem as ideias de Jesus.

O sultão já tinha mandado cortar o pescoço de vários discípulos de Francisco, para que o povo sentisse a sua força e o seu poder. Era uma guerra obsessiva, movida por Espíritos ignorantes, tanto de um lado quanto do outro. Francisco nunca apoiou guerras, jamais pegou em armas para matar e o seu mstrumento de guerra era a palavra, o seu quartel general era Cristo, e a sua defesa era o Evangelho no coração.

Se tivesse de dar algum direito a alguém, daria aos muçulmanos, porque eram suas as terras invadidas e eram ignorantes acerca do Evangelho que ilumina. A herança deixada para a Igreja Católica Apostólica Romana era a herança moral de Nosso Senhor, e a defesa que ela, a Igreja, deveria fazer, era a dessa moral mas, com o exemplo da própria conduta, e não investindo sobre os direitos dos outros. Dentro de uma religião de Amor não pode existir imposição de conceitos nem totalitarismo de ideias.

Francisco foi o exemplo máximo do Amor, dentro de um mínimo d compreensão, e ele era consciente, mais que todos, por que estava lutando e qual a finalidade da sua luta. Os frutos dos Concílios, feitos em nome de Deus e de Cristo eram quase sempre para estabelecer ordens de vingança, manter a prepotência e matar quem não pensava como os representantes da Igreja autoritária. Quem fazia estas leis eram homens de grande inteligência e de vasta experiência no campo da teologia. Francisco era só, mas só, com Deus. A graça de Deus dera-lhe uma multidão, na mesma sintonia do Amor, para acompanhá-lo, entregando a vida se foss pedida, para que a Verdade tivesse condições de libertar as criaturas tocadas pelas emoções dos seus ideais. Deus é Deus de todos que são Seus filhos. Por que investir uns contra os outros? De que lado estaria Ele, se Seu Amor se dividisse como o sol e a chuva? O Cristo veio como agente direto do Senhor, para fazer os homens compreenderem a intensidade dos direitos de cada um, na grande Fraternidade Cósmica. Francisco via e sentia a presença da morte a rondar os guerreiros por todos os lados. Estava como uma bandeira de paz em meio de uma guerra que, sabia ele, era um escândalo; no entanto, Jesus já dizia que era necessário o escândalo, mas ai daquele que escandalizasse.

A comunidade franciscana já compreendia e já tinha certo domínio sobre forças inferiores, alcançado no exercício das virtudes evangélicas. Francisco obteve permissão dos dirigentes católicos para atravessar as fronteiras, onde os inimigos eram implacáveis. Os sarracenos, na fúria do ódio contra os cristãos, destruíam-nos como animais; não tinham o menor respeito pelo ser humano, mormente aqueles que não fossem de sua religião. Os sentimentos atravessam o tempo, no mesmo nível de ferocidade, nos seios das religiões e o Espírito atrasado, se fosse levado para planos superiores, é de conceito

comum, que ele lá, seria o que é; ele, para onde for, carrega a sua inferioridade. E a alma iluminada certamente não foge à mesma lei.
Francisco de Assis teve desassombro de ir ao encontro do Sultão Melek-el-Kamel com um dos seus discípulos, pela autoridade que o Amor lhe condena. Era verdadeiramente um instrumento do Amor. Os seus sentimentos eram como pistilos e a sua inteligência, estames da vida, que o tempo se encarrega de fecundar na consciência. E eis que a alma, enriquecida nessa simbiose divina, levanta todas as forças para Deus, como mãos espirituais, e o verbo executa outra dinâmica de sons. Neste arrojo de elevação, dá para entender que existe a felicidade, e quem respira nesse ambiente, como os santos sabem fazer, desperta para a realidade de Deus porque começa a conhecer a Verdade, e ela a libertar as criaturas.
Francisco era, por excelência, o medianeiro do Cristo; deixava, na sua ternura incomparável, transparecer a própria feição do Mestre. O sultão foi avisa de que dois frades desejavam falar-lhe sobre a paz, e que um deles era Francisco de Assis, famoso cristão que viera da Itália, senão de Roma, para encontrar-se com Sua Alteza. Kamel, no momento, teve ímpetos de prendê-los; no entanto, a ideia foi fugindo de sua agitada mente, e fê-los entrar em sua luxuosa tenda, onde musculosos servidores estavam de guarda. Francisco era o Evangelho do Cristo e o sultão era no todo, as ideias de Maomé, onde reinava o Alcorão.
Quando Francisco entrou juntamente com seu discípulo Iluminato, conduzido por guardas sarracenos e o sultão pôs a vista nos dois homens simples, pés descalços e túnicas rotas, este explodiu em estrondosa gargalhada, que quase o sufoca em acesso de riso. E falou impetuosamente:

- O que esses dois mendigos querem comigo? Pensei que fossem dois agentes do Clero Romano, com as pompas que lhes cabe desfrutar!

E sorriu de novo.
Francisco, humildemente, pediu licença ao chefe muçulmano e, cumprimentando-o, beijou-lhe a mão com todo o respeito, desejando-lhe paz, no que foi secundado por seu companheiro. O sultão ordenou-lhes que se assentassem e mandou servir refresco de frutas, perguntando-lhes em seguida:

- O que quereis de mim, vós que chegais até a minha tenda? Quais os ventos que vos sopraram as ideias que me trazeis? Falai logo, que não tenho tempo a perder, já que estamos em guerra. Sei, por experiência própria, que conversa não vence batalha; os encontros são somente tréguas, senão alívio, para os que estão perdendo e sofrendo o guante dos fortes.

Francisco acomodou-se com seu companheiro em almofadas, ao lado do sultão, com o respeito que lhe era devido e disse com brandura:

- Muito respeitável senhor!... Nós desejamos que entendais a posição de quem ama a Deus sobre todas as coisas, aquele Deus a que podeis dar o nome que vos convier. Ele jamais muda a Sua bondade e o Seu amor, por se tratar de outra raça ou pelo modo como é entendido por ela. Todos somos irmãos diante do *Todo Poderoso.*

Particularmente, tenho muita admiração pela figura grandiosa de Maomé, que teve um gesto divino de consolidar a fraternidade entre um povo, e essa unidade espiritual somente pode ter nascido do Amor, esse Amor mal interpretado pelos que falam, pensam e escrevem, Amor que vem de Deus, e, vindo de Deus, não pode ser destrutivo. E força divina, com a divina presença dos homens que representam esse Deus de Bondade.

As guerras nascem da ignorância dos homens, que levam o nome de Deus para a frente das batalhas, destruindo em Seu nome, como desculpa para ficar em paz com a consciência. Como se enganam os que incentivam as batalhas e incrementam as guerras! São hipócritas, os medrosos e os covardes, que ficam sempre distantes dos campos de lutas. Já vistes alguns dos que criaram as Cruzadas na frente de batalha? Nem sequer os soldados os conhecem. As ideias de que a luta é de Deus vêm por intermediários que são igualmente covardes, que matam até os próprios guerreiros enfermos ou mutilados, exigindo dos que estão na frente, a vitória E quando a alcançam, as glórias são dos que não lutaram, e as honras são dos néscios dos que recuaram dos perigos.

Peço-vos desculpas, se porventura vos ofendo com minhas palavras, mas se quero ter liberdade de conversar com um simples soldado, uso dessa mesma liberdade para falar convosco. A minha franqueza deve estender-se onde quer que seja e com quem me ouça, porque a palavra de Deus não pode encontrar obstáculos. Está havendo um equívoco nessa luta do Oriente com a Europa. Os mortos chegam a milhares de criaturas, todos nossos irmãos, filhos do mesmo Deus, ou seja, do mesmo Alá, como O chamais. Todas as nações reunidas formam um Lar Maior, onde Deus ocupou o tempo e o espaço para nos dar a vida e meios de perpetuá-la, pois somos feitos, todos, da mesma massa divina e nós, por ignorância, destruímos essas possibilidades, que a natureza gastou tempo para nos ofertar por Amor de Deus e dos Anjos.

Que diríeis se fosse preciso matar todos os vossos filhos e irmãos em vosso lar? Qual a vossa opinião a respeito? Certamente seria contrário à guerra doméstica, à matança dentro do próprio lar. Pois é contra isso que estamos aqui, procurando despertar os corações para a realidade de estarmos lutando por um pedaço de terra sem importância e destruindo, somente porque nele foram colocados os restos mortais de um grande Sábio, de um grande Santo. Deveríamos, então, respeitar o resto da Terra, porque, toda ela passou pelas mãos mais Sábias e Santas de todos os sábios juntos: as mãos de Deus, as

mãos de Alá. O corpo humano que está sendo destruído sem respeito, é instrumento divino que marca a presença de Deus no homem. E essa dádiva material dos Céus para nós está sendo amontoada aos milhares, para os festejos dos corvos - dentre eles mulheres, crianças e velhos - tudo isso feito sem piedade, por estarem afastadas dos corações todas as virtudes geradas do Amor.

E o mesmo que afastar Deus da alma, abrindo as portas dos sentimentos para os agentes das trevas, brincando com a natureza divina que habita em nós.

Eu gostaria de saber, em verdade, se entre os prisioneiros que as forças do Oriente já encurralaram existe algum familiar de cardeais, bispos ou papas, enfim, dos altos mandatários da Igreja Católica Apostólica Romana. Gostaria de saber se nos exércitos que defendem o Santo Sepulcro existem familiares vossos ou daqueles que formam convosco o império religioso que representais, perdendo a vida na ponta de espadas e lanças, manejadas por hábeis matadores. Creio que não!... É esse Jesus Cristo que nós pregamos, que não aceita que façamos aos outros o que não queremos para nós; é esse Cristo que nos esforçamos por imitar, quando pega a Sua cruz e segue com ela até ao topo do Calvário, aceitando ajuda, mas nunca transferindo para ombros alheios o exemplo de coragem que Ele devera dar. Ele é o nosso Guia Maior, que está sempre à frente de todas as guerras e das lutas de toda ordem, razão por que os Seus discípulos n'Ele confiam. Ele não manda, vai; não somente fala, mas faz; não somente distribui conceitos, vive-os. A coragem de viver pela paz, desejando à humanidade somente a Vida, somente o Bem e o Amor é a mais sublime que existe.

Os homens que dirigem as nações se apoiam em homens, para não caírem nas mãos dos que pervertem a ordem; os homens que pregam o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo firmam-se nas virtudes e têm como defesa a conduta reta, que nunca falha. Os próprios soldados que agora vos protegem, amanhã poderão cortar a vossa cabeça em praça pública, dependendo de quem detiver o poder. E qual a vossa segurança? A maior segurança está em Deus, e para tal é necessário que cumpramos a Sua lei, a lei do Amor.

Não quero cansar vossos ouvidos nem enfadar o vosso coração com teorias, mas rogo paciência, aquela que a vossa religião também ensina, e que penseis e analiseis o que estou dizendo, que sendo o nosso Deus o mesmo, haverá de nos ajudar a compreender a Verdade, que também é uma só para todas as criaturas.

Também eu amo o Santo Sepulcro, mas amo-o como amo o chão em que agora pisamos, por ser todo ele igual, como são todos os viventes no mundo. Por que matais para defender? Defender o que, se toda defesa pertence a Deus? Neste momento - que nos perdoeis V. Alteza - somos somente dois, viemos desarmados, não usamos da violência nem da arrogância no falar; não agimos por ordem de alguém, que não seja de Deus e de Jesus que pensam estar no Santo Sepulcro. Ele é espírito, e o Espírito sopra onde quer que seja; é livre das contingências materiais e habita no lugar em que Lhe aprouver.

Cristo não representa somente uma raça e não pertence a uma só nação. E, por excelência, Universal, porque o Seu amor é o mesmo de Deus. Viemos ao encontro de V. Alteza, em nome da paz, para apartar irmãos em luta contra irmãos. Quantas viúvas e mães neste momento choram e sofrem a perda de seus companheiros e filhos? Quanta calamidade se alastra por muitos países, por causa de simples vaidade de conquista? Na verdade vos dizemos, que ai daqueles que provocaram essas guerras em nome de Deus, ai daqueles que desencadearam essa discórdia entre nações, ai daqueles que ainda alimentam ódio entre irmãos. O próprio Jesus é quem disse: "Pagará ceitil por ceitil!"
Nobre sultão, o Cristo é Cristo livre, não está preso debaixo de alguns palmos de terra, e, sendo o Príncipe da Paz, não veio insuflar as guerras!

Kamel ouvia em silêncio profundo, remoendo ideias e selecionando pensamentos. Tinha em sua mente, de fácil raciocínio, a imagem de Maomé e buscava no Alcorão preceitos com os quais pudesse contestar a linguagem inspirada de Francisco. Orava mentalmente, buscando recursos para dizer alguma coisa; no entanto, o coração não permitia que falasse o contrário daquilo que ouvia da boca do
Santo de Assis, cuja presença, quando falava, mudava o ambiente, fazendo quem o ouvia respirar uma atmosfera de Amor, de Paz e Fraternidade.
Kamel estava como que preso a conceitos diferentes dos que estava acostumado a ouvir, partindo da religião em que nascera. Sentiu que precisav verdadeiramente, aprender mais do que sabia acerca de outras religiões e mesmo d outros povos. Sentiu-se fraco diante daquele homem sem expressão física, de pés no chão e túnica que o tempo já começara a destruir. Nem os seus servos se vestia" tão mal assim! Entrementes monologava:
"Vestes e sandálias não falam nem pensam, e as companhias não valoriza o acompanhado. Vejo-o como realmente é; vejo e admiro a sua alma, o Espírito que me fala. E esse é grande pelo que é. Por Alá, que homem é esse?"

Olhando para Francisco com os olhos marejados de lágrimas, deu sinal para que os seus servidores saíssem, mesmo aquele que não se afastava um só moment de sua companhia. E ficaram os três homens, em profundo silêncio. Talvez fosse a primeira vez em que o sultão manifestava humildade diante de alguém, mormente d um estrangeiro, na posição de inimigo. Passou as mãos no gordo rosto, com ímpetos de tirar o turbante da cabeça, e falou na frequência que pôde imprimir à sua palavra:

- Bom homem! A força religiosa que me sustenta o coração parece t anulado o meu raciocínio, e como não encontro pessoas como tu, que falam o qu pensam, na inspiração que lhes cabe, pela meditação que o seu Deus sente bem em lhes falar, fico isolado de

outras ideias de Alá. Se nunca pensei no que ouvi, sinto que tem lógica o que dizes, e vou me servir dessas ideias como sementes dentro d minha cabeça, e pedir ao Poder Superior que, se elas forem parceiras da Verdade, que me ajude a tratá-las, como sendo o melhor para mim.

Peço-te que rogues ao teu Deus por mim, a fim de que eu possa ser eu mesmo, sem sofrer influências que não sejam as ditadas pela Verdade. Quandc dou ordens que contrariam o andamento natural das coisas, sinto que estou ultrajando a própria consciência; no entanto, a vaidade me instiga para tal, de sorte que, n~ mesmo instante, sinto-me bem ao aplicar a lei, que eu mesmo já acho conveniente.

Como disseste, devemos no mundo trabalhar uns pelos outros, como se fôssemos uma só família, a família universal de um Deus único e verdadeiro. Ao inv" disso, promovemos, à nossa revelia, divisões das coisas sagradas, levados pela posiç que ocupamos diante do povo que, muitas vezes, exige de nós o que não queremos fi Se não o fizermos, esse mesmo povo nos agride e, pela violência, nos expulsa do lug-que ocupamos. A coragem quase sempre nos falta e deixamos de cumprir o dever de honra junto à nossa consciência, que nem sempre está acordada.

Sinto que, na teoria, estás certo no que falas, mas, na prática, neste pa's onde o teu Deus de Amor não é conhecido, é impossível viver desta maneira. Não acabas de dizer que os próprios dirigentes da tua religião fogem ao dever? Como a massa humana poderá entender aquilo que os que falam não vivenciam? Ficará sempre na pauta das histórias, mais nada. Vejo que és um homem diferente dos outros, principalmente, dos da religião a que chamas cristã. O teu Mestre foi divino, porém, Seus continuadores humanos são de classe muito inferior, em se comparando com o Mensageiro dos preceitos que ora esposas. Não quero, nem me acho na posição de ferir alguém, mas os teus chefes na Terra, se é isso que devo falar, são uns inúteis, na guerra e na paz, e, principalmente, nesta última. Vejo também que és um homem corajoso, um soldado sem armas, porque elas provam que não lutamos pela paz e, sim, para anular os inimigos e destruir as coisas que chamamos santas.

Não me esquecerei do que falaste e da tua presença que muito me anima para o lado do bem comum; não vejo nesta hora o que vestes e o que calças; não levarei em conta se és cortejado pelo exército de Roma, mas admiro-te pelo que és, pelo que podes mostrar e pelo que deves ser.

O sultão teve, várias vezes, vontade de beijar as mãos de Francisco de Assis, pela sua humildade e seu interesse pela paz da coletividade. Notou, no intervalo das suas palavras, que aquele homem simples à sua frente, era verdadeiramente um cidadão universal. Tinha certamente uma Pátria: a Pátria do Amor, sentimento que nunca encontra barreiras para manifestar-se. Não se curvou diante de Francisco pelo entrave da

posição que ocupava e pelo condicionamento que a sua estrutura lhe impunha. E ainda mais, o seu povo nunca saberia entender isso. No entanto, um Espírito de alta envergadura, que o inspirava nas conversações e no modo de ser, fê-lo, com toda ternura que lhe competia agir, diante de tamanha ajuda ao seu tutelado. Esse Espírito era Maomé que, com todo o seu acervo de qualidades conquistadas na lavoura do tempo, beijou as mãos de Francisco, segredando em seus ouvidos psíquicos:

- Caro companheiro em Jesus Cristo!... Quero-te com o mesmo amor que dispensas aos outros, na linha de trabalhos que empreendeste diante da calamitosa situação em que se encontra o mundo, nas investidas que as sombras incentivam, como as Cruzadas e os tribunais do Santo Ofício.

Aquele que abraçaste como teu Mestre, também O tenho como Guia Espiritual. Foi sob as Suas bênçãos que tive oportunidade de formar um agrupamento com ideias renovadas, diferente dos velhos preceitos que escravizam as almas, sem lhes dar direitos que lhes pertencem como seres humanos, filhos do mesmo Pai Celestial.

Na época em que vesti um corpo de carne, também fiz guerra e venci; fiz uma peregrinação à Meca e pressionei a massa para a crença que formulara, donde saiu o Alcorão, escrito em couro de animais, por processos que a humanidade deverá conhecer no futuro. Cometi muitos erros e procuro repará-los, por meios que neste momento observas, de induzir as criaturas que no momento ocupam lugares de destaque, representando um Maomé que alimenta outras ideias, um Maomé que procura o Cristo como sendo o Sol que nunca se apaga no turbilhão da vida humana e espiritual.

Agradeço-te pelo que fazes por este sultão. Comoveste esta criatura isso já é algo de grandioso. Todos nós trabalhamos pela unidade espiritual da Terra; no entanto, as dificuldades encontradas são difíceis de serem removidas. A tua presença para nós é de grande valia, pois no ambiente que fazes, no campo dos sentimentos agimos com mais eficiência. Já conquistaste um grande tesouro sobremaneira divino, o tesouro do Amor.

Francisco, Esse a quem chamas de teu Mestre, O é também para nós e eu considero-me um simples mendigo diante desta figura incomparável, sem expressão no verbo do mais eloquente tribuno, e sem condições de ser retratado pelo pálido concurso da escrita. Querer explicá-Lo, em Sua grandeza, será diminuí-Lo. Fui como que um Seu precursor, para avivar nos árabes a crença em Deus, o Alá que eles tanto amam, sem ainda compreendê-Lo.

A massa não pode, por enquanto, conhecer a Verdade do modo pelo qual nós a conhecemos. Há muito trabalho a se fazer nos corações das criaturas, e os dirigentes religiosos gastam todo o tempo em construções exteriores, como se a paz e a felicidade morassem fora de nós. Eu te compreendo, como me compreendes, no alto sentido do Amor Universal.

Por último, quero agradecer-te pelo que fazes a este que estimo e ajudo na sequência da minha missão, que só terminará quando terminar o ódio entre as raças e castas. Que Deus nos ampare!...

Enquanto Francisco ouvia a palavra do fundador do Islamismo renovador, o sultão que, ensimesmado meditava, recompondo-se, abraçou-o com renovadas esperanças de paz entre as duas forças em guerra.
Depois que Francisco partiu, o Sultão ficou muito tempo em meditação, examinando o que ouvira daquele homem de Deus. Notou que não doía mais o velho ferimento que tinha debaixo do braço esquerdo e que muito o fazia sofrer. Era uma chaga purulenta, resistente a remédios e tratamentos pela ciência da época. Passou os dedos no lugar da enfermidade e, não sentindo dor alguma, afastou as roupas e constatou que ela se fechara por encanto. E logo deduziu:

"Foi aquele homem! Ele é um enviado de Alá!"

Curvou-se por terra, na forma característica da religião, e agradeceu aos Céus, chorando de contentamento.
Francisco saiu da tenda com Iluminato, cantando de alegria e dando graças a Deus, pela oportunidade de servir, de conversar com o sultão que teve a caridade de ouvi-lo.
Francisco de Assis tinha grande interesse em ficar no Oriente, principalmente onde nascera o Mestre Incomparável, mas quando somos instrumentos da Verdade, nunca fazemos o que queremos e, sim, a vontade de Deus. E foi o que aconteceu com ele. Conheceu a Palestina, andou em todos os lugares por que Jesus de Nazaré passou pregando e curando, e teve grandes recordações de um passado que somente a reencarnação explica nos tempos que correm.
Visitou o Calvário, e nele sentiu coisas estranhas, mas agradáveis, como que a presença da Mãe Santíssima, chorando o Seu Filho Amado. Sentiu a presença dos apóstolos, e por vezes via alguns deles, a lhe transmitir ânimo na sua jornada. E quando a saudade quis prendê-lo no Lugar Santo, ajoelhou-se no mesmo instante, sem escolher lugar apropriado para orar e o fez dentro da espontaneidade correlata ao seu modo de ser, dizendo com profunda humildade:

- Senhor Jesus de Bondade e de Amor!... Sei, e sinto que sou um ser desprezível, sem qualidades para Te falar, sem condições para Te pedir o que desejo, sem importância na escala dos Teus filhos. Mas, mesmo assim, peço-Te, por misericórdia, que não deixes que a morte me visite sem as marcas das Tuas chagas, para que eu sinta, Jesus, o que passaste

e compreenda o verdadeiro sentido da Tua dor, da dor universal que se transmuta em Paz, em concórdia, em Amor.
Parece que Te peço demais, mas faço-o por sentir conforto em pedir, e se for do Teu agrado, quero ficar nesta Terra, e se meu desejo prevalecer, que seja eu torturado como os primeiros cristãos, apedrejado como foram os filhos da Boa Nova, desprezado como os Teus santos Apóstolos, e queimado, como foram os primeiros homens e santas mulheres, que guardaram a fé cristã dentro dos corações.
Porém, caso não possa, que eu seja marcado pela dor, e que me ensine a amar, com aquele Amor que ilumina a consciência. Sou Teu servo e por onde eu passar, quero que o Teu nome seja a baliza de luz, que nos ilumina a todos.
Amém.

Quando terminou a oração, a luminosidade que o envolvia ampliou-se de maneira espetacular, dirigindo-se à guisa de canais para o cérebro de Francisco, que absorvia do alto um foco de luz de cambiantes diferentes, como claridade viva a penetrar em sua cabeça. Por esse meio, ele escutou a voz meiga e suave, muito sua conhecida:

- Francisco, tu me amas?

- Sabes que Te amo, Senhor.

- Então, volta para a Terra em que nasceste! Aquele povo precisa do teu calor e da tua presença. O trabalho te chama, com urgência, nas terras onde fomos perseguidos, onde foram sacrificadas muitas vidas em nome da Verdade.
Tens no coração a semente de Amor, que carece ser plantada com boa vontade e carinho. Espero que a fé seja o clima do teu coração, e que a esperança seja o ar que respiras; procura trabalhar sem a influência da corrupção, perdoar sem interesse da amizade lucrativa e doar o mais puro Amor, sem que o comércio te afete os sentimentos.
Não percas tempo em lamentações pelos que partiram, servindo de pasto da i gnorância humana; eles estão bem, por terem cumprido seus deveres, diant dos seus compromissos. Nunca peças o que não pode ser; cada alma é um mm^ diferente, com tarefas desiguais, para que, em um todo, se ajustem em felicidad para os homens.
Confia e espera trabalhando e orando, para que as tentações não desapropriem as tuas oportunidades, que te levarão à vitória. Sê manso e humilde de coração mas não Te esqueças da prudência das serpentes; sê corajoso, porém não deixes que a coragem se transforme em violência. Avança contra os inimigos e procura destruí-los entretanto, os inimigos de que falamos são todos de ordem interna, que moram na comunidade do coração e flutuam, por vezes, da cabeça à consciência.

Procura o meu Evangelho permanentemente, que ele, a Boa Nova, é por excelência a fonte de Deus. Estás indo bem. Continua, que estarei contigo em todas as lutas'

Francisco levantou-se sorrindo e chorando ao mesmo tempo, e na mesma hora procurou o caminho de casa e, lembrando-se de todos os companheiros, orou por eles, pedindo ao mesmo Jesus, para ajudá-los nas suas dificuldades.

* * *

Francisco de Assis voltou do Oriente, sentindo pulsar em seu coração a vitória da palavra de Deus. Depois que cinco de seus discípulos foram trucidados em Marrocos e, posteriormente levados para Portugal, ele constatou que a coragem cristã estava solidificada nos corações dos seus companheiros, e quando fosse solicitado pelo destino, qualquer um deles daria a vida, cantando, qual os primeiros cristãos em Roma, no Coliseu. Encontrou em si uma resistência sobremodo grandiosa, pelas companhias que Jesus lhe deu. Amava muito os seus discípulos.

O comandante do navio em que Francisco viajava do Oriente para a Itália afeiçoara-se a ele, tendo-o como guia, nada deixando faltar para o seu bem-estar. O homem de Assis, sentindo-se acanhado com tanta gentileza, procurava ser útil nos serviços de bordo. O comandante recusava seu oferecimento, sob a alegação de que ele precisava descansar das suas lutas em favor do Evangelho e em benefício do povo. Francisco não se deu por vencido e, ao raiar do Sol, ele com o seu companheiro já tinham prestado serviços na limpeza do barco, assim continuando até a chegada. Dizia sempre para o comandante sorrindo: "Eu acho que quem pode trabalhar e não o faz, não deve também comer!"
Certa madrugada, em que o céu parecia mais próximo do mar, as estrelas faiscavam como se fossem vivas e a lua derramava sua claridade nas águas frias, o navio parou, sem que se entendesse o porquê. Os ventos eram favoráveis, nao havia recifes no lugar e a profundidade das águas era enorme. O mar gemia, como se estivesse carregando um peso descomunal, mas o navio não se movia. Contudo, o chefe do grande barco não se desesperou, deixando para o amanhecer as providências que deveriam ser tomadas. Quando a estrela de quinta grandeza fez do mar um espelho a refletir brandas claridades, todos se movimentaram para encontrar a causa do fenômeno. Mergulhadores trabalharam em todas as direções sem proveito; aparentemente nada acontecera, mas o navio não deslizava sobre as águas. Esperaram por várias horas e nada acontecia. Estava mesmo preso, ninguém sabia em quê, mesmo os mais experimentados navegadores. Várias teorias foram aplicadas, as velas foram içadas a todo pano e o navio permanecia parado no mesmo lugar.

O comandante lembrou-se de procurar Frei Francisco, esperando que ele interviesse com seus poderes espirituais, mas quando chegou à sua câmara de repouso, encontrou-o em êxtase, pálido como cera, e seu discípulo ao lado, lendo trechos do Evangelho. O comandante do barco saiu, mansamente, explicando à tripulação com muita calma, que Francisco estava em oração para solucionar o caso. Depois de algumas horas, apareceu Pai Francisco dizendo para o comandante:

- Vamos, meu filho, vamos embora! Jesus segue à frente!

E um forte vento abalou o navio, fazendo-o deslizar no grande lençol de águas.
Com mais algumas semanas, o navio ancorava no porto de Veneza, e Francisco ansioso por pisar em terra, para o trabalho urgente do Evangelho, deu graças a Deus por chegar. E partiu para várias cidades e, em todas elas, operou fenômenos que o espaço não nos permite revelar.
Francisco percorreu Pádua, Bérgamo, Brescia, Mântua e outras cidades, deixando em todas elas as marcas da sua santidade e do seu poder espiritual, renovando os velhos conceitos pregados pelos sacerdotes, que visavam mais o bem-estar próprio do que mesmo a paz dos seus semelhantes.
Pai Francisco voltou do Egito um pouco doente; contudo, não reclamava: o seu ambiente individual era o mesmo, ou talvez melhor, por ter recolhido muitas experiências acerca da vida. A temperatura do continente que visitara era incômoda e nociva para os europeus; o sol escaldante atingira Francisco principalmente na vista, cuja claridade em demasia, lesou-lhe a visão, não acostumada a essa luz intensa. Tinha uma organização fisiológica franzina, órgãos muito sensíveis e, por vezes, alimentava-se pouco, dado que era a prolongados jejuns, ainda que por dentro, no cerne da vida, fosse um forte pela própria natureza do Espírito.
Era a força de Deus ostentada no seu coração e transmutada em campo de energia, dando-lhe sustentação para acudir ao chamado do Divino Mestre, quando determinou:

"É necessário que fiques até que eu volte"

O *Poverello* volta a Assis, onde fora implantado o coração da comunidade Franciscana, tendo Porciúncula como a igreja-mãe e o Rancho de Luz, como universidade de aprendizado mais profundo sobre o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.
A notícia da chegada de Francisco espalhou-se como um raio, e todos foram visitá-lo com alegria. Os frades de todas as localidades, quando souberam de seu regresso, foram até ele, para refazer suas forças, gastas nas lutas com as incompreensões humanas. Muitos deles já tinham entregado as próprias vidas selando a força do Evangelho no coração dos que sofriam.

Eram conscientes da vida que continua em toda parte e sabiam que o Espírito sobrexiste ao corpo. Tanto Pai Francisco, como seus companheiros, conheciam por experiência, o intercâmbio com aqueles que vulgarmente se chamam de mortos, e os assuntos mais profundos de que o Evangelho é portador eram ventilados somente entre eles, porque a massa não estava preparada para conhecê-los, na totalidade de sua claridade espiritual. A verdade, em determinados casos, precisa ser velada. A luz, quando muito forte, pode cegar as criaturas.
Foram várias semanas de festa pelo regresso de Pai Francisco. Todos queriam saber sobre os acontecimentos verificados nos lugares por ele percorridos; ele, por sua vez, tinha grande interesse em saber como andavam as atividades dos frades, por onde demandaram em pregações, na solidificação da Boa Nova do Cristo. Não obstante, ninguém ficava parado; as conversações eram desenvolvidas à noite, pois o dia era destinado a trabalhos de variada ordem, cuja filosofia era o maior empenho da Comunidade. A renúncia e a palavra *servir* eram a senha de luz, a ampliar os caminhos do coração.

Francisco sentia saudades de alguém que ainda não vira depois de sua chegada. Clara sentia, igualmente, um aperto no coração, com a falta de seu pai espiritual. Em uma acolhedora manhã, em que o disco solar parecia um carro de fogo na sua viagem costumeira, adentrou Clara, acompanhada de várias irmãs em *Cristo, em busca de Pai Francisco, a fim de, novamente, abastecer seu coração de* luz. Quando o viu, os sentimentos não suportaram; faltou-lhe a voz, os olhos se fecharam, e a emoção fê-la sentar-se. Somente sentimentos de amor vibravam no coração e na mente da *santa de Assis.* Francisco ergueu-a, sorrindo, diante da alegria dos frades presentes, tomou-lhe as mãos, e falou com o carinho e o afeto que identificam os Espíritos afins, onde o verbo busca entonações que somente o coração pode guardar.

- Clara, minha filha! Que Deus te abençoe, hoje e na eternidade! Imensa e a alegria que sinto neste momento, de vê-la junto às irmãs em Cristo. Peço-te licença para beijar tuas operosas mãos que sei, têm servido de instrumento para que a Mãe de Jesus, nossa Mãe Santíssima, trabalhe em favor de todas as mães do mundo e de todas as criaturas de Deus.
Como estás sabendo portar-te diante dos compromissos assumidos ante a tua consciência, com a presença de Deus, nosso Pai! E isto, para mim, é uma grande felicidade. Por onde passo, tenho tido notícias do teu trabalho, que algumas vezes chegam aos meus ouvidos pela espontaneidade das coisas; de outras vezes, porque pergunto por ti, e sinto paz em saber da tua felicidade.

Tive notícias de tua mãe, da decisão que tomou, e de tuas irmãs carnais; estou a par do destino que tomaram minha mãe e Foli. Tudo isso em conjunto é o próprio céu, procurando doar-me paz, a me falar que existe a felicidade. Como é bom te ver, Clara! Tua presença me faz recordar um passado que permanece vivo em meu coração, e nele ficará para sempre.

Notava-se que as auras de Francisco e de Clara transfundiam-se em uma simbiose divina, ajustando-se como um serviço do Amor. Do braço direito de Francisco descia como por encanto da própria natureza, uma projeção de luz de variada tonalidade, a espraiar-se em todo o metabolismo de Clara, circulando nos centros de força daquela mulher grandiosa, e lhe trazendo ao coração a maior emoção espiritual que o puro amor pode ofertar. Também dela se projetava uma corrente fecundante, que era absorvida pelo braço esquerdo de Francisco, em volumosa expressão, onde as cores desafiavam a quem tentasse catalogá-las, viajando pelas vias invisíveis de seu corpo, tendo o mesmo destino das energias captadas por ela, revitalizando seus centros de força, para o trabalho da disseminação da Boa Nova do reino de Deus. Acenderam-se em Francisco todos os seus pontos sensíveis à luz e, visto pelos olhos espirituais, poder-se-ia dizer que se encontravam nas sombras da Terra, duas estrelas.

Naquele dia, conversaram por horas a fio, trocando ideias e estabelecendo planos para o bom andamento dos trabalhos desenvolvidos por ambos. Cercados pelos discípulos e confreiras, que ali desfrutavam o Amor do mais puro que se pode encontrar, cantaram hinos de louvor à grande Vida que sustenta a todos.

Em dado momento, o *Santo de Assis* olhou para Clara com as lágrimas umedecendo seu rosto seráfico, e disse com emoção:

"Clara!... O meu peito é uma gávea que te prende! Dentro dele bate o teu coração em mim."

Não precisava mais palavras para selar o amor espiritual entre duas criaturas, como aquela manifestação de carinho e de fraternidade elevada, em cujo calor Francisco secava as próprias lágrimas, beijando as mãos de Clara como beijasse a sua alma, que irradiava na mesma dimensão. Clara, ofuscada com a presença de Pai Francisco, e com o que sentiu e viu, a sua boca serviu de instrumento a uma força maior e falou refletindo todos os seus sentimentos para com Francisco Assis, sem se esquecer de sua mãe, que igualmente amava o *Poverello.* Disse:

"Francisco!... Mamãe muito te quer e abençoa a tua vida, em sua vida, lendo-te a paz no meu amor.

Dar-te-ei meu coração, que já é teu, dar-me-ás o teu, que já era meu, por herança do passado no Senhor."

Por força do Amor sem barreiras, que as condições físicas poderiam impedir, abraçaram-se ternamente os dois filhos de Deus, como dois companheiros em Cristo, sob as palmas dos que assistiam àquele espetáculo de luz, onde a lei de Deus era o ambiente de vida.

* * *

O sacrifício nas horas apropriadas constitui força propulsora para o progresso e a unidade do Bem para a paz das criaturas. Quando chegaram à Casa dos Portugueses as relíquias dos frades torturados em Marrocos, pela palavra do Evangelho que estavam pregando e vivendo, houve um abalo de sentimentos, do qual nasceu um franciscano de nome Fernando de Bulhões, que já vestia a túnica branca da Ordem dos Agostinianos. Em pleno fulgor das suas forças físicas e espirituais, gozava, entre as ovelhas que os Céus tinham lhe confiado, vida amena e cômoda posição.
Fernando nascera em Lisboa, cidade que na época se apresentava entre grandes do mundo. Ao ver aquele quadro que trazia admiração e revolta ao povo, sentiu no coração outro coração pulsando, a lhe convidar para participar do grande empenho do Evangelho, senão em Portugal, mas em todo o mundo. Parecia que os Céus tinham colocado em sua boca uma estrela para filtrar as palavras que saíssem do seu coração.
Fernando assistiu ao cortejo dos restos santos dos Frades Menores, e uma carruagem de luxo os acompanhava, conduzindo a mulher de Afonso II, que derramou lágrimas, em fervorosos pêsames por aqueles valentes homens, que lutaram até a morte por Cristo, que fizera o mesmo pela humanidade. E dentro da Igreja de Santa Cruz, orando e meditando sobre os acontecimentos, sentiu ele algo confortando o coração. Em silêncio, ajoelhou-se onde estava, com o semblante figurado e algumas lágrimas desceram no seu rosto, como sinal de mudança na sua personalidade. Lembrou-se de Deus como nunca, e, lembrando-se igualmente de Maria Santíssima, na grande intensidade de Amor que poderia desprender do seu coração, falou a Jesus:

"Senhor, o que vejo neste instante comovedor!? Como pode a ignorância matar quem se entrega somente para o bem das criaturas e destruir irmãos que somente pensam e fazem a caridade, cortar cabeças de homens que vivem o Amor do Evangelho, que em nada buscam as suas satisfações pessoais? Onde estou, que vejo essa calamidade moral, enfronhada em uma estupenda vingança, onde o ódio e a vaidade geram puramente a morte?
Quero também morrer como esses homens, para que o meu sangue sirva de luz para o despertar dos corações que ainda vivem nas trevas. Peço-Te que me ajudes a fazer o que devo para o Bem Maior. Não quero retardar a minha marcha diante das necessidades humanas, e do meu dever para com o Teu Evangelho.

Sinto algo falar-me à consciência, que devo avançar. Entrego-me em Tuas mãos; faze em mim segundo a Tua vontade e ajuda-me a esquecer a minha, se ela estiver errada."

Fernando, tomado por força desconhecida, sentiu-se dominado e, entregando-se sem resistência ao comando superior, passou a escutar a voz que, no centro de sua cabeça, falava em tom suave, mas mesclado de energia divina:

"Fernando!... Eis que algumas das minhas ovelhas sucumbiram, não por faltar-lhes céus nos corações, nem por carência de fé no mundo íntimo que povoa os sentimentos. Foi por ignorância do povo, que exige sacrifícios para crer. Nasceram com o destino que escolheram para ajudar os que sofrem de insegurança, para os que sofrem com a dúvida, com o orgulho e o egoísmo; para os que sofrem por apego às coisas terrenas, por ódio e vingança.
Quanto a ti, deves alinhar a tua vida na vida destes frades que mostram o Evangelho à luz da Verdade, que expõem a Boa Nova na sua expressão mais pura para que a época possa reverenciar; é homem ouvindo novamente os primitivos conceitos que deixamos como herança para a humanidade.
Não te entregues à quietude, nem a pomposas roupas, que despertam o luxo nos vacilantes da fé; procura a simplicidade revestida de sabedoria, o amor tocado de fé e o perdão inundado de esperança, para que possas converter a muitos, para uma dignidade de vida que pode e deve alcançar a felicidade.
Não lutes por pátria, por religião, ou por filosofias transitórias; luta para implantar o Amor, a Fé e a Caridade, primeiramente, em teu coração, para depois ajudar os outros a fazerem o mesmo nessa grande conquista.
Antes de falar, procura viver o que ensinas aos outros, porque o exemplo é força de Deus, que nunca se apaga da visão humana, e, quando é eivado no Bem, jamais deixa de brilhar na eternidade.
Muitos pensam que estou ao lado direito do Pai, que está nos Céus. O lado direito é o lado bom dos homens, aos quais incentivamos, inspirando-os para que multipliquem suas sementes de luz em todas as direções da vida.
Sê forte, e não somente troques de hábito, mas de vida. Acende o Sol que existe dentro de ti, com esta frase que já repeti várias vezes: "Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo".
Eis que aí está toda a lei e os profetas, como também a Vida. O mais saberás pelos processos que, por enquanto, desconheces."

Fernando trocou as vestes brancas pelo burel dos franciscanos, como também de nome, passando a chamar-se Antônio de Lisboa, e partiu para a África, a arrebanhar almas para

Cristo, consoante Suas instruções. Todavia, seu estado de saúde fê-lo voltar e o destino desviou sua rota, levando-o para a Sicília.
Quando descobriu onde estava, sentiu alegria imensa invadir seu coração; alguma coisa certamente fazia com que ele se encontrasse com Francisco, que já sabia, achava-se muito doente.
Era seu grande desejo vê-lo, tocá-lo e beijar-lhe as santas mãos. Frei Antônio de Lisboa, que depois passou a chamar-se Antônio de Pádua, chegou a Assis. Encontrou-se com Pai Francisco e com toda a comunidade franciscana, onde a alegria era o alimento dos frades, e o Amor, a própria vida. Certificou-se das diretrizes do Grande Santo, e empunhou o bastão da Fé e da Renúncia em direção a Cristo, dando graças a Deus por todos os sacrifícios, e fazendo da sua vida um Evangelho aberto, para que todos lessem as suas páginas, escritas pelos exemplos do dia-a-dia.
Frei Antônio de Pádua, que alicerçou sua obra nesta cidade que lhe emprestou o nome, não parou um dia sequer. Entregou-se a Jesus, como fizera o *Poverello,* tomando-se na verdade, um segundo Francisco de Assis em todos os caminhos que percorreu.

Certa feita, Antônio estava pregando na Itália para grande multidão de fiéis, quando para de súbito e fica imóvel. Os ouvintes, reconhecendo os dons do santo, ficaram a esperar em silêncio profundo, por saberem que o Místico de Pádua poderia estar em colóquio com os Céus.
Naquele mesmo momento, em Portugal, seu pai, o Sr. Martinho de Bulhões, estava sendo condenado injustamente pela morte de um homem.
O pregador franciscano, usando de recursos de ubiquidade, aparece no tribunal e propõe-se a defender o réu. As suas palavras sobremaneira eloquentes, acalmaram as testemunhas mais irritadas, fazendo-as pensar no crime que estavam cometendo, ao afirmarem mentiras diante de um tribunal, visando a umas poucas moedas. Aquelas pessoas compradas antes de consolidarem o macabro crime, pensaram: essa morte foi tão escondida, que qualquer um pode ser o criminoso.
Como se enganam os ignorantes; nada, mas nada, na face da Terra, ficará oculto que não seja anunciado. Ninguém engana a Deus, assim como inocentes verdadeiros não serão atropelados pelo destino; ninguém recebe o que não merece. Antônio, depois de argumentar em defesa do pai, partiu da teoria racional para a parte prática:
- Digníssimo Senhor Juiz e caríssimos irmãos que nos ouvem neste tribunal de justiça humana, falo-vos como se fosse na presença de Deus em aliança com Jesus Cristo. Depois que conversamos, com certeza ficastes conscientes da inocência deste réu, mas é bom que provemos a verdade que vos falo. Haveis de perguntar!... Como? Eu vos peço, em nome da lei, que me acompanheis até o cemitério; eu vou falar com o morto. Ele será a melhor testemunha da questão em vigência.

Olhou dentro dos olhos do Juiz e ordenou com brandura:

- Vamos, meu senhor, porque a lei nada teme, desde quando a verdade apareça.

Este, não resistindo, levantou-se. E Antônio, continuando a olhar para os assistentes, tomou a falar:

- Vamos em nome de Deus e de Cristo!

Mas não foram muitos os que acompanharam Antônio ao cemitério; poucos bastaram para registrar na história, onde um defunto salvou o réu da prisão.
Chegando ao campo santo, dois homens se dispuseram a remover a terra. Algumas testemunhas suavam, outras, pálidas, tremiam. O silêncio era a tônica daquele espetáculo. Somente o Juiz conservava uma postura decente, à espera da verdade, e o santo, serenamente, dominava o ambiente... A expectativa era enorme!...A ferramenta bate no caixão, que é logo destampado, mostrando o corpo em adiantado estado de decomposição. Antônio pula dentro da vala e, na vista de todos, estende a destra ao defunto e fala:

- Diga, meu filho, em nome de Jesus Cristo, fundamento da Verdade no céu e na Terra: Foi Martinho de Bulhões quem te matou?
O suspense era geral. Começou a se formar uma nuvem branca em tomo da cabeça do falecido; suas feições se modificaram e os seus lábios se abriram como por encanto, dizendo:

- Não, não foi ele.

Ali mesmo, no cemitério, o martelo do magistrado fez anunciar a inocência do réu. Frei Antônio andou com o povo alguns passos, desaparecendo sem que este o percebesse, retomando ao seu corpo na Itália, recomeçando seu sermão. O povo quase estático esperava a mensagem de esperança, para eles que sofriam na pele, o dragão do desespero.
Antônio demorara um pouco na sua viagem espiritual; no entanto, como foi fazer uma caridade, os companheiros espirituais ficaram dando assistência aos ouvintes na Itália, até que este chegasse para novamente falar-lhes.
As vibrações das suas palavras emprestavam às moléculas do ar energias vivificantes, para que os organismos que as respirassem se requintassem em vida e esperança

Frei Antônio lembrou-se de Paulo aos Romanos, capítulo cinco, versículo vinte, quando assim se refere:

Sobreveio a lei para que se aviltasse a ofensa, mas onde abundou o pecado, super abundou a graça.

A lei apareceu por misericórdia - continuou o tribuno sacro - e nos mostra quantas ofensas estavam escondidas sem que pudéssemos dar termo à ignorância humana, sem que pudéssemos aliviar pelo menos os sofredores, sem que pudéssemos visitar os encarcerados e levar-lhes uma esperança, pela graça de Nosso Senhor. A lei foi um fenômeno divino na Terra, como que freio aos selvagens impulsos dos nossos corações, fazendo com que a inteligência não crie mais problemas, nem se retrate com vingança, sem primeiro saber da verdade. Graças a Deus, ainda existem homens no mundo dados à justiça, e que até dão a vida por ela. O plantio dessa força devemos muito ao grande Moisés, que pela sua sequência faria nascer o Amor, que explodiu na feição do Cristo. Como poderíamos ter e conhecer o Amor, sem primeiro passarmos pelos caminhos da Justiça?

Parou por alguns segundos, passeou os olhos nos fiéis que bebiam suas palavras, como se fossem vinho da melhor qualidade e continuou: parece que depois que conhecemos as leis, os pecados aumentam. Certamente, porque antes não víamos seus efeitos, ou porque eram naturais as suas consequências. Não existia o direito para os menos aquinhoados pela vida; os plebeus eram considerados animais, os encarcerados feras e os analfabetos monstros. Mas quando os Céus nos mostraram um caminho mais excelente, através dos profetas e pela boca do Pastor Inconfundível - do Cristo anunciado pelo Grande Isaías - aparentemente superabundaram os erros que já existiam; e aí começamos, pela graça do Senhor, a corrigi-los. Para isso muitos sucumbiram nas fogueiras, nos porões infectos, nas cruzes. Todavia, aumentou pela misericórdia de Deus, a assistência aos infelizes, aos doentes, aos encarcerados e àqueles que a injustiça farejava, não respeitando a inocência. Entretanto, meus filhos, os justos têm sua recompensa onde quer que estejam, porque Deus é luz muito mais que o Sol, e a injustiça é sombra que não existe com a presença da claridade.

Abençoou a todos, e saiu a pensar meio confuso, no seu pai, que se encontrava em Portugal, e em sua mãe. Mas a alegria do povo o fez distrair-se daquele cismar.

* * *

Estamos aqui fugindo do assunto desta obra que é a Vida de João Evangelista, voltando como Francisco de Assis. Todavia, Antônio de Pádua completa a obra do *Poverello* de Assis. Assim, é justo que falemos um pouco sobre ele, mostrando que Deus não tem privilegiados. Ele fala onde deseja e convém, por métodos variados. Antônio de Pádua,

na época de Jesus, era rabino virtuoso e muito conhecido como cobrador de impostos, conforme anotação evangélica; referimo-nos a Zaqueu. O Mestre, em certa ocasião, comera em sua casa... O rabino era um preceptor dos mais famosos, homem probo e caridoso. Os publícanos tinham-no como santo. Antônio de Pádua era um tribuno renomado. De longínquas terras deslocavam-se pessoas para ouvi-lo. As palavras saídas de sua boca envolviam-se num magnetismo puro, cujos fluidos consubstanciados pelo Amor, eram esperança viva para todas as criaturas. Quem o ouvisse jamais se esqueceria daquela figura impoluta e santa. Onde quer que ele estivesse, logo era formada a romaria em busca de consolo. Era o Evangelho vestido de came, por graça de Deus.

Antônio estava em Brescia. Sua fama corria o mundo, como tribuno evangélico e homem santo, porquanto colocava a mão em nome da cruz de Cristo e curava enfermos, consolava os tristes, levantava caídos e matava a fome espiritual dos necessitados. Eis que chegava gente de todos os cantos do país. Avolumavam-se, nas mas estreitas, carros de bois, cavalos, muares, gente acampada por todas as encostas da cidade. Catres e mais catres chegavam com pessoas doentes, para que o mestre da retórica pudesse tocar-lhes os corpos enfermos e restituir-lhes a saúde. Mudos, cegos, velhos e estropiados faziam filas intermináveis na porta da velha igreja.

Quando avistaram a multidão, os Frades Menores, responsáveis pelo movimento de caridade, que patrocinaram moralmente a estadia do Paladino da Bondade naquela terra, sentiram a necessidade de armar um palanque. Numa área limpa, onde o povo o visse melhor e tivesse como templo majestoso a natureza, construíram o palanque, de onde Antônio pudesse falar a todos os romeiros, vendo todos. E eles, desse modo, ouviriam com maior nitidez a palavra de Deus, vendo, igualmente, o grande expositor da Boa Nova de Jesus. Entretanto, o Espírito brincalhão e zombeteiro está sempre presente em quase todos os acontecimentos, mesmo entre os mais elevados, na Terra. Alguns galhofeiros prepararam uma cilada para o fracasso do frade, por urdidura das trevas. A praça improvisada regurgitava de pessoas crédulas. A fé se irradiava nos corações como ondas de luz, como se fossem instaladas luzes nos dias de hoje, nas metrópoles mais modernas, para grandes festejos.

Os dois homens, preparados para o nefando golpe, ficaram cada um de um lado do palanque para, na hora aprazada, cortarem as amarras do elevado de madeira para que o pregador caísse, caindo com ele a fama e a fé dos filhos do Calvário que ali se postavam em massa, para ouvir as leis de Deus, enfeixadas nas palavras santas do filho adotivo de Pádua. Muitas mil pessoas de toda a sorte se acumulavam à espera do consolo do Evangelho do Cristo.

Antônio de Pádua subiu no estrado e começou a falar. O silêncio era o toque de beleza e os ouvidos - como assimiladores automáticos - não perdiam uma só nota de entendimento, dos sons articulados pelo grande discípulo de Francisco de Assis. Ante a

expectativa dos fiéis, num dado momento, notou-se um sinal entre os dois corvos humanos e em seguida, um grande estalo. Ruíram as cordas e o madeirame caiu de uma só vez. O espanto foi geral, alguns correram para dar assistência ao tribuno, mas, caíram de joelhos ao verificarem o espetáculo do fenômeno espiritual. Deus usou a maldade das trevas para infundir mais fé naquelas criaturas ali postas, esperando que algo as consolasse. Frei Antônio pairava nos ares, na altura do palanque, sem que a queda da madeira o interrompesse, e, nesta postura, pregou por duas horas.

Sem que ele tocasse nos enfermos, muitos saíram curados pelo poder da fé. Daí a dois dias, os dois asas negras procuraram o frade para confessarem o erro cometido que colocara em perigo a vida do franciscano. E ele os abençoou, dizendo qual o Cristo:

"Ide e não pequeis mais".

* * *

A hidropisia pôs fim à carreira do místico de Pádua, por ter chegado a hora do chamado celestial. No mesmo dia apareceu a um velho frade, seu amigo, muito virtuoso, curando-o de uma enfermidade antiga: escoriações, motivadas por picada de insetos venenosos, já tomadas incuráveis pelos métodos conhecidos daquela época.

Depois de muitos anos da sua ida para o plano espiritual, houve um movimento no sentido de transladar seus restos mortais para Santa Maria, lugar para onde desejava ir quando se encontrava enfermo, prestes a desencarnar. Para a concretização do movimento, foi enviado um representante de Roma, inclusive para manter a ordem entre as partes envolvidas. Determinada a abertura da uma mortuária, constatou-se que os ossos de Antônio estavam, como era de se esperar, intactos, em perfeito estado, em meio de poeira causada pela desintegração da carne que a terra não comera e nem os vermes festejaram. Seu crânio, totalmente limpo, a boca entreaberta e, entre os dentes, a língua do tribuno estava intacta, como se acabasse de falar naquele momento. A admiração foi geral. A língua santa que nunca ferira, que nunca maltratara, que nunca fizera mau juízo dos outros, que nunca maldissera, a língua de luz, que somente falara do amor e da caridade, entrou numa inversão eletrônica, de maneira a estatizar os elementos periódicos, não como significa a própria palavra, mas numa conservação pela força do Amor. Elementos químicos espirituais que escapam à percepção humana, entraram nas moléculas e nas células da língua do frade, de maneira a mostrar o seu verdadeiro trabalho no mundo, para a edificação da paz e para fazer reviver, na Terra, o Evangelho do Cristo. O sacerdote responsável pelo translado, que assistiu a esse fenômeno, abaixou-se por instinto, tomou nos dedos a língua do santo e a beijou muitas vezes. Lágrimas de gratidão desceram em sua face.

Depois de mais de setecentos anos, entre as relíquias do santo, ainda se encontra a língua do tribuno de Pádua, parecendo que ainda pretende falar às multidões famintas das palavras evangélicas, emitidas por aqueles que vivenciam as leis de Deus.

* * *

Quando Pai Francisco chegou do Oriente, encontrou muitos dos seus discípulos morando em um velho castelo, uma grande mansão, de confortáveis salas. Apressaram-se em dizer-lhe da alegria de que estavam tomados, por terem onde colocar muitos enfermos e os estropiados dos caminhos.
Francisco abraçou a todos com ternura e saudades, e falou-lhes entristecido: - Caros irmãos!... Não foi isso que a nossa mãe Pobreza nos ensinou; desta maneira estamos pregando uma coisa e vivendo outra diferente da renúncia. Se é para o conforto dos que sofrem, é muito bem empregado esse castelo, mas a verdade nos diz que isso se toma outro objetivo e começa a mudar os rumos da nossa instituição. De pompas já vive o Clero Romano, que modificou as estruturas do serviço evangélico para salientar o bem-estar humano e político. Ficarei triste se permanecerdes aí. Que Deus vos abençoe sempre!

E retirou-se dali...
Os frades procuraram o cardeal, para que este convencesse Francisco a aceitar aquela grande dádiva, que poderia ser muito útil aos enfermos e à comunidade franciscana. O cardeal assim o fez, e Francisco aquiesceu que os frades ficassem, mas nunca entrou em tal mansão. Foi o que levou os frades a abandonarem a ideia de nela permanecer. E os poucos enfermos que ali estavam recolhidos sentiram-se livres ao saírem com os companheiros de Francisco, e foram todos curados por brandos ventos que no momento sopravam em suas direções. Francisco sorriu, ao saber do fato, agradecendo a Jesus pelo beijo divino do ar.

* * *

Francisco de Assis subiu ao Monte Alveme. Para ele, a morada excelente era mesmo a natureza, os seus dons se dilatavam de maneira divina, ouvindo e entendendo as vozes em muitas dimensões.
Seus discípulos já eram muitos, e espalhavam-se por muitos países, pregando e vivendo o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pai Francisco não precisava estar junto deles para falar-lhes. O que convinha, chegava a todos no mesmo instante, pelos fios invisíveis de seu pensamento. As ondas mentais não falham, nem são interceptadas, quando se trata de mente qual a de Francisco, no serviço do Bem e da Caridade.

Frei Leão foi testemunha de muitos fenômenos ocorridos com Pai Francisco, muitos dos quais foram descritos por ele, que assistiu várias vezes, à elevação do *Poverello* ao espaço, em estado de êxtase, a conversar com chamas de luz, qual aconteceu com o Legislador Hebreu.

No fim de sua vida missionária, Francisco estava muito doente, principalmente dos olhos. A enfermidade, cada vez mais, apagava sua visão; era indispensável um tratamento urgente, de que ele se esquecera. Entretanto, um dos seus companheiros fê-lo lembrar, buscando um terapeuta renomado, e esse diagnosticou doença progressiva, que exigia imediata cauterização. Francisco não se opôs, porquanto pediria ao fogo que tivesse piedade dele. E foi o que fez; no momento da operação, Francisco pediu licença a todos que ali se agrupavam, orando por ele, desceu os joelhos ao chão e pediu com simplicidade:

- "Irmão fogo!... Peço-te em nome de Deus e de Jesus Cristo, para que não me queimes com toda a tua pujança, que reduz todos os corpos! Peço-te caridade para comigo, neste instante em que preciso de teu auxílio, da tua ajuda.

Não me queimes o tanto quanto eu tenho a impressão. Sei que, por onde passas, somente ficam cinzas, e que tudo se reduz a pó. Peço-te um pouco de brandura, em se tratando de meus olhos. Ainda preciso deles para ver as belezas do Nosso Pai Celestial e entender melhor as leis do Senhor de todas as coisas. Compadece-te de mim, irmão fogo! Compadece-te de mim, e peço a Deus que te abençoe sempre!"

Francisco, com toda a confiança e ternura, abriu os olhos e o médico, já com o ferro incandescente na mão, cauterizou-lhe o olho. E mesmo com os olhos entregues ao fogo, notou pequenas criaturas desprendendo-se da brasa viva, como que abrandando-lhe a temperatura. Deslizavam nos caminhos feitos pela luz, como se estivessem montados em fios do fogo, e festejavam sua pequena testa com os carinhos peculiares ao seu reino, onde o fogo é o seu ambiente maior.

O *Santo de Assis* cada vez mais notava a vida pululando em tudo que, existia. Alguns seres alados, que manejavam com as ondas dos ventos, chegavam em seu auxílio, confortando-o com o sopro purificador. Vários Espíritos ali se postavam, transmitindo-lhe energias novas, para que suportasse as condições impostas pela própria lei.

25

Pai Francisco no Monte Alverne

O Monte Alverne, situado nos Apeninos, banhado pelos rios Arno e Tibre, era envolvido em fluidos superiores e, ali, Francisco refazia suas forças de vez em quando - a água está sempre nos grandes acontecimentos, pois ela foi o berço para o protoplasma na sua expansão criadora, como seu cinetismo divino, em busca da perfeição. Foi a água que ajudou a garantir o progresso do próprio homem, desde o protozoário até a condição biológica em que se encontra e relativamente a isso, Moisés escreveu que o Espírito de Deus estava sobre as águas.

Esse monte que se encontra na Toscana, parece ter sido preparado pela natureza, qual acontecera à Ilha de Patmos, para receber João Evangelista. Igualmente, a região fora escolhida para calvário das maiores emoções de sua vida missionária, região esta que Pai Francisco elegera para o exílio por amor a Jesus, já que não fora expatriado pela vontade dos homens.

Era uma ilha cercada de água doce, como doces eram para si os transes, no maior empuxo evolutivo de sua sensível alma e ali também Francisco fora crucificado, dois anos antes da sua viagem para a pátria verdadeira, como emblema da sua vitória, na dignificação do Amor na Terra. Voando-se por cima de Florença, avista-se a região - quando se conhece o caso - com o mais temo sentimento, e sente-se intimamente uma esperança diferente da que o mundo oferece, fazendo lembrar Pai Francisco com os braços estendidos para o alto, os céus se abrindo e Jesus Cristo respondendo ao apelo do Seu discípulo amado, ferindo-lhe os pés, as mãos e o peito, dotando ainda mais o seu coração do Amor de Deus.

O Arcanjo Miguel aparecia a Francisco com frequência, no Monte, para consolá-lo e traçar-lhe as últimas diretrizes, como a de diversos mártires do cristianismo nascente. Ali se escondia o *Poverello* em uma caverna, como se estivesse em uma mansão. Quando era acompanhado, os Frades Menores ficavam à distância, não que ele exigisse, mas por respeito ao mestre que entra em êxtase ou conversava frente a frente com o mundo espiritual, em diálogos demorados.

Certa feita, cheio de cuidados, Filipe, um dos componentes da Ordem foi às bordas da caverna, onde estava Pai Francisco que, já por quinze dias, sem comer e sem beber, não dava sinal de vida. Os outros dois discípulos ficaram orando com receio de o companheiro interromper o estado de graça do cantor Assis. Filipe foi mudando os passos com a suavidade de um gato e, olhando daqui, olhando dali, adentrou, apreensivo, a caverna, e deparou como maior espetáculo que já tinha visto em toda a sua vida: Pai Francisco ressonava suavemente e uma luz dourada que não denunciava sua

procedência, banhava todo o seu esquelético corpo, e a sua feição divinizava-se, como se estivesse sorrindo o tempo todo e, o mais interessante, era que o corpo flutuava, tendo, como colchão, o ar que recendia fragrâncias indescritíveis. Pairava acima do solo a uns oitenta centímetros; dos ouvidos e da boca saía um plasma branco-azulado, e desta matéria quintessenciada formava-se uma roupagem que lhe servia de cobertor. E a conversa do mestre ressoava dentro da caverna, como por encanto, pois não se viam os movimentos dos seus lábios. Filipe caiu de joelhos dentro da gruta, fechou os olhos sem dar vazão às lágrimas e orou a Deus em silêncio, não sabendo o tempo que ali permaneceu naquele estado.

Francisco sentiu que não estava só, e de leve observou os companheiros que vieram à sua procura, por causa da longa demora, e ao presenciarem o espetáculo, reagiram como Filipe; e os três discípulos oraram em tomo do mestre em desdobramento para o Astral Superior. Depois daquele fato transcendental, os discípulos do poeta italiano saíram em silêncio, acomodaram-se em abrigo improvisado, esperando mais uns dias, até que Pai Francisco aproximou-se deles em passos lentos, dizendo:

- A paz de Deus seja convosco.

Tomou fração de alimento junto aos companheiros e desceu o Monte, contando as mais lindas histórias que presenciara no mundo espiritual, nas quais se notava a força doutrinária dos preceitos do Cristo. Cada vez que descia o Monte, seu dinamismo aumentava na prática da caridade e na necessidade da vivência evangélica. Os franciscanos rodeavam o Pai para escutá-lo, bebiam suas palavras como se fossem água pura da fonte, no estado de carência do líquido. Dias e noites se fundiam, fazendo desaparecer o tempo, e a presença do Apóstolo de Jesus era sempre solicitada em vários conventos, em muitas igrejas, em casas particulares de bispos e cardeais, e mesmo de alguns papas, pois Francisco de Assis representava a volta do Cristo, pisando de novo a face da Terra.

Francisco, numa noite memorável, rodeado por centenas de frades de várias comunidades da Ordem, falou com suave veemência:

- Meus filhos, que Jesus Cristo, Nosso Senhor, nos abençoe em nome de Deus. A inteligência nos favorece, para que possamos falar com sabedoria e brandura.

Podemos, pelo dom que por vezes possuímos, atrair milhares de adeptos e, sem a devida vigilância, podemos tomá-los inimigos da própria religião, pelo fanatismo que por hora medra em toda a Europa. E do nosso conhecimento que irmãos filiados à Ordem, cujo nome já implica dever e obediência, se entregam ao sacrifício por prazer de morrer, sem saber o porquê do sacrifício. Tomar-se mártir pela força do destino é uma coisa, e

procurar se martirizar por brutalidade dos sentimentos, é outra muito diferente. Essa inversão de valores também ocorreu no cristianismo nascente, nas mas da Roma Antiga, onde alguns cristãos imprudentes disputavam o Coliseu, vendo nele, sem qualquer outro ideal, as portas do Céu. Erro dos erros maiores!

Fez uma pausa para que o assunto fosse bem assimilado pelos presentes, pois aqueles que participavam do conclave eram frades que tinham em seus ombros a direção de muitas comunidades em vários países. Olhavam uns para os outros e trocavam baixinho ideias que Francisco, mesmo distante, captava pelo poder da audição dilatada, obediente ao poder mental que transcendia ao dos homens comuns. E quando concentrava sua atenção em alguma pessoa em especial, igualmente identificava seus sentimentos, como se estivesse lendo uma carta. Fez um sinal e continuou sua alocução.

- E da vontade do Cristo que tomemos providências, reparando a nossa conduta diante dos homens e da nossa consciência! A nossa Ordem traça uma linha de conduta exemplar nos seu estatutos, e, se for para mantê-los como relíquia, o caruncho começará a roer nossas almas e como o Cristo deseja habitar em nós, o tabernáculo do coração é o Seu lugar. Somos realmente homens humildes e pobres, desprendidos dos bens materiais e, para exemplificar isso, viemos ao mundo, não como seres dados à imundície e a mendicância. Não podemos também usar a palavra para combater os bem-aquinhoados, para depois pedir-lhes que nos matem a fome. A higiene corporal pode ser reflexo da limpeza d'alma; é certo que a usura nos prende ao mundo da vaidade e ao desleixo das coisas do espírito, e por isso devemos nos situar no centro, fugindo dos extremos. Não estamos aqui anebanhando homens corridos da justiça, nem os assombrados de consciência: a plataforma espiritual desta comunidade cristã é reunirmos almas capazes de enfrentar, frente a frente, e da melhor forma possível, quaisquer problemas de ordem material ou espiritual e que a serenidade nunca fuja dos nossos corações e que o amor nunca deixe de ser o nosso roteiro.
O trabalho deve ser o nosso lema no solo em que pisamos e deve nos sustentar na vida física. Acreditamos na fala do Grande Legislador Hebreu: "'Comerás o teu pão pelo suor do teu rosto". E diz o Evangelho: "Todo trabalhador é digno de seu salário". Quem não trabalha deve envergonhar-se de comer de consciência tranquila, a não ser que esteja impossibilitado do labor cotidiano, que se divide em centenas de modalidades à nossa escolha, sendo que várias estão de acordo com as nossas possibilidades. O enfermo pode trabalhar gerando pensamentos edificantes, falando sobre assuntos construtivos, vivendo a tolerância e o amor, porque desta forma estará ajudando a quem vier ao seu encontro, por caridade. Considero todos como filhos espirituais, pelos quais tenho o maior amor e entrego a minha vida, caso o Cristo assim o deseje, para que vocês vivenciem e

exemplifiquem a Carta Viva, que constitui a Boa Nova de Deus nos corações dos homens. São, para mim, todos iguais e desejo, sabendo ser impossível, que sejam idênticos, nos atos e nos fatos, na dignidade e na obediência, na Caridade e no Amor.
É lamentável que alguns dos nossos companheiros buscaram esta Ordem pensando fosse ela um covil de lobos, um rebanho de homens avessos à lei e ao trabalho, ou um bando de seres famintos, à cata de esmolas de porta em porta. Certo é que, de vez em quando, escalemos alguns dentre nós para pedir, colocándome eu como primeiro na experiência do exercício de humildade e de ginástica de combate ao orgulho e à prepotência, à vaidade e à arrogância, inimigos de que, por vezes, pensamos já nos termos livrado. Todavia, não devemos nos viciar ou deturpar esse método e, aquilo que recebermos, devemos dar aos que realmente precisam e, em casos extremos, usar do que ganhamos para suprir nossas necessidades. Nosso objetivo é dar mais do que recebemos e tudo fazer por amor. Se viemos à Terra para soerguermos a moral evangélica já confundida com as coisas terrenas, se queremos viver o Cristo, desatando os Seus braços e pés dentro dos nossos corações, qual o caminho que deveremos tomar? Esquecer Jesus nesta época seria lamentável erro, principalmente em nosso meio, nós que estamos ouvindo o Senhor todos os dias, por intermédio dos Seus mais abalizados mensageiros. Não temos o hábito de consultar o Evangelho todos os dias, antes de respirarmos o ar aquecido pelo sol ao raiar do dia? E os preceitos ensinados por Ele? O que fazer do que ouvirmos? Seremos mais responsáveis se taparmos os ouvidos.
Pai Francisco se encontrava rodeado de luzes de todas as cores. Seres translúcidos passavam de lado a lado do mestre, derramando igualmente fluidos de todos os tipos sobre a compacta assembleia que escutava, silenciosa. Alguns anotavam o que o velho Evangelista falava, como sendo uma ordem direta do Cristo de Deus, no que não estavam enganados, pois era a pura essência dos ensinos do Mestre *dos mestres.* Pai Francisco fez um intervalo, dando tempo para a assimilação mais profunda dos assistentes, perpassou os olhos, como se fossem dois faróis, por toda a assembleia, e da luz que emitia, clareando as consciências, absorvia os ideais de cada um. Frei Leão anotava com incrível rapidez, deixando muitos admirados, fazendo crescer mais sua fama de escriturário do Poeta do Amor. O frade já estava tão acostumado com as vibrações do seu guia espiritual, que antes de ouvir os sons da palavra, já as escrevia, captando-as pelas ondas mentais. Pai Francisco tomou um pouco de água e sentenciou com admirável tranquilidade:

- Outra coisa quero lhes falar com muito interesse, pois é de grande importância para todos nós e, principalmente, para todas as Ordens das quais fazemos parte e de que somos peças integrantes.

Mudando a tonalidade da voz, assim se expressou:

- Queridos companheiros em Cristo! Não podemos repudiar os ricos, nen tampouco o ouro, pois esse repúdio, para nós, não cabe em lugar algum e só nos serve d< escândalo. E certo que Jesus falou ser necessário o escândalo, mas afirmou com tod; a sabedoria, que ai daquele que dele servir de motivo. Não devemos odiar a qualque pessoa, nem coisa alguma, já que viemos para o Amor; por conseguinte, devemos amar sen condições e sem trocas passageiras. Se alguns dentre nós aspiram tázer milagres, gastandc horas e horas exercitando suas mentes e disciplinando seus modos para impressionar a; massas com fenômenos planejados, qual ânforas bonitas por fora, mas vazias por dentro como sepulcros caiados no dizer do Evangelho, perderão seu precioso tempo, porque essa coisas devem ser espontâneas, pela vontade do Alto, pelas mãos do Cristo em nós... Ele sab a hora exata, o momento propício para os sinais transcendentais de despertar coletivo, Par; que a fé se afirme nos corações preparados. Não turbemos os nossos sentimentos en busca disto ou daquilo, pois não sabemos o que fazemos - só Jesus conhece o de qut precisamos. Quantos, por vaidade, vêm pedir- me para que eu ande sobre as águas!' E quantos, meus filhos, imploram-me para que eu voe ou que passe dentro d< fogo sem me queimar, para impor às consciências, pela força, o ideal de Jesus!?.. Não estou aqui para isso, mas sim para transformá-los pelo Amor - aquele qu< não crer que o maior fenômeno seja o Amor, deve esperar pelo tempo, que el< reparará a todos. Quantos cegos e aleijados, familiares de mortos e encarnados baten às nossas portas, buscando a saúde, a vida e a liberdade? Por nós nada faremos, ma sim em Cristo, e quando Ele desejar, tudo isso faremos, e muito mais.

Pai Francisco notou a entrada, no recinto, do Arcanjo Miguel, com su: corte de Espíritos iluminados e dezenas de outros, manipulando fluidos do ar e da árvores, das águas e de fontes que desconhecia. No momento, deu graças a Deus.

O povo, ao saber que os frades iam se reunir em assembleia, concluiu que, estando Pai Francisco ou Antônio de Pádua presentes, veria milagres e cura de todas as espécies. Por isso, as pessoas abarrotaram as adjacências da igreja do Frades Menores.

O *Poverello* continuou falando com suavidade:

Quero, meus filhos, que voltem todos para seus postos de trabalho renovado em Cristo; que sejam todos construtores, desde quando o trabalho seja para o bem Não importam as condições que encontrem nas suas cidades, províncias, países 01 sítios; importa sim, manter acesa a chama da Fé em seus corações, a esperança no caminhos que estão percorrendo, bem como se amarem sem outro interesse que nãi seja o bem-estar do próximo. Ouçam e guardem, meus irmãos:

Não desperdicem o tempo que Deus nos deu por misericórdia Aproveitem-no através das oportunidades que surgirem, plantando as sementes das boas maneiras espirituais, a que o Evangelho nos concita.

Não critiquem os colegas quando, porventura, se desviarem dos caminhos do bem. Exemplifiquem, como candidatos à luz, os preceitos que os elevarão colocando-os fora do ódio e da vingança, da vaidade e da maledicência.

Se necessário, andem com o ladrão, sem que a inclinação dele os faça roubar. Se não conseguirem convertê-lo, façam o que puder ser feito por essa alma que dorme na ignorância; e, ainda, se encontrarem resistência, orem por ele entregando-o a Deus, que saberá protegê-lo e discipliná-lo.

Analisem os pensamentos, antes que eles se transformem em palavras, porque o que sai da boca pode macular o coração, se faltar vigilância. A palavra é força poderosa nos lábios disciplinados pelo Evangelho.
A boa ação que devem praticar todos os dias é o ato divino do trabalho, de qualquer espécie,digno de ser considerado uma prece.

Não ajuntem ouro nem prata, ou celeiros de alimentos, mas dêem curso livre para que essas coisas de Deus os beneficiem sem interrupção.

Não se esqueçam da higiene diária. Não esperem que alguém lave as suas túnicas e não queiram um ser maior que o outro. Façam o que aconselha o Divino Doador - Jesus Cristo - quando um dos discípulos pergunta qual deles é o maior: "Aquele que se fizer o menor dentre todos, esse é o maior".

Não esperem sem esforço o maná do céu; busquem-no atendendo o "buscai e achareis" de Jesus. Não esperem que as portas se abram por milagre: batam, atendendo o "batei e abrir-se-vos-á", do Mestre.
Computem a humildade com a sabedoria, o amor com a razão, que vencerão todos os obstáculos e alcançarão todos os ideais que a fraternidade bafejar, e o Amor esplender-se-á como guia.

Não atormentem os corações com posições de mando, nem com o conforto em demasia. Lutem dentro de si com essas armas e conquistem por esforço próprio tudo o que for bom, no mundo do próprio *Eu.*

Terminando, Pai Francisco levantou-se e logo foi cercado por alguns frades, que o abraçaram e beijaram suas crespas mãos e por outros que queriam, pelo menos, tocar sua surrada túnica. Flores eram divididas entre os presentes, e o perfume das rosas recendia no ambiente. Enfermos de todas as procedências enfileiravam-se, esperando a sua vez, confiantes na paciência do velho discípulo do Cristo, que não os deixaria famintos da sua palavra consoladora. A madrugada já estava despedindo as estrelas que faiscavam no infinito, já perdendo o brilho. O sol, no seu carro de ouro, ansiava por esplender o novo dia. Os discípulos de Pai Francisco se movimentavam de lado trocando impressões, no reencontro fraterno de velhos amigos, O vozerio vibrava no espaço...
À luz da Pátria italiana, como que esperando ordens do mundo da Verdade, para que pudesse cumprir a vontade do Senhor, Francisco quedou-se meditativo. Nisso, parece que no ar rasgou-se alguma coisa invisível aos olhos dos presentes: era o impacto de fluidos divinos com o magnetismo humano, cedendo lugar à luz espiritual. Pai Francisco tomou-se iluminado perante todos os presentes, que se ajoelharam movidos por suave impulso, e foi suspenso no ar como um colibri, a poder de vibrações de voltagens imensuráveis de seu Espírito, isolando-se da gravidade. Movimentou-se em todas as direções, abençoando os presentes e, em súplica ardente, assim se expressou:

Senhor dos Céus e da Terra! Abençoai nosso ideal, aqui e além. Dai-nos o poder de entender a Vossa vontade, para que seja cumprida a lei. Dispensai o nosso ódio, para que haja alegria. Dispensai o medo, para que surja a coragem. Dispensai a inércia, para que nasça o trabalho. Consenti, Senhor, que o Vosso nome não fique em vão nos nossos caminhos, nas nossas atitudes e no nosso amor para Convosco, para com o próximo. Ajudai-nos a aumentar a nossa fé, para que possamos doar esperanças; fazei com que a nossa caridade se avolume, para que possamos doar paz; ajudai-nos a multiplicar a nossa fraternidade, para que possamos doar amor. E que, ao sairmos daqui, sejamos interligados pela luz, onde brilham as estrelas, ainda que distantes umas das outras. Que se faça a Vossa vontade e não a nossa!

E o povo chorou de emoção e de alegria. O arauto do Evangelho desceu devagarinho e firmou os pés no piso da igreja, parecendo recordar a Casa de Deus em Efeso, na despedida de João Evangelista. Os frades abriram alas, e o cantor da Boa Nova de Jesus andou com passos firmes, tocando aqui e ali, doentes de todos os tipos. Muletas caíram para os lados, e os louvores a Deus ressoaram nos espaços da casa santa. Cegos voltaram a ver, doenças de pele foram curadas no momento, catres e mais catres foram esvaziados, pernas atrofiadas foram reconstituídas e os mudos falaram e pularam de alegria. Pai Francisco viu que Cristo tomar a sua garganta, falando aos Filhos do Calvário, segurando suas mãos para os toques nos enfermos. Os seus nervos vibraram nos terminais diversos,

como fios de alta tensão. Seu crânio parecia uma usina e seus olhos eram lentes poderosas que tudo viam, sem que a matéria pudesse interromper. Fluidos e mais fluidos foram atraídos pelo Cristo e distribuídos pela mente de Francisco, com a ajuda do Senhor.

O Sol já beijava Assis, como que evidenciando a presença de Jesus naquela comunidade. Ali estava, na verdade, confirmando o princípio de todas as coisas da Terra, verdade por Ele mesmo revelada, quando nela habitou, ao afirmar: "Antes que a Terra fosse, eu era". Este era o fundamento da vida no planeta pelas mãos de Deus

Quando Pai Francisco descia da sua levitação, tocou um frade virtuoso cujos trabalhos na França, onde dirigia uma comunidade da Ordem, muito impressionaram a Francisco. Seu lema era o trabalho, e a consolação de si e dos outros era dignificada pelo labor honesto. E, ao tocar no ombro de Frei Leopoldo a marca da sua mão ficou desenhada a fogo na túnica, para admiração de todos e maior alegria da comunidade dos franceses, que guardaram a veste de Frei Leopoldo como recordação do amor de Pai Francisco aos Frades Menores da velha e bem assistida França, pátria de luzes espirituais.

O conclave transcorreu como se esperava e os resultados foram os melhores. Dois cardeais representantes de Roma ali estiveram, designados pelo papa e presenciaram a todos os fenômenos, pois se sentaram em lugares de maior evidência, pela posição hierárquica. Começaram, no princípio, a anotar coisas contra Francisco; no entanto, pelo que assistiram, envergonharam-se e rasgaram os possíveis documentos. Pela função que desempenhavam, influenciavam até mesmo o Pontífice, a fim de liquidar os hereges e encarcerar os considerados subversivos. Chegando eles a Roma, deturparam os acontecimentos, dizendo que, na verdade, alguém deixara as muletas, não por virtude do frade, e, sim, pela fé cega, num ambiente mal cheiroso de frades maltrapilhos.

O papa, ansioso por notícias, e conhecendo a fama de Francisco, seus dotes espirituais, e os milagres que foram antes constatados por homens sinceros, não se deixou influenciar pela falta dos seus representantes e disse:

Deixemo-los, enquanto não nos molestarem e não pregarem doutrinas diferentes, não comprometendo a nossa dignidade ou a autoridade da Igreja. Enquanto forem obedientes, terão o nosso silêncio.

Findos os trabalhos, os Frades Menores levaram nos corações um tesouro imensurável para repartir com os fiéis das suas cidades e comunidades. O que ouviram e presenciaram, pela doutrina e pelos fatos, ocuparia um espaço de anos e anos a fio. Foi acesa unia luz inextinguível em muitos corações para dissipar as
trevas formadas pelas Cruzadas - o terror das sombras.

* * *

A Igreja Católica Apostólica Romana tinha muitos padres dignos de serem chamados representantes do Cristo na Terra, mas a maior parte, entretanto, dos que estavam nos postos de comando da Casa de Deus, eram Espíritos sem escrúpulos, verdadeiros vampiros, homens que andavam vestidos de púrpura, mas que n o moviam um dedo em favor do seu próprio sustento. Exigiam ouro e mais ouro dos fiéis e das igrejas constituídas. Doações e mais doações eram feitas, por insinuação de reverendos, confessores de famílias nobres e de pessoas altamente conceituadas no comércio e na política. E o clero foi se enriquecendo cada vez mais, com o suor e o sangue dos sofredores e dos ignorantes. Assim haveria de ser até que, com o passar dos limites, os recursos de combate surgissem pelos meios que a lei determinara.

O século XII foi chamado de Século das Luzes, pois foi nessa época que mais desceram mensageiros do Cristo para o equilíbrio da política e da religião no mundo. Foram eles que, pelo exemplo, deram continuidade à mensagem evangélica nos tumultuados caminhos da Terra. Surgiram em vários pontos do planeta, com o mesmo ideal de paz, de honestidade e de amor. Plantaram sementes da renovação dos costumes, arranjaram meios de proteção para os seres humanos, abriram roteiros de maior conhecimento do Evangelho e proporcionaram meios de liberdade das consciências.

Para que o Evangelho chegasse ao esplendor dos seus preceitos, renovados pelas sábias mãos de Allan Kardec e sua plêiade de companheiros, eram indispensáveis os alicerces doutrinários de Francisco de Assis, as imposições e divisões de Lutero e a força de Napoleão. E agora, nas curvas evolutivas que estão se processando, forma-se sobre o planeta um clima de apatia pelos processos religiosos e pelo ambiente negativo que favorece o esquecimento temporário das belezas dos Céus. Escassearam-se os místicos, desapareceram os santos, e quase ninguém fala dos fenômenos de ordem transcendental, a não ser para combatê-los, cumprindo-se a profecia dos escritos sagrados: "Os justos viverão pela fé". E, na verdade, quem não alimentar a fé nos dias que passamos e que prenunciam grandes catástrofes, vai experimentar sofrimentos indescritíveis. Diz o Cristo em conversa com Seus discípulos: "Até os escolhidos serão enganados".

Ahumanidade sofre uma obsessão coletiva e imprime na própria atmosfera um magnetismo perturbador, sendo por ele influenciada para as guerras, as pestes e a fome. Não serão mais os místicos e santos que irão consolar os povos, dar direção aos países e alimentar as esperanças dos corações em desespero, pois isso já foi feito em abundância. O trabalho, agora, será influenciado pelas trevas, obedecendo certamente ao esquema traçado pela lei do progresso e da justiça, conforme foi registrado no Apocalipse, por João Evangelista. E o momento de decisão, é o fim dos tempos de decadência, para que brilhe no mundo outro Sol de Esperança.

Se, porventura, os homens se espiritualizarem de uma só vez, deixando cair as armas que a ciência transformará em arados e instrumentos úteis à paz, ao bem-estar e à caridade, a própria natureza fará o trabalho de limpeza e de escolha, como aconteceu em Sodoma e Gomorra, em Herculano e Pompeia, porquanto as medidas já se encontram cheias de iniquidades de toda as gerações. É da lei que se tumultuem os ares e os mares, que se agitem os continentes, e o calor queime a eira corrosiva de todas as ações dos homens, para que estes se libertem das amarras das próprias inferioridades. E um novo Céu e uma nova Terra haverão de brilhar, onde haja Justiça e Paz, Amor e Luz, Trabalho e Benevolência. E João Evangelista - Francisco de Assis - muito cooperou para essa felicidade que a humanidade vai herdar, por misericórdia de Deus e bênçãos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Francisco de Assis, no Monte Alveme, em estado de êxtase, reviveu o Apocalipse, descobriu detalhes que antes não percebera e fechou os lábios por ordem do Sublime Comandante da Terra, falando novamente ao Seu discípulo: "Já foi dito o que se tinha a dizer". E continua: "Quem tiver olhos para ver, que veja; quem tiver ouvidos para ouvir que ouça, pelos meios da intuição e do raciocínio".

* * *

O Monte Alveme foi, por assim dizer, o Calvário do *Poverello* de Assis. Foi lá que ele teve sua maior emoção espiritual na vida, onde recebeu a graça que tanto desejara: as chagas do Mestre.

Em uma madrugada de setembro, mês em que nascera, acordou feliz, lembrando-se nitidamente de um sonho que tivera, sonho que não é lícito relatar. Saiu de sua cela, tomado de contentamento. Acendeu-se no seu coração, naquela noite memorável, uma luz diferente, a luz do Amor, que nunca se apaga quando se ambienta no íntimo das pessoas, e cuja claridade tem sempre a sua sede na capital dos sentimentos.

Convém dizer que esse Amor que novamente atingiu Francisco saiu do coração divino do Cristo, como fogo de alta ressonância, que somente se acende dentro de criaturas preparadas na Academia da Verdade e ele era um dos escolhidos para tal cometimento.

O *Poverello* já pedira a Jesus que antes de voltar à pátria espiritual desejaria sentir as Suas chagas no próprio corpo, o que para ele seria uma bênção, a coroação dos seus trabalhos nos caminhos do mundo. E naquela madrugada preludiando novo dia, o *homem de Assis* buscou as estrelas por quem era apaixonado, correu os olhos pelo céu, sentindo no coração as linhas paralelas e todos os meridianos universais; esqueceu-se do mundo e voou para o infinito nas asas da oração.

Seus joelhos apoiaram-se em um duro lajedo e somente os lábios expressaram aquilo que o coração ditou, neste registro encantador:

"Grande Luz do Universo, foco gerador de todas as coisas, Vida que desprende vidas em sucessões infinitas nos caminhos da eternidade!

Escuta, por piedade, a voz que fala pela Tua graça, que canta pela Tua bondade e vibra pelo Teu querer.

Sinto, Pai de Amor, o Teu corpo ciclópico da criação, e dentto dele bailam mundos e sóis, e ainda mais, uma gama de coisas que a razão desconhece, a e mesmo a intuição desvanece diante da Tua grandeza inconfundível.

Quero buscar-Te nestes momentos de súplica, aprender a falar Contigo sem as lamentações que, por vezes, caracterizam o ser humano; quero ouvir-Te com humildade, que nem sempre se manifesta em meu íntimo; quero entender-Te pelo que podes me falar, na extensão da Tua luz, que me banha a alma imperfeita e despida de Amor.

Sei que me chamaste para um trabalho de cunho divino junto ao clima humano, que intenta, por natureza inferior, apagar a luz dos dons espirituais.

Antes, porém, quero acordar do sono que a nossa natureza inferior nos impõe, levando-nos a esquecer as belezas da alegria, a grandeza da bondade, o esplendor da renúncia e o encanto da humildade.

Não deixes, Senhor, que caiamos em novas tentações, e que o vigor sublimado do Teu coração se faça em nossas vidas sempre e sempre.

Peço-Te ouvir o que falo neste templo da natureza. Subi este Monte para sentir-me mais próximo do céu, e dele adorar com maior penhor a Tua obra incomparável. No entanto, quero subir o monte mais elevado, aquele que ergueste dentro de mim. Peço-Te, com todas as forças de Espírito, que me ajudes a subir o meu *Calvário* pelas vias internas do reino do coração.

Quero, Senhor, se for do Teu agrado, conhecer a mim mesmo, para entender o Teu querer. Não deixes, Divino Arquiteto do Universo, que eu pense o que não deve ser pensado, que eu fale o que não deve ser falado, que eu faça o que não deve ser feito.

Jesus, Mestre de Amor, sinto que está prestes a minha ida para os campos espirituais, onde a realidade se expressa com fulgurações indescritíveis, e sinto-me feliz em pensar nisso. Porém, quero permanecer no solo do mundo, junto àqueles que me deram muita segurança e alegria, as ovelhas que me confiaste e que estão espalhadas no mundo todo. Observo que elas trabalham mais do que eu e amam mais do que eu posso amar; sei que elas perdoam mais do que eu, e entendem a Caridade mais do que este que nada é diante delas.

Abençoa, Mestre, a todas, e se possível for, que minha parte lhes seja dada; sabendo disso, a minha alegria será maior.

Sinto o calor do Sol, cujos raios benfeitores beijam a Terra, em uma profusão de luzes que despertam as vidas; sinto a harmonia do Teu cântico e a paz do Teu amor.

Cristo!... Cristo!... Cristo!... Se for a hora, deixa por misericórdia as flores das Tuas chagas florirem em mim, pobre pecador, que tenta Te seguir e que terá a maior alegria com os vínculos de Esperança. Os estigmas, para Teu servo, Jesus, serão como as portas dos Céus, que nos abriste e que devo conquistar na consciência".

Nesse êxtase confiante que a prece ostenta, nesse arroubo de vibrações a que o ser humano pode chegar pela pureza dos sentimentos, as leis físicas passaram a ceder lugar às leis espirituais, mesmo no campo fisiológico, confundindo a criatura que as analisava e as estudava pelos fios visíveis dos fenômenos.

Frei Leão pôde constatar que Francisco suava a ponto de molhar a roupa, e no meio do suor em profusão, notava-se algumas gotas de sangue, que a força mental fazia desprender de algumas células mais sensíveis.

Francisco, naquele estado sublimado, abriu os olhos para o alto, e viu com emoção divina e humana, acima dele, o Cristo de braços abertos, sem algo dizer Lembrou-se do Apóstolo João Evangelista, quando narra que a presença do Mestre diante do Sol, pelo Seu fulgor espiritual, fazia-o empalidecer. Era o que estava acontecendo naquele momento. O Sol, diante de Francisco de Assis, empalidecera ao acender-Se o Cristo frente aos seus olhos admirados. E o filho de Bemardone pôde observar as chagas do Senhor como imensas flores brilhantes desenhadas em sua pele e, dentro de cada uma, estrelas vivas das quais se desprendiam, como por encanto jatos de luzes de cambiantes diferentes, a ferir o corpo de Francisco, dando ao *Poeta da Umbria* uma sensação que não se pode descrever, por faltarem os recursos da própria escrita e, por faltar ao verbo, o empuxo que ele deverá atingir no futuro.

Quando o *Poverello* foi atingido pela luz, seu corpo se elevou no ar, desobedecendo assim à lei da gravidade que rege os corpos físicos na Terra e nos espaços cósmicos. Francisco estava, naquele momento, sob a regência de outi leis, e suas chagas começaram a sangrar. Frei Leão foi a testemunha da coroação do seu pai espiritual. Foi ao seu encontro, ajoelhou-se com reverência, e beijou com emoção os pés do seu guia, lavando-os com lágrimas, que partiam dos mais elevados sentimentos: os sentimentos que são filhos do Amor. Naquele dia, Francisco, em estado de graça, não conversava. Quem tivesse olhos para ver, poderia constatar que ele permanecia iluminado por fora e por dentro; seu coração ostentava uma aura de um azul encantador, que dispensa as nossas fracas comparações e, em tomo da s cabeça, poder-se-ia enxergar o nascer do Sol.

Estes são fenômenos que transcendem as fracas deduções humanas, por serem força do Espírito, que carecem das coisas espirituais para as devidas explicações. As chagas de Francisco de Assis foram o diploma para o seu coração, no exercício do verdadeiro Amor espiritual.

Frei Leão registrou inúmeros fenômenos ocorridos com Francisco, depois que ele recebeu a graça das chagas do Nosso Senhor Jesus Cristo. E um deles verificou-se perto do Monte

Alveme, quando viajavam para Assis e tiveram de atravessar um rio caudaloso. Seus discípulos adiantaram-se, com a água acima dos joelhos. O *Poverello* ficando por último, cuidava em olhar com encanto certos pássaros. Como era de costume, não era interrompido quando nesse estado de comunicação; eles, que o esperavam do outro lado do rio, assustaram-se quando olharam para a outra margem e viram Francisco caminhando por cima das águas, pisando sobre superfície líquida, onde somente os seus pés se molhavam.

Ante o acontecimento, recordaram o Divino Mestre, quando no Mar da Galileia andou sobre as águas e chamou Pedro para fazer o mesmo. O *homem, de Assis,* dentro da sua simplicidade, atravessou o rio espetacular, sem que os s companheiros soubessem como explicar aquele fato transcendental, que somen ocorre, na Terra, como nos fala a história, com Espíritos puros, sob a regência do Amor mais elevado. Chegando junto aos frades, cumprimentou todos em seu costumeiro falar: "A Paz seja convosco!" Dava para se entender que ele mesmo não notara o fenômeno. A Frei Leão, o fato não causava admiração, pois já presenciara inúmeros, de sorte a não precisar constar dos relatos, por terem passado de boca em boca, e serem de conhecimento comum entre os homens.

* * *

Multidões de pessoas iam a Assis, procurando-o onde estivesse, para ver de perto as chagas do Cristo, que Francisco ostentava nas mãos, nos pés e no peito. Ele sofria dores nos ferimentos, como se também tivessem sido provocados pelos cravos e pela lança. Todavia, nunca reclamava, não saía do clima da alegria nem blasfemava. Recebia tudo aquilo como um cântico de Esperança, que transformava a dor em Paz.

Certa feita, teve uma vontade ardente de visitar a cidade de Pádua, porém, pelo seu estado físico, já não tinha condições para grandes caminhadas. Pediu socorro aos companheiros, naquilo que eles pudessem ajudá-lo. Caminhava e, quando lhe faltavam as forças, era carregado por eles. Num abençoado dia em que lhe sangravam as chagas de Jesus, apareceu nos céus que mostrava o amanhecer, um bando de pássaros, como que cantando louvores a Deus, a sobrevoar o grupo de frades. O *Poverello,* emocionado, abriu os braços em agradecimento ao Senhor, e os seres voadores pousaram em seus ombros, cantando hino à natureza, e ele se ajoelhou em plena estrada e cantou também.

Os pássaros os acompanharam até a cidade de Pádua, onde o fenômeno assustou toda a população, e a ideia de Deus cresceu nos corações daqueles que tiveram a felicidade de acolher o *santo dos santos,* o Mestre das Virtudes, que descobriu a si mesmo no imenso campo de batalha da Terra, ferido pela luz celestial, com as chagas que pedira. Francisco, recostado sobre uma velha porta à guisa de cama, do lado de fora de uma singela casa que um comerciante emprestara em favor da comunidade, contemplava a multidão que o comprimia, todos ansiosos para tocá-lo. Alguns assentados ao seu lado, ouviam preceitos

daqueles lábios que nunca disseram outra coisa a não ser temas de amor, compondo frases e proferindo palavras, somente na harmonia do Bem.
Interrompendo o que dizia, falou com ênfase à multidão, mesmo sem ver quem estava chegando:
- Deixem passar esses Filhos do Calvário, que chegam com esperança no Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo! Deixem passar esses irmãos que sofrem! Deixem passar este próximo que está muito ligado a nós! Que Jesus abençoe a todos!
Nisto, a multidão abriu-se receosa. Ao vê-los, os seus lábios entumecidos pelo Sol e pela acidez da poeira rasgaram-se num sorriso, como se ele estivesse em plena juventude. Os homens, ao vê-lo, igualmente sorriram de esperança por saberem das virtudes do grande santo. A multidão afastou-se mais, com medo da enfermidade. E os rostos transformados, membros danificados, e a voz sem a harmonia característica, postaram-se diante do *santo de Assis.* Sem nada falar apenas choraram.
Ele chorou com eles, e a vigorosa mente buscou Deus e Cristo em grandioso empenho para com aqueles sofredores aflitos, desprezados pela sociedade, que ignoravam os destinos humanos.
O Homem da Urnbria chamou um por um, e como não podia se levantar, fê-los assentar perto de si, conversando com todos, com carinho peculiar aos místicos; familiarizou-se em instantes com os enfermos, e eles se sentiram seguros ao seu lado, bebendo as suas palavras pela sede do coração.
A multidão recuada facilitava o trânsito do ar puro para aqueles filhos de Deus em colóquio divino. Os sete leprosos, sentados em semicírculo diante de Francisco, depositavam naquele homem a esperança. Ali estava o instrumento de Cristo para a cura dos enfermos! Notava-se uma multidão de Espíritos igualmente enfermos, que tentavam afastar-se de Francisco, mas, de certo modo, não o conseguiam.
O *Jogral de Deus,* vendo-os, falou com segurança sem perder a mansuetude, para que todos pudessem ouvir:

- Meus filhos espirituais, que Deus e Cristo os abençoem! E de natureza comum que nos associemos uns aos outros, por leis que no momento desconhecemos, buscando a nossa própria paz. No entanto, nunca recebemos a paz verdadeira quando prejudicamos alguém que viaja conosco.
E de ordem humana que revidemos aos assaltos dos nossos sentimentos, quando agredidos por irmãos que ignoram os direitos dos outros; porém, é da lei divina que devemos perdoar, para que esse perdão alcance o nosso coração, na sequência do nosso amor. O que ganhamos com a perseguição? Somente inimizade! A justiça, feita por nossas mãos, destorce os bons sentimentos e anula a fraternidade. Nós moramos em dois campos de vida: num, quando usamos o corpo de carne e noutro, quando estamos em

estado de espírito; mas as leis são as mesmas, e elas cobram de nós, quando as rejeitamos na sua função de restabelecer a harmonia.
Qual de nós não gosta de carinho, de amizade, senão do próprio amor. Fomos feitos neste e para este prazer; portanto, não devemos fugir a essa lei universal. Devemos esquecer a discórdia entre irmãos, principalmente entre irmãos enfermos, pois ela gera maiores perturbações. Nunca devemos blasfemar contra alguém, nem culpar outrem pelo que sofremos, e muito menos a Deus, nosso Pai Celestial, que é todo Amor na excelência das excelências.
Eu, se Deus permitir que assim os coloque na pauta da minha vida, posso ser um pai para todos. Eu os quero com todo Amor que a graça de Deus me deu, por misericórdia; e peço o amor de todos, para que se complete a minha afeição pela vida.

Não se preocupem com o futuro, que pertence ao Criador, procurando ser hoje melhores no âmbito das virtudes assinaladas e vividas por Jesus, o nosso Grande Mestre.
Notavam-se as lágrimas nos rostos dos hansenianos, como em alguns dos Espíritos que ali se agrupavam, acompanhando os doentes. Formava-se um cerco de luz em tomo de todos os que ali se encontravam, ouvindo Pai Francisco, e benfeitores de alta estirpe comungavam com ele em uma simbiose perfeita, para que compreendessem o sentido da renovação dos sentimentos e entendessem, como o objetivo maior da vida, o perdoar das ofensas, e recebessem o Evangelho como se recebe um filho do coração.
Dentro em pouco, foram retiradas as almas empedernidas para outros campos de educação, e luzes se intercruzavam na atmosfera onde todos respiravam, como agentes de limpeza do psiquismo onde a inércia era o estado comum. Francisco pediu que todos entrelaçassem as mãos num gesto de fraternidade e, ajuntando-se a eles, sentiu-se banhado por uma claridade diferente. Seu coração era qual um posto de energia acumulada pelo divino Mestre, sentindo que de seus dedos corria uma força em alta tensão para as pontas dos mesmos, como aberturas que transmitiam vida e saúde para aqueles homens sofredores, que estavam recebendo as bem-aventuranças dentro das leis do princípio único do grande foco revelador da vida. Sentiu no peito um clima de felicidade perfeita, e uma voz a se expressar dentro do seu crânio com uma força poderosa, a do Cristo, que somente Ele poderia ter:

- Francisco, eis os Filhos do Calvário! Ajusta-os no coração, e apascenta as minhas ovelhas sofredoras e cansadas! Se queres me ver mais de perto, mais junto aos teus sentimentos, não me procures em outro lugar, que não seja junto aos sofredores, aos perseguidos, aos injustiçados, aos famintos, aos nus, aos encarcerados. Eu sempre estou junto a eles, aliviando-os, porque esta é a minha grande alegria!

E Francisco, aos olhos espirituais, estava inundado de luzes, filtrando-as e derramando-as sobre os enfermos, de modo a visitar todos os seus mundos orgânicos, limpando as mazelas da carne e purificando igualmente os psiquismos doentes.
Todos eles sentiram mãos invisíveis trabalhando em seus corpos enfermos que, como por encanto, se refizeram em um abrir e fechar de olhos. Foram purificados os doentes! Uns gritavam de alegria, outros saíram correndo sem saber expressar a gratidão, e a massa humana, que a tudo assistia estupefata, ajoelhou-se em um arroubo de fé, vendo em Francisco o santo dos santos, que Deus enviara ao mundo, para a paz de todos.
As aberturas das chagas de onde, por vezes, saía sangue, naquele momento esparziam luzes de todos os matizes, pela força do Amor, pelas bênçãos de Jesus e pela vontade de Deus.

* * *

Com o passar dos dias, Francisco sentiu vontade de ir para Riéti, e os seus companheiros de jornada evangélica o satisfizeram, levando-o com todo cuidado que deve ser dispensado a uma alma que somente canta o Amor.
O povo daquela cidade o esperava com festas; as pessoas queriam vê-lo com as marcas do Cristo, pois era, por onde andava, o reflexo do Senhor. Francisco andava devagar e notava-se o seu cansaço. A vida lhe traçara um regime, a cuja ordem não obedecera, na ânsia de ajudar ao próximo, cada vez mais. Bastava sentir que alguém sofria para fazer todo esforço em seu favor, não medindo sacrifícios em se falando da dor alheia.
A família de Riéti veio toda para as mas, sentindo a glória de Deus naquele homem franzino na expressão, mas grande internamente, na grandiosidade de seu coração. Parava aqui e ali, para abençoar a multidão e em seus lábios riscava-se permanentemente um sorriso, denunciando a alegria dos sentimentos junto ao povo daquela cidade que pastoreava. Somente naquela passagem curou inúmeras pessoas enfermas, inclusive um cego de nascença, que saiu pulando de alegria, qual o cego de Jericó, quando tocado pelas mãos de Jesus.
De Riéti, Francisco seguiu para Cortona, onde sua saúde piorou. Já não podia andar mais e as pernas não obedeciam à sua vigorosa vontade. Hospedado em casa de um confrade, curou a sua filha paralítica. Na mesma residência era visitado por três cães, que vinham todos os dias lamber as suas chagas, e ele sentia com isso grande alívio, agradecendo a visita dos animais. Os pássaros não o esqueciam e, nas árvores e nos telhados das casas próximas, cantavam anunciando novo dia, e por vezes entravam pela janela, indo pousar em seu peito, alegrando-o com seus estridentes cantos.

26

A Importância da Dor

A dor tem sido um enigma na vida dos grandes santos. No entanto, o espiritualista bem informado conhece o porquê dessas coisas. Busca, acima de todos os fatos, as causas, na profundidade dos acontecimentos. A dor é, por assim dizer, um estímulo para a luz. Ela transforma o bruto em Anjo, dando-lhe novas capacidades para a vida. O místico, com a companhia da dor, ajuda mais e ama sem impedimentos. Por enquanto, o mundo e a humanidade não podem progredir sem ela. Mesmo os grandes mensageiros que descem à Terra necessitam da sua cooperação, cujos efeitos são diferenciados, em dimensões várias.

A dor não é uma só para todos, pois cada criatura se encontra cm um plano de vida, diferente uns dos outros. Para Espíritos puros, é uma fonte de prazeres inconcebíveis, e para os ignorantes, para os que a procuram, ela se apresenta distribuída por milhares de ramificações incomodas.

Francisco de Assis era portador de várias enfermidades, que seriam identificadas, se submetido a investigações científicas. Porém, no plano do Espírito, ele era estimulado em todas as suas faculdades espirituais. Não sofria como o homem comum, que nem sempre suporta as enfermidades. Sofria, continuadamente, intensa dor de cabeça, por limitação nas condições do físico, para acomodação de Espírito daquele quilate.

Todavia, tudo fora previsto antes do seu nascimento. Essa inquietação biológica, fá-lo-ia buscar coisas mais grandiosas: amar mais, purificando cada vez mais o perispírito, chegando ao ponto de encontrar a felicidade na dor. Não considerando sacrifício, ele se submetia a uma disciplina rigorosa. Os centros de força faziam circular um volume de energia acima da capacidade física, e isso o fazia viver noutro plano de vida.

Descarregava sua poderosa mente falando aos peixes, aos pássaros, aos animais. Como amigo da Natureza, doava essa seiva de vida a todos os seus reinos e quando precisava da cooperação destes mesmo reinos, eles a devolviam com abundância'

A pedra filosofal de tudo está no Amor que tudo dá, que tudo compreende que a tudo ama como parte integrante do todo. Todos os seus órgãos físicos eram deficientes, e pouco se alimentava, sustentado que era pelo Suprimento Maior. E os elementos da natureza estavam à sua disposição, favorecidos por todas as divisões das formas físicas.

Devido à sua resistência espiritual, dormia pouco. O corpo físico pede descanso, porque a alma nele ligada temporariamente precisa respirar algo que não existe na atmosfera da Terra, e, em espírito, busca seu alimento no mundo espiritual. O ser altamente evoluído, entretanto, já cria em tomo de si o ambiente do céu, pouco precisando de dormir, pois a sua qualidade espiritual lhe permite respirar elementos espirituais onde quer que esteja, mesmo no trabalho de cada dia. Ainda assim, um espírito do quilate de Francisco de

Assis tem grande necessidade de confabulação direta com os mensageiros do mais alto, o que sempre fazem com mais eficiência através do sono.
Assim, se para o Espírito comprometido, a dor se impõe como instrumento de reajuste e ressarcimento, no impositivo dos processos cármicos e redentores, para o Espírito emancipado, quando reencarnado em missão na Terra, serve de muralha protetora, ante os apelos inferiores da matéria.

27
O Triunfo do Amor

Quando notou que seu estado piorava cada vez mais, e sentindo que se aproximava o momento de sua despedida para o mundo espiritual, Francisco manifestou vontade de ir embora para Assis, sua terra natal.
Lembrou-se intensamente de Clara, de sua mãe, de Foli. Lembrou-se muito de seu pai. Lembrou-se de todos os frades. Pensou com emoção em Frei Luiz, a quem afastara de Assis para atender necessidades nos arredores da França, e não tinha dado mais notícias.
O seu corpo abrira-se todo em chagas e tinha de ser levado com muito cuidado. Para tanto, fizeram uma maca de madeira, forrada de capim, de modo que ele pudesse viajar com mais conforto. Os frades sofriam com o sofrimento de Pai Francisco, que nada reclamava. A sua lucidez era impressionante e ainda lhe sobrava humor para as brincadeiras, nas linhas da fraternidade cristã e para cantar hinos de louvor ao Todo-Poderoso.
A caminhada foi longa. Pai Francisco estava cego e tinha velhas enfermidades de fígado e estômago. Os pulmões não eram os mesmos, e sofria dores por todo o corpo. A dor de cabeça não o deixava um só minuto, não se alimentava mais, os órgãos digestivos se atrofiavam e o esôfago estava comprimido; os pés e as pernas incharam e a voz começara a sumir. No entanto, era de se admirar o seu vigor mental. De nada se esquecia, e respondia a tudo que se lhe perguntasse com precisão e acerto.
A sua chegada em Assis comoveu a todos, que acorreram para recebê-lo, como o *santo da Terra* que era. Formaram-se filas intermináveis para vê-lo e beijá-lo, como relíquia divina.
Pediu com emoção para ir ao Rancho de Luz. Partiram e, antes de chegar ao destino, ele pediu para abençoar Assis. Como não avistava a cidade devido à sua cegueira, fez em

sua direção um gesto pleno de gratidão, pela Terra que lhe servira de berço, e algumas lágrimas escorreram em seu rosto cadavérico O seu corpo abençoado era somente um esqueleto forrado de pele, onde a gordura e os músculos se disfarçavam em tecidos sutis, mostrando que a vida não se constitui no complexo humano, mas em luz imperecível que se resguarda mais acentuadamente no esconderijo do crânio.
O Espírito Francisco de Assis era um Sol ainda escondido nos frágeis tecidos de carne, que empanavam o seu brilho encantador, como um véu prestes a cair. Dentro daquele corpo espiritual estavam acumuladas valiosas experiências de sucessivas vidas, das quais três se destacam: de *Profeta,* de *Apóstolo* e de *Santo.*
Quando o cortejo ia passando perto de um leprosário, e alguém mencionou este nome, ele falou com mansidão e alegria.

- Meus filhos, eu desejava ver os filhos do meu coração, e como não posso vê-los com os olhos da carne, ficaria satisfeito em tocá-los e oferecer o meu ósculo aos Filhos do Calvário, onde Jesus se encontra mais próximo de nós, por amor aos que padecem.

O calendário marcava a data de três de outubro de 1226...
Rumaram para o hospital dos hansenianos e quando Frei Masseu anunciou a chegada de Pai Francisco, foi uma grande alegria. Ele desejou e pegou nas mãos de todos eles, beijando-as com temo carinho e manifesto Amor. A maca era levada aos catres dos que não podiam se levantar, e Pai Francisco os abençoava com toda a ternura. Naquele quadro de Amor, dois dos leprosos foram curados pelo toque do santo. Os lábios de Francisco ficaram vermelhos de sangue das chagas mais pertinazes, e ele, no arroubo de Amor, não quis que limpassem as marcas do seu convívio com os enfermos do seu coração.
Partiram dali para o Rancho de Luz, coberta improvisada como uma igreja no seio da natureza, dentro da simplicidade e da pobreza que Francisco desejara.
Lembrou-se de Clara, visualizou sua figura, como se estivesse à beira do seu leito, falando-lhe do Amor, daquele Amor que ultrapassa as barreiras do egoísmo e do ciúme, daquele Amor que supera o da família e o da pátria, para somente concentrar-se no Amor universal, personificado pelo Cristo de Deus. Mandou chamá-la, porem ela não pôde comparecer, por motivos que somente o coração pode explicar, segredos que se guardam no tabernáculo do peito e nos arquivos da consciência.
O Sol começava a apagar-se no poente, quando a alma Francisco de Assis começou a apagar-se no poente da vida física, para esplender fulgurante na eternidade. Os frades, todos de joelhos, cantavam e choravam baixinho, e Francisco ascendeu às alturas. Frei Rogério viu com toda a nitidez Pai Francisco subindo aos Céus refulgindo-se em luzes, ao encontro do Cristo. No mundo espiritual viam-se duas alas de Espíritos. Eram os mais

renomados cristãos primitivos, dando caminho a Jesus todo resplandecente, as mãos reluzindo como duas estrelas. Francisco avançou para o Mestre, dobrou os joelhos de emoção e chorou como criança. Jesus levantou-o com carinho, e ele, apoiado em Seu ombro, pediu com humildade:

- Mestre, se porventura mereço a Tua bênção, que ela seja dada aos companheiros que ficaram no mundo. Eles carecem da Tua ajuda agora e sempre.

Viam-se palmas batendo e delas faiscarem claridades que se intercruzavam em todas as direções, e o Cristo no centro, amparava Francisco, que chorava lágrimas de alegria e de saudades. Neste momento, palpitou no coração do *Poverello* um Amor indescritível, e ele perguntou ao Senhor:

-Mestre, e Maria, Tua e nossa Mãe Santíssima?

O silêncio dominou o ambiente, misturado com uma alegria inexplicável, e Francisco, ainda amparado por Jesus e tomado de emoção, buscou-a entre os presentes, mas não viu aquela que tanto amava. E recordou-se fortemente do momento cruciante do Calvário. Rememorou todo o drama, e, apurando os ouvidos espirituais para ouvir novamente, regressou no tempo e no espaço, captando as ondas etéricas que têm a função de guardar os segredos da vida. E ouviu, com alegria, o que foi registrado no Evangelho e que ele mesmo escrevera, no capítulo dezenove, versículos vinte e seis e vinte e sete:
Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse:
Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo:
Eis aí a tua mãe.
Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa.
Francisco de Assis chorou novamente, amparado pelo carinho de Jesus, e o Mestre, acariciando os cabelos do discípulo amado, como outrora, disse com profunda ternura:

- Meu filho!... Eis que aqui estamos te esperando para novos trabalhos que nos compete realizar. Somos conscientes de que ninguém morre e que o nosso Amor deve ser extensivo a todas as criaturas de Deus. Se o Céu verdadeiro está dentro das almas em despertar gradativo, como, então, sofrer por alguém que procura, com ingentes esforços, ajudar na consolidação da obra do Bem, os campos do mundo?
Amas verdadeiramente a quem buscas, e esse amor jamais deixará que a percas; comunicar-te-ás com ela pelos fios do Amor, na mais alta precisão, e a sua imagem não te faltará, bailando em tua mente, como se estivesse frente a frente com o teu coração.

Quem pode afirmar que também ela não te sente a ausência? Entretanto procura trabalhar mais na obra de Deus, com a força poderosa da saudade, que muitos desconhecem e desperdiçam, transmutando-a em paixão. Se queres verdadeiramente ficar mais próximo de quem amas, transfere o teu amor para Deus, e em seguida busca o próximo nos dois reinos da vida.

Cumpriste o teu dever pisando no solo terreno, e, por muitas vezes, em espinhos dilacerantes. Renunciaste ao conforto do mundo, visualizando a paz das criaturas. Gastaste a última gota de energia em favor dos que sofrem. Tudo isso muito me agradou, porque deixaste um rastro de luz como exemplo, porque viveste o Evangelho na sua mais alta função de humildade, de desprendimento e de Amor.

Foste levado ao mundo em momento psicológico, entre duas forças das trevas - Cruzadas e Inquisição - para manter o equilíbrio na educação das criaturas, e o traço que deixaste nunca se apagará nos corações que buscam o entendimento. Ficarás na história, mas na história dos sentimentos, que eleva e que salva. Confundiste as inteligências dos sábios, e levaste a teologia burocrática a pensar. Despertaste a igreja que estava sendo dos Césares, para voltar a ser a Igreja de Deus; mesmo que essa volta demore, o importante é que venha a ressurgir como nasceu, para a glória de Deus.

Ergue-te diante da tua própria consciência, onde está o trono de Deus; vê e sente o que tens mais a fazer, que a perda de tempo nos faz crer na perda da própria felicidade. A tua glória será de rever todos os teus companheiros dos tempos do Evangelho nascente e abraçá-los, em eterna junção de fraternidade de onde ressurgem, em sequência, começos de novos trabalhos, no que tange ao bem comum.

Que Deus te abençoe sempre.

Francisco desprendeu-se dos braços de Jesus e saiu tocando todos os companheiros das duas alas, em estado de emotividade sem registro. Depois, pediu desculpas e buscou o corpo físico que lhe servira de instrumento na Terra, e o viu, rodeado pelos inúmeros discípulos, que se mantinham em orações constantes; alguns choravam no silêncio que a dor do coração educado podia manifestar.

Pai Francisco, empenhado na força da gratidão, foi levado pelo desejo aos pés do corpo físico que acabara de deixar como roupa imprestável, e beijou-os comovido, agradecendo-lhes pelo tanto que serviram para andar nos caminhos do mundo, na luta de levar o Evangelho aonde quer que fosse. Beijou em seguida as mãos que lhe serviram de valioso instrumento para alimentar o corpo, para trabalhar, para cumprimentar os outros, para transmitir a força do Cristo nas curas dos enfermos.

para abençoar quando era tomado pela luz de Nosso Senhor. Beijou a sua própria boca com ternura e respeito e nela deixou duas lágrimas de luz, oriundas do coração, e falou comovido:

- Eu te agradeço, instrumento de luz que me serviu para transmitir a Verdade e que me ajudou a apaziguar; tu és porta grandiosa por onde a misericórdia se manifestou, não por mim, mas pela graça de Jesus, em nome de Deus.

E Francisco-Espírito agradecia ao Francisco-corpo em outra dinâmica do verbo. Lembrou-se no momento de deixar uma herança visual para todos os seus seguidores de jornada. Olhou a sua feição melancólica pelo desgaste do corpo físico, ao qual ainda se achava ligado pelo cordão de vida, e imprimiu em sua mente poderosa uma feição de alegria. Como por encanto, o rosto de Francisco-corpo se iluminou. Os presentes, emocionados, admiraram o fato, considerando-o mais um milagre do Pai amado. Ninguém mais chorou e ele, satisfeito, pensando em Cristo, viu dois dedos de luz desatarem os laços que ainda o prendiam ao fardo que lhe servira por quarenta e quatro anos na Terra.

Francisco, ao levantar-se para despedir-se de Assis, viu uma mulher envolvida em grande véu escuro, chorando e orando, observando que dentro do seu tórax batia um coração de luz, que irradiava ondas a se desfazerem no cadáver. Era Clara! Não suportando a emoção, abraçou-a e chorou com ela. Afastou-se um pouco, olhou para Clara, e viu nela a companheira de outras eras. Pegou em suas mãos e beijou-as, deixando em sua epiderme, pelo ósculo, uma flor de luz, que recendia um perfume, cuja fragrância somente se faz pelo Amor. Ergueu a cabeça e beijou a testa de Clara, onde fulgia uma estrela brilhante, de claridades indescritíveis.
A *santo de Assis* sentiu a presença espiritual de seu Pai Francisco, e falou pelo pensamento, com emoção, onde a alma quebrava o véu que os separava:

"Francisco!... Sei que vives na eternidade! Pelo que me ensinaste, nada morre, quanto mais a alma, fagulha divina, saída da divina expressão do Amor. Tenho confiança em Deus e em Cristo, que estás mais perto de nós do que antes, senão aqui, agora, nos ouvindo e nos ajudando.
Como é bom ter fé! Ela nos sustenta nos caminhos por que percorremos, ela nos ajuda na grande lavoura, onde semeamos as sementes do Evangelho, trabalho gratificante que nos alimenta e nos refarta de esperanças.
Pai Francisco, se porventura nos escutas neste momento, ouve novamente: não nos deixes cair, pois, por vezes, sem a tua presença material, sentimo-nos fracas, e somos muitas que dependemos de muito Amor, que nem sempre temos para dar.
Roga, no reino em que te encontras, a Deus por nós; e a Jesus, nosso guia de sempre, que não Se esqueça das filhas e filhos espirituais que aqui ficaram. Roga também por aqueles que se reúnem em tomo deste corpo benfeitor que te serviu de casulo e que nos ajudou sobremaneira a granjear as virtudes de Deus.

Queria ver-te antes de teres fechado os olhos na Terra, mas Deus não permitiu; hei de ver-te, brevemente, com eles abertos na espiritualidade, vestido de luz, na luz de Deus. O Amor que nos une sobreviverá em favor dos que sofrem eternidade afora".

O vento roçava o rosto de Clara como se fossem as mãos de Francisco e ela agradeceu ao Senhor pelo premio da comunhão espiritual. Sentou-se ao lado do fardo inerte, cerrou os olhos em oração, e viu nitidamente Francisco de Assis acenando-lhe as mãos, em ascensão para o infinito.

* * *

E Francisco regressa à Pátria Espiritual, palmilhando a estrada iluminada pela sua própria luz, a fim de assumir novos encargos, como verdadeiro Preposto Divino a operar em favor das criaturas.
Juntamente com aqueles que colaboraram diretamente para o êxito da sua missão, bem como vários daqueles que, tocados pelo seu amor, galgaram alguns degraus na escada evolutiva, forma poderosa falange que continua, em ambos os planos da vida, laborando pela salvação do rebanho de Deus, principalmente no Brasil, no amanho da terra ubérrima, para a implantação definitiva da Árvore do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.
E se a ele, o Apóstolo querido, foi dado o vislumbre do futuro de bilhões de criaturas na esfera planetária, concedida pela Excelsa Misericórdia, por coerência da Suprema Justiça, não poderia ser outro o seu amoroso executor.

Convém que fiques até que eu volte...

Livros Loureiro

http://livros-loureiro.blogspot.com.br